

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DJULI MACHADO DE LUCCA

PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA

FLORIANÓPOLIS
2019

DJULI MACHADO DE LUCCA

PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação, área de concentração: Gestão da Informação, linha de pesquisa: Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento. Orientadora: Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino.

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

De Lucca, Djuli Machado
Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política / Djuli Machado De Lucca ; orientador, Elizete Vieira Vitorino, 2019.
423 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Competência em informação. 3. Idoso. 4. Dimensão política. 5. Grupos da terceira idade. I. Vitorino, Elizete Vieira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

DJULI MACHADO DE LUCCA

PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Elizete Vieira Vitorino, Dra. (Orientadora)
(PGCIN – Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof. Enrique Muriel-Torrado, Dr. (Membro Titular Interno)
(PGCIN – Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof. Arthur Coelho Bezerra, Dr. (Membro Titular Externo)
(Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia - IBICT)

Profa. Elisa Cristina Delfini Corrêa, Dra. (Membro Titular Externo)
(PPGInfo – Universidade do Estado de Santa Catarina)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.



Documento assinado digitalmente
Adilson Luiz Pinto
Data: 17/12/2019 13:19:36-0300
CPF: 184.218.848-83

Prof. Adilson Luiz Pinto, Dr.

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Elizete Vieira Vitorino
Data: 16/12/2019 14:37:02-0300
CPF: 590.646.509-00

Profa. Elizete Vieira Vitorino, Dra.
Orientadora - Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2019.

Dedico este trabalho aos meus pais, Júlio César de Lucca e Dilma Machado

AGRADECIMENTOS

Desenvolver esse trabalho não faria sentido se nele não estivessem envolvidos os afetos. A partir de Espinosa, compreendemos que os bons encontros, que são as manifestações dos bons afetos, são potências que mudam o estado de agir do corpo, possibilitando-nos passar a uma perfeição maior do que a do estado anterior. Os afetos são, para o filósofo, uma expressão particular da potência global da natureza, e nos possibilitam aproximarmos cada vez mais de Deus. Compreendo, assim, que tudo aquilo que desenvolvo na vida de forma 'operacional' está amparado e só faz sentido quando estão envolvidos os afetos. E, nesse trabalho, tive o afeto dos próximos por meio de apoio e de compreensão: apoio afetivo e funcional daqueles que possibilitaram que a caminhada não fosse solitária nas ocasiões em que não era necessário ser e compreensão daqueles que entenderam quando a caminhada precisou, em alguns momentos, ser solitária. A essas pessoas, meu sincero agradecimento, pois possibilitaram que eu chegasse um pouco mais próximo de Deus.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família, que ofereceu afeto por meio do apoio afetivo, emocional e por meio da compreensão nas diversas ocasiões. Aos meus pais Júlio César e Dilma, tenho gratidão por colocarem sempre as minhas necessidades acima das suas. Ofereceram apoio afetivo e também funcional – inclusive na coleta de dados – e compreenderam os momentos em que era preciso estar reclusa. No seio familiar, destaco também o afeto que ganhei da minha irmã Gisele e dos meus sobrinhos Lorenzo e Vinícius.

A família paterna e materna é grande, e também foi de suma importância tanto no quesito apoio quanto no quesito compreensão. Destaco o suporte da tia Zilda, que, por morar em Florianópolis, sempre ofereceu apoio funcional, mas o apoio mais venerável foi o afeto oferecido e compartilhado.

Os amigos representam aqueles laços que construímos por meio de afinidades: eles põem em relevo a escolha pessoal, e por isso são tão importantes para o desenvolvimento dos afetos. Sou grata a Deus pelos poucos e bons amigos que Ele me possibilitou ter. Agradeço, primeiramente, às amizades que a rotina da pós-graduação me permitiu estabelecer: Guilherme G. Righetto, Josianne Mello e Eduardo Silveira: são pessoas boas de coração, que me fizeram exercer meus afetos num ambiente tão insípido como a academia. Agradeço também aos amigos estabelecidos da vida pessoal: Agnes I. Dalmolin, Fernanda Rodrigues e Paula C. B. Araújo, que ofereceram apoio afetivo e compreensão, e Bruna Bortolini, que, além do apoio afetivo, colaborou para que eu pudesse compreender alguns aspectos filosóficos da fundamentação

teórico-metodológica da minha pesquisa. Agradeço também aos amigos que fiz em Porto Velho: Angerlânia (Lanny) Rezende, Wellington M. de Carvalho e Natália C. Prado, que trouxeram conforto nos momentos na nova cidade.

Sou profudamente grata a Carlos A. B. Ferian por todo afeto recebido nos dois últimos anos da pesquisa.

No campo, também compartilhei afeto com os sujeitos da pesquisa. Recebi, dos idosos e dos mediadores das atividades do Sesc, a mais linda manifestação de generosidade quando esses se dispuseram a 'abrir o baú de experiências' voluntariamente, sem receber nada em troca. A contribuição desses sujeitos, por meio das entrevistas, transcende os limites da pesquisa acadêmica e da esfera da ciência.

Agradeço aos representantes do Departamento Regional do Sesc, especialmente à Karina G. Catafesta e Gisele M. Schena, que acreditaram na importância da pesquisa e, além de autorizarem o desenvolvimento da investigação nesse ambiente, também forneceram suporte para a condução da pesquisa de campo.

A experiência enriquecedora da condução da pesquisa com idosos foi estimulada nas orientações e conversas com a Profa. Dra. Elizete V. Vitorino, desde o ano de 2011. Dra. Elizete teve participação ativa não somente na construção dessa experiência com idosos, mas também faz parte dos afetos que desenvolvi na trajetória desta pesquisa e de toda a minha atividade acadêmica. Eu mencionei num evento do grupo de pesquisa GPCIn (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Competência em Informação), no ano de 2016, que não sou capaz de pensar na minha trajetória acadêmica sem pensar na figura da Dra. Elizete do meu lado. Representa, para mim, um exemplo de pessoa e de profissional. A oportunidade que ganhei de me espelhar no seu exemplo para construir minha história científica e profissional foi uma honra e serei grata por toda a minha vida.

Estendo os agradecimentos a todos os membros amigos do GPCIn – em especial, as estimadas Eliane R. M. Orelo e Eliane Pellegrini - que auxiliaram na construção desta tese por meio de discussões enriquecedoras sobre a temática da competência em informação, seja nas reuniões do grupo de pesquisa, seja nos encontros do grupo de discussão, nas conversas informais na sala do núcleo, ou até nos momentos agradáveis fora da universidade.

Agradeço aos membros da banca de Tese, Prof. Dr. Arthur C. Bezerra, Profa. Dra. Elisa C. D. Corrêa, Prof. Dr. Enrique Muriel-Torrado, Profa. Dra. Gisela E. Steindel e Prof. Dr. William B. Vianna, que também demonstram generosidade quando se dispõem a contribuir para a construção dessa pesquisa e da ciência da informação no Brasil e no mundo.

Agradeço também aos amigos presentes na defesa de tese, que estiveram lá em um dia incomum na rotina da universidade, marcado por uma greve geral contra os cortes na educação superior e reforma da previdência social, que tende a retirar direitos dos trabalhadores neste ano de 2019. São eles: Josefa X. de Paula, Eliane R. M. Orelo e Dilva P. M. Fazzioni. Agradeço imensamente por compartilharem daquele momento, naquelas circunstâncias. Estendo os agradecimentos à equipe da Biblioteca Universitária da UFSC, que, mesmo em um dia sem expediente, possibilitaram a abertura do prédio para a condução da defesa de tese.

Agradeço aos professores do PGCIN/UFSC e aos colegas de turma de doutorado, que possibilitaram promover discussões que foram essenciais para a construção dessa pesquisa. Estendo os agradecimentos aos funcionários e todo o corpo de colaboradores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na UFSC, ganhei formação de qualidade, graças à dedicação de todos os envolvidos na construção do ensino público, gratuito e de qualidade.

Agradeço ao Colegiado do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que concedeu permissão para eu me ausentar das atividades profissionais para desenvolver a pesquisa de campo.

Agradeço aos colegas do Instituto Federal de Santa Catarina Campus Criciúma pelo apoio recebido e pela compreensão no primeiro semestre do doutorado. Nesse período, tive jornada dupla entre as disciplinas do doutorado e o trabalho na biblioteca desse instituto, transitando todas as semanas entre Criciúma e Florianópolis. A compreensão desses colegas foi um gesto bonito que guardo na lembrança.

Além do ensino público, gratuito e de qualidade que recebi da UFSC, também recebi do governo brasileiro, por meio da CAPES, incentivo para dedicar-me integralmente à pesquisa por meio de bolsa de pós-graduação. Durante um ano e meio, pude desenvolver a pesquisa em tempo integral em virtude desse incentivo. Isso foi fundamental para a qualidade do trabalho.

Por fim, este agradecimento também se estende a todos que possibilitaram que eu vivenciasse os ‘bons momentos’ de Espinosa durante o período de doutorado, pois foram os afetos que possibilitaram que essa jornada tivesse sentido.

"Ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar e ninguém é tão rico que não tenha nada para saber. Assim como, ninguém sabe tanto que não tenha nada para aprender"
(Entrevistada 13 desta pesquisa, idosa participante do projeto de Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc Santa Catarina).

RESUMO

Investigação que compreende o desenvolvimento da dimensão política da competência em informação de idosos. Objetiva estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade sob o foco da dimensão política (relações sociais). Para tal, pretende apresentar, com base na literatura, o movimento da competência em informação; revelar, a partir da literatura, as características sociais do idoso que participa de Grupos da Terceira Idade; descrever, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes desses grupos; descrever, a partir das falas de mediadores desses grupos, elementos da competência em informação, bem como a dimensão política desta, de idosos; e, por fim, delinear, a partir da literatura, das narrativas de idosos e das falas de mediadores de Grupos da Terceira Idade, princípios da dimensão política competência em informação do idoso. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória de abordagem qualitativa. A pesquisa exploratória envolve revisão de literatura sobre a competência em informação do idoso e dimensão política da competência em informação. A pesquisa descritiva compreende pesquisa de campo situada epistemologicamente na teoria fenomenológica de Alfred Schutz e Thomas Luckmann e utiliza a técnica da entrevista para coleta de dados. A análise dos dados é feita a partir do método fenomenológico. Os resultados advindos da pesquisa exploratória apontam a proximidade da competência em informação do idoso com a saúde e qualidade de vida, e revelam, enquanto elementos da dimensão política da competência em informação, a cidadania, o regime democrático, a busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, o aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, as habilidades sociopolíticas, a responsabilidade social e o pensamento crítico. A pesquisa descritiva, resultado da pesquisa de campo, identifica que a dimensão política da competência em informação do idoso compreende: o uso da informação enquanto elemento para a participação política; o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação pelo idoso para a integração à sociedade; a característica de as necessidades de informação serem relacionadas aos papéis na vida social, notadamente a saúde; confiança no próximo para a confirmação de *Fake News;* prudência e ética do idoso com relação ao compartilhamento de informações suspeitas; o coletivo enquanto fonte de informação para o idoso; o empoderamento pessoal por meio da informação; a busca do idoso, no coletivo, de empoderar-se para vencer a solidão e a exclusão social e a consciência política. Elenca, nos princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso, os bibliotecários enquanto profissionais protagonistas dessa missão e as bibliotecas enquanto ambientes propícios para o desenvolvimento de estratégias e iniciativas nesse âmbito. Finaliza sugerindo o desenvolvimento de pesquisas que contemplem idosos de outros contextos sociais.

Palavras-chave: Desenvolvimento da Competência em Informação. Competência em Informação. Dimensão Política. Idoso. Grupos da Terceira Idade.

ABSTRACT

This research deals with the development of information literacy, so as its political dimension of the elderly people. It aims to establish a set of principles to promote information literacy of elderly participants of Active Retirement Groups under the focus of the political dimension (social relations). To this end, it intends to present, based on the literature, the movement of information literacy; to describe, from the literature, the social characteristics of the elderly who join Active Retirement Groups; to describe, from the narratives of the elderly, the manifestations of the elderly's political dimension of the information literacy; to describe, from the speeches of mediators of these groups, elements of the elderly's political dimension on information literacy; and, finally, to delineate principles of the elderly's political dimension of information literacy. This is a descriptive-exploratory research with a qualitative approach. Based on exploratory research, this study involves a review of the literature on elderly's the information literacy the political dimension of information literacy. The descriptive research of this study comprises field research epistemologically located in the phenomenological theory of Alfred Schutz and Thomas Luckmann and uses the interview technique for data collection. Data analysis is done using the phenomenological method. The results of the exploratory research show the proximity of the elderly's information literacy with health information literacy and quality of life, and reveal, as elements of the political dimension of information competence, citizenship, democratic governments, search for social justice and reduction of inequalities, the political aspect focused on power and unequal flows, socio-political skills, social responsibility and critical thinking. The descriptive research, a result of the field research, identifies that the political dimension of elderly's information literacy includes: the use of information as an element for political participation; the use of Information and Communication Technologies by the elderly to integrate with society; the characteristic of the needs of information to be related to the roles in the social life, especially the health; confidence in the other people to the confirmation of Fake News; prudence and ethics of the elderly in relation to the sharing of suspicious information; the other people as a source of information for the elderly; personal empowerment through information; the search for the elderly, in the Active Retirement Groups, to empower themselves to overcome loneliness and social exclusion and political consciousness. It includes, in the principles for the development of the elderly's political dimension of information literacy, librarians as the main professionals of this mission and the libraries as environments favorable for the development of strategies and initiatives in that scope. It concludes by suggesting the development of research that considers the elderly from other social contexts.

Keywords: Information Literacy. Information Literacy Education. ILE. Political Dimension. Elderly. Active Retirement Groups.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRL	*Association of College and Research Libraries*
ALA	*American Library Association*
CI	Ciência da Informação
CILIP	*The Library and Information Association*
GTI	Grupos da Terceira Idade
IFLA	*International Federation of Library Associations and Institutions*
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LISA	*Library and Information Science Abstracts*
NI	Necessidade de Informação
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNI	Política Nacional do Idoso
SciELO	*The Scientific Eletronic Library Online*
Sesc	Serviço Social do Comércio
SUS	Sistema Único de Saúde
TSI	Trabalho Social com Idosos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Tipologia dos grupos vulneráveis 33
Ilustração 2: Declínios e conveniências do envelhecimento 78
Ilustração 3: Mesorregiões do Estado de Santa Catarina 155
Ilustração 4: Unidades do SESC no Estado de Santa Catarina 156
Ilustração 5: Manifestações da dimensão política da competência em informação do idoso 233
Ilustração 6: Constelação dos princípios para o desenvolvimento da Dimensão política da competência em informação dos idosos participantes de GTI 239

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Concepções da competência em informação 54
Quadro 2: Documentos selecionados para compor o estado da arte da temática "competência em informação dos idosos" em âmbito mundial 90
Quadro 3: Documentos selecionados para compor o estado da arte da temática "competência em informação dos idosos" em âmbito da Ibero-América 95
Quadro 4: Documentos selecionados para compor o "Estado da Arte" da temática "dimensão política da competência em informação", em nível global 99
Quadro 5: Documentos selecionados para compor o "Estado da Arte" da temática "dimensão política da competência em informação", em nível local (Ibero-América) 111
Quadro 6: Fases da entrevista narrativa 152
Quadro 7: Atividades com o público Idoso desenvolvidas pelo SESC 157
Quadro 8: Características pessoais dos idosos participantes da pesquisa 173
Quadro 9: Características sociais e políticas dos participantes da pesquisa 175

SUMÁRIO

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.....17
1.1 JUSTIFICATIVA.....21
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E APRESENTAÇÃO DA QUESTÃO.....24
1.3 OBJETIVOS.....26
***PARTE 1 – CONSTRUÇÃO TEÓRICA*.....28**
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL: A COMPREENSÃO DA CONJUNTURA SOCIAL E DO OBJETO DE PESQUISA DA INVESTIGAÇÃO.....29
2.1 AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE IMPLICAM NA COMPREENSÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E DO IDOSO: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO, CAPITALISMO INFORMACIONAL E VULNERABILIDADE SOCIAL.....29
2.1.1 Características da vulnerabilidade social e a condição vulnerável do idoso no capitalismo informacional.....32
2.2 O MOVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO.....35
2.2.1 O percurso histórico do movimento da competência em informação em âmbito mundial: de Zurkowski ao movimento *Critical Information Literacy*.....35
2.2.2 Competência em informação no Brasil.....52
2.2.3 Dimensões da competência em informação.....56
2.2.4 A mediação no processo de desenvolvimento da competência em informação.....57
2.3 A DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS A PARTIR DA FILOSOFIA POLÍTICA.....59
2.3.1 Política: a vivência dos sujeitos na *Pólis* por meio das relações de amizade.....60
2.3.2 A cidadania e a liberdade em comunidade.....63
2.3.3 Comunidade e emancipação: temas políticos contemporâneos.....65
2.3.4 Reconhecendo a dimensão política da competência em informação a partir da Filosofia Política.....68
2.4 O IDOSO: CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS.....72
2.4.1 Aspectos sociais do envelhecimento humano.....72
2.4.2 A caracterização do idoso na sociedade atual.....74
2.4.3 Os declínios e as conveniências do envelhecimento.....76
2.4.4 Redes de apoio e suporte social e GTI.....79
2.4.5 Cidadania e políticas públicas para o idoso no Brasil.....83

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO E DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: EM BUSCA DO ESTADO DA ARTE 88
3.1 O *STATUS* DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOLIDIFICADOS ACERCA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO 89
3.2 O *STATUS* DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS ACERCA DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO 98
3.3 O RECONHECIMENTO DO INEDITISMO E DA RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO 119
***PARTE* 2 – *CONSTRU*ÇÃ*O EMPÍRICA*..... 122**
4 PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS: SOB QUAL FOCO OBSERVAMOS O OBJETO E O CONTEXTO DE PESQUISA 123
4.1 OS PARADIGMAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 123
4.2 BASES EPISTEMOLÓGICAS DAS PESQUISAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO 129
4.3 NOSSA POSIÇÃO EPISTEMOLÓGICA 137
5 A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO PELO SUJEITO IDOSO: PROCEDIMENTOS PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EMPÍRICO DESTA PESQUISA 139
5.1 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA: A FENOMENOLOGIA COMO "TERRA FECUNDA" PARA A EXPLORAÇÃO DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO 139
5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 148
5.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS 150
5.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMBIENTE DE COLETA DE DADOS E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES 154
5.5 CUIDADOS ÉTICOS EMPREGADOS NA PESQUISA 161
5.6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS DADOS 162
6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS 167
6.1 O CONTEXTO TEMPORAL E SOCIAL DE COLETA DE DADOS: RELATO DAS CONDIÇÕES DA CONDUÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO 167
6.2 RELATO DO PRÉ-TESTE 170
6.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO CONTEXTO DA PESQUISA 172
7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EXPRESSA NAS NARRATIVAS DOS IDOSOS 191

7.1 O PAPEL DAS REDES DE APOIO SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO POLÍTICO 192
7.2 ASPECTOS DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO 201
7.2.1 A relação do idoso com o universo informacional 201
7.2.2 Necessidades de informação de idosos e o processo de busca e de uso da informação 208
7.2.3 Reflexões sobre a dimensão política da competência em informação do idoso 219
8 PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA 234
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS 240
REFERÊNCIAS 245
APÊNDICE A – O PROCESSO DE REVISÃO DE LITERATURA PARA A IDENTIFICAÇÃO DO ESTADO DA ARTE DAS TEMÁTICAS ENVOLVIDAS NA PESQUISA 270
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 274
APÊNDICE C – TÓPICO INICIAL DA ENTREVISTA NARRATIVA 275
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MEDIADORES GTI 276
APÊNDICE E – FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS 277
APÊNDICE F - OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO 278
APÊNDICE G – AUTORIZAÇÕES DAS UNIDADES DO SESC 279
APÊNDICE H – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS 285
APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS 289

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Este trabalho diz respeito à informação, essa no seu mais intrínseco aspecto: aquele da "apreensão de sentidos ou seres em sua significação", ou seja, o ato de transmissão do conhecimento (LE COADIC, 1996). Partimos, aqui, do pressuposto de que a informação é um dos meios pelos quais uma sociedade, nação ou cultura alcança compreensão da totalidade dos estímulos que atuam sobre ela, sendo a base do comportamento coletivo, tanto quanto do comportamento individual (SHERA, 1977).

Denominamos o contexto atual como era da informação: nossos recursos tecnológicos disponíveis possibilitam que a informação seja gravada e transcenda tempo e espaço. Apesar dessa denominação, sabemos que, na verdade, nossa relação com a informação é milenar. Assim como a necessidade de oxigênio, nossa vivência no mundo é marcada pela necessidade de informação: a respiração é um aspecto natural da vida, e assim também são nossos processos de busca e compartilhamento da informação com os próximos (ANDERSON; JOHNSTON, 2016).

Além de milenar, nossa relação com a informação é natural. É parte da atividade humana em todos os contextos (LLOYD, 2010). Recebemos, desde o nascimento, informações do meio ambiente para comunicar nossa necessidade por comida, carinho, reconhecimento e conforto emocional (ANDERSON; JOHNSTON, 2016). Essa primeira experiência com a informação biossocial nos permite desenvolver, além da sobrevivência, as capacidades relacionadas à aprendizagem, socialização, criatividade e organização (ANDERSON; JOHNSTON, 2016). Ainda, na medida em que nos desenvolvemos, nossas atividades informacionais também crescem – tanto em tamanho, quanto em sofisticação. Na vida adulta, nossa relação com a informação pode nos capacitar para participar da sociedade, da economia, da política e da cultura humana em todas as suas manifestações (ANDERSON; JOHNSTON, 2016).

Nessa conjuntura, somos chamados a desenvolver habilidades, conhecimentos, atitudes, comportamentos e valores que possam nos permitir usufruir de forma consciente, criativa e benéfica dos recursos e fontes de informação (DUDZIAK, 2003; VITORINO; PIANTOLA, 2009). A este conjunto, denominamos competência em informação. Trata-se de um movimento científico e social[1] que emergiu em 1974, no cenário da explosão informacional

[1] A partir da definição da palavra 'movimento' no Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, podemos conceber movimento como a evolução do pensamento artístico, filosófico ou científico a partir de uma série de iniciativas – ou, nas palavras do próprio dicionário, o desencadeamento de ações - que possuem a missão de promover uma ideia, ou alcançar um objetivo (MOVIMENTO, 2019). O movimento da competência em informação, que pode ocorrer no âmbito social – a partir da promoção de ações por organizações e instituições – ou no âmbito científico

e do advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Surgiu como uma estratégia para estimular nos sujeitos o uso adequado dos recursos e fontes de informação, a partir do desenvolvimento de capacidades associadas ao acesso, uso e comunicação da informação. Essas capacidades incluem, por exemplo, saber reconhecer com clareza uma necessidade de informação; conhecer os recursos informacionais disponíveis para a busca da informação; saber avaliar de forma crítica e reflexiva a informação disponível nesses recursos; e saber comunicar a informação para seus próximos (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989). Essas capacidades – que dão forma à competência em informação - possibilitam às pessoas utilizar de maneira proveitosa a informação disponível para ter autonomia, empoderamento pessoal, cidadania, qualidade de vida e desenvolvimento humano (DUDZIAK, 2003).

A capacidade da competência em informação de proporcionar autonomia, liberdade e qualidade de vida possibilita que a reconheçamos como um mecanismo de promoção da inclusão social. Essa concepção que estima o caráter social da competência em informação é legitimada na medida em que compreendemos a informação como uma estrutura capaz de gerar conhecimento para o indivíduo, e, assim, um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo (BARRETO, 1994). Pelo fato de esse recurso possuir a capacidade de colocar o sujeito em um estágio melhor de convivência consigo mesmo e dentro do mundo (BARRETO, 1994), tem em seu cerne o propósito de mudança na realidade social, e, assim, a competência em informação faz sentido como um instrumento para a consecução dessa missão, e pode ser vista como um movimento social (CAMPELLO, 2003).

Na esfera da ciência. a competência em informação é considerada uma disciplina científica e os estudos nessa temática são desenvolvidos, majoritariamente, no campo da Ciência da Informação (CI). A CI é caracterizada como uma ciência de cunho social (ARAÚJO, 2003), voltada para o ser que procura a informação (LE COADIC, 1996) e é reconhecida como um campo devotado à investigação científica e prática profissional que "trata dos problemas de efetiva comunicação de conhecimentos e de registros do conhecimento entre seres humanos, no contexto de usos e necessidades sociais, institucionais e/ou individuais de informação" (SARACEVIC, 1996). A responsabilidade social da CI parece justificar a incumbência de receber as investigações científicas sobre competência em informação na medida em que busca "assegurar que aquelas pessoas que necessitam de conhecimento para seus trabalhos - sejam eles de origem técnica, científica simplesmente ocupacionais - possam recebê-lo" (WERSIG; NEVELLING, 1975, p. 27, tradução nossa).

– que inclui a publicação de pesquisas e realização de eventos sobre a temática – busca, dessa forma, contribuir para a evolução do fenômeno da competência em informação.

O desenvolvimento da competência em informação acontece a partir de quatro dimensões: a ética, a estética, a técnica e a política. Conforme Vitorino e Piantola (2011, p. 102), as dimensões representam faces, que se unem para que essa competência seja desenvolvida plenamente: "é uma espécie de "retalho" de um *patchwork* complexo e colorido, onde partes se unem para um propósito, uma finalidade". As autoras ainda ressaltam que o desenvolvimento de todas as dimensões é imprescindível: "todas devem estar presentes em harmonia tanto na competência quanto na informação" (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 102). Para as autoras o equilíbrio entre as dimensões favorece o desenvolvimento desta competência.

A dimensão técnica refere-se à aquisição das habilidades e dos instrumentos para encontrar, avaliar e utilizar de modo apropriado a informação de que se necessita: é o "fazer" da competência em informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011). A dimensão estética revela-se como a dimensão da vida e da sensibilidade, relativa aos sentimentos e às percepções pessoais, que não pode ser explicitamente formulada pelos produtos da razão (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Na competência em informação, essa dimensão está presente no pensamento crítico e autorreflexão (ORELO; VITORINO, 2012). A dimensão ética está presente nos bons costumes que preservam o bem viver dentro do contexto social (VITORINO; PIANTOLA, 2011): envolve a utilização da informação de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum. A dimensão política, desse modo, compreende o homem enquanto ser social, membro de uma comunidade/sociedade. Em perspectiva política, o movimento da competência em informação compreende a participação efetiva na sociedade (DUDZIAK, 2008), para proporcionar ao indivíduo participar efetivamente na construção da cidadania (HATSCHBACH; OLINTO, 2008).

A competência em informação representa um processo que pode ser desenvolvido nas crianças, nos adultos, nos idosos, nos profissionais, nos moradores de rua, analfabetos etc. Manifesta-se de forma singular, de acordo com as características de cada um (VITORINO; PIANTOLA, 2009). Existem particularidades que influenciam o desenvolvimento de habilidades técnicas no trato com os recursos informacionais, enquanto outras características pessoais podem estimular o desenvolvimento de habilidades artísticas ou sensíveis com relação à informação. É por conta dessa singularidade, própria dos seres humanos, que se torna imprescindível estimular o desenvolvimento da competência em informação observando as particularidades destes. Podemos traçar um 'padrão' de desenvolvimento desse processo - e o fazemos! - porém, devemos ter a consciência de que a competência em informação se manifesta

no ser humano, e o comportamento humano é “complexo, contraditório, inacabado e, em permanente transformação” (MINAYO, 2010, p. 22).

A estratégia de investigar a competência em informação em populações específicas é oportuna para observarmos as manifestações que se assemelham nos grupos com características similares, que, por sua vez, são úteis para traçar estratégias contemplando essas particularidades. Existem alguns grupos que são classificados de acordo com o grau de instrução - como é o caso dos analfabetos; enquanto outros grupos são definidos de acordo com seu conhecimento especializado – aqui, podemos exemplificar o caso dos profissionais especializados em determinada área, ou dos professores universitários. Podemos caracterizar esses grupos como ‘grupos homogêneos’, pois possuem atributos possivelmente semelhantes quanto as características sociais, econômicas e cognitivas. Neste trabalho, nos propomos a investigar a competência em informação de um grupo heterogêneo no que se refere à cognição, à interação social, à mobilidade e à condição financeira: os idosos.

O grupo de idosos é formado por aqueles indivíduos que vivenciam o período da velhice, e já se sentem afetados pelo processo de envelhecimento, processo este que é natural, involuntário e multidimensional (MASCARO, 2004). Podemos, também, perceber que esta população possui um convívio social característico: é comum observarmos nas comunidades grupos de idosos que desenvolvem atividades em conjunto. Essas atividades possibilitam a inserção social e demonstram o interesse desses indivíduos de compartilhar as experiências e viver coletivamente (DE LUCCA, 2015). Essa vivência no coletivo, atrelada à questão do desenvolvimento da competência em informação manifestada pelos idosos, simboliza, assim, a dimensão política, que evidencia o caráter da competência em informação enquanto uma experiência comunitária, onde os indivíduos constroem sua trajetória informacional por meio de um processo dinâmico de interações com outros sujeitos sociais (DE LUCCA, 2015).

É por conta dessa percepção que essa pesquisa contempla a competência em informação de idosos a partir do foco da dimensão política, considerando esses sujeitos enquanto seres sociais. Buscamos, para essa investigação, desenvolver princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos, e a nossa exploração envolve aqueles que participam de iniciativas de redes de apoio social, que, nesse grupo, costumam configurar-se em Grupos da Terceira Idade (GTI).

Princípios, ou, no singular, princípio, é uma palavra da língua portuguesa derivada do latim *principĭum*, que significa origem, início. No dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, possui nove significados diferentes, alguns inter-relacionados. Na filosofia, encontramos algumas definições interessantes: pode-se entender por princípio a “proposição lógica, formada

por um conjunto de verdades fundamentais, sobre a qual se apoia todo raciocínio"; ou, pode-se conceituar também por "origem ou causa de uma ação" (PRINCÍPIO, 2019). Já num contexto geral, não mais relacionado à filosofia, podemos entender princípios como o "conjunto de proposições fundamentais e diretivas que servem de base e das quais todo desenvolvimento posterior deve ser subordinado"; ou, ainda o conjunto de "**elementos básicos e elementares de alguma ciência, disciplina, matéria**" (PRINCÍPIO, 2019, p. 1, grifo nosso).

Concebemos princípios como proposições básicas, ou elementos fundamentais, que, para a nossa investigação, advêm das manifestações da competência em informação de idosos. Os princípios, então, podem servir para que possamos, a partir da compreensão dessas manifestações, planejar iniciativas práticas que contemplem esse grupo.

Nas próximas subseções – que incluem a justificativa e a problemática – os elementos que compreendem essa pesquisa são esclarecidos de forma a situar o leitor quanto ao foco da investigação.

1.1 JUSTIFICATIVA

No ano de 2005 aconteceu, em Alexandria, o evento denominado *High-Level Colloquium on Information Literacy and Lifelong Learning*, que foi organizado pelo *National Forum on Information Literacy,* em conjunto com a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). No evento, a competência em informação foi concebida como um direito humano básico que promove a inclusão social e o desenvolvimento de todas as nações (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005).

O relatório, originado a partir das discussões realizadas pelos especialistas, discorre sobre o papel da competência em informação para o desenvolvimento de quatro setores da sociedade: educação e aprendizado ao longo da vida; saúde e serviços humanos; desenvolvimento econômico; governança e cidadania. Em todo o documento, salienta-se a necessidade de desenvolverem-se investigações científicas sobre competência em informação envolvendo as chamadas 'camadas vulneráveis da população', que são os grupos que, por alguma condição, encontram-se em situação de vulnerabilidade social. O documento lista, dentre as camadas consideradas como vulneráveis, as mulheres, as crianças de primeira infância, os idosos, os imigrantes, os desempregados, os doentes, os presidiários, os indivíduos economicamente desfavorecidos, dentre outros (HIGH LEVEL COLLOQUIUM..., 2006).

Desde a disponibilização do relatório do *High-Level Colloquium on Information Literacy and Lifelong Learning*, foram publicados diversos documentos, atas de eventos e manifestações por parte de grupos de trabalho nos eventos profissionais e científicos que reiteram a importância do desenvolvimento de estratégias de competência em informação para as pessoas desfavorecidas em termos sociais, que se encontram em condição de exclusão social e vulnerabilidade (HIGH-LEVEL COLLOQUIUM..., 2006; MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS, 2013; CARTA DE MARÍLIA, 2014). Também nesses documentos, a competência em informação é concebida como um instrumento de redução de iniquidades sociais e desigualdades regionais (CARTA DE MARÍLIA, 2014), ao auxiliar o sujeito no processo de recuperação de papel social e alcance de qualidade de vida.

Essa proposta de pesquisa busca atender ao chamado da comunidade científica para a inclusão das camadas desfavorecidas nas investigações científicas sobre competência em informação. Busca contemplar a população de idosos, que, no Brasil, está representada pelos indivíduos que possuem 60 anos ou mais de idade, como disposto no Estatuto do Idoso, Lei n. 10.741, de 01.10.2003 (BRASIL, 2003).

Ao contrário de outras camadas vulneráveis, como, por exemplo, a população de pobres e pessoas com baixa escolaridade, que tem diminuído em termos demográficos (UNESCO, 2015), as estatísticas indicam que a população de idosos vem crescendo nas últimas décadas, e, mais ainda, nos últimos anos. De acordo com estimativas das Nações Unidas (Fundo de Populações), em 2012, havia uma pessoa idosa em cada 9 pessoas no mundo. Ainda, as projeções estimam crescimento para 1 idoso em cada 5 pessoas no ano de 2050 (BRASIL, 2012a). O grupo de idosos é hoje, no mundo, aquele que mais cresce em termos proporcionais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010).

No Brasil, a situação não é diferente: a população de idosos é o grupo etário que mais cresce proporcionalmente em detrimento das outras faixas de idade (IBGE, 2015, p. 33). Os números apresentados pelo IBGE apontam que, em 2012, havia 23,5 milhões de idosos no país, o que correspondia a 12,1% da população. Estimativas mais recentes indicam aumento desse número: em 2014, o montante de idosos já representava 13,7% da população brasileira, alcançando, nas regiões sul e sudeste, mais de 15% do total de habitantes. Projeções futuras indicam uma tendência ainda maior quanto ao aumento da proporção de idosos na população, como consequência do processo de transição demográfica. Em 2030, esta proporção seria de 18,6%, e, em 2060, de 33,7%; ou seja, a cada três pessoas na população do Brasil, uma terá ao menos 60 anos de idade (IBGE, 2013).

A população de idosos, uma vez que é determinada por via de faixa etária, pode ser considerada heterogênea quanto as características físicas, sociais, culturais e cognitivas. De toda forma, existem atributos semelhantes aos indivíduos idosos, como por exemplo, o declínio cognitivo, que é inerente ao processo de envelhecimento (CHARCHAT-FISHMAN *et al.,* 2005). Também é possível observar, na população de idosos, perda da capacidade funcional, e essa ocorrência pode, inclusive, provocar perda de autonomia e independência. A qualidade de vida também sofre declínio: mais de 85% da população brasileira de idosos não pratica o nível recomendado de atividade física no lazer (IBGE, 2015). Ainda de acordo com projeções brasileiras, o grupo de idosos também possui baixo nível de instrução, apresentando, em média, 4,8 anos de estudo (IBGE, 2015).

Pesquisas científicas também indicam que a camada de idosos tende a sofrer alguns declínios, além do cognitivo: por exemplo, é observado, nesse grupo, a redução da capacidade de mobilidade, que pode acontecer por conta do processo de envelhecimento; dos laços sociais, pelo fato de muitos entes queridos falecerem; declínio também da autonomia, que pode estar comprometida na ocasião em que este indivíduo perde sua capacidade funcional; ou, até, a perda de poder aquisitivo, uma vez que grande parte dos idosos está fora da zona economicamente ativa (WILLIAMSON, ASLA, 2009). Esse indivíduo também tende a estar despido de seu papel na sociedade capitalista por não contribuir financeiramente para o mercado (TEIXEIRA, 2008). Por estas razões, a população de idosos é considerada pela UNESCO como um grupo em situação de vulnerabilidade social (UNESCO, 2009).

Compreendemos que essas características dos idosos interferem no desenvolvimento da competência em informação destes. Ainda, a população de idosos também pode ser pouco instruída em termos informacionais: a pessoa instruída ou culta em termos informacionais é definida por Cuevas-Cerveró, Marques e Paixão (2014, p. 40) como "aquela capaz de dominar os instrumentos materiais e intelectuais de sua época, a época dos grandes avanços tecnológicos, da superabundância de informação e da onipresença da comunicação"; em resumo, 'instruída informacionalmente' é aquela pessoa que possui a "capacidade de adaptação a contínuas mudanças tecnológicas, mas também capacidades cognitivas, comunicativas e axiológicas" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 40) do tempo presente. Isso exclui, dessa forma, aquela "geração de pessoas instruídas pelo modo tradicional" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 40), aquelas 'imigrantes digitais' que

foram socializadas de forma diferente das suas crianças, e que se relacionam com a tecnologia também de forma diferente[2].

Investigar o processo de desenvolvimento da competência em informação dos idosos significa, nesse sentido, contemplar uma população crescente em termos demográficos e também em condição de vulnerabilidade social. Sabemos que, dessa forma, a competência em informação poderia assumir o papel de transformar a realidade social desses indivíduos, ao estimular a qualidade de vida, a liberdade e a cidadania.

Em 2015, investigamos o desenvolvimento da competência em informação dos idosos, e, naquela ocasião, identificamos que, dentre as dimensões da competência em informação – ética, estética, técnica e política – esta última está evidenciada em detrimento das demais, nesse grupo em específico (DE LUCCA, 2015). A investigação também revelou que há, nos idosos, uma forte necessidade de estar no coletivo, e dentre as manifestações de competência em informação nesse grupo, há a predominância da colaboração social e interdependência entre esses indivíduos, em vez de ênfase na capacidade individual, que é uma concepção levantada em teorias anteriores (DE LUCCA, 2015). Por fim, De Lucca (2015) preconiza que, para os idosos, a competência em informação é desenvolvida com mais facilidade no coletivo, por meio da interação social.

Acreditamos que a investigação das manifestações reveladas no idoso e a elaboração de princípios para o desenvolvimento da competência em informação desse sujeito podem constituir-se em programas, que são úteis para orientar a condução de estratégias para o desenvolvimento da competência em informação dos idosos.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E APRESENTAÇÃO DA QUESTÃO DE PESQUISA

Entendemos que a CI, enquanto ciência social aplicada, possui algumas questões ‘mal resolvidas’ que podem influenciar as pesquisas sobre competência em informação. Essas questões ‘mal resolvidas’, segundo Araújo (2013), envolvem a ideia da existência de um ‘núcleo duro’ na CI, sendo esse núcleo “formado pelas questões técnicas [...], sendo as questões políticas, sociais e culturais da informação temas da “periferia”, menos importantes” (ARAUJO, 2013, p. 25).

[2] Prensky (2001) afirma que, para os imigrantes digitais, as tecnologias representam uma nova linguagem, que o sujeito precisa aprender e se adaptar. Aquela linguagem aprendida posteriormente, ainda segundo o autor, ocupa uma parte diferente do cérebro, e, dessa forma, os imigrantes digitais sempre se relacionam com a tecnologia de forma diferente dos nativos digitais, que são aqueles que nasceram no berço da popularização das tecnologias (década de 1990-2000 até os dias de hoje).

É possível perceber algumas manifestações desse ‘núcleo duro’ nas pesquisas compreendendo a área de competência em informação: observamos que essas investigações são direcionadas para os ditos ‘incluídos’: os estudantes, os universitários, os professores, profissionais; e pouco se voltam para as ‘periferias’, como os moradores de rua, os imigrantes, os idosos, os doentes, entre outros. Dessa forma, temos a percepção de que as pesquisas sobre competência em informação tendem a privilegiar as camadas economicamente produtivas ou com potencial para tal.

Nesta pesquisa, realizamos uma busca simples na base de dados *Library and Information Science Abstracts* (LISA), sem critérios previamente delimitados (ano de 2018). A partir da estratégia de busca envolvendo o termo *information literacy* (competência em informação, em inglês) combinada ao termo *students* (estudantes, em inglês), foi possível recuperar 3.210 resultados, no ano de 2018. A combinação envolvendo *information literacy* e *professionals* (profissionais, em inglês), retorna 887 publicações. No entanto, se substituirmos a palavra *professionals* por *women*, o sistema retorna 47 resultados. Caso essa substituição seja pela palavra *elderly* (idoso, em inglês), são recuperados 12 documentos. Sabemos que se trata de uma busca despretensiosa, mas a disparidade nos resultados nos estimula à reflexão.

De Lucca (2015), em estudo anterior, já havia constatado que a população de idosos é pouco contemplada na literatura científica em CI, e, consequentemente, nas investigações sobre competência em informação. O levantamento bibliográfico realizado pela autora identificou que as pesquisas na área de Ciência da Informação que envolvem esse grupo estão concentradas em *Media Literacy* (competência midiática) e *Health Information Literacy* (competência em saúde). De Lucca (2015), ainda, ressalta que esses estudos não contribuem expressivamente para a temática da competência em informação, uma vez que os propósitos desses movimentos não são congruentes aos propósitos do movimento da competência em informação no que tange à liberdade, cidadania e qualidade de vida.

Na mesma medida em que não identificamos estudos solidificados sobre a competência em informação do idoso, também não existem princípios ou modelos que orientem o desenvolvimento da competência em informação nesse grupo. Essa constatação pode indicar o comprometimento da cidadania, da liberdade e da qualidade de vida de até um terço da população brasileira no futuro. A construção de princípios dessa natureza é uma demanda em aberto, que deve auxiliar na criação de programas de desenvolvimento da competência em informação em instituições educacionais e sociais.

A proposta aqui em questão pretende atender a essa demanda, e o desenvolvimento deste trabalho parte de algumas indagações, tais como: **Como se manifesta a dimensão política da**

competência em informação dos idosos? Em que medida essas manifestações nos auxiliam a elaborar princípios para o desenvolvimento da dimensão política da competência em informação desses idosos? Para buscar atender essas questões, delimitamos, na próxima subseção, os objetivos desse trabalho.

1.3 OBJETIVOS

Essa pesquisa possui como objetivo geral **estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) sob o foco da dimensão política (relações sociais)**. Como parte da consecução do objetivo geral, elencamos, como objetivos específicos:

a) Apresentar, com base na literatura, o movimento da competência em informação;
b) Revelar, a partir da literatura, as características sociais do idoso que participa de formações de redes de apoio social, ou, para os idosos, Grupos da Terceira Idade (GTI);
c) Descrever, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI);
d) Descrever, a partir das falas de mediadores de GTI, elementos da competência em informação, bem como a dimensão política desta, de idosos;
e) Delinear, a partir da literatura, das narrativas de idosos e das falas de mediadores de GTI, princípios da dimensão política competência em informação do idoso.

A construção dessa proposta se dá a partir de duas unidades: unidade teórica e unidade empírica. Na unidade teórica, que compreende as seções 2 e 3, apresentamos as circunstâncias que implicam na compreensão da competência em informação, do idoso e da condição do idoso no contexto atual. Apresentamos, também, os conceitos implicados no objeto de investigação, que são: competência em informação; dimensão política da competência em informação; o sujeito idoso. Na unidade teórica, ainda, revelamos os conhecimentos já socializados na comunidade científica sobre as temáticas que envolvem essa investigação: competência em informação do idoso e dimensão política da competência em informação, por meio de um levantamento do estado da arte. A unidade teórica fornece-nos, dessa forma, elementos para a compreensão dos fenômenos relacionados à pesquisa e serve de base de sustentação para construirmos nossa investigação utilizando o conhecimento já socializado na comunidade científica.

Na unidade empírica, que compreende as seções 4, 5, 6 e 7, apresentamos, em primeiro lugar, nossa posição epistemológica acerca do movimento da competência em informação e a visão de mundo sobre os fenômenos da natureza e do ser humano que orientam nossas escolhas metodológicas (fundamentação metodológica). Em seguida, delineamos os procedimentos metodológicos que guiam a construção empírica do conhecimento dessa pesquisa. Após, apresentamos o percurso da coleta de dados, e, ainda, descrevemos os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo. A unidade empírica fornece-nos, para a pesquisa, a construção dos conhecimentos dessa investigação, a partir da própria experiência daqueles que experimentam o fenômeno.

Após apossarmo-nos do conhecimento já socializado na comunidade científica para construirmos a temática e revelarmos, por meio das experiências dos sujeitos, as manifestações da dimensão política da competência em informação dos idosos, tecemos, na seção 8, princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política. Esses princípios emergem das unidades teórica e empírica. Na seção 9, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

Documentos produzidos durante a pesquisa – que compreendem desde a documentação para autorização da investigação até a transcrição das entrevistas com os sujeitos - encontram-se nos apêndices desse documento, ao final do texto.

PARTE 1 – CONSTRUÇÃO TEÓRICA

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL: A COMPREENSÃO DA CONJUNTURA SOCIAL E DO OBJETO DE PESQUISA DESTA INVESTIGAÇÃO

Nesta seção, propomo-nos apresentar a conjuntura social e o objeto de pesquisa, bem como os conceitos que envolvem as temáticas circundadas na investigação. Designa a construção teórica dos conhecimentos dessa tese e busca atender aos objetivos específicos *a* e *b*[3], além de subsidiar a construção dos demais objetivos que compõem essa pesquisa. Ainda, esta seção retoma e incorpora os conceitos levantados por De Lucca (2015). Ressaltamos que se trata de uma explanação teórica, realizada com base no conhecimento já socializado na literatura.

A fonte para essa apresentação é de origem bibliográfica e documental, que foi recuperada a partir de buscas em bases de dados, catálogos de bibliotecas, páginas de associações na internet, anais de eventos e sites de instituições e agências governamentais, sem delimitação de período de tempo, idioma ou origem do documento.

Na primeira subseção desta seção, apresentamos a conjuntura social na qual a competência em informação do idoso se manifesta, bem como os fenômenos sociais que influenciam essa manifestação. Em seguida, a competência em informação é descrita e caracterizada, bem como sua dimensão política. Após, apresentamos os sujeitos da pesquisa: os idosos, bem como seu papel na sociedade contemporânea, suas características sociais – relacionadas à vivência no coletivo – e, por fim, caracterizamos as iniciativas de formação de redes sociais, que são comuns aos idosos.

2.1 AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE IMPLICAM NA COMPREENSÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E DO IDOSO: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO, CAPITALISMO INFORMACIONAL E VULNERABILIDADE SOCIAL

Nessa subseção, apresentamos alguns fenômenos do mundo contemporâneo que, sob nossa concepção, interferem no entendimento da competência em informação e do idoso na conjuntura atual. Esses fenômenos envolvem a sociedade da informação, a globalização e a vulnerabilidade nesse ambiente, que foi provocada pela centralização do aspecto econômico –

[3] Objetivo específico a) descrever, com base na literatura, o movimento da competência em informação; objetivo específico b) apresentar, a partir da literatura, as características sociais do idoso que participa de Grupos da Terceira Idade (GTI).

de geração de valor – nas 'trocas' informacionais intrínsecas desse ambiente (capitalismo informacional) (DANTAS, 2012).

Sob este foco, o final do século XX representou, segundo Werthein (2000), uma mudança de paradigma. Tal paradigma é marcado pelas transformações técnicas, organizacionais e administrativas, as quais possuem, como fator-chave, a informação enquanto um insumo, propiciado pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações.

Denomina-se tal paradigma informacional como 'sociedade da informação', que, em junção ao surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), ao fenômeno da globalização e ao sistema capitalista forma um metaparadigma social, político e econômico.

Uma das características principais da sociedade da informação diz respeito à ruptura da *labor theory of value* (teoria do trabalho enquanto valor, em tradução livre) para a ascensão da *knowledge theory of value* (teoria do conhecimento enquanto valor, em tradução livre) (MATTELART, 2006). A informação, nesse sentido, é o elemento fundamental para o desenvolvimento: "os fenômenos, processos, atividades de informação são reconhecidos como um plano constitutivo das atividades e manifestações econômicas, sociais e culturais" (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 30). Assim, a sociedade da informação possui uma dimensão econômica, social e também constitui uma dimensão política. Essas dimensões estão relacionadas aos seus paradigmas associados, já apresentados anteriormente.

No aspecto social, uma expectativa levantada no surgimento da sociedade da informação diz respeito à universalização do conhecimento. Essa universalização seria capaz de contribuir para a integração social, ao reduzir as distâncias entre pessoas e aumentar o seu nível de informação. Assim, a informação constituir-se-ia como um elemento para a superação de desigualdades, para agregação de valor e para trazer qualidade de vida para as pessoas.

De fato, o fenômeno da globalização, associado ao advento da internet, possibilitou a universalização do conhecimento, pelo menos no aspecto que tange ao acesso à informação: a internet proporcionou a ampla disseminação dos recursos de informação. O planeta transfigurou-se para uma aldeia global, caracterizada como uma grande pátria onde as nações são interdependentes, e, por meio da troca de informações, compartilham aspectos da cultura, da economia e da política. Além da universalização do conhecimento, a globalização também possibilitou a universalização do capital: nas atuais conjunturas, este é volátil, sem pátria, globalizado (DEMO, 2000). Esse pano de fundo capitalista descortinado tanto no espaço da sociedade da informação quanto no fenômeno da globalização revelou, dessa forma, não só uma sociedade da informação, mas também uma economia da informação (DEMO, 2000), redirecionando os fluxos de informação para os interesses do capital.

Na centralização dos fluxos de informação a serviço do capital, a busca pelo lucro e pelo desenvolvimento inovativo constituem-se em projetos centrais, e, enquanto isso, desconsidera-se o papel da informação na busca por valores sociais e na construção social da realidade (MAGNANI; PINHEIRO, 2011). Tal aspecto econômico desarraiga os planos de desenvolvimento social prospectados na eclosão da sociedade da informação.

Além de desnutrir os prospectos humanistas, a economia da informação também encerra uma dimensão excludente. Essa dimensão está intimamente relacionada com o novo modelo do sistema capitalista, denominado por Dantas (2012) como capitalismo informacional. Este é caracterizado pela participação da informação no processo de valorização do capital, na medida em que os trabalhos informacionais são atribuídos de valor, e consumidos pelos indivíduos (DANTAS, 2012). O fundamento para a produção de mercadorias, que no capitalismo industrial constituía as máquinas e as matérias-primas, está, agora no capitalismo informacional, concentrado no trabalho intelectual desenvolvido pelos indivíduos (EGLER, 2002). Assim, o caráter perverso do capitalismo informacional revela-se na ocasião que o ser humano é caracterizado pela sua capacidade de produzir: aqueles que não produzem estão fora do círculo social.

Castells (2003, p. 219) afirma que essa nova configuração social "rejeita aqueles segmentos da sociedade e aqueles lugares de pouco interesse do ponto de vista da criação de valor". Dantas (2012, p. 227-228), em seus estudos sobre Mosco (1988) e Schaff (1993), acredita que há, agora, uma divisão da humanidade: em cima, consolida-se uma minoria tecnologizada, com capacidade de produção e desfrute, que, em sua maioria, desenvolve atividades rentáveis para o sistema. Embaixo, constitui-se uma massa populacional desqualificada para produzir de acordo com os modelos do capital-informação: são denominados 'desnecessários'.

Nessa perspectiva, a esfera social é um espaço de conflito, em virtude da distribuição desigual de recursos e de poder. Nesse sistema social, caracterizado pela competição entre forças políticas diferenciadas, os 'desnecessários' ocupam posição desfavorável na relação assimétrica das relações de poder dos grupos distintos (BAYLÃO, 2001). Essa posição desfavorável minimiza as possibilidades de acesso, com êxito, às fontes do poder. Os desnecessários são considerados minorias sociais na ocasião em que a posição desfavorável na relação de poder é, na maior parte das vezes, permanente e propagável (BAYLÃO, 2001).

Os 'desnecessários' podem sofrer opressão e predisposição à violência, isto é, podem sofrer imposição de valores ou vontades por parte de um grupo social dominante (BAYLÃO, 2001). Tais grupos são, ainda, objeto de preconceito e discriminação por parte dos grupos

opressores, ou seja, aqueles grupos que estão em posição favorável na relação de poder (BAYLÃO, 2001). Por essa razão, são predispostos a sofrer exclusão social, na medida em que são privados da participação da vida social pela característica 'distinta', que, para o grupo de desnecessários, é a incapacidade de produzir em termos econômicos.

Assim, ao experimentarem os efeitos da opressão, o grupo de desnecessários sofre os efeitos da desigualdade social provocada pelo capitalismo informacional. Essa condição de exclusão social caracteriza os desnecessários como indivíduos em situação de vulnerabilidade social: tem acesso, participação e/ou oportunidade dificultada ou até mesmo vetada, a bens e serviços disponíveis para a população.

Baylão (2001) cita algumas manifestações da opressão, que indicam a predisposição de alguns grupos à exclusão social. Dentre essas manifestações, destacam-se as relações de gênero – que colocam as mulheres em situação de vulnerabilidade social – as relações etárias – que colocam as crianças, adolescentes e idosos nessa condição – e, ainda, inclui-se a exclusão por conta de deficiências físicas e mentais, predispondo, dessa forma, os deficientes dessa natureza à exclusão social. Na próxima subseção, discorremos acerca da vulnerabilidade social do idoso na conjuntura aqui apresentada.

2.1.1 Características da vulnerabilidade social e a condição vulnerável do idoso no capitalismo informacional

Entendemos, anteriormente, que a vulnerabilidade social está diretamente relacionada à susceptibilidade do sujeito à exclusão em alguma esfera social. Cunha e Garrafa (2016), constatam que vulnerabilidade é um substantivo derivado do latim *vulnus* e que significa '*ferida*' e que o adjetivo vulnerável é usado para descrever a pessoa que está suscetível ao ataque físico ou emocional, ou a danos. Para os autores, a vulnerabilidade é uma capacidade que pode ser descrita relacionando-a com o princípio da autonomia e que, dado o seu estado dependente e sua capacidade frequentemente comprometida, os grupos vulneráveis devem ser protegidos contra o risco, porque eles são alvo fácil de manipulação, como um resultado da sua condição.

Oviedo e Czeresnia (2015) ressaltam que a vulnerabilidade é um termo que decorre da relação entre o sujeito e o meio ambiente, que é o espaço de atuação do ser na esfera social. O princípio fundamental dessa relação é o compromisso mútuo entre as duas partes: uma relação saudável seria caracterizada, nesse sentido, pela intercooperação, que representa equilíbrio entre essas duas esferas. A vulnerabilidade origina-se quando há um desequilíbrio na relação:

é, segundo os autores, a "inadequação entre uma 'potência' do vivente e um 'desafio' do meio" (OVIEDO; CZERESNIA, 2015). Esse desequilíbrio é caracterizado pela capacidade reduzida – por parte do sujeito – para administrar ameaças, perigos ou exigências do ambiente. Assim, essa situação expressa a impossibilidade do sujeito de afirmação do exercício de liberdade e autonomia (OVIEDO; CZERESNIA, 2015).

Oviedo e Czeresnia (2015) ainda mostram que a vulnerabilidade decorre das relações assimétricas presentes nas inevitáveis redes de poder na esfera social. Indivíduos em posições sociais hierárquicas de submetimento nas redes de poder apresentam declínio no poder de atuação (capacidade de ser e fazer). Essa situação, segundo os autores, conduz ao estigma, à exclusão e à invisibilidade social. Dessa forma, os vulneráveis sofrem intervenções na capacidade de poder dizer, poder atuar, ou poder intervir no curso da própria existência (OVIEDO; CZERESNIA, 2015). A Ilustração 1 apresenta a tipologia dos grupos vulneráveis segundo uma parcela dos autores investigados para os fins deste trabalho.

Ilustração 1: Tipologia dos grupos vulneráveis



Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa, adaptados de Sveinsdóttir e Rehnsfeldt (2005); Adger (2006); Fawcett (2009); Brombacher (2011); Gallacher (2013).

Quanto à Ilustração 1, cabem algumas considerações. Segundo Beckett (2006 *apud* FAWCETT, 2009, p. 476-477), todas as pessoas são vulneráveis em alguma fase ou situação da vida. Isto significa que, em vez de o conceito de vulnerabilidade utilizado referir-se a um grupo distinto com necessidades particulares, todos nós somos vulneráveis em algum aspecto e a maioria das pessoas são potencialmente vulneráveis em relação a uma vasta gama de fatores de risco, bem como em novas formas de exclusão social.

Dentre os desnecessários, caracterizados pela incapacidade de produção econômica de acordo com os modelos do capital-informação, podemos incluir uma significativa parcela do grupo de idosos. Está, por consequência, suscetível a danos, ataques e ameaças, e, ainda, possui participação limitada na sociedade, o que compromete a autonomia, a liberdade e a cidadania.

Existem algumas características que denotam a situação de vulnerabilidade social do idoso no ambiente da sociedade da informação. O principal elemento que indica essa possibilidade diz respeito à aposentadoria, que pode ser uma condição alcançada por parte dos idosos (FECHINE; TROMPIERI, 2012). A situação de desfavorecimento é evidenciada na ocasião em que o indivíduo aposentado está, normalmente, improdutivo em termos econômicos.

Outra característica que torna o idoso 'desnecessário' na economia da informação diz respeito ao declínio da capacidade cognitiva. Tal sujeito pode apresentar dificuldades na execução de trabalhos intelectuais e físicos, que exijam alto desempenho cognitivo. Sua vulnerabilidade no capitalismo informacional é evidenciada na ocasião em que a medida de produção do sistema é a capacidade intelectual (DANTAS, 2012) e física, que, para o idoso, pode estar comprometida por razões de decadência da cognição (CHARCHAT-FISHMAN *et al.,* 2005) e da capacidade funcional, que também será explorada adiante.

Fawcett (2009) alerta, por exemplo, **quanto às mulheres mais velhas**: há uma série de desafios que vêm à tona na velhice relativos a níveis de renda, à saúde e à disponibilidade de redes de apoio. As mulheres mais velhas também são muitas vezes retratadas pelos meios de comunicação e em documentos de políticas como sendo um fardo para os serviços médicos, para a economia e para a sociedade. Isto serve para promover de maneira negativa esse grupo e para provocar desequilíbrios e podem contribuir para que uma mulher mais velha seja identificada como vulnerável e em risco[4].

Em vista disso, argumentamos em prol da proposta de uma sociedade da informação humanista e democrática, em que a informação possa cumprir o papel de ser um instrumento para a busca de valores sociais e para o desenvolvimento social (MAGNANI; PINHEIRO, 2011). Para o idoso – e todos os demais grupos que podem apresentar vulnerabilidade social -

[4] Fawcet (2009, p. 475) alerta que as avaliações de risco são projetadas para identificar, medir e priorizar riscos e identificar estratégias para a sua gestão eficaz. O risco é determinado com base na probabilidade, e embora as avaliações de risco sejam concebidas para proteger, como Webb (2006, *apud* FAWCET, 2009) aponta, estas podem ser permeadas por pressupostos carregados de valores e podem ser empregadas como um dispositivo de racionamento tanto para incluir como para excluir. Atualmente, a atenção está se voltando para as avaliações de risco, que cada vez mais estão sendo usadas para segmentar e delinear o perfil de indivíduos, a fim de atribuir trajetórias sociais, e ao gerenciamento de risco de indivíduos no sentido de um ótimo estado de funcionamento destes. Para as mulheres mais velhas, por exemplo, a gestão de riscos está centrada na proteção e na gestão de questões de segurança.

acreditamos que a informação pode contribuir para o empoderamento social, a justiça e reduzir o processo de formação de desigualdades sociais. Nesse contexto, acreditamos que a competência em informação consiste num instrumento para promover tal missão: na próxima subseção, apresentamos esse movimento e suas características.

2.2 O MOVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A competência em informação é um movimento (CAMPELLO, 2003) científico e social que já tem uma trajetória histórica tanto no Brasil quanto no mundo. Atualmente, a competência em informação não está limitada ao conceito tradicional – apontado na introdução – de um conjunto de capacidades relacionadas à informação, que partem do reconhecimento da necessidade de informação ao uso e à comunicação da informação para seus próximos. Na verdade, a compreensão desse movimento requer mais que o entendimento do processo de pesquisa ou o desenvolvimento de habilidades informacionais: isso exige, no entanto, um profundo entendimento dos processos sociais complexos e das configurações que moldam a informação, e como ela é utilizada dentro dos dados contextos (LLOYD, 2010, p. 1). Nesta subseção, nos dedicamos a apresentar conceitos da competência em informação, o percurso histórico desse movimento no Brasil e no mundo, suas diferentes dimensões e o papel do mediador nesse cenário.

2.2.1 O percurso histórico do movimento da competência em informação em âmbito mundial: de Zurkowski ao movimento *Critical Information Literacy*

Já sabemos que nossa relação com a informação é milenar: porém, nessa chamada ‘era da informação’, ou, para outros, ‘era do conhecimento’, essa relação se intensificou. Lastres e Albagli (1999) definem essa era como “uma série de inovações sociais, institucionais, tecnológicas, organizacionais, econômicas e políticas, a partir das quais a informação e o conhecimento passaram a desempenhar um novo e estratégico papel” (LASTRES, ALBAGLI, 1999, p. 8).

A era da informação teve seus primeiros sinais de surgimento no início da segunda metade do século XX. Seu fenômeno principal – a sobrecarga informacional – eclodiu no período pós-guerra, que se tratou de um período com intensiva divulgação das informações produzidas durante a Segunda Guerra Mundial (LE COADIC, 1996). Sabemos que, posteriormente, já no início da década de 1970, a partir da junção da explosão informacional

com as Tecnologias da Informação, emerge o fenômeno denominado sociedade da informação, em que a informação é reconhecida como um plano constitutivo das atividades e manifestações econômicas, sociais e culturais (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002). Na sociedade da informação, a explosão informacional se intensifica, em virtude do grande fluxo que é, então, possível por meio das redes.

Assim, na sociedade da informação, duas características emergem: a centralização da informação na economia, na cultura e na política, e, ainda, a sobrecarga informacional intensificada. Essa nova apresentação do espaço informacional da sociedade da informação – que já foi explanada na primeira seção dessa construção teórica - é útil para compreendermos a conjuntura em que o movimento da competência em informação se origina e se descortina.

O termo competência em informação – em inglês, *information literacy* – surgiu em 1974. Naquela ocasião, um bibliotecário chamado Paul Zurkowski escreveu num documento denominado "*Information Service Environment: relationships and priorities*" que, naquela época, a sociedade experimentava uma superabundância informacional que excedia a capacidade de avaliar a informação. Ainda, o autor mencionou que, naquela ocasião, estava surgindo uma "multiplicidade de rotas informacionais e fontes de informação", numa resposta ao "caleidoscópio de abordagens que as pessoas tomam para atender suas necessidades de informação" (ZURKOWSKI, 1974, p. 4, tradução nossa).

Assim, Paul Zurkowski definiu competência em informação como o conjunto de técnicas e habilidades para utilizar uma vasta gama de ferramentas e recursos de informação que nos permite moldar soluções informacionais para nossos problemas (ZURKOWSKI, 1974).

O autor designou o indivíduo "competente em informação":

> pessoas treinadas para a aplicação dos recursos de informação no trabalho podem ser chamadas de competentes em informação. Elas aprenderam técnicas e habilidades na utilização de uma ampla gama de ferramentas informacionais e fontes primárias para a elaboração de soluções informacionais para seus problemas" (ZURKOWSKI, 1974, p. 6, tradução nossa).

É possível, a partir da exposição de Zurkowski (1974), observar a competência em informação como um conjunto de técnicas e habilidades que são aplicadas numa situação informacional específica. Esse movimento inicial, nesse aspecto, envolve o reconhecimento do valor da informação e a habilidade de ajustar a informação para atender a necessidades (ZURKOWSKI, 1974).

Com um apelo social característico, o documento escrito por Zurkowski (1974) foi útil para o reconhecimento da relevância da competência em informação. Ainda na década de 1970, é possível compreender que a importância do conceito foi aceita na comunidade bibliotecária.

Pinto, Cordón e Díaz (2010), que realizaram uma análise bibliométrica acerca da evolução do conceito, apontam os trabalhos de Burchinal (1976), Hamelink (1976) e Owens (1976), os quais, segundo os autores, buscaram solidificar os benefícios da competência em informação na sociedade da informação, na medida em que expuseram seus elementos para a emancipação política e para a resolução de situações rotineiras do dia-a-dia.

Dentre eles, destacamos o trabalho de Hamelink (1976): o autor realizou uma crítica aos meios de comunicação de massa, alertando que as informações veiculadas por esses instrumentos são apresentadas com explanações 'pré-digeridas' que só podem ser internalizadas passivamente, sem uma postura crítica do sujeito. Assim, a informação tem uma função opressora, e a competência em informação serviria como uma estratégia para que as pessoas pudessem "ter a chance de intervir na sua realidade" (HAMELINK, 1976, p. 120, tradução nossa).

É importante ressaltar que, embora tenhamos afirmado anteriormente que a competência em informação já tenha sido internalizada pela comunidade bibliotecária ainda na década de 1970, a discussão sobre o tema no campo científico ainda foi tímida: Neubert e De Lucca (2019)[5] identificaram, em análise bibliométrica, que entre os anos de 1974 e 1988 a constância de publicações sobre competência em informação indexadas na *Web of Science* não ultrapassou a marca de dois documentos por ano. Ao observarmos que a discussão científica é um bom indicador sobre o comportamento de uma disciplina, movimento ou fenômeno na esfera social, podemos perceber que a competência em informação ainda necessitava de discussões para seu amadurecimento e reconhecimento nas esferas científica e social.

É esse período que Pinto, Escalona-Fernández e Pulgarín (2013) identificam como fase inicial da competência em informação. Essa fase, segundo os autores, se encerra em 1989, quando, de fato, aconteceu uma significativa ocorrência que designa o reconhecimento da competência em informação pela classe bibliotecária: trata-se do relatório da *American Library Association* (ALA) intitulado *Presidential Committee on Information Literacy: final report*.

Nesse relatório, aborda-se a competência em informação como uma forma de empoderamento pessoal:

> na vida individual, americanos têm tradicionalmente valorizado a qualidade de vida e a busca da felicidade, no entanto, esses objetivos estão cada vez mais difíceis de alcançar devido às complexidades da vida na sociedade dependente de informação e tecnologia que vivemos hoje [...] a competência em informação é, portanto, uma forma de empoderamento pessoal. Ela permite que as pessoas aceitem ou recusem a opinião de especialistas e se tornem independentes na busca pela verdade. Dá aos

[5] Trata-se de um artigo que está em processo de avaliação na revista Em Questão, sob o título provisório: "A produção científica mundial sobre competência em informação: um estudo bibliométrico".

> indivíduos a capacidade de construir seus próprios argumentos e experimentar a emoção na busca pelo conhecimento (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989, p. 1, tradução nossa).

A partir da apresentação de aspectos da competência em informação pela ALA, é possível observar que já pode associar-se o movimento à qualidade de vida, à busca da felicidade e empoderamento pessoal. A independência na busca pela verdade, mencionada no documento, é congruente à declaração de Hamelink (1976), e estende o debate acerca da capacidade de a competência em informação proporcionar autonomia dos sujeitos.

Essa declaração é um documento reconhecido na literatura por estabelecer as habilidades intrínsecas ao sujeito competente em informação: trata-se das habilidades para localizar, avaliar e utilizar a informação para qualquer necessidade dada. Segundo a declaração, espera-se de um sujeito competente em informação:

1) o reconhecimento de uma necessidade de informação;

2) a identificação da natureza da informação que é necessária para solucionar um problema ou situação;

3) a busca, o acesso e a avaliação da informação que é requerida;

4) a organização da informação; e

5) o uso da informação de forma eficiente, para resolver o problema ou situação (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989).

A partir da declaração da ALA, passou a ser possível, então, avaliar a competência em informação nos sujeitos, já que parâmetros sobre suas manifestações foram criados.

Essa declaração, ao mesmo tempo em que encerrou uma fase (segundo Pinto, Escalona-Fernández e Pulgarín, 2013), também deu suporte para uma fase muito profícua do movimento, identificada por Pinto; Escalona-Fernández e Pulgarín (2013) como a fase de crescimento, que se finalizou em 1999. Se observarmos a esfera científica, que expressa de forma congruente o comportamento de um movimento e fenômeno na esfera social, podemos constatar esse crescimento: a pesquisa desenvolvida por Neubert e De Lucca (2019) identificou expressivo crescimento do número de publicações científicas nesse período. Se compararmos, por exemplo, o primeiro (1990) e o último ano (1999) deste período, podemos perceber que o número de publicações quase quintuplicou (de 11 publicações no ano de 1990 para 50 publicações no ano de 1999).

Esse período marcou a solidificação do movimento, em virtude da popularização das TIC, que intensificaram o cenário da sobrecarga informacional (PINTO; ESCALONA-FERNÁNDEZ; PULGARÍN, 2013). Nesse período, inclusive, podemos observar a emergência

de movimentos adjuntos de *information literacy: computer literacy, digital literacy, media literacy*[6], etc. Dudziak (2003) menciona que, em tal período, a competência em informação foi popularizada entre os bibliotecários, e o papel desse profissional enquanto educador ganhou notoriedade. Em tal período, ainda, foi criado o *Institute for Information Literacy* da ALA, que era destinado prioritariamente a preparar os bibliotecários para o novo papel, além de dar suporte à implementação de programas educacionais no ensino superior (DUDZIAK, 2003).

Surgiram, ainda, modelos, programas e projetos para o desenvolvimento da competência em informação, que possuíam o objetivo de desenvolver e estimular os processos levantados pelo documento da ALA: de identificação das necessidades de informação, de busca, acesso e avaliação da informação, e de uso de forma eficiente para atender uma necessidade. Em virtude de os parâmetros terem sido criados, passou a ser possível avaliar o desenvolvimento da competência em informação, sua evolução e seus níveis de desenvolvimento nos sujeitos. Dentre os modelos mais conhecidos, podemos destacar o modelo denominado *Information Search Process* de Carol Kuhlthau (1991), direcionado para crianças estudantes, e o modelo relacional de Christine Bruce (1997), que foi direcionado para estudantes do ensino superior.

Nesse período, também observamos a emergência de ações práticas: além de discutir teoria, também observamos na literatura que as publicações na área começam a apresentar resultados de estratégias desenvolvidas com grupos de pessoas. No ano de 1998, por exemplo, a *Association of College and Research Libraries* (ACRL) atualizou a declaração da ALA (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989) que apresentamos anteriormente, propondo algumas diretrizes para que os propósitos da competência em informação anteriormente apresentados fossem alcançados. O documento apontou diretrizes, recomendações e apresentou alguns ideais já atingidos, tanto por estratégias da própria organização, quanto por progressos realizados independentemente de estratégias.

Na década de 2000 há continuidade do crescimento exponencial das pesquisas científicas na temática (BHARDWAJ, 2017), solidificando a representatividade da competência em informação nos cenários científico e social. Nessa nova fase, identificada como fase integrativa, que se estende inclusive para a década de 2010, o movimento se expande: reconhece-se a competência em informação como um processo holístico a ser integrado nos diferentes contextos da vida do sujeito: social, político, cultural, educacional, econômico etc. (PINTO; ESCALONA-FERNÁNDEZ; PULGARÍN, 2013).

[6] A discussão sobre os conceitos e as delimitações da definição de cada um dos movimentos adjuntos da competência em informação já foi realizada adequadamente por Bawden (2001), e, dessa forma, não é objetivo dessa pesquisa rediscuti-los.

No primeiro período dessa fase, que compreende a década de 2000, há um documento utilizado de forma recorrente para embasamento teórico - tanto para pesquisas científicas quanto para iniciativas práticas: trata-se do documento intitulado *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* (padrões para o desenvolvimento da competência em informação no ensino superior, para o português), que foi publicado pela ACRL no ano de 2000. Esse documento apresentou padrões[7] e indicadores de desenvolvimento em estudantes de ensino superior. Os padrões partem do pressuposto de que o indivíduo competente em informação é capaz de:

1) determinar a natureza e a extensão da necessidade de informação;

2) acessar a informação necessária de forma eficaz e eficiente;

3) avaliar a informação e suas fontes criticamente e incorporar a informação selecionada em sua base de conhecimentos e sistema de valores;

4) individualmente ou como membro de um grupo, utilizar a informação efetivamente para atingir um propósito específico;

5) compreender as questões econômicas, legais e sociais que envolvem o uso de informações e acesso e uso da informação de forma ética e legal (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2000).

Embora tenham sido direcionados aos estudantes do ensino superior, os padrões foram amplamente aceitos e adotados como parâmetros para a mensuração da competência em informação nos diferentes grupos de pessoas.

Esse conjunto de capacidades – que se espera do sujeito competente em informação – transformou-se em novos elementos de avaliação, dando, dessa forma, subsídios para iniciativas práticas, como, por exemplo, os programas para o desenvolvimento da competência em informação, que se tratam de estratégias desenvolvidas com um grupo específico de pessoas, as quais contêm, inclusive, indicadores de avaliação e mensuração de sucesso. No ano de 2003, a ACRL (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2003) publicou o documento intitulado *Characteristics of programs of Information Literacy that illustrate best practices: a guideline*, que traça algumas diretrizes para a criação e implementação de programas para competência em informação em instituições como bibliotecas e escolas. O

[7] A utilização da denominação **padrões** é controversa, por denotar algo estático, 'engessado'. Como afirmamos na introdução, concebemos o ser humano como "complexo, contraditório, inacabado e, em permanente transformação" (MINAYO, 2010, p. 22), e, dessa forma, argumentamos em prol da denominação manifestações, em detrimento de padrões. Tal denominação representa, de melhor forma, a dinamicidade do comportamento humano. De toda forma, preservamos, nesse trabalho, a denominação utilizada nos documentos.

documento fixa alguns elementos que devem estar contemplados em programas dessa natureza, e oferece base para a concepção e implementação de novas práticas.

Esse período de fomento a iniciativas práticas reflete-se na literatura: Bhardwaj (2017) identificou, na fase integrativa, um crescimento no número de publicações sobre estudos de caso de estratégias envolvendo a competência em informação, assim como relatos de experiência acerca da aplicação de programas e modelos.

Ainda na fase integrativa, a implementação da competência em informação nos diversos setores da sociedade tornou-se prioridade em organizações como a IFLA e a UNESCO, que passaram a idealizar e/ou apoiar encontros e conferências específicas sobre o tema em todos os continentes (PINTO; ESCALONA-FERNÁNDEZ; PULGARÍN, 2013). Em 2005, aconteceu, em Alexandria, o evento denominado *High-Level Colloquium on Information Literacy and Lifelong Learning*, que foi organizado pelo *National Forum on Information Literacy* em conjunto com a IFLA e a UNESCO. O evento reuniu 40 especialistas de 25 países, que debateram sobre a competência em informação a partir de quatro setores: Educação e aprendizado ao longo da vida; Saúde e serviços humanos; Desenvolvimento econômico; Governança e cidadania. O evento deu origem a um documento que apresenta oportunas considerações sobre a contribuição da temática para o desenvolvimento da sociedade, e fixa recomendações para que esse desenvolvimento aconteça em cada um dos setores listados anteriormente.

Nessas recomendações, há a menção a populações prioritárias, que, segundo os especialistas que escreveram o documento, seriam pessoas em condição de vulnerabilidade em virtude de alguma condição específica, em cada setor. No caso do setor de Educação e aprendizado ao longo da vida, os especialistas listam, enquanto grupos prioritários, as mulheres, as crianças de primeira infância e, principalmente, os analfabetos. No setor de Saúde e serviços humanos, os grupos prioritários são os presidiários, as mães adolescentes e seus filhos. Já na área de Desenvolvimento econômico, os grupos que merecem atenção especial são os desempregados, os imigrantes e, novamente, as mulheres. No setor de Governança e cidadania, não são grupos prioritários, mas sim nações: aquelas que possuem restrição de informação por parte do governo, haja vista que a liberdade no acesso à informação é um pilar indispensável ao desenvolvimento de sujeitos autônomos, independentes e dotados de pensamento crítico.

O documento que é resultado das discussões do evento também trouxe algumas reflexões teóricas sobre o desenvolvimento da competência em informação nos sujeitos. Uma delas diz respeito à mensuração da competência em informação, que é mais adequado ser realizada por meio de níveis. Os especialistas ressaltam que “não devemos considerá-la como uma entidade

bipolar (competentes - incompetentes), mas sim como um espectro de competências (multicompetência)" (HIGH-LEVEL COLLOQUIUM..., 2006, p. 67, tradução nossa). Essa afirmação também reitera a concepção levantada pela ACRL (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2000), de que essa competência deve ser mensurada por meio de níveis, pois entendemos que se trata de um processo que é desenvolvido em vez de ser alcançado.

O evento também deu resultado a uma declaração, denominada Proclamação de Alexandria sobre competência em informação e aprendizado ao longo da vida, que é um documento amplamente citado na literatura científica por considerar a competência em informação e o aprendizado ao longo da vida como os 'faróis da sociedade da informação' (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005), na medida em que possibilitam -alcançar desenvolvimento, prosperidade e liberdade. Nessa proclamação, a competência em informação foi considerada um direito humano básico que promove a inclusão social em todas as nações (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005).

O documento também elencou considerações oportunas sobre o movimento. Segundo a proclamação, a competência em informação:

> abrange as competências para reconhecer as necessidades informacionais e localizar, avaliar, aplicar e criar informação dentro de contextos culturais e sociais;
> é crucial para a vantagem competitiva dos indivíduos, empresas (especialmente as pequenas e médias), regiões e nações;
> fornece a chave para o acesso, uso e criação efetivos do conteúdo para dar apoio ao desenvolvimento econômico, à educação, à saúde e aos serviços, e a todos os outros aspectos das sociedades contemporâneas e, desta forma, fornece os fundamentos vitais para atingir as metas da Declaração do Milênio e da Cúpula Mundial da Sociedade da Informação; e
> vai além das tecnologias atuais para abranger o aprendizado, o pensamento crítico e as habilidades interpretativas cruzando as fronteiras profissionais, além de capacitar indivíduos e comunidades (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005, p. 1).

A declaração de Alexandria propôs também que fossem realizados eventos temáticos sobre o assunto, a fim de promover a competência em informação em todos os âmbitos. A sugestão foi acatada pela comunidade científica: diversos eventos foram realizados e originaram documentos semelhantes. São eles: declaração de Toledo (DECLARACIÓN DE TOLEDO, 2006); declaração de Lima (DECLARACIÓN DE LIMA, 2006); declaração de Múrcia (DECLARACIÓN DE MÚRCIA, 2010); manifestação de Paramillo (MANIFESTACIÓN DE PARAMILLO, 2010); declaração de Fez (FEZ DECLARATION, 2011); declaração de Maceió (2011); declaração de Havana (DECLARACIÓN DE LA

HABANA, 2012); declaração de Moscou (DECLARACIÓN DE MOSCÚ, 2012); manifesto de Florianópolis (2013) e a Carta de Marília (2014), que inseriu a competência em informação como uma área estratégica para o desenvolvimento social e humano, na medida em que contribui para a redução de iniquidades sociais e desigualdades regionais.

Também podemos observar, na fase integrativa, outras evoluções do movimento da competência em informação: há, por exemplo, o envolvimento de outros profissionais além dos bibliotecários, e a promoção da competência em informação passou a receber a colaboração de educadores, acadêmicos e profissionais de outros campos do saber. No campo científico, tal movimento também se intensificou: a diversidade de documentos expandiu-se, agregando teses e dissertações que apresentam modelos, ferramentas, aplicações e programas para o desenvolvimento da competência em informação, e, ainda, ocorreu a emergência de estudos com abordagem multifocalizada, os quais receberam contribuições de administradores, engenheiros, psicólogos, biólogos, dentre outras áreas (PINTO; ESCALONA-FERNÁNDEZ; PULGARÍN, 2013). Há também outro movimento relevante: as pesquisas nesse período, que antes estavam concentradas em países como Estados Unidos da América (EUA), Canadá, Reino Unido, Austrália e nova Zelândia, passaram a ser desenvolvidas também em países como China, Alemanha, México, Escandinávia, Singapura, África do Sul, Espanha, países da América do Sul, dentre outros (PINTO; ESCALONA-FERNÁNDEZ; PULGARÍN, 2013), denotando a expansão do movimento também em termos geográficos.

Ainda no cerne da fase integrativa, há a emergência de uma corrente, que parte de uma crítica aos modelos, programas e o próprio conjunto de fundamentos concebido sobre competência em informação em todo o desenvolvimento desse movimento. Esse contramovimento, denominado *Critical Information Literacy* (ou competência crítica em informação, para o português), argumenta que a competência em informação envolve o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a informação para que o sujeito possa exercer, ao máximo, sua capacidade de produzir. Vê-se, então, nessa teoria crítica da competência em informação, o movimento tradicional como um elemento que se desenvolve em função de uma missão capitalista de "maximizar a produtividade e criar força de trabalho competitiva no século vinte e um" (ELMBORG, 2012, p. 87, tradução nossa), e impõe o discurso de uma cultura capitalista dominante (TEWELL, 2015).

As críticas também se apoiam nos argumentos de que os modelos predominantes da competência em informação, denominados por Elmborg (2012) como modelos autônomos, transferem para o sujeito a responsabilidade pela sua própria competência, e enfatizam acumulação de conhecimentos, habilidades e atitudes que sejam úteis para que o indivíduo seja

produtivo para a sociedade. No sistema político, social e econômico capitalista, podemos definir como produtivo o indivíduo que contribui financeiramente para a manutenção do sistema. Aquele que 'falha' no processo, ainda segundo Elmborg (2012), é concebido como 'inadequado', e é conjeturado como o responsável pela sua falta de competência.

A crítica levantada pelo movimento da competência crítica em informação também se ancora nos seus processos constituintes: necessidades, busca e uso da informação. Segundo Elmborg (2012), os padrões que designam o alcance (ou não) das habilidades requeridas envolvem processos estáticos, que desconsideram o caráter dinâmico do movimento. É como se a competência em informação fosse algo que o sujeito somente deveria aprender, sem refletir sobre aquilo que está sendo aprendido. Isso, segundo Elmborg (2012), desconsidera papel ativo e crítico no processo de construção dos seus próprios processos informacionais.

A competência crítica em informação, então, empresta elementos da teoria crítica da pedagogia, notadamente a teoria de Paulo Freire (ELMBORG, 2012; GREGORY; RIGGINS, 2013; TEWELL, 2015) para preconizar uma competência em informação que estimule a consciência crítica, compreendendo o indivíduo além de um repositório de informação. Assim, a proposta do modelo crítico busca "questionar e resistir aos efeitos danosos da educação centrada no capital" (TEWELL, 2015, p. 26, tradução nossa).

É fato que, desde a eclosão do movimento da competência em informação, podemos perceber uma vertente de exploração mais humanista e menos centrada no conjunto de padrões ou capacidades que se espera de alguém que é competente em informação. Ora, uma das primeiras publicações sobre o assunto, escrita por Hamelink (1976), enfatiza acerca da função opressora da informação, a qual pode ser empreendida a partir dos meios de comunicação em massa que, desde seu surgimento, preservam sua capacidade de alienação pelo modo de veicular informações que impossibilita a postura ativa do sujeito. Ainda nesse período, coloca-se a competência em informação como uma estratégia para que as pessoas possam "ter a chance de intervir na sua realidade" (HAMELINK, 1976, p. 120, tradução nossa).

Do mesmo modo, é também fato que, durante a trajetória da competência em informação, nos documentos elaborados por organizações e associações, bem como nas pesquisas científicas, houve direcionamento para o conjunto de capacidades que se espera do sujeito. Os padrões, que, posteriormente, se converteram em modelos, programas e projetos, foram úteis para a mensuração da competência em informação, algo que era oportuno para se poder verificar, de forma objetiva, se o movimento estava tendo bons resultados.

De qualquer forma, é possível perceber que as críticas tecidas pelo contramovimento da competência crítica em informação foram aceitas pelos pesquisadores da competência em

informação: no ano de 2016, a ACRL publicou um novo documento intitulado *Framework for Information Literacy for Higher Education*, que se trata de uma nova estrutura-chave para a implementação de práticas nesse aspecto. Nesse novo documento, publicado quinze anos depois do primeiro, em vez de chamar de *Standards*, que designam padrões para o português, a associação prefere, agora, chamar esse conjunto de elementos de *Framework*, que, para o português, poderia ser traduzido para arcabouço, armação, estrutura. E essa nova escolha é justificada pela associação: esse conjunto de elementos está "baseado num conjunto de conceitos-chave interconectados, com opções flexíveis de implementação, em vez de um conjunto de padrões ou resultados de aprendizagem, ou outra qualquer relação prescritiva de habilidades" (ASSOCIATION OF COLLEGE...., 2016, p. 2, tradução nossa).

No documento, argumenta-se em prol da competência em informação como uma metacompetência (*metaliteracy*). Inclusive, os elementos do *Framework* são delineados considerando essa concepção. Essa metacompetência envolve engajamento nos aspectos comportamental, afetivo, cognitivo e metacognitivo, que dão forma a uma nova visão da competência em informação, que considera os estudantes não só como consumidores, mas também como criadores de informação, que participam de forma colaborativa no ecossistema informacional da sociedade atual.

Trata-se, de fato, de uma forma dinâmica de observar a competência em informação. Para a criação do *Framework*, o documento, inclusive, estabelece um conceito de competência em informação, que "enfatiza dinamismo, flexibilidade, crescimento individual e aprendizado comunitário" (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 3, tradução nossa). O conceito de competência em informação, então estabelecido, compreende

> o conjunto de habilidades integradas que englobam a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética nas comunidades de aprendizagem" (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 3, tradução nossa).

A partir desses pressupostos, o *Framework* é desenhado por meio de seis *frames*, cada um representando um conceito central da competência em informação. Eles não são apresentados em ordem de importância – a ordem é alfabética – e os *frames* podem ser adaptados para adequar-se a cada situação. Os elementos (*frames*) são: 1) a autoridade como algo construído e contextual; 2) a criação de informação como um processo; 3) a informação tem valor; 4) a pesquisa acadêmica como investigação; 5) a pesquisa acadêmica como uma discussão de ideias; 6) a pesquisa como uma exploração estratégica.

O primeiro elemento do *frame* se refere aos recursos de informação, ou, mais especificamente, à autoridade envolvida: esses recursos "são um reflexo da credibilidade e da expertise dos seus criadores, e são avaliadas com base na informação necessitada e no contexto em que a informação é utilizada" (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 4, tradução nossa). Para os criadores do documento, autoridade diz respeito à influência exercida em uma comunidade em um contexto específico. A autoridade é algo construído, e a validade da informação é, muitas vezes, designada a partir dela. Assim, a competência em informação envolve o reconhecimento da autoridade na criação da informação, e leva os sujeitos a tornar-se críticos acerca das origens e do contexto da criação da informação. Ainda, os sujeitos são chamados a levantar questões acerca da informação necessitada: a expertise da autoridade na criação da informação é válida para atender à necessidade de informação? (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 4).

O segundo elemento do *frame* compreende o processo de criação da informação: os especialistas mencionam que a qualidade da informação inclui algo além dos formatos e modos de distribuição. Na verdade, esta é diretamente relacionada à situação envolvida na ocasião de criar esse recurso, e, dessa forma, os sujeitos são chamados a direcionar a atenção para esse processo. A utilidade da informação também pode ser verificada a partir da compreensão do sujeito acerca dos processos de criação da informação: reconhecer se uma informação atende à necessidade, compreende, nesse sentido, o reconhecimento do processo de criação envolvido (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 5).

Já o terceiro elemento diz respeito ao valor da informação. São várias as dimensões em que é possível reconhecer esse valor: "a informação é um commodity, um elemento para a educação, um meio de influência de uns sobre outros, e, ainda, um meio de o sujeito intermediar-se com o mundo e também compreendê-lo" (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 6, tradução nossa). Assim, os especialistas mencionam que existem interesses socioeconômicos e legais que influenciam na produção e disseminação de informação, e, ainda, que o poder pode ser exercido por meio da informação, de modo a marginalizar certas vozes. Assim, os sujeitos são chamados a buscar compreender como e porque alguns grupos podem estar sub-representados ou sistematicamente marginalizados dentro dos sistemas que produzem e disseminam informações, e, ainda, reconhecer questões de acesso ou falta de acesso a fontes de informação (ASSOCIATION OF COLLEGE..., 2016, p. 6).

O quarto *frame* relaciona-se à pesquisa acadêmica como investigação. Os especialistas expõem que o processo de investigação é um processo que envolve a tentativa de solucionar

um problema ou situação já existente, e que transcende o campo acadêmico, compreendendo a sociedade como um todo. Na medida em que compreende a sociedade como um todo, é previsível que esse processo advenha de uma demanda externa: o processo de investigação, assim, deve possuir o foco em necessidades sociais, pessoais e profissionais. É um processo iterativo: parte do conhecimento já elaborado e socializado na sociedade e utiliza métodos de pesquisa compatíveis com o problema a ser resolvido. Os sujeitos são chamados, dessa forma, a formular questões congruentes ao *gap* ou problema encontrado, utilizar métodos de pesquisa compatíveis com a informação necessitada, sintetizar e organizar ideias coletadas de diferentes recursos de informação e elaborar novas informações com base nos dados coletados (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 7).

O quinto elemento também diz respeito à pesquisa acadêmica, mas desloca o foco para o fato de a pesquisa ser uma construção coletiva. Os especialistas expõem que as ideias ganham forma a partir da discussão e da intermediação de diferentes perspectivas e interpretações, em que o sentido, ou seja, o novo conhecimento, é formulado a partir de uma negociação de significados que é iterativa (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 8). A pesquisa é, então, uma discussão em progresso, em que cada uma das diversas vozes expostas é uma voz que exerce poder e participa do processo de criação desse recurso (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 8). Assim, os sujeitos são chamados a reconhecer que toda investigação é uma discussão em progresso e não algo estático e definido; e, ainda, são estimulados a buscar discussões em progresso na pesquisa, bem como contribuir para as conversações em andamento na sua comunidade (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 8).

O sexto e último elemento do *frame* compreende o processo de pesquisa como uma exploração estratégica. É um ato que se inicia com uma questão que origina um processo de busca pela solução dessa questão, que é legitimamente uma necessidade de informação. Envolve investigação, descoberta e serendipidade, sendo o ato de buscar uma experiência complexa e contextualizada que afeta e é afetada pelas dimensões afetiva, cognitiva e social do sujeito que pesquisa (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 8). A estratégia de busca de informação, dessa forma, deve levar em consideração esses complexos elementos, sendo influenciada pelo contexto que originou a necessidade de informação, bem como as fontes de informação envolvidas na busca e o escopo da pesquisa. Os sujeitos são chamados, assim, a determinar o escopo inicial de pesquisa, para que ele esteja congruente às necessidades de informação que originaram a busca, bem como estruturar e

refinar estratégias de pesquisa e gerir os processos de busca e os resultados de forma efetiva (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 8).

O *Framework* representa, nesse sentido, uma nova forma de observar a competência em informação, que combina traços do contramovimento da competência crítica em informação com a visão tradicional, que também possui uma vertente humanista desde sua gênese.

Ao que parece, o novo modelo foi amplamente aceito, na medida em que representa essa 'nova forma' de observar a competência em informação. Hoje, é possível observar na literatura traços dessa compreensão contemporânea: admite-se, amplamente, que a competência em informação é uma prática sociocultural (LLOYD, 2010). Está, nesse contexto, incorporada e entrelaçada em práticas naturais do campo social e, por essa razão, está sujeita aos contextos e atividades que a pessoa desenvolve (LLOYD, 2010). Dessa forma, esse movimento é constituído por um conjunto de entendimentos que guiam a ação e estão relacionados às atividades em torno da informação e do conhecimento designadas em qualquer contexto dado (LLOYD, 2010).

Ainda, essa vertente é intimamente relacionada às experiências informacionais. Parte-se do pressuposto de que as nossas experiências informacionais não sejam neutras, mas sim relacionais e transacionais: não se tratam de simples absorções de conteúdos informacionais presentes nos livros, fotos, palestras ou na internet, mas de relações estabelecidas entre nossas experiências prévias, nossos sistemas de valores e nossa bagagem de conhecimento já estabelecida (ANDERSON; JOHNSTON, 2016). Um texto, por exemplo, pode ser altamente informativo para um, mas pouco informativo para outro (ANDERSON; JOHNSTON, 2016). Assim, a informação não está no texto, mas na relação entre o texto e o leitor. Esse leitor, enquanto um buscador/usuário da informação, é um participante ativo em vez de um recipiente passivo, uma vez que avalia a significância de uma informação (ANDERSON; JOHNSTON, 2016).

A partir da inspiração do Framework e da 'nova visão', podemos observar que instituições e associações elaboraram documentos que ratificam sua aderência ao novo propósito da competência em informação. Além da própria ACRL, que atualizou seu documento intitulado *Characteristics of programs of Information Literacy that illustrate best practices: a guideline* de forma a "trazer o documento ao alinhamento das práticas, das abordagens e das diretrizes atuais" (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2019, p. 1, tradução nossa), a *The Library and Information Association* (CILIP) também elaborou um documento que pudesse estar de acordo com as novas concepções. Trata-se do documento intitulado *CILIP Definition of Information Literacy 2018,* elaborado por essa organização que congrega as

associações de bibliotecários do Reino Unido. O documento, que busca conscientizar acerca da importância de desenvolver a competência em informação, reitera que as definições e aplicações da competência em informação ali mencionadas compreendem uma visão mais extensiva da competência em informação, capaz de considerar todas as evoluções que o movimento percorreu desde a primeira definição proposta pela própria associação, em 2004 (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018).

Para o documento, a competência em informação é, basicamente, "a habilidade de pensar criticamente e fazer julgamentos equilibrados sobre qualquer informação que encontramos e usamos. Isso nos empodera enquanto cidadãos para desenvolver opiniões embasadas e a se engajar plenamente com a sociedade" (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 3, tradução nossa). Essa definição parece centrar-se na competência em informação enquanto ato de desenvolver o pensamento crítico. A capacidade de pensar criticamente, de fato, é um elemento que transcende todos os elementos do *Framework* da ALA/ACRL.

Ainda conforme o documento, a competência em informação incorpora um conjunto de habilidades e ferramentas que qualquer um de nós necessita para cumprir tarefas relacionadas à informação: envolve habilidades para descobrir, acessar, interpretar, analisar, gerenciar, criar, comunicar, armazenar e compartilhar informação. No entanto, preconiza que não se trata somente disso: a competência em informação, ainda, diz respeito à

> aplicação das capacidades, atributos e confiança necessários para fazer o melhor uso da informação e interpretá-la criteriosamente. Ela incorpora pensamento crítico e conscientização e uma compreensão das questões éticas e políticas associadas ao uso da informação. (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 3, tradução nossa).

Essas questões éticas e políticas – também mencionadas no *Framework* da ALA/ACRL, estão relacionadas ao uso da informação, como privacidade, proteção de dados, direito à informação, acesso aberto e propriedade intelectual (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018).

Ainda, a concepção de metacompetência – levantada pelo *Framework* da ACRL – também está presente na definição da CILIP (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018): para os autores, a competência em informação envolve o objeto informação em todas as suas formas, não se atendo somente ao conteúdo impresso, mas também ao conteúdo digital, aos dados, imagens e a palavra falada. Assim, competência em informação se associa – e se sobrepõe – a outras habilidades, como a midiática, a digital e a acadêmica. Para o documento, "não se trata de um conceito isolado, estando alinhado a outras áreas do

conhecimento e de compreensão" (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 3, tradução nossa).

O documento da associação britânica também elenca contextos em que a competência em informação pode se manifestar, e apresenta algumas situações em que é possível observar o desenvolvimento dessa competência. Os principais contextos elencados são: rotina do dia a dia, cidadania, educação, trabalho e saúde (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018).

No contexto da rotina do dia-a-dia, o documento ressalta que a competência em informação, por exemplo, se manifesta na ocasião que os sujeitos verificam avaliações de hotéis em páginas de viagens na internet ou comparam as opções de apólices de seguros disponíveis no mercado. Ainda, essas manifestações se expõem, também, na ocasião em que esses sujeitos estão cientes das limitações das plataformas online: sabemos que, além desses recursos não serem seguros do ponto de vista da privacidade e da segurança pessoal - estando sujeitos à fraude - eles estão também sujeitos à manipulação e, dessa forma, o pensamento crítico é algo que emerge nesse contexto (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 4).

No contexto da cidadania, o documento expõe que a competência em informação se manifesta na ocasião em o sujeito compreende o mundo ao seu redor. Isso inclui uma posição crítica com relação às proposições pré-estabelecidas da sociedade e também às suas próprias preconcepções arraigadas, e, ainda, compreende o reconhecimento de preconceitos, de desinformação e *fake news* (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 4). O reconhecimento da autoridade e da confiabilidade das fontes de informação designa, também, a competência em informação sob a perspectiva da cidadania. Ainda, essa competência se manifesta no sujeito que identifica traços de exclusão social, e proporciona aos grupos desfavorecidos ou marginalizados meios para compreender o mundo à sua volta e participar da vida em sociedade. A partir dessa perspectiva da cidadania, a competência em informação promove o engajamento cívico e fortalece a democracia (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 4).

No cenário da educação, a competência em informação "permite que os alunos se envolvam em um aprendizado profundo - percebendo as relações entre ideias importantes, fazendo novas perguntas e seguindo linhas inovadoras de pensamento" (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 5, tradução nossa). Enriquece, ainda, os conteúdos ensinados na medida em que estimula o pensamento crítico e a aquisição de conhecimento. A competência em informação, então, se manifesta na ocasião em que esses alunos pensam e

aprendem ativa e criticamente, e, assim, passam a questionar ‘como’, ‘por quê’ e ‘para quê’, questões úteis para reconhecer aspectos da informação de nível mais elevado como fonte, grau de autoridade, fidedignidade, etc. Essa adoção de abordagem questionadora, que é particular do pensamento crítico, é essencial não somente para resolver problemas, mas também para estruturar questões, situações e soluções inovadoras (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 5).

Para o setor do trabalho, a competência em informação se manifesta na ocasião em que o trabalhador sabe quando e como usar a informação para atingir objetivos organizacionais e para agregar valor às atividades organizacionais, seja essa uma organização comercial, pública ou sem fins lucrativos (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 5). Apresenta-se, operacionalmente, na capacidade do sujeito de interpretar informações relacionadas ao trabalho, compartilhá-la com as partes interessadas - como clientes ou o público interno – e transformar essa informação em conhecimento. Por também refletir-se no comportamento informacional do trabalhador, a competência em informação, no ambiente de trabalho, contribui para o desenvolvimento de capacidades como trabalho em equipe, resolução de problemas e habilidades analíticas (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 5).

No contexto da saúde, a competência em informação se revela na ocasião em que o sujeito faz escolhas informadas relacionadas à saúde e ao bem-estar (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 5). Revela-se, ainda, no reconhecimento de fontes confiáveis de informação para o gerenciamento da saúde e no diálogo informado com profissionais de saúde sobre situações de cuidados preventivos e de tratamento e prognóstico de doenças (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 5).

É possível, assim, verificar que a ‘nova visão’ da competência em informação, estimulada pelo contramovimento e reafirmada pelo *Framework* da ALA/ACRL, designa-se como um eixo de sustentação para novos documentos norteadores, como é o caso do documento da Associação de bibliotecários do Reino Unido (CILIP). Documentos como esse, os quais apresentam contextos em que é possível observar as diferentes manifestações da competência em informação nas pessoas, reestruturam a concepção do movimento em âmbito social amplo, e fortalecem essa nova compreensão, que se mostra mais humanizada, inclusiva e flexível.

Essa concepção humanizada, inclusiva e flexível contribui para a consolidação da informação enquanto um direito humano básico (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005), alargando as fronteiras da discussão para os campos periféricos dos países em desenvolvimento, conforme exposto anteriormente. No Brasil, o movimento foi citado pela

primeira vez na literatura no ano de 2000. Sendo aqui compreendida como competência em informação, Competência Informacional, habilidades informacionais, letramento informacional ou alfabetização informacional – não é nosso objetivo adentrar nas questões terminológicas – o debate no campo científico em âmbito nacional tem se intensificado e já é possível perceber a contribuição dessas pesquisas para o desenvolvimento do movimento em âmbito mundial.

Na próxima subseção, abordamos a trajetória do movimento da competência em informação no Brasil, bem como as contribuições das pesquisas realizadas no país para o conjunto de conhecimentos da temática, em âmbito mundial.

2.2.2 Competência em informação no Brasil

Na subseção anterior, pudemos compreender que a competência em informação é um movimento que surgiu nos Estados Unidos, no contexto da sobrecarga informacional da década de 1970. Também observamos que, na fase integrativa da competência em informação, foi possível observar a expansão do tema em termos geográficos: a competência em informação, então, também passou a ser objeto de estudo em regiões em desenvolvimento, como a América do Sul, a África do Sul e a América Central. Uma das regiões abrangidas no período integrativo é o Brasil.

O movimento da competência em informação foi abordado pela primeira vez no Brasil no ano de 2000. Caregnato (2000), que designou *information literacy* como habilidades informacionais, inseriu o termo no Brasil relacionando-a com a educação de usuários: o objetivo se seu trabalho, nesse sentido, consistiu em discutir a educação de usuários como um instrumento para desenvolver a competência em informação nas pessoas. O trabalho inseriu bibliotecas e bibliotecários na discussão, e ressaltou acerca do novo papel desse ambiente e desse profissional no contexto das TIC. Dudziak, Gabriel e Vilella (2000) apresentaram a competência em informação sob o termo alfabetização informacional, designando o movimento como um modelo de educação de usuários que corresponde às exigências da sociedade da informação e do conhecimento. Nesse novo "modelo", segundo as autoras, seria possível realizar "uma educação de usuários de qualidade" (DUDZIAK; GABRIEL; VILELLA, 2000, p. 12) e o bibliotecário, dessa forma, cumpriria, com êxito, seu papel de mediador e educador.

A partir do breve relato das duas pesquisas, é possível observar que o movimento da competência em informação no Brasil emergiu no contexto da educação de usuários, e agregou forte relação com o ambiente da biblioteca e a figura do bibliotecário. As pesquisas

subsequentes, como as de Dudziak (2001), Dudziak (2003) e Campello (2003), acompanharam essa tendência, tratando de questões acerca de mediação, papel do bibliotecário e da biblioteca no contexto do desenvolvimento da competência em informação nos sujeitos.

Além disso, essas autoras, que podemos chamar de precursoras da competência em informação, trouxeram contribuições que buscam fortalecer a base teórica de conhecimentos da temática.

O trabalho de Dudziak (2001; 2003), designa três concepções da competência em informação: concepção da informação (com ênfase na tecnologia); concepção cognitiva (com ênfase nos processos cognitivos); concepção da Inteligência (ênfase no aprendizado).

A primeira concepção – concepção da informação - é ligada à sociedade da informação e sua forte influência tecnológica. Prioriza a abordagem do ponto de vista dos sistemas, ou seja, o aprendizado estaria concentrado nos mecanismos de busca e uso de informações em ambientes eletrônicos, muitas vezes como finalidade em si mesmos, portanto carente de aprofundamento em relação à análise de conteúdos e ao pensamento crítico (DUDZIAK, 2001, p. 147). O ato de considerar a competência em informação nesse nível é perceber o ser como um usuário, e entender o movimento como um "simples aprendizado de habilidades e conhecimentos instrumentais, praticamente mecânicos" (DUDZIAK, 2001, p. 147).

A segunda concepção identificada pela autora – concepção cognitiva – ajusta-se à noção de sociedade do conhecimento, uma vez que privilegia os "processos de construção do conhecimento, enfatizando a cognição, a parte intelectual e mental do ser humano e a sua capacidade de pensar, refletir, analisar, criticar, extrapolar, buscar e processar informações, produzir conhecimento significativo" (DUDZIAK, 2001, p. 150-151). A concepção cognitivista é, então, o "resultado de um processo de construção de sentido por parte do indivíduo, direcionado ao objeto, sensível a fenômenos e reflexivo; um ato primariamente individual" (DUDZIAK, 2001, p. 150-151). Segundo essa concepção, o indivíduo é um ser "possuidor de habilidades e conhecimentos e valores pessoais" (DUDZIAK, 2001, p. 151), e sua dimensão pessoal também é contemplada. Porém, Dudziak (2001) acredita que esta concepção não considera a dimensão social, de interação com a comunidade e o ambiente.

A terceira concepção – concepção da inteligência – é ligada à ideia de sociedade da aprendizagem: contempla, além de habilidades e conhecimentos, a noção de valores ligados à dimensão social e situacional. Esses se referem "ao desenvolvimento de atitudes e valores pessoais, incluindo a ética, a autonomia, a responsabilidade, a criatividade, o pensamento crítico e o aprender a aprender, enfatizando o cidadão, o ser social, admitindo uma visão sistêmica da realidade" (DUDZIAK, 2001, p. 152). Entender o indivíduo a partir dessa concepção

> é considerar a dimensão social e ecológica do aprendiz, entendendo-o não mais como um usuário, nem mais como um indivíduo, antes como sujeito, que é o indivíduo enquanto ator social, que alcança uma identidade pessoal a partir de sua atuação como transformador social (DUDZIAK, 2001, p. 152).

A terceira concepção contempla a dimensão social e de relação do indivíduo com o outro e também com o ambiente, ou seja, considera o indivíduo como um ser social.

Para esclarecer melhor a diferença entre as concepções apresentadas, a autora apresenta um quadro comparativo, que também relaciona outros vieses contemplados na pesquisa realizada, que podem ser observados no Quadro 1.

Quadro 1: Concepções da competência em informação

Ênfase na Informação	Ênfase no conhecimento	Ênfase no aprendizado
Sociedade da Informação	Sociedade do conhecimento	Sociedade da aprendizagem
Acesso	Acesso e processos	Acesso, processos e relações
O que	O que e como	O que, como e por que
Acumulação do saber	Construção do saber	Fenômeno do saber
Sistemas de informação/tecnologia	Usuários/indivíduos	Aprendizes/sujeitos
Habilidades	Habilidades e conhecimentos	Habilidades, conhecimentos e valores
Biblioteca como suporte	Biblioteca como espaço de aprendizado	Biblioteca aprendente e espaço de expressão
Bibliotecário como intermediário	Bibliotecário como mediador de processos	Bibliotecário como sujeito e agente educacional

Fonte: Da autora. Adaptado de Dudziak (2001).

Essas concepções apresentadas por Dudziak (2001; 2003) fortalecem a compreensão das bases epistemológicas que orientam, inclusive, escolhas metodológicas para a investigação da competência em informação. Na subseção 4.2, que é parte da construção empírica desta pesquisa, explanamos com mais profundidade as bases epistemológicas da competência em informação, as quais orientam as escolhas metodológicas desta investigação.

As pesquisas de Campello (2003; 2006) fortalecem a teoria dessa disciplina no âmbito educacional: dentre as contribuições da pesquisadora, destacamos sua ideia de integração da competência em informação e ações de letramento no âmbito escolar (CAMPELLO, 2006); e sua abordagem do papel da biblioteca escolar enquanto ambiente propício para o ensino e estímulo desse desenvolvimento nas crianças (CAMPELLO, 2003).

Belluzzo (BELLUZZO, 2004; BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014) contribui para o fortalecimento da teoria na medida em que aborda o papel dos profissionais no provimento dessa competência: o papel do profissional da informação enquanto mediador para a educação em competência em informação (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014) e o papel do professor enquanto gerador do conhecimento e estimulador para o desenvolvimento dessa competência nos aprendentes (BELLUZZO, 2004).

Miranda (2006) contribui para visualizarmos a estreita relação entre a competência em informação e as necessidades de informação, esta última concebida, na CI, como um estado de conhecimento no qual alguém se encontra quando se confronta com a exigência de uma informação que lhe falta e lhe é necessária para prosseguir um trabalho (LE COADIC, 1998). Para a autora, o reconhecimento e a tentativa de solucionar necessidades de informação (NI) caracterizam o processo de desenvolvimento da competência em informação: as

> soluções encontradas para atender a uma NI provavelmente corresponderam a competências desenvolvidas para lidar com os problemas informacionais solucionados, com as anomalias/insuficiências de conhecimento diante de situações vivenciadas, ou com os vazios de sentido diante de modificações do ambiente informacional (MIRANDA, 2006, p. 111).

Ao estudar de uma forma mais profunda as características das NI, Miranda (2006), classifica-as em três dimensões: cognitiva, situacional e afetiva. A dimensão cognitiva se refere às lacunas de conhecimento e de sentido. A dimensão situacional acontece quando a NI é gerada a partir de situações que acontecem no ambiente em que o indivíduo está inserido: trabalho, estudo, *etc*. Já a dimensão afetiva é gerada por sentimentos de incerteza e insegurança diante de uma situação problemática, que pode ser de ordem cognitiva ou situacional. Porém, o que guia o indivíduo na busca e uso da informação são os sentimentos.

Miranda (2006) ainda estabelece uma relação entre o princípio das NI e o princípio da competência em informação. Para a autora, essa competência "pode ser definida em torno de três dimensões relacionadas ao saber (conhecimentos), saber-fazer (habilidades) e saber-agir (atitudes)" (MIRANDA, 2006, p. 109). Ainda, cada dimensão de uma necessidade de informação requer uma capacidade específica para a busca e uso da informação. A autora estabelece as habilidades específicas que os indivíduos devem desenvolver para a busca e uso da informação, de acordo com a natureza de suas necessidades de informação. Para Miranda, as necessidades cognitivas demandam o desenvolvimento das capacidades que contemplam o saber (conhecimento); as necessidades situacionais demandam o saber fazer (habilidades); enquanto as necessidades cognitivas exigem dos indivíduos capacidades relacionadas com o saber agir (atitudes). As três ramificações da competência em informação, portanto, dariam conta de atender o amplo espectro de necessidades de informação.

Contribuições recentes de pesquisadores brasileiras para a competência em informação dizem respeito às diferentes dimensões dessa competência. Vitorino e Piantola (2011), em conjunto com outros pesquisadores (FARIAS; VITORINO, 2009; ORELO; VITORINO, 2012; OLIVEIRA; VITORINO, 2014; DE LUCCA, 2015; PELLEGRINI, 2016), revelaram quatro dimensões que permeariam o processo de desenvolvimento da competência em informação:

dimensão ética, dimensão estética, dimensão política, dimensão técnica. As contribuições estão embasadas nos escritos de Terezinha Azerêdo Rios (RIOS, 2006), que identificou essas quatro dimensões presentes na competência do professor/educador. Na próxima subseção, discorremos acerca dessas dimensões.

2.2.3 Dimensões da competência em informação

Vitorino e Piantola (2011), inspiradas por Rios (2006), realizaram o trabalho pioneiro acerca das dimensões da competência em informação. Para as autoras, as dimensões representam faces, que se unem para que essa competência seja desenvolvida plenamente. A competência em informação, nessa perspectiva, se desenvolve a partir das dimensões técnica, estética, ética e política.

A dimensão técnica refere-se à aquisição das habilidades e dos instrumentos para encontrar, avaliar e utilizar de modo apropriado a informação de que se necessita: é o "fazer" da competência em informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Para Oliveira e Vitorino (2016, p. 62), essa representa a "ação que visa à resolução de um problema, necessidade ou oportunidade informacional". É como o desenvolvimento de "habilidades informacionais" exposto por Gasque (2012): revela-se no conhecimento informacional e dos suportes e ferramentas, como, por exemplo, o domínio das funções básicas de um computador.

A dimensão estética é a dimensão sensível (ORELO; VITORINO, 2012). Revela-se como a dimensão da vida, relativa aos sentimentos e às percepções pessoais, que não pode ser explicitamente formulada pelos produtos da razão (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Na competência em informação, essa dimensão está presente no pensamento crítico e autorreflexão (ORELO; VITORINO, 2012).

A dimensão ética é a dimensão fundante que permeia não só a competência em informação, mas a trajetória de vida em sociedade do indivíduo. Está presente nos bons costumes que preservam o bem viver dentro do contexto social (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Pressupõe um juízo crítico sobre o 'fazer' e "relaciona-se, portanto, diretamente à noção de autonomia, na medida em que o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências não apenas no âmbito pessoal, mas principalmente coletivo" (VITORINO, PIANTOLA, 2011, p. 105). Aplicando para o contexto informacional, uma dimensão ética envolve a utilização da informação de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum.

A dimensão política compreende o homem enquanto ser social, membro de uma comunidade/sociedade. A literatura já publicada considera que a dimensão política envolve cidadania, relações entre homem e sociedade e também a questão do Estado/governo. Entendendo que o movimento da competência em informação possui a intenção de, mediante a participação efetiva na sociedade (DUDZIAK, 2008), proporcionar ao indivíduo participar efetivamente na construção da cidadania (HATSCHBACH; OLINTO, 2008), podemos perceber que é intrínseca, à competência em informação, a perspectiva política. Na seção 2.3, os aspectos que compreendem a dimensão política da competência em informação serão delineados com mais propriedade, a fim de atingir aos propósitos da pesquisa.

De toda forma, é oportuno ressaltar que as dimensões se refletem no 'fazer' da competência em informação. O desenvolvimento de todas as dimensões é imprescindível: "todas devem estar presentes em harmonia tanto na competência quanto na informação, pois juntas e em equilíbrio tendem a favorecer o desenvolvimento da competência informacional" (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 102).

Nosso trabalho busca construir princípios para o desenvolvimento da competência em informação, na perspectiva da dimensão política. Na introdução desta pesquisa, mencionamos que os princípios oferecem embasamento para iniciativas práticas, as quais podem ser desenvolvidas por profissionais da informação na rotina de trabalho. Tais ações envolvem a mediação, em que o profissional 'conecta' os dois polos da pesquisa: o sujeito idoso e a informação. Na próxima seção, explanamos acerca do profissional da informação e da mediação no processo de desenvolvimento da competência em informação.

2.2.4 A mediação no processo de desenvolvimento da competência em informação

Nas últimas subseções, abordamos a competência em informação e sua manifestação nas pessoas que a desenvolvem. Compreendemos, também anteriormente, que a competência em informação é um processo político delineado pelo sujeito, mas também por outros atores sociais que interagem com ele. Nesse sentido, consideramos que há formas de estimular o desenvolvimento dessa competência, sendo este trabalho uma possibilidade aos profissionais da informação, especialmente o bibliotecário.

Nesta subseção, abordamos o papel da mediação no processo de desenvolvimento da competência em informação: compreender tal papel nos auxilia, nesse trabalho, construir tais princípios. Reiteramos que o protagonista é o sujeito, e o papel do profissional é de coadjuvante: ele estimula, orienta e modera, mas a construção do fenômeno é domínio do próprio ser.

Em primeiro lugar, reconhecemos que a competência em informação é uma capacidade desenvolvida pelo indivíduo de criar significados a partir de informações adquiridas (VARELA, 2006, p. 20). Nesse aspecto, essa capacidade é um ato cognitivo e também social, que, a partir da criação de sentidos, fornece condições para que o sujeito estabeleça consciência crítica para interferir na própria história. Dadas as características, reconhecemos o desenvolvimento da competência em informação como um processo de aprendizagem.

Varela (2006), em seus estudos sobre Feuerstein (1989), salienta que o organismo funciona como o centro de uma complexa rede de interações, formada por fatores biogenéticos, culturais, experimentais e emocionais. Todo processo de apreensão de conteúdo deve transcorrer por essa rede, cujos pontos – que são relativos ao indivíduo e ao meio - estão diretamente interligados. O desenvolvimento da competência em informação, concebido como um processo de aprendizagem, emerge "da ação recíproca e interativa do sujeito com os objetos (meio)" (VARELA, 2006, p. 25).

Além disso, Varela (2007, p. 124) destaca que a aprendizagem é uma "produção cultural, diretamente relacionada com a linguagem e com a interação social". Então, essa construção envolve, além do indivíduo e o objeto (meio), um segundo indivíduo: trata-se de "um movimento complexo, no qual os sujeitos interagem entre si, mas também com as informações, processando-as para, a partir de seus enquadramentos, de suas possibilidades cognitivas, se apropriarem dos conteúdos acessados" (GOMES, 2008, p. 1). Nesse sentido, entendido como um processo multifacetado e multidimensional (VITORINO, 2016), a competência em informação obtém êxito a partir da relação entre os seres humanos e a informação.

Esse processo de interação entre sujeitos – que é intrínseco a qualquer ato de apreensão de informação – pode se dar por meio da mediação da informação. Essa relação de mediação, estabelecida com um "indivíduo mais experiente", segundo Varela (2007, p. 23), promove zonas mais amplas de desenvolvimento crítico e criativo, que, a partir de processos complexos de raciocínio, promovem a autonomia do pensamento.

A mediação, no contexto da competência em informação, pode ser exercida pelo profissional da informação. Essa atividade é caracterizada por Almeida Júnior (2008, p. 3) como uma

> ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Para Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014), a ação do profissional da informação, no contexto da competência em informação, ativa e potencializa a construção de conhecimentos, na medida em que o indivíduo mediado consegue, de certa forma, avaliar todo o contexto em que está inserido, para satisfazer suas necessidades informacionais. Dessa forma, esse ato modifica, altera e transforma os estímulos do mediado, "proporcionando-lhe uma postura ativa, crítica, reflexiva e independente frente à pesquisa de informações para a satisfação de necessidades informacionais" (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 68).

O papel do mediador – no ambiente da competência em informação ou em qualquer processo de aprendizagem - é de facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem: esse sujeito se apresenta com a disposição de ser uma 'ponte' entre o aprendiz e sua aprendizagem - não uma 'ponte estática', mas uma 'ponte rolante'. Dessa forma, sua responsabilidade consiste em auxiliar o aprendiz a "coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las" (MASETTO, 2000, p. 145), para que seja possível produzir um conhecimento que seja significativo para o sujeito que aprende, um conhecimento "que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela (MASETTO, 2000, p. 145). Ou seja, o mediador conecta os extremos da 'ponte', aquele que facilita a comunicação da informação para os usuários que dela necessitam (FREIRE, 2010, p. 99).

No ambiente da competência em informação, manifestamos que a mediação é oportuna para a conquista de missões bem-sucedidas no conhecimento, pois "o público em geral não é especialista em informação" (WOLTON; 2003). Atribuímos ao profissional da informação a responsabilidade de mediar o processo da competência em informação, e, nesse sentido, reconhecemos que esse sujeito, assume, nessa questão, a responsabilidade de promover a competência em informação da comunidade em que participa (CAMPELLO, 2003; DUDZIAK, 2003). Na próxima seção, apresentamos os sujeitos da pesquisa, suas características sociais e políticas e demais aspectos que interferem no desenvolvimento da competência em informação.

2.3 A DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS A PARTIR DA FILOSOFIA POLÍTICA

Na seção 2.2.2., explanamos acerca das quatro dimensões da competência em informação. A dimensão política, nesse "complexo *patchwork*" (VITORINO, PIANTOLA, 2011, p. 102), designa o aspecto social do sujeito que, em sociedade, constrói suas experiências

informacionais.

A competência em informação encerra uma dimensão política na medida em que seu elemento estruturante, a informação, é um objeto produzido pelo homem para atender a uma necessidade humana (PINHEIRO, 1998), sendo essa, uma necessidade de caráter social (WERSIG; NEVELLING, 1975). Consideramos a informação como um conjunto de "estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo" (BARRETO, 1994, p. 1), e o conhecimento é capaz, nesse aspecto, de promover o desenvolvimento do sujeito e favorecer o bem-estar da sociedade que ele vive (BARRETO, 2002).

Reconhecemos que a política compreende o ser humano enquanto ser social, um ser que participa de um ambiente onde constrói as relações num processo dinâmico de interações. Esse aspecto político identificado no sujeito pode ser visto como uma das disciplinas da filosofia, investigado sob o signo da Filosofia Política, que se ocupa de construir significados sobre as questões que envolvem a vida em sociedade.

Em trabalho anterior (DE LUCCA, 2015), identificamos aspectos da dimensão política da competência em informação a partir da Filosofia Política. Com base na filosofia de Aristóteles, da filosofia iluminista e da filosofia contemporânea, fomos capazes de delimitar três esferas da dimensão política da competência em informação: a esfera das relações sociais, da cidadania e da liberdade. Nessa seção, nosso objetivo é 'revisitar' esses três elementos a partir da Filosofia Política. Ressaltamos que a exploração da dimensão política da competência em informação, no âmbito da CI, é realizada, nesse trabalho, na subseção 3.2, que está dedicada a apresentar o estado da arte das pesquisas sobre a dimensão política da competência em informação. Essa seção, dessa forma, busca, a partir da Filosofia Política, construir significados acerca da competência em informação do idoso.

Na próxima subseção, apresentaremos a natureza social do ser humano, bem como os pilares essenciais da vida política: ordem e justiça, que representam os elementos da cidadania.

2.3.1 Política: a vivência dos sujeitos na *Pólis* por meio das relações de amizade

Sob a perspectiva filosófica, o termo política foi originalmente cunhado "a partir da atividade social desenvolvida pelos homens da *Pólis,* a Cidade-Estado grega" (MAAR, 2006, p. 30). Etimologicamente, a palavra Política é originada do grego ta *politika*, também originada da palavra *Pólis* (CHAUI, 2010). Chaui (2010) esclarece que esse termo - *Pólis* - está além da simples estrutura da Cidade-Estado grega. Na verdade, esta se refere ao espaço cívico, ou seja,

à comunidade organizada, formada pelos cidadãos que são livres e iguais aos demais nascidos em seu território, e que possuem, ainda, dois direitos inquestionáveis: a isonomia (igualdade perante a lei) e a isegoria (a igualdade no direito de expor e discutir em público opiniões sobre ações que a cidade deve ou não deve realizar) (CHAUI, 2010, p. 434). Esta seria, então, o palco da atividade política, o local onde o ser humano constrói o seu 'eu social', enquanto indivíduo pertencente a um círculo social.

O princípio da igualdade – que é legítimo da *Pólis* - é formado para atender um bem maior: "a sociedade política [*Pólis*], a mais alta dentre todas as associações, a que abarca todas as outras, tem em vista a maior vantagem possível, o bem mais alto dentre todos" (ARISTÓTELES, 2013, p. 53). Dessa forma, a partir da união dos sujeitos (princípio de igualdade) com vistas à realização do bem comum, a *Pólis* também promove o princípio de ordem. Assim, a finalidade da comunidade política é a ordem e a justiça. Esses elementos (ordem e justiça) "definem a comunidade política como o único instrumento humano legítimo para assegurar o bem comum" (CHAUI, 2010, p. 456).

Sendo um espaço de igualdade e de ordem, e, ainda, sendo o espaço cívico organizado, a *Pólis* representa, para o sujeito, a "condição primeira para que ele possa realizar seu eu próprio" (CHAUI, 2013, p. 23), a responsável por atribuir significado à vida do ser humano. Rios (2006, p. 104) citando Andrade (1977) discorre acerca da capacidade de a *Pólis* dar sentido à vida:

> a *Pólis* […] é o lugar onde o homem legitima seu destino, dando significação e finalidade às suas ações […] A *Pólis* é uma totalidade onde o homem confere sentido à sua existência, reconhece e assume seus valores e formula explicitamente seu destino como uma pergunta que tentará responder com sua ação política.

Somos então seres sociais, na medida em que nossa trajetória de vida só faz sentido na medida em que vivemos em sociedade. Nas palavras de Aristóteles, a nossa existência é legitimada na vida em comunidade (ARISTÓTELES, 2013).

Nossa vivência em conjunto com o próximo acontece por meio da comunicação. Maffesoli (2008) já nos afirma que é ela, a comunicação, que nos liga ao outro, o 'cimento social', a 'cola do mundo'. O autor afirma que "a noção de comunicação está implícita na sociedade. Nós estamos ligados ao outro pela mediação da comunicação. Não podemos nos compreender individualmente, só nos compreendemos na relação com o outro" (MAFFESOLI, 2008, p. 20).

Atribuímos à comunicação a noção de 'laços de amizade', que Aristóteles menciona ser a condição natural para a instituição de uma *Pólis* (ARISTÓTELES, 2013). Chaui (2013)

explica que esses laços são criados por meio de afinidades naturais, que, no nosso entendimento, acontecem na medida em que o ser humano se comunica. Dessa forma, surge a comunidade, que é o agrupamento entre uma ou mais famílias, ligadas por meio de laços afetivos.

Vale realizar uma distinção entre comunidade e sociedade. Chaui (2013) realiza essa tarefa em uma perspectiva sociológica: a autora menciona que uma comunidade caracteriza-se pelas relações pessoais, isto é, "todos se relacionam face a face e tratam-se pelo nome, falam a mesma língua, cultuam os mesmos deuses, estão ligados por relações afetivas, seu território é geograficamente limitado" (CHAUI, 2013, p. 26). Dessa forma, o princípio da comunidade é a afetividade, que entra em consonância com a condição natural da *Pólis* idealizada por Aristóteles. Já o termo sociedade está, em nossa concepção, vinculado a uma perspectiva racional em vez de afetiva. Há, na filosofia, estudiosos que concebem a ideia de 'contrato social', que consiste em um acordo entre os membros da *Pólis* para viver em harmonia, acordo este composto por regras, normas e leis. Parece-nos, num primeiro momento, que a sociedade se organiza a partir desse 'contrato social' pois trata-se de uma organização fundada, basicamente, pela racionalidade, e não pela afetividade. A sociedade representa a união de indivíduos isolados que decidem estabelecer relações recíprocas, as quais são determinadas por regras e normas impessoais, definidas pelos interesses dos indivíduos associados (CHAUI, 2013).

De toda forma, a sociedade consiste no espaço de atividade política dos indivíduos, onde o princípio de ordem é a justiça e a liberdade (ARISTÓTELES, 2013). É a partir desses princípios que surge a figura do cidadão. E é o cidadão aquele que dá organicidade à cidade: "aquele que tem o poder de tomar parte na administração deliberativa ou judicial de alguma Cidade, dizemos que é cidadão daquela Cidade, e falando em geral, uma Cidade é um corpo de cidadãos suficiente para atender às necessidades da vida" (ARISTÓTELES, 2013, p. 115).

Assim, o termo política vem de *Pólis*, que se trata do espaço em que os sujeitos exercem seu eu social, constroem suas relações de afetividade e desfrutam da condição de cidadãos. A noção de cidadão, conforme exposto na construção dessa seção, respeita os princípios da ordem e da igualdade de direitos, e, dessa forma, ser cidadão implica em liberdade para se expressar, e, ainda, responsabilidade para cumprir a ordem. Ainda, a política é algo natural do ser humano, sendo a amizade o instinto da sociabilidade (ARISTÓTELES, 2013) e comunicação o processo operacional pelo qual podemos exercer nossa natureza social. Esse instinto nos guia para que convivamos com o próximo, e, com o outro, possamos construir nossa realidade. Dessa forma, a presença do outro se mostra essencial para a legitimação de nossa existência.

Na próxima subseção, explanamos acerca de dois vieses que nos auxiliam a

compreender a ação da política: cidadania e liberdade.

2.3.2 A cidadania e a liberdade em comunidade

Nessa subseção, propomo-nos a apresentar dois vieses da vida política: liberdade e cidadania, que estão intrinsecamente inter-relacionados. Esses vieses foram explorados com profundidade no período do iluminismo, que foi marcado pelo surgimento da teoria do contrato social. É a partir desse contexto que buscamos apresentar essa seção.

A teoria do contrato social preconiza acerca da existência de dois estágios humanos: o pré-social, ou mais conhecido como estado de natureza, e o estágio político, que designa o contrato social feito pelos sujeitos para viverem em sociedade. O primeiro estágio é marcado por ser um estado de relativa paz, concórdia e harmonia: era caracterizado pela mais perfeita liberdade e igualdade (WEFFORT, 1995). No estado de natureza os seres humanos já "eram dotados de razão e desfrutavam da propriedade", possuindo direitos que "designavam simultaneamente a vida, a liberdade e os bens como direitos naturais do ser humano" (WEFFORT, 1995, p. 85). O estado de natureza dispõe de igualdade: nele, "é recíproco todo o poder e jurisdição, não tendo ninguém mais que outro qualquer – sendo absolutamente evidente que criaturas da mesma espécie e posição [...] devam ser também iguais umas às outras, sem subordinação ou sujeição" (LOCKE, 1998, p. 382).

O contrato social – que significa a passagem para o estado civil - é um pacto de consentimento em que os homens concordam livremente em formar a sociedade civil para preservar e consolidar ainda mais os direitos naturais - liberdade e igualdade – que possuíam originalmente no estado de natureza (WEFFORT, 1995).

A sociedade civil é caracterizada pela condição pela qual cada um dos sujeitos renuncia ao poder natural do estado de natureza, colocando-o nas mãos do corpo político (LOCKE, 1998). Dessa forma, "a comunidade passa a ser o árbitro mediante regras fixas estabelecidas, imparciais e idênticas para todas as partes" (LOCKE, 1998, p. 458). A operacionalização dessas regras é realizada por meio de um membro designado para tal fim, que "decide todas as diferenças que porventura ocorram entre quaisquer membros dessa sociedade acerca de qualquer questão de direito; e pune com penalidades impostas em lei os delitos que qualquer membro tenha cometido contra a sociedade" (LOCKE, 1998, p. 458). Assim, a partir do Contrato Social, a convivência em sociedade é selada, na medida em que todos os indivíduos estão sob as mesmas circunstâncias.

É da teoria do contrato social que emerge o conceito de liberdade política, que é a

liberdade usufruída por nós, seres humanos, quando vivemos em sociedade. A liberdade política pressupõe que todos os membros de uma sociedade – não importando a circunstância – estejam regidos sob as mesmas normas e possuam exatamente os mesmos direitos (CHAUI, 2010, p. 468). Não se trata de uma liberdade desobrigada, que os sujeitos estão livres para "fazer o que se quer" (MONTESQUIEU, 2000, P. 166): a liberdade política, no entanto, consiste em "poder fazer o que se deve querer e em não ser forçado a fazer o que não se tem o direito de querer" (MONTESQUIEU, 2000, P. 166). Isso implica no "direito de fazer tudo o que as leis permitem; e se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proíbem ele já não teria liberdade, porque os outros também teriam esse poder" (MONTESQUIEU, 2000, P. 166).

Dessa forma, a noção de liberdade se funde com a figura do cidadão político. O indivíduo é livre – ele cede poderes, mas não cede a sua individualidade (CHAUI, 2010, p. 469) e também é cidadão – não está nem acima nem abaixo de qualquer outro membro da comunidade política. Ser político implica em estar em uma sociedade com os demais: no entanto, o conceito de liberdade política significa insubordinação a outrem (ROUSSEAU, 2011), na medida em que todos são iguais. Envolve, ainda, livre expressão e liberdade religiosa (ROCHA, 2006, p. 156).

Do conceito de liberdade e de cidadania – que preconizam que ninguém está acima na hierarquia social – surge o conceito de soberania popular, para garantir a conservação do contrato. Trata-se de "uma força universal e compulsória para mover e dispor cada parte da maneira mais conveniente ao todo" (ROUSSEAU, 2011, p. 82). O ato de soberania popular é um ato autêntico da vontade geral, que "obriga ou favorece igualmente todos os cidadãos" (ROUSSEAU, 2011, p. 84). Caracteriza uma "convenção legítima, porque tem como base o contrato social; equitativa, por ser comum a todos; útil, por não poder ter outro objeto senão o bem geral; e sólida, por ter como garantia a força pública e o poder supremo" (ROUSSEAU, 2011, p. 84).

Da concepção de soberania popular, surge o conceito de democracia, que podemos denominar como 'terra fecunda' da cidadania, onde os ideais de liberdade e igualdade passam a fazer sentido. Democracia é, então, o regime da lei e da ordem para a garantia das liberdades individuais (CHAUI, 2010). Por meio de um regime democrático, somos indivíduos que exercemos nossa atividade política, temos nosso 'espaço no mundo', no que concerne à nossa participação ativa na construção da sociedade.

Assim, a ideia geral do Contrato Social nos auxilia a compreender o conceito de liberdade política: estando numa sociedade selada por meio de um contrato, nossa liberdade envolve a insubordinação a outrem e nos possibilita usufruir de direitos enquanto cidadãos, no

entanto, implica no cumprimento de normas e regras. Na medida em que somos soberanos, podemos participar da vida pública, gozando do direito da livre expressão. Por meio do regime da democracia, temos nossa liberdade e nosso direito à participação popular assegurados.

Na próxima subseção, discorremos acerca do debate político atual, que é útil para explorarmos questões acerca da dimensão política da competência em informação do idoso.

2.3.3 Comunidade e emancipação: temas políticos contemporâneos

Na subseção anterior, abordamos a figura do cidadão, a soberania popular e a liberdade política, temas que se fazem necessários para compreendermos nosso espaço no mundo. Na Filosofia Política contemporânea, vemos a emergência de um novo contexto – denominado por Bauman (2001) como pós-modernidade, ou por Castells (2003), como sociedade em rede. Desse contexto, emergem debates políticos oportunos para investigarmos a dimensão política do idoso no contexto atual, e é por essa razão que trazemos para exploração, neste texto.

Bauman (2000) aborda o conceito de comunidade e relações sociais no mundo atual: este marcado pela instantaneidade das conexões entre os sujeitos, que pode acontecer, predominantemente, pela presença de redes instantâneas de informação geradas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A comunidade e as relações sociais estão regidas sob o contexto da Pós-modernidade - ou sociedade da modernidade fluida – que são denominações apresentadas por Bauman (2000; 2001; 2003; 2008) para designar um novo estágio que transita a humanidade, segundo o autor. Para ele, esta é uma era marcada pelo derretimento dos sólidos: a sociedade perde sua solidez, sua rigidez, e, assim como os líquidos, é incapaz de manter a forma por muito tempo (BAUMAN, 2001, p. 14). Nesse sentido podemos perceber que vivemos num mundo volátil, e, por que não, instantâneo, no qual as estruturas – sociais, políticas, econômicas, etc. – são dinâmicas.

Castells (2003) denomina essa era como sociedade em rede. Para o autor, sempre fomos conectados por meio de redes. Porém, estas ganham vida nova em nosso tempo, transformando-se em “redes de informação energizadas pela internet” (CASTELLS, 2003, p. 7). Assim como estruturas fluidas de Bauman, as redes de Castells são flexíveis e facilmente adaptáveis, uma vez que são características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente de rápida mutação. Esse contexto, marcado pelo advento das TIC e aliado ao fenômeno da globalização, promove a individualização, o enfraquecimento dos laços sociais e traz um novo conceito de liberdade.

Na sociedade pós-moderna, Bauman aborda a liberdade, que, na sua concepção, significa o equilíbrio entre o querer e o fazer:

> sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir: sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir. O equilíbrio pode, portanto, ser alcançado e mantido de duas maneiras diferentes: ou reduzindo os desejos e/ou a imaginação, ou ampliando nossa capacidade de ação (BAUMAN, 2001, p. 24).

A noção de liberdade para o autor parece indicar que ela é percebida individualmente por cada um de nós: sentimo-nos livres na medida em que nossas ações acompanham nossos desejos. A liberdade, no contexto pós-moderno, está, de certa forma, atrelada ao processo de individualização.

Castells (2003) ressalta que o processo de individualização se dá pelo advento das redes. O que provoca esse individualismo é a formação de 'comunidades especializadas', que são formadas nas redes e reúnem indivíduos em comum. Consequentemente, as pessoas podem pertencer a várias dessas redes, e, por essa razão, tendem a desenvolver seus 'portfólios de sociabilidade', investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos (CASTELLS, 2003, p. 110).

Além de se organizarem em comunidades, os sujeitos mantêm, nas redes, amizades 'aproveitáveis': "são fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de envolvimento cívico e de divertimento" (CASTELLS, 2003, p. 107). Em qualquer um dos casos, formam-se laços de interesse, e interesses mudam de acordo com o passar do tempo. Assim, resume-se a tendência à individualização.

A individualização, no entanto, pode favorecer a autonomia: trata-se de "um movimento que nos dá uma liberdade sem precedentes de experimentar" (BAUMAN, 2001, p. 47), de fazermos nossas próprias escolhas. Individualizados, estamos desvinculados do nosso eu social, e passamos a ser definidos pelo que há dentro do nosso ser, e não mais pela posição na sociedade (BAUMAN, 2001, p. 29).

O resultado da individualização é a formação de um indivíduo autossustentado e auto-impulsionado. Dessa forma, libertar-se, emancipar-se, tornar-se autônomo são decisões que nos possibilitam viver conforme nossas próprias escolhas. No entanto, Bauman (2008) assegura: a liberdade vem com etiqueta de preço, e este é alto. Libertar-se é ter o contato com o íntimo, desvincular-se do social, ser regido pelas próprias normas, o que significa uma carga pesada de responsabilidade e consciência.

O 'preço da etiqueta' parece ser, para uma sociedade, "a corrosão e a lenta desintegração

da cidadania" (BAUMAN, 2008, p. 67). Em outra obra, o autor afirma que o indivíduo libertado "é o pior inimigo do cidadão" (BAUMAN, 2001, p. 45). Isso acontece porque, enquanto o cidadão "tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – [...] o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à causa comum, ou ao bem comum, à boa sociedade ou à sociedade justa" (BAUMAN, 2001, p. 45).

A salvação para a cidadania e a sociedade, segundo Bauman (2000, 2001) aconteceria a partir da construção de uma sociedade na qual "os indivíduos reconheçam sua autonomia junto com os laços de solidariedade que os unem" (BAUMAN, 2000, p. 159). Esse equilíbrio proporcionaria uma liberdade benéfica, conquistada pela emancipação do ser humano, que "requer hoje mais, e não menos, da esfera pública e do poder público" (BAUMAN, 2001, p. 62).

A sociedade pós-moderna, é, de fato, ambivalente (DEMO, 2000). Sabemos que a intensificação desse paradigma se deu, além da modernização de redes de comunicação, pelo fenômeno da planetarização, cunhado por Lévy (2001). Ora, a planetarização compreende um movimento decisivo e **irreversível** do processo de unificação planetária da espécie, de integração social, do capital, da cultura, da tecnologia e, principalmente, um movimento que almeja o fim das fronteiras (LÉVY, 2001, p. 26, grifo do autor). Parece curioso: no movimento de unificação planetária, a tendência é nos tornarmos individualizados.

Cada vez mais individualizados, o que leva a nos unirmos não é mais "a busca de causas comuns e de meios de negociar o sentido do bem comum e dos princípios da vida em comum" (BAUMAN, 2001, p. 46), mas sim "compartilhar intimidades" (BAUMAN, 2001, p. 46). De fato, o compartilhar de intimidades cria um vínculo que pode ser a esperança para a comunidade. Porém, essa técnica de construção

> só pode criar comunidades tão frágeis e transitórias como emoções esparsas e fugidias, saltando erraticamente de um objetivo a outro na busca sempre inconclusiva de um porto seguro: comunidades de temores, ansiedades e ódios compartilhados – mas em cada caso comunidades cabide, reuniões momentâneas em que muitos indivíduos solitários perduram seus solitários medos individuais (BAUMAN, 2001, p. 47).

Assim, o contexto político contemporâneo é caracterizado: trata-se de relações superficiais e frágeis, que facilmente desintegram-se (BAUMAN, 2011). É a internet é o meio eficaz para a manutenção de laços fracos: esses laços – criados em rede - raramente constroem relações sociais duradouras (CASTELLS, 2003).

No contexto da internet, em vez de laços, construímos redes: e redes conectam-se e desconectam-se facilmente. Os laços humanos são para sempre: "você faz um juramento: até

que a morte nos separe" (BAUMAN, 2011). Ao formar redes em vez de laços, temos a "facilidade de conectar-se e a de cortar a conexão. Se você me incomoda, eu simplesmente tiro você do meu circuito" (GIARDELLI, 2012, p. 19).

Ainda, há esperança para a salvação da comunidade: esta esperança reside no ato de compartilhar. Giardelli (2012) denomina o fenômeno atual de Sociedade do Compartilhamento. Existe uma saída para a individualização, e essa saída é a generosidade (GIARDELLI, 2012, p. 22). O autor afirma que muitos indivíduos já estão engajados com o coletivo: "parece que já começamos a compreender que, se eu compartilho, não fico sem, mas faço todos ganharem mais" (GIARDELLI, 2012, p. 27). O autor ainda acredita que, com a tendência ao compartilhamento e à generosidade, a "sociedade individualizada está com os dias contados" (GIARDELLI, 2012, p. 22).

Dessa forma, entendemos que a era pós-moderna é uma via de mão-dupla: ao mesmo tempo que observamos relações sociais mais instantâneas, também observamos uma rede de amizades muito maior; ao mesmo tempo que encaminhamos para nos tornarmos inimigos da cidadania, também nos descobrimos generosos. Nessa era, somos chamados a compartilhar generosidades, a fim de construirmos comunidades, para atendermos a principal característica que difere os seres humanos dos demais animais: o instinto de amizade.

Na próxima subseção, essas contribuições da Filosofia Política nos fornecerão subsídios para compreendermos, a partir da filosofia, uma dimensão política da competência em informação.

2.3.4 Reconhecendo a dimensão política da competência em informação a partir da Filosofia Política

Sabemos que, de um modo geral, a competência em informação significa a capacidade desenvolvida pelo indivíduo para desempenhar tarefas como: reconhecer uma necessidade de informação, localizar, acessar, avaliar, utilizar, aplicar e criar essa informação (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989; INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005), de forma consciente, criativa e benéfica (VITORINO; PIANTOLA, 2009), para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade (IFLA, 2005). A competência em informação se desenvolve no ser humano: é somente no indivíduo que o processo atribui sentido. Dessa forma, o indivíduo competente em informação é aquele que "tem uma profunda consciência, conexão e fluência com o ambiente informacional" (LLOYD, 2003, p. 2, tradução nossa).

Entendemos a competência em informação, essencialmente, como a capacidade de

transformar a informação em conhecimento e utilizar o conhecimento adquirido no desempenho das atividades e situações que a vida em sociedade apresenta. Essa capacidade envolve o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, atitudes e valores, que estão, necessariamente, interligados com a dimensão social e situacional (DUDZIAK, 2003). As habilidades e conhecimentos compreendem, nesse sentido, o processo de busca e uso da informação, que circundam as fontes e recursos informacionais, enquanto as atitudes e valores estão relacionadas à utilização crítica e reflexiva da informação pelo sujeito, na ocasião em que este transforma essa informação obtida em conhecimento para guiar os processos de tomada de decisão desencadeados na trajetória de vida.

A competência em informação encerra uma dimensão política na medida em que seu elemento estruturante – a informação – é um produto político, inserido num contexto histórico e sociocultural (PINHEIRO, 2004), resultado "das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais" (MARTELETTO, 2002, p. 102).

De igual natureza, a competência em informação arroga uma dimensão política na medida em que a sua extensão é o sujeito, que é naturalmente um ser social, e na *Pólis* legitima seu destino e dá significação às suas ações (RIOS, 2006) por meio de um processo mútuo e dinâmico de interação com seus próximos.

Dito isto, nas subseções anteriores, ocupamo-nos de apresentar a dimensão política do ser humano a partir de uma perspectiva filosófica. Dentre os aspectos que emergiram das reflexões e dão base para a compreensão da dimensão política da competência em informação, destacamos: a cidadania, a liberdade e as relações em sociedade. São esses aspectos, nessa ocasião, que se manifesta a competência em informação do sujeito.

Sabemos que a *Pólis* é o lugar onde o homem legitima seu destino e dá significado às suas ações (RIOS, 2006). É, assim, o espaço social, onde os indivíduos se inter-relacionam e desenvolvem-se mutuamente. Na perspectiva das relações em sociedade, a competência em informação desenvolve-se no coletivo, e é marcada pela interdependência e pela colaboração mútua. No aspecto informacional, a frase de Gil Giardelli faz sentido: "se eu compartilho, não fico sem, mas faço todos ganharem mais" (GIARDELLI, 2012, p. 27).

Atualmente, essa inter-relação está evidenciada por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação, que caracterizam o espaço político atual. Bauman (2001), Castells (2003) e Giardelli (2012) enfatizam o aspecto solitário manifestado pelo indivíduo enquanto usuário das tecnologias. Entretanto, Christine Bruce, acredita em uma dimensão colaborativa da competência em informação revelada por meio da internet:

> a experiência bem-sucedida da competência em informação a partir da utilização das tecnologias está no reconhecimento que esta não é uma experiência solitária. Estar conectado envolve ser parte de uma comunidade, onde cada membro ajuda o próximo […] cada um se torna *expert* em algum aspecto e está disponível para auxiliar e ensinar os outros (BRUCE, 1999, p. 37, tradução nossa).

Portanto, a competência em informação atribui sentido às informações obtidas por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação na medida em que o indivíduo reconhece no outro o apoio para a realização de experiências informacionais bem-sucedidas.

No caso da cidadania, esta, idealmente, está relacionada com a capacidade do sujeito de atuar, de forma participativa, no contexto democrático contemporâneo. Nessa perspectiva, a competência em informação exerce seu papel na medida em que o indivíduo se empodera de informação para estar ciente dos direitos e deveres, e participar das decisões relativas à vida em sociedade. Dudziak (2008) atenta que essa utilização da informação para a cidadania também envolve a dimensão crítica. A autora argumenta:

> relacionada à cidadania, a competência em informação vai muito além da busca, organização e uso das informações pois significa saber o porquê do uso de determinada informação, considerando implicações ideológicas, políticas e ambientais. Observa-se uma ligação inerente ao desenvolvimento sustentável e suas dimensões de sustentabilidade social, cultural, ecológica e econômica. O comportamento reflexivo está direcionado a uma atuação crítica sobre a realidade, em termos individuais e coletivos (DUDZIAK, 2006 *apud* DUDZIAK, 2008, p. 47).

Desse modo, a competência em informação, sob a perspectiva da cidadania, possibilita ao indivíduo compreender direitos e deveres, e estimula o comportamento reflexivo para que o sujeito desenvolva uma consciência crítica que lhe será útil para questionar o que está posto. Assim, o indivíduo competente em informação contribui para a promoção do bem comum, idealizado por Aristóteles (2013).

Com relação à liberdade, esta pode ser entendida como insubordinação a outrem, livre expressão, ou, até mesmo, como emancipação, ou seja, a ação que possibilita ao ser humano sentir-se "livre das limitações, livre para agir conforme os desejos" (BAUMAN, 2001, p. 24). Sob o caráter informacional, a liberdade é vista como autonomia, como forma de empoderamento pessoal por meio da absorção da informação (DUDZIAK, 2008). A liberdade proporcionada a partir do desenvolvimento da competência em informação envolve, assim, a independência adquirida pelo sujeito, na ocasião em que este utiliza a informação para tomar suas próprias decisões nas situações que a vida em sociedade apresenta.

Sob o foco da liberdade, da cidadania e das relações sociais e em perspectiva política, é

possível traçar um conjunto de capacidades que se espera de um indivíduo competente em informação. Dessa forma, entendemos a dimensão política da competência em informação compreende:

- o reconhecimento da importância da informação para orientação de conduta na trajetória de vida;
- o reconhecimento das necessidades de informação a partir de situações do dia-a-dia;
- a procura da interação social com pessoas da rede de convívio para solucionar as necessidades informacionais;
- a conquista da liberdade e autonomia por meio de decisões baseadas na informação adquirida;
- o compartilhamento de informações e experiências com pessoas da rede de convívio e a ajuda aos próximos em diferentes contextos para o enriquecimento da bagagem de conhecimentos e incorporação de novas experiências de vida;
- a utilização da informação para sensibilizar-se de seus direitos e deveres na sociedade e lutar pela construção da cidadania em conjunto, no momento em que participa da esfera social.

Esse conjunto de capacidades advém da exploração da dimensão política que emerge da Filosofia Política, e é uma revisitação dos achados de pesquisa anterior (DE LUCCA, 2015). Ressaltamos, ainda, que a exploração dessa dimensão especificamente na CI é oportuna e é esta que deve nos fornecer subsídios para a compreensão da dimensão política da competência em informação do idoso. Dessa forma, a subseção 3.2 dá conta de explorar, na literatura, aspectos referentes à dimensão política da competência em informação, no contexto da CI.

2.4 O IDOSO: CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS[8]

Nesta subseção, caracterizamos o idoso em âmbito mundial e nacional, apresentando características sociais e políticas desse sujeito que interferem na compreensão do objeto de pesquisa.

2.4.1 Aspectos sociais do envelhecimento humano

O grupo de idosos é formado por aqueles indivíduos que cursam o período da velhice, e vivenciam os resultados do processo de envelhecimento, processo esse que é natural, involuntário e multidimensional. Veras (1994, p. 25) versa sobre a multidimensionalidade da velhice:

> velhice é um termo impreciso e sua realidade, difícil de perceber [...] nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de sua complexidade fisiológica, psicológica e social. Uma pessoa é tão velha quanto suas artérias, seu cérebro, seu coração, sua moral ou sua situação civil? Ou é a maneira pela qual outras pessoas passam a encarar certas características que classifica as pessoas como velhas[?].

Veras (1994) ainda destaca que o envelhecimento pode ser compreendido de forma diferente entre um país com expectativa de 51 anos de vida, como Serra Leoa, e outro com essa expectativa se aproximando dos 84 anos de vida, como no caso do Japão (dados atualizados referentes ao ano de 2016) (THE WORLD BANK, 2017). Nesse sentido, compreendemos o envelhecimento como "um processo heterogêneo e individualizado, que depende da interação entre fatores biológicos, sociais, psicológicos, econômicos, ambientais, históricos e culturais" (MASCARO, 2004, p. 89).

É possível observar a existência de algumas dimensões do envelhecimento. Fechine e Trompieri (2012), por exemplo, argumentam acerca do envelhecimento biológico, que relaciona-se com aspectos nos planos molecular, celular, tecidular e orgânico do indivíduo; o envelhecimento psíquico, que refere-se à relação das dimensões cognitivas e psicoafetivas, interferindo, inclusive, na personalidade e afeto (FECHINE; TROMPIERI, 2012); e o envelhecimento cronológico, que é observado a partir da data de nascimento.

[8] O olhar para o sujeito idoso, nessa pesquisa, se dá a partir da Ciência da Informação, que se trata de uma área interdisciplinar, que não investiga propriedades próprias aos aspectos do processo de envelhecimento dos indivíduos, comuns às Ciências da Saúde, à Psicologia, entre outras. A discussão acerca das características inerentes ao envelhecimento e ao indivíduo idoso são direcionadas para pontos que interferem no desenvolvimento da competência em informação dessa camada da população.

Além da própria noção de envelhecimento – que é multidimensional e cheia de inconsonâncias – a visão do idoso perante a sociedade também é multidimensional, paradoxal, contraditória. Para Platão, o envelhecimento faz surgir nos seres humanos um imenso sentimento de paz e de libertação (SANTOS, 2001, p. 93), enquanto, para Aristóteles, o envelhecimento representa o apagar progressivo da chama vital, a qual é a condição para a existência da vida humana (MASCARO, 2004, p. 44) e que nos traz a ideia da velhice como um período inerte da vida, na qual estamos declinando, sem forças, e por isso, afastados da vida em sociedade.

Mascaro (2004) esclarece as diferentes posições: naquele período, de um lado, percebiam a velhice como um flagelo e um castigo que aniquilava a força do guerreiro. De outro lado, a velhice apresentava sabedoria, bondade a vigor, como também apresentava o poeta Homero em suas figuras das obras Ilíada e Odisseia.

Ainda nas sociedades contemporâneas, o paradoxo permanece. Entre algumas nações, como, por exemplo, as indígenas ou orientais, envelhecer é algo sagrado e tratado com delicadeza, respeito e reverência (LOPES, 2012, p. 27), que pode acontecer pelo fato de a experiência e sabedoria serem valorizadas nessas sociedades, características comuns em pessoas maduras e com idade avançada. Em outras sociedades, como, por exemplo, as ocidentais capitalistas, em grande parte, a velhice é vista como um período de decadência física e mental, uma fase improdutiva da vida (LOPES, 2012, p. 27). Dessa forma, podemos inferir que a visão da sociedade atual sobre a velhice é originada de um contexto social, político, econômico e cultural (NERI, 2007, p. 42).

Nas sociedades orientais, o envelhecimento é uma virtude. Araújo e Carvalho (2005) explicam que, naquele contexto, a velhice é objeto de adoração, e que os jovens recorrem aos idosos em busca de conhecimento e de experiência. Os aconselhamentos são valorizados e o idoso assume posição de destaque na sociedade. Assim, nas sociedades orientais, a função social do idoso é vinculada à experiência e sabedoria de vida que este possui.

Nas sociedades ocidentais, já ressaltamos que o envelhecimento traz alguns problemas de ordem social. O regime capitalista é “um sistema que singulariza a capacidade produtiva em detrimento de outras dimensões do humano” (VERAS; CALDAS, 2004, p. 425), e, dessa forma, aquele que entra em fase improdutiva – por conta da indisposição provocada pelo envelhecimento - aquele que envelhece passa a ocupar posição desfavorável na sociedade, por não apresentar mais utilidade.

A sabedoria e a experiência – que são virtudes apresentadas pelo idoso – no contexto atual, perdem valor frente à palavra da ciência. Dessa maneira, o ancião perderia seu valor

social, e essa perda já é caracterizada por um problema de ordem social que envolve muitas nações, ao mesmo tempo em que pode significar *status*, observando as diferentes sociedades. Ao passo que para alguns a velhice pode representar sabedoria e experiência, para outros pode adquirir conotações que envolvem improdutividade e dependência.

Assim, na próxima seção, abordamos a caracterização do idoso na sociedade atual, bem como as novas variações semânticas para designar a chegada ao envelhecimento.

2.4.2 A caracterização do idoso na sociedade atual

Aos indivíduos que vivenciam o processo de envelhecimento, chamamos de velhos, idosos ou longevos. Esses são os 'protagonistas' do processo, e por isso, abordamos suas particularidades, a fim de melhor caracterizá-los.

Primeiramente, um questionamento se faz válido: quem são aqueles que devemos chamar de velhos, idosos ou longevos? São diversos os indicadores de envelhecimento, tais como o psicológico, o cronológico, o social, etc., os quais já citamos anteriormente. Também sabemos que o envelhecimento é um processo heterogêneo, que acontece de maneira diferente no sujeito. Podemos dizer que o envelhecimento é um processo singular, o que torna imprecisa a sua definição por meio de um único marcador. Porém, formalmente, existe uma chegada à velhice que é comum para todos – ou pelo menos, para cada grupo de pessoas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU) declaram que não há um patamar para estipular o início da classificação etária do idoso, e que os países possuem autonomia para defini-la. Porém, há uma concordância acerca dessa classificação: os países desenvolvidos costumam adotar o patamar de 65 anos e os países em desenvolvimento, 60 anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013). Para as nações subdesenvolvidas, mais especificamente as nações africanas, essas organizações recomendam que a classificação seja 50 anos.

No Brasil, observamos que existe uma disparidade quanto à idade que classifica um idoso. Legislações brasileiras como a Política Nacional do Idoso (PNI) (BRASIL, 1994) e Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), definem como idoso o indivíduo com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Porém, em muitos trechos desses documentos, há a classificação de 65 anos para alguns benefícios, como a gratuidade dos transportes coletivos e o direito à assistência social nos casos de insubsistência. Porém, legalmente, a classificação é de 60 anos, acompanhando a maioria dos países em desenvolvimento.

Assim, o sujeito idoso sob o foco da legislação pode ser caracterizado de modo distinto. Quanto ao termo utilizado para denominar esse sujeito, não é diferente: **idosos, velhos, longevos ou até: membros da terceira idade...** São terminologias que representam a chegada a velhice, porém com diferentes significados.

Peixoto (2007, p. 71) explica que, na França do século XIX, utilizava-se a denominação "velho" ou "velhote" para designar aqueles que não detinham estatuto social. Apesar de Peixoto ressaltar que essas expressões não tinham conotação pejorativa, Agustini (2003, p. 22) nos alerta que o termo 'velho' está relacionado com vetustez, rabugice e o disparate próprio de velho, e que esse termo "tem uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio" (AGUSTINI, 2003, p. 22). Dessa forma, chamar aquele que envelhece de velho pode expressar desprestígio ou desrespeito (MASCARO, 2004, p. 69).

Na França do século XIX, a palavra 'idoso' representava esses indivíduos de forma positiva: era utilizado para denominar aqueles que "detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito" (PEIXOTO, 2007, p. 71). No Brasil, foi nos anos 60 que essa categoria se tornou respeitada por meio dessa palavra (PEIXOTO, 2007). Com o passar dos anos, tal denominação passou a significar "passagem do tempo e aquele que tem bastante idade" (MASCARO, 2004, p. 69). Portanto, na sociedade atual, 'idoso' representa de forma neutra esses indivíduos e consideramos o mais adequado para utilizarmos nesta pesquisa.

Entretanto, existem indivíduos que já são formalmente idosos, ou seja, já alcançaram tal idade para serem considerados dessa forma, porém não aceitam essa denominação. Eles não se sentem enquadrados no estereótipo do "vovô de chinelos e pijama sentado na cadeira de balanço" ou a vovó "tricotando e tomando conta dos netos" (MASCARO, 2004, p. 68). Dessa forma, surge a expressão terceira idade, cunhada na década de 1960 (NERI; FREIRE, 2000, p. 13), a qual representa o envelhecimento ativo e independente. Essa nova denominação converte-se em uma nova etapa da vida em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades e o dinamismo (PEIXOTO, 2007, p. 76). Desse modo, sob o signo da terceira idade, o idoso aceita sua condição – a da 'quase velhice' – sem se considerar enquadrado no perfil de velho, ou, até, idoso.

Neri (2007) faz uma observação: a autora acredita que terceira idade ou até melhor idade – também comum - representam subterfúgios semânticos, que são aparentemente bem-soantes, mas que no fundo servem para mascarar a rejeição da velhice. Isso pode significar que a velhice ainda é um estereótipo na sociedade atual, mas muitos idosos não se sentem enquadrados nele.

De fato, o termo terceira idade é livre do estereótipo do idoso, ou até do velho, termos esses que podem representar fragilidade, dependência ou debilidade física (VENTURINI; BOKANY, 2007). Porém, existem algumas limitações quanto ao uso dessa denominação: primeiramente, o termo terceira idade designa a idade em que a pessoa se apresenta, intermediariamente, entre a vida adulta e a velhice (NERI; FREIRE, 2000), aqueles que consideramos jovens idosos (PEIXOTO, 2007, p.76). Assim, o limite de idade em que um idoso pode se considerar inserido na terceira idade é até os 75 anos (PEIXOTO, 2007, p. 76). Depois desse período, podemos dizer que o idoso pertence à quarta idade, isto é, aquele que associa a continuidade da vida ativa por meio da autonomia e das práticas de sociabilidade à imagem tradicional da velhice, ou seja, à decadência ou incapacidade física (PEIXOTO, 2007, p. 77). No século XXI, já escutamos também a denominação quinta idade, que representa aqueles idosos velhos – aqueles com mais de 85 anos – (PEIXOTO, 2007), que desfrutam dessa fase com qualidade de vida.

Independentemente da terminologia utilizada, existem características que são comuns aos idosos da sociedade atual. Essas características – que podem representar declínios ou conveniências – são explanadas na próxima subseção.

2.4.3 Os declínios e as conveniências do envelhecimento

Embora seja considerado um processo multidimensional, e ainda que se manifeste de forma singular em cada indivíduo, é possível delinear algumas características que são comuns aos indivíduos idosos, na maioria das vezes.

A pesquisa desenvolvida por Charchat-Fichman *et al.* (2005), por exemplo, apresenta uma característica do idoso que é recorrentemente citada na literatura, e já foi apresentada aqui, em seção anterior: o declínio da cognição. Segundo os autores, na população de idosos, observa-se declínio da capacidade cognitiva, em função do próprio processo de envelhecimento ou em virtude do surgimento de síndromes demenciais, recorrentes nesta fase da vida. Por conta dessa ocorrência, o período da velhice pode dificultar a assimilação de conteúdos e de informação (CHARCHAT-FISHMAN *et al*., 2005), tornando o idoso vulnerável, conforme apresentamos na seção 2.1.1.

Existem, ainda, outros declínios que são comuns na fase da velhice. Williamson e Asla (2009) afirmam que há a predisposição a possuir problemas de saúde, que é natural do processo biológico de envelhecimento. Ainda, os laços sociais podem tornar-se tênues, em função da

morte de amigos e entes queridos, ou também por conta da perda de mobilidade (WILLIAMSON; ASLA, 2009).

A aposentadoria, que pode ser uma realidade para os idosos, também pode vir acompanhada da diminuição da renda: o sujeito, dessa forma, passa a dispor de menos recursos financeiros para desfrutar de lazer e qualidade de vida. A aposentadoria ainda marca o início de um período potencialmente improdutivo em termos econômicos, e, ao sabermos que, atualmente, o papel social de um indivíduo está intimamente atrelado à capacidade de produzir, ao passar a representar um ônus para a sociedade o idoso pode considerar-se despido de papel social (FECHINE; TROMPIERI, 2012), conforme comentamos na seção 2.1.1.

Essas razões contribuem para considerarmos a velhice como um período de aumento de dependência – física e psíquica – e também de desabilidade (WILLIAMSON; ASLA, 2009).

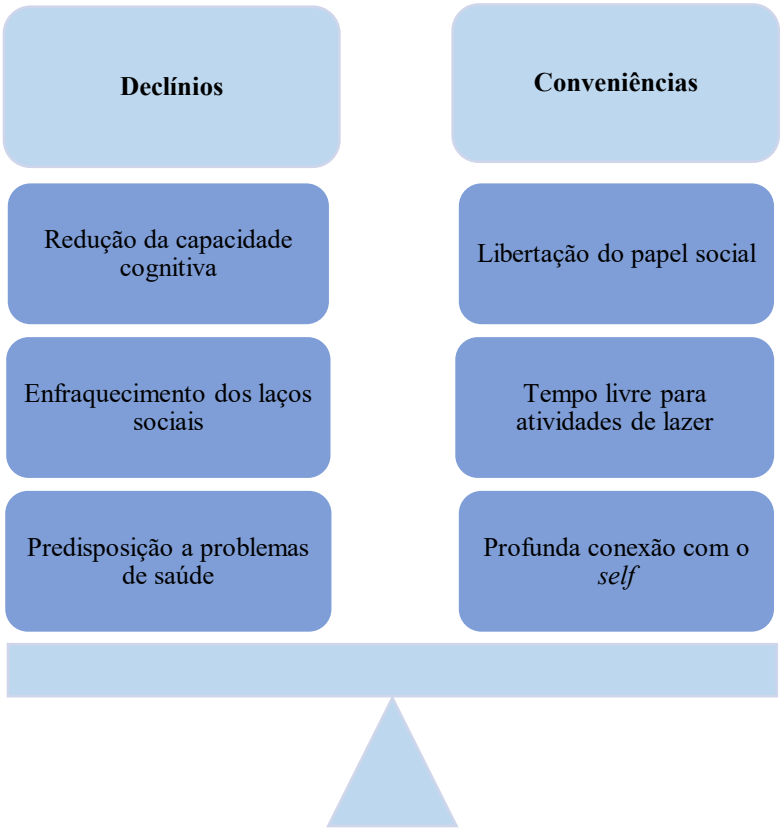
Apesar de ser majoritariamente caracterizada por potenciais declínios, a fase da velhice também possui conveniências que podem ser experienciadas pelo sujeito idoso. Baptista (2006), em seus estudos sobre Erickson (1980; 1997) e Baltes (1998), afirma que a velhice é o período final do processo de construção do *self* do sujeito, o período em que há o culminar da resolução positiva da crise final do ciclo de vida. Há, dessa forma, uma incorporação das memórias e experiências, e essas colaboram para que haja uma conexão entre passado e presente, de modo a criar uma imagem mítica de si mesmo. Nessa fase, o sujeito passa a dispor de sabedoria. Trata-se, nesse sentido, de um período de profunda conexão com o *self*.

Além disso, o período da velhice pode ser marcado pela obtenção da aposentadoria, que, segundo a literatura, apesar de poder vir acompanhada de diminuição de renda, possibilita ao sujeito a conquista da estabilidade financeira (DOLL, 2007). Ainda, há também a disposição maior de tempo livre para atividades de lazer e de cuidados com a saúde, que são essenciais para o bem-estar e a qualidade de vida do idoso. Anteriormente, relatamos que a aposentadoria pode chegar acompanhada de perda de papel social, entretanto, essa perda pode ser considerada benéfica pelo indivíduo: Doll (2007), em seus estudos sobre a teoria sociológica do desengajamento, afirma que a desvinculação do sujeito com seu papel social – seja ele relacionado ao trabalho, amigos, família, entre outros – pode proporcionar aos idosos uma sensação de satisfação e contentamento, na medida em que estes passam a ser livres de responsabilidades perante o sistema social ao qual estão vinculados.

De toda forma, essas conveniências estão condicionadas às circunstâncias daqueles que as vivenciam. Assim, o processo de envelhecimento além de multidimensional também é subjetivo – depende daquele que o experiencia – e a velhice bem-sucedida está atrelada a influências de ordem sociocultural, como, por exemplo, o acesso a oportunidades educacionais,

adoção de cuidados em saúde, e realização de ações que acompanham o curso da vida e se estendem às fases tardias da vida" (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008, p. 796). A Ilustração 2 mostra elementos referentes aos declínios e às conveniências do envelhecimento, ao considerarmos este um processo subjetivo.

Ilustração 2: Declínios e conveniências do envelhecimento



Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

É possível compreender, a partir da Ilustração 2, que tanto nos declínios e nas conveniências dos idosos está presente o aspecto social, de vivência no coletivo.

De fato, as relações sociais são imprescindíveis para a qualidade de vida não só do idoso, mas de qualquer indivíduo. Dalla Vecchia *et al.* (2005) realizaram um levantamento acerca da percepção dos idosos com relação à qualidade de suas vidas. Na pesquisa, os autores interrogaram, em 2003, 384 idosos do município de Botucatu, no Estado de São Paulo. Das onze categorias originadas a partir das respostas dos entrevistados, aquela mais recorrente (49% dos entrevistados) considerou preservar os relacionamentos interpessoais, que significa "manter fortalecidos em número e qualidade os vínculos com a família, contribuindo se possível com a

educação de filhos e netos, bem como estendendo a vizinhos e amigos, solidificando sua rede de suporte social na senectude[9]" (DALLA VECHIA *et. al.*, 2005, p. 249)[10].

Aristóteles (2013) discorre sobre relações sociais sob o signo da amizade, e acredita que a verdadeira forma de alcançar a felicidade é por meio desta. É por essa questão que podemos verificar a formação, entre os idosos, das redes de apoio e de suporte social. Na próxima subseção, discorremos acerca dessas redes e da formação de Grupos da Terceira Idade (GTI).

2.4.4 Redes de apoio e suporte social e GTI

As relações sociais são nossa forma de exercer o 'eu político', conforme exploramos na subseção 2.3.1. É a partir das relações sociais que criamos comunidades, que são agrupamentos sociais que nos permitem adquirir conhecimento acerca de si e do mundo e dar-lhe significação (RESENDE *et al.*, 2006, p. 1). Quanto aos idosos, inferimos que o desenvolvimento humano saudável está intrinsicamente relacionado ao convívio social, e acreditamos que "o idoso está transformando sua realidade de exclusão e discriminação no momento em que se inclui na rede social e se articula com outros parceiros" (PORTELLA, 2004, p. 125). Para os idosos, é comum a formação de redes de apoio social e redes de suporte social, inclusive por meio dos GTI. Nessa seção, pretendemos explorar essas iniciativas.

Existem diversas denominações utilizadas para tratar de relações sociais no campo da psicologia. Martins (2005) alerta que alguns termos como rede social, rede de suporte formal ou informal e rede natural de ajuda são iniciativas dessa natureza, que possuem conotações distintas e representam movimentos distintos.

Terminologicamente, o termo 'rede social' se refere às relações sociais e às suas características morfológicas e transacionais (MARTINS, 2005). Uma rede social pode ser formada a partir de relações naturais, ou seja, resultado da afetividade que é construída a partir da convivência em sociedade, ou por um propósito específico, ou seja, uma rede social

[9] Senectude, segundo Mascaro (2004), é a fase da vida em que os resultados do processo de envelhecimento já podem ser observados. Trata-se do somatório de ações orgânicas, funcionais e psicológicas próprias do envelhecimento normal.

[10] A pesquisa listou onze categorias que poderiam representar qualidade de vida para os idosos e considerou a opinião dos sujeitos. Das onze, cinco categorias obtiveram significativa representatividade para os entrevistados (consideramos como significativas categorias optadas por mais de 20% dos idosos). Além de "preservar os relacionamentos interpessoais" que foi a categoria mais escolhida pelos entrevistados (49%), as representativas foram "mantendo uma boa saúde", (em segundo lugar com 38.9% dos entrevistados); em terceiro lugar: "mantendo o equilíbrio emocional" (representou a opção de 29% dos idosos entrevistados); em quarto: "acumulando bens materiais" (com 28.5% dos votos); em quinto: lazer e diversão (optada por 22,46% dos idosos).

construída visando uma ajuda concreta às pessoas (MARTINS, 2005). A primeira é denominada rede de apoio social e a última, rede de suporte social.

Sendo denominadas redes de suporte ou redes de apoio social, tais movimentos podem proporcionar ao indivíduo qualidade de vida. Isso acontece pelo fato de o sentimento de ser amado e valorizado levar os indivíduos a escapar ao isolamento e ao anonimato (MARTINS, 2005). Assim, embora involuntariamente, essas redes auxiliam o indivíduo na construção do 'eu político'

Dentre as funções de uma rede de apoio social, Neri (2001, p. 110-111) destaca:

> 1) Dar e receber apoio emocional, ajuda material, serviços e informações.
> 2) Manter e afirmar a identidade social.
> 3) Estabelecer novos contatos sociais.
> 4) Permitir às pessoas crerem que são cuidadas, amadas e valorizadas.
> 5) Dar-lhes garantias de que pertencem a uma rede de relações comuns e mútuas.
> 6) Ajudá-las a encontrar sentido nas experiências do desenvolvimento, principalmente quando elas são não-normativas e estressantes.
> 7) Auxiliar as pessoas a interpretar expectativas pessoais e grupais e a avaliar as próprias realizações e competências.
> 8) Dar chances para que as pessoas desenvolvam estratégias de comparação de suas competências e realizações com as de outras pessoas (mecanismos de comparação social). Com isso elas podem manter a auto-imagem e a autoestima e aprender sobre si próprias.

Neri (2001) reitera que esses mecanismos assumem um valor fundamental na velhice, por se tratar de um período de muitas perdas – as quais abordamos em subseção anterior.

Outra forma de relação natural, ou seja, construída por meio de afinidades, é o seio familiar. Nas redes sociais, é a família que ocupa a posição central, e, além do suporte emocional, também oferece, na maioria das vezes, suporte funcional[11] (RESENDE *et al.*, 2006). Em todo o mundo, a família é a fonte primária de apoio social ao idoso. Dados internacionais, que se repetem no Brasil, mostram que cerca de 90% dos idosos vivem em família. Mesmo quando os filhos vivem geograficamente longe, em geral preservam-se os laços afetivos com os idosos (ROSENMAYR, 1977 *apud* NERI, 2011). Essa convivência ou 'intimidade' é benéfica, inclusive, para a saúde mental e redução do estresse (RESENDE *et al.*, 2006). No ambiente familiar, a maioria dos idosos sente-se integrada e esse contato "reitera a imagem

[11] O suporte funcional é o apoio recebido pelo indivíduo que tem dificuldades para se locomover, comer, realizar necessidades fisiológicas etc.

clássica da vida familiar como o espaço dos sentimentos e da unidade" (ALVES, 2007, p. 129). Ressaltamos acerca da importância deste ambiente, porém, cabe considerar que existem outras formas de convívio igualmente válidas para a velhice saudável.

Uma delas inclui o estabelecimento de laços de amizade, que é uma das características das redes de apoio social. Possui importância significativa para o grupo de idosos, que muitas vezes "vive num contexto familiar em que se sente desorientado, depressivo, preterido, inseguro e, por vezes, isolado" (PORTELLA, 2004, p. 144). Alves (2007, p. 129) destaca que, "ao contrário das relações de parentesco, marcadas pela ideia de obrigação e responsabilidade, a esfera da amizade põe em relevo a escolha pessoal". Esse estabelecimento de laços formados por uma escolha pessoal conduz à intimidade e à reciprocidade, que são elementos que "favorecem a construção de uma identidade comum e o estabelecimento de laços de ajuda e de conforto emocional" (ALVES, 2007, p. 130). Inclusive, acredita-se que a amizade pode ser mais eficaz do que o seio familiar para o bem-estar subjetivo do idoso, em virtude de os relacionamentos de amizades serem de livre escolha, e, portanto, mais funcionais ao atendimento das necessidades afetivas dos envolvidos (REZENDE *et al.*, 2006).

De fato, viver coletivamente é crucial para alcançar qualidade de vida, principalmente no período da senectude, quando o indivíduo já não contribui para o desenvolvimento econômico da sociedade. As relações oferecem suporte emocional e muitas vezes funcional, além de auxiliarem o indivíduo na construção da identidade. Portella (2004, p. 78, grifo nosso) discorre sobre a importância do coletivo para a velhice saudável e para a construção da cidadania:

> para se viver a velhice plenamente, precisa-se, além de ter saúde, sentir-se valorizado e respeitado e, ainda, achar-se capaz de tomar decisões por conta própria. Um ser humano oprimido não consegue com facilidade tomar decisões nem se sente respeitado e valorizado. Para os idosos conquistarem o respeito e valorização, primeiramente, precisam conhecer as condições opressoras a que estão submetidos, as quais resultam num estado de não-cidadão. Essas conquistas **estão sendo facilitadas no coletivo**.

Assim, os idosos que vivem no coletivo percebem que têm força para lutar contra a opressão, e também que podem, por meio do coletivo, mudar a realidade em que vivem, e se tornarem novos sujeitos sociais (PORTELLA, 2004). Dessa forma, os idosos se engajam em redes de apoio social.

O mais comum desses movimentos é o dos Grupos da Terceira Idade (GTI), que, além do ideal de construção da cidadania, propõem a integração social por meio de atividades de lazer e educação. A formação desses grupos, inicialmente, busca atender ao problema do isolamento social, enfrentado por uma significativa parte dos idosos.

A iniciativa da formação desses grupos também surge para tornar esse indivíduo 'visível' para a sociedade, e dar-lhe um papel social. Assim, permite "desencadear, tanto na pessoa idosa quanto na comunidade, uma mudança comportamental diante da situação de preconceito que existe nessa relação" (RIZZOLI; SURDI, 2010, p. 226). Os GTI também preconizam a justiça social, a solidariedade e a autonomia.

Justiça social, nos grupos da terceira idade, significa a inserção do idoso para a cidadania, no momento em que, no ambiente dos grupos, são discutidas questões sociais. A solidariedade pode estar revestida, nesse ambiente, nos laços afetivos que integram esses indivíduos, criando relações com indivíduos da mesma geração, e favorecendo seu bem-estar psicológico e social (RESENDE *et al.*, 2006). A autonomia parece estar presente, nos grupos, por meio das estratégias educacionais, que estimulam no idoso o exercício da cognição para evitar a deterioração da capacidade cognitiva (LIMA, 2001, p. 60).

Para atender aos ideais propostos, são desenvolvidas atividades no interior dos grupos. Embora possam diferir, Portella (2004, p. 26) menciona que, nos grupos de terceira idade, normalmente, os idosos "organizam-se em grupos para fazer ginástica, dançar, cantar, conversar, viajar, frequentar fóruns de debate e seminários temáticos; para trocar ideias e experiências", e isso reveste-se como uma "forma de lutar contra a estagnação social da velhice e de viver saudavelmente essa etapa da vida" (PORTELLA, 2004, p. 26). A partir dessas atividades, os grupos atendem aos preceitos de redes de apoio social. Esse ideal contempla, segundo Portella (2004, p. 26) a "criação de um novo sujeito social, o qual redefine o espaço da cidadania, lutando por um modo de vida melhor".

Os grupos de terceira idade surgiram no Brasil em 1963, no Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo (DOLL, 2007) e podem estar vinculados a diversas organizações, como o Poder Público, à igreja católica e às Universidades Abertas (PASQUALOTTI; BARONE; DOLL, 2012, tradução nossa).

Os resultados do convívio desses indivíduos em grupo, para Portella (2004, p. 83), são visíveis:

> a partir do momento em que saem de casa e passam a frequentar o GTI [Grupo da Terceira Idade], eles [os idosos] estão reestabelecendo uma relação de respeito e valorização do idoso, pois eles mesmos começam a trabalhar entre si. Alguns preconceitos bastante negativos que incorporaram a respeito de si próprios, aos poucos, começam a se desfazer, tornando-os cada vez mais confiantes. Nos GTI [Grupos da Terceira Idade], passam a articular-se com outros atores sociais, o que resulta numa ampliação do espaço participativo; o contato e a troca de experiências efetivadas no coletivo facilitam o desenvolvimento de um processo de discussão sobre as questões relacionadas ao envelhecimento e fortalecem a cooperação e o desencadeamento de ações solidárias. Isso tudo aguça ainda mais o espírito de participação, movido pela consciência política que aflora.

Na medida em que os idosos estão inseridos em sociedade e se sentindo novamente 'revestidos' de papel social, a participação nesses grupos proporciona bem-estar e, consequentemente, reduz os problemas comuns enfrentados por esses indivíduos nessa fase da vida (PORTELLA, 2004, p. 24). Portella (2004) complementa que, o simples fato de convidar os idosos para sair de casa, conversar e se distrair, e, até, de movimentar-se "revela-se uma estratégia capaz de tornar saudável o processo de viver de muitos daqueles que se encontravam sem projetos para suas vidas" (PORTELLA, 2004, p. 112).

Sabemos que os grupos da Terceira Idade podem promover a dimensão coletiva, e que esta, por sua vez, proporciona o sentimento de bem-estar no idoso. Também podemos entender que promovem a cidadania, na medida em que reunidos, os idosos percebem que têm força para transformar a realidade social em que vivem (PORTELLA, 2004, p. 61). Dessa forma, na próxima seção, nos dedicamos a explanar acerca do percurso da cidadania e políticas públicas para o idoso no Brasil. Essa explanação, ainda, dá conta de apresentar algumas nuances sobre a posição do idoso no contexto democrático contemporâneo.

2.4.5 Cidadania e políticas públicas para o idoso no Brasil

Na subseção acerca da dimensão política sob uma perspectiva filosófica, abordamos a cidadania de um modo geral. No contexto do idoso, cidadania possui suas nuances: envolve dignidade, bem-estar, autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994). Na busca por esses ideais, alguns componentes são cruciais, como "educação, organização política, identidade cultural, informação e comunicação, destacando-se, acima de tudo, o processo emancipatório" (DEMO, 1995, p. 1). Para assegurar a cidadania do idoso, são desenvolvidas políticas públicas específicas para esse grupo, que possibilitam preservar suas particularidades.

No contexto do idoso, a cidadania – sob o foco das políticas públicas - passou a ser discutida na ocasião em que esse indivíduo começou a sofrer as consequências da exclusão social, e tomou a atenção de entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização Mundial da Saúde (OMS) (FERNANDES; SANTOS, 2007; CORREA, 2009). Relembramos que parte dessa exclusão se dá pela ideologia capitalista, que transforma os improdutivos em "cidadãos de segunda classe" (ALMEIDA; GONÇALVES; LIMA, 2005; CRUZ; LEITE, 2005), os quais passam a representar um ônus para a sociedade (CORREA, 2009, p. 51).

Assim, com a transição democrática pós-ditadura, foi possível criar políticas públicas para beneficiar esse grupo (FALEIROS, 2007, p. 36), e, passou-se a combater o estigma da velhice pauperizada, abandonada e asilada, desenhando-se, assim, uma nova imagem, que transforma o idoso "em um cidadão de direitos e protegido por lei, útil à sociedade, com maior participação na família e na comunidade, apresentando o envelhecer como uma fase positiva da vida" (CORREA, 2009, p. 54).

No plano governamental, sabemos que a transição para a democracia possibilitou a elaboração, em 1988, de uma nova Constituição. Foi nesse momento, segundo Agustini (2003, p. 94), que o idoso passou a ser beneficiado com políticas públicas exclusivas para esse contingente. O autor menciona que, pela primeira vez, temos realmente um texto constitucional que, de uma forma objetiva, demonstra a preocupação do Estado com a velhice. Nesse texto, por exemplo, assegura-se que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida (BRASIL, 1988). Ainda, é na constituição que os idosos maiores de 65 anos passam ter assegurada a gratuidade no transporte coletivo urbano (BRASIL, 1988) e, aqueles que não possuírem meios de prover a própria manutenção, passa a ser dever do Estado a garantia de um salário mínimo de benefício mensal (BRASIL, 1988).

A constituição foi pioneira no cuidado com idoso, ao relacionar o idoso como cidadão provedor de direitos diferenciados, observando suas particularidades. A constituição originou discussões sobre políticas públicas específicas para o idoso, contribuindo, por exemplo, para a construção da Política Nacional do Idoso (PNI), sancionada pela lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo decreto n. 1.948, de 3 de julho de 1996.

A PNI representou expressivo avanço na questão do direito do idoso. Foi elaborada, segundo Rodrigues *et al.* (2007, p. 537), com o objetivo de "assegurar direitos sociais que garantam a promoção da autonomia, integração e participação efetiva do idoso na sociedade, de modo a exercer sua cidadania". Essa legislação é composta por diretrizes, estratégias e ações para a promoção da cidadania do idoso. No artigo 4º inciso I, a PNI prevê a "viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações" (BRASIL, 1994). No inciso II, sustenta a "participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos" (BRASIL, 1994). Esses dois fundamentos, ao que parece, vêm assegurar a integração deste grupo na sociedade.

Ainda, a PNI indica a garantia "ao idoso à assistência à saúde, nos diversos níveis de atendimento do Sistema Único de Saúde" (BRASIL, 1994). Também fomenta o "apoio a

estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao envelhecimento" (BRASIL, 1994), além de prever o "estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento" (BRASIL, 1994). Essas recomendações, ao que nos parece, são tentativas de produzir conhecimentos sistematizados sobre gerontologia, o que indica o cuidado do Estado com a minimização de preconceitos da sociedade com relação à velhice.

Além dessas, a PNI estabelece outras diretrizes que podem contribuir com a saúde, cidadania e o bem-estar desse grupo de indivíduos. Vale ressaltar que essa legislação criou o Conselho Nacional do Idoso, que, em 2002, passou a se chamar Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI), que atualmente é o órgão que zela pela aplicação da política nacional de atendimento ao idoso (ALMEIDA; GONÇALVES; LIMA, 2005, p. 26).

A legislação que atualmente se mostra mais expressiva quanto à cidadania do idoso é o Estatuto do Idoso, sancionado pela lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003 e aprovado pelo decreto 5.934, de 18 de outubro de 2006. Esse estatuto representa, segundo Correa (2009), uma conquista ímpar para a cidadania do grupo de idosos. Significa um marco para as políticas dirigidas à velhice no sentido de reconhecer, por lei, os direitos da pessoa idosa e lhe assegurar prioridades (CENEVIVA, 2004). Correa (2009, p. 58) esclarece que o Estatuto do Idoso inaugura um novo olhar sobre o processo de envelhecimento do ser humano, haja vista que ele se destaca de outras fases da vida em termos legais.

Contemplando 118 artigos, o Estatuto do Idoso garante os direitos fundamentais apoiados no direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003). A partir dessas 'bases de apoio', reitera outros direitos já assegurados, como a gratuidade nos transportes coletivos urbanos para aqueles maiores de 65 anos e o direito ao benefício de um salário mínimo em casos de insubsistência. Ainda, contempla outros benefícios antes sequer discutidos, como o atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos diversos órgãos públicos e privados, o embarque em transportes coletivos, ou até prioridade na tramitação de processos judiciais.

Com relação à saúde do idoso, destacamos a asseguração do poder público de atendimento integral a sua saúde, por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS). Também é garantido à pessoa idosa um acompanhante nos serviços de saúde dos estabelecimentos públicos e privados. Há, ainda, o direito ao lazer, em que é assegurado ao idoso o desconto de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

O Estatuto do Idoso protege, inclusive, os idosos contra maus-tratos. Está prevista a punição para qualquer indivíduo que praticar violência contra o idoso, ou qualquer ação ou omissão praticada em local público ou privado que lhe cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico. Essa determinação é reiterada pela lei n. 12.461, de 26 de julho de 2011, que estabelece sanções para tais atos.

Com relação à educação e cultura, o Estatuto do Idoso prevê o direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de saúde. Ainda, prevê a participação dos idosos das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais (BRASIL, 2003).

Dessa forma, percebemos que a população idosa é contemplada com uma gama de legislações específicas, que buscam atender às particularidades desse grupo.

Observamos que existem muitas cartilhas distribuídas pelo poder público para a população idosa que apresentam os direitos dessa população. Tais cartilhas objetivam a ampla divulgação da legislação específica da pessoa idosa, que muitas vezes é desconhecida pela maior parte dos próprios idosos, os beneficiários. Seus criadores acreditam que quanto mais forem divulgados esses dados, maior pode ser o auxílio do poder público para a construção da cidadania do idoso. Araújo (1999, p. 155, grifo nosso) esclarece que:

> a construção da cidadania ou de práticas de cidadania passa necessariamente pela questão do **acesso e uso de informação**, pois tanto a conquista de direitos políticos, civis e sociais, como a implementação dos deveres do cidadão dependem fundamentalmente do livre acesso à informação sobre tais direitos e deveres, ou seja, depende da ampla disseminação e circulação da informação e, ainda, de um processo comunicativo de discussão crítica sobre as diferentes questões relativas à construção de uma sociedade mais justa e com maiores oportunidades para todos os cidadãos [...] o não-acesso à informação ou ainda o acesso limitado ou o acesso à informações distorcidas dificultam o exercício pleno da cidadania.

Dessa forma, acreditamos que a cidadania do idoso é um processo que pode ser construído em conjunto, e a nossa contribuição enquanto pesquisadores da ciência da informação é encontrar meios para disponibilizar dados que favoreçam a informação e o conhecimento, a fim de auxiliarmos esses indivíduos na construção da cidadania.

Nesta seção, apresentamos os elementos que circundam a investigação: a competência em informação, a mediação, a dimensão política sob a perspectiva filosófica, o idoso e suas características. Nossa proposta de tese compreende dois pontos: a competência em informação do idoso e a dimensão política da competência em informação, que são temas pouco explorados

na literatura. A próxima seção dá conta de apresentar uma revisão de literatura acerca dessas duas temáticas, e busca, ainda, aprofundar os conhecimentos acerca dos tópicos.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO E DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: EM BUSCA DO ESTADO DA ARTE

Anteriormente, apontamos que a teoria representa uma das fontes que compõem a construção desta tese, a qual fornece a identificação do conhecimento já produzido e já socializado na comunidade científica. O mapeamento de um estado da arte, nesse sentido, é útil para detectar o *status* dos conhecimentos já elaborados sobre determinado objeto e oferece um 'ponto de partida' para a construção de novos conhecimentos. Ainda, possibilita aprofundar conceitos e definições.

Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011, p. 329) mencionam algumas funções dos balanços de estado da arte, a saber:

> a) tais balanços ajudam a detectar estágios de teorias e métodos; b) colocam em relevo aspectos do objeto de estudo que esboçam nas entrelinhas possibilidade de novas pesquisas; c) revelam em que medida a pesquisa recente se relaciona com as anteriores; d) permitem avançar pelo real acréscimo ou melhoria do que já se conhece, ou mesmo pela superação de concepções anteriores e abordagem das lacunas do problema (VIANNA; ENSSLIN; GIFFHORN, 2011, p. 329).

Ainda, esse mapeamento pode revelar, para esta pesquisa, os campos do conhecimento em que se inserem as pesquisas que incluem as temáticas tratadas nesta tese, visto que se tratam de abordagens que compreendem outras áreas do conhecimento.

Nesta seção, nossa proposta reside na identificação do estado da arte da abordagem de pesquisa da dimensão política da competência em informação do idoso. Essa identificação envolve o levantamento bibliográfico dos dois tópicos que circundam essa proposta: a competência em informação do idoso e a dimensão política da competência em informação. A consecução dessa tarefa inclui uma revisão de literatura, realizada a partir de um conjunto de documentos que foram selecionados por meio de um processo estruturado para a revisão de literatura elaborado por Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011). Tal processo inclui um *design* de pesquisa que favorece a composição de uma amostra que representa o *status* da literatura científica publicada sobre abordagens específicas. Tal *design* possibilita, além da seleção de bases de dados, palavras-chave para a busca e seleção de critérios de exclusão, a análise dos artigos recuperados, que conferem ao pesquisador certificar-se da aderência e do alinhamento dos documentos à investigação em questão.

A operacionalização do processo estruturado está apresentada detalhadamente no apêndice A. O apêndice A revela que não há um corpo de pesquisas, tanto em âmbito local quanto internacional, que trata da especificamente da dimensão política da competência em informação do idoso. Nesse sentido, nossa apresentação do estado da arte envolve os dois

tópicos de abordagem da tese: a competência em informação do idoso e a dimensão política da competência em informação. É oportuno salientar que a revisão de literatura identifica o *status* da temática em âmbito mundial e também em âmbito local (que, para essa pesquisa, compreende o espaço da Ibero-América[12]). Essa identificação foi possível a partir da seleção de bases de dados de diferentes abrangências geográficas. Ainda, também houve a intenção de identificar as áreas do conhecimento que 'hospedam' as investigações relacionadas à temática.

3.1 O *STATUS* DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOLIDIFICADOS ACERCA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO

A revisão da literatura[13], que foi construída a partir de um processo estruturado idealizado por Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011), mostrou-nos que a abordagem envolvendo competência em informação e os idosos é compreendida de forma discreta na literatura. Nosso levantamento constatou que 17 investigações publicadas nos últimos 11 anos (entre 2006 e 2016) relacionam-se diretamente a essa temática, em específico. Desse total, 12 investigações referem-se ao corpo de pesquisas desenvolvidas em âmbito mundial, e cinco representam o corpo de pesquisas desenvolvidas em âmbito local (Ibero-América).

O Quadro 2 mostra as publicações selecionadas para compor o estado da arte das pesquisas desenvolvidas nessa temática em âmbito mundial.

A partir da análise dos documentos apresentados no Quadro 2, observamos que existem diferentes abordagens de estudo sobre a competência em informação do idoso. Dessas abordagens, a maioria delas relaciona-se à saúde: oito das doze pesquisas investigadas envolvem a questão da saúde do idoso nas discussões. Também observamos a expressiva representatividade de estudos envolvendo o campo específico da Biblioteconomia: cinco trabalhos – que exploraremos mais à frente - compreendem estudos desenvolvidos em bibliotecas ou por bibliotecários.

Podemos identificar, ainda, que sete investigações foram publicadas em periódicos da área da CI, enquanto quatro delas referem-se a periódicos da área da saúde. A área da Ciência da Computação também está presente dentre os resultados: um dos artigos que compõem o

[12] A Ibero-América compreende uma região onde o português ou espanhol são as línguas predominantes. Inclui os países da América Latina e Caribe (exceto Haiti, Guiana Francesa, Martinica, Guadalupe, São Martinho e São Bartolomeu), Portugal (Europa), Espanha (Europa) e Guiné Equatorial (África).

[13] A sistematização da revisão de literatura, que inclui a seleção das bases de dados, escolha de palavras-chave, critérios de seleção dos artigos para compor a amostra do estado da arte e resultados finais da seleção está apresentada detalhadamente no Apêndice A.

corpus de pesquisas está publicado em periódico desta área. Nesse sentido, podemos constatar que, embora os estudos sobre competência em informação do idoso estejam vinculados à questão da saúde, essas investigações são de interesse de bibliotecários e pesquisadores da área da CI. É, então, na área de CI que a competência em informação do idoso insere-se, de acordo com os resultados apontados pela nossa investigação.

Quadro 2: Documentos selecionados para compor o estado da arte da temática "competência em informação dos idosos" em âmbito mundial

Autoria	Título	Periódico	Ano	Origem
Aspinall, E. E.; Beschnett, A.; Ellwood, A. F.	Health Literacy for older adults: using evidence to build a model educational program	Medical Reference Services Quarterly	2012	Scopus
Bunić, S.	Project 65 plus of Zagreb city libraries active involvement of senior citizens in cultural and social events	Vjesnik Bibliotekara Hrvatske	2010	Scopus
Eriksson-Backa, K.	Elderly people, health information, and libraries: A small-scale study on seniors in a language minority	Libri	2010	WoS, Scopus
Eriksson-Backa, K. *et al.*	Health Information Literacy in everyday life: a study of finns aged 65-79 years	Health Informatics Journal	2012	LISA, WoS Scopus
Gust, K. J.	Teaching with Tiffany's: A go-lightly approach to information literacy instruction for adult and senior learners	Reference Services Review	2006	Scopus
Hallows, K.	Health Information Literacy and the Elderly: Has the Internet Had an Impact?	Serials Librarian	2013	LISA Scopus
Juznic, P. *et al.*	Who says that old dogs cannot learn new tricks?: A survey of internet/web usage among seniors	New Library World	2006	Scopus
Loureiro, A.; Barbas, M.	Active ageing: enhancing digital literacies in elderly citizens	Lecture notes in Computer Science	2014	Scopus
Strong, M. L.; Guillot, L.; Badeau, J.	Senior CHAT: A model for health literacy instruction	New Library World	2012	LISA, Scopus
Suri, V. R. *et al.*	Health information literacy of senior citizens -a review	Comm. in Computer and Information Science	2014	Scopus
Tseng, K.C.; Hsu, C.-L.; Chuang, Y. H.	Designing an intelligent health monitoring system and exploring user acceptance for the elderly	Journal of Medical Systems	2013	Scopus
Watkins, I; Xie, B.	eHealth literacy interventions for older adults: A systematic review of the literature	Gerontech-nology	2014	Scopus

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

O primeiro estudo recuperado por esta pesquisa que inclui o campo da Biblioteconomia quanto à competência em informação do idoso é intitulado *Teaching with Tiffany's: A "go-lightly" approach to information literacy instruction for adult and senior learners*, e foi publicado por Gust (2006). Trata-se de um relato de um programa educacional desenvolvido por bibliotecários e oferecido por uma biblioteca no estado do Michigan, nos Estados Unidos. O programa, intitulado *Magic in the Library: Searching Library and Internet Resources* (para o português: 'Mágica na biblioteca: pesquisando recursos da biblioteca e da internet'), é uma

estratégia de desenvolvimento da competência em informação em adultos acima de 50 anos e idosos, e oferece atividades que incluem o ensino de línguas estrangeiras, de culinária, degustação de vinhos e patinação no gelo. Gust (2006) observou, a partir dessa experiência, que quanto maior o conteúdo oferecido nos programas educacionais, menor é a absorção. Por isso, Gust (2006) sugere: *keep it simple* (para o português: mantenha as coisas simples). Para a autora, pouco conteúdo facilita a absorção do conteúdo pelo sujeito idoso.

Outra pesquisa desenvolvida pelo campo da Biblioteconomia é intitulada *Who says that old dogs cannot learn new tricks?: A survey of internet/web usage among seniors*, e é de autoria de Juznik *et al.* (2006). A pesquisa foi realizada com idosos eslovenos e investigou o papel das bibliotecas e das universidades da terceira idade no desenvolvimento de habilidades para lidar com a internet. Segundo os autores, a internet é o meio tonificante para o desenvolvimento da competência em informação, e as bibliotecas eslovenas, nesse contexto, estão aquém das expectativas na ocasião de desempenhar o papel de mecanismos para o desenvolvimento da competência em informação.

O artigo intitulado *Elderly people, health information, and libraries: A small-scale study on seniors in a language minority*, de Ericksson-Backa (2010) também possui a abordagem de pesquisa dentro do campo da Biblioteconomia: esse estudo investigou o papel das bibliotecas e bibliotecários no desenvolvimento da *Health Information Literacy* (competência em informação em saúde, em português), de idosos da Finlândia. Os autores identificaram que as bibliotecas e bibliotecários são raramente buscados por idosos quando esses indivíduos possuem necessidades de informação com relação à saúde: os médicos são os profissionais mais procurados na busca pela informação para a manutenção dos hábitos saudáveis, segundo a pesquisa.

Outro estudo que envolve a Biblioteconomia tem como título *Project 65 plus of Zagreb city libraries: active involvement of senior citizens in cultural and social events*, e foi desenvolvido por Bunic (2010). Esse estudo apresentou um programa desenvolvido por uma equipe de biblioteca que objetiva aproximar o público idoso dos serviços oferecidos por essas unidades de informação. O programa inclui atividades que compreendem, por exemplo, empréstimo de livros *delivery*; aulas de competência em informação e 'rodas de conversa' com alunos do jardim de infância. Todas as atividades envolvem integração com os outros grupos de pessoas: os autores acreditam que a troca de conhecimentos com outras gerações é frutífera para o desenvolvimento da competência em informação e da aprendizagem ao longo da vida.

Há ainda a pesquisa desenvolvida por Strong, Guillot e Badeau (2012), que é intitulada *Senior CHAT: a model for health literacy instruction*. Trata-se de um estudo que apresenta

resultados de um programa desenvolvido por bibliotecários de uma biblioteca universitária no estado de Louisiana, nos Estados Unidos, que pretendeu ensinar os indivíduos idosos a acessar informação sobre saúde por meio da internet. Segundo os autores, o programa é uma estratégia para o desenvolvimento da competência em informação e o aprendizado ao longo da vida, uma vez que busca estimular esses indivíduos a compreender informações sobre saúde (STRONG, GUILLOT; BADEAU; 2012). Assim como Juznik *et al.* (2006), mencionados anteriormente, os autores desse estudo também atribuem aos bibliotecários a responsabilidade do estímulo ao desenvolvimento da competência em informação dos idosos. A diferença é que, nesse estudo, os autores acreditam que os bibliotecários dos Estados Unidos da América obtêm êxito ao cumprir seu papel (STRONG, GUILLOT; BADEAU, 2012).

Já sabemos que as pesquisas mencionadas anteriormente envolvem bibliotecas ou bibliotecários: ainda, é possível perceber que três delas versam sobre programas de desenvolvimento da competência em informação e também iniciativas para a promoção de *Health Information Literacy* (competência em informação para questões de saúde, para o português). Essa ocorrência pode ratificar uma constatação levantada por Dudziak (2003), que se refere à forte aproximação da educação de usuários com a competência em informação, e nesse aspecto, incluindo a competência em informação do idoso.

Anteriormente, mencionamos acerca da representatividade das áreas da saúde e da ciência da computação nos resultados do levantamento bibliográfico. No caso da área da saúde, esse destaque se dá por conta do movimento denominado *Health Information Literacy*, também chamado *Health Literacy*, que é desenvolvido por pesquisadores da área das ciências da saúde (ERICKSSON-BACKA *et al.*, 2012), além dos pesquisadores da área da CI. Ainda, se analisarmos os metadados dos documentos, essa representatividade é muito maior: dentre os 12 artigos que integram nossa pesquisa em âmbito mundial, oito deles envolvem a palavra *health* no título ou nas palavras-chave dos documentos, embora esses artigos estejam publicados em periódicos da CI ou da Ciência da Computação. Esses estudos contemplam o desenvolvimento de habilidades relacionadas com a informação para a manutenção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida de idosos (ERICKSSON-BACKA *et al.*, 2012).

Parece que a representatividade dos estudos sobre *Health Information Literacy* em relação à competência em informação de idosos é expressiva além dos termos quantitativos: é possível constatar, a partir dos resultados recuperados, que há indícios de uma maturidade científica quanto ao movimento de *Health Information Literacy* de idosos. Observamos, por exemplo, duas pesquisas sobre revisão de conceitos e teorias dentre os resultados encontrados. Uma dessas pesquisas é intitulada *Health Information Literacy of senior citizens: a review*

(SURI *et al.*, 2014), que identificou 42 pesquisas envolvendo esse movimento e a população de idosos entre os anos de 2004 e 2014.

Outro fato que nos leva a perceber certa maturidade científica dessa temática é o número de artigos contemplando iniciativas práticas: três dos oito artigos sobre *Health Information Literacy* abordam estratégias concretas de promoção dessa competência em idosos, e inclusive apresentam resultados obtidos a partir dessas iniciativas. Um desses estudos foi desenvolvido por Strong, Guillot e Badeau (2012), que relataram uma estratégia de desenvolvimento de habilidades no uso das tecnologias para habilitar idosos a buscarem informações sobre saúde na *web*, e identificaram que a maioria dos idosos sentiu-se confortável para utilizar portais populares sobre saúde no ambiente da internet. Outro estudo que contemplou iniciativas foi desenvolvido por Aspinall, Beschnett, Ellwood (2012), que conceberam um programa educacional para desenvolvimento de *Health Information Literacy* de idosos. Esses autores identificaram que, após a participação nesse programa, os idosos foram mais bem-sucedidos em encontrar informação sobre saúde on-line e também se sentiram mais empoderados para questionar. Há também o estudo de Tseng, Hsu e Chuang (2013), que concebeu um sistema inteligente de monitoramento de saúde para idosos com baixo nível de desenvolvimento da competência em informação, de acordo com as particularidades e necessidades desse grupo. Os autores, ainda, obtiveram alto nível de aceitabilidade desse sistema pelos usuários idosos.

Também é possível perceber, dentre os resultados, que há uma substancial representatividade de estudos que inter-relacionam *Health Information Literacy* e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC): cinco dos oito resultados incluem palavras-chave relacionadas à tecnologia, como, por exemplo, as palavras *internet, computer e digital*. Ainda, dois dos seis artigos mencionados anteriormente abordam sobre um movimento *denominado E-health Literacy*, que, segundo Norman e Skinner (2006), significa a capacidade que um indivíduo desenvolve para buscar, compreender e avaliar informações relacionadas à saúde advindas de recursos eletrônicos, e aplicar conhecimentos adquiridos para identificar ou resolver problemas de saúde. É oportuno salientar que as temáticas envolvendo *Health Information Literacy* e outras terminologias associadas não representam sinônimos da competência em informação: trata-se de habilidades e comportamentos informacionais especificamente para a saúde e a manutenção dos hábitos saudáveis. A competência em informação compreende uma esfera mais ampla: preconiza o uso consciente, criativo e benéfico da informação (VITORINO; PIANTOLA, 2009) e visa empoderar o sujeito para a autonomia e a independência nas tomadas de decisão do dia-a-dia. O objetivo, de uma forma geral, é proporcionar a qualidade de vida, o desenvolvimento social, a prosperidade e a liberdade

(INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005). Assim, a contribuição das pesquisas envolvendo *Health Information Literacy* e movimentos adjuntos é limitada para os estudos sobre competência em informação.

Conforme mencionamos anteriormente, a ciência da computação também está dentre as áreas que desenvolvem estudos sobre a temática dessa pesquisa, em âmbito mundial. Sabemos que parte dessa colaboração se dá por meio dos estudos envolvendo *e-health literacy*, mas também é possível observar pesquisas que contemplam habilidades digitais para o desenvolvimento da competência em informação de idosos. É o caso do artigo intitulado *Active ageing - Enhancing digital literacies in elderly citizens*, de Loureiro e Barbas (2014), que apresenta uma estratégia desenvolvida por alunos e professores de uma universidade de Portugal que busca empoderar idosos para a utilização de recursos on-line. Outro artigo que aborda competências digitais já foi citado aqui anteriormente: trata-se da pesquisa de Juznic *et al*. (2006), que propôs identificar a utilização dos recursos da internet pelos idosos, e também identificar o papel das bibliotecas e dos bibliotecários na ocasião de auxiliar no desenvolvimento das competências digitais dos idosos.

Assim, compreendemos que, em âmbito mundial, as pesquisas envolvendo a competência em informação do idoso são desenvolvidas majoritariamente na área da Ciência da Informação. Há uma forte predominância do movimento denominado *Health Information Literacy,* o que justifica a presença massiva da área das ciências da saúde nos resultados.

Essas pesquisas ainda possuem relação com práticas desenvolvidas em bibliotecas ou por bibliotecários, o que nos leva a perceber uma aproximação com a subárea de educação de usuários, que é compreendida por Dudziak (2003), Campello (2003) e Caregnato (2000) como o cerne da competência em informação.

Também foi possível encontrar pesquisas que relacionam práticas biblioteconômicas com a temática da competência em informação do idoso vinculada à saúde, a exemplo dos estudos desenvolvidos por Strong, Guillot e Badeau (2012), e também o estudo de Ericksson-Backa (2010).

Os estudos realizados na área da ciência da computação também constam dentre as pesquisas envolvendo a competência em informação do idoso. Parte dessas pesquisas compreende *Health Information Literacy* e possui abordagem voltada ao desenvolvimento de *e-health literacy*, que é vinculada ao desenvolvimento de habilidades digitais (*digital literacy*) para a manutenção da boa saúde e qualidade de vida. As pesquisas desenvolvidas por Suri *et. al.* (2014) e Watkins (2014) são exemplos de estudos que contemplaram *e-health literacy*. Ainda no campo da ciência da computação, é possível observar pesquisas que envolvem o

desenvolvimento específico de habilidades digitais (*digital literacy*) para a competência em informação do idoso, e também tratam de questões relativas à inclusão digital dessa população: são os estudos desenvolvidos por Juznic *et al.* (2006) e Loureiro e Barbas (2014).

Em âmbito local (Ibero-América), devemos reconhecer que a busca inicial – que está explanada no Apêndice A - não retornou resultados úteis. Dessa forma, no âmbito da Ibero-América, nosso levantamento pressupõe a inexistência de pesquisas sobre competência em informação do idoso. Assim, o processo estruturado proposto por Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011) possibilitou-nos retroalimentar o processo, a partir de termos mais genéricos. O estado da arte que compreende a competência em informação do idoso nesse âmbito é formulado a partir de cinco documentos que contemplam a relação do idoso com a informação e com processos de aprendizagem que estimulam a cidadania, a liberdade e a qualidade de vida. Os documentos que compõem o corpus de estudos da temática podem ser observados no Quadro 3.

A partir de uma análise do Quadro 3, podemos constatar a existência de uma linha de investigação desenvolvida na Ibero-América de pesquisas em literacia em saúde, letramento funcional em saúde e alfabetização em saúde. Essa linha de pesquisas parece corresponder ao movimento denominado *Health Information Literacy*, que foi identificado na ocasião da revisão de literatura sobre competência em informação e idoso em âmbito mundial.

Quadro 3: Documentos selecionados para compor o estado da arte da temática "competência em informação dos idosos" em âmbito da Ibero-América

Autoria	Título	Periódico	Ano	Origem
Serrão, C.; Veiga, S.; Vieira, I.	Literacia em saúde: resultados obtidos a partir de uma amostra de pessoas idosas portuguesas	Revista Portuguesa de enfermagem de saúde mental	2015	SciELO
Machado , A. L. *et al.*	Instrumentos de letramento em saúde utilizados nas pesquisas em enfermagem com idosos hipertensos	Revista Gaúcha de Enfermagem	2014	SciELO
Santos, M. I. *et al.*	Letramento informacional em saúde na perspectiva da enfermagem gerontológica: revisão integrativa da literatura	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	2015	SciELO
Santos, M. I.; Portella, M. R.	Condições do letramento funcional em saúde de um grupo de idosos diabéticos	Revista Brasileira de Enfermagem	2016	SciELO
Paskulin, L. M. *et al.*	Alfabetização em saúde de pessoas idosas na atenção básica	Acta Paulista de Enfermagem	2012	SciELO

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

Serrão, Veiga e Vieira (2015) definem letramento funcional em saúde como o desenvolvimento de conhecimentos e competências para compreender, avaliar e mobilizar

informações sobre saúde, para que os indivíduos possam tomar decisões relacionadas a cuidados de saúde, prevenção de doenças e promoção da saúde para manter ou melhorar a qualidade de vida. Ressaltamos que literacia e alfabetização em saúde não representam sinônimos da competência em informação, pois esta envolve um conjunto de capacidades para um propósito superior, que é a liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento social. Assim, a colaboração das pesquisas envolvendo a temática é limitada. De toda forma, as investigações dessa temática são úteis para a pesquisa, na medida em que tratam de uma competência para lidar com a informação que o idoso desenvolve para tomar decisões bem-sucedidas na rotina do dia-a-dia – nesse caso, especificamente, decisões vinculadas à saúde.

Com relação ao campo do conhecimento compreendido no *corpus* de pesquisas sobre a temática em âmbito local, devemos considerar que, ao contrário das pesquisas em âmbito mundial, o status das pesquisas nessa área geográfica não compreende a CI, tampouco a Biblioteconomia. A análise resgatou somente estudos desenvolvidos nas áreas da saúde: todos os cinco artigos que constituem o *corpus* da pesquisa foram publicados em revistas dos campos de enfermagem, geriatria e gerontologia.

O estudo pioneiro envolvendo esse escopo foi desenvolvido no Brasil e é de autoria de Paskulin *et al.* (2012). O objetivo consiste em analisar a forma com que as pessoas idosas vinculadas a grupos de educação em saúde de uma unidade básica de saúde buscam, compreendem e partilham informações a fim de manter e promover a saúde ao longo da vida. Essa análise, segundo os autores, é útil para apoiar o planejamento, a implementação e o aprimoramento de ações de educação em saúde com idosos na atenção básica à saúde.

As categorias de análise utilizadas para a pesquisa foram: interesse/preocupação com a saúde; busca de informações; compreensão e partilha dessas informações. Assim, os autores concluíram que a alfabetização em saúde nos grupos desenvolveu-se em uma perspectiva individual, respeitando a trajetória e o conhecimento dos sujeitos e valorizando as possibilidades de trocas entre os mesmos (PASKULIN *et al.*, 2012). Essas categorias de análise, mencionadas anteriormente, parecem se assemelhar com o movimento da competência em informação de um modo geral, que envolve habilidades associadas ao acesso, uso e comunicação da informação, conforme a *American Library Association* (1989). Essa proximidade conotativa reforça a nossa concepção de que competência em informação e literacia e alfabetização em saúde são movimentos inter-relacionados.

Outro estudo realizado no Brasil é de autoria de Machado *et al.* (2014). Os autores desenvolveram uma revisão integrativa da literatura sobre os instrumentos utilizados para avaliar o letramento em saúde de idosos hipertensos. Perceberam que todos os instrumentos

analisados apresentaram em comum a avaliação da habilidade dos idosos com relação à leitura, numeração, pronúncia e reconhecimento de alguns termos de saúde. Por fim, os autores consideram que a utilização desses instrumentos pode facilitar a comunicação entre o profissional e o idoso e contribuir para melhor elaboração de atividades e materiais educativos (MACHADO *et al.*, 2014).

Outra pesquisa desenvolvida no Brasil é de autoria de Santos *et al.* (2015), e também se trata de uma revisão integrativa da literatura. Nesse estudo, os autores investigaram o letramento informacional em saúde a partir de uma perspectiva gerontológica. Foram realizadas buscas em bases de dados nacionais e internacionais, e a principal descoberta naquela ocasião foi a lacuna de estudos na literatura nacional quanto à produção científica de enfermagem gerontológica envolvendo o letramento informacional (SANTOS *et al.*, 2015).

O estudo de Santos e Portella (2016), também desenvolvido no Brasil, procurou analisar o nível de letramento informacional de saúde em idosos diabéticos de uma região no norte do Brasil, a partir de indicadores de mensuração elaborados e testados internacionalmente. As autoras constataram baixo letramento informacional em saúde daqueles idosos, que pode ser influenciado pela baixa escolaridade, que era uma característica inerente à maioria dos idosos participantes da pesquisa (SANTOS; PORTELLA, 2016).

A pesquisa desenvolvida por Serrão, Veiga e Vieira (2015) procurou avaliar o nível de literacia em saúde de pessoas idosas oriundas do distrito do Porto, em Portugal. As autoras concluíram que a grande maioria dos sujeitos (80%) apresenta um baixo nível de literacia em saúde, o que significa que apenas 20% dos participantes podem ser capazes de utilizar a informação de forma eficaz para resolver situações relacionadas à saúde (SERRÃO; VEIGA; VIEIRA, 2015).

Assim, podemos perceber que os estudos envolvendo a competência em informação do idoso no âmbito da Ibero-América estão focados no desenvolvimento de habilidades e atitudes para o gerenciamento da informação especificamente para a saúde e a manutenção dos hábitos saudáveis. Além disso, as pesquisas envolvendo essa temática são desenvolvidas nas subáreas das ciências da saúde. Essas pesquisas contemplam tanto iniciativas práticas quanto trabalhos que procuram fortalecer a base teórica do movimento em âmbito local. Os trabalhos de Paskulin *et al.* (2012); Santos e Portella (2016) e Serrão, Veiga e Vieira (2015) caracterizam-se por propósitos substancialmente aplicados; enquanto as investigações de Machado *et al.* (2014) e Santos *et al.* (2015) tratam-se de revisões de literatura que buscam ‘significados’ em diferentes abordagens.

Outra percepção chama atenção: é possível observar que as temáticas envolvendo alfabetização em saúde são recentes nesse âmbito. O *corpus* de investigações compreende documentos publicados entre 2012 e 2016, e, dessa forma, ainda é considerado embrionário. Ainda assim, é possível perceber que a recorrência de investigações nos últimos anos aponta para uma tentativa de consolidação da temática em âmbito local.

Podemos inferir, desse modo, que o estado da arte da competência em informação do idoso no âmbito da Ibero-América compreende as pesquisas sobre alfabetização informacional em saúde e movimentos adjuntos, em virtude da ausência de um *corpus* de pesquisas envolvendo, especificamente, a competência em informação do idoso. Tal *corpus* possui, ainda, contribuição limitada para essa investigação, visto que envolve o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos para a manutenção da saúde e hábitos saudáveis.

3.2 O *STATUS* DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS ACERCA DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A revisão de literatura - cuja operacionalização está descrita no Apêndice A – mostra que há um número considerável de resultados que compreendem política e competência em informação. A base de dados *Scopus,* por exemplo, recuperou 89 documentos que possuem a combinação entre competência em informação e política ou dimensão política no título, resumo ou palavras-chave dos documentos. Isso indica que há, de fato, um movimento de pesquisas em âmbito internacional sobre a relação entre política e competência em informação.

Política, de modo geral, possui uma multiplicidade de conotações, conforme mencionamos no Apêndice A. Por essa razão, nossa revisão de literatura considerou úteis para a pesquisa 14 (catorze) documentos publicados nos últimos onze anos (entre 2006 e 2016), sendo nove deles que representam a temática em âmbito global e cinco deles constituindo o status de conhecimentos socializados em nível local (Ibero-América).

No Quadro 4, apresentamos as pesquisas que constituem o corpo de conhecimentos publicado em nível internacional que é útil para delinear o estado da arte da temática da dimensão política da competência em informação em nível global.

A partir de uma breve observação dos resultados apresentados no quadro 4, podemos compreender que, em nível internacional, a dimensão política da competência em informação é explorada sob diferentes vieses. O viés da cidadania, abordado em conjunto com a educação cívica, as habilidades sociopolíticas e a atuação dos sujeitos no contexto democrático (da igualdade e da responsabilidade social) está presente em três pesquisas recuperadas. Já a

abordagem que inclui a atuação do indivíduo na esfera global, esta é o tema de pesquisa de dois dos artigos recuperados. Ainda, é possível observar uma abordagem voltada para a educação, que inclui o papel da biblioteca e também o ensino de política nas escolas e em demais instituições. Esta abordagem está presente em quatro pesquisas recuperadas.

Quadro 4: Documentos selecionados para compor o "Estado da Arte" da temática "dimensão política da competência em informação", em nível global

Autoria	Título	Periódico	Ano	Origem
Abilock, D.	So close and so small: six promising approaches to civic education, equity, and social justice	Knowledge Quest	2006	LISA
Alexander, R. C.	Political Literacy as Information Literacy	Communications in Information Literacy	2009	LISA, Scopus
Andersen, J.	The public sphere and discursive activities: information literacy as sociopolitical skills	Journal of Documentation	2006	LISA, WoS, Scopus
Antonesa, M	Can information literacy motivate students to become global citizens?	SCONUL Focus	2007	LISA
Detmering, R.	Exploring the Political Dimensions of Information Literacy through Popular Film	Libraries and the Academy	2010	LISA WoS Scopus
Kutner, L.; Armstrong, A.	Rethinking Information Literacy in a Globalized World	Communications in Information Literacy	2012	LISA
Lenker, M	Motivated Reasoning, Political Information, and Information Literacy Education	Portal Libraries and the Academy	2016	WoS Scopus
Sánchez Vanderkast, E. J.	Information literacy, a cornerstone of democratic society: a component of an information policy	Communications in Computer and Information Science	2013	Scopus
Smith, L. N.	School libraries, political information and and information literacy provision: findings from a Scottish study	Journal of Information Literacy	2016	LISA

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

Diferentemente da temática da competência em informação do idoso, cujo estado da arte toca as áreas da saúde e também da informática, no caso da temática explorada nessa seção, essa se refere, essencialmente, à área da CI: os periódicos que concentram tais pesquisas estão situados em tal campo de pesquisa. De todo modo, é possível observar que há a abordagem política, o que indica a interdisciplinaridade entre as áreas de informação e de filosofia política nas pesquisas recuperadas. Assim, podemos constatar que a dimensão política da competência em informação é explorada, em contexto global, na área da CI, embora tenha forte relação com as disciplinas científicas que envolvem a política.

A partir de uma análise mais aprofundada, podemos constatar que, na maioria das pesquisas recuperadas, reconhece-se de que há, na competência em informação, um viés

sociopolítico; e que há, na informação, estruturas de poder e de dominação que interferem no acesso, no uso e na comunicação da informação entre os sujeitos da esfera social.

A investigação de Andersen (2006) é uma das pesquisas que admite a existência dessa relação. Seu texto, intitulado *The public sphere and discursive activities: information literacy as sociopolitical skills* oferece a concepção de que a competência em informação não é uma capacidade neutra, mas sim uma atividade sociopolítica, que é conectada à atividade humana. O autor embasa sua argumentação a partir da Teoria da Esfera Pública de Jürgen Habermas, a qual menciona que as informações compartilhadas com os membros sociais são organizadas de acordo com esferas políticas e ideológicas.

O autor inicia sua exposição criticando o caráter mecanicista da competência em informação que envolve comparar o indivíduo com um conjunto de *frameworks* pré-estabelecidos e designar, sem manifestação nenhuma do sujeito, seu nível de competência em informação. Andersen (2006) menciona que a competência em informação é uma capacidade que depende exclusivamente das informações que são socialmente compartilhadas na esfera pública e privada da sociedade. Indica que ser competente, nessa concepção, é ser capaz de "agir discursivamente sobre uma sociedade configurada e mediada pelo discurso" (ANDERSEN, 2006, p. 215, tradução nossa), olhando para além da superfície desse discurso.

Fundamenta-se na Teoria da Esfera Pública de Jürgen Habermas, a qual preconiza que o conhecimento da sociedade é socialmente organizado de acordo com propósitos ideológicos: os documentos produzidos no meio social são produtos de várias esferas e são resultados de seus propósitos específicos. Assim, Andersen (2006) estabelece a competência em informação está incorporada no contexto da sociedade e das suas estruturas de comunicação, e o indivíduo competente em informação é aquele que compreende que o conhecimento é construído e mediado de acordo com categorias socialmente organizadas.

Detmering (2010) também acredita que a competência em informação é uma competência política, conectada às esferas política e social. Sua pesquisa, intitulada *Exploring the Political Dimensions of Information Literacy through Popular Film*, abordou a experiência de debater sobre aspectos políticos da competência em informação por meio de filmes populares. O autor apresentou um conjunto de obras cinematográficas cujas tramas podem despertar nos alunos algumas reflexões acerca da distribuição e disseminação da informação na sociedade.

Sua premissa maior reside no fato de que a competência em informação não pode ser compreendida se a isolarmos dos aspectos sociais e políticos de uma sociedade, pois são esses elementos que justificam sua importância no contexto atual. Essa competência pode ser

interpretada, então, como um fenômeno social, caracterizado pela intensa interação entre indivíduos e grupos, manifestando-se em contextos informacionais distintos. O autor argumenta que esses contextos informacionais são necessariamente estruturados levando-se em consideração as relações de poder: existem, então, estruturas e relacionamentos políticos que controlam o acesso e uso da informação e a competência em informação atua no íntimo desse sistema político (DETMERING, 2010).

Assim, Detmering (2010) declara que a dimensão política da competência em informação está relacionada à capacidade de avaliar recursos de informação de forma crítica e responsável, e isso inclui a compreensão, por parte do sujeito, dessas estruturas que direcionam os fluxos de informação para sentidos específicos. Os filmes, enquanto textos culturais, podem auxiliar, segundo o autor, a revelar essas estruturas e possibilitar ao sujeito avaliá-las no processo de busca da informação. Ainda, salienta que o bibliotecário pode, por meio da apresentação dos filmes, empoderar os estudantes para "pensar criticamente e reflexivamente sobre as dimensões políticas e sociais da competência em informação" (DETMERING, 2010, p. 280, tradução nossa).

Sánchez Vanderkast (2013), por sua vez, realiza uma oportuna relação entre a competência em informação e as sociedades democráticas. O autor inicia sua argumentação afirmando que a competência em informação emergiu num ambiente não só caracterizado pela globalização e pela emergência das TIC: esse contexto, ainda, é marcado por uma mistura de novas formas de identidade social, vida cívica e institucional. Ao inspirar-se em Hannah Arendt, Sánchez Vanderkast (2013) afirma que, nesse ambiente, a informação não somente é afetada pelo contexto, mas também exerce influência sobre tal configuração, a qual possui também um viés político.

O autor argumenta em prol da ideia de *Multiliteracy* (multiliteracia, em português), que se trata de um conjunto de literacias que abrangem habilidades relacionadas aos aspectos pessoal, social e cultural do indivíduo, e alcançam diversos domínios, como a palavra escrita, a música e a tecnologia. Ainda defende a concepção de que esse conjunto de literacias forma uma prática social, e vai além de um conjunto de habilidades instrumentais sobre o uso de diferentes tecnologias.

A multiliteracia do ambiente da sociedade da informação, segundo Sánchez Vanderkast (2013), envolve três campos: o campo da literacia informacional (orientada para a localização, busca e uso das fontes de informação); da literacia computacional (voltada ao domínio das habilidades tecnológicas) e da literacia política (que compreende as habilidades relacionadas à compreensão e ao uso da informação política). O autor ainda ressalta que essa multiliteracia é

capaz de possibilitar ao sujeito o exercício da cidadania no contexto da sociedade da informação.

Sánchez Vanderkast (2013) preconiza que a competência em informação (literacia em informação, para o autor) é capaz de empoderar os "pequenos mundos" da sociedade, na medida em que os estimula a exercer papel ativo nos processos de poder que circundam a esfera pública. Assim, a competência em informação age "na construção de uma sociedade mais participativa e democrática" (SÁNCHEZ VANDERKAST, 2013, p. 6, tradução nossa).

Emergiram, da pesquisa de Sánchez Vanderkast (2013), os aspectos da dimensão política da competência em informação relacionados à cidadania e à responsabilidade social do sujeito enquanto membro ativo de uma sociedade. Ainda foi possível observar, na explanação do autor, um viés social voltado para as minorias, sendo a competência em informação, concebida pelo autor, como um instrumento para o empoderamento social dos 'pequenos mundos' (SÁNCHEZ VANDERKAST, 2013).

Existe um rol de pesquisas, recuperado nessa revisão, que compreende a competência em informação e sua relação com a cidadania. Parte dessas pesquisas, ainda, parece abordar aspectos da cidadania no contexto globalizado, o qual envolve um cenário informacional característico. Kutner e Armstrong (2012), em pesquisa intitulada *Rethinking information literacy in a globalized world*, realizam uma reflexão acerca da globalização e da cidadania nesse ambiente, e inserem o profissional da informação e a competência em informação enquanto elementos que podem auxiliar a preparar os estudantes para exercer a cidadania nessa conjuntura.

As autoras iniciam o texto afirmando que há, atualmente, um desafio para as instituições de ensino, que diz respeito a capacidade de preparar os estudantes para exercer a cidadania no mundo complexo e globalizado do século XXI. Há, especialmente nos Estados Unidos, uma tendência que busca modificar alguns aspectos no sistema de ensino, para voltar-se para o "aprendizado global e responsabilidade social" (KUTNER; ARMSTRONG, 2012, p. 26, tradução nossa). O foco, nesse sentido, está na compreensão das estruturas do "mundo interconectado e global que vivemos, e no desenvolvimento de estudantes que possam agir na solução dos problemas globais" (ASSOCIATION OF AMERICAN COLLEGES AND UNIVERSITIES, 2011, *apud* KUTNER; ARMSTRONG, 2012, p. 26, tradução nossa).

As autoras ressaltam que as bibliotecas e bibliotecários possuem papel ativo na preparação dos cidadãos do mundo globalizado do século XXI, e suas contribuições são únicas para esse diálogo e para esses esforços. A competência em informação está no cerne do papel desse profissional e desse ambiente, na medida em que oferece "entendimento dos cenários de

informação global e local, e como isso afeta a capacidade de acessar, recuperar, usar e criar informação" (KUTNER; ARMSTRONG, 2012, p. 27, tradução nossa).

De toda forma, Kutner e Armstrong (2012) argumentam que a contribuição dos bibliotecários e das bibliotecas seria maior para o contexto da globalização se repensássemos a competência em informação, colocando, enquanto centro do processo, a compreensão acerca dos grandes conceitos societários e globais de informação e todos os seus constructos.

Nesse contexto, as autoras criticam os padrões de desenvolvimento da competência em informação para estudantes do ensino superior (*Information Literacy Competency Standards for Higher Education*), que é um padrão desenvolvido pela ACRL e é amplamente aceito e difundido pela comunidade científica desde sua concepção, em 2000. Apesar de reconhecerem que tais padrões proveram uma linguagem comum e guiaram para um caminho que era suficiente para a atuação naquele contexto, as autoras salientam que eles reduzem um conjunto complexo e interativo de processos em uma lista simplificada de habilidades que podem ser mensuradas por meio de indicadores. Tais padrões, ainda, não são suficientes para preparar o aprendente globalizado do século XXI, segundo Kutner e Armstrong (2012).

As autoras argumentam em prol de um movimento denominado pelas mesmas de *Deep Information Literacy* (para o português: profunda competência em informação). Na competência profunda em informação, pressupõe-se que há, no acesso, recuperação, uso e criação da informação, uma dimensão que é, ao mesmo tempo, social, cultural, política e econômica (KUTNER; ARMSTRONG, 2012). Assim, tal movimento não só se relaciona com aquela concepção que tornou uma abordagem baseada em habilidades, mas também "concentra-se como um tema subjacente no amplo contexto da informação global no mundo em que vivemos" (KUTNER; ARMSTRONG, 2012, p. 28, tradução nossa).

A operacionalização de tal processo envolve, centralmente, o pensamento crítico. Compreende, segundo as autoras, o engajamento dos estudantes com questões políticas, em que os mesmos possam compreender o ambiente complexo e globalizado de informação, e pensar criticamente sobre o mundo em que vivem (KUTNER; ARMSTRONG, 2012).

Ainda, Kutner e Armstrong (2012) finalizam a pesquisa afirmando que, no contexto de hoje, "a incapacidade de acessar e utilizar a informação, por qualquer multiplicidade de razões, é uma desvantagem substanciosa" (KUTNER; ARMSTRONG, 2012, p. 30, tradução nossa), e, dessa forma, o papel dos bibliotecários enquanto "educadores para a informação" é possibilitar, aos alunos, o engajamento com as questões políticas para trabalharem com temas sociais e serem sujeitos ativos no processo de construção de uma sociedade globalizada em informação democrática.

A reflexão desenvolvida por Antonesa (2007) também inclui o contexto da cidadania e da sociedade global. Sua pesquisa, intitulada *Can information literacy motivate students to become global citizens?*, buscou realizar uma relação entre a competência em informação e a cidadania nesse paradigma informacional. A autora afirma que, no século XXI, o conceito de cidadania tem sofrido algumas reestruturações semânticas: em vez de designar os direitos e deveres do indivíduo numa esfera social específica, a cidadania hoje relaciona-se ao senso de pertencimento e responsabilidade perante uma comunidade local e global, visto que os indivíduos estão em contato com o mundo por meio das redes de comunicação. Trata-se, dessa forma, de um novo conceito de responsabilidade. Ainda, esse novo modelo de cidadania não diz respeito somente à esfera política, e sim transcende aos domínios cultural, civil e social.

Nesse contexto, o conceito de competência em informação também sofreu reestruturações, que estão em consonância com os novos paradigmas. Atendendo a um conceito mais complexo de responsabilidade, a competência em informação, segundo a autora, deixou de ser caracterizada como a habilidade de localizar, gerenciar e utilizar a informação efetivamente para propósitos específicos – que designava um conjunto genérico de habilidades – e passou a representar um complexo fenômeno, expressado por aprendentes que se engajam com informação para a tomada de decisão e solução de problemas (ANTONESA, 2007).

Ainda com relação à cidadania e competência em informação, a autora salienta que a desigualdade social e a exclusão informacional/digital são fenômenos que têm se acentuado na sociedade nos últimos tempos: os info-excluídos têm se tornado indivíduos marginalizados, na medida em que a competência em informação tem sido considerada enquanto elemento de desenvolvimento social. Nessa questão, Antonesa (2007) destaca a necessidade de mobilizar esforços para possibilitar aos info-excluídos a participação ativa na sociedade global.

Lenker (2016) direciona o sentido da cidadania para o viés das boas escolhas políticas no campo governamental. O autor afirma que um dos maiores benefícios que a competência em informação pode agregar para o sujeito diz respeito ao fato de este utilizar a informação e a sua competência para participar da vida pública ao escolher os representantes que refletem seus interesses e ideologias. Porém, este é ainda um dos maiores desafios que os educadores para a competência em informação podem enfrentar, em virtude de um fenômeno humano – também estudado na psicologia – que é denominado *motivated reasoning* (para o português: raciocínio motivado).

O autor inicia sua argumentação enunciando que a competência em informação é um instrumento que participa na formação do cidadão informado, em razão do desenvolvimento de habilidades para localizar, e, principalmente, avaliar as informações referentes à política. O

autor, ainda, insere bibliotecários e professores como os responsáveis para despertar, nos alunos e usuários, essas capacidades que dão forma à competência em informação.

A questão do fenômeno do raciocínio motivado – que é o foco do estudo de Lenker (2016) – tem origem na etapa de busca e avaliação da informação, e está relacionada à característica da informação de possuir um caráter político e ideológico. Tomando-se de conceitos da psicologia, o autor afirma que, na área da competência em informação, o raciocínio motivado diz respeito à atitude do sujeito de absorver, enquanto informação útil, somente aquele conteúdo que atende às suas crenças e ideologias pessoais, dispensando outras fontes que não correspondem aos seus interesses. Nas palavras do autor,

> Nossas crenças prévias exercem uma influência considerável sobre a forma como avaliamos novas informações sobre questões [...]. Em vez de modificar, imparcialmente, nossas crenças previamente alimentadas diante de evidências contraditórias, nós tendemos a dispensar essas informações que desafiam nossas opiniões pessoais (LENKER, 2016, p. 7, tradução nossa).

Lenker (2016) ainda ressalta que essa prática – que consiste em sobrevalorizar as informações que levam a auto-afirmação pessoal – prejudica a capacidade do sujeito de avaliar tais conteúdos de um modo geral e reduz, significativamente, "seu nível de processamento defensivo quando confrontado com informações contra-atitudinais sobre questões políticas" (LENKER, 2016, p. 12, tradução nossa).

No entanto, o autor afirma que, embora essas crenças prévias exerçam certo impacto na forma como processamos novas informações, os efeitos do raciocínio motivado não são absolutos, podendo, inclusive, serem reduzidos por meio de ações que podem ser desenvolvidas com tais estudantes. Essas ações podem ser realizadas pelos bibliotecários e demais profissionais da informação, consistindo-se, inclusive, como um desafio para tais profissionais, pois tratam-se de estratégias que "requerem ao bibliotecário ir além das atividades tradicionais de educação da biblioteca, que auxiliam estudantes a localizar e avaliar fontes de informação" (LENKER, 2016, p. 16, tradução nossa). Uma ação lógica a ser desenvolvida pelos profissionais, segundo o autor, consiste no desenvolvimento de estratégias metacognitivas, que envolvem a prática de avaliar os dois pontos de um problema antes de traçar uma conclusão. Tais estratégias convidam o sujeito a considerar fatores pessoais e externos que moldam o julgamento de alguém, ou seja, "não apenas o assunto da informação e o meio através do qual a informação é expressa, mas também os pressupostos e as atitudes trazem um encontro com informações" (LENKER, 2016, p. 15, tradução nossa). Essas ações, dessa forma, estimulam ao estudante fazê-lo emergir a consciência de seus pressupostos pré-arraigados que podem

desencadear o raciocínio motivado e podem, consequentemente, influenciar as interações dos sujeitos com informação política (LENKER, 2016).

Em suma, Lenker (2016) afirma que o raciocínio motivado é um desafio para os profissionais que buscam promover, nos estudantes, a cidadania por meio da competência em informação. De toda forma, estratégias não-tradicionais conduzidas por profissionais da informação – que incluem atividades de reflexão e pensamento crítico - podem combater tal fenômeno e estimular o estudante a resistir aos efeitos negativos desse fenômeno.

A investigação de Lenker (2016), além de explorar o aspecto político e ideológico da informação e de incluir a questão da cidadania, ainda faz emergir um tópico que também está presente no estado da arte dessa pesquisa: a abordagem da educação política e sua relação com a competência em informação. Dentre as pesquisas exploradas, é possível observar que há um movimento em direção ao tópico da educação política e do papel do bibliotecário nessa questão. Esse papel é vinculado, de forma vigorosa, ao movimento da competência em informação.

Smith (2016) também desenvolveu uma pesquisa contemplando essa abordagem. A autora realizou uma pesquisa de campo, que buscou explorar o papel das bibliotecas escolares escocesas no processo de desenvolvimento de competência política dos estudantes. O estudo envolveu a interrogação aos estudantes do ensino médio sobre o papel da biblioteca e da competência em informação nas suas decisões políticas. A autora tomou como base dois eventos políticos que aconteceram na Escócia entre os anos de 2014 e 2015: o referendo de independência escocesa de 2014 e as eleições gerais de 2015. O trabalho ainda explorou as necessidades de informação - e as necessidades de desenvolvimento da competência em informação - dos alunos com relação à participação política.

Smith (2016) reconhece, inicialmente, que a educação para a competência em informação não deve se restringir aos fins acadêmicos: esta capacidade deve transcender a pesquisa, alcançando todos os aspectos da vida do dia-a-dia, dentre os quais inclui-se a vida política, em sociedade. Em suma, uma característica da competência em informação é a capacidade de obter sucesso na vida política, na medida em que o sujeito participa ativamente da construção da sociedade democrática. A autora, ainda, ressalta que a biblioteca possui o papel de envolver ativamente as pessoas para a participação democrática, estimulando os estudantes a desenvolver a competência em informação.

Com relação ao estudo empírico, primeiro 'achado' de Smith (2016) se refere à consciência dos estudantes sobre o papel da biblioteca de apoiar a democracia e a participação política: a maioria dos participantes relataram que as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas contribuem para a sua formação política. Quanto às necessidades de informação sobre política,

essas podem ser mais complexas – como questões sobre ideologias políticas e sistemas políticos – ou podem ser elementares, como, por exemplo, 'por que eventos políticos acontecem?', 'como é possível participar dos eventos políticos?', ou, até, 'como os resultados podem influenciar a vida das pessoas?'. De toda forma, Smith (2016) reconhece, nas respostas, a evidência de que "pessoas jovens são interessadas por questões políticas e veem, na equipe da biblioteca, pessoas adequadas para questionar quando há uma necessidade de informação" (SMITH, 2016, p. 15, tradução nossa).

Dessa forma, Smith (2016) conclui que, dentre os benefícios de envolver questões políticas por meio da competência em informação, inclui-se a consciência política, que é capaz de auxiliar os estudantes a desenvolver a capacidade de compreender eventos políticos, reconhecer a confiabilidade e o viés político de informações e conectar a escola à vida doméstica. Ainda, a autora reconhece que os eventos políticos podem estimular o interesse para a política entre os jovens, oferecendo oportunidades para que as bibliotecas escolares se envolvam no trabalho de engajamento político (SMITH, 2016).

Abilock (2006), em seu trabalho intitulado *So close and so small: six promising approaches to Civic Education, Equity and social Justice*, também aborda a educação política, e insere a competência em informação e as bibliotecas escolares enquanto ambientes para discutir com os estudantes tópicos acerca da responsabilidade social dos cidadãos. A autora ressalta que é possível utilizar a informação e a competência em informação para criar uma sociedade melhor, e sugere algumas estratégias que podem ser desenvolvidas pelo bibliotecário para educar os estudantes de forma cívica, para a igualdade e justiça social.

Em tal trabalho, Abilock (2006) inicia a discussão afirmando que a competência em informação possui um papel que expande os limites da pesquisa e do currículo escolar. A competência em informação, na verdade, estimula os estudantes a desenvolver sua responsabilidade social. A autora ressalta que o aprendizado não ocorre quando apreendemos conteúdos de informação, mas sim quando os incorporamos nas atitudes que guiam nossa trajetória de vida:

> além de conhecer como um projeto de lei se torna uma lei, quando citar uma fonte, ou como identificar vieses políticos [em informações], o aprendizado profundo ocorre quando podemos caminhar nos sapatos dos outros. Quando os alunos compreendem a desigualdade a partir de dentro, desenvolvem o desejo de agir, de buscar justiça para todos (ABILOCK, 2006, p. 9, tradução nossa).

A autora sugere seis estratégias para bibliotecas e bibliotecários, as quais ela afirma que podem auxiliar a promover tal objetivo. Dentre as ações recomendadas, uma delas envolve a

instrução sobre história, modelos de governo, legislação e democracia. Abilock (2006) afirma que a discussão desses itens não somente enriquece o nível de conhecimentos do estudante sobre tais questões, mas também potencializa as habilidades e atitudes cívicas do estudante. A integração entre coleção e currículo, o planejamento co-curricular de ações com os professores e a integração entre os acontecimentos sociais externos à escola podem ser ações que enriquecem a instrução cívica dos alunos acerca da política e da democracia.

Outra estratégia interessante diz respeito à discussão acerca de questões atuais. Tais questões, segundo a autora, "aumentam o pensamento crítico dos alunos, as habilidades de comunicação e o interesse em política" (ABILOCK, 2006, p. 10). Atividades de discussão incluem direitos humanos, aborto, discriminação racial, propriedade intelectual e casamentos homossexuais, e podem acontecer, na biblioteca, em integração ao currículo escolar e nos horários alternativos às aulas. Experiências bem-sucedidas trazem resultados que apontam que os estudantes estimulados ao pensamento crítico procuram esclarecimentos acerca de um assunto antes de formar a opinião e defendê-la, analisam questões racionalmente e consideram outras ideias que contrariam seus pressupostos. Outra estratégia mencionada pela autora envolve o voluntariado estudantil. Esse voluntariado pode emergir na biblioteca, a partir de problemas que a própria biblioteca possui, ou, ainda, pode transcender para a esfera da comunidade. Os bibliotecários podem, segundo a autora, auxiliar os alunos a reconhecer que a comunidade tem necessidades conflitantes, porém legítimas, e que a competência em informação pode ser um instrumento para "investigar o problema de múltiplas perspectivas e trabalhar para resolvê-lo a partir de suas próprias ações" (ABILOCK, 2006, p. 11, tradução nossa).

O trabalho desenvolvido por Alexander (2009) também inclui, em sua pesquisa, a relação intrínseca entre a educação para a competência em informação e a literacia política, que se trata, segundo o autor, de um conjunto de capacidades desenvolvido pelo sujeito para interferir na esfera pública. Sua investigação, intitulada *Political literacy as information literacy*, é resultado de uma observação realizada pelo autor enquanto professor do Departamento de Ciência Política da Universidade do Norte do Estado da Geórgia. O ensino dessa universidade segue um modelo denominado *Quality Enhancement Plan* (QEP), que inclui o tópico da competência em informação enquanto elemento para o ensino. Assim, nas suas classes sobre ciência política, Alexander (2009) também explora fontes de informação e inclui, dentre as abordagens de estudo, os processos de identificação de informações tendenciosas ou incongruentes.

Na sua prática enquanto docente, o autor teve algumas percepções. A primeira delas se refere a intrínseca relação entre literacia política e competência em informação. O autor menciona que ambos os movimentos são "impossíveis de separar" (ALEXANDER, 2009, p. 11, tradução nossa). Alunos com alto nível de desenvolvimento da competência em informação, segundo o autor, possuem um vasto conhecimento sobre os assuntos políticos referentes aos Estados Unidos da América.

Outra constatação do autor está relacionada à incompatibilidade entre o nível de aprendizagem dos alunos e o nível de competência em informação: o autor relatou que existem alunos com desempenhos excelentes no curso de um modo geral que possuem "um nível deplorável" (ALEXANDER, 2009, p. 11, tradução nossa) de desenvolvimento da competência em informação, e, consequentemente, de conhecimentos sobre ciência política.

De modo geral, a partir da experiência compartilhada por Alexander (2009) podemos então presumir que, ao embasarem-se de uma melhor forma em conhecimentos sobre a política, os indivíduos competentes em informação têm mais predisposição para interferir na esfera pública.

A partir dos resultados até aqui apresentados – os quais dão forma ao estado da arte da dimensão política da competência em informação em nível mundial – podemos compreender que a CI é o núcleo científico dessa temática. Ainda, é possível observar que há, na competência em informação, um viés sociopolítico, descaracterizando esse conjunto de capacidades como algo 'neutro': na verdade, contexto e informação influenciam e são influenciados reciprocamente (SÁNCHEZ VANDERKAST, 2013). Smith (2016), Abilock (2006), Sánchez Vanderkast (2013), Alexander (2009) e Kutner e Armstrong (2012) reconhecem as dimensões social, cultural, política e econômica da competência em informação. No entanto, Lenker (2016), Andersen (2006) e Detmering (2010) vão além: acreditam que existem aspectos ideológicos que podem redirecionar os fluxos de informação, caracterizando a informação como um elemento de poder, e, dessa forma, a competência em informação pode representar um instrumento para a identificação de tais fluxos.

Também é possível reconhecer a centralidade da figura do bibliotecário e do ambiente da biblioteca nas abordagens de pesquisa: cinco dos resultados apresentados inserem bibliotecas e bibliotecários na discussão. As pesquisas desenvolvidas por Kutner e Armstrong (2012), Lenker (2016) e Detmering (2010) dão foco para a figura do bibliotecário no processo de construção da cidadania dos sujeitos por meio da competência em informação, enquanto os trabalhos de Smith (2016) e Abilock (2006) dão ênfase para o ambiente da biblioteca.

Ainda, podemos observar que o viés da cidadania – especialmente voltado para as questões sociais de desigualdade e de desequilíbrio nas relações de poder – emerge em uma parcela significativa das pesquisas relacionadas. Antonesa (2007) direciona o foco para os info-excluídos, Abilock (2006) evidencia a questão da justiça social para as minorias, enquanto Kutner e Armstrong (2012) salientam a questão da desvantagem daqueles que são incapazes de acessar e utilizar a informação. Ainda, Sánchez Vanderkast (2013) destaca o empoderamento social que a competência em informação pode promover, sendo capaz, inclusive, de empoderar os 'pequenos mundos' da sociedade.

Também foi possível observar a emergência de uma vertente de pesquisas que critica os padrões de desenvolvimento da competência em informação amplamente reconhecidos e utilizados em pesquisas de campo. Andersen (2006), por exemplo, questiona o caráter mecanicista da competência em informação, que envolve a mensuração do nível de competência dos sujeitos por meio de *frameworks* pré-estabelecidos, que, inclusive, desconsideram a experimentação desse fenômeno pelos próprios seres. Kutner e Armstrong (2012) criticam os padrões e indicadores, argumentando que tais conjuntos de habilidades desconsideram o contexto da informação global e do mundo em que vivemos. Antonesa (2007), por sua vez, invalida a concepção da competência em informação como um conjunto de habilidades que pode ser mensurado. Na verdade, hoje trata-se de um complexo fenômeno, expressado por aprendentes que se engajam com informação para a tomada de decisão e solução de problemas (ANTONESA, 2007).

Em âmbito local (Ibero-América), também foi possível observar uma vertente de pesquisas que compreende a dimensão política da competência em informação. Um conjunto composto por cinco pesquisas forma o estado da arte da temática, no contexto da Ibero-América. O Quadro 5 identifica as pesquisas contempladas no levantamento.

A partir das informações apresentadas no Quadro 5, é possível verificar que as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Ibero-América sobre a temática da dimensão política da competência em informação estão situadas, majoritariamente, na área da CI: quatro das cinco investigações são publicadas em periódicos desta área do conhecimento. Ainda, podemos observar a presença da área da psicologia dentre os resultados.

Por meio de uma observação em nível macro dos resultados apontados no Quadro 5, é possível inferir que essa temática, ainda em âmbito da Ibero-América, está fortemente relacionada à cidadania: três documentos recuperados mencionam tal termo em seus títulos.

O trabalho desenvolvido por Santos, Duarte e Prata (2008), por exemplo, realiza uma reflexão acerca de questões ligadas à cidadania e ao trabalho na sociedade da informação, a

partir da abordagem da competência em informação. A pesquisa é intitulada ‘Cidadania e trabalho na sociedade da informação: uma abordagem baseada na competência informacional’.

Quadro 5: Documentos selecionados para compor o “Estado da Arte” da temática “dimensão política da competência em informação”, em nível local (Ibero-América)

Autoria	Título	Periódico	Ano	Origem
Cuevas-Cerveró, A.; Marques, M.; Paixão, P. B. S.	Alfabetização que necessitamos: informação e comunicação para a cidadania	Informação e Sociedade: estudos	2014	Scopus SciELO
Lima, C.; Brown, S. W.	Global citizenship and new literacies providing new ways for social Inclusion	Revista Semestral da Associação Bras. de Psicologia Escolar	2007	SciELO
Santos, E. M.; Duarte, E. A.; Prata, N. V.	Cidadania e trabalho na sociedade da informação: uma abordagem baseada na competência informacional	Perspectivas em Ciência da Informação	2008	WoS Scopus SciELO
Vitorino, E.; Piantola, D.	Dimensões da Competência Informacional	Ciência da Informação	2011	LISA Scopus SciELO
Farias, C. M.; Vitorino, E. V.	Competência Informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar	Perspectivas em Ciência da Informação	2009	LISA Scopus SciELO

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa

Os autores iniciam a discussão apresentando o caráter econômico que a informação e o conhecimento agregam no paradigma atual. Tais insumos são tratados, nesse contexto, como mercadorias portadoras de valor monetário, e, consequentemente, as pessoas que possuem tais insumos também são dotadas de valor monetário. Também ressaltam, no texto, que a competência em informação também surgiu nesse paradigma, associada às “práticas dos postos de trabalho e às noções e regras da qualificação para o emprego” (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 212). Sendo informação e conhecimento elementos constituídos de valor monetário, a competência em informação representa, nesse aspecto, uma capacidade para o desenvolvimento econômico da sociedade. No entanto, os autores ressaltam que o progresso da sociedade como um todo não limita-se ao treinamento da aplicação nos recursos de informação para o trabalho, mas compreende a) o entendimento das especificidades locais e regionais, bem como do conteúdo informacional que as caracterizam; b) a necessidade de estratégias distintas para as diferentes sociedades; c) identificação, o estudo e o compartilhamento do conhecimento comum envolvido; d) a identidade e os valores socioculturais da sociedade como um todo (AUN; CÂMARA, 2005). São esses elementos que fornecem, segundo Santos, Duarte e Prata (2008), a base necessária para o desenvolvimento de todos os membros (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 213).

Nesse sentido, Santos, Duarte e Prata (2008) inserem a competência em informação enquanto um elemento para o exercício da cidadania, sendo a cidadania compreendida, pelos autores, como "participação na vida social e política", que requer dos cidadãos o "compromisso com a sociedade e com o bem-estar do próximo" (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 214-215). A competência em informação, nesse sentido, possibilita aos sujeitos "conhecer e cumprir seus deveres, bem como entender e reivindicar seus direitos" (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 215).

Tais autores argumentam em favor do desenvolvimento da competência em informação priorizando a educação para a cidadania, que é capaz de preparar os sujeitos "para se envolverem de forma ativa e efetiva em tudo o que diga respeito à administração do seu país, não se limitando a aceitar passivamente o que é decidido pelos outros" (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 215). Ainda, ressaltam que a competência em informação para a cidadania deve priorizar o desenvolvimento de habilidades digitais para crianças e adultos vítimas de exclusão social e digital. Isso pode envolver, inclusive, a criação de "espaços onde o acesso à internet seja gratuito ou de custo reduzido" (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 215).

Por fim, os autores ressaltam que a competência em informação voltada para a educação para a cidadania é capaz de desenvolver sujeitos que "compreendem a necessidade de informações de qualidade para o tratamento de problemas e questões inerentes às suas próprias vidas à comunidade e à sociedade", e que são preparados para possibilitar à sociedade reconhecer a "importância de sua participação em todas as arenas onde se desenrola o jogo democrático" (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 215).

Cuevas-Cerveró, Marques e Paixão (2014) também abordam a cidadania no âmbito da sociedade da informação. Os autores expõem, inicialmente, duas características do contexto atual: a onipresença da tecnologia da informação e a desigualdade social. Ainda, discorrem acerca da centralidade da informação nesse cenário, salientando que tal insumo é "um elemento vital em muitos sentidos, e um deles é a participação cidadã nas instituições e na consolidação de uma verdadeira democracia" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 36). Assim, os autores advogam em favor do desenvolvimento de habilidades comunicativas e informacionais – via tecnologia, educação e cultura – para que o sujeito possa "identificar seu lugar na sociedade, como cidadão, e compreender que existe o lugar do outro" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 35).

A argumentação dos autores está centralizada na ideia de Cultura de Informação, que é um movimento envolto num contexto complexo que reúne comunicação e informação e designa a capacidade de adaptação dos sujeitos a contínuas mudanças tecnológicas, associadas, ainda,

às capacidades cognitivas, comunicativas e axiológicas. Tais autores acreditam que a Cultura da Informação está ancorada na concepção de que, tal como na pós-modernidade, hoje vivemos um período em que os conhecimentos são voláteis, disformes, e em constante processo de transformação. Tal como Jenkins *et al.* (2008), acreditam que é preciso mudar o foco da atenção: é oportuno desvincular-se das questões de acesso à tecnologia e aproximar-se de eventos como a exclusão digital, que podem auxiliar-nos a integrar oportunidades de participação e desenvolvimento de competências culturais e habilidades sociais necessárias à plena participação das pessoas na esfera social.

O viés da Cultura da Informação, segundo os autores, é uma possibilidade importante: a partir desse conceito, pode-se trabalhar conceitos acerca da democratização da produção e do consumo massivo de tecnologia e informação, com o foco na promoção da cidadania integrada à cultura: "é ainda o viés da cultura um caminho para ações de comunicação focadas no entendimento: do outro e da informação" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 37).

A alfabetização informacional, segundo os autores, está implícita na ideia de Cultura da Informação, na medida em que tais movimentos são ideologicamente congruentes. No entanto, argumentam em favor da noção de *transliteracy*, (transliteracia, para o português) que implica em uma gama de competências – como a competência midiática e a competência em informação – e envolve a capacidade para "ler, escrever e interagir através de uma gama de plataformas, ferramentas e mídias partindo da oralidade, passando pela escrita, a impressão, a televisão, o rádio e filme até as redes sociais digitais" (THOMAS *et al.*, 2007). A justificativa para tal movimento reside na possibilidade de uma transliteracia ser capaz de "promover o diálogo intercultural e [...] a promoção do entendimento mútuo e cultural entre as pessoas" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 44), visto que uma sociedade cidadã e democrática é composta por cidadãos que "tem conhecimento sobre localização e consumo da informação, bem como sobre a produção dessa informação" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 44).

Por fim, os autores ressaltam que uma Cultura da Informação promovida por meio da transliteracia afasta a formação de natureza instrumental destinada a aprender a usar softwares e hardwares, que foi, durante algum tempo, estimulada nas noções de literacia em informação. Na verdade, esses movimentos enfocam no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, emocionais, de atitudes e axiológicos, para promover o uso intelectual, social e ético dos recursos e fontes de informação. Dessa forma, a Cultura da Informação cumpre o papel de atender "a uma necessidade da cidadania em um marco democrático" (CUEVAS-CERVERÓ;

MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 43), promovendo o crescimento econômico, mas, principalmente, evitando novas desigualdades sociais (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 43).

Lima e Brown (2007), em artigo intitulado *Global citizenship and new literacies: providing new ways for social inclusion* também destacam a questão da cidadania, direcionando-a para a expansão desse movimento na era da globalização. Os autores realizaram uma pesquisa de campo com estudantes do Brasil e dos Estados Unidos. O objetivo da pesquisa consistiu em identificar como estudantes do ensino fundamental e médio de dois países economicamente divergentes se percebem enquanto cidadãos globais e como tais sujeitos utilizam as tecnologias de maneira social, para promover a cidadania global.

Os autores iniciam a discussão salientando que o conceito de cidadania mudou a partir do movimento da globalização. Hoje, o cidadão possui as seguintes características: 1) consciência e preocupação sobre a globalização e seus impactos nos indivíduos e no mundo; 2) consciência sobre direitos e responsabilidades; c) uso significativo e valioso das TIC; 3) habilidades básicas para participar da sociedade globalizada.

Dessa forma, a educação para a cidadania globalizada deve contemplar, segundo os autores, uma formação que possibilite ao sujeito conhecer os problemas mundiais e como eles afetam vidas em todo o mundo; ser crítico, responsável e participativo na esfera local e global; e utilizar a tecnologia de forma socialmente valorável. Essa educação é pautada no conceito de *new literacies* (novas literacias, para o português) (LIMA; BROWN, 2007), indicada pelos autores como a capacidade de "processar esses novos tipos de informação de uma maneira socialmente significativa" (LIMA; BROWN, 2007, p. 15). A partir de uma educação pautada em novas literacias, é possível, segundo os autores, que todos utilizem seus conhecimento e habilidades (poder) para "promover um mundo mais justo e igual para todos os cidadãos, diminuindo a discriminação e marginalização – isto é, incluindo os excluídos" (LIMA; BROWN, 2007, p. 14).

A pesquisa empírica desenvolvida pelos autores, que buscou identificar elementos dos conhecimentos, atitudes e comportamentos descritos pelos próprios estudantes com relação à cidadania global e ao uso das TIC, identificou que os estudantes de um país em desenvolvimento – no caso da pesquisa, representado pelo Brasil - apresentaram mais características de cidadãos globais do que seus parceiros no país desenvolvido – que, na pesquisa, foram representados pelos Estados Unidos da América (LIMA; BROWN, 2007, p. 19). Os autores ainda inferiram que tais estudantes possuem maior capacidade de utilizar,

propositalmente e conscientemente, as novas literacias para incluir os excluídos (LIMA; BROWN, 2007, p. 19).

Por fim, os autores enfatizam que o desenvolvimento das 'novas literacias' é cada vez mais importante para os indivíduos que vivem na era da informação, na medida em que tais capacidades possibilitam que o sujeito utilize as tecnologias de modo socialmente valorável. Tais conquistas, dessa forma "promovem o empoderamento dos indivíduos na direção da inclusão social e do desenvolvimento em todo o mundo" (LIMA; BROWN, 2007, p. 19).

As três pesquisas apresentadas até aqui – que fazem parte do estado da arte da temática da competência em informação no âmbito da Ibero-América – discutem aspectos referentes à cidadania no contexto democrático, sendo a cidadania compreendida como o espaço público em que os cidadãos – que possuem direitos iguais – discutem suas opiniões, defendem seus interesses, deliberam em conjunto e tomam decisões para o bem comum (CHAUÍ, 2010). Dessa forma, a política, nessas pesquisas, é discutida sob o viés da cidadania.

As demais pesquisas que compõem o estado da arte da temática no âmbito da Ibero-América são inter-relacionadas, e, apesar de contemplarem o aspecto da cidadania, compreendem uma concepção mais abrangente da política, relacionada ao espaço de atuação do homem quando este exerce seu 'eu social', um espaço onde transitam as relações humanas, os contratos, as trocas de poder, os acordos, as disputas. Ambos os documentos que finalizam a construção do estado da arte dessa temática no âmbito da Ibero-América são inspirados na obra de Rios (2006; 2010), a qual estabelece quatro dimensões da atuação humana – ética, política, técnica e estética - as quais já foram mencionadas anteriormente nesse trabalho. A dimensão política, neste trabalho também já apresentada, é indicada por Rios como a dimensão da atuação do homem em espaço público: é "o espaço da vida coletiva, na instância não apenas do privado, mas do público [...]" (RIOS, 2006, p. 187).

A pesquisa desenvolvida por Farias e Vitorino (2009), intitulada 'Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar' aborda as dimensões da competência em informação, sob a inspiração das dimensões de Rios (2006; 2010). As autoras propuseram, no artigo, realizar uma reflexão a respeito da competência em informação, suas dimensões, e do papel desse movimento para que o bibliotecário escolar possa desempenhar sua função educacional na escola.

Na abordagem sobre a dimensão política da competência em informação – que é o ponto que nos interessa para essa investigação – Farias e Vitorino (2009) compreendem ética e política enquanto dimensões inter-relacionadas. Argumentam que "é no espaço político que transita o poder, que se configuram acordos, que se estabelecem hierarquias, e que se assumem

compromissos" (FARIAS; VITORINO, 2009, p. 8), e, por essa razão, os dois elementos são intrinsicamente indissociáveis.

Para as autoras, a dimensão política da competência em informação relaciona-se à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício dos direitos e deveres. Também está associada à "orientação da ação, baseada nos princípios do respeito e da solidariedade, do convívio e da realização de um bem coletivo" (FARIAS; VITORINO, 2009, p. 8-9), na medida em que compreende, também, um aspecto ético. O bibliotecário escolar que desenvolve a dimensão política da competência em informação observa as situações de maneira crítica, consciente e comprometida com as necessidades concretas do contexto social mais amplo. Pensa coletivamente e age coletivamente, como parte de um corpo que se desenvolve quando se une. Dessa forma, essa dimensão, expressa no bibliotecário, designa as ações direcionadas para o bem supremo da coletividade (FARIAS; VITORINO, 2009).

As autoras finalizam a argumentação ressaltando que a atuação do bibliotecário deve ser pautada na sua dimensão política:

> não basta dominar bem os conceitos da área. É preciso pensar criticamente o valor efetivo desses conceitos, para uma inserção criativa dos sujeitos na sociedade. Não basta ser criativo, é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar coletivo. Não basta se comprometer politicamente, é preciso verificar o alcance desse compromisso, verificar se ele efetivamente dirige a ação, no sentido de uma vida digna e solidária (FARIAS; VITORINO, 2009, p. 9).

O trabalho desenvolvido por Vitorino e Piantola (2011) também é resultado da revelação das quatro dimensões da competência em informação: ética, estética, política e técnica, já mencionada nessa pesquisa. O objetivo da investigação das autoras consistiu em refletir acerca dos aspectos educacionais e filosóficos dessas dimensões, e da manifestação destas na conduta do indivíduo competente em informação.

Vitorino e Piantola (2011) destacam que a política se baseia na pluralidade dos homens, trata da convivência entre diferentes, e está centrada em torno da liberdade num espaço que só pode ser produzido por muitos. No aspecto informacional, a política, então, manifesta-se como uma atividade sociopolítica, na ocasião em que "a produção, a disseminação e o uso da informação estão intimamente ligados ao envolvimento de indivíduos em uma comunidade" (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 108).

O aspecto político da competência em informação, segundo Vitorino e Piantola (2011), invalida a concepção desse movimento como uma capacidade neutra, que pode ser aprendida e dominada por todos os indivíduos indistintamente. Na verdade, trata-se de um processo eminentemente crítico, de implicações políticas, que revela-se no sujeito que a) identifica a

natureza da informação e o modo como esta é socialmente organizada na sociedade, inclusive sendo capaz de reconhecer as distribuições desiguais desse insumo, as quais privilegiam determinados grupos; b) mobiliza e age discursivamente em uma sociedade configurada e mediada pelo discurso; c) é capaz de interferir de maneira significativa na realidade e na esfera social, visando ao bem-estar da coletividade (ANDERSEN, 2006; DOHERTY, 2007; VITORINO; PIANTOLA, 2011).

De toda forma, Vitorino e Piantola (2011) também reconhecem a centralidade da questão da cidadania no debate sobre a dimensão política da competência em informação. Afirmam que o ponto central dessa dimensão reside em desenvolver pessoas aptas e motivadas para exercer seus direitos e deveres tanto em relação à comunidade quanto ao Estado, e participar das decisões e das transformações referentes à vida social. A questão central é, essencialmente, a participação das pessoas na esfera social em busca do bem comum, que é a base do conceito da cidadania.

Os cinco artigos até aqui apresentados – que dão forma ao estado da arte da temática da dimensão política da competência em informação no âmbito da Ibero-América – revelam a competência em informação enquanto um elemento para a conquista da cidadania e da justiça social, que contribui para a redução de desigualdades sociais e para a promoção do bem-estar coletivo.

O viés da exclusão é latente nos documentos apresentados. Lima e Brown (2007), por exemplo, acreditam que a dimensão política, na medida em que promove o empoderamento dos indivíduos na direção da inclusão social, pode contribuir para diminuir a discriminação e a marginalização. Cuevas-Cerveró; Marques; e Paixão (2014) destacam o caráter político da competência em informação de contribuir para a redução da exclusão digital e social, na medida em que busca integrar os indivíduos em oportunidades de participação e desenvolvimento de habilidades sociais e competências culturais. Santos, Duarte e Prata (2008), também reafirmam que o papel político desta competência envolve contemplar crianças e adultos vítimas de exclusão social e digital.

A responsabilidade social dos sujeitos para a redução das desigualdades e da exclusão também pode ser observada nos resultados que dão forma ao Estado da Arte. Farias e Vitorino (2009), por exemplo, destacam o dever do bibliotecário de atuar maneira crítica, consciente e comprometida com as necessidades concretas do contexto social no qual está inserido. Vitorino e Piantola (2011), por sua vez, elencam enquanto responsabilidade do ser competente em informação a ação de interferência na realidade e na esfera social, visando ao bem-estar da

coletividade. Santos, Duarte e Prata (2008) salientam que a competência em informação requer, dos sujeitos, compromisso com a sociedade e com o bem-estar do próximo.

Inegavelmente, a questão da cidadania perpassa as discussões presentes em todos os documentos. É possível verificar, em alguns trabalhos, a inclusão do tópico da democracia, que consiste na "terra fecunda" da cidadania: O trabalho desenvolvido Cuevas-Cerveró, Marques e Paixão (2014) e a investigação publicada por Santos, Duarte e Prata (2008) contemplam a competência em informação como um elemento que contribui na consolidação da democracia.

O elemento central da cidadania – que diz respeito ao exercício dos direitos e deveres na esfera social - foi comum nas discussões apresentadas. Santos, Duarte e Prata (2008), por exemplo, acreditam que a competência em informação possibilita que as pessoas possam "conhecer e cumprir seus deveres, bem como entender e reivindicar seus direitos" (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 215), enquanto Cuevas-Cerveró, Marques e Paixão (2014) ressaltam que tal instrumento possibilita ao sujeito "identificar seu lugar na sociedade, como cidadão, e compreender que existe o lugar do outro" (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 35). Vitorino e Piantola (2011) afirmam que o ponto central dessa dimensão reside em desenvolver pessoas aptas e motivadas para exercer seus direitos e deveres tanto em relação à comunidade quanto ao Estado, e participar das decisões e das transformações referentes à vida social; e Farias e Vitorino (2009) concebem que esta é fundamentada nos princípios do respeito – que relaciona-se aos direitos do outro – e da solidariedade – que designa a responsabilidade de cada um na conquista dos direitos dos demais membros do corpo coletivo.

Também foi possível observar uma linha de discussão que aborda a cidadania no contexto globalizado, que se trata de um ambiente que acentua as desigualdades sociais (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014). Lima e Brown (2007) ressaltam que o novo conceito de cidadania envolve utilização das tecnologias de modo socialmente valorável, e incluem a competência em informação enquanto elemento para possibilitar o uso cidadão de tais recursos. Cuevas-Cerveró, Marques e Paixão (2014), por sua vez, ressaltam que as características da globalização requerem dos sujeitos a capacidade de adaptação a contínuas mudanças tecnológicas, associadas, ainda, às capacidades cognitivas, comunicativas e axiológicas. É, então, a partir do viés da Cultura da Informação que é oportuno explorar a competência em informação na sociedade globalizada, segundo os autores.

Por fim, também podemos observar, nos resultados apresentados, uma tentativa de desvincular as habilidades técnicas da discussão do movimento: Cerveró, Marques e Paixão (2014) criticam a abordagem da competência em informação voltada para a formação de natureza instrumental destinada a aprender a usar softwares e hardwares, e buscam promover,

por meio da ideia de transliteracia, a agregação das questões sociais no debate do movimento; enquanto Lima e Brown (2007) argumentam em favor do uso de TIC, mas de modo socialmente valorável.

3.3 O RECONHECIMENTO DO INEDITISMO E DA RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO

Nas subseções anteriores dessa seção, buscamos formar o estado da arte da temática da dimensão política da competência em informação, que é útil para construirmos conhecimentos a partir daqueles já socializados na comunidade científica.

Inicialmente, devemos salientar que a busca (disponível no Apêndice A) não recuperou resultados sobre a dimensão política da competência em informação do idoso, em específico. Essa ocorrência reforça, no entanto, o caráter inédito da pesquisa em questão. Por essas razões, nosso conhecimento, nesta tese, é construído com base na literatura científica publicada sobre o tema da dimensão política da competência em informação, e sobre a abordagem da competência em informação do idoso, especificamente. Tais movimentos, isoladamente, recuperaram uma gama de pesquisas que contribuem para essa investigação.

Em relação à competência em informação do idoso, nosso levantamento possibilitou-nos reconhecer de que esta temática, em sua plenitude, é pouco explorada. Em âmbito internacional, foi possível observar uma vertente de pesquisas sobre *health information literacy* e *e-health literacy*, que são abordagens voltadas para o desenvolvimento de habilidades informacionais para a manutenção da boa saúde. A maioria das pesquisas recuperadas é de caráter aplicado, as quais buscam identificar tais capacidades em idosos de diferentes espectros sociais. Algumas delas relacionam a saúde às habilidades digitais, numa tentativa de estabelecer alguma relação entre a saúde e o uso de ferramentas tecnológicas, outras inserem os bibliotecários e as bibliotecas no cenário, e buscam salientar o papel desse profissional e desse ambiente nas experiências informacionais dos idosos.

Já em âmbito ibero-americano, a inexistência de pesquisas dessa temática motivou a retroalimentação do sistema, que buscou identificar aspectos informacionais experimentados pelos idosos. Tais aspectos, segundo nossa concepção, podem auxiliar na construção da competência em informação do idoso nesse contexto. A busca possibilitou reconhecermos a existência de uma linha de investigação, desenvolvida na área da saúde, sobre literacia e alfabetização em saúde do idoso (correspondem ao *health information literacy*, identificado em nível global). As pesquisas desenvolvidas em tal linha contemplam tanto iniciativas práticas

quanto trabalhos que procuram fortalecer a base teórica do movimento em âmbito local. Algumas investigações caracterizam-se por propósitos substancialmente aplicados; enquanto outras constituem-se de revisões de literatura que buscam "significados" em diferentes abordagens. Dessa forma, a contribuição das pesquisas que formam o estado da arte da competência em informação do idoso é limitada, visto que é majoritariamente direcionada para o movimento denominado *health information literacy* e seus movimentos adjuntos.

O estado da arte da dimensão política da competência em informação identificado nesse trabalho possibilitou-nos reconhecer a existência de uma ampla gama de investigações que tratam de aspectos políticos do movimento da competência em informação. Apesar de não mencionarem a "dimensão" política, tais investigações contribuem, expressivamente, para a construção da abordagem desta tese.

O caráter político da competência em informação indicado no resgate bibliográfico direciona-se veementemente para a questão da cidadania: tanto em âmbito internacional quanto em âmbito nacional, foi possível reconhecer a contribuição da competência em informação para formar o indivíduo cidadão. Outro ponto latente diz respeito a busca pela justiça social: concebe-se a competência em informação enquanto instrumento para a redução de desigualdades sociais e para a emancipação das minorias, denominadas por Sánchez Vanderkast (2013) de "pequenos mundos" da sociedade.

Também esteve presente em grande parte dos discursos a concepção da informação como algo que não é imparcial, podendo, inclusive, ser utilizada como instrumento de poder em favor de grupos específicos. Concebe-se, tanto em nível nacional quanto internacional, a competência em informação enquanto instrumento para o empoderamento dos sujeitos e para a identificação dos fluxos de informação que são direcionados para o benefício de uma pequena parcela da sociedade.

Também reconhecemos que os argumentos buscam afastar concepções mecanicistas e instrumentais dessa competência, na medida em que procuram reafirmar o caráter sociopolítico e cultural do movimento. Inclusive, é possível perceber a tentativa de agregar outras denominações para a abordagem política, como uma tentativa de desvincular o termo 'competência em informação'. Parece-nos, num primeiro momento, que há a percepção, por parte dos autores, de que o termo competência em informação não contempla uma dimensão política. Verificamos, em parte considerável das investigações, a proposição de novos termos para designar essa nova dimensão, tais como *Deep Information Literacy* (KUTNER; ARMSTRONG, 2012); *Transliteracy* (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014);

New Literacies (LIMA; BROWN, 2007) e Cultura da Informação (CUEVAS-CERVERÓ; MARQUES; PAIXÃO, 2014).

Assim, emergem, enquanto elementos da dimensão política da competência em informação **a cidadania, o regime democrático, a busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, o aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, as habilidades sociopolíticas, a responsabilidade social – tanto dos profissionais quanto dos cidadãos – e o pensamento crítico**. Tais elementos oferecem, dessa forma, subsídios para a exploração da dimensão política da competência em informação do idoso.

Na próxima seção, damos início a construção empírica dessa proposta de tese, a partir da apresentação dos princípios epistemológicos que norteiam o processo de investigação empírica.

PARTE 2 – *CONSTRU*ÇÃ*O EMP*Í*RICA*

4 PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS: SOB QUAL FOCO OBSERVAMOS O OBJETO E O CONTEXTO DE PESQUISA

Nosso objeto de pesquisa é a competência em informação, que, além de ser considerada como um movimento social, pode ser caracterizada como uma disciplina científica, tendo em vista o corpo de conhecimentos produzidos sobre o tema ao longo dos anos, a partir de meados da década de 1970. Sabemos, ainda, que, enquanto disciplina científica, a competência em informação situou seu corpo de conhecimentos na CI, uma ciência essencialmente interdisciplinar que tem como o objeto central a informação sob as mais variadas manifestações. Na primeira seção, também pudemos compreender que a competência em informação e a CI possuem uma missão social em comum, que se constitui em "assegurar que aquelas pessoas que necessitam de conhecimento para seus trabalhos - sejam eles de origem técnica, científica simplesmente ocupacionais - possam recebê-lo" (WERSIG; NEVELLING, 1975, p. 27, tradução nossa).

Esta é a primeira seção da construção empírica dessa proposta e, a partir dela, propomos situar epistemologicamente essa investigação. Essa exposição dá conta, ainda, de nortear as escolhas metodológicas de investigação, visto que os métodos e as técnicas de pesquisa "definem a direção e modalidade das ações de pesquisa de modo secundário, estando já ancorados num domínio epistemológico e político que acolhe e legitima as condições de produção do objeto da pesquisa" (GONZALEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 1).

No início do texto, expomos a CI – que é o campo que situa investigações em competência em informação – e suas bases epistemológicas e paradigmáticas. Essa exposição é útil para que possamos compreender, em nível macro, as bases que oferecem sustentação para as pesquisas em competência em informação. Em seguida, expomos as bases epistemológicas das pesquisas em competência em informação, que estão em consonância com as bases da CI. Por fim, apresentamos nossa base epistemológica, a qual atende aos constructos ideológicos desta pesquisa. Tal base epistemológica norteia a construção metodológica, que é delineada na seção 5.

4.1 OS PARADIGMAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A CI tem origem na revolução técnico-científica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial (SARACEVIC, 1996, p. 42). Naquela ocasião, observava-se a apropriação da informação e do conhecimento pela sociedade e, ainda, a transformação de ambos em forças

produtivas (FREIRE, 2006, p. 10). Pelo fato de os fenômenos, os processos e as atividades de informação serem considerados elementos constitutivos centrais das atividades e das manifestações econômicas, sociais e culturais (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 30), a recuperação da informação passou a ser uma atividade substancial para o desenvolvimento: é a partir dos problemas envolvendo a recuperação da informação que a CI surgiu (LE COADIC, 1996).

Segundo Saracevic (1996), o cientista Vannevar Bush, em 1945, foi quem revelou pioneiramente a problemática da sobrecarga informacional e da recuperação da informação. Em uma publicação intitulada *As we may think*, o autor reforçou a necessidade de tornar mais acessível o acervo crescente de informação, e, para atender tal propósito, propôs a máquina chamada MEMEX, cujo fim último consistia em recuperar a informação de modo mnemônico (SARACEVIC, 1996). Atribui-se à ideia de Bush os primeiros indícios do nascimento da CI, ainda na década de 1940 (SARACEVIC, 1996).

O destaque dado a esta apresentação é útil para reconhecermos que o berço da CI é a revolução tecnológica, e, ainda, que o problema central que permeou o surgimento desta diz respeito à necessidade de recuperar a informação para o desenvolvimento social, cultural e principalmente econômico da sociedade.

Assim, uma parte da evolução da CI esteve relacionada ao desenvolvimento de soluções que pudessem resolver tal lacuna. As investigações científicas eram essencialmente empíricas, e de natureza majoritariamente experimental (LE COADIC, 1996, p. 22-23). Durante o desenvolvimento desta ciência, é possível perceber a existência de um processo – ainda em curso - de expansão das fronteiras teórico-metodológicas, e, atualmente, observamos diferentes vertentes de pesquisa, que partem de distintas visões científicas: essa diversidade expande, claramente, o escopo da CI (INGWERSEN, 1992).

A multiplicidade de visões científicas na CI é evidenciada a partir da pluralidade conceitual do objeto informação, observada na literatura científica. Nesta via, conceitos são representações simbólicas da expressão da ideia do objeto ‘informação’: significam construtos elaborados intencionalmente à luz de um marco teórico (RABELO, 2008, p. 25-26), e, por essa razão, expressam a postura teórica, filosófica e ideológica de uma configuração específica.

Wersig e Nevelling (1975), ainda na década de 1970, identificaram seis aproximações conceituais de informação: aproximação da estrutura, aproximação do conhecimento, aproximação da mensagem, aproximação do sentido, aproximação do efeito e aproximação do processo. A aproximação da mensagem representa uma concepção da informação enquanto um processo físico, que possibilita a transferência de um sinal de um emissor para um receptor.

Estudos com base nessa concepção abordam sistemas, técnicas ou máquinas e possuem a intenção de otimizar o desempenho dos processos de transmissão de sinais. A aproximação da estrutura também parece considerar a informação como um sinal físico, porém essa visão considera o papel ativo do sujeito cognoscente, aquele que atribui sentido ao sinal. Já as orientações baseadas no conhecimento e no sentido, por sua vez, caracterizam-se pela concepção da informação enquanto um meio: na aproximação do conhecimento, a intenção é a construção do conhecimento, e na orientação do sentido, a informação é o sentido da mensagem (WERSIG; NEVELLING, 1975, p. 24). As outras duas aproximações – efeito e processo – apresentam uma abordagem da informação enquanto um processo: no entanto, a primeira abordagem possui foco no resultado do processo, enquanto a última atém-se para as ações do processo: a geração, a transmissão, o armazenamento e acesso (WERSIG; NEVELLING, 1975, p. 23-26).

Buckland (1991), na década de 1990, revelou três abordagens da informação: informação enquanto processo, informação enquanto conhecimento e informação enquanto coisa, que não são antagônicas, e, inclusive, podem ser complementares entre si. A primeira abordagem diz respeito ao ato de informar: a informação é, nessa concepção, a alteração do estado de conhecimento. A informação enquanto conhecimento, por sua vez, representa o resultado do processo em questão, descrito por Buckland (1991, p. 351) como "a redução da incerteza". Essas duas primeiras aproximações referem-se à informação enquanto elemento intangível: não é possível, dessa forma, mensurar, gerir ou tocar (BUCKLAND, 1991, p. 351). A informação como coisa, no entanto, é indicada como um atributo tangível: pode ser representada por dados e documentos ou qualquer suporte físico, e, dessa forma, pode ser mensurada, preservando ainda sua capacidade informativa (BUCKLAND, 1991, p. 351-352).

Em que pese a ambiguidade atribuída ao termo informação, os conceitos e usos da informação aqui mencionados orientam as investigações científicas conduzidas na CI (e, consequentemente, orientam as pesquisas sobre competência em informação). Há, dessa forma, correntes epistemológicas de estudo que estão ancoradas nos diferentes conceitos.

Capurro (2003) indica a existência de três paradigmas epistemológicos predominantes, que oferecem aporte teórico para pesquisas desse campo. São eles: paradigma físico, paradigma cognitivo e paradigma social. A existência desses três paradigmas evidencia o processo histórico de expansão epistemológica da CI.

Capurro (2003) salienta que a CI nasce com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, substituído posteriormente por um paradigma pragmático e social. O autor ressalta que, embora essa periodização seja útil para a ilustração

do processo histórico, é necessário salientar que, ainda hoje, é possível observar a existência de investigações científicas ancoradas em transformações posteriores do paradigma físico. Não obstante, percebe-se também a existência de um paradigma social ainda na gênese da CI, que se trata de um legado da Biblioteconomia e da Documentação para esta ciência (CAPURRO, 2003).

O paradigma físico atribui à informação o objeto que um emissor transmite a um receptor. A teoria que ofereceu subsídios para a criação dessa abordagem é denominada teoria matemática da informação, e foi estruturada por Shannon e Weaver, em 1949. A teoria matemática considera informação a mensagem que é transmitida por um sinal físico, e, dessa forma, os aspectos semânticos e pragmáticos são desconsiderados (CAPURRO, 2003). Ao descartar a capacidade da informação de gerar significados e produzir sentido, esse paradigma também exclui o papel do sujeito cognoscente do processo informativo e comunicativo (CAPURRO, 2003).

O paradigma cognitivo, por sua vez, considera o aspecto semântico da mensagem, na medida em que se dedica à investigação dos suportes físicos do conhecimento, com o propósito de recuperar a informação. A intenção é, então, recuperar o conteúdo intelectual para preencher uma lacuna cognitiva de conhecimento. Capurro (2003) salienta que esse modelo recebe influências da teoria proposta por Nicolas Belkin denominada estado anômalo de conhecimento, que considera a informação enquanto um processo de alteração de modelos mentais: o conteúdo informacional, nesse aspecto, preencheria uma lacuna de conhecimento (CAPURRO, 2003, p. 1). O autor ainda destaca que os estudos cognitivos da informação tratam da investigação da forma com que "os processos informativos transformam ou não o usuário". Esse sujeito, em primeiro lugar, é o "sujeito cognoscente possuidor de modelos mentais do mundo exterior, que são transformados durante o processo informacional" (CAPURRO, 2003, p. 1).

Já o paradigma social surge a partir de uma crítica ao paradigma cognitivo: Capurro (2003) salienta que as vertentes de pesquisa cognitivistas possuem uma dimensão associal ao desconsiderar os condicionamentos sociais e materiais do existir humano. Assim, a partir de teorias contemporâneas, como a fenomenologia, a hermenêutica, a semiótica e a teoria crítica, o paradigma social forma-se para atribuir ao sujeito um papel ativo no processo de construção do conhecimento. Esse sujeito é possuidor de uma historicidade social, influencia e recebe influências do meio social. É integrado ao mundo exterior (CAPURRO, 2003).

Capurro (2003), com base em Luhmann (1987), ressalta que no paradigma social há uma diferenciação entre a mensagem, ou oferta de sentido, e a própria informação, que é a

seleção de sentido. O sujeito é um ser dotado de uma pré-compreensão, a seleção do sentido e, desse modo, este mesmo sujeito é resultado de um processo de interpretação e internalização da mensagem, a partir de um julgamento sobre a validade do conteúdo para o sistema de conhecimentos deste ou do grupo social ao qual pertence (CAPURRO, 2003). O paradigma social é legitimado, nessa concepção, na ocasião em que a pré-compreensão não é entendida como um estado de compreensão de um sujeito ou usuário isolado, mas, por outro lado, a pré-compreensão "de determinada comunidade assim como a de um campo específico de conhecimento e/ou de ação no qual o usuário já está implícita ou explicitamente inserido (CAPURRO, 2003, p. 1).

Araújo (2003) também concebe uma vertente social nos estudos desenvolvidos na CI. O autor destaca que essa vertente legitima esta ciência enquanto uma ciência social. Ainda, afirma que a CI só se efetivou enquanto uma ciência social na ocasião em que passou a incorporar conceitos oriundos de correntes interpretativas e microssociológicas, como, por exemplo, o construtivismo social de Berger e Luckmann e a fenomenologia social de Alfred Schutz (ARAÚJO, 2003). Essas teorias incluem, nos estudos sobre a informação, a integração natural dos sujeitos com o meio social, isto é, as interações cotidianas, as formas de expressão e linguagem, os ritos e processos sociais como parte dos sistemas de informação (ARAÚJO, 2003, p. 24-25).

Ao reconhecer o papel ativo do sujeito nos processos de informação - um ser "complexo, contraditório, inacabado e, em permanente transformação" (MINAYO, 2010, p. 22) - e, ainda, o resultado da interação entre o *self* e o meio social, esse paradigma social admite a subjetividade dos processos informacionais, ou melhor, a intersubjetividade, em que a realidade é construída a partir das infinitas interações cotidianas (ARAÚJO, 2003).

Araújo (2003) também menciona a existência de vertentes epistemológicas que determinam a condução de pesquisas em CI enquanto uma ciência social. O autor afirma que existem três correntes de pesquisa: além da corrente social, que utiliza bases filosóficas interpretativas e microssociológicas, há, ainda, a corrente positivista/funcionalista, que tem base na sociologia funcionalista de Augusto Comte e Emile Durkhein, e a corrente crítica, que se apropria de conceitos e bases teóricas marxistas e pós-marxistas.

A corrente positivista/funcionalista está presente no início da CI, segundo Araújo (2003). Empresta-se de conceitos sociológicos funcionalistas, e observa a sociedade enquanto estrutura composta por partes (indivíduos) que desempenham funções para o funcionamento da estrutura social. Nesse período, Araújo (2003) afirma que os estudos em CI observavam a realidade social a partir de uma perspectiva estatística, quantitativa. Dentre os estudos

envolvendo essa abordagem, o autor ressalta as investigações que utilizam sociogramas para mapeamento dos fluxos de informação, além da aplicação de questionários a grandes amostras de usuários (ARAÚJO, 2003, p. 24).

A corrente crítica, por sua vez, observa a realidade social a partir da perspectiva do conflito. Araújo (2003) ressalta que a teoria crítica na Ciência da Informação possui, basicamente, três elementos: 1) a historicidade como condição para a explicação dos fenômenos, 2) o conflito, e 3) a inserção de todo fato isolado no contexto global de relações de luta por poder. Dessa forma, investigações críticas na CI enfocam o desequilíbrio nos fluxos e no acesso à informação, as distribuições desiguais de poder no ambiente da informação, e o caráter da informação enquanto elemento tanto de dominação quanto de resistência. Exemplos dessas investigações podem incluir estudos envolvendo informação e cidadania, ação cultural, exclusão informacional, democratização da informação (ARAÚJO, 2003, p. 25). Os estudos críticos da informação partem da concepção de que a informação é um "elo de ligação entre um produto de reflexão e um processo de reflexão, estando, pois, intimamente relacionado com o processo de construção do conhecimento e por esta via tornando-se um instituinte cultural, gerador de mudanças ou reprodutor do estabelecido" (CARDOSO, 1994, p. 110-111).

Assim, reconhecemos que a CI hoje concebe as investigações científicas a partir de três paradigmas, segundo Capurro (2003): o físico, o cognitivo e o social. Por outro lado, Araújo (2003) sustenta três correntes epistemológicas que embasam os estudos do campo: positivista/funcionalista, crítica e social.

É possível observar algumas interlocuções entre os paradigmas designados por Capurro (2003) e as correntes epistemológicas – oriundas da sociologia - indicadas por Araújo (2003). Devemos reconhecer, no entanto, que o paradigma físico não apresenta relações epistemológicas com as vertentes mencionadas por Araújo (2003): esse paradigma consistiu-se a partir de conceitos originados nas ciências exatas, notadamente a teoria matemática da informação, e, pelo fato de desconsiderar aspectos humanos (semânticos e pragmáticos) nos processos de informação e comunicação (CAPURRO, 2003), não estabelece uma relação com a CI enquanto ciência social.

Nesta linha de raciocínio, identifica-se a existência de uma aproximação epistemológica entre o paradigma cognitivo (CAPURRO, 2003) e a corrente positivista/funcionalista (ARAÚJO, 2003). Essa aproximação é evidenciada na ocasião em que ambos os modelos assumem que o sujeito cognoscente exerce papel ativo no processo de construção do conhecimento. No entanto, tais vertentes desconsideram os condicionamentos sociais enquanto elementos de interferência nesse processo: a ideia dos estados anômalos de conhecimento

(BELKIN, 1980), por exemplo, que oferece base para o paradigma cognitivo mencionado por Capurro (2003), concebe esses estados como 'lacunas' cognitivas dos sujeitos "que seriam preenchidas com 'coisas' chamadas informação, encontradas nos sistemas e serviços de informação" (ARAÚJO, 2009, p. 201). Assim, o paradigma cognitivo possui uma raiz funcionalista, ao conceber a informação como algo independente dos sujeitos e dos contextos histórico-culturais, o que a torna passível de ser estudada objetivamente, medida, e ser compreendida por meio de leis e regularidades (ARAÚJO, 2009, p. 200).

O paradigma social de Capurro (2003) e a corrente social de Araújo (2003), por sua vez, parecem ter sólidas interlocuções epistemológicas. Ambas vertentes consideram que os sujeitos são, naturalmente, envolvidos socialmente em uma rede de relações e significados (CAPURRO, 2003). A informação, nesse caso, não é percebida como algo 'dado', mas sim um processo "percebido e compreendido de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação" (ARAÚJO, 2003, p. 25).

Ainda, enquanto Araújo (2003) identifica uma corrente crítica da informação, Capurro (2003) concebe a perspectiva crítica como elemento do paradigma social. Este autor menciona, que, embora algumas teorias decorrentes das vertentes crítica e social possuam divergências - que podem incluir aspectos relacionados à observância do espaço social - ambos manifestam "o caráter fundamentalmente interpretativo do conhecimento" (CAPURRO, 2003).

Dessa forma, a CI enquanto ciência social abarca os paradigmas cognitivo, que se aproxima daquele funcionalista e positivista mencionado por Araújo (2003), social, e, ainda, uma corrente crítica, que, embora exprima uma abordagem interpretativa/social, enfatiza o conflito, a distribuição desigual de poder e de recursos, a informação enquanto elemento de dominação, entre outros. As pesquisas sobre competência em informação, enquanto investigações situadas no campo da CI, seguem essa trajetória. Na próxima seção, é possível observar os aspectos referentes à trajetória teórico-epistemológica das pesquisas sobre competência em informação no decorrer do desenvolvimento científico do movimento.

4.2 BASES EPISTEMOLÓGICAS DAS PESQUISAS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Na seção 2, discorremos acerca do movimento da competência em informação. Afirmamos, na ocasião, que tal movimento – originalmente *information literacy*, no inglês - foi citado pela primeira vez pelo bibliotecário americano Paul Zurkowski (1974). A justificativa para a menção a tal movimento utilizada pelo autor diz respeito à superabundância de

informação, que excedia a capacidade de avaliá-la. O autor designou o movimento como o conjunto de técnicas e habilidades para utilizar a vasta gama de recursos de informação na solução de problemas informacionais. A competência em informação, para o autor, envolve, além da capacidade de ler e de escrever, o reconhecimento do valor da informação e a habilidade de ajustar a informação para atender a necessidades (ZURKOWSKI, 1974, p. 6). Ainda, Zurkowski define informação como o conjunto de "conceitos e ideias que entram no campo de percepção de um indivíduo, são avaliadas e assimiladas, e fortalecem ou mudam o conceito de realidade desse sujeito, e/ou sua capacidade de agir" (ZURKOWSKI, 1974, p. 1, tradução nossa).

Essa apresentação sobre a competência em informação, tal como idealizada por Zurkowski, é útil para observarmos suas vertentes epistemológicas. É possível observar, pelas características apresentadas, que há uma associação do movimento da competência em informação à CI enquanto ciência social, a qual tem por característica principal a investigação da natureza social dos fenômenos informacionais (ARAÚJO, 2003). Essa aproximação é evidenciada na ocasião em que o princípio fundamental da competência em informação, levantado por Zurkowski (1974), diz respeito à utilização da informação para a solução de problemas informacionais. Essa utilização, envolve a habilidade de adequar a informação para atender as necessidades: um processo essencialmente social, ao expressar-se na interação/mediação do indivíduo com o meio.

Ainda, é possível reconhecer, na gênese da competência em informação de Zurkowski (1974), a associação ao paradigma cognitivo da CI, que atribui à informação a característica de possuir capacidade de modificar um estado de conhecimento. Os elementos mencionados por Zurkowski (1974) que evidenciam uma aproximação à epistemologia cognitivista são: 1) atribuição de cognoscibilidade ao ser, que identifica seu estado anômalo; e, 2) concepção do sujeito enquanto um ser dotado de uma "capacidade de agir" (ZURKOWSKI, 1974, p. 1, tradução nossa), ou seja, um ser capaz de reunir recursos – nesse caso, de informação – para solucionar uma situação, ou reparar o estado anômalo de conhecimento.

Podemos afirmar que parte da construção teórica e epistemológica da competência em informação é oriunda de contribuições de investigações de natureza cognitivista. No entanto, podemos reconhecer nos estudos dessa natureza a condução de diferentes abordagens de pesquisa, as quais podem indicar vertentes distintas do paradigma cognitivo.

Algumas investigações, por exemplo, procuram compreender elementos da competência em informação a partir de uma perspectiva estatística, quantitativa, o que denota a presença de aspectos de pesquisa positivistas e funcionalistas. David Bawden (2001), por

exemplo, afirma que algumas pesquisas de movimentos adjuntos da competência em informação (para o autor, subconjuntos), notadamente os movimentos denominados *computer literacy* ou *information technology literacy* investigam aspectos da competência em informação a partir da mensuração de tarefas básicas concluídas pelos indivíduos, no computador. Essas vertentes partem da premissa de que o indivíduo letrado – sob a perspectiva da tecnologia e da informática - é aquele que consegue completar atividades básicas em um computador, como processar palavras ou criar e manipular dados em planilhas e softwares (BAWDEN, 2001). Esses estudos parecem adequar-se ao que Boon, Johnston e Webber (2007, p. 214) chamam de concepção simplista da competência em informação, que parte da premissa de que o indivíduo letrado é aquele que pode acessar e recuperar informação de forma fácil e rápida. Estudos dessa abordagem – que podem estar presentes não só nas investigações envolvendo *computer literacy*, mas também de *library literacy* e também *information literacy* de um modo geral - direcionam o sentido da competência em informação para a perspectiva do acesso e recuperação da informação, estando ainda ancorados num paradigma cognitivo.

Na verdade, Bawden (2001) ressalta que a palavra literacia – ou, para o inglês, *literacy*, que oferece o conteúdo semântico para a expressão *information literacy*, diz respeito, de uma forma simples, à utilização eficaz da decodificação e reprodução da palavra escrita. Essa concepção identifica um indivíduo letrado como aquele capaz de utilizar, com eficácia, a linguagem escrita, ou seja, aquele que pode ler e escrever. Assim, podemos perceber que o próprio conceito da literacia exclui, do processo de desenvolvimento dessa capacidade, a posição crítica e reflexiva do sujeito que apreende o conteúdo, que está relacionada ao sujeito e seu meio de atuação social. Dessa forma, a etimologia da expressão já indicaria uma aproximação do movimento à vertente positivista/funcionalista, ao desconsiderar condicionamentos sociais – revelados no sujeito – como elementos dinâmicos que interferem nos processos informacionais.

No entanto, Bawden (2001) também destaca que existe outra concepção de literacia, mais aprofundada. Essa concepção, idealizada por Gilster (1997 *apud* BAWDEN, 2001) envolve algo além da simples habilidade de ler e escrever: significa a capacidade de ler com sentido, de compreender. Assim, literacia envolve "o estado de ser capaz de ler e compreender informação básica, como a habilidade de entender quantas cápsulas deve-se ingerir em um dia, a partir das instruções impressas nos medicamentos" (BAWDEN, 2001, p. 220-221, tradução nossa). Gasque (2012) corrobora com a concepção de literacia de Bawden (2001): a autora ainda ressalta que há, na literatura, concepções errôneas da palavra, que, inclusive, coincidem com a noção de alfabetização. Para Gasque (2012), alfabetização e literacia (letramento, para a

autora) representam processos diferentes: a alfabetização vincula-se ao domínio básico do código da língua, enquanto a literacia transcende a decodificação para situações em que há o uso efetivo da língua nas práticas de interação, em um contexto específico. Dessa forma, a literacia representa um processo complexo, e, aplicada ao contexto da informação, possui "como finalidade a adaptação e a socialização dos indivíduos na sociedade da aprendizagem" (GASQUE, 2012, p. 32).

Sob concepções mais elaboradas da literacia, podemos reconhecer um amplo movimento de pesquisas – ainda de natureza cognitivista - que participaram da construção teórica da competência em informação. Essas concepções distanciam-se do enfoque relacionado ao acesso à informação – que está relacionado à uma compreensão simplista de literacia – e aproximam-se de uma perspectiva voltada para a aplicação da informação nas situações 'mal resolvidas'. Tratam-se, dessa forma, de uma abordagem voltada para as necessidades de informação e para a aplicação da informação para preencher lacunas.

Documentos amplamente citados na literatura que constituíram-se como elementos norteadores para a trajetória do movimento possuem, em seu cerne, orientação para a abordagem das necessidades de informação: o documento elaborado pela ALA intitulado *Presidential Commiitte on Information Literacy: Final Report* (1989), por exemplo, identifica o indivíduo competente em informação como aquele capaz de encontrar, avaliar e utilizar a informação eficazmente na solução de problemas e na tomada de decisão. Tal abordagem direciona o foco do movimento para a situação que demanda a informação (um problema ou uma tomada de decisão), ou seja, para a necessidade de informação, sendo essa uma necessidade derivada, que é advinda de uma situação do dia-a-dia (LE COADIC, 1996). Outro fragmento do documento, que define competência em informação como um conjunto de habilidades informacionais que são desenvolvidas "para atender a uma ampla variedade de necessidades pessoais e de negócios" (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989), evidencia a centralização do processo para a perspectiva das necessidades de informação.

O documento elaborado pela mesma instituição, denominado *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* define competência em informação como a capacidade de "reconhecer quando a informação é necessária [...] e utilizar efetivamente a informação demandada" (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1999, tradução nossa), o que evidencia o direcionamento para as necessidades de informação.

Nos documentos apresentados, a percepção da competência em informação enquanto capacidade de mobilizar recursos para atender a uma situação mal resolvida de informação, denominada necessidade de informação, é o que se destaca. Essa abordagem – que deu

sustentação para uma gama de pesquisas que contribuíram para a solidificação do movimento científico – volta-se para a noção de competência, em detrimento da noção de literacia. A noção de competência, por sua vez, contempla a "aptidão para enfrentar um conjunto de situações análogas, mobilizando, de forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes [...]" (PERRENOUD *et al.*, 2002, p. 19).

Nessa perspectiva, a abordagem das necessidades volta-se para os papéis do indivíduo na vida social. O relatório de uma reunião do *National Forum on Information Literacy,* uma comissão formada na década de 1990 para "desenvolver e disseminar o entendimento da importância crítica do conceito" (DOYLE, 1992, p. 2), deu ênfase para a atuação dos indivíduos nos diversos contextos que a vida social apresenta, incluindo a competência em informação como uma estratégia de desenvolvimento de "aprendentes ao longo da vida, cidadãos responsáveis e trabalhadores com habilidades empregáveis" (DOYLE, 1992, p. 6).

Emergem, nesse período, alguns elementos funcionais à competência em informação que são intrínsecos - mas não exclusivos - ao paradigma cognitivo. São eles: 1) aproximação ao movimento do aprendizado ao longo da vida - um movimento educacional que estimula a aprendizagem fora dos ambientes tradicionais (escola, universidade, etc.) e se estende por todos os períodos da vida de um sujeito, possibilitando o desenvolvimento da autonomia e da flexibilidade (DUNNE, 2013, p. 6); e 2) orientação para a formação de profissionais competentes para a atuação no mundo do trabalho e na esfera social.

Esses dois conceitos, na visão de Kapitzke (2003), estão inter-relacionados. O autor afirma que a variação semântica da competência em informação voltada para as "atitudes e habilidades que estão na mente" (KAPITZKE, 2003, p. 6), que se aproxima da abordagem por nós denominada cognitivista, está ancorada na nova lógica capitalista, a qual requer dos trabalhadores novas formas de aprendizagem e de trabalho. Essas novas formas privilegiam a velocidade, flexibilidade e inovação. A expertise, nessa nova lógica, "não é vista como um produto, mas um processo fluido" (KAPITZKE, 2003, p. 8). É nesse sentido que a aprendizagem ao longo da vida parece fazer sentido, ao estimular a autonomia, a flexibilidade, e, consequentemente, a inovação.

É possível reconhecer diversas abordagens de pesquisa cognitivistas que possuem foco na competência. Destacamos, dentre elas, aquelas conduzidas a partir da teoria dos estados anômalos do conhecimento, que foi proposta por Belkin (1980), e foca-se para a recuperação da informação para a redução de incerteza, a qual se origina numa 'situação problemática',

reconhecida pelo indivíduo quando este percebe que lhe falta informação para resolver um problema (BELKIN, 1980, p. 137).

É possível também identificar uma vertente de pesquisas da competência em informação próxima ao paradigma social exposto por Araújo (2003). Esta originou-se a partir de um movimento maior que contemplou a CI como um todo, denominado "movimento de alargamento das fronteiras da Ciência da Informação" (GANDRA; DUARTE, 2012). Essa coalizão, segundo Marciano (2006, p. 183), possibilitou a emergência de novas abordagens para o campo, voltadas para os aspectos humanistas e sociais dos problemas relacionados à informação. Gandra e Duarte (2012) expressam que, a partir desta visão, abre-se uma nova agenda de pesquisas na área, que direciona o foco para a construção de significados por parte do sujeito, em vez de investigar taxas de uso de fontes de informação, ou estimativas quantitativas: "esta nova agenda busca enxergar as ações dos usuários dotadas de significados para eles mesmos" (GANDRA, DUARTE, 2012, p. 14).

No movimento da competência em informação, essa nova agenda legitima a informação enquanto um objeto de valor (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016). Nesse aspecto, a informação é concebida como um insumo, como um meio de educação, como um meio de influência e como um meio de entender o mundo (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016). Assim, compreende-se que "interesses jurídicos e socioeconômicos influenciam a produção e distribuição da informação" (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 6). A partir desse contexto, esse paradigma implica uma postura crítica e reflexiva sobre a validade da informação. Admite-se, enquanto elementos da competência em informação, as habilidades (relacionadas ao acesso), conhecimentos (relacionados à avaliação), atitudes (relacionados à aplicação da informação no dia-a-dia), e, ainda, já a incorporação de, a agregação de valores relacionados com a utilização da informação: inclui-se, na discussão da competência em informação, "a ética, a autonomia, a responsabilidade, a criatividade, o pensamento crítico e o aprender a aprender, enfatizando o cidadão, o ser social, admitindo uma visão sistêmica da realidade" (DUDZIAK, 2001, p. 152).

A informação, no paradigma social, é reconhecida como uma estrutura essencial à incorporação de valores no sistema social, e, por essa razão, é determinada como uma função necessária à manutenção das sociedades democráticas (OWENS, 1976 *apud* DUDZIAK, 2003). Ao ser considerada como um atributo fundamental para a cidadania, a competência em informação, é, então, "uma necessidade prática e um direito moral" (LENOX; WALKER, 1994).

A incorporação de valores no processo de desenvolvimento da competência em informação – que é resultado do desenvolvimento epistemológico da CI, a partir da eclosão do paradigma social – parece ter interferido, inclusive, na tradução do termo *information literacy* para o Brasil. Os dois primeiros estudos que se tem notícia sobre a temática no país foram desenvolvidos por Caregnato (2000) e Dudziak, Gabriel e Villela (2000). Em ambos trabalhos, *information literacy* foi traduzida para o português sob o termo 'alfabetização informacional'. No entanto, a partir de uma investigação aprofundada sobre concepções da *information literacy,* Dudziak (2003) sugeriu a adoção do termo competência em informação para denominar *information literacy* em português, a qual definiu como o conjunto de habilidades, conhecimentos, atitudes e valores relacionados à informação. No mesmo ano, Campello (2003) adotou a expressão, justificando a escolha ao mencionar que a palavra competência seria capaz de "englobar as diversas gamas de *literacy* que surgiram na última década" (CAMPELLO, 2003).

O paradigma social da competência em informação evidencia-se em pesquisas de natureza interpretativa, como, por exemplo, aquelas que se associam às correntes subjetivistas e fenomenológicas. Dentre as investigações conduzidas sob essa vertente, podemos destacar aquelas que utilizam o método fenomenográfico (ANDRETTA, 2007; BOON; JOHNSTON; WEBBER, 2007; JOHNSTON; PARTRIDGE; HUGHES, 2014), as quais consideram a competência em informação um 'fenômeno' subjetivo, que pode ter diferentes significados de acordo com os contextos, e buscam obter uma "compreensão mais profunda e complexa das realidades subjetivas nos diversos aspectos do usuário da informação no 'mundo vivido'" (FORSTER, 2015, p. 353, tradução nossa).

Há, ainda, uma abordagem crítica da competência em informação, revelada no movimento denominado *Critical Information Literacy*, que também já é explorado no Brasil sob a expressão 'competência crítica em informação' (VITORINO; PIANTOLA, 2009; BEZERRA, 2015; DOYLE; BEZERRA, 2016; FIGUEIREDO, 2016; BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017). Parte-se, no modelo crítico, de uma crítica aos processos informacionais constituintes do 'ciclo' da competência em informação, os quais envolvem o reconhecimento das necessidades, a busca, o acesso e o uso da informação. A teoria vigorante considera, então, o sujeito como um mero apreensor de uma 'coisa' que é a competência em informação, desconsiderando seu papel ativo e crítico no processo de construção dos seus próprios processos informacionais. O reconhecimento das necessidades de informação, por exemplo, é considerado por Elmborg (2012) como um processo mecânico, sem significado, e o processo que envolve o acesso aos recursos de forma 'efetiva e eficiente' não estão em

consonância com o processo legítimo de construção de conhecimento do indivíduo, que é lento e minucioso. Ainda, o autor salienta que a avaliação da informação envolve, na teoria, um julgamento de valor sobre o que é 'má' informação e o que é 'boa' informação já delimitado por um padrão, que foi criado a partir critérios de julgamento de informação definidos por um corpo social de características históricas e sociais possivelmente distintas daquele sujeito que tenta construir sua competência em informação (ELMBORG, 2012, p. 93).

Essa crítica está também associada aos modelos pedagógicos tradicionais, os quais cumprem o propósito de "criar trabalhadores eficientes" (TEWELL, 2015, p. 25). O movimento da aprendizagem ao longo da vida, que preconiza a formação de sujeitos autônomos e independentes, está em consonância à economia do conhecimento, a qual requer "um novo tipo de trabalhador inovador, criativo e empreendedor" (BALL, 2013, p. 145). Estando a serviço da economia do conhecimento, a aprendizagem ao longo da vida redireciona o foco da aprendizagem: de '*learning to be*' (aprender para ser, em inglês) para '*learning to be productive*' (aprender para ser produtivo, em inglês) (BIESTA, 2012, p. 8, tradução nossa). Aprender, então, significa cada vez menos aprender *sobre algo*, e cada vez mais aprender *a ser algo*, que, nesse caso, é aprender para ser empregável (BALL, 2013).

Na aproximação dos modelos da competência em informação e da aprendizagem ao longo da vida à economia capitalista, emergem, também, elementos de crítica ao sistema: exclusão social, opressão, dominação, exploração etc. A competência crítica em informação, então, empresta elementos da teoria crítica da pedagogia, notadamente a teoria de Paulo Freire (ELMBORG, 2012; GREGORY; RIGGINS, 2013; TEWELL, 2015) para preconizar uma competência em informação que estimule a consciência crítica, compreendendo o indivíduo além de um consumidor numa pista de pouso aguardando uma posição confortável num cenário altamente competitivo e perverso (TEWELL, 2015, p. 93). Assim, a proposta do modelo crítico busca estimular os indivíduos a empoderar-se para, então, serem capazes de identificar e agir sobre as estruturas opressivas de poder (TEWELL, 2015, p. 36). A partir dessa nova proposta, será possível, então, idear "uma sociedade mais independente, mais participativa, que não seja objeto de outras sociedades nem de uma ínfima parte de si mesma" (BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017, p. 14).

Assim, os estudos críticos da informação enfatizam os diferentes papéis dos agentes na estrutura social, as assimetrias na acumulação de capital cultural e as desigualdades presentes no acesso à informação (BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017, p. 13). Ainda, as investigações sob esse prisma direcionam o foco para os grupos que estão em posição

desfavorável na relação assimétrica de poder, que, na sociedade atual, são denominados grupos oprimidos, excluídos, minorias sociais ou grupos em condição de vulnerabilidade social.

4.3 NOSSA POSIÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Compreendemos a Ciência da Informação como uma ciência social, originada para propor elementos de organização, mediação e comunicação da informação e do conhecimento que são úteis para auxiliar o sujeito a construir seu espaço na esfera social e conectar-se com o seu próprio *self*, ou 'eu individual'. O foco, nesse sentido, é o sujeito, que, por diversas razões pode sofrer os efeitos da exclusão e as experiências informacionais positivas podem consolidar-se como uma forma de enfrentar e vencer tal situação.

Também acreditamos – tal como Aristóteles (2013) – que o sujeito é, naturalmente, um ser social. Tal como Capurro (2003), compreendemos que este influencia e recebe influências do ambiente e dos demais atores sociais. Por essa razão, também acreditamos no aspecto intersubjetivo do conhecimento: tal fenômeno é construído a partir das infinitas interações cotidianas (ARAÚJO, 2003).

Compreendemos que o espaço social é um espaço de conflito e que o desequilíbrio nos fluxos e processos de informação estão a serviço de uma pequena parcela da população, enquanto grande parte da sociedade segue fora dos 'centros informacionais'. Acreditamos, nesse sentido, no caráter da informação enquanto elemento tanto de dominação quanto de resistência (ARAÚJO, 2003).

Compreendemos que a competência em informação possibilita ao sujeito interferir na esfera pública e privada, na medida em que seu insumo principal – a informação – possui a capacidade de colocá-lo em "um estágio melhor de convivência consigo mesmo e dentro do mundo em que sua história individual se desenrola" (BARRETO, 1994, p. 1).

Trata-se, segundo a nossa concepção, de um fenômeno subjetivo – e, inclusive, intersubjetivo - que se manifesta na esfera social e individual. Sua manifestação decorre do sujeito que o apreende, tendo este um papel ativo e crítico no processo de construção dos seus próprios processos informacionais. Sendo assim, cada um constrói seus critérios de julgamento do que é 'boa' ou 'má' informação, tais critérios são delimitados a partir da historicidade de cada um.

Também acreditamos que aquele que apreende a competência em informação não é um simples 'repositório de informação', que busca desenvolver a competência em informação para obter um lugar na 'pista de pouso' que é a cidadania do mercado capitalista. Acreditamos, por

outro lado, que a competência em informação pode empoderar os sujeitos para criar mecanismos que o auxiliem a lidar com problemas sociais como a exclusão, a opressão, a dominação e a exploração (TEWELL, 2015). Cria, assim, elementos para construir uma sociedade participativa e independente, que "não seja objeto de outras sociedades nem de uma ínfima parte de si mesma" (BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017, p. 14).

Diante dessas evidências, podemos observar que nossa posição epistemológica empresta-se de elementos da vertente crítica e da vertente social propostos por Araújo (2003) – e do paradigma social de Capurro (2003). Concordamos com Capurro (2003) na ocasião em que concebemos vertentes crítica e social como elementos de um mesmo juízo, em virtude de ambas as correntes manifestarem "o caráter fundamentalmente interpretativo do conhecimento" (CAPURRO, 2003, p. 1).

Na verdade, o desenvolvimento da competência em informação protagonizado pelo próprio sujeito que apreende – respeitando os critérios de valor de avaliação da informação julgados por ele mesmo– é uma forma de empoderamento social. Tal empoderamento possibilita que este sujeito - que é um ser social cujo *self* interage ininterruptamente com a esfera social que o cerca – tenha um papel ativo na construção de uma sociedade que explore as questões de desigualdade, exclusão e opressão. Vertentes crítica e social estão, em nossa concepção, em harmonia.

Por fim, compreendemos a competência em informação como um movimento intersubjetivo, que se manifesta a partir da relação do sujeito com o fenômeno (objeto) e com os demais atores sociais (meio). A corrente metodológica que atende tal preceito é denominada fenomenologia, descrita na próxima seção, que, ainda, aborda o percurso metodológico que guia a pesquisa empírica.

5 A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO PELO SUJEITO IDOSO: PROCEDIMENTOS PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EMPÍRICO DESTA PESQUISA

Em consonância com nossa posição epistemológica, evidenciada na seção 4, buscamos, nesta seção, apresentar o marco metodológico que orienta nossas escolhas metodológicas. Em seguida, apresentamos os procedimentos para a condução da pesquisa – que se constituem em coleta de dados e análise dos resultados. Por fim, apresentamos os cuidados éticos empregados na investigação.

5.1 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA: A FENOMENOLOGIA COMO "TERRA FECUNDA" PARA A EXPLORAÇÃO DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO

Na seção anterior, abordamos as concepções de informação e também os paradigmas que orientam os estudos desenvolvidos no campo da Ciência da Informação. Ressaltamos, também, que o positivismo e as teorias sociológicas funcionalistas fundamentam parte das pesquisas em CI, e, ainda, estavam em voga durante o primeiro período de desenvolvimento da ciência.

Na verdade, a própria ciência de um modo geral sustentou-se, durante parte do seu desenvolvimento, a partir do paradigma positivista, uma doutrina objetivista que, na relação epistemológica entre sujeito e objeto, coloca este último elemento no centro da gravidade da produção de conhecimento (HESSEN, 2012). As vertentes objetivistas pressupõem o objeto como algo pronto, colocado diante da consciência cognoscente e determinado em si mesmo: o sujeito copia e incorpora, dessa forma, as determinações do objeto (HESSEN, 2012).

Segundo Hessen (2012, p. 35), o idealizador do positivismo é Augusto Comte: esse filósofo acredita que o conhecimento está sustentado naquilo que "é positivamente dado, aos fatos imediatos da experiência". Para as teorias positivistas, a proposta do método científico consiste em construir verdades absolutas: qualquer elemento dinâmico ou subjetivo invalida um conhecimento enquanto científico.

Essa ênfase na construção de verdades absolutas e universais ganhou força no renascimento, um período em que a ciência ainda se consolidava enquanto instrumento legítimo para a produção do conhecimento, em detrimento do conhecimento religioso. Era necessário, naquela ocasião, operar uma observação do mundo "livre dos vínculos do mito e da tradição

em geral, um conhecimento universal do mundo e do homem numa absoluta ausência de pressupostos" (HUSSERL, 2012, p. 4). Assim, essa posição filosófica da teoria do conhecimento pareceu, em princípio, fornecer a validade que o método científico de construção do conhecimento necessitou para consolidar-se (HESSEN, 2012).

No entanto, as doutrinas objetivistas limitam-se na sua capacidade de compreender os fenômenos da existência humana. Husserl (2012, p. 3) pondera que tal vertente "exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens dos nossos desafortunados tempos [...] são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência do sentido de toda a existência humana". Na verdade, o autor expõe que o positivismo tem nada a dizer sobre nós, humanos, pois "abstrai tudo o que é subjetivo" (HUSSERL, 2012, p. 3).

É a partir de críticas desse caráter que Husserl (2012, p. 3) argumenta em prol de uma vertente subjetivista, cujas disciplinas, segundo o autor, "consideram o homem na sua existência espiritual, ou seja, no horizonte da sua historicidade, a sua cientificidade rigorosa". Dessa forma, a ciência seria capaz de verificar aquilo "que o mundo, de fato é, tanto o mundo físico quanto o espiritual" (HUSSERL, 2012, p. 3).

As vertentes subjetivistas – que surgiram a partir de Husserl (1996; 2012) – colocam o sujeito no centro da relação epistemológica entre o sujeito e o objeto. Assim, a verdade é limitada em sua validade: depende do julgamento do sujeito cognoscente. Sendo o sujeito cognoscente um ser em permanente transformação (MINAYO, 2010), a verdade é, então, relativa, e não absoluta nem universal (HUSSERL, 1996).

A fenomenologia é a disciplina filosófica subjetivista mais explorada e discutida na literatura. Originalmente denominada como ciência dos fenômenos (SCHRODER, 2006), tal disciplina foi amplamente abordada e delimitada por Husserl (1996; 2012) e teve a contribuição de outros filósofos para seu desenvolvimento, como Heiddeger, Mearleau-Ponty, Gadamer, Ricoeur e Alfred Schutz.

A origem etimológica da fenomenologia remete à palavra fenômeno, que é oriunda da palavra grega *fainomenon*, designada como aquilo que se mostra, ou que se manifesta, ou, ainda, aquilo que aparece. É, para Bicudo (1994, p. 17), "o que se manifesta para uma consciência", ou, para Martins, Boemer e Ferraz (1990), aquilo que se revela para o sujeito que interroga. A fenomenologia, então, compreende a descrição desses fenômenos conforme eles se manifestam na consciência do sujeito (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Está na 'consciência' uma nova superação ao modelo positivista: enquanto nessa vertente o objeto é algo determinado em si mesmo e colocado diante da consciência

cognoscente (como observamos anteriormente em Hessen (2012)), na fenomenologia consciência e objeto não podem ser vistas de forma isolada:

> consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta *correlação* que lhes é, de alguma maneira, co-original. *Se* a consciência é sempre "consciência *de* alguma coisa" e se o objeto é sempre "objeto *para* a consciência", é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto (DARTIGUES, 2013, p. 19, grifo do autor).

Ao observarmos sob esse prisma, podemos reconhecer que a consciência está sempre direcionada a um objeto específico, sendo, assim, uma 'consciência de' (ZILLES, 2007). Surge, então, o conceito de intencionalidade, designado por Sokolowski (2012, p. 18) como "a relação de consciência que nós temos com um objeto". É, pois, por meio da intencionalidade que "a consciência funda sentido como compreensão de algo que é" (ZILLES, 2007, p. 218). Podemos simplificar o conceito de intencionalidade designando-o como uma unidade da estrutura da consciência com relação ao objeto (ZILLES, 2007): "intencionalidade é o mesmo que dirigir-se a algo, forma de entrar em contato com um objeto ou estabelecer referências entre consciência e seu objeto" (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 142).

A proposta da fenomenologia enquanto ciência e enquanto metodologia é descrever as essências da consciência e de seus atos, segundo Husserl (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990). A busca da essência seria o 'retorno às coisas mesmas', ou seja, a percepção da consciência com relação ao objeto (GIDDENS, 1996). Essa essência, descrita como percepção da consciência com relação ao objeto, manifesta-se nas vivências, ou melhor, em cada vivência particular revelada pelo sujeito em cada interação sua com o objeto (DARTIGUES, 2013).

Vivências são, para a fenomenologia, ocorrências particulares. São interações da consciência em relação ao mundo, sendo esse um simples fenômeno, e não uma existência exterior ao sujeito (DARTIGUES, 2013). O mundo, pois, só tem "sentido em sua manifestação na vivência" (DARTIGUES, 2013, p. 22). As vivências, dessa forma, estão estreitamente vinculadas ao fenômeno experimentado.

Esta é a proposta de investigação fenomenológica: descrever "as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo" (DARTIGUES, 2013, p. 22). Sendo as vivências intencionais resultado de uma experiência explorada pelo sujeito em relação ao objeto, a fenomenologia, então, busca "discernir e descrever a estrutura essencial da experiência"

(CERBONE, 2012, p. 27). Experiência revela-se, para Cerbone (2012), na apreensão dos fenômenos pela consciência.

É importante novamente destacar que, para a fenomenologia, não há um objeto externo à consciência: este, por sua vez, aparece para o sujeito em forma de fenômenos. Dessa forma, não é possível realizar um contraste entre o que o objeto é de verdade e o que ele parece ser na consciência do sujeito, pois, afinal, o objeto se 'esgota' na sua própria consciência (CERBONE, 2012). Nesse sentido, a fenomenologia foca, precisamente, "no que é dado na experiência, abstendo-se inteiramente do método de formular hipóteses ou extrair inferências do que é dado para o que se encontra aquém ou além disso" (CERBONE, 2012, P. 27). Por fim, é possível compreender o objeto na sua totalidade, por meio do fenômeno que ele se manifesta na consciência, na medida em que ele está completamente presente como objeto da experiência (CERBONE, 2012).

A compreensão do objeto na sua totalidade, ou seja, a captação da essência do fenômeno se dá essencialmente num grau de consciência do sujeito que é designado como consciência sensível. Essa esfera corresponde ao mais baixo grau da consciência: "acolhe os dados tal como são, ricos e completos. Apreende o objeto em toda a sua plenitude e assim obtém o conhecimento mais rico" (RAFFIN, 2009, p. 21). A consciência sensível manifesta-se na experiência, mas uma experiência dada ao mundo sem interferência externa, somente no encontro do meditador consigo mesmo, ou, nas palavras de Husserl (1996), no encontro do meditador "com o puro ego de suas cogitações" (HUSSERL, 1996, p. 39, tradução nossa). É somente a partir do encontro interno do sujeito com o seu próprio ego que o objeto se manifesta externamente: o ego, então, "busca os caminhos apodicticamente[14] certos pelas quais ele pode atravessar da sua pura interioridade para uma exterioridade objetiva" (HUSSERL, 1996, p. 39, tradução nossa).

A redução das esferas da consciência para a consciência sensível é denominada na fenomenologia como redução fenomenológica (ou *epoché*). Busca, para Dartigues (2013, p. 22-23):

> distender o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios, que são de uma extraordinária complexidade e de uma arânea fineza. Tão finos que não

[14] Apodicto (ou apodítico) é descrito por Demetrius (2015), de um modo geral – e a partir da obra da Kant - como a modalidade do juízo que é necessário de direito, que exprime uma necessidade lógica, não um simples fato. Um juízo apodítico, dessa forma, possui as características de universalidade e necessidade. No contexto da obra da Husserl, apodítico diz respeito à ausência absoluta de dúvida. Assim, o apodítico, para filosofia fenomenológica, consiste no alicerce sólido que oferece à filosofia fenomenológica o rigor característico da ciência (TOURINHO, 2012).

> apareciam na atitude natural[15], a qual se contentava em conceber a consciência como contida no mundo [...] a menos que concebesse o mundo como contido na consciência [...]

Cerbone (2012) esclarece que a redução fenomenológica desconsidera os objetos mundanos da experiência, ou seja, aqueles obtidos a partir de outras formas além da consciência sensível:

> quando executo a redução, não atento mais aos objetos mundanos de minha experiência, nem me pergunto sobre os fundamentos causais dessa experiência; em vez disso, foco minha atenção na experiência desses objetos mundanos. Presto atenção à apresentação do mundo ao meu redor (e de mim mesmo), em vez do que é apresentado (CERBONE, 2012, p. 29).

Nessa posição, tudo o que é exterior à consciência sensível do fenômeno é "colocado entre parênteses", nas palavras de Zilles (2007, p. 218). Suspende-se, então, as crenças, os preconceitos, a realidade natural. Isso não significa negar a existência de fenômenos externos à consciência sensível, mas metodicamente renunciar seu uso (ZILLES, 2007, p. 219). Essa 'suspensão' ou 'exclusão' das pressuposições, crenças compromissos da atitude natural permite que nossa experiência "nunca, em absoluto, atinja coisa alguma para além dela mesma" (CERBONE, 2012, p. 28).

O "retorno às coisas mesmas", possibilitado pela redução fenomenológica (ou *epoché*), permite que seja declarada a essência do fenômeno, conforme manifestada na consciência. O procedimento metódico que leva à visão dessa essência é denominado de redução eidética. Tal procedimento possibilita, segundo Zilles (2007), a compreensão do *eidos* (do grego para o português: essência, ideia, forma). Cerbone (2012, p. 38) reconhece a redução eidética como uma forma de destilação, que remove "quaisquer das características arbitrárias ou contingentes da experiência, de modo a isolar a forma ou estrutura necessária da experiência".

Dartigues (2013) afirma que, para alcançar a essência, é necessário reduzir, ou melhor, "purificar o fenômeno de tudo o que lhe comporta de inessencial, de 'fáctico', para fazer aparecer o que lhe é essencial" (DARTIGUES, 2013, p. 30). Essa redução eidética, denominada agora 'purificação', não se dá de nenhuma forma através de um processo de manipulação: é, na verdade, um esforço mental que permite desvelar a essência dos fenômenos (DARTIGUES, 2013).

Apresentamos até aqui alguns pressupostos básicos da fenomenologia e alguns procedimentos comuns dentre as várias vertentes fenomenológicas que existem a partir de

[15] A atitude natural é, na filosofia de Husserl, o estado de "nossa consciência consciente ordinária de nós mesmos e do mundo ao nosso redor" (CERBONE, 2012, p. 18). Pode ser também descrita na literatura como "atitude do senso comum", em que o sujeito está consciente (sob todos os graus de consciência) do mundo à sua volta.

Husserl (1996; 2012). Porém, é necessário expor que algumas premissas levantadas na fenomenologia concebida por Husserl – denominada fenomenologia transcendental – não estão em consonância com nossa posição epistemológica, que foi apresentada na seção anterior.

A fenomenologia transcendental de Husserl (2001; 2010) é ocasionalmente caracterizada por seu aspecto solipsístico na ocasião que reduz os fatos da realidade aos "fatos de experiência imediata, sendo, pois, apenas *meus*" (ABBAGNANO, 1998, p. 919, grifo do autor). Esse ato é realizado num procedimento denominado por Cerbone (2012) como redução transcendental (que ocorre após a redução eidética). Nessa etapa, abstrai-se a subjetividade do 'outro' do processo de construção da realidade do sujeito: "apenas o 'eu' existe efetivamente, sendo todos os outros tão somente uma ilusão na consciência desse sujeito" (VIEIRA, 2014, p. 131). Assim, na filosofia solipsista, da experiência do sujeito no mundo enquanto fenômeno transcendental "é retirada abstrativamente a camada de sentido fundada que remete à constituição intersubjetiva" (VIEIRA, 2014, p. 129).

Nossa posição epistemológica distancia-se da fenomenologia solipsista na medida em que exaltamos o aspecto intersubjetivo das essências. Giddens (1996, p. 42-43) reconhece, na fenomenologia de Alfred Schutz, um movimento contrário à *epoché* solipsista, tal qual descrita por Husserl (1996; 2012). Para Giddens (1996), a atitude natural descrita por Schutz não "presume a suspensão da crença na realidade natural e social, mas antes o oposto, a suspensão da dúvida de que algo é uma coisa diferente daquela que aparenta ser" (GIDDENS, 1996, p. 42).

A fenomenologia de Schutz é designada como fenomenologia social: Wagner (1979) ressalta que Schutz trouxe, para a teoria fenomenológica, uma visão sociológica ao explorar as bases fenomenológicas da ação social que é dotada de significado para o sujeito. Ainda, Schutz define o conjunto das realidades que o ser vivencia como *lebenswelt* (para o inglês: *life-world*, para o português: mundo da vida) (CALDERANO, 1998; SCHRÖDER, 2006). É nesse mundo da vida que as pessoas experienciam os fenômenos: tal ambiente, que é a realidade suprema para os seres humanos, é anteriormente constituído, significativo e **naturalmente intersubjetivo** (CALDERANO, 1998, p. 14, grifo nosso). A experimentação dos sentidos no mundo da vida, para Schutz, é orientada "somente através de uma interpretação e de um aproveitamento dos meus acontecimentos passados e dos acontecimentos dos outros" (SCHRÖDER, 2006, p. 13).

Dreher (2012) menciona que a contribuição mais expressiva da teoria de Schutz revela-se no desenvolvimento da teoria do mundo da vida, que está sintetizada na obra *Structures of*

the Life-World, uma obra finalizada postumamente por seu aluno Thomas Luckmann (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000).

Schutz e Luckmann (2000) definem o mundo da vida como uma realidade natural e pré-científica, revelada pelo sujeito em sua atitude natural. Trata-se da "região da realidade em que o homem pode se envolver e mudar enquanto ele opera nele por meio de seu organismo animado" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 3, tradução nossa), um lugar onde as "objetividades e os acontecimentos que já se encontram nesse domínio (incluindo os atos e os resultados de ações de outros homens) limitam suas possibilidades de ação gratuitas" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 3, tradução nossa). O mundo da vida é, pois, a esfera da consciência em que o ser experiencia os fenômenos, podendo este ser, ainda, atuar sobre eles.

No mundo da vida descrito por Schutz e Luckmann (2000), preserva-se a atitude natural do sujeito, na qual "toma-se como certa a atitude do senso comum" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 3, tradução nossa). Esse mundo da vida é naturalmente intersubjetivo: a realidade é, nesse sentido, compartilhada pelos sujeitos em interação uns com os outros. Essa interação, para os autores, tem a capacidade de interferir no processo de apreensão dos objetos do conhecimento:

> assim como é auto-evidente para mim, dentro da atitude natural, que posso até certo ponto obter conhecimento das experiências vividas de meus semelhantes [...] eu também suponho que o mesmo seja recíproco para eles com relação a mim. Além disso, considero que o significado deste "mundo natural" [...] é fundamentalmente o mesmo para os meus semelhantes quanto para mim, uma vez que é trazido para um quadro comum de interpretação. Nesse sentido, o sentido, a província de coisas pertencentes ao mundo exterior também é social para mim (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 4-5, tradução nossa).

A intersubjetividade, para Schutz e Luckmann (2000) também é estendida para a esfera da ação: na realidade 'natural', "não somente eu posso agir sobre meus próximos, mas eles também podem agir sobre mim" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 5, tradução nossa). Essa ação acontece, segundo os autores, por meio das relações sociais. Dessa forma, o mundo da vida natural é, pois, social também (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000).

As relações sociais são a forma de interação entre os sujeitos no mundo da vida. Podem se dar por meio de signos, símbolos, expressões corporais e outros meios de interação. Schutz e Luckmann (2000) ressaltam que só é possível estabelecer relações sociais porque os movimentos do outro são inteligíveis para mim por meio da interpretação do meu estoque de conhecimentos acerca dessas expressões e signos que possibilitam tal interação (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000).

Sendo o mundo da vida intersubjetivo, as experiências vividas pelos sujeitos que dele participam também são herdadas do convívio social. Schutz e Luckmann (2000) afirmam que o axioma fundamental de toda experiência da realidade social está assentado na existência de outros seres, sendo esses seres exatamente 'como eu'. A experienciação dos outros sujeitos se dá, segundo os autores, a partir de vários níveis de proximidade e profundidade e por meio de diferentes 'corpos sociais', como instituições, estruturas culturais e outras "humanidades em geral" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 61, tradução nossa).

A contribuição da fenomenologia de Alfred Schutz e Thomas Luckmann para esse trabalho se dá justamente a partir das formas intersubjetivas de construção da experiência. Segundo os autores, nossa experiência no mundo da vida – que é socialmente construída intersubjetivamente – é originada 1) a partir da experiência imediata do outro; e 2) a partir da experiência mediata do mundo social.

No caso da experiência imediata, Schutz e Luckmann (2000) destacam que ela se dá na ocasião em que o sujeito percebe o outro quando ele "compartilha uma parcela do espaço do mundo da vida e ao mesmo tempo em comum" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 63, tradução nossa). Os autores também mencionam que essa experiência se dá também num nível corporal, ou seja, trata-se de uma interação que acontece face a face: é a "situação social caracterizada pelo imediatismo corporal e espacial" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 63, tradução nossa).

Essa experiência imediata com o outro inicia quando o sujeito volta a sua atenção para o próximo, um movimento designado pelos autores como *thou-orientation*. Trata-se de uma ação que surge quando o sujeito experiencia algo no mundo ao seu alcance que é "assim como eu" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 62). Essa orientação é um indicativo para a construção de uma relação social, mas não é o suficiente: a relação social só acontece quando há uma reciprocidade, ou seja, quando o próximo reconhece o sujeito como um ser "assim como eu". Nessa ocasião, a *thou-orientation* é recíproca, e então constitui-se a relação designada pelos autores como *we-relation*.

Tal relação acontece, segundo Schutz e Luckmann (2000), sob vários estágios de apreensão e compreensão do outro. O estágio da *we-relation* onde acontece o real fluxo intersubjetivo das experiências é denominado pelos autores como *pure we-relation* (uma *we-relation* pura, para o português). Tal relação consiste "na consciência pura da existência do outro". Os autores expõem:

> um componente essencial dessa experiência está na compreensão da atitude do outro para comigo. Ele também experiencia minha ação não simplesmente num contexto interpretativo objetivo, mas também como uma expressão da minha vida consciente. Além disso, eu apreendo o fato de que ele me experiencia como alguém que

> experiencia sua conduta como expressão de sua subjetividade. Na *we-relation* nossas experiências não são somente coordenadas entre si, mas são também reciprocamente determinadas e relacionadas umas com as outras. Eu experiencio eu mesma por meio do meu próximo, e ele experiencia ele mesmo por meio de mim. O espelhamento de si mesmo na experiência do outro [...] é um elemento constitutivo da *we-relation* (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 67, tradução nossa).

Dessa forma, uma *we-relation* pura acontece quando as experiências vivenciadas pelos sujeitos são socialmente partilhadas e fazem parte da mesma construção do mundo da vida, sendo esse mundo da vida "não o meu privado mundo nem o seu privado mundo, e tampouco o meu mundo e o seu associados, mas sim o mundo da experiência comum" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 68, tradução nossa).

Ainda há, na construção intersubjetiva das experiências, a contribuição das experiências mediatas do mundo social. Essas experiências podem acontecer quando o sujeito que experiencia está no mesmo espaço social e tempo que seus próximos, ou pode acontecer fora dos limites de tempo e espaço mútuos. Sobre a primeira forma citada, Schutz e Luckmann (2000) discorrem acerca de uma *thou-orientation* que não evoluiu necessariamente para uma *we-relation,* a qual eles designam como *they-orientation*. Os autores citam o exemplo da relação entre um mestre e um servo, ou, simplesmente da relação entre um carteiro para quem o sujeito entrega as cartas. Esse tipo de relação, para os autores, designa aqueles sujeitos "cuja existência eu posso inferir na minha base de conhecimento do mundo social como pontos de referências de funções sociais típicas" (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 73, tradução nossa).

Uma relação mediata pode acontecer fora dos limites de tempo e espaço mútuos. Pode ser uma experiência que é fruto de uma *we-relation* anteriormente constituída e que foi descontinuada por alguma razão ou, inclusive, as experiências de valor histórico. Sobre essas últimas experiências, os autores ressaltam que elas são, obviamente, de ordem indireta. Podem ter sido transmitidas por meios de comunicação pelos próximos, os quais o sujeito pode compartilhar de uma *we-relation*. De toda forma, uma experiência mediata é bastante ampla: pode designar qualquer elemento da realidade social que interfira na experiência intersubjetiva (os autores citaram como exemplo o sistema político e econômico capitalista (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000).

Seja por meio de uma relação mediata ou imediata, os sujeitos interagem constantemente no mundo da vida. As experiências socialmente compartilhadas formam um esquema de referência da explicação e da compreensão do mundo do sujeito (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000, p. 7, tradução nossa), que são base para a experienciação dos fenômenos.

Reconhecemos que a construção da realidade social do idoso é intersubjetiva. Está, dessa forma, no trabalho do pesquisador fenomenológico captar a experienciação dos fenômenos da consciência, reconhecendo que tais elementos possuem uma historicidade social. Nas próximas subseções, apresentamos os procedimentos metodológicos que nos possibilitam, para essa pesquisa, captar a experienciação da competência em informação pelo sujeito idoso.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Nossa investigação é desenvolvida na área da CI, reconhecida como uma ciência social aplicada e já designada como um campo devotado à investigação científica de "problemas de efetiva comunicação de conhecimentos e de registros do conhecimento entre seres humanos, no contexto de usos e necessidades sociais, institucionais e/ou individuais de informação" (SARACEVIC, 1996).

Situando-se em uma ciência social aplicada, é previsível reconhecer essa investigação como uma pesquisa de cunho social. Pesquisas de cunho social são designadas como aquelas cujo objeto central é o sujeito e sua realidade social. Algumas características da pesquisa social – que devem ser consideradas na ocasião da escolha do método científico são expostas por Demo (1985), as quais incluem: a) a racionalidade dos sujeitos; b) a historicidade dos seres, caracterizando a situação de 'estar' não de 'ser'. Nesse ponto, Demo (1985, p. 15) ressalta que "a provisoriedade processual é a marca básica da história, significando que as coisas nunca 'são' definitivamente, mas 'estão' em passagem, em transição"; c) a manifestação qualitativa das realidades sociais, o que dificulta a operacionalização de procedimentos para a manipulação exata.

Minayo (1994) ressalta que o objeto das ciências sociais – a realidade social – é "o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante". Essa realidade, ainda segundo a autora, "é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela" (MINAYO, 1994, p. 15). Dessa forma, o método a ser aplicado para a investigação social deve envolver "instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades" (MINAYO, 1994, p. 15), mesmo que a autora reconheça que qualquer método de investigação de um objeto tão dinâmico e contraditório (o sujeito) é incompleto, inacabado e insatisfatório. A autora então reconhece, por meio de suas afirmações sobre as ciências sociais que "o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo" (MINAYO, 1994, p. 15) e que o método deve ser capaz de apreender tal aspecto dessa ciência.

Assim, descrevemos esta pesquisa como uma investigação de cunho qualitativo, sob o viés da abordagem do problema. Ainda, trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva de acordo com os objetivos, e, por fim, configura-se como uma pesquisa de campo, segundo os procedimentos de coleta de dados. Essas classificações estão de acordo com as categorizações de pesquisas propostas por Raupp e Beuren (2006).

O desenvolvimento desse estudo com base em seu aspecto exploratório envolve a descoberta de facetas ou vieses em que se revela a competência em informação dessa população em específico, enquanto o aspecto descritivo desse estudo identifica e menciona as características que circundam a manifestação desse fenômeno especialmente no grupo de idosos. A pesquisa de campo está implícita na pesquisa qualitativa fenomenológica, na medida em que propõe dar voz ao sujeito na construção do objeto de pesquisa a ser experienciado.

Este trabalho é caracterizado pelo seu aspecto qualitativo. Tal método está no cerne da pesquisa social: busca a compreensão de fenômenos sociais a partir de experiências relatadas pelos indivíduos (TAYLOR; BOGDAN, 1997). O foco, nesse sentido, é a realidade construída a partir da percepção do sujeito (TAYLOR; BOGDAN, 1997, p. 3; MERRIAM, 1998).

Taylor e Bogdan (1997, p. 7-10, grifo nosso) elencam algumas características principais da pesquisa qualitativa, que também nos auxiliam a direcionar os procedimentos metodológicos dessa investigação. São elas:

1) A pesquisa qualitativa está envolvida com os significados que as pessoas atribuem para as coisas na vida, ou seja, busca a compreensão do objeto a partir da perspectiva do sujeito que experiencia o fenômeno;

2) Este método de pesquisa é indutivo, na medida em que desenvolve padrões, conceitos e compreensões a partir dos dados coletados no campo, em vez de coletar os dados para validar modelos, hipóteses e teorias previamente concebidas.

3) Na metodologia qualitativa, os sujeitos e o ambiente são observados de forma holística: dessa forma, o campo não é reduzido a um grupo de dados e variáveis, mas sim visto como um todo, ao considerar a história e a situação dos sujeitos que compreendem o fenômeno;

4) Na pesquisa qualitativa, todas as perspectivas são dignas de serem estudadas: nenhum estudo é mais ‘potente’ do que outro, e a visão do condenado sobre a situação é tão importante quanto a do juiz, assim como a do empregado e do patrão, que são dados tratados sem nível de hierarquia. Taylor e Bogdan (1997), ainda, destacam que, na pesquisa qualitativa, oferece-se voz aos ignorados e delinquentes, **dando espaço para os raramente ouvidos**.

5) A pesquisa qualitativa é uma arte, no sentido de poder ser moldada pelo pesquisador que a desenvolve: tem diretrizes, mas não regras, e, nesse sentido, o pesquisador nunca está a serviço de uma técnica ou método.

Na visão de Merriam (1998), as pesquisas de cunho qualitativo buscam compreender o significado que as pessoas constroem acerca de seus mundos, ou seja, buscam o entendimento do fenômeno a partir da visão do sujeito, e não do pesquisador. Tal exposição, em conjunto com as considerações anteriormente apontadas acerca da pesquisa qualitativa auxiliam a oferecer procedimentos para coleta e análise de dados. Tais procedimentos, assim como a caracterização do ambiente de pesquisa estão dispostos nas próximas subseções desta seção. A seguir, serão delineados os procedimentos adotados para a coleta de dados.

5.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os procedimentos de coleta de dados, para esta pesquisa, estão diretamente vinculados aos objetivos dessa investigação. Devemos resgatar que nosso objetivo, de uma forma geral, envolve o estabelecimento de um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de GTI sob o foco da dimensão política (relações sociais). Assim, a pesquisa empírica que busca construir esse instrumento envolve a) a revelação das manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de GTI; e b) a identificação de elementos da competência em informação de idosos, bem como da dimensão política desta, coletadas a partir das experienciações dos próprios idosos e de mediadores de GTI.

Tal como em pesquisas de cunho fenomenológico de um modo geral, nosso ponto inicial parte de uma dúvida com relação ao fenômeno apreendido pelo sujeito na sua própria consciência. Para Garnica (1997, p. 114):

> fenômenos nunca são compreendidos sem que sejam inicialmente interrogados: disponíveis na percepção, são questionados e, na perspectiva fenomenológica, qualquer forma de manifestação ou objetividade implica um relacionamento intersubjetivo. O questionamento põe-nos frente ao manifesto, em atitude de abertura ao que se mostra, na intenção de conhecer, própria da consciência.

Martins, Boemer e Ferraz (1990) também discorrem que a estratégia de descrição dos fenômenos – que é o objetivo central do pesquisador fenomenológico – envolve, necessariamente, o questionamento. O pesquisador fenomenológico:

> tem suas dúvidas sobre algumas coisas e quando há dúvidas, ele interroga. Quando pergunta tem uma resposta. Quando interroga terá uma trajetória, estará caminhando

> em direção ao fenômeno, naquilo que se manifesta por si, através do sujeito que experiencia a situação (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 143).

Siani, Correa e Las Casas (2016, p. 193) afirmam que o alcance da essência do fenômeno, ou da 'coisa em si mesma' pela experiência vivida só pode se dar a partir da obtenção de relatos por parte dos próprios sujeitos da pesquisa, realizados por meio dessa interrogação.

A interrogação é, de fato, o instrumento mais rico para a captação das essências. É por meio desses relatos, ou seja, da linguagem, que o sujeito expressa suas opiniões, crenças, percepções e valores que constituem suas experiências (MINAYO, 2012, p. 622). A partir da interrogação, ainda, constrói-se um diálogo, uma relação participante/pesquisador que, segundo Souza *et al.* (2014, p. 2688), constitui a "forma mais complexa de interação entre indivíduos, por envolver seus canais sensoriais durante todo o falar – ouvir – pensar – falar, que se dá no movimento que, comunicacionalmente, opera o encontro do eu com o outro e do outro comigo". Essa relação entre entrevistador/participante pode, ainda, revelar outros aspectos corporais não mencionados por meio da linguagem e que são essenciais para a captação da essência do fenômeno.

A constituição de um diálogo, isto é, de uma relação entrevistador/participante é possível a partir da entrevista, que é o procedimento selecionado para captar tais essências nesta pesquisa. Dentre as modalidades de entrevista capazes de captar essências dos fenômenos está a narrativa, descrita por Muylaert *et al.* (2014, p. 198) como um método capaz de "produzir conhecimento científico compromissado com a apreensão fidedigna dos relatos e a originalidade dos dados apresentados", na medida em que permite o aprofundamento das experiências a partir de histórias acerca de acontecimentos sociais de interação com o fenômeno. Trata-se de uma ferramenta de entrevista não-estruturada, em que não há a seleção prévia de perguntas em relação ao objeto; há apenas o estímulo por parte do entrevistador para que o participante construa sua percepção do objeto a partir da contação de fatos passados (MUYLAERT *et al.*, 2014).

Os fatos passados refletem na experiência presente. No momento da narração, o tempo presente, passado e futuro são articulados: ao se recordarem das experiências, os sujeitos ressignificam o passado a partir do presente e projetam o futuro (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 195).

A técnica da entrevista narrativa possui algumas etapas para sua operacionalização: normalmente há, em primeiro lugar, a iniciação, em seguida há a etapa da narração e da fase de questionamento e, por fim, a entrevista finaliza com a fase da fala conclusiva. As fases estão elencadas no Quadro 6.

Quadro 6: Fases da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxíliares verbais
2. Narração central	Não interromper – somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar os sinais de finalização
3. Fase de perguntas	Somente expor: "o que aconteceu, então?" Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo "por quê?" Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo "por quê?" Fazer anotações imediatamente após a entrevista

Fonte: Adaptado de Pellegrini (2017), com base em Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 97).

A partir do Quadro 6, podemos observar que a entrevista narrativa possui cinco fases principais. Na primeira delas, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), envolve-se o campo e o participante, e formula-se as chamadas questões exmanentes, que são questões formuladas com base nos inquéritos iniciais, nas investigações preliminares e no interesse do pesquisador. Elas diferem das questões imanentes, que são os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante. A segunda etapa consiste em expressar o tópico inicial da entrevista, com o emprego dos auxiliares verbais. Na fase da narração central, busca-se somente encorajar o discurso por meio de comunicação não verbal. (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002). A penúltima etapa é composta pela fase de perguntas: pode-se, então, empregar instrumentos verbais que possam ajudar a elucidar questões. Ainda, essa etapa deve estar livre de pré-conceitos e pré-suposições do mundo exterior e, dessa forma, não é oportuno dar opiniões, discutir sobre contradições ou fazer perguntas sobre atitudes (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002). Na última etapa, denominada "Fala Conclusiva", recomenda-se parar de gravar e, assim, realizar perguntas do tipo "por quê" (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002).

A partir da narrativa, ainda, é possível captar características para-linguísticas fundamentais para se entender o não-dito: o tom da voz, o silêncio, as pausas e as mudanças da entonação convertem-se em elementos de observação e são fundamentais para compreender o fenômeno num todo (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 195). Tais características para-linguísticas são captadas pelo entrevistador no momento da observação, que se trata também de um procedimento metodológico da pesquisa. Os instrumentos para a descrição desses elementos para-linguísticos são os diários – tanto o diário de campo quanto o diário do pesquisador. No diário do campo, a pesquisadora relata a ocasião da entrevista: o ambiente, as demonstrações

dos sujeitos e outros elementos que podem servir de instrumentos para a compreensão dos dados. O diário do pesquisador, por sua vez, serve para que a pesquisadora relate suas próprias percepções com relação ao comportamento, atitudes e sentimentos demonstrados pelos sujeitos que não são evidenciados na gravação de áudio, mas que igualmente podem servir para a compreensão dos resultados.

Outro instrumento que auxilia na compreensão dos dados é o formulário de caracterização dos sujeitos. A partir dele, é possível compreender aspectos sociais, individuais e outros elementos que identificam o idoso participante da pesquisa. Esse instrumento está disponível no Apêndice E.

Dessa forma, nossa interrogação com os idosos é realizada, nessa pesquisa, a partir da entrevista narrativa com o auxílio do diário de campo e do diário do pesquisador. Por se tratar de uma modalidade de entrevista não-estruturada, não há roteiro estabelecido, mas sim um tópico inicial cujas experiências devem ser delineadas a partir dele. Tal tópico consta no Apêndice C. Assim, a partir dessa descrição da experiência vivida pelos próprios sujeitos acerca do objeto (agora fenômeno), buscamos, então, atender ao objetivo específico da alínea *c*[16].

Na fundamentação metodológica desta seção, ressaltamos que a realidade social é intersubjetiva, a partir do momento em que o sujeito está, naturalmente, em interação com os outros. O processo de apreensão dos objetos do conhecimento, dessa forma, é influenciado pelo círculo social do sujeito e pelas suas experiências compartilhadas pelos demais atores sociais. Minayo (2014) destaca que a singularidade do indivíduo, ou seja, a subjetividade é a manifestação do viver total. No entanto, a experiência e a vivência de um sujeito ocorrem no âmbito da história coletiva: as vivências e experiências são, portanto, contextualizadas e envolvidas pelos comportamentos e pela cultura do grupo em que o sujeito se insere.

É por conta dessa concepção que nossa pesquisa inclui a interrogação dos mediadores e dirigentes dos Grupos da Terceira Idade quanto à manifestação da dimensão política da competência em informação do idoso. A interrogação desses sujeitos auxilia a interpretar os dados obtidos da construção do mundo vivido dos protagonistas desta pesquisa. A interrogação dos dirigentes/mediadores ocorre por meio de uma entrevista semiestruturada, com perguntas específicas (direcionadas para o objeto) já delimitadas anteriormente ao campo (COLOGNESE;

[16] O objetivo específico da alínea *c* compreender revelar, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI);

MELO, 1998). Tal procedimento é útil para atendermos ao objetivo específico da alínea *d*[17]. O instrumento de coleta de dados direcionado aos dirigentes/mediadores está disponível no Apêndice D.

Ressaltamos, ainda, que os procedimentos no campo são gravados em áudio para posterior transcrição e interpretação dos dados.

Dessa forma, compreendemos que os procedimentos acima descritos dão forma à construção empírica da pesquisa. Destacamos que a fonte dos dados para a compreensão dos resultados emerge de três esferas: do sujeito, da observação, dos dirigentes que participam da construção das experiências do idoso. Os dados advindos dessas três esferas solidificam, dessa forma, os resultados da investigação. O processo de seleção dos participantes da pesquisa de campo está delineado na próxima subseção.

5.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMBIENTE DE COLETA DE DADOS E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

A população geral contemplada nessa pesquisa é composta pelos idosos que participam de iniciativas de promoção da integração social de idosos (GTI e outras iniciativas) no Estado de Santa Catarina.

Santa Catarina é um dos três estados que compõem a região Sul do Brasil. Compreende a extensão de 95.737, 954km², e é classificado como 7º menor Estado do país (IBGE, 2019a). Os 295 municípios do Estado estão distribuídos em 6 mesorregiões, a saber: Oeste Catarinense, Norte Catarinense, Região Serrana, Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Sul Catarinense (IBGE, 2019b). A distribuição dessas regiões na estrutura do Estado pode ser observada a partir da Ilustração 3.

Santa Catarina é um Estado considerado pela ONU como um território com alto índice de desenvolvimento humano: o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado é de 0,774[18], de uma escala de zero a um (IBGE, 2019c). Esse índice coloca Santa Catarina na terceira posição entre os Estados mais desenvolvidos do Brasil (Distrito Federal e São Paulo possuem indicadores mais altos).

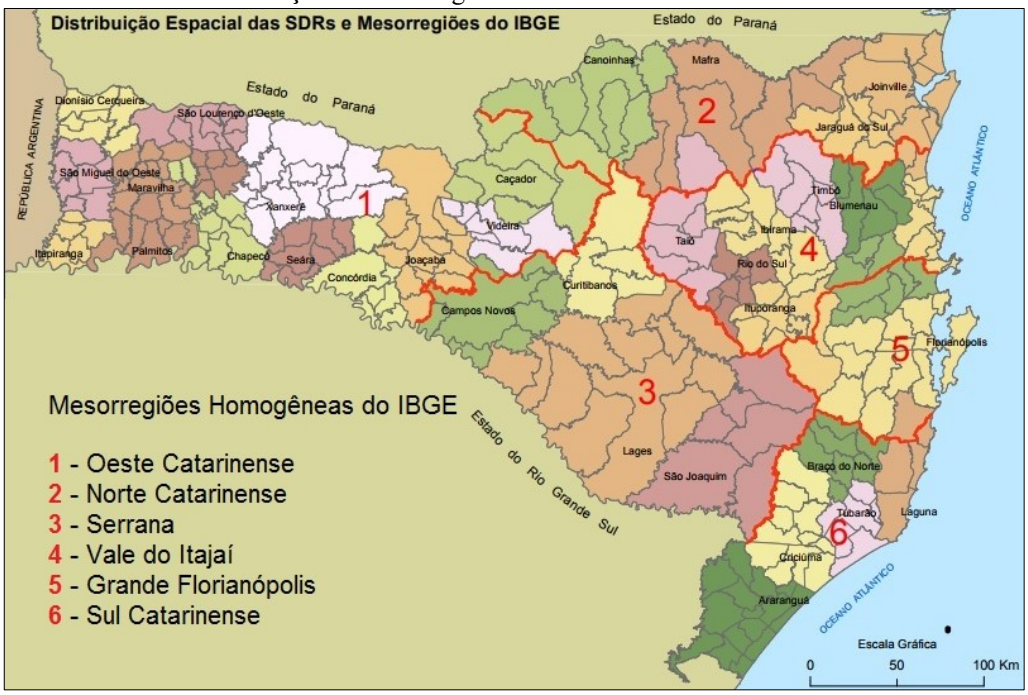
---

[17] O objetivo específico da alínea *d* compreende identificar, a partir das falas de mediadores de GTI, elementos da competência em informação elementos da competência em informação, bem como a dimensão política desta, de idosos.

[18] O Índice de Desenvolvimento Humano é resultado das três das mais importantes dimensões do desenvolvimento humano: a oportunidade de viver uma vida longa e saudável, de ter acesso ao conhecimento e ter um padrão de vida que garanta as necessidades básicas. São representadas pela saúde, educação e renda (ONU, 2018).

Em 2010, Santa Catarina possuía uma população de 6.248.436 pessoas (IBGE, 2019a). Dessa população, 443.443 pessoas possuíam 65 anos ou mais (IBGE, 2019a), o que representa aproximadamente 7% da população. Atualmente (ano de 2019), o IBGE estima que Santa Catarina compreenda a população de 7.075.949 de habitantes, alcançando 8,70% da população catarinense. A projeção para 2030 estabelece que 14.64% dessa população terá 65 anos ou mais no Estado. Trata-se, dessa forma, de um grupo etário em crescimento, em termos demográficos.

Ilustração 3: Mesorregiões do Estado de Santa Catarina



Fonte: Da autora. Adaptado de IBGE (2019b).

O Estado de Santa Catarina concentra 903 entidades privadas sem fins lucrativos, dentre as quais está incluso o Serviço Social do Comércio (Sesc), que concentra suas atividades no planejamento e a execução de ações nas áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019a). Voltado prioritariamente para o público de comerciários – embora atenda público externo - o Sesc possui a missão de "contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores do setor de comércio de bens, serviços e turismo, prioritariamente de baixa renda, através de serviços subsidiados e de excelência" (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019a).

Tal entidade possui unidades em todos os estados. Em Santa Catarina, no ano de 2018 o Sesc possuía mais de quarenta pontos fixos de atendimento em mais de vinte e cinco municípios, além de contar com unidades móveis que, de forma itinerante, desenvolvem

eventos comunitários, atendimento odontológico, educação em saúde e incentivo à leitura (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019b). Na Ilustração 4, é possível observar a distribuição geográfica das unidades do Sesc no Estado de Santa Catarina.

Ilustração 4: Unidades do SESC no Estado de Santa Catarina



Fonte: Serviço Social do Comércio (2019c).

Essas ações – desenvolvidas tanto nas unidades físicas quanto nas unidades móveis – buscam promover "melhor condição de vida para os comerciários e seus familiares em todo o Brasil" (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019d). Consequentemente, tais iniciativas fortalecem o exercício da cidadania e contribuem com o desenvolvimento cultural, social e econômico (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019d).

Dentre as atividades desenvolvidas para todas as faixas etárias, está o Trabalho Social com Idosos (TSI), que é oferecido pela entidade desde o início da década de 1960 (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019e). Trata-se de um trabalho pioneiro no país, que busca oferecer melhor qualidade de vida para esse grupo por meio de "atividades e trabalhos em grupo com pessoas da mesma idade e de outras gerações" (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019f). Em tais atividades, os idosos "interagem com novas formas de conhecimento e compartilham expectativas vivenciais" (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019f), e, dessa forma, é possível resgatar o valor social desses sujeitos e promover a cidadania e a educação (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019f). É um programa reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), e atende aproximadamente 60 mil pessoas por ano no Brasil. Os objetivos de tais atividades são: "a) estimular o desenvolvimento individual e coletivo na

sociedade; b) promover sua autoestima e integração em diferentes ambientes; c) reconstruir sua autonomia por meio de cursos, esportes e atividades" (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019f).

Em Santa Catarina, 7.924 idosos participaram das atividades referentes ao TSI no ano de 2017 (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019h). Tais atividades foram desenvolvidas por meio de nove projetos com atividades sistematizadas para o público idoso (elencados no Quadro 7), disponíveis em unidades localizadas em todo o Estado de Santa Catarina.

Quadro 7: Projetos com o público Idoso desenvolvidos pelo Sesc/SC (referência: ano de 2017)
*Existem unidades que desenvolvem essa atividade com adultos a partir de 18 anos, como é o caso de Florianópolis.

Nome	Descrição
Dança Circular (50+*)	Promove o autoconhecimento, a valorização do cuidado e a construção da complexidade do ser humano a partir das vivências em roda.
Grupati – Grupo de Estudos sobre a Pessoa Idosa (60+)	Proporciona espaços de reflexão e novos conhecimentos sobre o processo de envelhecimento. Busca contribuir para o empoderamento e protagonismo social dos idosos na comunidade em que vivem. Dentre as atividades desenvolvidas estão vivências, debates, visitas a locais estratégicos, aulas abertas, passeio estudo, dentre outros.
Grupo Ativa+ (60+)	Possui o objetivo de envolver os idosos em atividades que estimulam os cinco sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição. Por meio de atividades dinâmicas e criativas, o grupo proporciona integração e desenvolvimento de novas habilidades. Dentre as atividades desenvolvidas estão oficinas culinárias, de malabares, circuito e gincana dos sentidos, estímulos aos ritmos musicais.
Grupo da Memória (50+)	Possui o objetivo de auxiliar os participantes a melhorar o processamento da memória, compreendendo os diferences conceitos inerentes ao tema. Os encontros estimulam a memorização com atividades práticas e teóricas (leitura, oficinas literárias, registro de relatos e vivências, interpretação, narração de histórias verídicas, etc.)
Grupo de Cantoria (50+)	É uma atividade musical lúdica, descontraída e divertida. Longe de se caracterizar um curso de técnicas vocais, os grupos de Cantoria oferecem ao participante oportunidades de interação social, socialização musical, além de estimular a memória, concentração e valorização de experiências.
Idoso em foco (50+)	É uma proposta para fortalecer a rede de relacionamento entre pessoas e instituições envolvidas com o tema do Envelhecimento.
Idoso empre-endedor/Mundo Digital Master (Módulo I e Módulo II) (55+)	O foco principal é a inclusão digital, seja por smarthphone ou por meio do computador. Tem como objetivo promover no público idoso uma atitude empreendedora, estimulando o protagonismo e a autonomia. O empreendedorismo pode se dar em uma das duas vertentes: geração de renda e empreendedorismo social (participantes são estimulados a desenvolver um projeto social para a comunidade).
Xodó -Interge-racional (extinto)	Promove o fortalecimento de laços entre crianças e pessoas acima de 50 anos, resgatando valores e favorecendo a troca de experiências. Desenvolve-se atividades como a escrita criativa e contação de histórias.
Conectividades (50)+	Atividade voltada para pessoas com interesse em ações de voluntariado, empreendedorismo social e inclusão digital que possam promover o protagonismo social, a compreensão do processo de envelhecimento e estimular a busca pelos direitos sociais. O objetivo é capacitar os participantes para criarem grupos de idosos nas regiões de entorno das quadras do projeto Sesc Comunidade.

Fonte: Da autora, com base em SESC (2019g).

A partir do Quadro 7, é possível observar que existem diversas atividades desenvolvidas no TSI. Essas atividades estão dispostas nas seis mesorregiões do Estado de Santa Catarina, a partir de cidades que dispõem de uma unidade do Sesc, como: Araranguá; Balneário Camboriú;

Blumenau; Brusque; Caçador; Canoinhas; Chapecó; Concórdia; Criciúma; Florianópolis (Estreito e Prainha); Itajaí; Jaraguá do Sul; Joaçaba; Joinville; Lages; Laguna; Mafra; Palhoça; Rio do Sul; São Bento do Sul; São Joaquim; São Miguel do Oeste; Tijucas; Tubarão; Urubici e Xanxerê[19].

Para este trabalho, selecionamos Sesc – especificamente seus projetos desenvolvidos área de Trabalho Social com Grupos - como ambiente de pesquisa para o procedimento de coleta de dados. Tal ambiente foi escolhido a partir do princípio de diversificação: pelo fato de tais projetos resgatarem o estímulo à autonomia, à autoestima, integração e desenvolvimento individual e coletivo, acreditamos que o Sesc representa de forma adequada o grupo a ser investigado e pode nos oferecer um panorama completo da condição do idoso, uma visão de conjunto, ou, nas palavras de Pires (2008), um 'retrato global'. Ainda, Pires (2008) ressalta que o procedimento de diversificação pode auxiliar-nos a descrever com profundidade as características desse grupo, pelo fato de se tratar de um grupo relativamente homogêneo, pelo menos no que tange ao aspecto da participação social por meio de atividades em grupo, no caso do Sesc. O Sesc enquanto ambiente para coleta de dados pode, ainda, oferecer uma coleta homogênea dos dados advindos dos mediadores e líderes que farão parte da construção da dimensão política da competência em informação do idoso.

Ressaltamos que o TSI do Sesc não caracteriza um grupo de idosos tradicional: a partir da literatura, percebemos que, normalmente, os grupos de idosos concentram-se numa região específica, e não possuem mediadores ou educadores. O TSI do Sesc é um programa de assistência ao idoso, que faz parte do Trabalho Social com Grupos, que consiste em ações de formação, desenvolvimento e intercâmbio de grupos de diferentes segmentos, destinadas a promover a participação social e o exercício da cidadania em defesa dos direitos sociais. O TSI com idosos do Sesc possui, assim, o objetivo de oferecer qualidade de vida, com o intuito de melhoria da saúde e de longevidade. De toda forma, o objetivo final de ambas as esferas se concentra no alcance da autonomia, do desenvolvimento e da cidadania desse grupo por meio da integração social e do fortalecimento das redes sociais.

Já observamos que as atividades desenvolvidas no TSI no ano de 2017 estavam dispostas nas seis mesorregiões do Estado de Santa Catarina, a partir de mais de vinte cidades que dispõem de uma unidade do Sesc, como: Araranguá; Balneário Camboriú; Blumenau; Brusque; Caçador; Canoinhas; Chapecó; Concórdia; Criciúma; Florianópolis (Estreito e

[19] Dados referentes ao ano de 2017.

Prainha); Itajaí; Jaraguá do Sul; Joaçaba; Joinville; Lages; Laguna; Mafra; Palhoça; Rio do Sul; São Bento do Sul; São Joaquim; São Miguel do Oeste; Tijucas; Tubarão; Urubici e Xanxerê.

Nossa pesquisa envolve explorar as seis mesorregiões do Estado de Santa Catarina, e a escolha pelas unidades se dá a partir da abrangência: acreditamos que as cidades que disponibilizam serviços diversos de atendimento com os idosos possam nos oferecer uma compreensão mais extensiva das diversas nuances que envolvem a dimensão política da competência em informação dos idosos que participam de tais atividades. Pelo fato de o projeto da pesquisa ser concluído em 2018, utilizamos os dados de 2017 sobre as atividades desenvolvidas em cada cidade. Esses dados são dinâmicos e modificam-se constantemente.

Na região do Oeste Catarinense, que compreendeu, em 2017, as cidades de Caçador, Chapecó, Concórdia, Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê, as cidades que ofereceram maior diversidade de atividades em 2017 foram Xanxerê e Chapecó, sendo selecionada a cidade de Chapecó em virtude de se tratar de uma cidade mais populosa (população estimada em 213.279 pessoas no ano de 2017, em detrimento de 49.738 pessoas, em Xanxerê (IBGE, 2019a)).

Na região do Norte Catarinense, a qual envolve as cidades Canoinhas, Jaraguá do Sul, Joinville, Mafra e São Bento do Sul, a cidade que mais ofereceu atividades de tal Programa no ano de 2017 é a cidade de Joinville. No caso da região Serrana (Planalto Catarinense), as cidades que desenvolvem tais atividades são as cidades Lages, Urubici e Curitibanos, sendo a cidade de Lages a selecionada para compor a seleção, por se tratar da cidade que mais desenvolve projetos da área.

A região do Vale do Itajaí compreende as cidades de Balneário Camboriú, Blumenau, Brusque, Rio do Sul e Itajaí, sendo a cidade de Brusque aquela que oferece maior diversidade de atividades. No caso da Grande Florianópolis, a qual envolve as cidades de Florianópolis (Estreito e Prainha) e Palhoça, a cidade selecionada é Florianópolis (Prainha), pelo critério de número de projetos.

O Sul Catarinense também está compreendido entre as regiões que oferecem as atividades do TSI com idosos do SESC. Araranguá, Criciúma, Laguna e Tubarão são as contempladas com tais iniciativas. Criciúma é a cidade que oferece o maior número de atividades. Dessa forma, as cidades contempladas para a coleta de dados dessa investigação são as cidades de Chapecó, Joinville, Lages, Brusque, Florianópolis (Prainha) e Criciúma.

No ano de 2018[20], foram ofertados, no Sesc de Chapecó, os grupos Xodó, Dança Circular, Grupati, Grupo da Memória, Grupo de Cantoria, Grupo de Voluntários e Idoso Empreendedor. Participaram, naquela unidade, 351 idosos no ano de 2018. No Sesc de Joinville, foram desenvolvidos os grupos Ativa+, Idoso Empreendedor, Grupo de Cantoria, Grupo da Memória, Grupati, Dança Circular e Conectividades, atendendo ao total de 692 idosos naquele ano. Já em Lages, foram atendidos 285 idosos, que participaram das atividades Idoso Empreendedor, Ativa+, Grupo de Cantoria, Grupo de Voluntários, Xodó e Idoso em Foco. Na unidade de Brusque, as atividades desenvolvidas estavam concentradas nos grupos Idoso Empreendedor, Ativa+, Grupo de Cantoria, Grupo da Memória, Grupati, Dança Circular, Xodó e Idoso em Foco, concentrando 614 idosos. Em Florianópolis, 770 idosos participaram dos grupos Idoso Empreendedor, Grupati, Ativa+, Grupo de Cantoria, Grupo da Memória, Dança Circular e Idoso em Foco. Já no Sesc Criciúma, que promoveu, em 2018, os grupos Idoso Empreendedor, Grupati, Ativa+, Grupo de Cantoria, Grupo da Memória, Dança Circular e Idoso em Foco, participaram 651 idosos. Os dados de 2019 ainda não tinham sido disponibilizados pelo Sesc até a finalização desse documento.

Dados os ambientes selecionados para compor o *corpus* da pesquisa, nossa atenção recai para a seleção dos participantes, também designada como amostragem. Pires (2008) já ressalta que, na pesquisa qualitativa, a qualidade científica não depende da amostra, mas sim da "relação entre o objeto de estudo e o *corpus* empírico" (PIRES, 2008, p. 157). Na verdade, o autor destaca que a pesquisa qualitativa não deve conferir importância à representação estatística, pois a reflexão técnica exaustiva sobre amostragem "acarreta uma alteração de sentido", esvaziando a importância do objeto frente à reflexão sobre os procedimentos técnicos (PIRES, 2008). Dessa forma, não faremos referência, nessa pesquisa, à denominação amostragem, mas sim seleção dos participantes, cumprindo as recomendações de Olsen (2015) para coletas de dados em pesquisas qualitativas.

Pires (2008, p. 157) ressalta que a característica "mais imediatamente visível" de uma pesquisa qualitativa é sua constituição de corpus empírico de maneira não-probabilística[21]. O autor ainda ressalta que a própria constituição de um número fixo de participantes a priori prejudica o "processo de construção progressiva do objeto como um todo" (PIRES, 2008, p;

[20] Os dados referentes ao ano de 2018, solicitados pela autora em abril de 2019, foram disponibilizados pelo Departamento Regional do Sesc de Santa Catarina naquele mesmo mês e ano, quando as unidades já haviam sido selecionadas. As informações diferem sutilmente daquelas do ano de 2017.

[21] A amostragem não-probabilística é compreendida por Mattar (1996, p. 132) como aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo.

155). Ainda, Pires salienta que os dados de natureza qualitativa são geralmente de grande variedade, advindos de mais de uma fonte (entrevista, observação, etc.). A partir das leituras de Becker (1994), o autor se limita a afirmar que a pesquisa qualitativa deve, acima de tudo, certificar-se de que sua seleção abrange tudo o que se quer saber. Ainda, deve garantir que nenhum fato ou acontecimento importante seja negligenciado (PIRES, 2008, p. 173). Dessa forma, considerando tais afirmações, destacamos que nossa seleção, para esta pesquisa, é composta de dois a três idosos e um mediador por unidade do Sesc, o que resulta num total de 12 a 18 idosos e seis mediadores. A seleção das atividades é realizada pela mediadora ou coordenadora do local e a seleção dos idosos é realizada a partir da disposição dos sujeitos em participar da pesquisa.

5.5 CUIDADOS ÉTICOS EMPREGADOS NA PESQUISA

Esta pesquisa apoia-se na resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde, expedida em 12 de dezembro de 2002 e que fornece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Em assentimento à norma regulamentadora, acreditamos que a ciência tem a responsabilidade social de promover "benefícios atuais e potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, nacional e universal possibilitando a promoção do bem-estar e da qualidade de vida" (BRASIL, 2012b). Acreditamos, ainda, que o avanço da ciência deve respaldar-se sempre no respeito à dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano (BRASIL, 2012b). O engajamento ético, dessa forma, deve ser um elemento inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico.

Em respeito ao parágrafo I do artigo VII da referida resolução, o projeto de pesquisa, após ser apreciado pela banca examinadora em 23 de fevereiro de 2018, para fins de qualificação de doutorado, foi submetido – respeitando as sugestões resultantes da avaliação dos membros desta – ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP). Esse comitê é um órgão que que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do Brasil. O projeto foi aprovado no mês de dezembro de 2018. O início da coleta de dados aconteceu somente após a aprovação do projeto no Comitê, conforme preconiza a resolução. O parecer do projeto ao CEP, juntamente com a autorização para coleta, está disponível nos Apêndices G e H.

Ainda de acordo com tal resolução, salientamos que estamos aptos a cumprir, nesta pesquisa, o dever de:

1) coletar os dados somente após o consentimento livre e esclarecido do entrevistado em participar da pesquisa. Essa anuência, que é o princípio básico do respeito à dignidade humana no processo de desenvolvimento científico (BRASIL, 2012b), acontece a partir a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que é um documento submetido e aprovado pelo CEP anteriormente à coleta;
2) desenvolver o projeto conforme delineado na ocasião da aprovação pelo CEP;
3) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
4) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
5) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
6) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
7) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está disponível no Apêndice B. Ressaltamos que tal modelo está em conformidade com as diretrizes estabelecidas no Artigo IV Parágrafo 3, alíneas *a*, *d*, *e* e *f* da resolução na ocasião em que contêm: a) a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com o detalhamento dos métodos a serem utilizados (BRASIL, 2012b); b) garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma (BRASIL, 2012b); c) garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa (BRASIL, 2012b); d) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (BRASIL, 2012b).

Na próxima seção, apresentamos os procedimentos de análise dos dados, que são úteis para que possamos construir a dimensão política da competência em informação do idoso.

5.6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS DADOS

A análise fenomenológica dos dados advindos das entrevistas e das observações é útil para que possamos chegar às essências dos fenômenos experienciados pelos sujeitos: a partir desta, é possível trazer à tona o "construto de primeiro grau já vivenciado e experienciado" (ZEFERINO; CARRARO, 2013, p. 829). A análise fenomenológica busca organizar "os dados subjetivos e, para tanto, tem como objeto descrever o vivido, trazendo-o para a ordem das

significações" (ZEFERINO; CARRARO, 2013, p. 829) e, dessa forma, é possível aplicar as falas às situações concretas de pesquisa.

Nas pesquisas de cunho fenomenológico, é comum reduzir a etapa de análise de dados à simples descrição dos fenômenos: esse ato é tido como uma forma de ser fiel às percepções descritas, pois a interferência do pesquisador, nesse processo, é mínima. No entanto, é possível ser fiel às essências dos sujeitos utilizando-se de outras vias além da descrição: a explicação, a construção, a interpretação.

Giorgi (2008) afirma que a verdadeira significação da tarefa descritiva é manifestada quando se considera esses meios de construção. O autor afirma que, para compreender o que é dado à consciência, é oportuno desvincular-se, para ser possível dar-lhe conta. Para isso, é necessário separar-se do que está presente, para ir em direção ao que precede, isto é, para o que está "atrás" do fenômeno. Isso demanda, ainda para Giorgi (2008, p. 394), que "se proponha o princípio de algumas entidades não-intuitivas e, portanto, o distanciamento dos critérios rigorosamente fenomenológicos". Sendo esse distanciamento uma parte da compreensão do fenômeno, a construção, ou interpretação, é também uma forma de descrever tal fenômeno, embora transcenda tal atividade na medida em que ela traz "uma perspectiva que a evidência intuitiva não requer necessariamente" (GIORGI, 2008, p. 394).

É por essa razão que Cerbone (2012) ressalta que a análise fenomenológica implica em uma intervenção ativa do pesquisador. A autora afirma que, ao contrário do estágio de coleta de dados, na qual o pesquisador desempenha um papel de observador, na análise fenomenológica ele é capaz de "delinear as categorias essenciais da experiência, por exemplo, a percepção, a memória, o desejo, e assim por diante" (CERBONE, 2012, p. 38).

A partir da exposição do método fenomenológico delineado por Giorgi (2008), podemos desmembrar o procedimento de análise fenomenológica em três grandes etapas: 1) a descrição completa e detalhada das experiências; 2) a divisão dos dados em unidades de significação - em que implica a adoção da redução fenomenológica pelo pesquisador (*epoché*); 3) a busca das essências científicas (redução eidética).

A primeira etapa consiste, para Giorgi (2008, p. 394), na atribuição de "uma expressão linguística ao objeto e um ato determinado, exatamente como ele aparece no interior desse ato". Trata-se, dessa forma, na busca da expressão das experiências vividas pelo sujeito, sendo essa expressão do sujeito "o caminho escolhido para descrever a natureza da experiência por ele vivida" (GRAÇAS, 2000, p. 29).

Graças (2000) observa que a descrição implica o processo de trabalhar com as experiências do pensar e do agir dos sujeitos, buscando, a partir da subjetividade do discurso,

chegar à objetividade descritiva. Parte-se do pressuposto, na descrição, de que "tudo que é objetivo agora, foi antes pensado e, portanto, subjetivo" (GRAÇAS, 2000, p. 29). O objetivo, para Martins e Bicudo (1989), é a capacidade de criar uma reprodução tão clara, quanto possível, do fenômeno.

O processo da descrição fenomenológica, nesse sentido, parece ser a etapa que melhor representa a busca dos "caminhos apodícticamente certos" que o objeto pode "atravessar da sua pura interioridade para uma exterioridade objetiva" (HUSSERL, 1996, p. 39, tradução nossa), conforme as palavras de Husserl já resgatadas na subseção que corresponde à fundamentação metodológica.

A segunda etapa consiste na divisão dos dados em unidades de significação: "dado que a fenomenologia se interessa pelas significações, dividir em unidades volta a discriminar os sentidos" (GIORGI, 2008, p. 398). Giorgi (2008, p. 399) afirma que essa discriminação permite que se direcione o discurso à disciplina: "a adoção de uma perspectiva pressupõe que o contexto se adapte ao fenômeno pesquisado". É, pois, a partir da discriminação que se chega, dessa forma, à descrição do todo, que é constituído a partir dessas "unidades de significação" (GIORGI, 2008).

A operacionalização da busca pelas unidades de significação, na metodologia fenomenológica, implica em uma lenta leitura e releitura de descrição dos fenômenos. Durante a leitura, o pesquisador determina as unidades e posiciona as direções: "cada vez que o pesquisador percebe uma mudança de sentido, ele posiciona a direção, e depois prossegue sua leitura, até a unidade de significação seguinte, e assim sucessivamente" (GIORGI, 2008, p. 399). Assim, afirma Giorgi (2008), ao final da etapa, têm-se uma série de unidades de sentido que estão expressas na linguagem comum do sujeito.

Giorgi (2008) ressalta que essa etapa – bem com a abordagem fenomenológica num todo – é orientada para a descoberta: "ao se pretender encontrar sentido nos dados, a atitude deve ser suficientemente aberta para deixar fluir significações imprevistas" (GIORGI, 2008, p. 399). Para apreender, então, tais significações fluidas, é preciso "descartar" ou tornar "não-influente" os conhecimentos passados relacionados ao fenômeno pesquisado, a fim de estar inteiramente presente no próprio fenômeno (GIORGI, 2008). Essa etapa já é por nós conhecida: trata-se da redução fenomenológica, anteriormente descrita na subseção referente à fundamentação conceitual. A etapa da divisão dos dados em unidades de significação, associada à postura da redução fenomenológica permite, dessa forma, a apreensão das significações do fenômeno à luz do objeto de estudo.

A etapa que concerne à busca das essências científicas também já foi anteriormente apresentada na fundamentação metodológica: trata-se da redução eidética, colocada por Zilles (2007) como a compreensão do *eidos* (do grego para o português: essência, ideia, forma). Para Cerbone (2012, p. 38) essa redução seria uma espécie de destilação, que remove "quaisquer das características arbitrárias ou contingentes da experiência, de modo a isolar a forma ou estrutura necessária da experiência".

Giorgi (2008, p. 395) afirma que a redução eidética possibilita, por meio das experienciações dos sujeitos, "apresentar à comunidade científica conclusões que sejam mais duradouras". Isso acontece pelo fato de este procedimento permitir a apreensão da identidade do fenômeno, suas características essenciais. Trata-se, então, do "sentido fundamental, sem o qual o fenômeno não poderia se apresentar tal como ele é: uma identidade constante que contém as variações que um fenômeno é capaz de sofrer, e que as limita" (GIORGI, 2008, p. 395). A redução eidética, dessa forma, representa "aquilo que, enquanto sentido, mantém-se mais duradouramente em um contexto determinado" (GIORGI, 2008, p. 395).

A operacionalização da redução eidética, na pesquisa fenomenológica, é realizada a partir do método de variação livre imaginária do fenômeno. Graças (2000, p. 30) afirma que, neste procedimento, o pesquisador utiliza-se da reflexão, tentando "variar imaginativamente os constituintes da experiência, com o objetivo de constatar se suas ocorrências, nas mais diversas circunstâncias, poderiam alterar a estrutura do que se investiga". Giorgi (2008) narra esse processo como um método em que se multiplica as possibilidades e facetas que o fenômeno pode mostrar:

> Tudo o que é dado, atendo-se aí aos fatos, torna-se o exemplo de uma possibilidade de ser do fenômeno, e é multiplicando as possibilidades que se chega a destacar as particularidades que permanecem imutáveis, o que é essencial, portanto, para que o objeto seja dado à consciência (GIORGI, 2008, p. 395).

Na variação livre e imaginária, o pesquisador – ainda focando-se na percepção do experienciador – adota como referência o conteúdo da descrição, e passa a imaginar "como o sujeito vive as situações que menciona e o que pretende dizer quando se expressa" (GRAÇAS, 2000, p. 30).

Dadas as apresentações dos procedimentos acerca do método fenomenológico de análise dos dados, cabe, ainda, um adendo, advertido por Giorgi (2008). Tal adendo se refere à síntese dos resultados. O autor ressalta que é possível, por meio da análise fenomenológica, que emerjam diferentes estruturas de dados (sínteses). Muitas vezes, pesquisadores fenomenológicos buscam "forçar os dados para caber numa única estrutura" (GIORGI, 2008,

p. 401), o que não é adequado. Para o autor, “na perspectiva fenomenológica científica, a estrutura equivale às essências e às suas relações” (GIORGI, 2008, p. 401), e, dessa forma, é papel do pesquisador fenomenológico descrever tantas estruturas, quanto necessário (GIORGI, 2008).

Os três procedimentos acima descritos – a descrição, a apresentação das unidades de significação a partir da redução fenomenológica e a redução eidética – possibilitam, então, “retorno às coisas mesmas” (GIDDENS, 1996). É possível, dessa forma, compreender a experienciação do sujeito acerca do fenômeno, e convertê-lo em conhecimento científico. Na próxima seção, apresentamos a condução da pesquisa de campo.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, peço permissão para escrever o texto na primeira pessoa do singular. A coleta de dados da pesquisa fenomenológica é uma experiência intersubjetiva: o pesquisador envolve e é envolvido pelo campo, pelos sujeitos e pelos fenômenos. Descrever essa experiência – que também é minha, além dos sujeitos – em primeira pessoa do singular é um instrumento que auxilia o leitor a captar as subjetividades intrínsecas da experiência, que, por sua vez, é útil para a chegada à essência, o objetivo da pesquisa fenomenológica.

Na primeira subseção, apresento o contexto em que os dados foram coletados. Na segunda subseção, busco relatar o pré-teste, que serviu para redirecionar algumas condutas com relação à condução da pesquisa de campo. Considero o pré-teste como uma parte da pesquisa de campo: apesar de os dados originados desse momento não serem úteis para a investigação[22], a experienciação do pré-teste é um dos capítulos da 'história' da coleta de dados. O ato suprimi-lo representaria a retirada do primeiro capítulo da história, nessa analogia.

Em seguida, apresento a caracterização dos sujeitos e, por fim, na última subseção que compõe essa seção, busco apresentar o relato da ida ao campo.

6.1 O CONTEXTO TEMPORAL E SOCIAL DE COLETA DE DADOS: RELATO DAS CONDIÇÕES DA CONDUÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Esse relato é sincero e fiel aos acontecimentos: essa pesquisa é desenvolvida por um ser humano, descrito por Minayo (2010) como um ser complexo, contraditório, dinâmico e em permanente transformação. O método científico, que é um método de construção do conhecimento baseado na lógica e na previsibilidade, orienta e dá subsídios para a coleta de dados, no entanto, a vivência no campo é algo complexo e há, nele, intercorrências que a literatura não é capaz de orientar, exigindo do pesquisador certa dose de serendipidade.

Numa pesquisa de campo, nem sempre temos as condições ideais de coleta de dados que uma investigação merece. Muitas vezes, dispomos do mínimo necessário para conduzi-la, e esse é o meu caso, que desenvolvi uma pesquisa de campo, profunda e exaustiva, há milhares de quilômetros do meu local de moradia e de trabalho.

O ambiente de pesquisa - o Sesc Santa Catarina – desenvolve iniciativas de trabalhos com grupos no período que compreende fevereiro a novembro de todos os anos, com pausa em

[22] Os dados oriundos do teste, também conhecido como 'pré-teste' na literatura, não podem fazer parte do *corpus* de dados da pesquisa.

julho. Isso requer que os dados sejam coletados em período letivo, que é o período que são desenvolvidas tais atividades. De igual maneira, o período letivo também requer o máximo de tempo e dedicação de nós, docentes da educação superior. E foi nessas condições que eu, professora do ensino superior e a pesquisadora e responsável pela coleta de dados dessa tese (e por todos os demais elementos dessa investigação), desenvolvi a pesquisa de campo. Foi a partir de jornada dupla – entre a instituição de ensino superior e a condução da pesquisa – e dispondo de um período curto de tempo, tanto para o pré-teste quanto para a efetiva condução da coleta de dados da pesquisa, que a captação empírica dessa pesquisa foi realizada.

Obtive autorização da instituição de ensino a qual estou vinculada para desenvolver a pesquisa de campo no período de sete de março de 2019 a vinte e seis de março de 2019: nesse período, seria necessário realizar o 'pré-teste' para a validação do instrumento e, efetivamente, percorrer as seis cidades selecionadas para representar as seis mesorregiões do Estado de Santa Catarina contemplados na pesquisa. Assim, em vinte dias, além de realizar o pré-teste, deveria cumprir, também, as etapas de entrevistas com os idosos, e, ainda, as entrevistas com os mediadores.

Por essa razão, em uma reunião com representantes do Departamento Regional do Sesc Santa Catarina (em Florianópolis), que aconteceu em fevereiro, sugeri que fossem agendadas entrevistas antecipadamente à minha ida ao ambiente de coleta, para que o tempo pudesse ser otimizado. Ressalto que esses representantes não são mediadores: os mediadores, na verdade, são o que internamente, no, Sesc, chama-se de técnicos do Trabalho Social com Grupos: aquelas pessoas que coordenam as atividades desenvolvidas com idosos, em cada unidade. Assim, apresentei a sugestão: os técnicos do Trabalho Social com Grupos, nas unidades do Sesc onde a pesquisa seria realizada, se encarregariam de apresentar, aos idosos, a minha pesquisa, e a perguntar se algum idoso se disponibilizaria a participar da investigação, para assim agendar as entrevistas. Pelo fato de as entrevistas serem programadas previamente, pedi que cada unidade solicitasse a participação de dois idosos, constituindo, assim, um corpus de 12 idosos. Se houvesse necessidade, poderíamos solicitar a participação de mais idosos. E a sugestão inicial foi aceita.

Dessa forma, os idosos participantes da minha pesquisa são aquelas pessoas que, após a apresentação da minha pesquisa por um colaborador do Sesc, se disponibilizaram a participar. Não há instrumento de seleção ou amostragem para a escolha dos idosos participantes da coleta, somente para a escolha das unidades, conforme está exposto na seção de procedimentos metodológicos. Ainda, a seleção inicial de doze idosos também atende ao proposto no projeto,

que se trata de uma quantidade adequada, tendo em vista a natureza profunda dos dados oriundos das entrevistas narrativas[23].

Durante o mês de fevereiro, entrei em contato com os técnicos do Trabalho Social com Grupos das unidades do Sesc de Brusque, Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Joinville e Lages – aquelas selecionadas para a coleta – para agendar as visitas às unidades. Busquei elaborar um roteiro em que eu pudesse aproveitar ao máximo o tempo disponível, e com a menor quantidade de recursos financeiros possível. Ainda, o roteiro precisaria contemplar o pré-teste. E, dessa forma, depois de diversas negociações, foi agendado o roteiro de viagem: iniciaria com o pré-teste em Criciúma, cidade que eu nasci e cresci, no dia oito de março e, após, a coleta de dados seguiria para as demais unidades[24]. E a coleta efetiva - excluindo o pré-teste - aconteceu entre 11 a 22 de março de 2019, com certa 'folga', para prevenir complicações oriundas de alguma intercorrência que viesse a acontecer. Assim, não existe nenhum procedimento metodológico para a orientação da ordem das unidades a serem visitadas: essa ordem, na verdade, atendeu ao critério de otimização de tempo e de recursos financeiros.

Também não foram selecionados, na pesquisa, os mediadores participantes da entrevista. Em reunião com o Departamento Regional do Sesc, eu mencionei que precisariam ser pessoas que estivessem constantemente em contato com os idosos, nas atividades de grupos do dia a dia. Poderiam ser estagiários, funcionários, ou os próprios técnicos do Trabalho Social com Grupos. A única exigência foi o contato próximo e constante com esses sujeitos. No entanto, em todas as unidades, foram os próprios técnicos que se disponibilizaram a participar, ou seja, os mediadores que conduzem as atividades de grupos, com o auxílio dos estagiários e outros funcionários. Como se trata de somente um técnico de grupo por unidade do Sesc, eu busquei, na transcrição das entrevistas dos mediadores e no texto da tese, omitir o máximo de informações que pudesse identificá-los: nome de cidade, de instituição de ensino, de supermercado, de ruas e praças. Essas informações mencionadas pelos mediadores estão suprimidas no texto da tese e na transcrição das entrevistas, para manter caráter sigiloso dos dados. Ainda, a ordem de menção dos mediadores nas transcrições não obedece a ordem de visita às unidades.

Nas seções de apresentação dos resultados, contextualizo e discuto os dados oriundos das entrevistas com mediadores e com idosos de forma integrada, sem separação de 'grupos'

[23] Na seção 6.4, designada a apresentar o relato de campo, esclareço que a seleção inicial de doze idosos não foi apropriada para a pesquisa. Durante a experiência do pré-teste, julguei ser apropriado, para a coleta efetiva dos dados, ampliar o número de participantes idosos tendo em vista a complexidade dos dados oriundos do fenômeno da dimensão política da competência em informação.

[24] Não menciono a ordem das unidades a serem visitadas para preservar o caráter sigiloso dos dados.

de sujeitos investigados. A intenção é construir o fenômeno de forma intersubjetiva. No entanto, o leitor pode reconhecer o grupo emitente de cada relato: no caso dos idosos, a letra 'E' de 'entrevistado' precede o número de identificação (E1, E2, E3, etc.) e no caso dos mediadores, a letra 'M' precede o número de identificação (M1, M2, M3, etc.).

6.2 RELATO DO PRÉ-TESTE

O pré-teste na cidade de Criciúma[25] estava programado para acontecer no dia oito de março, conforme eu havia agendado com a técnica de grupos daquela unidade. Solicitei, à técnica, que fizesse a gentileza de agendar a coleta com dois idosos, o que corresponderia à quantidade de sujeitos que seria explorada em uma unidade. E, assim, ela programou, para o período da tarde e na sala onde acontece a oficina do Idoso Empreendedor, o pré-teste da pesquisa.

Cheguei na recepção no horário marcado e, em seguida, encontrei uma idosa naquele ambiente e sentei perto para conversar. Poderia suspeitar que seria a idosa a ser entrevistada, o que de fato ocorreu, depois de a mediadora chegar para nos receber e nos identificar. Após as devidas apresentações, a mediadora nos encaminhou para a sala onde acontece o projeto Idoso Empreendedor, que, nesse ano de 2019, recebeu o nome de Mundo Digital Master. Iniciei a condução por meio do formulário de caracterização, que se trata de um instrumento que, além de útil para a identificação dos sujeitos, descobri também ser útil para 'quebrar o gelo', para nos aproximar e desenvolver a intimidade necessária para que ela pudesse me contar sobre suas experiências sem nenhum tipo de 'filtro'. E, após a caracterização daquela idosa, iniciei o tópico inicial para a narração.

Já no início daquela primeira entrevista, identifiquei que a competência em informação é um fenômeno da realidade objetiva: a competência em informação é um objeto exterior ao sujeito, embora possa ser experienciado por ele. No entanto, por se tratar de um objeto externo ao ser, e por vezes não tão familiar, identifiquei que há a dificuldade em relatar as experiências informacionais. Seria preciso fornecer exemplos, modificar o vocabulário, e incitar, de alguma forma, o 'gatilho'.

Ainda, identifiquei que a característica daquela idosa era de conversar, e não de oferecer um monólogo, por meio da narrativa. Percebi que ela sentia a necessidade de uma réplica minha, que poderia ser, simplesmente, um aceno representando um 'sim'. Talvez pudesse também

[25] Identifico a cidade do pré-teste em virtude de os dados coletados nessa etapa não serem úteis para a pesquisa. A cidade de Criciúma também foi visitada posteriormente, para a coleta efetiva de dados.

querer obter uma história da minha parte, para se deleitar. Ainda, identifiquei que a narrativa, sem nenhuma intervenção minha, além de originar um discurso bem curto, também soava como algo artificial, afinal, não é característica de uma conversa que apenas um interagente fale. Então, pensei que aquela coleta, por meio da narrativa, não poderia ser algo tão livre, sem direcionamento, sem a oferta de exemplos do dia-a-dia.

Quando eu finalizei a primeira entrevista, a segunda participante já estava aguardando do lado de fora. Após os procedimentos de caracterização e de 'quebra de gelo', iniciei o procedimento da narrativa. Com aquela senhora, meu comportamento durante a entrevista diferiu sutilmente: passei a intervir um pouco na conversa, estimulando-a para que ela pudesse contar mais, contar com mais riqueza de detalhes. E, assim, sua narrativa contemplou falas mais longas e dados mais completos, mais detalhados. Esse comportamento é um pouco diferente do que a literatura sobre pesquisa narrativa fala, porém trata-se de um procedimento que julguei mais adequado para o caso dos idosos.

Após finalizada a entrevista, percebi que cada idosa direcionou a fala para um tópico: enquanto a primeira abordou as experiências da vivência no coletivo por meio do Sesc e o papel da família no aspecto informacional, a segunda abordou questões tecnológicas relacionadas ao contexto informacional atual. Trata-se de duas narrativas bastante diferentes.

E assim surgiu a preocupação com relação à quantidade de idosos selecionados para a entrevista. Com um tema de pesquisa que circunda tantos elementos, passei a ter dúvida se uma seleção de 12 idosos seria capaz de exaurir a temática. Resgatando Becker (1994), é importante ressaltar que a pesquisa qualitativa deve, acima de tudo, certificar-se de que sua seleção abrange tudo o que se quer saber. Ainda, deve garantir que nenhum fato ou acontecimento importante seja negligenciado (PIRES, 2008, p. 173). A entrevista narrativa possibilita, sim, a captação de dados ricos e profundos, porém, eu precisaria também que fossem, nas narrativas, abarcados os diferentes tópicos. Essa, então, foi uma das intercorrências que a literatura sobre metodologia científica não foi capaz de orientar e que precisei utilizar a minha experiência pessoal enquanto pesquisadora – e certa dose de serendipidade - para o direcionamento da conduta no campo.

Assim, tomei a decisão de solicitar, aos técnicos do Trabalho Social com Grupos, o agendamento de entrevista com mais um idoso por unidade. Seriam, então, três por unidade, também conforme estava previsto no projeto. Realizei o pedido às técnicas de duas das três primeiras unidades que coletaria os dados efetivos da pesquisa. Não solicitei à primeira unidade que visitaria, em virtude de o início da data da coleta já estar bastante próxima.

Ainda, há outra ocorrência, no pré-teste, que exigiu de minha experiência pessoal enquanto pesquisadora para o direcionamento efetivo e adequado da coleta de dados: essa diz

respeito à incompreensão por parte de alguns idosos da palavra ‘informação’. Essa percepção já havia sido levantada por mim em pesquisa anterior (DE LUCCA, 2015). Há idosos que não conhecem o significado da palavra informação, e se sentem perdidos quando questionados acerca desse objeto. No entanto, a informação é um elemento presente em suas vidas, muitas vezes identificado a partir da palavra ‘conhecimento’. Na literatura de CI, sabemos que informação e conhecimento são elementos distintos: “a informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual” (LE COADIC, 1996). Mencionei na introdução que a informação é o ato de transmissão do conhecimento: o conhecimento, no entanto, é subjetivo e particular daquele que apreende a informação e atribui-lhe significado. Porém, essa diferenciação é desconhecida para alguns sujeitos idosos. Assim, a partir dessa percepção que foi levantada no pré-teste, pude delinear um ‘protocolo’ para a efetiva coleta de dados: durante o procedimento da ‘quebra do gelo’, eu passaria a inserir, por meio de uma conversa informal, a palavra informação na conversa. Esse ato seria útil para obter, da parte dos idosos, algumas percepções sobre a sua compreensão acerca dessa palavra. Na ocasião em que eu reconhecesse, no procedimento de ‘quebra de gelo’, que o idoso desconheceria o sentido da palavra, então esse ‘protocolo’ envolveria o ato de trazer exemplos ou trocar pela palavra ‘conhecimento’ que, embora eu saiba que não são sinônimos, estas originam narrativas direcionadas para o sentido esperado. Esse ‘protocolo’ foi seguido durante a condução da pesquisa e, por essa razão, em alguns fragmentos de narrativas é possível observar a menção do idoso à palavra ‘conhecimento’ e, outras vezes, menções acerca de ‘informação’. De toda forma, não acredito que essa ocorrência tenha prejudicado o conjunto de dados que designa as experienciações acerca da competência em informação.

6.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO CONTEXTO DA PESQUISA

Anteriormente à narração da pesquisa de campo, procuro, nessa seção, apresentar as características dos sujeitos que participaram da pesquisa. O formulário de caracterização, que fornece as características desse grupo, compreende dois blocos: o bloco de dados gerais e o bloco de dados sobre relações sociais. O primeiro envolve questões básicas de identificação pessoal como o gênero, a idade, a escolaridade e a ocupação que exerceram ao longo da vida ou ainda exercem. Já o segundo inclui questões sobre a dimensão política do idoso, que são úteis para que possamos compreender sua ação política no seu contexto social. Contém questões relativas às atividades desenvolvidas dentro do TSI e questões relacionadas ao tempo de participação dos idosos nas redes de apoio social.

No caso do primeiro bloco – o bloco das características pessoais – as informações advindas do formulário de caracterização estão elencadas no Quadro 8.

Quadro 8: Características pessoais dos idosos participantes da pesquisa

Sujeito	Gênero	Idade	Escolaridade	Profissão	Aposento	Moradia	Filhos
E1	F	69	EM	Diarista	Sim	Sozinha	5
E2	F	66	EF	Comerciária	Sim	Com filhos	1
E3	F	66	EM	Do Lar	Pensionista	Sozinha	1
E4	F	69	ES	Professora	Sim	Sozinha	1
E5	F	69	ES	Professora	Sim	Sozinha	1
E6	F	83	EM	Enfermeira	Sim	Sozinha	Não
E7	F	62	ES	Professora	Sim	Com companheiro	2
E8	M	76	EF	Operador	Sim	Com filhos	3
E9	F	78	EM	Professora	Sim	Com companheiro	3
E10	F	69	ES	Professora	Sim	Sozinha	4
E11	F	65	EM	Contabilista	Não	Com companheiro	1
E12	F	72	ES	Enfermeira	Sim	Sozinha/com parentes	Não
E13	F	72	EM	Professora	Sim	Com companheiro	Não
E14	F	63	EM	Química	Sim	Sozinha	3
E15	F	69	EM	Comerciária	Sim	Sozinha	2
E16	F	77	EF	Costureira	Sim	Com filhos	2

Legenda: F (feminino); M (masculino); EF (Ensino Fundamental); EM (Ensino Médio); ES (Ensino Superior);
Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa

Com relação ao gênero dos participantes, cabe salientar que esse grupo é majoritariamente do gênero feminino. Apenas uma pessoa do gênero masculino participou da coleta de dados. Essa ocorrência pode ter diversas razões: em primeiro lugar, o público que frequenta as atividades desenvolvidas nos trabalhos com grupos do Sesc é, na maior parte, feminino, em todas as unidades visitadas. Nas conversas com os mediadores, observei que era comum o fato de se referir ao grupo por pronomes do gênero feminino:

> *"[...] aí elas acabam procurando se ocupar, mas com coisas que elas gostem e dê prazer, [...] então elas vêm aqui porque criam novas amizades"* (Apêndice I, M2).

> *"[...] Ativa+ eu tenho um grupo na terça, eu tenho um grupo na quarta, dois grupos diferentes, então um grupo na terça: tem trinta e duas alunas, na quarta: tem quarenta e duas [...]"* (Apêndice I, M3).

> *"[...]o Ativa+ a gente tem um grupo que ele começou quando ele era um grupo de mães aqui no Sesc. Então tem algumas que já estão trinta anos vindo [risos]. Toda semana, toda quinta-feira elas se reúnem [...] daí foram entrando outras, algumas já faleceram [...]"* (Apêndice I, M5).

De uma forma mais objetiva, M3 me informou que, dentre as atividades desenvolvidas pelo projeto TSI, aquelas que possuem uma característica mais próxima aos grupos de convivência recebe um público majoritariamente feminino, enquanto aquelas mais focadas em um objeto específico, como o Mundo Digital Master, que é focado na fluência tecnológica com computador e *smartphone*, recebem também público expressivo do gênero masculino. Ela comentou: "*[...]a maioria é mulher, né, lá atrás a gente tem poucos homens, eu digo lá atrás que não é idoso empreendedor né, o idoso empreendedor já tem homens também [....]*" (APÊNDICE I, M3)[26].

Com relação à idade, é possível perceber, também por meio do Quadro 8, que há uma certa amplitude de idade entre os participantes, partindo de 62 anos até os 83. A média simples das idades dos participantes é de 70 anos de idade, sendo que a metade (50%) dos participantes possui entre 65 e 70 anos.

Com relação à escolaridade, o Quadro 8 mostra que metade (50%) dos participantes possui Ensino Médio completo. Alguns me relataram que concluíram o Ensino Profissionalizante, ou o curso de Magistério. Cinco dos sujeitos afirmaram que possuem Ensino Superior completo, o que significa um percentual de aproximadamente 32% - quase um terço dos participantes. Assim, é possível concluir que a grande maioria dos participantes – mais de 80% - possui a escolaridade mínima referente ao Ensino Médio, enquanto aproximadamente 18% relata ter concluído o Ensino Fundamental.

A escolaridade média dos idosos participantes da pesquisa é superior à média nacional. Enquanto todos os participantes relatam ser alfabetizados e terem, no mínimo, o Ensino Fundamental concluído, a realidade média do idoso do sul do Brasil é diferente: dados de 2018 apontam que aproximadamente 10% dos idosos que residem nesse espaço geográfico são analfabetos (IBGE, 2018). Enquanto aproximadamente 80% dos idosos participantes relatam ter concluído ao menos o Ensino Médio completo, essa média nacional – para os habitantes acima de 25 anos – é de 45% (IBGE, 2018). Com relação ao Ensino Superior, há também dissonância: enquanto 15,7% da população do Brasil acima de 25 anos relata que concluiu o Ensino Superior (IBGE, 2018), aproximadamente 32% dos idosos participantes da pesquisa mencionam ter concluído esse grau de escolaridade, o que é praticamente o dobro da média nacional.

Essa escolaridade superior à média pode ter uma razão. Na entrevista com uma das técnicas de grupos, quando questionei sobre o processo, dentro do grupo, de seleção dos

[26] Idoso Empreendedor é a nomenclatura em desuso utilizada para denominar a atividade Mundo Digital Master.

participantes, a mesma descreveu que acontece, algumas vezes, de os idosos menos instruídos dos grupos julgarem que não lhes é conveniente o desenvolvimento de certas atividades cognitivas. Então, ao solicitar respondentes à entrevista, a técnica menciona que aquelas menos instruídas poderiam acreditar que não estariam aptas para responder, designando a tarefa para aquelas mais instruídas. Esse relato foi feito na ocasião em que o gravador já não estava mais ligado, no entanto, consta no diário de campo.

Um ponto curioso – que também possui relação com o alto nível de escolaridade identificado nos participantes da pesquisa – diz respeito à profissão: aproximadamente 38% dos participantes são professores. A grande maioria dos participantes atingiu a aposentadoria (aproximadamente 88%): são, então, sujeitos independentes financeiramente. Com relação à moradia, oito participantes da pesquisa – o que representa metade, 50% - moram sozinhos. Quatro idosos – o que corresponde a 25% do total – moram com companheiros, outros três (aproximadamente 19%) moram com filhos e uma idosa relatou que divide sua rotina entre duas casas: em uma delas ela mora sozinha, e em outra, com a cunhada e o irmão.

A maioria dos idosos também construiu uma família com filhos. Treze idosos, o que corresponde a aproximadamente 81%, possuem filhos. Outros três participantes relatam não terem filhos, o que corresponde a aproximadamente 19% do total.

Com relação ao bloco das questões sobre relações sociais, as informações advindas do formulário de caracterização estão elencadas no Quadro 9.

Quadro 9: Características sociais e políticas dos participantes da pesquisa

Sujeito	Tempo de participação	Atividades que participa do projeto TSI no Sesc	Participação em outras redes/grupos/comunidades
E1	3 anos	Ativa+; Grupo da Cantoria; Dança Circular	Grupo da Terceira Idade
E2	15 anos	Ativa+; Dança Circular	Voluntária - bombeiros
E3	4 anos	Dança Circular; Grupo da Cantoria, Grupo da Memória	Não
E4	5 anos	Dança Circular; Grupo da Memória; Mundo Digital Master	Não
E5	2 anos	Grupo da Cantoria	Grupo da Terceira Idade
E6	3 anos	Mundo Digital Master	Não
E7	10 anos	Grupo da Memória; Mundo Digital Master	Não
E8	1 ano	Mundo Digital Master	Não
E9	10 anos	Grupati; Dança Circular; Mundo Digital Master	Grupo da Terceira Idade
E10	10 anos	Grupo da Cantoria; Mundo Digital Master	Grupo da Terceira Idade
E11	6 anos	Grupo da Cantoria, Idoso em Foco	Pastoral da Pessoa Idosa, Conselho Municipal do Idoso
E12	10 anos	Grupo da Memória; Mundo Digital Master	Grupo de Voluntários Espíritas
E13	20 anos	Grupati; Grupo da Memória; Mundo Digital Master	Grupo da Terceira Idade
E14	1 ano	Grupo da Cantoria, Grupo da Memória	Não
E15	12 anos	Ativa+; Grupati;	Não
E16	4 anos	Mundo Digital Master; Grupo da Memória	Não

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa

Para a apresentação acerca das características sociais dos sujeitos, bem como a explanação sobre suas relações com o Sesc ou outras iniciativas de formação social, é oportuna após uma descrição sobre as atividades do Sesc desenvolvidas com esse grupo de pessoas.

O Sesc é uma instituição pioneira na formação de grupos da terceira idade, e seus projetos envolvendo idosos são oferecidos pela entidade desde o início da década de 1960 (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2019e).

As atividades que são mais características de grupos da terceira idade são o grupo Ativa+ e o Grupati (Grupo de atualização da terceira idade). São grupos tradicionais, que ao longo dos anos mudaram de identificação nominal, mas que preservaram sua característica de serem grupos de convivência. Relatos sobre esses dois grupos – Ativa+ e Grupati – incluem:

> *"[...] o Ativa[+] elas vem para se distrair, querer algo novo, né, se divertir, existe um processo grupal muito forte entre elas, uma amizade que já vem há muito tempo, então é muito forte nesses grupos que estão mais tempo com a gente, né, nesses trinta e poucos anos que elas estão aqui participando [...] eu acredito que é onde elas venham para se divertir, para se distrair um pouco, né, a maioria, e porque gostam, gostam dessas atividades diferenciadas que a gente tá sempre trazendo algo diferente pra elas [...] o Grupati, é, para mim é quase igual, porém são pessoas mais atualizadas, algumas, mais modernizadas, vamos dizer, né, são umas que/porque lá no Ativa são aquelas idosas que tem/que algumas tem noventa e cinco, oitenta, noventa, mas que não estão no mundo tecnológico, vamos supor, então é uma mistura que tem no grupo, no Grupati não, no Grupati já vem essa faixa etária um pouco menor mas que já está mais atualizada [...] eu acredito que é mais nesse sentido, mas elas vêm mais para se conhecerem e conhecerem coisas novas, se divertir, sair um pouco [...]"*(APÊNDICE I, M2).

> *"[...] o Ativa+, assim, eu planejo de uma forma, cada unidade tem um objetivo, né, mas eu planejo assim: eu sempre tento dividir em quatro temas para trabalhar com eles, né, para a gente focar e ter algo para não ficar, assim, muito aleatório, então eu trabalho memória, saúde, cultura e um tema livre que eles escolhem, então eu sempre foco assim, cada semana uma atividade diferente, então: ah, na semana da cultura, dependendo de cada perfil do grupo, um gosta de cinema, aí fala sobre filme, vê o filme, faz uma reflexão no final do filme, ou traz livro, a gente sempre conversa alguma coisa assim, ou algo cultural que está acontecendo na cidade no mês tal, aí fala sobre aquilo ali, sabe? E vai trazendo algo também sobre cultura [...]"* (APÊNDICE I, M3).

> *"[...] Ativa + a gente tem um grupo que ele começou quando ele era um grupo de mães aqui no Sesc. Então tem algumas que já estão trinta anos vindo [risos]. Toda semana, toda quinta-feira elas se reúnem, e aí com o passar do tempo elas*

> *foram envelhecendo e a gente enquadrou elas então no grupo que tem essa proposta né, que é o Ativa+ [...]é um grupo de integração né, então cada semana é uma atividade diferenciada, nós temos uma semana com palestra, uma semana nós trabalhamos movimento, então alguma dinâmica, atividade que envolve movimento, uma semana nós fazemos oficina, né, fazemos alguns passeios também com eles, né (+) então é um grupo bem diversificado de atividades, assim, né (+) e é um grupo bem unido, também, bem grande [...]"* (APÊNDICE I, M5).

> *"[...] nós temos um outro grupo que é um grupo que ele gosta de fazer o artesanato, trabalhos manuais. Então a gente trabalha com eles atividades, né, com produção, e aí esse grupo ele se confunde bastante, porque eles pedem para fazer para doação [...] daí em alguns momentos elas falam: é o grupo de voluntários, porque elas gostam [risos] mas na verdade é o Ativa+ [...] "* (APÊNDICE I, M5).

Ainda, o Sesc vem incorporando novas atividades para os grupos de idosos. Um grupo que também tem uma característica de GTI é o grupo da Cantoria:

> *"[...]ele é um grupo que a gente se reúne para cantar, não tem a preocupação com a técnica, né, não é um coral, então assim, o objetivo é vir cantar, ressignificar memórias, né, de músicas, relembrar músicas do passado, nós desenvolvemos algumas atividades também com relação à memória musical [...] e é um grupo bem divertido, e que é um momento que elas se soltam [...]"* (APÊNDICE I, M5).

> *"[...] Cantoria é um espetáculo [...] a gente não trabalha técnica porque eu não tenho técnica nenhuma de violão, de nada, não sei nem tocar [...] o objetivo não é formar um coralista, não, nosso objetivo é trazer as músicas que eles sabem, cantar, vivenciar aquilo de novo, trazer emoções, por isso é muito gostoso [...]"* (APÊNDICE I, M6).

> *"[...] Ali não é a técnica que está em jogo, ali é a ferramenta cantar: para socialização, para inclusão, para motivação, valorização da autoestima, despertar de novas habilidades, enfim, uma série de questões [...]"* (APÊNDICE I, M1).

Existe ainda mais um grupo que possui a característica de ser um grupo de convívio: se chama Conectividades, mas se trata de um projeto novo, ainda incipiente e pouco comentado no Sesc, pelos técnicos do Trabalho Social com Grupos. Ele é desenvolvido na unidade do Sesc de Joinville, e descrito pela técnica como um grupo comunitário, que é realizado na quadra comunitária mantida pelo Sesc. Envolve atividades de lazer, de integração social e de atividade

física. Esses quatro grupos: Cantoria, Grupati, Ativa+ e Conectividades são grupos que o Sesc desenvolve de forma gratuita. O grupo Xodó, que é caracterizado por ser um grupo intergeracional, não é mais ofertado no Sesc, a partir de 2019.

Existe, ainda, outra atividade desenvolvida de forma gratuita, porém não se trata de um grupo de idosos, mas sim um grupo formado para debater questões do idoso por lideranças comunitárias e representantes de organizações públicas e da sociedade civil. É um grupo que planeja ações para o desenvolvimento social do idoso: *"[a gente se reúne] com a secretaria municipal de saúde e com o conselho municipal do idoso, e a gente faz reunião com os coordenadores desses grupos, e faz uma atividade para eles, [como, por exemplo, para] comemorar o dia internacional do idoso [...]*" (APÊNDICE I, M4). Trata-se de um grupo de trabalho em que se reúnem instituições e organizações relacionadas ao idoso:

> *"[...] ele é um projeto pensado de forma articulada pelas instituições [...] que prestam serviços para o idoso e também, digamos assim: "O Sesc está fazendo isso." Então não tem por que que a universidade estar fazendo isso no mesmo dia, na mesma data, sabe, para ser uma rede, para que se complementar. Então o grande ganho, é na verdade essa rede, de se compreender como rede e que o Sesc tem um trabalho, a universidade tem outro [...] e aí eu acho que entra muito a questão da informação [...] que eu passei a conhecer mais o trabalho que um ou que outra instituição faz. E aí eu posso também informar para meus idosos: "Eu não tenho, mas a [nome da universidade suprimido] tem isso[...]".* (APÊNDICE I, M1).

As demais atividades desenvolvidas no projeto TSI são: Dança Circular, Grupo da Memória e Mundo Digital Master (também denominado por eles como Idoso Empreendedor, que se trata de uma nomenclatura em desuso). Essas atividades possuem um objetivo específico, e, por essa razão, distanciam-se um pouco dos grupos de convívio, naturais dos idosos. De qualquer forma, são atividades de integração e de convívio, em que também se desenvolvem laços de amizade. Por serem direcionadas para um objeto específico, são atividades pagas, porém de valor acessível. As mensalidades dessas atividades costumam variar entre R$ 20 e R$ 39 (as unidades operacionais seguem normativas internas para a decisão dos valores cobrados ao cliente).

No caso do grupo da Dança Circular, existe uma variação de idade dos participantes. Existem unidades que aceitam inscrições de adultos e idosos, enquanto outras unidades aceitam inscrições daqueles acima de 50 anos. De toda forma, embora possa ser frequentada por pessoas mais jovens, a Dança Circular foi definida por uma das técnicas como um grupo que "*acabou se caracterizando como um grupo também de idosos*" (APÊNDICE I, M5). Ela é descrita como:

> *"[..] um processo grupal [...] que trabalha corpo, alma e mente, [...] trabalha memória e trabalha muito o espiritual [...] são danças mais calmas, [...] e ali a gente, vamos dizer que a gente trabalha as energias, né, e através da dança a gente trabalha essa energia do nosso corpo, enfim, de tudo [...] antes de iniciar, faço uma respiração com elas, uma concentração, né, e vai centrando e mostrando pra elas, assim, esquecer um pouco lá fora [...]tipo uma meditação, bem no início eu faço isso, e aí pensar em tudo, enfim, na vida, dos acontecimentos [...] a gente vê que trabalha bastante esse espiritual delas, que às vezes elas estão muito agitadas em casa, e aí aqui na hora da dança elas se centram mais, pensam mais em si e vem essa positividade da melhora de algo [...] umas relatam o que está acontecendo, e aí uma vai ajudando a outra, incentivando a melhorar [...]"* (APÊNDICE I, M3) .

> *"[...]a Dança Circular ela trabalha muito a questão do corpo, da mente, da alma. Então eles chegam aqui porque eles querem dançar como se fosse uma atividade física, e aí ali eles descobrem que vai muito além né, porque a gente dança em roda, então a roda não tem hierarquia, né (+) a gente sempre costuma trazer uma mensagem de otimismo, de motivação, de paz, né, então ela acaba trabalhando os aspectos emocionais e também o aspecto mental [...]"* (APÊNDICE I, M5).

Outra atividade orientada para um objetivo definido é o Grupo da Memória. A proposta envolve o trabalho com a memória e com a coordenação motora, e é definido pelos técnicos como:

> *[...] uma proposta mais nova [...]a gente vê a alegria e a necessidade que eles têm de falar sobre memória, de trabalhar isso, né. E aí nós temos doenças que acometem, né, que estão cada vez mais presentes como Alzheimer, né, então é algo que tem preocupado eles [...] então eles vindo para essa atividade parece que eles estão fazendo algo por eles mesmos [...]* (APÊNDICE I, M5).

Nessa atividade, desenvolve-se diferentes atividades cognitivas: "*a gente trabalha também tato, olfato, paladar, e trabalha muito jogos de raciocínio lógico, atenção, concentração, percepção, muitas coisas assim*" (APÊNDICE I, M6). Ainda, trabalha-se "*memória, né, que a gente traz jogos, atividades, brincadeiras, leva na sala de jogos... Algo sobre a memória, a gente traz pesquisas, né, traz como forma de vídeo, para passar pra eles, para se atualizarem*" (APÊNDICE I, M3). Os Grupos da Memória do Sesc são apontados pelos técnicos como grupos bastante frequentados por idosos que recebem indicação médica: "*a gente sempre recebe idosos com uma cartinha na mão: "procurar o Sesc, o grupo da memória do*

Sesc", o geriatra manda, o neuro[logista] manda, e então isso eu considero uma parceria" (APÊNDICE I, M6).

O Mundo Digital Master também é um grupo desenvolvido por grande parte das unidades do Sesc – presente em todas as unidades visitadas nessa pesquisa – e também possui um objetivo específico, que é estimular as habilidades digitais desses sujeitos:

> *"eles vêm [com um objetivo] mais específico, né, mais para aprender aquilo ali, "ah, eu quero aprender smartphone", "eu quero aprender o computador", "quero modernizar", muitos relatos [...] e celular, que aí tem muitos relatos que, "ah, o neto já sabe mexer rapidinho, faz isso, faz aquilo", que a família começa a cobrar [...] e a pessoa fica perdida, então ela quer se modernizar, quer saber um pouquinho mais [...] a maioria que vem buscar pra mexer no computador sabe que não é uma aula de informática, eles dizem que lá na aula de informática é tudo muito corrido, e eles não conseguem acompanhar, né, e aqui não, aqui a gente sempre faz porque já/a maioria é acima de sessenta, agora esse ano acima de cinquenta e cinco, mas com mais calma, né, com mais paciência, né, se tiver que repetir a gente vai repetir uma, duas, três vezes para eles, e é diferente [...]"* (APÊNDICE I, M3).

Os técnicos do Trabalho Social com Grupos ressaltaram, em vários momentos, que a atividade Mundo Digital Master não tem a característica de um 'curso', mas sim de um grupo de convivência:

> *"[...] o projeto [Mundo Digital Master] não é ensino da informática, tem toda a questão da convivência e da formação de grupo. [...] A gente começa com rodas de conversa, onde tem dinâmica de grupo, onde tem vivência, onde tem uma palestra sobre saúde do idoso, sobre o Estatuto do Idoso, sobre o quê que é se relacionar, sobre o quê que é depressão [...] [Trata-se de] um projeto muito estruturado e aí a primeira coisa [que mencionavam] era: "Ah, o SESC tem informática. Tem o curso". Não, a gente não tem o curso de informática. A gente tem um projeto Idoso Empreendedor [agora Mundo Digital Master] que são discussões temáticas sobre cidadania, sobre saúde, sobre uma série de coisas, sobre a questão do empoderamento [...]"* (APÊNDICE I, M1).

> [...] *se fosse curso, se você faltou não tem como recuperar (+) curso tem prova, tem uma apostila que tem que seguir de cabo a rabo [...] para tu ter uma ideia, a apostila do idoso empreendedor foi criada junto com eles, porque como eles não conseguem gravar, aí tem a apostila lá: "clicar com o botão direito do mouse para criar uma pasta, clicar com o esquerdo", entende, foi criado com eles, porque na medida que tu vai sentindo necessidade você vai inserindo [...]*" (APÊNDICE I, M2).

Ainda, está dentre os objetivos dessa atividade o estímulo à geração de renda por meio das tecnologias digitais:

> *"[...] a gente também trouxe uma proposta para/o ano passado não teve muita demanda, mas alguns acharam interessante [...] porque depois que eles se aposentam, né, acabam sem/ficam meio perdidos, eles "ah, agora o que que eu vou fazer da minha vida, já não...", né, e acabam querendo aprender essas coisas novas assim, a gente trouxe algo para eles, tipo, como o Uber, mas como se de repente eles pudessem ser o Uber, né, para eles continuarem o trabalho deles devido a... "ah, já me aposentei mas eu ainda gosto de trabalhar, quero fazer alguma coisa", como foi também para disponibilizar a casa ou um cômodo da casa para aluguel[Airbnb] [...] então assim, a gente vai/também trouxe isso para eles mostrando também que existe, alguns se interessaram, outros não, ficaram com medo né, mas que vieram também nessa forma de aprendizado [...]"* (APÊNDICE I, M3).

> *"[...] a renda compartilhada que é o Uber, que é o Airbnb, que é aquele DogHero, que agora a gente está falando um pouco mais com eles sobre isso, e aí tem uns aplicativos bem legais [...] Tem um aplicativo chamado Tem Açúcar [...] você faz o cadastro no site e tu tem essa sombrinha que tu usa só uma vez por semana, tu usa só na segunda, então os outros dias da semana tu pode emprestar. Daí você coloca quantos quilômetros [...] qual é o raio que vai atingir a sua divulgação, "ah, é cem metros", e aí tu coloca: "que eu tenho uma sombrinha, que eu posso disponibilizar de terça a domingo, e é cinco reais por dia", sabe, e aí eu estou precisando da sombrinha, vou lá e acesso [...] Então esse é uma coisa assim, que eles não se incomodam muito [...]"* (APÊNDICE I, M6).

Já mencionamos que a atividade denominada Mundo Digital Master é uma nomenclatura nova, que substitui a atividade denominada 'Idoso Empreendedor'. Em primeiro lugar isso se dá para caracterizar melhor o objetivo do grupo, que é o desenvolvimento das habilidades digitais. Segundo relato de técnico de grupos, a nomenclatura 'Idoso Empreendedor' causava certa confusão, justamente pela conotação de empreendedorismo ser relacionada à geração de renda. Em segundo lugar, essa nova nomenclatura também foi adotada pelo fato de a designação antiga tratar de 'idoso', que representa uma palavra com expressiva carga semântica negativa, vinculada à velhice. Dentre as narrações, técnicos do Trabalho Social com Grupos apontaram o fato de "*as pessoas acima de cinquenta anos não se inscrevem porque acham que é só para idoso, se sentem constrangidos de chamar eles de idoso*" (APÊNDICE I, M4). E complementa: "*porque para uma pessoa de cinquenta anos, cinquenta e cinco anos, [a gente diz:] "ó, vai lá fazer a inscrição para o projeto Idoso Empreendedor", [e eles respondem]*

"mas eu não sou idoso, não sou velho [risos] [...]" (APÊNDICE I, M4). Assim, a nova expressão "Mundo Digital" é mais sutil:

> *"[...] faz mais sentido a linguagem. E [...] para eles também, porque eles têm muito preconceito ainda com relação a serem chamados de idosos (+) então assim, até pouco tempo, teve uma senhora que veio procurar, ela queria fazer alguma atividade, e aí quando nós apresentamos (+) né, que no nosso guia ainda está "Idoso Empreendedor", e aí nós comentamos do Mundo Digital, e ela [disse] "ah, está escrito Idoso Empreendedor, esse nome aqui afasta a gente daqui", [e a técnica respondeu:] "Mas se tu falar Mundo Digital acho que tu vai ficar" [risos], e realmente, ela acabou ficando, mas o nome, ela disse que aquilo lá espanta eles daqui [risos] [...]" (APÊNDICE I, M5).*

Os idosos que participam do Sesc podem se inscrever em uma ou mais atividades. De toda forma, os grupos de convivência são aqueles que os técnicos relatam que são grupos mais duradouros, principalmente o grupo denominado Ativa+.

Com relação ao tempo de permanência dos idosos nos grupos do Sesc, é possível perceber, a partir do Quadro 9, que quase metade dos participantes (aproximadamente 44%) frequenta o Sesc há pelo menos dez anos, alguns, inclusive, integrando-se nas atividades antes mesmo de atingir o *status* de idoso. Há, ainda, aqueles idosos com participação mais recente: cinco dos sujeitos – aproximadamente 31% - relataram que se inscreveram nas atividades no período que compreende os últimos três anos. Uma menor parte dos idosos – quatro deles, o que corresponde a uma fatia de 25% do total – participa das atividades há um período entre quatro e nove anos.

O Quadro 9 também mostra que os idosos costumam participar de mais de uma atividade desenvolvida pelo Sesc. A grande maioria dos idosos – aproximadamente 82% - participam de, pelo menos, duas atividades do Sesc, enquanto aproximadamente 18% declaram participar de somente uma atividade do Sesc.

Dentre as atividades escolhidas pelos idosos participantes da pesquisa, aquela que é mais recorrente é grupo Mundo Digital Master, que é a opção de mais de metade dos participantes (aproximadamente 56%). Ainda, outro grupo bastante frequentado pelos participantes é o grupo da memória, escolhido por um pouco menos de metade (aproximadamente 44%) dos idosos. Em seguida, as atividades que obtém participação expressiva dos sujeitos são o Grupo da Cantoria (frequentado por aproximadamente 38% deles), o grupo da Dança Circular (do qual participam aproximadamente 31% dos participantes), e, por fim, o Grupati e o Ativa+, cada um concentrando aproximadamente 19% dos idosos. O Idoso em Foco é um grupo que foi apontado

por somente uma idosa, e isso ocorre especialmente pela sua característica de não ser, efetivamente, um grupo de idosos.

A participação em outras redes de convívio ou simplesmente de contato social também é um elemento que nos ajuda a caracterizar o idoso e sua dimensão política. Ainda no Quadro 9, é possível observar que metade (50%) dos idosos entrevistados declara que participa de outras redes de convívio, que podem ser, por exemplo, um grupo de voluntários da igreja, ou a participação voluntária da equipe de bombeiros, ou outro grupo de convívio da terceira idade, cuja participação foi relatada pela maioria dos idosos que se integram em outras redes de convívio (do total de idosos, aproximadamente 31% deles participam de outros grupos de convívio da Terceira Idade).

Dadas as caracterizações, na próxima subseção apresento o relato do campo.

6.4 APRESENTAÇÃO DO RELATO DE CAMPO

A efetiva coleta de dados aconteceu durante duas semanas de pesquisa. A primeira semana de coleta de dados foi reservada para as três primeiras unidades que visitaria. Reservei o primeiro dia da semana para a coleta numa das cidades menos acessíveis e o segundo para a cidade mais longínqua do local onde eu estava. Fiz essa parte da viagem de carro particular, sendo o meu pai o motorista da jornada. O terceiro dia foi reservado para a volta de viagem e, então, o quarto e o quinto dias úteis daquela semana foram reservados para uma cidade mais próxima, mais acessível.

Cheguei na primeira unidade numa manhã de segunda-feira. O Sesc daquela cidade tem uma extensão considerável: no prédio em que funciona o trabalho com grupos, também funciona a creche, a escola, o setor de atividade física, as demais atividades. Cheguei no final da manhã, então pude observar muitas crianças entrando e saindo acompanhadas dos pais. Observei, também, demais gerações de pessoas: adultos, jovens idosos, entrando ou saindo para suas atividades. A primeira entrevista do dia foi com o próprio mediador. A conversa fluiu levemente: durou cerca de uma hora. Ele interrompeu a entrevista algumas vezes, pois estava confirmando os horários da entrevista à tarde com os participantes, por meio de mensagem de áudio do *WhatsApp*. Relatou que, nos grupos do Sesc, interage-se muito com os idosos por meio dos grupos de *WhatsApp*, pois a grande maioria dos idosos é familiarizada com esse recurso.

Depois da entrevista com o mediador, saí para almoço e, nas duas primeiras horas da tarde, foram as entrevistas com as duas idosas participantes daquela unidade do Sesc. O

mediador solicitou à funcionária da biblioteca que realizássemos as entrevistas ali, pois não havia outro local disponível, e a funcionária prontamente atendeu o pedido.

A primeira entrevistada é uma idosa bastante ativa. Contou que faz uma atividade do Sesc que chama 'Vôlei Câmbio', que é uma modalidade esportiva adaptada para a terceira idade, tendo em vista que, nessa etapa da vida, já não é mais adequado sofrer contusões, quedas ou batidas. Em virtude de a entrevista ser na biblioteca, ela buscou falar baixo e pouco. Precisei intervir muitas vezes para estimular o discurso. Tinha outras pessoas na biblioteca e, então, ela olhava bastante para os lados. Talvez pudesse estar envergonhada. Mesmo com minhas intervenções, a conversa durou menos tempo do que o esperado: aproximadamente 40 minutos, incluindo o momento da caracterização (preenchimento do formulário) e a própria narração.

A segunda entrevistada chegou um pouco atrasada na entrevista porque, na vinda para o Sesc – que foi a pé – ela caiu e machucou a testa. Teve que voltar embora, para trocar de tênis, pois falou que não estava adaptada com aquele tênis novo e isso lhe causou a queda. Tinha um curativo na testa, mas continuava sangrando um pouco. Algumas vezes, me perguntou: "meu machucado está sangrando?" E eu respondia que sim, mas muito pouco. E então, no decorrer da entrevista, ela utilizava um lenço de papel para estancar a ferida. Estava um pouco aflita, e acho que sentindo um pouco de dor, também. É uma idosa calma e com um discurso bem pausado. Também precisei estimular bastante seu discurso, fazendo indagações sobre as coisas que me contava. Ela conhecia as pessoas da biblioteca, e então interagiu, algumas vezes, com a funcionária, estagiária e outros que estavam ali, visitando a biblioteca. Falou um pouco mais alto, e estava mais solta, se comparado à primeira. A conversa durou aproximadamente 45 minutos, incluindo os dois momentos.

Naquela unidade do Sesc, minha entrevista aconteceu somente com duas idosas, conforme justifiquei na etapa de pré-teste. Porém, para as demais entrevistas daquela semana, solicitei para os mediadores ao agendamento com mais um idoso: seriam três por unidade, mais o mediador.

Após finalizadas as entrevistas, ainda naquele dia dirigi-me a cidade da segunda unidade do Sesc. No segundo dia de coleta de dados, logo pela manhã, estavam agendadas as entrevistas com as três próximas idosas participantes da pesquisa.

Assim, o segundo dia de pesquisa foi dedicado às coletas na segunda unidade visitada. Aquela unidade também é bastante extensa, e concentra a creche, a seção de atividades desportivas e demais atividades na mesma sede. Logo que cheguei, a técnica de grupos me apresentou o espaço e me acomodou na sala onde acontece o grupo Mundo Digital Master, que estava vazia durante aquela manhã. Logo que cheguei na sala, também chegou a primeira

entrevistada do dia. Fui, ainda, informada que uma das idosas agendadas não poderia participar porque estava doente, porém, outra idosa se prontificou e sua entrevista estava programada para o segundo horário do dia.

A primeira entrevista do dia teve a participação de uma jovem idosa. É uma senhora que aparenta ter serenidade, porém mostrou ser muito comunicativa. A entrevista foi longa, tendo em vista que ela gostava de exemplificar suas afirmações com menções e com histórias. Não precisei estimular muito o discurso, e sua narrativa foi bastante profunda. A conversa durou mais do que o esperado, aproximadamente uma hora e quinze minutos. A segunda entrevistada mostrava ser bastante articulada e ativa: contou sobre sua rotina do dia a dia, que envolve muitas tarefas e compromissos. É engajada em diferentes tipos de atividades. Embora fosse bastante comunicativa, suas respostas eram muito objetivas, então a entrevista foi mais curta do que o esperado, aproximadamente 40 minutos. A terceira entrevistada tem um perfil bastante parecido com a segunda: é, também, professora aposentada e participa também de outros tipos de atividade, como jogar bocha nos centros de convivência para idosos, atuar como voluntária na igreja e, ainda, frequentar outros grupos da terceira idade. Também é muito comunicativa, e, portanto, não foram necessárias muitas intervenções da minha parte. De toda forma, por também ter uma característica de ser mais objetiva, a conversa também foi mais curta, durando aproximadamente 45 minutos.

A entrevista com a última idosa encerrou no final da manhã, e, após o período do almoço, retornei para o Sesc para a entrevista com a mediadora. A técnica possui bastante experiência com grupos de idosos – mais de uma década – e tinha muitas coisas para contar sobre as atividades. A entrevista durou um pouco mais de uma hora.

O terceiro dia daquela semana foi reservado para a viagem para a cidade onde seria a terceira coleta. No quarto e no quinto dias daquela semana, estavam programadas as entrevistas naquela terceira unidade. Porém, por conta de algumas intercorrências da parte do Sesc, houve a solicitação de que as entrevistas fossem transferidas para a próxima semana.

Dessa forma, a primeira semana de coleta de dados envolveu somente a pesquisa de campo em duas unidades do Sesc, sendo a segunda semana designada para as demais unidades, quatro no total.

No primeiro dia da segunda semana, foi possível realizar as entrevistas na terceira unidade a ser visitada. Seriam três idosos participantes naquela unidade. Existem duas unidades do Sesc naquela cidade: uma delas abarca a creche e a escola e, a outra, as demais atividades. Essa última unidade, onde ocorreram as entrevistas, fica num bairro nobre.

A primeira entrevista foi logo na parte da manhã, após o encontro do grupo Mundo Digital Master e no próprio local onde acontecem as atividades daquele grupo. Foi a entrevista com a participante mais longeva do grupo: 83 anos. De toda forma, aquela idosa tem sua capacidade funcional preservada: contou que dirige, que mora sozinha, e que realiza de forma independente as atividades do dia a dia. É uma senhora séria, introspectiva, sisuda. É de poucas palavras, respondendo somente o solicitado. Assim, na entrevista, foi preciso um pouco mais de interferência da minha parte, para estimular o discurso. De toda forma, a entrevista foi curta, tendo durado um pouco menos de meia hora.

Quando finalizei a primeira entrevista, a segunda idosa já estava me aguardando na biblioteca, que era próxima à sala de atividades do grupo Mundo Digital Master. Seu marido estava lhe acompanhando e, inclusive, perguntou se eu gostaria de entrevistá-lo. Mencionei que não era necessário, e agradeci a disposição. É a idosa mais jovem dos participantes da pesquisa, e se caracterizou como uma pessoa bastante conectada e integrada às tecnologias. Aquela jovem senhora mostrou-se comunicativa e aberta ao diálogo. A entrevista durou aproximadamente 40 minutos.

A última entrevista com idosos do dia foi na primeira hora da tarde, no mesmo local das entrevistas da manhã. Aconteceu com o único participante da pesquisa do gênero masculino. Contou-me que não tinha atividade programada no Sesc para aquela tarde, veio somente para participar da pesquisa. Integrante do grupo Mundo Digital Master e o terceiro idoso mais longevo dos sujeitos da pesquisa (76 anos), ele era calmo e bastante introspectivo, embora mostrasse ser uma pessoa bastante cordial. A duração da entrevista foi de aproximadamente 35 minutos.

Logo após a entrevista com o último idoso do grupo, aconteceu a entrevista com a mediadora. Também é uma pessoa experiente no trabalho com grupos de idosos, tendo relatado experiência profissional de mais de uma década nesse campo. A entrevista durou aproximadamente 40 minutos.

Com a finalização das entrevistas na terceira cidade visitada, pude completar metade da pesquisa de campo, o que corresponde a três unidades. Ainda durante as entrevistas naquela terceira unidade, pude perceber que passou a haver certa constância quanto aos relatos, tanto dos participantes, quanto dos mediadores. Ainda não considerava que havia exaurido o tema, mas identifiquei que os fenômenos começaram a se repetir. E, assim, concordei com um dos autores da literatura: de fato, a constituição de um número fixo de participantes a priori prejudica o "processo de construção progressiva do objeto como um todo" (PIRES, 2008, p. 155).

O segundo dia da segunda semana estava programado para a visita à quarta unidade do Sesc. A partir daquele momento, todo o trajeto passaria a ser feito de transporte público, que compreende ônibus urbano e intermunicipal.

Cheguei na cidade perto do meio dia, e já me dirigi à unidade do Sesc daquela cidade onde acontecem as atividades com o grupo. Essa unidade é extensa: possui restaurante, escola, creche e outras dependências, e, nela, desenvolve-se uma gama de atividades, dentre as quais incluem-se as atividades com grupos de idosos. A técnica de grupos me recebeu e encaminhou para uma sala de videoconferência, que era silenciosa e, portanto, adequada para aquela ocasião.

Naquele recinto entrevistei três idosas: duas delas professoras aposentadas e uma delas contabilista.

As duas primeiras idosas – as professoras - têm um perfil bem parecido: são muito ativas, extrovertidas, muito comunicativas e independentes. Participam de outras iniciativas de grupos da Terceira Idade. Levando suas falas em consideração, eu diria que são, inclusive, mulheres empoderadas. Suas narrativas foram bem longas, com descrições bem completas dos fenômenos e recordações bastante ricas em detalhes. Por essa razão, as conversas foram mais extensas do que o previsto: a primeira durou uma hora e 15 minutos e, a segunda, uma hora e cinco minutos.

A última entrevistada daquela unidade também é participativa. Relatou que está integrada em grupos de idosos de outros âmbitos e, inclusive, participa do Conselho Municipal do Idoso. Contou que é bastante tímida, e que estava apreensiva para a entrevista. Quando chegou para nos apresentar, a mediadora inclusive fez uma brincadeira, dizendo que seguraria a mão daquela idosa durante a entrevista, para ela se sentir segura. Embora relatasse bastante timidez, aquela senhora é a dona da narrativa mais longa da pesquisa: nossa conversa durou aproximadamente uma hora e 30 minutos.

De toda forma, aqueles discursos também acompanhavam a constância que comecei a identificar na unidade anterior. Comecei a constatar que em breve eu exauriria o fenômeno, e, então, solicitei à técnica de grupos da última unidade que visitaria que agendasse as entrevistas com somente dois idosos.

Voltei, então, à mesma unidade do Sesc no outro dia para realizar a entrevista com a mediadora do grupo, no mesmo local do dia anterior. Trata-se também de uma mediadora experiente com grupos de idosos, com uma trajetória de mais de vinte anos atuando nesse segmento. Nossa entrevista durou uma hora e vinte minutos, foi a mais longa de todas as conversas com mediadores.

Depois das entrevistas na quarta unidade do Sesc, a constância dos fenômenos nas narrativas passou a ser mais forte. A descrição dos fatos era diferente, mas o cerne do fenômeno era semelhante. Assim, optei por não solicitar, à mediadora da última unidade, a entrevista com um terceiro sujeito, tendo em vista que estava próxima de exaurir a temática. Se fosse necessário, solicitaria uma terceira entrevista naquela unidade.

No quarto dia da segunda semana, visitei a quinta e penúltima unidade do Sesc a ser pesquisada. Localizado numa cidade menor do que as anteriores, o Sesc daquela cidade fica numa área central, inclusive próximo da rodoviária. Trata-se de uma unidade extensa: possui restaurante, creche, escola e demais dependências para o desenvolvimento das diversas atividades realizadas. Todas as entrevistas estavam programadas para serem realizadas naquela tarde: as três idosas e a mediadora dos grupos daquela unidade. Foi me oferecido a sala do gerente daquela unidade para a condução da entrevista, pois se tratava de um local que a mediadora julgou ser mais silencioso por conta da localização.

A primeira entrevistada daquela unidade é uma senhora extrovertida e bastante expressiva. Bastante engajada em causas sociais, como grupos de voluntariados na igreja e outras instituições, me contou que vive em duas casas diferentes: uma delas, em que mora sozinha, é próxima ao Sesc e, portanto, muito funcional. A segunda casa fica num local mais afastado, e é uma casa de campo, num sítio. Naquela segunda casa, vive com familiares. Suas narrações não foram profundas, mas bastante completas. Aquela primeira entrevista durou aproximadamente 40 minutos.

A segunda entrevistada daquele dia foi com uma professora aposentada. Sua fala era mais objetiva, mais curta, porém não se trata de uma senhora contida ao falar. Muito pelo contrário, era bastante expressiva. Durante a entrevista, me contou que o marido passou por uma cirurgia recentemente, e por isso ela estava um pouco afastada do Sesc. Ainda, me contou que o marido estava aguardando no carro. Então, suspeitei que a sua fala mais sucinta pudesse ter a causa na pressa, para não deixar o marido esperando.

A terceira idosa a ser entrevistada naquele dia é a segunda pessoa mais jovem dentre os participantes. Também, é uma das que ingressou mais recentemente nas atividades do Sesc. A jovem senhora é bastante objetiva nas suas explanações, porém, em virtude da fala pausada, a conversa não foi tão curta, durando aproximadamente 45 minutos.

Após a finalização da entrevista com a terceira idosa daquela unidade, iniciei a conversa com a mediadora dos grupos. Naquela tarde, estavam acontecendo outros encontros de grupos de convívio, então aquela técnica estava bastante atarefada. Durante as entrevistas anteriores, eu observava, pelo vidro da sala, aquela mediadora caminhando bastante nas dependências,

recebendo idosos, resolvendo situações. Inclusive, a própria entrevista com a técnica foi interrompida duas vezes para que algumas idosas pudessem dar recados. Foi a conversa mais curta dentre os mediadores, e acredito que seja por conta da rotina turbulenta daquele dia. De toda forma, foi uma entrevista satisfatória, atendendo às necessidades da pesquisa. Durou aproximadamente 30 minutos. Terminada a coleta daquele dia, me dirigi à cidade onde seria o último dia de entrevistas, logo pela manhã.

Cheguei ao Sesc no início da manhã do último dia de coleta de dados: estavam programadas, para aquele dia, entrevistas com duas idosas e uma mediadora. O Sesc daquela cidade é bastante amplo: possui restaurante, escola, creche e demais estruturas para o desenvolvimento das atividades. É, talvez, a maior unidade visitada. A mediadora me recebeu na unidade e me dirigiu para a sala onde acontecem os encontros dos grupos de convívio, uma sala grande e com vista para a escola. Ela havia preparado uma mesa com chás e havia também água mineral, para que pudéssemos ter um momento agradável de coleta de dados. E, de fato, tratou-se de um momento agradável.

A primeira entrevistada mencionou que estava bastante nervosa para a entrevista, pois havia se confundido: relatou-me que, quando a mediadora apresentou a pesquisa para o grupo, ela acreditou que essa entrevista fosse algo que ela assistiria, como se fosse, por exemplo, uma palestra. E, assim, ela se dispôs, pois contou que gosta muito de assistir palestras. Relatou que só soube que seria ela a entrevistada no dia anterior, quando a mediadora lhe enviou uma mensagem para confirmar a participação na entrevista. Disse que teve dificuldades para dormir à noite por conta da apreensão para participar. No entanto, a entrevistada aparentava estar bastante confortável durante a entrevista, depois de eu ter detalhado sobre os propósitos da pesquisa e sobre a natureza das questões. Sua fala foi breve: durou aproximadamente 35 minutos.

Entre as coletas com as duas idosas do dia, realizei a entrevista com a técnica de grupos, que coordena as atividades com idosos daquela unidade. Nossa conversa foi um pouco mais breve do que as usuais entrevistas com mediadores: durou aproximadamente 40 minutos. De toda forma, a entrevista foi satisfatória, atendendo aos objetivos da pesquisa.

A última idosa entrevistada é a segunda idosa mais longeva dentre os participantes. No entanto, possui sua capacidade funcional preservada: contou que faz as compras para a casa, faz a comida para a família e demais tarefas que um lar exige. A conversa durou aproximadamente 35 minutos, pois suas falas eram breves e sucintas.

Em todas as unidades do Sesc percorridas durante a investigação, eu visitei as bibliotecas. Isso não é parte dos procedimentos de pesquisa de campo, mas julguei que

poderiam servir de inspiração para delineamento dos princípios, que consideram o pressuposto da mediação da informação que pode ocorrer nesses ambientes. Durante as visitas, conversei com alguns profissionais e descobri que, em alguns encontros dos grupos de idosos, acontecem atividades nas bibliotecas, que envolvem desde a exploração de materiais bibliográficos até contação de histórias integrando os idosos e as crianças dos ensinos infantil e fundamental do Sesc. Também obtive a informação de que é permitido ao idoso que participa do projeto TSI o empréstimo domiciliar dos itens do acervo da biblioteca, sendo esse serviço usufruído por parte dos idosos integrados ao Sesc. De fato, as visitas às bibliotecas serviram de inspiração, principalmente no que tange aos encontros intergeracionais, mencionados pelos funcionários como atividades fascinantes e fecundas sob o ponto de vista do compartilhamento de experiências e de construção coletiva de conhecimentos.

Essas são as anotações feitas em diário de campo da coleta. É importante ressaltar que, no caso dos mediadores, a ordem das transcrições das entrevistas não obedece à ordem de visitas às unidades, para preservar o sigilo das informações prestadas. Ainda, a coleta foi gravada com dois dispositivos de gravação de áudio, sendo um *laptop* e um aparelho de telefone celular. Na próxima seção, são discutidos os resultados da pesquisa.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EXPRESSA NAS NARRATIVAS DOS IDOSOS

Esta seção está construída de modo a atender aos objetivos c) e d) dessa pesquisa, que constituem-se em c) descrever, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI); e d) descrever, a partir das falas de mediadores de GTI, elementos da competência em informação, bem como a dimensão política desta, de idosos. É resultado do método fenomenológico de descrição de experiências, que busca organizar os dados subjetivos para "descrever o vivido, trazendo-o para a ordem das significações" (ZEFERINO; CARRARO, 2013, p. 829).

As narrativas aqui apresentadas foram depuradas a partir dos procedimentos de descrição das experiências, de redução fenomenológica (*epoché*) e de captação das essências (redução eidética). São esses procedimentos que nos permitem direcionarmos o discurso à disciplina, na medida em que essa ação "pressupõe que o contexto se adapte ao fenômeno pesquisado" (GIORGI, 2008). Também nos permitem chegarmos às essências, a partir da descrição das estruturas essenciais da experiência vivida do l*ebenswelt*.

As experiências descritas com relação ao fenômeno estão apresentadas e organizadas, nessa seção, a partir das unidades de significação, que foram sistematizadas pelo procedimento de redução fenomenológica. É a partir da sistematização das experiências em unidades de significação que podemos apreender as significações do fenômeno à luz do objeto de estudo, ou seja, que podemos compreender a experienciação do objeto da competência em informação e sua dimensão política pelos idosos, no *lebenswelt*.

Ressaltamos que a característica da pesquisa fenomenológica é a compreensão do fenômeno a partir do mundo vivido, das experiências. Por essa razão, a compreensão desse fenômeno está no "próprio contexto em que o fenômeno se realiza, através da experiência de alguém, do '*lebenswelt*' – refere-se ao mundo-vida de cada um de nós, pré-reflexivo, pré-objetivo" (GRAÇAS, 2000, p. 29). Não é adequado, à pesquisa fenomenológica, captar as manifestações dos sujeitos com relação ao objeto, ou os 'pontos-chave' das falas, isolando o contexto apresentado. Isso também não é adequado para analisar pesquisas narrativas: esse ato de 'esfacelar' aquilo que é dito para analisar em partes pode "destruir a narrativa e o seu sentido original" (MACEDO, 1999, p. 42). Por essa razão, esta investigação preserva as histórias contadas pelos sujeitos quando narram os fenômenos.

Essa preservação do contexto narrado na apresentação dos dados também é congruente aos fundamentos axiológicos e epistemológicos dessa investigação: já observamos, na construção teórica desta tese, que a realidade social do idoso na sociedade de hoje pode causar invisibilidade e silenciamento desse sujeito. Esse processo de preservar tudo aquilo que é dito é um mecanismo que pode contribuir para devolver, ao idoso, a voz e a vez que foram comprometidas no capitalismo informacional.

Na primeira subseção que compõe essa seção, buscamos apresentar o papel das redes de apoio social na construção do sujeito político. Em seguida, buscamos expor os aspectos da dimensão política expressos pelo idoso investigado nessa pesquisa, que incluem: a) a relação desse sujeito com o universo informacional; b) as suas necessidades de informação, bem como os processos de busca e uso da informação; e c) aspectos especiais acerca de sua dimensão política. Por fim, buscamos tecer manifestações da dimensão política da competência em informação do idoso integrado em redes de apoio social, notadamente os GTI.

7.1 O PAPEL DAS REDES DE APOIO SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO POLÍTICO

Na seção que se refere à dimensão política da competência em informação, salientamos que a *Pólis*, ou seja, a comunidade, é o local onde o ser dá significado às ações (RIOS, 2006). A vida em comunidade, para o idoso, pode ser praticada por meio de redes de apoio social. Essas redes buscam fortalecer a identidade social, as habilidades sociopolíticas e o senso de pertencimento a um coletivo, na medida em que oferecem apoio emocional e afetivo e estabelecem vínculos para que o idoso se sinta acolhido.

Os GTI formados pelo Sesc estabelecem-se, para o idoso, como redes de apoio social, e configuram-se como espaços em que o idoso pode conquistar o senso de pertencimento a uma comunidade, como narram idosos:

> *"[...] o papel do SESC na minha vida, como eu falei eu começo, é me sentir vivo e* ***me sentir dentro da... da sociedade*** *[....]"* (APÊNDICE I, E14, grifo nosso).

> *"[...] o importante é o... Porque eu não tenho — assim, na nossa idade tem poucos os que têm - como a minha sobrinha tem, como o meu... minha cunhada tem - o grupo de escola, o grupo de aula [...] eles têm grupo que [eles] vêm, se reúnem periodicamente e nós principalmente não temos esse grupo [...] Tu tem que formar, ter grupo que tu forma elos. Então a gente junta agora da terceira idade. Vai formando pessoas conhecidas [...]. E isso dentro do SESC é muito*

> *bom, porque tu tens que ter um grupo onde tu te encontra periodicamente. Isso faz parte da vida [...] Aquele grupo vai estar lá. É aquela... né,* ***é a necessidade do ser humano*** *[...]* ***de estar junto, é. Saber que tem o nosso grupo****"* (APÊNDICE I, E12, grifo nosso).

Revela-se, nas falas, que o senso de pertencimento à uma comunidade – por meio de GTI - é uma '*necessidade do ser humano'* (APÊNDICE I, E12), como um meio de conferir sentido à existência (ARISTÓTELES, 2013). Emerge, também, nas falas dos mediadores, a questão da amizade formada nessas redes:

> *"[...] existe um processo grupal muito forte [...] uma amizade que já vem há muito tempo, então é muito forte nesses grupos que estão mais tempo com a gente, né, nesses trinta, trinta e poucos anos que elas estão aqui participando, então, é... Eu acredito que é onde elas [vêm] para se divertir, para se distrair um pouco, né, a maioria, e porque gostam, gostam dessas atividades diferenciadas [...]* (APÊNDICE I, M3).

Sabemos, por meio da literatura, que a condição de vulnerabilidade do idoso implica em intervenções na capacidade desse sujeito de poder dizer, poder atuar, ou poder intervir no curso da própria existência (OVIEDO; CZERESNIA, 2015). As redes de apoio social, dentre as quais se destacam os GTI podem constituir-se, como verificamos na literatura, de instrumentos para vencer a solidão, a sua realidade de exclusão e discriminação (PORTELLA, 2004) causadas pela perda de papel social causada pelo regime capitalista. Para o idoso, vincular-se a um GTI representa uma forma de manter-se ativo no círculo social, e, configura-se, então, como uma forma de vencer a solidão e o anonimato:

> *"[...] eu aqui no SESC, eu encontro isso: amizade, novas amizades [...] reencontro amigas aqui, né, reencontro pessoas aqui. Eu gosto muito de participar de grupos, então eu estou aqui porque eu gosto de gente, né, eu gosto de estar no meio de pessoas. Eu não gosto de ficar… Eu não gosto de estar assim: "Bah, não tenho nada para fazer." Os piores dias [são os] que eu levanto: "Bah, eu não tenho nada para fazer hoje". Não, não posso, né, tem que ter… Gosto de participar de grupos, por isso que eu estou no SESC. Gosto de gente. [...]"* (APÊNDICE I, E4).

> *"[...] então tenho muita facilidade de... de conversar com as pessoas, de interagir com as pessoas e... Mas aqui, assim, a gente é bem recebido, sabe? Chega uma pessoa nova, todo mundo vai lá, abraça e recebe bem, é bem acolhido, então isso é muito importante e aí gente se sente vivo, se sente... Então agora eu não sinto mais aquela tristeza de chegar em casa e não ter ninguém, não ter com quem*

conversar. Aí quando eu quero contar alguma coisa assim, porque eu preciso contar, né, para alguém assim, né: "Ai, foi bom aqui no SESC, aconteceu tal coisa assim e assim". Aí eu ligo para o meu filho: "Ah, aconteceu isso, isso". Às vezes, ele não pode falar comigo no telefone: eu gravo um áudio para ele [risos] [...]" (APÊNDICE I, E14).

Essa condição de integrar-se a um GTI para vencer a solidão e a perda de papel social pode manifestar-se no idoso que, inclusive, está inserido no seio familiar. O seio familiar é descrito pela literatura como a rede de apoio social que ocupa a posição central na vida do idoso, constituindo-se como a fonte central de apoio (RESENDE *et. al.*, 2006). Manifesta-se, nas falas de mediadores, a ocorrência de idosos membros de GTI que não veem a família como a rede primária de apoio social, mas sim o GTI. Essa ocorrência repete-se nas entrevistas:

"[...]ele sai de invisível dentro de casa, muitas vezes, para ser visível lá na instituição, para ter valor lá na instituição, que talvez na família ele não encontre mais tanto [valor] por conta dessa mudança que a gente vive [...]" (APÊNDICE I, M1).

"[...]Eles também vêm, porque ele[s] se sente[m] bem. A família talvez não trate tão bem como eu gostaria, né. Não por problemas de relacionamentos familiares, mas acho que assim, as novas relações do mercado de trabalho exigem que as pessoas se afastem até mesmo no seio da família, por quê? Se... se eu moro com a minha filha ou com meu genro, mas eles trabalham, eles têm um filho que tem que levar ele na escola, que... enfim, o tempo para o idoso no seio da sua família, ele que está cada vez mais restrito. E aí ele vem para o Sesc, porque aqui ele encontra alguém que está disponível [...]" (APÊNDICE I, M1).

"[...] hoje, Djuli, todos os idosos que chegam aqui falam para mim: "ah, eu vim porque aqui a gente tem uma família, né porque em casa a gente não consegue conversar, o neto está o tempo todo no celular, o filho trabalha com negócios está o tempo todo no computador, ou envolvido, daí não tem tempo, daí final de semana almoça em casa, já sai correndo para descansar um pouco", então eles vêm para ter atenção, para ter a nossa (+) o nosso ouvido, o nosso colo às vezes, muitas vezes a gente/principalmente aqui, a gente escuta mais relatos dos idosos de que "ah, to passando por uma situação, e daí em casa não dá pra conversar", e daí vem e desabafa [...]" (APÊNDICE I, M6).

"[...] a gente ouve muito isso: "Foi aqui que eu encontrei apoio [...], passei a fazer isso, passei a escrever. Ah, eu não fazia nada disso não. [...] "Lá no grupo eu brinco, conto minhas histórias. Eu moro sozinho, não tenho para quem contar. A minha filha está sempre ocupada, meu genro chegou nem me olhou". Então eu

> *diria que tem muita coisa nesse porquê que ele vem para o Sesc. Então... são aspectos... sociais, afetivos [...], a questão do empoderamento: "Me sentir vivo, fazer parte de algo [...]"* (APÊNDICE I, M1).

Mesmo que de forma discreta pelo próprio idoso que vivencia essa realidade, essa condição é narrada:

> *"[...] eu passo muito sozinha nos finais de semana, né, e estou trabalhando... a... essa questão no psicólogo também. Para eu lidar melhor com a solidão nos finais de semana, né? Então, foi... Eu estava assim um domingo muito chateada pensando: "Bah, eu podia estar com meus netinhos lá". Triste, chateada, chorei. [...] eu não recebo muita visita do meu... do meu filho, da minha nora e as crianças. Estou trabalhando na terapia isso também, procurando aproximar eles um pouquinho mais, né, porque eles vêm na sexta-feira de tarde - de noitezinha - ficam 15 minutos e olha: tchu [fazendo sinal com a mão indicando que desaparecem] [...] Cada um tem a sua vida [...]"* (APÊNDICE I, E3).

Assim, os laços de amizade formados pelo GTI - que se constituem como redes de apoio social - possuem importância significativa para aquele que "vive num contexto familiar em que se sente desorientado, depressivo, preterido, inseguro e, por vezes, isolado" (PORTELLA, 2004, p. 144). São tão benéficas quanto as redes familiares, pelo fato de os relacionamentos de amizades serem de livre escolha, favorecendo a intimidade e a reciprocidade (ALVES, 2007). Essas redes, dessa forma, contribuem para a construção de uma identidade comum e o estabelecimento de laços de ajuda e de conforto emocional (ALVES, 2007). A caracterização de um GTI como uma rede de apoio emocional, assim como uma família, é mencionada por uma mediadora: *"[...]é o que a gente vê, é o relato que os idosos trazem, então se perdeu esse afeto, esse laço de família, e é o que eles falam: "ó, porque aqui a gente tem um laço de família"* (APÊNDICE I, M6). Os idosos também narram sua vivência no GTI como uma experiência familiar:

> "*[...]às vezes a gente sai de casa chateada e tu chega aqui vem um... encontra uma amiga: "Oh, que bom te ver." Vem e te abraça: os hábitos já mudaram, aquela chateação que tu estava, já mudou. [...] tem uma... idosa aqui, que a gente se chama de mana. Que as pessoas começavam assim, do nosso grupo, a dizer assim: "a tua irmã não veio hoje? Não vem hoje?" [E eu] assim: "A minha irmã?", "É. A tua irmã não vem?" Eu disse: "Não sei". Porque eu nem sabia de quem que ele estava falando. [E logo após:] "Olha, a tua irmã chegou, a tua irmã chegou". E a gente acabou assumindo que a gente é irmã. É mana. A gente se trata de mana, mana para cá, mana para lá. Então eu encontrei uma irmã no*

Sesc, sabe? E ela é até gaúcha, uma pessoa incrível e a gente... nós fizemos, apresentamos uma peça agora no dia treze, aí hoje uma...uma amiga da gente veio... veio conversar, ela assistiu, ela disse: "Olha, eu nem pude cumprimentar vocês e tal. Mas estava muito bonito". E ela assim: "Uma coisa que eu gosto de ver, é que vocês têm uma sintonia que só no olhar uma já sabe o quê que a outra vai ter que falar". É uma coisa muito forte assim, eu encontrei aqui, né, e uma pessoa que mora... É do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. [...] Então, aqui eu aprendi, né, eu tive... eu tenho uma irmã. Então o quê que eu procuro no Sesc? Esse prazer de estar com as pessoas que eu gosto, cada dia a gente tem mais... arruma mais um amigo, de um abraço de um que me chama de princesa, vem me abraça [...]" (APÊNDICE I, E10).

"*[...] Tem muita amizade aqui. Agora nesse período de férias, nossa. Saía no centro assim, você encontrava alguma e já vinha assim: "Ah, que coisa boa te encontrar!", "Ah, quando é que vamos voltar?", "Ah, que coisa boa", "Ah, já estou com saudade!". É tudo assim no jogo também: eu já chego, porque... é... minha maneira de chegar para cumprimentar é abraçando e beijando as amigas [risos] [...]*" (APÊNDICE I, E1).

"*[...] nossa... esse nosso grupo agora ali é muito bom. Porque, quando uma tem problemas, que nem por exemplo nós temos a M... L..., que ela tem, acho que setenta... Ela deve estar com setenta e oito anos. Ela é fantástica. M. L.... Ela é uma pessoa muito religiosa. E ela, hoje, ela está muito doente, mas ela é aposentada e fabrica terços. Você sabe o que é receber encomendas... nos dias de hoje, receber encomendas de duzentos terços, seiscentos terços... Tantos terços assim para acampamentos, para coisa assim, né. Ela, tem meses que ela faz mais de dois mil reais só com confecção de terços. E ela é de muita fé, assim, muita coisa. Então, a gente gosta demais dela, mas agora ela está doente. Ela está com um problema sério. Ela sempre teve um problema de coração, mas ela, assim, sempre conseguiu superar. Ela é única viva da família, todos os irmãos delas... dela morreram de... do coração. Todos, mas bem mais abaixo de 70. Só tinha a irmã dela que morreu com 72, que era a única que estava viva ainda e ela está com 70 e pouco. Então, nós... Ela tinha medo que chegasse o tal dia, porque era mais ou menos o mesmo [que aconteceu] com os irmãos dela. Mas passou também. Mas ela, ela tem um problema agora, agora está com um problema... Não sei se é tipo um tumor, que assim, que afeta o pulmão dela [...]. Então, nós sempre estamos mandando mensagem para ela, estamos em oração por ela para ela superar e voltar, né. Temos outras, por exemplo, que nem a A. A A. é uma pessoa muito sofrida. Ela perdeu a mãe. A mãe dela ia fazer... cem anos, acho que isso. E a mãe dela, então, morreu não faz muito tempo. Era filha única, só tem uma filha única, agora tem um netinho. Então, ela é uma pessoa que, assim, se dedica muito à família, mas às vezes se machuca muito, então quando ela chega, a gente já sabe, se ela tem alguma coisa, porque daí ela começa a conversar. E se iguala a ela, iguala às outras. Então, quando a pessoa*

tem um problema chega de conversa, sabe. Então, a mãe [mediadora] já dá para nós, assim, os dez primeiros minutos; é para isso, sabe. Então se alguém tem um problema em casa, [se] você fez uma pesquisa que achou que foi bom, [se] você tem uma erva que acha que é bom para chá, né. Ou se fiz um bolo diferente e traz para a turma, sabe. No outro dia traz uma bolachinha, então... Então, eu acho que o grupo ali é... indispensável para a nossa vida. Então, é por isso que a gente sempre volta; e a gente sempre quer a mesma turma. Agora entraram duas... duas novas, duas integrantes novas: uma que eu conheço muito bem que é a E., que ela também faz parte de adoração, que é muito amiga da M. L., também, né. E ela é uma senhora, assim, muito simples. Nossa, não entende nada de computador, mas então, ela vai ter que ter um tratamento diferenciado, não tem problema vai ter, né. E o que a gente puder ajudar, a gente ajuda. E a outra é a N., que também é... ela está no tudo azul conosco. [...] Nas amigas da Canastra comigo também, né. Pertenço a mais um grupo. E também, é que a gente conhece muito bem, que foram bem aceitas, tá. Só temos o J. de homem. O J., olha, se há criatura boa é o J.. Olha, a gente se encanta com ele, não tem tamanho. Miúdo, miúdo, é mais baixo que eu. Magrinho, magrinho, tá. E ele veio de Santos. E ele... olha, é uma criatura fantástica. E tem o senhor L., que o senhor L. é um senhor que está com problemas de saúde. Mas para lado mental já, né. Ele tem oitenta e poucos anos, sabes. O senhor L., então, seria bom se viesse, mas ele não vem. E quando vem, então, a gente já... Não puxou muito por ele, porque ele gosta mais de estar no celular e coisa assim. Mas está ali no grupo. E tínhamos a T. T., que faleceu ano passado, né. Ela tinha 80... 86 anos, ela ia fazer. Muito ativa, muito boa. Ela participava... A tia que fazia academia toda vida, muito preocupada com seus filhos engordassem, muitos netos engordassem, muito... Né, ela; muito boa. Tinha seus defeitos, mas ela era uma criatura maravilhosa. E com a sorte, mas, como eu sempre digo: a vida se encarrega. Com certeza. E ela.... E se ela sobrevivesse àquilo que ela teve, ela não... Devia ser muito ruim para ela, porque ela não podia mais fazer atividades que ela fazia, sabe. Então, ela aproveitou [...] Aproveitou bastante, viveu bastante, passeou bastante, como ela queria, não é. Passeou, E ela realizou o último sonho dela... Que era fazer um acampamento. Ela foi chamada algumas vezes, mas ela nunca, nunca foi. O último que ela foi chamada, ela foi. Realizou, você sabe assim. [...] Morreu feliz, né. Então, a gente sempre se lembra dela também. E assim, somos todos nós. Falamos, conversamos. A gente, quase quando chega, se abraça, se beija. [...] É um grupo bom [...]" (APÊNDICE I, E13).

"*[...] a gente torna-se uma família aqui, sabe: Se uma não vem numa terça-feira e ela não avisa, a gente já fica pensando mil e uma coisas, né. Então a gente é uma família [...]*". *(APÊNDICE I, E15).*

A experiência de desenvolvimento de vínculos próximos aos familiares dentro de um GTI também é expressada na fala de uma mediadora:

> *“ [...]eu tenho uma idosa mais experiente, nem fala mais velha, ela tem noventa, vai fazer noventa e quatro, ela fala, ela ouve, ela enxerga, bom, amanhã ela deve estar aí, tu não diz que ela tem essa idade, e tem uma outra que está fazendo noventa e cinco mas já é uns dois anos, três que ela não vem mais, ela vem esporadicamente, porque [ela anda de] cadeira de rodas e depende de outras pessoas e ela tem medo de cair, então ela/mas o que que a gente faz, a gente vai lá na casa dela comemorar o aniversário, [...] ela acha que é o padre que está indo lá e sempre a gente inventa uma história, pegamos ela de surpresa. E, pra/né, e ela reclama se "ah, e as minhas amigas não disseram que não vem", então a gente faz isso, sempre tem aquelas que são mais amigas que vão em outros momentos para visitar ela. Não é simplesmente um encontro aqui, se cria esse laço fora também né, a dona L. vai fazer noventa e quatro, ela tem quase trinta ou trinta e cinco anos só de grupo dentro do Sesc, pra tu ter uma ideia* (APÊNDICE I, M2).

Assim, nos GTI, é possível compreender que se desenvolve um afeto característico de um relacionamento familiar. Inclusive, é relatado pelos mediadores e idosos que até mesmo os grupos que foram criados pelo Sesc para serem orientados a um objetivo específico e terem duração limitada, como Mundo Digital Master, a Cantoria e a Dança Circular, acabam configurando-se, hoje, como grupos de convívio, como GTI:

> “*[...] já teve experiência lá em [nome da cidade suprimido], que na época quando a gente abriu o projeto [Idoso Empreendedor – Mundo Digital Master] o módulo um, aí depois foi para o módulo dois, não existia módulo três. Daí [os alunos questionaram] "[...] o que que nós vamos fazer, a gente quer continuar, a gente vai rodar [reprovar] então, bola alguma coisa aí para nós", "A gente vai rodar, todo mundo roda, vai continuar no módulo dois" [...] e aí teve uma vez [que falaram] assim "ó, tu vai ter que dar um jeito, a gente vai montar barraca aqui na frente do Sesc até/vamos atrás, vamos falar com o gerente, nós vamos ter que..." aí pensei, pensei, bolei um módulo três, conversei, enfim, com o pessoal do departamento regional, com a gerência, e bolamos o módulo três, né, porque existia esse processo tão forte dentro deles, a amizade era tão grande, eles não queriam sair dali. Eles já tinham aprendido o que eles queriam, mas eles não queriam sair dali, eu tinha que trazer algo que eles pudessem aprender, mas que o grupo continuasse. Entendeu? aí é onde a gente bolou o módulo três, na época né, já faz um bom tempo. [...] é, daí o avançado é o avançado que a gente tá indo, correndo atrás também para poder/porque como eu falei, tem uns que já sabem muita coisa e eles querem continuar aqui, e a gente tem que buscar*

algo que vá ajudar, contribuir, né, trazer conhecimento para eles, modernizar, e ao mesmo tempo não ser repetitivo né, então eu acho que o que eles buscam além do conhecimento em algo específico é essa integração, essa amizade, essa/né, viver melhor, viver de uma forma diferente, depois de toda a experiência vivida, muitos estão sozinhos que não tem ninguém em casa e vêm para cá, e é uma forma de se distrair [...]" (APÊNDICE I, M3).

"*[...] a gente vê que eles vêm a procura do ensinamento da informática, do computador, do smartphone agora né, mas o que faz eles permanecerem é porque vai muito além. Computador ou smartphone é só uma ferramenta, mas o que acontece no grupo, né, é o que brilha os olhos deles, né. Então nós temos grupos ali que já vêm há oito anos, [tem idoso que já fez oito formaturas] [...] é oito anos que eles já vem frequentando, né, a atividade (+) e aí a gente sempre traz no Mundo Digital algo de interesse deles, né, e conteúdos que eles vão utilizar para a vida [...] o computador e o celular é só uma ferramenta, né, eles acabam aprendendo, eles acabam expandindo, mas a troca com o grupo, o assunto que é trabalhado, né, que eles veem que complementa, né, a atividade, então, assim, a gente vê resultados muito positivos de quem frequenta [...] E aí assim, ó, necessidade de computador, celular, um ou dois anos, meu, já consegue ter autonomia, mas aqui tem o algo a mais, eles estão juntos, né. E aí um comenta uma coisa, outro traz outra informação, e ali é por isso que eles permanecem [...]*" (APÊNDICE I, M5).

"*[...] que todo ano a gente se forma, mas todo ano volta. [...] Todo ano nós voltamos, tá. Final do ano a gente sempre se forma e acho que já fizemos, depois que começaram as formaturas, acho que fizemos umas três, já... três ou quatro... quatro. [...] porque sempre a gente tem coisas para aprender. Sempre. Nunca é... Eu sempre pensei assim: ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar e ninguém é tão rico que não tenha nada para saber. Assim como, ninguém sabe tanto que não tem nada para aprender. Ninguém sabe nada que não precisa aprender sempre, sabe, que possa aprender sempre. Então a gente sempre tem para aprender...né. [...] Então, é por isso que a gente sempre volta; e a gente sempre quer a mesma turma [...]*" (APÊNDICE I, E13).

Seja ela uma rede pré-designada para esse fim, ou simplesmente uma rede estabelecida por meio da afetividade natural entre os idosos, as redes de apoio social constituem-se como elementos para livrar-se da solidão e do isolamento social. Constituem-se, também, enquanto elementos para o empoderamento pessoal e para a autonomia:

"*[...] eu acho que nós, assim, temos uma força muito embora não saiba[mos], mas o idoso tem uma força muito grande ainda em relação às relações humanas, assim, sabe, ao conhecimento, de uma passar para a outra. [...] Só que às vezes,*

> *tem pessoas que são tão... tão humildes que às vezes elas não se... elas não se valorizam. Não se acham, assim, que elas são capazes de mostrar... Se bem que aqui no Sesc, o Sesc valoriza muito isso. Então o Sesc, tu vê às vezes uma senhorinha que era bem humildezinha, bem... e agora passou... No passar dos anos, acha que elas estão outras pessoas, no grupo a gente sente isso, tudo. A A. [mediadora] também participa, colabora muito com isso, sabe, assim, da... da maneira como as pessoas no grupo se comportam. Então... Nossa aqui, os anos que estou, tem pessoas que eu fico, assim - pessoas que tadinhas elas não sabiam nem falar - hoje em dia elas já estão usando o celular. Quer dizer, né, tudo isso o quê que foi? Foi o ambiente que foi trazendo... Que elas vieram e o ambiente foi proporcionando a elas conhecimento, né. Foi proporcionado, vai atrás e mostra: "Olha, tem aula disso, tem aula daquilo." E vai trazendo e elas vão participando [...] Tem pessoas, assim, que... Elas não sabiam nem quase conversar. Aí agora elas já vêm, elas já participam, elas vão no grupo de cantoria, elas... Quando tem brincadeira, elas participam, elas sorriem diferente. Então isso a gente percebe bastante assim [...]" (APÊNDICE I, E9).*

Emerge, então, da fala de uma idosa, a questão do conhecimento alinhada ao empoderamento pessoal em um GTI, que é discutida na próxima subseção.

De acordo com os elementos que emergiram das falas, podemos compreender que o idoso investigado nessa pesquisa reconhece o papel das redes de apoio social para **1) manutenção do papel social desse sujeito; 2) busca pelo pertencimento a uma comunidade como uma forma de vencer a solidão; 3) estabelecimento de vínculos afetivos para o apoio emocional; 4) construção da identidade coletiva**. Os idosos participantes dos programas do Sesc são idosos políticos: reconhecem o sentido da existência no coletivo e buscam manter fortalecidos os laços sociais.

Retomando e alinhando ao que foi apresentado nesta subseção, nossos objetivos da pesquisa envolvem, de forma geral, compreender a dimensão política da competência em informação do idoso. As redes de apoio social se constituem, também, como ambientes para aquisição de informação, para construção do conhecimento, e, principalmente para o empoderamento pessoal na vida dos idosos: trata-se de um ambiente fértil para o aprendizado ao longo da vida, para o aprender a aprender e para a autonomia destes, e contribuem, então, para o desenvolvimento da competência em informação.

Portanto, é oportuno compreendemos as experiências informacionais desenvolvidas nesse coletivo. Na próxima seção, descrevemos as manifestações da competência em informação do idoso, sob o foco da dimensão política, e a partir de suas próprias percepções.

7.2 ASPECTOS DA DIMENSÃO POLÍTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO

Nesta subseção, buscamos construir sentidos em prol da compreensão das manifestações da dimensão política da competência em informação do idoso, a partir de suas próprias narrativas. Não é nossa intenção estabelecer uma relação competentes *versus* incompetentes em informação, tampouco mensurar esta competência por meio de níveis. Nossa intenção, no entanto, envolve a apresentação dessas manifestações sobre a dimensão política para a compreensão. Essa compreensão, assim, pode auxiliar-nos a desenvolver iniciativas e estratégias para o desenvolvimento da competência em informação do idoso que participa de iniciativas de redes de apoio social - notadamente os GTI.

7.2.1 A relação do idoso com o universo informacional

Compreendemos, na literatura, que o reconhecimento do valor da informação é um elemento em que a competência em informação se manifesta. Uma das dimensões em que é possível reconhecer esse valor assenta-se na ocasião em que se percebe a informação como um meio de o sujeito intermediar-se com o mundo e também compreendê-lo" (ASSOCIATION OF COLLEGE..., 2016, p. 6, tradução nossa).

Também observamos, na literatura, que a percepção do universo informacional é benéfica para o desenvolvimento da competência em informação: a competência em informação designa "uma profunda consciência, conexão e fluência com o ambiente informacional" (LLOYD, 2003, p. 2, tradução nossa). O idoso reconhece que há um universo informacional e que ele é fundamental para seu desenvolvimento: "*Eu tenho informação como... um alimento. Todo dia tu tem... Tu sobrevive hoje através do alimento*" (APÊNDICE I, E7). Reconhece, ainda, que **a informação é fundamental para o desenvolvimento do sujeito na esfera social**, e que a falta de informação leva ao isolamento social, à marginalização:

> "*[...] eu acho que conhecimento, eu acho que é primordial na vida de qualquer ser humano, principalmente na vida de um idoso, porque senão ele vai ficar sempre [palavra inaudível].* ***Se ele não tem um pouco de conhecimento que possa participar e falar daquele assunto, ele vai ficando de lado****. Vai sempre ficando, né, vai deixando, principalmente na família: se tu não participa, não está atenta a tudo que está acontecendo ou dar a tua opinião, né. Aí vai ficando, então a gente não pode deixar de continuar lendo, vendo alguns programas —*

que não são muitos — para cada vez se abrir mais a memória, a cabeça, né, ***saber como dialogar, como debater alguma coisa.*** *Eu acho que conhecimento é primordial na vida de qualquer ser humano e principalmente na vida do idoso, porque senão o idoso fica [sendo visto pela sociedade como]: "Ah não, coitado. Ah, deixa...", né?* ***E a gente tem que saber se impor no lugar da gente****, né. Se estão conversando, a gente também se mete, dá opinião, fala. Eu sou assim, eu não sou de pegar e aceitar, assim, sabe: eu questiono as coisas. Se bem que eu tenho uma família bem legal assim, sabe, a minha família é legal. Mas eu também cobro, assim, né, às vezes se tem alguma coisa que: "Ah, conversaram alguma coisa e tal.", "Sim e por que que eu não?", "Ah não, mas porque a gente queria primeiro resolver como é que era". Sabe? Então eu cobro, por exemplo, Natal em família, tudo isso, a primeira... a última palavra é sempre a minha: alguém pode organizar, mas eu vou achar se aquilo está legal ou não, entendeu? Eu faço valer esse aí, meu direito, assim, porque eu acho que é um direito que a gente tem [...]*" (APÊNDICE I, E9, grifo nosso).

"*[...] [Eu] estou aprendendo. Mesmo com 69 anos, cada vez que eu saio de casa eu aprendo alguma coisa. Então vejo que é muito importante isso, né, e para... o idoso, porque quando... Hoje a tecnologia é o... é o auge, né, amanhã já pode ser outra coisa. E às vezes eu fico, né, assim, um idoso que fica abandonado, aí...Não fica nem na televisão, fica ali abandonado. Se ele tivesse interesse ou se a família... Eu vejo muito que a família pode às vezes.... O... o idoso: "Ah, tu está velho" Porque... família — não são todas, né — porque eu tenho uma família incrível, maravilhosa, eles... Né, mas tu está velho, tu não serve pra mais nada e é triste essa realidade, sabe? E tu vai encontrar isso em qualquer lugar. É triste essa realidade. Filho que resolve colocar o pai em casa de repouso, em asilos - que agora a gente não fala mais asilo, né - porque não tem mais aquele interesse de ficar com o pai. Não tira durante - do seu dia - meia hora, quinze minutos para conversar com o pai. Quantas histórias o meu pai me contou. Infelizmente eu perdi ele muito cedo, tinha só sessenta e três anos, porque eu teria muito mais ainda o que aprender com ele. Quantas histórias eu aprendi com ele. Tanto que hoje eu sou contadora de histórias, mas porque eu aprendi com ele. Fui levando esse conhecimento, fui aumentando, fui me especializando, fui fazendo oficina, fui fazendo cursos, entende?* ***Se eu também não tivesse meu interesse [de obter conhecimento], também poderia estar em casa assistindo televisão. Não fumando, porque eu não fumo, nem bebendo, porque eu não bebo. Mas estaria ali: inerte. O mundo passando e eu aqui.*** *E eu cobro isso muito dos meus idosos [enquanto líder de grupo de idosos fora do Sesc]. Eu disse: "Gente, vocês não podem ficar dentro de casa, só parado na frente da televisão. Tem... tem alguns que têm dificuldade para caminhar: não precisa sair de casa vai num cantinho do quintal ao outro. Faça isso todo dia. Tenta ler alguma coisa. Tem alguns que são meio analfabetos, né, mas [digo que] olhem as figuras. [Digo:] Imagina aquela figura, aponta para ti mesmo o quê que tu estás vendo ali naquela figura,*

conta uma história para ti mesmo daquela figura. Porque aí também se você não fizer isso, o teu cérebro também vai parar [....] (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

[...] durante as eleições tinham sempre discussõezinhas, né. Como é que tu vai falar se tu não tem conhecimento? E o mundo é isso aí né, a vida é isso: é ***conhecimento hoje, amanhã, depois, depois, depois, porque senão também tu fica parado no mundo, fica inerte, né, você fica inerte. As pessoas vão passando do teu lado, você não tá ali*** *[...]*" (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

"*[...] A gente tem que participar de um grupo. Se, porque se a gente se isola, eu vejo, eu tenho... irmãs... uma irmã minha inclusive ela é professora aposentada mas ela se ela se isolou muito. Então para ela o mundo dela se resume: ficar com o neto e sair da casa [...]. aos sábados, no irmão dela de... O cunhado dela, ali um pouco mais para cima e às vezes lá na casa da N. porque a casa da N. é a casa onde a minha mãe morava. E quando nós vendemos a casa lá na outra... na Serra, nós compramos a casa da N.. O meu marido e o meu irmão compraram, reformaram ela, então é um lugar bom para a família se encontrar. Então, ela sai da casa dela de Timbó, vai até lá e com isso... final de semana, ou então, agora... Esse ano ela começou a fazer academia, esse ano não, ano passado... Começou a fazer academia, então* ***está abrindo um pouco mais a mente.*** *Ela até melhorou a postura dela e tudo isso.* ***É por isso que se a gente não participa de nada, a gente se isola. Daqui a pouco você está marginalizada****, entende. Que a...* ***você não tem assunto para falar, a não ser falar da vida dos outros****, entende. E se...* ***Então, daí a gente tem um pouco mais de conhecimento*** *[...]*" (APÊNDICE I, E13, grifo nosso).

"*[...] para a gente acompanhar o mundo hoje, essa nova geração, tu tem que estudar: tem que estudar coisas de informática,* ***tem que aprender todas as TICs, porque...não tem como, senão tu fica fora, tu fica isolado*** *[...]*". (APÊNDICE I, E7, grifo nosso).

A partir da narração acerca da importância do conhecimento na trajetória de vida, é possível perceber, nas falas de idosos, a revelação do papel da informação para combater o isolamento social, a marginalização do idoso, a exclusão social e a subserviência. Emerge das falas a característica da informação enquanto instrumento para a participação política no seu intrínseco aspecto, que é o ato de comunicar-se com seus próximos, por meio dos diálogos sobre questões do dia a dia, inclusive questões políticas (de eleição, por exemplo). Revela-se, ainda nas falas, a informação enquanto elemento para o desenvolvimento do pensamento crítico, na ocasião em que o idoso questiona o que está posto; a informação para o empoderamento, na ocasião em que o idoso busca se impor e, ainda, a tentativa de aprender novos meios de

comunicação e informação para manter-se integrado na vida em sociedade, como é o caso da inclusão digital por meio das TIC.

O ato de estar integrado por meio das tecnologias é abordado pelo idoso. Esse sujeito reconhece-se como excluído digitalmente, e busca encontrar meios para se integrar:

> *"[...] você vai ao banco: "Olha, computador, não sei o quê lá." Não, eu sou do século passado, eu não entendo isso, não é a minha época, né? Não é da minha época, então... E agora não... Amanhã ou depois vai ser tudo aqui [no celular] e se você não se interessa hoje... que você tem chance, e amanhã? [...]"* (APÊNDICE I, E6).

> *"[...] porque tudo é informatizado. Então, tu vai no banco, tu tem que fazer tuas coisas, tu vai... né, tudo. A gente… Nós éramos analfabetos em informática. Quando eu comecei a universidade, eu era analfabeta, eu não queria nem mexer nisso aqui. Sabe quando você não conhece, você diz: "Não, isso não para mim"? A gente via os outros já mexendo: "Mas bah, isso é muito complicado. Eu nunca vou aprender." A gente… Aquele bloqueio que a gente tem: "Eu não vou saber.", "Isso não é para mim.", sabe? Então foi um desafio, foi uma necessidade, foi uma obrigação [...]*" (APÊNDICE I, E4).

> "*[...] não, sempre... [nem] sempre a gente foi bem inserido no contexto aí, no mundo digital. Meio analfabeta digital, né? Porque hoje em dia você não alcança mais. O que um celular tem hoje você não alcança [...]*" (APÊNDICE I, E11).

> "*[...] [eu vejo na informática um meio de] me comunicar com as pessoas, porque eu via meus filhos comunicando em casa e falando aqui e falando dali. E eu não entendia nada, não sabe? Eu tenho um filho que trabalha hoje debaixo do porão e eu chamo de v. [preguiçoso] pra ele: "Tu não sai nem para trabalhar, rapaz". [...] Ele trabalha em casa [...] E eu digo: "Tu não trabalha, eu não vejo tu trabalhando". Ele só ri, ele só ri [risos]. É. [e eu busquei a informática porque] eu queria entender, né, por que que eles... por que que eles ficam assim tão... tão numa boa. Porque eu... eu quando viajava 20 quilômetros para ir trabalhar numa... Lá de Indaial até Capivari. Viajava com chuva e trovoada [...] Chegava, trabalhava... Às vezes um dia todo até a noite, todo molhado, todo molhado e eles hoje não: Eles hoje estão debaixo do porão, tranquilo, tomando cafezinho [...] no sequinho, batendo papo. Eu quis saber por que que eles faziam aquilo ali, né? [risos] [...]*" ((APÊNDICE I, E8).

As narrativas dos idosos evidenciam que a busca pela integração por meio das tecnologias digitais foi conquistada: todos os sujeitos da pesquisa relatam que utilizam dispositivos tecnológicos no dia a dia, como meios de informação e comunicação, pelo menos

num nível básico. A integração à era digital, dessa forma, é uma realidade para o idoso investigado nessa pesquisa. Inclusive, uma das mediadoras menciona que os grupos do Mundo Digital Master no nível básico estão esvaziando, pois o idoso já tem noções de tecnologias digitais de informação e comunicação:

> "[...] *vai começar, o nosso grupo da quarta de manhã tem cinco idosos, que é uma das dificuldades que eu estou percebendo bastante que a gente não conseguiu fechar os grupos esse ano, mesmo dos iniciantes. Pra tu ver o quanto hoje o idoso, ele sabendo o básico do celular - estou falando aqui, tá - ele sabendo falar no WhatsApp, mandar um áudio, ou como abrir um vídeo, ou como falar por vídeo, ou... Como que tira uma foto, para ele é a necessidade dele [...]*" (APÊNDICE I, M2).

Os meios tecnológicos (relacionados com as TIC) são utilizados pelo idoso para se informar: "*o* ***Google*** *é a nossa enciclopédia ambulante* (APÊNDICE I, E4, grifo nosso); "*na internet, qualquer coisa que… No Google, né? [...] Qualquer dúvida ali, eu consulto ele ali me dá na hora, né? [...]*" (APÊNDICE I, E3). No entanto, existem outras fontes de informação que também são utilizadas. O idoso narra suas experiências de busca da informação – seja a partir de necessidades de informação definidas ou pelo simples desejo de estar informado - do dia a dia e a partir do uso das fontes de informação:

> "*[...] Eu procuro me informar: cedo a primeira coisa, primeiro agradecer a Deus por estar viva, depois já ficar informada [de] como é que está. Eu, cinco horas da manhã, eu estou com o rádio ligado bem baixinho para não acordar minha filha, né, que ela vai cedo trabalhar também. [...] Cinco horas da manhã e também daí eu olho na internet, eu quero saber o que está se passando né. Estou sempre… estou sempre por dentro. Tem que ser, né? [...] Eu gosto de ler, eu gosto de saber das coisas, sabe? Eu sou muito curiosa. O meu mal que é a curiosidade e eu tenho a mente muito de me lembrar: eu lembro de tudo. A minha mente é muito fértil, sabe? A minha mente é mais fértil do que da minha filha que... que tem pós-graduação, tem mestrado, né, ela mesmo diz: "a memória da mãe…" [...] o que eu estou te dizendo para você hoje semana que vem é tu me perguntar e eu te digo. Eu gravo, eu não sei por que que eu gravo tanto. Acho que é porque eu leio, né? Acho que é. [...] Também eu vou no... no jornal, eu pegava muito jornal. Até deixei de pegar o Diário Catarinense, faz acho que uns quinze dias. Hoje o cara ainda me telefonou para eu voltar a pegar. Eu não quero, eu não tenho tempo para ler, porque daí eu já...* ***Quando eu vou ler ali já a notícia, eu já sei porque eu já escutei no jornal, na televisão e já olhei na internet: já vi*** *[...] Aí quando eu pego a internet eu gosto de olhar... Daí eu vou no… ali na Globo, né, que daí eu sei todas as notícias do Brasil e do mundo. Fico*

olhando ali. [...] eu vou para Globo saber e sou curiosa, né. Eu também olho para os outros países, né. Eu tenho amiga minha que tá morando em Toronto, daí a curiosidade para saber se está nevando lá [...]" (APÊNDICE I, E2, grifo nosso).

"*[...] Eu uso... eu uso o computador [...] E lá nos livros também, eu leio bastante né? [...] Eu estou lendo atualmente... Augusto Cury, por isso que eu estou, assim, bem interiorizada [...]*". (APÊNDICE I, E3).

"*[...]A gente já acorda... Despertando o celular, né... No celular. Aí a primeira coisa que a gente faz já vai olhar lá no* ***WhatsApp****, né, se tem alguma notícia ou tu vai olhar lá no* ***Google*** *a informação, se tem alguma informação nova. eu até ligo a TV, até ligo, mas está passando lá, eu estou vendo, mas estou aqui [no celular] também. Estou com os dois ao mesmo tempo. Eu não consigo hoje ver uma TV, ver uma novela, sem estar no celular junto. Eu não consigo. Rádio, quando eu estou, assim, na cozinha eu... eu ligo o rádio. Ligo no celular, no celular. Tudo no celular. Tudo. Eu faço tudo no celular. Não uso mais rádio, assim, em casa. [...] eu gosto de ler jornal todos os dias. Primeira coisa que eu vejo é o jornal quando eu leio jornal no celular todos os dias. Todos os dias eu leio jornal.* ***[...]*** *Quando chega a passar na TV ao meio dia, eu já soube ou se aconteceu às 9 h, já dá no meu celular ali, então eu já sei [...]*" (APÊNDICE I, E7, grifo nosso).

"*[...] Quando eu preciso [de informação] eu vou logo ao encontro de alguém. Eu tenho um genro que ele... ele é uma pessoa muito culta, né, então eu... quando eu tenho alguma dúvida eu vou tirar ou eu vou na internet e vou pesquisar, mas eu não fico com dúvida não, sabe? Às vezes eu até esqueço de anotar o quê que eu tenho dúvida e fico...: "Meu Deus, o quê que eu queria saber?" Porque a gente vai esquecendo: "Por que que eu queria saber? Tem uma coisa que eu queria saber". Aí lá uma hora eu lembro, eu vou lá correndo e anoto no caderninho que eu tenho, que é de nota, de... comprar as coisas. Aí eu vou atrás e vou e busco, assim, [...] agora uma coisa que* ***a gente também aprende muito é com as pessoas****, sabe. A gente aprende demais com as pessoas, assim. Até mesmo a maneira de se comportar, a maneira de respeitar o outro, sabe. Tu aprende com as próprias pessoas que estão contigo, ali tu aprende muito com as pessoas. Eu... eu sinto isso e eu aprendo, sabe, às vezes eu tenho uma atitude que de repente eu vejo outra pessoa ter uma atitude diferente, "Poxa, que legal, né. Por que eu não posso... me trabalhar também para chegar?". No que ela chegou, né, que é a pessoa que tomou aquela atitude. Então a gente aprende muito com o outro também. Às vezes não precisa nem buscar livros, nem... sabe? Outros conhecimentos, porque no teu dia a dia ali, tu aprende muito com as pessoas, porque eu acho que isso é que hoje em dia precisa. São as pessoas saberem respeitar o outro, respeitar as diferenças e saber como trabalhar com aquela pessoa. Se às vezes ela... está um pouco afastada, como trazê-la. [palavra*

inaudível] hoje em dia a gente aprende muito com o outro. Eu aprendo bastante, não sei se é porque eu tenho muitas pessoas: é ginástica, o grupo, dança em outro grupo [...]" (APÊNDICE I, E9, grifo nosso).

"*[...] Eu gosto muito do Face[book], mais assim, para passar. Passar, assim, sabe né. E...* ***WhatsApp****... só por causa dos nossos grupos, né, para dar recado, receber recado, né [...] gosto de fazer pesquisas no celular. Por exemplo, eu tinha uma... sobre flores, eu tinha uma muda de rosas do deserto muito bonita. Então, ela dava botão, mas abortava. [...] Muito bonita, dava botão, crescia, tanto assim, o botãozinho à botão. Aí, fui pesquisar porque que é. Aí, fui pesquisar, coisa então, as pesquisas assim são muito boas, né [...] Sabe o que que é? Não sei se era isso, porque depois o vaso começou a ficar muito pesado. Aí, eu pesei o... aí, eu podei, podei ele. Diz que faltavam nutrientes... Aí, faltava... Aí, os nutrientes era o pó de café e canela. Canela em pó e pó de café. Podia regar com aquilo ali, né; e polvilha[r]. Aí também, estava precisando de uma poda. Aí, eu deixei na casa ela florescer, mais uma vez dar botão, também abortou, daí eu podei. Aí, eu podei ela... e ela tinha... três galhos só, assim, né... Arrumei uma muda, aí podei três e quando... Aí, eu aprendi como PODAR... E quando poda, [frase inaudível] colocar canela em pó, né. Ainda... Depois não demorou muito tempo, ela deu broto, ela deu... Aí, ela tinha sete; de três, ela ficou com sete galhos, sabe. Coisa mais bonita [...]*" (APÊNDICE I, E13, grifo nosso).

"*[...] Informada? Hoje através do... Daqui sim, pelo Youtube, por tudo eu me sinto. Antes, não [...] Agora hoje não, o* ***YouTube te traz tudo****, até o impeachment do D. T. já apareceu aí. Isso é informação, não é? [...] eu nunca me interessei [pelos jornais]. Claro, eu lia assim, mas não com interesse assim, porque a vida é muito agitada de rua, de venda, de pesquisa de mercado... Era tudo isso, quer dizer, você não tem tempo. Você como professora, você está sentada. Na hora vaga você pode ler um jornal ou coisa assim e a vida fora não é assim, então você não se interessa em ler, né. E aqui a gente se interessa mais, porque eu por exemplo, eu não gosto de assistir na televisão, eu gosto de assistir o jornal ao vivo, ao vivo. Outras coisas assim não interessam [...] a televisão fica ligada o dia todo. É apartamento, né, então tem... A Ana Maria é ao vivo, então... Não é sempre ao vivo eu acho, eu acho que sim, né? [...] Então, você vê se te interessa. Se não te interessa passa para a Record, passa para o SBT, o que te interessa mais na hora assim, né? [...] entro no Youtube para ver o que está acontecendo: as brigas, os políticos [risos]. Ah, meu Deus do céu, é uma briga só, mas lá é como eles... Não mexendo com a gente, está muito bom, né? [...]*" (APÊNDICE I, E6, grifo nosso).

A partir das narrativas, podemos compreender que, além do uso da internet, o idoso utiliza-se dos meios de comunicação de massa, como rádio, televisão e jornais impressos para

obter informação para o dia a dia. Revela-se, também, as pessoas enquanto fontes de informação para esse sujeito. No entanto, emerge, com veemência, a questão das redes sociais por meio de aplicativos de celular – *Facebook* e *WhatsApp* -, plataformas de compartilhamento de vídeos: *Youtube* e *Netflix* e mecanismos de busca, como o *Google*. Da fala dos mediadores, emerge a afirmação acerca do uso extensivo do aplicativo WhatsApp: *"[...] [no grupo do Mundo Digital Master], o WhatsApp hoje [é] a nossa maior demanda, a maior fala deles é o 'Whats', é alguma coisa do 'Whats' que eles querem usar e não estão conseguindo*" (APÊNDICE I, M6). Nessa questão:

> "*o que que é a necessidade deles: hoje, questão de informática, é o celular, relacionado ao WhatsApp [...] nem o Facebook! Uma coisa que está me chamando atenção, todo mundo já sabe compartilhar, curtir, colocar só para os amigos ver [...]. Hoje a gente vê muito forte [o WhatsApp] por que? Porque* ***é uma necessidade do dia deles conversar com alguém e o WhatsApp proporciona isso****, não tem gasto a não ser claro a questão da internet [...]*" (APÊNDICE I, M2, grifo nosso)

A utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação é mencionada nas narrativas como um elemento para a busca de integração e comunicação do idoso. De toda forma, é, também, um meio para busca de informação para o atendimento das necessidades de informação desses sujeitos. Na próxima seção, abordamos as necessidades de informação de idosos e o processo de busca e uso da informação, que também compreende o uso dessas referidas tecnologias.

7.2.2 Necessidades de informação de idosos e o processo de busca e de uso da informação

A necessidade de informação é descrita pela literatura como "um estado de conhecimento no qual alguém se encontra quando se confronta com a exigência de uma informação que lhe falta e lhe é necessária para prosseguir um trabalho" (LE COADIC, 1998). Necessidades de informação são, então, situações vivenciadas por um sujeito na ocasião em que esse identifica *gaps* cognitivos, que dificultam a realização de uma tarefa. Então, o indivíduo sente a necessidade de "fazer uma ponte" entre esses *gaps*, o que caracteriza a busca pela informação (KUHLTHAU, 1993). Assim, as necessidades de informação e o processo de busca da informação – que acontecem nas fontes de informação - são indissociáveis. Quando interrogados sobre os *gaps* informacionais que originam situações de busca no dia a dia, os

idosos investigados narram, para a pesquisadora, suas experiências de necessidades de informação:

> "*[...] a minha nora que está grávida — e a minha nora ela quer **parto humanizado**, que eu acho excelente. Então estou eu pesquisando, assistindo vídeo no... na... na Netflix, assistindo vídeo no YouTube, sabe, ela passa vídeo para mim, do quê que é um parto humanizado hoje, como é que funciona e o quê que é... né, como é que é as coisas assim [...] O meu neto nem nasceu, mas eu já estou aprendendo muito com ele, viu, porque mudou tudo, né. Não é mais igual a minha época, tudo é diferente agora, então eu tenho que aprender de novo, e eu vou ajudar a cuidar do neto, porque ela trabalha fora, ele também, então assim, a avó que não tem compromisso assim mesmo, é... sou eu né. A outra avó não dirige, a outra avó mora num sítio, não dirige, tem mais dificuldade de aceitar as... a atualidade, sabe? Aquele mundo que ela aprendeu... ela não consegue aceitar, né, o tempo hoje. Então fica difícil, né, então a minha nora... O apoio que a minha nora precisa de mãe quem está dando sou eu, porque é comigo que ela conversa, né? Ela conta as coisas para a mãe dela, mas... discutir, ou coisa assim é comigo, né, então ela está me obrigando a... a me atualizar. **Agora eu vou ficar atualizada** [risos]*" (APÊNDICE I, E14, grifo nosso).

> "*[...] Como eu tive uma suspeita de um AVC em dezembro, então estou fazendo uma série de exames e fiquei muito preocupada, porque o AVC pode deixar várias sequelas, né. Graças a Deus nem era também. Então nesse momento qualquer exame que eu vou fazer: eu quero saber para quê que é, por que que é, qual que é a medicação: para que é, por que que é. Então nesse momento as informações que mais me... que eu mais questiono são em **relação a saúde**, que é o que mais... né. No momento é o que está... **Ainda está muito... muito fresco em mim**, né, porque foi em dezembro [...]*" (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

> *"[...] às vezes a gente se aperta um pouco no **banco**... Eu quero fazer um depósito, né — tudo bem que eu já faço muita coisa no banco — mas... por exemplo... transferir dinheiro de uma conta para uma outra: a gente sempre tem que estar pedindo ajuda, a gente não tem segurança. Talvez eu até consiga, mas falta aquela confiança, sabe? Fazer pagamentos... de boletos via celular, eu não faço isso ainda. Eu não... não me desafiei a fazer isso ainda, sabe? Fazer os pagamentos direto... Eu vou lá na lotérica ainda pagar. Então isso é um desafio para mim ainda, que eu ainda não me encorajei [...]*" (APÊNDICE I, E4, grifo nosso).

> "*[...] Hoje eu tenho que tirar... uma **negativa de antecedentes criminais**, mas é para estrangeiro. Não sai... Eu estou perguntando para todo mundo e ninguém sabe me informar direito. Isso me deixa irritada, me deixa agoniada. Eu sei que*

> *não pode pela internet e eles também não sabem, então a gente já vai... já vai explicando para os outros, por quê? Porque eles não têm RG, eles só têm seu R... Registro de Estrangeiro, então tu não pode chegar lá, digitar e tirar a certidão, né. Então saindo daqui, eu vou ver na... Delegacia Estadual se eles tiram para mim ou se tem que ir na Federal. Vou à Estadual se tem que ir na Federal, eu espero que não, né. Mas assim... Então são coisas, assim, que a gente... eu também não... não sei qual o local e a gente pergunta pela cidade toda: ninguém sabe dizer. É bem... Então é uma coisa muito ruim não saber onde tem as coisas e como tem. Eu digo: "Não saber é muito ruim. Há uma necessidade muito..", "Ah, mas eu não preciso." Será? Então tem muitas coisas que é... facilitam muito a vida da gente, sabendo [...]*" (APÊNDICE I, E12, grifo nosso).

> *"[...] eu agora estou fazendo uma... um check-up geral e tal, e eu sou muito... eu não me... eu já digo para o médico [palavra inaudível]: "olha doutor, o senhor por favor me detalhe aí em miúdos, porque essas palavras científicas eu não conheço". [...] e às vezes me assusto assim, as respostas, né, porque quando fala por exemplo em Alzeihmer, aí tu fica... tu assusta, porque as pessoas que assustam. As informações que são te passadas, elas não são bem concretas, não são bem corretas: "Ah, Alzeihmer, tu vai ficar... tu vai te tornar.... uma pessoa sem vida". Mas não é isso. Tu podes... tu podes trabalhar esses esquecimentos fazendo... fazendo... uma terapia, fazendo um* smartphone *com jogos digitais, fazendo um curso de fotografia, fazendo um canto. Eu li uma... eu assisti uma entrevista - eu não lembro se eu li ou se assisti - não, eu assisti uma entrevista que um hospital, acho que foi em São Paulo, eles começaram a fazer um trabalho com a música, com pessoas com Alzheimer e houve uma melhora de 70 por cento, parece. Eu não sei se você leu sobre isso ou ouviu [...] mas eu olhei... Quer dizer então... Mas também o quê que tem para família também tem que se envolver... Então, tu... tem que ter o conhecimento das... das* ***doenças típicas do idoso*** *e... Mas tu tens que ter não só o nome, tu tem que ter o conhecimento profundo, né, explicação correta, porque a gente se assusta. "Ah, é Alzheimer, Parkinson". Tu te assusta quando... A primeira vez que eu ouvi isso foi no N.. [frase inaudível]: "Parkinson?" Aí eu fui para a internet. Na hora eu fiquei meio assustada, mas depois eu disse: "Não". Aí comecei a questionar mais, né, ler mais. Eu disse: "Não... tu podes melhorar isso". Então eu vejo... a necessidade e desse conhecimento também nessas áreas [...]*" (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

Dos relatos sobre necessidades informacionais apresentados pelos idosos, surgem temáticas variadas, desde informação sobre parto natural humanizado, sobre transações bancárias, questões de saúde do idoso e questões de cidadania, como a obtenção de documentos oficiais, dentre outros. Porém, essas necessidades possuem um ponto em comum: elas são originadas de situações mal resolvidas do dia a dia. Obviamente, a questão de saúde emerge com mais veemência, tendo em vista que, no idoso, há uma predisposição ao enfraquecimento

da saúde, que é natural do envelhecimento. As necessidades de informação do idoso, são, portanto, necessidades derivadas das suas atividades na vida social. Essa é uma característica intrínseca das necessidades de informação: são necessidades que se originam de situações relacionadas à vida e a atividades cotidianas (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE; 2007). Elas surgem dos papéis dos indivíduos na vida social (MIRANDA, 2006).

A partir das fontes de informação, o idoso busca resolver suas necessidades de informação. Após o questionamento, o processo de busca nas fontes é narrado pelos sujeitos:

> "*[...] quando eu recebo meus exames, daí eu vou na **internet**. Daí **eu fico curiosa**, eu quero saber o significado. Por exemplo... né, porque tem exame que a gente não entende, né? Eu vou direto... A receita, um nome de um remédio. Daí eu tenho os componentes, eu quero saber os componentes: eu vou tudo na internet. Eu quero saber para o quê que é [...]*" (APÊNDICE I, E2, grifo nosso).

> *"[...] Eu gosto muito de receitas. Entende? Música, né, gosto muito de receita. Às vezes eu leio uma palavra que eu não conheço ainda e eu vou ver o significado e às vezes eu ligo para... ligo a... a internet para ver, assim, meio aleatório, sabe? Mas aí eu vou... Coisas assim que normalmente eu faço: ver uma palavra que eu não conheço... Às vezes a bula, eu vou ler a bula e tem uma palavra ali que eu não... não conhecia, que normalmente, né... Aí eu vou ver lá na internet o quê que é, por que é aquela palavra. E música, né, e receita, porque eu adoro receita. Adoro cozinhar, adoro [...]*" (APÊNDICE I, E2).

> *"[...]Ah, alguma coisa…. até receita, sabe? Até… até às vezes vou na receitinha nova... Quero fazer uma coisa, **em vez de procurar nos livros de receita, eu vou no Google**, né. Ponho lá a receita que eu quero ou vejo a diferença entre a minha e aquela que tem hoje, faço a comparação. O remédio, às vezes: "bah, para quê que serve isso? Eu ouvi vou falar...". Vou lá, eu sei que vou achar a resposta, né? Essas coisas assim [...] Ah, mapa! Às vezes: "ah, onde fica tal coisa?" Eu viajo muito, então: "ah, tenho que... Não... consigo me localizar". Vou lá, procuro. Essas coisas assim. Cidades que eu quero... ouço falar, aí eu procuro aqui no Google [...]*" (APÊNDICE I, E4, grifo nosso).

> "*[quando eu tenho necessidades de informação,] primeiro questiono, se for na área da saúde, eu **questiono para o médico**. Aí ele dá a informação dele, mas aí depois eu vou lá para a **internet** para saber se ele me falou direitinho, se... e se tem alguma coisa que... ou que de repente ele até disse, mas eu não entendi, aí na próxima: "Oh, doutor eu li na internet sobre isso. Isso aqui o senhor não falou". Eu questiono... eu questiono muito, **eu sou de muito questionar**, né, de... Então nesse momento eu pergunto tudo.*" (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

"*[...] ah, mas eu busco. Qualquer coisinha que eu sinto, eu corro lá na internet para ver o porquê, qual é o motivo, o porquê, é... o quê que se deve fazer para obter a cura. Tudo eu corro na* ***internet*** *[...]*" (APÊNDICE I, E1).

"*[...] Questão de saúde, né? Às vezes você tem... Você faz um exame, vem uma palavrinha miserável lá, você vai para o "doutor"[Google], né? Tá, você vai saber o quê que é. E já me tirou de situação bem complicada. Meu marido é, ele não é hipocondríaco, ele é medroso - eu ia falar um palavrão aqui mas fica chato - ele é medroso e ele foi fazer um exame e veio uma palavrinha que ele não... no nervoso do exame, ele não entendeu aquela... Eu não me lembro qual que é a palavra que estava escrita, mas a palavra que ele entendeu era necrose, tá. E ele chateado. Chegou em casa, sabe quando... [e eu perguntei]: "O quê que houve, J.?", [ele respondeu:] "resultado de exame, olha aqui: necrose". Eu olhei: "J., não está escrito necrose aqui". Era outra palavra, eu não consigo me lembrar. Aí eu digo: "Meu Deus, mas será que sou eu que estou [enxergando mal]?" Aí eu li e vi: "Não tem necrose aqui." Minha filha chegou [e eu falei]: "Oh P., procura necrose aqui", [e ela respondeu] "Mãe, não tem. Não está escrito necrose aqui", "Mas então dá onde é que o teu pai tirou isso aqui? Então vamos ver o nome da doença aqui" [fez sinal pegando no celular]: "Mãe, está aqui, olha. A doença que o meu pai tem é essa daqui". Aí eu digo: "Não... Pesquise direito". E isso porque ele estava arrasado no sofá, jogado, né, encomendando o caixão, já né. [...] Daí eu falei: "Ô queridão, o negócio é o seguinte: você... sabe o quê que é que você tem?" - Com aquela cara de desgraciado dele – "Sabe? Aqui olha. Não J., o que você tem é gases", "Ah, vá", "Está aqui J. Olha, a palavrinha aqui não tem nada de necrose, tá? O que tem aqui é que você tem gases". [E ele falou:] "Mas como que você sabe isso?", [e eu respondi:] "Peguei o* ***Google****, botei aqui e o doutor está falando". [E ele argumentou:] "Ah, você vai tudo nessa história, porque não sei o quê.", [e eu respondi] "Então está bom, então você marca consulta amanhã e eu vou junto com você". Fui no médico com ele [e o médico falou]: "O senhor sabe o que senhor tem? [...] O senhor está com gases". [..] Adivinha qual foi o remédio que o médico deu pra ele? Luftal. [...] Gotinhas, porque é mais barato, né? [risos] Rende mais. Não precisa colocar 40 gotas, eu coloco trinta que já me resolve o problema, né? Entendeu? Então... hoje, a minha... o que eu preciso...* ***eu realmente sempre me virei pesquisando, me informando****, eu não fico parada no tempo. Então eu não... Minha dificuldade eu resolvo rapidinho, rapidinho [...]*" (APÊNDICE I, E4, grifo nosso).

[...][para as necessidades mais operacionais], eu, geralmente eu vou no ***Google****. Às vezes eu tenho algumas coisas anotadas, eu vou nas minhas anotações. Muitas vezes eu vou lá na casa da minha... No apartamento da* ***filha****, eu vou lá perguntar para o meu* ***genro****, daí eu pergunto para ele — ele também já tem idade — e... para minha* ***neta****, porque essa minha neta faz Medicina e nós somos vizinhas, então eu pego muita informação dela. Até ontem ela... Essa semana eu fui lá, eu*

falei para ela: "Nossa, eu senti uma... o meu ouvido está com uma [palavra inaudível]. Estou voltando a sentir uma coisa que eu já sentia um tempo atrás." Aí ela [falou]: "Senta aqui vovó" Aí eu sentei. Aí ela já foi lá, já pegou aqueles materiais tudo, já... encaixou, arrumou tudo ali na minha cabeça, já botou aparelhinho no meu ouvido. Ela assim: "Ah, vovó, teu ouvido está com um tampão de cera". Isso... Assim, a cada tempo eu tenho que ir no médico mesmo para fazer essa limpeza. Eu falei: "Ai, por isso que está me dando tanta ferroada". Ainda bem que não tem a panela de pressão, porque tem época que fica como se fosse uma panela de pressão que tivesse ligada na minha cabeça. Aí eu tenho que ir rápido no médico, porque daí quando ele liga e tira a cera aí: ai, melhora tudo. Ela examinou, olhou: "oh vó, tens que ir marcar consulta no médico, porque tem um tampão de cera e está bem tampado. Tais sentindo tontura?" Eu falo: "Não, assim, quando eu vou fazer... Não, até que não está muito assim. De vez em quando eu a gente dá um jeito de baixar a cabeça, levantar, mas não ...", "Então cuida, vai logo porque tem que tirar a cera. Está um tampão muito grande". Aí eu já pergunto mais alguma coisa, entendeu? Assim ou às vezes eu quero saber alguma coisa: "oh S., como é que a gente faz assim? Como é que é isso? Como é que..." É no celular, né, as dificuldades no celular, eu vou lá: "Como é que eu faço isso?", "Dá aqui". Eu digo: "Não, tens que me ensinar. Dizer como é que é. Fazer, não". [...] É. Eu digo: "Não, mostra para a vovó como é que é". Aí então ela faz... [...] Essas coisas de banco, agora eu já sei, no meu celular eu já tenho o aplicativo: eu baixo, eu vejo a conta, eu sei o que eu tenho, o que eu não tenho. Eu vejo. Do meu marido a mesma coisa. Nós temos conta conjunta, mas ele não usa cartão, ele não faz nada. É tudo eu: o cartão dele é comigo, é tudo eu. Então essas coisas, tudo assim... ***Quando eu também não sei, eu vou perguntar****. Daí eu vou... Às vezes vou lá na U [cooperativa]., vou lá perguntar alguma coisa que eu quero saber... Na... Na C.[banco], eu já fui algumas vezes lá na C. para eles me... para eles me explicarem: "ah, eu tenho o aplicativo. Tenho sim, mas quando acontece assim, assim e assim, por quê? O quê que eu tenho que fazer?" E eles são bem atenciosos. [...] Ah, eu eu já vou direto, já peço: "Eu quero ir lá na poupança". Porque daí eu já sei que lá é mais fácil das pessoas atenderem isso. Aí... eu vou lá, eles atendem... Eles que baixaram o aplicativo para mim, eles que fizeram tudo para mim lá na C.... Eu vou atrás, porque eu me lembrei: se for da família, pode ter alguma coisa que eles não saibam de baixar aplicativo da C.. Então eu já vou direto lá e eles fizeram direitinho para mim. Atenderam sem pressa, com atenção, tudo. Eu acho que a gente tem que também ter humildade e a busca, né? Eu faço assim[...]*". (APÊNDICE I, E9, grifo nosso).

Quando questionados sobre as fontes de informação e o processo de busca da informação, os idosos declaram, com expressividade, o uso da internet. Revela-se, também nas falas, as pessoas enquanto fontes de informação, seja os profissionais – médicos, bancários – ou as pessoas próximas da família. Emerge, ainda, a postura proativa do idoso no processo de

busca: uma postura de questionamento, de curiosidade e de pensamento crítico, na medida em que esse sujeito se utiliza de diferentes fontes de informação para obter os recursos informacionais de que necessita.

Sendo os meios digitais de informação e comunicação – notadamente, a internet - responsáveis por parte da aquisição de informação do idoso, surgem, também, os problemas originados desses mecanismos, como o cenário de *Fake News*[27]. *Fake News* é um tema que emergiu de todas as falas, a partir do impulsionamento da própria investigadora. As experiências que envolvem *Fake News* foram descritas pelos idosos:

> "*[...] Eu tenho muitos parentes que moram.... no Paraná, tipo Ponta Grossa, para o lado de lá. Então às vezes sai uma notícia: "ah, porque isso, porque aquilo". Eu gosto de me inteirar do que está acontecendo com eles lá, mas primeiro eu vou ver se é verdade ou não, sabe? Porque às vezes tu já liga: "ai...", desesperada [perguntando]: "É verdade? Aconteceu isso com vocês? E não sei o quê...". Na cidade, né e não é nada disso, né... Mas assim hoje em dia, assim, para eu entrar num... em política, essas coisas, eu não entro, porque isso não me interessa, sabe. É mais isso assim que eu... que eu procuro saber se é verdadeiro ou não, né. Quando me envolve ou envolve alguma pessoa que eu conheço, uma amiga, né, aí sim, mas outras coisas assim eu não... eu não sou muito [...]*" (APÊNDICE I, E15).

> "*[...] eu estava lendo ali no WhatsApp uma notícia de uma pessoa que colocou ali, dizendo que tinha vários cachorrinhos de raça para doação, não sei o quê, aí embaixo já vem outra pessoa e escreveu: "Fake News". Eu digo: "Opa!" [...] Lindos, os cachorrinhos de raça, bons e... Fake News [...]*" (APÊNDICE I, E1).

> "*[...] De Fake [news]? Às vezes são tão... Dá a impressão de ser tão verdade, tu acaba sofrendo junto desnecessariamente. Eu acho o tal... o Fake [news] são pessoas que não têm responsabilidade nem com... com a notícia... com aqueles que eles estão informando, nem com os que vão receber, porque eles podem distribuir tragédias emocionais, né e tragédia moral ao mesmo tempo, né, em que estão fazendo um Fake News. Perdendo a oportunidade maravilhosa de estar informando bem as pessoas e ganhar - eles e os outros - conhecimento e crescimento [...]*" (APÊNDICE I, E12).

> *"[...]Outra coisa é essa: "Passe por isso. Passe, porque Deus está vendo". Nada, nada disso. As correntes, minha filha. Eu sou sempre... Eu era, eu acho, mais fraco.* ***A gente vai demorando para se policiar, porque às vezes são tão boas as***

[27] *Fake News* é uma palavra advinda do inglês, que, em tradução livre, significa notícias falsas. *Fake News* designa notícias inverídicas e/ou tendenciosas, que são veiculadas principalmente na internet, produzidas e transmitidas pelos próprios usuários da rede.

coisas *que... Mensagens boas, mas por trás é alguém que está espalhando coisa que não... né [...]*" (APÊNDICE I, E12, grifo nosso).

"*[...] Pois é, Fake... é tudo que não é verdade, né, então eu fico assim, para passar uma coisa para os outros, nossa. Eu às vezes eu pesquiso,* ***às vezes eu pergunto para os meus filhos se é verdade****, se não é, porque aí você passa - se você confiar só na pessoa que te mandou, não pode - porque já aconteceu comigo, de confiar numa pessoa que* ***é minha amiga, como é uma pessoa muito séria, estudada****, tudo e aí de repente ela passou uma coisa e depois falaram que era vírus. Eu fiquei super preocupada, porque eu passei para os outros. Ainda bem que eu não passei para muita gente, passei para três pessoas. Aí vai eu mandar mensagem para essas três pessoas, né, para não abrir, porque era vírus. Aí eu me senti mal com isso, sabe? Então assim, eu... eu só passo para frente, é... coisas assim que eu vejo que é oficial mesmo. Não o que eu recebo pelo Whats[App] de qualquer, repassando assim, eu não passo porque está muito complicado esse negócio de Fake, né? Hoje tudo é Fake, eu nunca vi [palavra inaudível]. É difícil de achar uma coisa que não é Fake, né?* ***[...]*** *Então fica complicado, por isso que eu falo que eu gosto mais de conversar pessoalmente com a pessoa. Não é Fake, porque aí a gente troca ideia, se ela não concorda ou se ela falar: "Ah, não. Isso é só boato e não sei o quê", a gente resolve ali naquele momento. Aí pela internet, isso atrapalha muito.* ***Eu acho que é uma das coisas que não... não traz benefício na internet****, porque tem muita coisa que é benefício na internet, mas tem muita coisa que atrapalha. Então, essa coisa mesmo de notícia, essas coisas,* ***raramente eu passo, porque eu não confio,*** *por causa desse bendito Fake [...]"* (APÊNDICE I, E14, grifo nosso).

"[...] Eu, mais ou menos, eu... Eu na hora que eu pego, né, eu até me entusiasmo, mas depois eu: "Opa, será?" Então pelo sim, pelo não... O V.[mediador] já ensinou como é que faz para saber se é ou não, mas eu, assim, eu deduzo: "Não, isso aí está muito..." ***Então pelo sim, pelo não: eu fico quieta****, eu... Só depois quando começa vir muita coisa que aí com certeza [é verdade] [...]*" (APÊNDICE I, E16, grifo nosso).

"*[...] Eu não, não acredito nisso. Bem na verdade, eu acredito um pouco dessas notícias aí. Eu sempre fico com um pezinho atrás. Por exemplo, alguém filmando machucando uma criança. Quem está filmando é conivente, tu não achas. Alguém, alguém filmando mau, maus tratos. Estes dias, até nó... até nós falamos na... assim, um pouco. Eu não acredito. E eu penso, assim, muita vantagem, sabe. Eu acredito naquilo que eu realmente vejo, sabe. Eu também não propago,* ***eu não compartilho****, coisas assim, eu não gosto, assim, né. Se é uma foto que eu fiz ou que eu recebi de alguém que... Por exemplo, uma foto que eu acho que é bonito, quero compartilhar, eu compartilho. É uma coisa boa, eu até compartilho, mas não essas coisas assim que... Como é que é... Não melhora em*

nada. Nem minha personalidade e nem meu caráter, entende. Então, não me faz bem [...]" (APÊNDICE I, E13, grifo nosso).

"*[...] muitas vezes aconteceu: "Tal pessoa... está sumida, ajudem essa pessoa, não sei o quê". E eu já replicava o negócio, né? Daqui a pouco vinha: "É mentira". Então eu: "Pera, vou segurar aqui, vou ler"... Espero alguém colocar mais sobre o assunto. Se eu acho que é necessário eu replicar, eu replico, senão não, sabe? [...] Criança doente, gente que precisa de dinheiro, se você... não... não replicar, você vai... tua vida vai andar dez anos para trás. Esse troço aí eu não faço mais, tá, eu não caio. E as Fakes realmente é questão de política, eu tenho visto muita coisa, né e não... não replico mais, não...não caio mais nessa [...]*" (APÊNDICE I, E11).

"*[...][Sobre Fake News:] Eu vejo falar, mas* ***eu não tenho nem muita informação****, sabe? Eu... porque eu tenho um certo receio em mexer em algumas coisas... no celular: abrir algumas mensagens, sabe, eu não vou muito assim, porque eu sei que tem muita coisa que às vezes tu toca e tu podes ter levado para uma outra... uma bola de neve, não é verdade? Então eu tenho muita precaução no que eu abro, no que eu curto, no que eu leio para compartilhar. Isso aí, eu acho que a gente tem que ter muito pé no chão, assim, para saber...[...] eu tenho... eu tenho um pouco de cuidado, assim, para olhar, para compartilhar. Compartilhar mesmo, essas coisas às vezes eles põem para compartilhar que fulano está assim, que fulano está assado: eu passo direto,* ***eu não compartilho, tenho muito medo****. Foto também, de expor, né. Foto, assim, a minha família é meio cautelosa nesse sentido. Eles são bem cautelosos, assim, para botar foto [...]*" (APÊNDICE I, E9, grifo nosso).

"*[...] oração que mandam ali. Ainda mandam dizendo assim: "Se você não passar para doze pessoas, é... se você não ler e ignorar vai te acontecer isso, vai te acontecer aquilo". Claro que isso aí não existe [...]*" (APÊNDICE I, E1).

"*[...] Como por exemplo: "Ah, se você clicar aqui, tu vai ganhar um… um perfume, Um... lá do… do Boticário". Ai, eu nem abro, não perco tempo. Aquelas... Aquelas correntes também, eu nem abro ou abro e já apago. Não,* ***não passo para frente****, eu não acredito [risos] [...]*" (APÊNDICE I, E2, grifo nosso).

Assim, as narrativas dos idosos sobre *Fake News* revelam que esse sujeito é consciente de que o ambiente das redes digitais de informação veicula informações falsas e tendenciosas, e, portanto, é um ambiente onde deve imperar a dúvida e o questionamento. Ainda, emerge a insegurança com relação ao conteúdo informacional recebido.

O cenário de *Fake News* nos auxilia a compreender diferentes vieses da competência em informação do idoso, especialmente os vieses da avaliação da informação e da comunicação da

informação. Alguns fragmentos das narrativas nos auxiliam a compreender esses aspectos, em específico:

> "*[Pesquisadora]: E a questão das notícias falsas, então, a senhora se deparou com muitas notícias falsas? No celular ou no computador... [Entrevistada]: A gente se depara e depois já fica sabendo logo que não é assim.* ***A gente logo recebe a informação que não é bem assim****, né. Isso acontece sim, a gente vê muita coisa. [Pesquisadora]: E a senhora... assim, às vezes vê uma notícia e vai atrás para saber, assim... [Entrevistada]: Eu procuro outras informações sim, de* ***outros grupos de pessoas que eu sei que tem mais conhecimento*** *ou passo... Pergunto: "É assim mesmo?", "Não é?", mas não fico, assim, também dizendo se é um assunto, assim, eu sei... Porque hoje em dia também está tudo tão bem esclarecido: dá uma Fake News aqui, mas já tem outro que debate, que já está de prontidão, que já vai dar a opinião dele, né? Então a gente… essa parte sim, eu cuido um pouco para me manter informada nisso sim [...]*". (APÊNDICE I, E2, grifo nosso).

> "*[Pesquisadora]: E mandam muita Fake News para a senhora? [Entrevistada]: Mandam, mandam.* ***Eu deleto sem olhar****. [...] Nem olho, porque tudo que é demais, é veneno. [Pesquisadora]: E como que a senhora fica sabendo, assim, que é mentira? [Entrevistada]: Não sei.* ***Nem sei se é também [é mentira], né? Mas eu já deleto, entendeu****? Eu só tenho o barulhinho ali da minha filha, para os outros é tudo mudo. E eu dou uma olhada: se interessa, eu olho, senão não olho. [...]* ***Mas já aconteceu, né, de a gente olhar e não… Que não pode ser verdade, né, mas… nem tenho assim muita curiosidade*** *[...]*" (APÊNDICE I, E5, grifo nosso).

> "*[...] Eu... Às vezes eu... repasso porque eu não me tomei conta de que era, mas se eu começo assim: "ah, isso não pode ser". Aí eu não repasso, mas às vezes já aconteceu de eu já ter repassado. [...]* ***eu não vou pesquisar [se é verdade]. Depois alguém me manda. Com certeza alguém manda dizer para mim que aquilo ali era Fake News. Eu até espero, porque eu sei que eles me mandam*** *[risos] [...]*" (APÊNDICE I, E7, grifo nosso).

> "*[...] Tu olha, tu vê: Segura [a notícia], não passa para ninguém, tu não faz... não seja... Como é que se diz... Não seja um veículo de espalhar. Aí* ***logo tu fica sabendo. [...] Fica sabendo se é [Fake News].*** *Muitas vezes tu já procura, tem alguém que... ou consulta.* ***Tem uma maneira de consultar, mas nem consulto mais, né: Para ver da fonte isso e aquilo. Se é verdadeiro ou não. Eu resolvi não passar para ninguém e pronto. Espera que logo, logo sabe*** *[...]*" (APÊNDICE I, E12, grifo nosso).

> "*[Pesquisadora]: Como é que a senhora faz para ver se é verdade? [Entrevistada]: Ah, eu vou lá nas notícias verdadeiras e daí se... Vejo os compartilhamentos, né,* ***para ver o que as pessoas dizem****, se elas dizem que não é verdade, eu...[...]*" (APÊNDICE I, E15, grifo nosso).

> "*[...] Questão de acreditar ou não é, antes você compartilhava, né. Agora não, agora* ***não compartilho mais****. Não compartilhava questão de política, mas [...] [Pesquisadora]: Uhum. E me diz uma coisa: A senhora faz alguma coisa para ver se é verdade, tem algum mecanismo? [Entrevistada]: Não,* ***eu só aguardo. Porque assim, se é verdade, logo vai realmente... outras pessoas... Eu tenho pessoas de referência****, com quem eu... a gente é dos grupos, né. É aquela história, se a pessoa me falar... e eu sou do seu grupo, então muito bem, eu vou acreditar no que você fala. Por exemplo, não sei se a doutora M. H. falou com você... acho que não, né? É, mas a doutora M. H. que é do Idoso em Foco, então se ela publica uma nota, eu sei que é verdade, tá. Então eu posso tranquilamente passar para frente, porque ela não vai... colocar besteira. Então esse é o meu parâmetro: "Não, espera aí, mas se ela falou então ela está certa". Então eu posso passar para frente a notícia, se não, não passo... nem com dúvida, porque eu já passei um troço uma vez que colocaram um negócio do feijão, que o feijão tinha bicho e o bicho do feijão dava... p., dava uma doença para acabar com a humanidade... Ia acabar com a humanidade: "Ah [frase inaudível] meu Deus do céu, não vamos mais comer feijão!" [e ela falou] "M., tira que é besteira. Não existe isso". [Frase inaudível] Não me lembro o quê que tinha que fazer com o tal do feijão lá que era... Fake [e ela falou] "Não passe para frente que você está passando vergonha!". Entende? Então... esse é meu [palavra inaudível] ali né. Se a pessoa... e eu não vejo necessidade de ficar passando a não ser que seja uma coisa muito, muito, muito... interessante para passar para frente, se não, não passo não [...]*" (APÊNDICE I, E11, grifo nosso).

Com relação à avaliação da informação pelo idoso, ou seja, a busca pela verificação da validade da informação, é possível observar, nas falas, que há uma postura passiva: os idosos compreendem que existem mecanismos para verificar a validade de informações, porém, não é costume consultar tais mecanismos: "*Tem uma maneira de consultar, mas nem consulto mais, né: Para ver da fonte isso e aquilo. Se é verdadeiro ou não. Eu resolvi não passar para ninguém e pronto. Espera que logo, logo sabe*" (APÊNDICE I, E12). O hábito, no entanto, consiste em aguardar que outros verifiquem e lhes comuniquem. Esses "comunicadores" acerca da validade da informação podem ser pessoas da rede próxima de convívio, como familiares, ou pessoas que inspiram confiança, como líderes ou "pessoas de referência" (APÊNDICE I, E11,) mas também podem ser outros usuários de tais recursos de informação, inclusive desconhecidos:

"*Vejo os compartilhamentos [no Facebook], né, para ver o que as pessoas dizem, se elas dizem que não é verdade" (*APÊNDICE I, E15).

Com relação à comunicação da informação, revela-se, nas falas, que é característica do idoso buscar não comunicar aquela informação que desperta dúvida, o que representa um ato de ética com relação ao uso da informação. De toda forma, esse ato de aguardar e não repassar a informação pressupõe um juízo crítico sobre o "fazer" e "relaciona-se, portanto, diretamente à **noção de autonomia**, na medida em que o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências não apenas no âmbito pessoal, mas principalmente coletivo" (VITORINO, PIANTOLA, 2011, p. 105). Assim, para o contexto de *Fake News*, o idoso expressa uma dimensão ética, na medida em que este utiliza a informação de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum.

A noção de autonomia, que emergiu do uso ético da informação, é diretamente relacionada ao empoderamento pessoal: o idoso que é autônomo na busca e uso da informação possui facilidade para empoderar-se, para tomar suas decisões independentemente, para ter controle da vida particular e participar da vida pública. A autonomia, o empoderamento pessoal e a participação na vida em sociedade são, também, aspectos da dimensão política da competência em informação, que serão discutidos na próxima seção.

7.2.3 Reflexões sobre a dimensão política da competência em informação do idoso

A partir da literatura, elencamos, na construção teórica, que os elementos que designam a dimensão política da competência em informação relacionam-se à cidadania, ao regime democrático, à busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, ao aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, às habilidades sociopolíticas, à responsabilidade social e ao pensamento crítico.

Nas seções anteriores, descrevemos, a partir das narrativas, manifestações acerca da competência em informação do idoso, de modo geral. Essas manifestações, embora tenham relação com a competência em informação no seu mais amplo sentido, também arrolam elementos da dimensão política desta. Nesta subseção, pretendemos explorar essas questões sob o viés da dimensão política. Algumas manifestações são mais sutis, sendo mencionadas com menos recorrência entre os idosos, e, por essa razão, não é possível realizar inferências. De todo modo, a apresentação delas aqui é oportuna para compreendermos os diferentes vieses expressos pelos idosos.

Uma das questões evidenciadas em subseção anterior diz respeito à revelação do papel da informação para combater o isolamento social, a marginalização do idoso, a exclusão social e a subserviência. Emerge das falas a característica da informação enquanto instrumento para a participação política no seu legítimo aspecto, que é o ato de comunicar-se com seus próximos, por meio dos diálogos sobre questões do dia a dia, inclusive questões sobre políticas vinculadas ao poder público.

Relacionados aos elementos elencados no parágrafo anterior, existem aspectos da dimensão política que também emergiram das falas. Estes compreendem: 1) a percepção da condição de exclusão social e vulnerabilidade do idoso na sociedade atual; 2) a vivência no coletivo por meio de GTI enquanto um instrumento de informação para o idoso, ou, melhor, como um ambiente em que é possível desenvolver as habilidades de busca, uso e comunicação da informação; e 3) a consciência política aflorada dos sujeitos da pesquisa.

Com relação ao aspecto da percepção da condição de exclusão social e vulnerabilidade do idoso na sociedade atual, este é narrado pelo idoso:

> *"[...] o idoso parece que se fecha num casulo. Tem muitos que nem aceitam um abraço teu, ou um bom dia, né, não aceitam, porque eles... se fecham no casulo.... Eu questiono, eu sou muito questionadora, né, já deu para perceber, então às vezes eu fico analisando, assim: quem sabe ele não soube... Não... não deram carinho para ele, não deram afeto e quando a gente visita essas casas de repouso, a gente fica muito triste, porque tem idoso ali que foi abandonado literalmente por filho. Por que que ele abandonou? "Porque ele* ***é um velho, ele já é inútil, ele não... ele não vai contribuir com mais nada****, ele só vai incomodar, atrapalhar minha vida". E quando... Numa das visitas que a gente fez ao Asilo I. J., uma senhorinha chegou para mim e disse assim: "Tu visse a minha filha?" Eu disse: "Eu não sei quem é a sua filha", [e ela respondeu] "ah, porque ela me trouxe, deixou aqui, disse que ia comprar uma boneca para mim e não... e não veio ainda. Já faz muito tempo". Então isso é triste. Olha o que a gente está fazendo com o idoso. Olha o que a gente está fazendo com o idoso [...] Aí dizem que é a melhor idade, que melhor idade é essa? Melhor idade para morrer mais cedo, a melhor idade do sofrimento, não é melhor idade. Então é muito triste... A gente vê a situação do idoso no Brasil, porque a gente sabe que tem países que o idoso é respeitado. Até porque pela sua experiência de vida pelo seu conhecimento, pelo conhecimento que ele tem, que pode passar para os mais jovens. São respeitados e no Brasil isso não acontece. O idoso é totalmente abandonado e é triste [...]*" (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

> "*[...] a gente vê idoso andando na rua, pessoas até meio esclerosadas, sem... sem ninguém para acompanhar, sobe nos ônibus, sabe, assim, perdidas, aéreas e não*

têm... não sabem e onde está a família? Porque eles se preocupam mais consigo e é muito comum... Tu até... Até tu acompanhando o teu pai. Tu está lá com teu pai no consultório médico. Teu pai tá falando contigo: [e o seu comportamento é: faz gesto de quem está mexendo no celular]. Ele desiste de fazer pergunta, entende?... [...]" (APÊNDICE I, E10).

"[...] A gente não tem informação nenhuma, muito pouco, o que tem é quase zero, tá? Pondo em prática. Ônibus, tá? Eu tinha uma senhora... Tem uma senhora do grupo que ela está ficando... ela está com oitenta e... não, oitenta anos, ela fez agora, então ela está com dificuldade nas pernas, ficando meio dura, tal, anda de bengala e ela sempre reclamava, ela dizia: "Você vai naquelas p. lá, você fala para eles arrumarem aqueles sensores de baixar ou que eles encostes perto da guia, tá? "Por quê?", "Porque eu não consigo subir... O degrau fica muito alto, então às vezes tem gente que vem e tem que me ajudar a subir dentro... no ônibus. E quando eles me veem, já nem param mais porque ..." Aí eu digo: "P., que saco, né?" Eu digo: "Mas é uma coisa tão..." Aí eu fui participar de uma... um negócio que teve na O., é sobre... foi com o T., foi sobre mobilidade. E daí eu falei: "Seu T., por que que vocês não fazem mais ônibus com..." Lá no Japão tem, vêm até o chão, né? "Por que que vocês não fazem esse ônibus aqui? Essa articulação para... para pessoa de idade?", "Não, a senhora sabe quanto que custa um ônibus desse? 300 mil reais pra fazer essa adaptação". Aí eu digo: "Tá, não precisa ser todos, né, mas então a gente faria um esquema de... melhor né? [palavra inaudível]". Aí voltei com a resposta para ela e disse: "Olha, é muito caro. O cara lá não quer fazer." "Tudo bem". E eu tenho as perninhas curtas, né, e hoje eu estou sentindo que a minha mobilidade já não está a mesma. Então já tenho dificuldade de ter que descer no asfalto para depois subir no... primeiro degrau. Então mobilidade, ***se eu não tiver... acesso a mobilidade: ei, não vou poder sair de casa nunca, tá. Aí eu vou ficar... isso já me tira um pouco do meu empoderamento****, tá. Então já começa por aí [...]"* (APÊNDICE I, E11, grifo nosso).

"*[...] a gente foi convidado para fazer uma apresentação e um foi convidado para participar representando o grupo para participar das reuniões para ver o quê que seria feito naquela programação do S. daquele ano. Aí começaram a surgir dúvidas, não sei o quê e eu disse: "Gente, pera aí um pouquinho.* ***Já perguntaram para o idoso o que ele quer?****", "Não... não, porque nós vamos fazer a lei para isso, nós vamos fazer lei para aquilo, que nós vamos fazer encontro de não sei o quê, encontro de não sei o quê", "Espera aí. Mas vocês perguntaram para o idoso se ele quer isso?", "Não, mas como que nós vamos perguntar?" A prefeitura tem quatro mil e poucos idosos." E eu digo: "Mas desses quatro mil e poucos idosos tem tantas coordenadoras. Cada... Vocês passam o questionário para as coordenadoras e a coordenadora vai perguntar para os seus idosos e vai te dar um feedback". Nunca foi feito. Nunca foi feito e daí eles se reúnem na O., na... em qualquer lugar que eles vão. Não vai, o idoso*

> *não vai. [...] Não vai e não vai mesmo. [...] Não vai porque vocês ficam falando toda vida a mesma coisa.* ***Vocês chegam lá, vocês colocam um telão, tá, um PowerPoint, que tá escrito lá que tem a pirâmide que tá invertida, tá, que o idoso tem que fazer xixi, tem que fazer cocô, tem que tomar água, tem que dançar, tem que não sei o quê, não sei o quê. Tudo isso ela já sabe, ele tá careca de saber. Ele está velho de saber. Ele quer novidade. Ele não quer saber de... dessas mesmas coisas. E alguém já perguntou para ele o que ele quer?*** *[...]*" (APÊNDICE I, E11, grifo nosso).

Dos relatos sobre exclusão social, emerge, das falas, a percepção do idoso sobre a sua situação de vulnerabilidade e sobre a perda de papel social desse sujeito. A falta de iniciativas – como políticas públicas – que contemplem as características intrínsecas desse grupo também foi expressada. Essa falta de iniciativas prejudica a mobilidade e compromete, inclusive, a independência, o empoderamento e a liberdade do idoso. Revela-se, também nas falas, o enfraquecimento da voz do idoso enquanto um grupo social: isso se dá a partir da possível perda de autonomia desses sujeitos com relação às tomadas de decisão, ou com relação a fazer as escolhas que mais lhes agradam.

Em contrapartida, os idosos veem a vivência no coletivo, enquanto um grupo social, como um instrumento para o empoderamento e para o seu desenvolvimento pessoal por meio da informação.

> "*[...] [A gente se reúne fora dos encontros do Sesc]:A gente se reúne ali para falar, para... Sabe aquela conversinha que você tem no portão de 10 minutinhos que você está dando tchau e está falando, está dando tchau e está falando? A gente faz isso durante o tempo todo, sem assistência de ninguém. Não tem psicólogo, não tem orientadora, não tem assistente social, não. É juntar aquelas pessoas desse grupo. Quem quiser entrar mais, pode entrar para gente conversar, para gente trocar ideia... Nos primeiros encontros assim eu fiquei... abismada de ver, porque... a informação que foi trocada entre elas é coisa absurda, tá? Porque elas falaram desde como que faz o café em cada... sua cidade, aparelho de ouvido, como que faz pra conseguir... uma pessoa de idade conseguir o aparelho de ouvido. Tem uma senhora aqui do coral que ela tem 89 anos, ela... faz cinco ou seis anos que ela foi correr atrás, porque ela estava ficando surda e ela correu atrás sozinha, em São José, pra comprar o tal do aparelho... para ganhar o aparelho, porque ela não tinha condições financeiras de... de... pagar consulta, comprar o aparelho e tal. Ela foi, foi para cá, foi para lá, voltaram, vem, vai, volta e ela conseguiu. Então ela explicou o passo a passo, o que ela fez. Nisso mais outras pessoas foram correr atrás do tal do aparelho, tá? ... Falamos de política, pessoas com mais de 70 anos conversando sobre*

> *política cada uma tendo o seu candidato, Lula e Bolsonaro, Lula e quem fosse, tá, num nível que eu nunca vi, tá? [...]*" (APÊNDICE I, E11).

> "*[...]no conversar surgem dúvidas de um, que pode ser a tua, que não precisas dizer e tu vai acabar resolvendo teu problema pela resposta de outro. E como são tudo pessoas muito já experientes pelo passado, pelo tanto de idade, um vai ajudando a resolver o outro. No fundo... é uma terapia... esse encontro periódico. [...]*" (APÊNDICE I, E12).

> *"[...] ontem ainda o grupo de terça ainda falou: "ah, a gente quer um tempo só para a gente ficar conversando antes de começar a atividade", daí sempre eles pedem, daí a gente combina, faz combinados, "ah, então trinta minutos antes de começar a gente deixa para vocês papearem", daí surge diversos assuntos, assim, é muito legal, muito legal mesmo, a gente aprende demais com eles [...] eles falam sobre TUDO e tudo muito atualizado, desde sexo, drogas, política, carnaval, funk, eles falam sobre tudo [...]*" (APÊNDICE I, M6).

A vivência no coletivo é, então, designada pelo idoso como um meio de relacionar-se com os recursos e fontes de informação. Ao observarmos a revelação desse aspecto pelos idosos, podemos compreender que os GTI podem ser, inclusive, considerados como ambientes denominados pela literatura como *information grounds*. *Information ground* é um conceito criado por Pettigrew (1999) e é relacionado à formação de grupos sociais que se reúnem para um propósito específico, e compartilham informação quando a intenção principal não é esta. Não sendo essa a intenção principal, um *information ground* é caracterizado pela aquisição de informação de forma acidental e involuntária, por meio das conversas informais. No entanto, o autor menciona que esses 'bolsões de informação' são úteis para solucionar as necessidades de informação das pessoas no dia a dia (PETTIGREW, 1999).

A noção de autonomia já foi apontada na subseção anterior e também nesta: envolve o uso independente da informação para 'tomar as rédeas' da vida privada e política. Relatos sobre a busca da autonomia no uso de recursos de informação são observados nas falas dos idosos:

> "*[...] Eu queria... receita de comida. Daí eu pedia para ela [minha filha]: "Ah, abra lá o site lá da Ana Maria Braga", assim, sabe? Daí ela abria para mim, daí eu dizia: "Copia." Daí ela, ela passava na impressora e me dava as folhas. Daí eu dizia: "Mas eu ainda vou... pode deixar." Porque eu nunca gostei de ficar incomodando os outros, sabe? Aí eu disse: "**Pode deixar que eu vou aprender, eu mesma vou procurar minhas receitas**". E agora eu [aprendi a buscar, mas] nem procuro [risos]. Quase eu nem procuro minhas receitas. É, agora eu quase nem procuro. Aí quando eu pego a internet eu gosto de olhar... Daí eu vou no...*

ali na Globo, né, que daí eu sei todas as notícias do Brasil e do mundo [...]" (APÊNDICE I, E2).

"*[...] Eu queria mexer sozinha, porque eu sempre, eu tinha um professor que ia em casa, mas daí ele sempre estava me ajudando.* ***Então, eu gosto de ficar mexendo sozinha, porque daí é sinal que eu aprendi que eu sei né, procurar aquilo que eu quero****. Então, daí eu vim para fazer aula aqui, para isso aí. A professora era ótima, era muito boa. Eu aprendi a gravar música e eu aprendi, NOSSA, eu aprendi um monte de coisa*" (APÊNDICE I, E2).

Esses relatos estão relacionados, também, ao uso do computador, utilizado pelos idosos na busca da informação no dia a dia.

Do conceito de autonomia, emergem os conceitos de liberdade e empoderamento: liberdade para fazer as próprias escolhas e o empoderamento pessoal para ter a capacidade de desenvolver opiniões embasadas e a se engajar plenamente com a sociedade (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018). Liberdade e empoderamento são aspectos que emergem nos relatos do idoso sobre sua competência em informação:

"*[...] o médico me disse: "A senhora está com um tumor e uma osteonecrose no joelho esquerdo". Quando fala em tumor, você se apavora. [...] Só pensa alguma coisa. Aí eu disse: "Doutor, um tumor e uma... Doutor, o quê que é esta osteonecrose?" Aí ele tentou... Eu disse: "Não doutor, assim, olha, o senhor seja bem franco, o senhor fala... Tira a capa". Eu disse para ele: "Tira a capa e me fala". Aí ele me explicou o quê que era: Como tinha o tumor, o líquido que tem no joelho - que protege - ele... não teve mais e inflamou, aí deu uma osteonecrose. Aí em termos [eu] estava tendo uma... como se fosse um outro tumor purulento. Aí eu: "Sim doutor e o que eu faço com isso?" [ele respondeu]: "Não, vamos fazer fisioterapia, vamos tomar medicação", "Cirurgia doutor?", [ele respondeu] "Vai ser a última alternativa". Já gostei do médico... A última alternativa, quer dizer, você vai fazer tudo isso aqui direitinho como eu pedi, seguindo direitinho... A cirurgia vai ser a última alternativa. Eu fiz oito meses de fisioterapia. Eu ia de segunda a sexta das nove ao meio dia. Oito meses. Recuperei. [...]Aí ele disse para mim: "Olha, tu merece nota mil". Eu disse: "Por que doutor?", [ele respondeu:] "tu fez tudo bem direitinho como eu te mandei... Não, como eu te mandei não, como eu recomendei", ele disse pra mim. Porque se não... se não desse resultado, aí sim a gente ia fazer a cirurgia". O quê que era a cirurgia? Amputar e colocar uma prótese, porque aí estava tudo necrosado, estava tudo podre [...]* ***Mas se eu não perguntasse, não questionasse, não me preocupasse em fazer, eu ia ficar: "Meu Deus, tenho um tumor****. Ai, meu Deus do céu, será que isso vai me matar, eu vou morrer disso?"* ***Então por***

isso que é importante as informações, né, o conhecimento *[...]*" (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).

"*[...] [a informação te possibilita a] lidar melhor com a sua vida, com as suas coisas, com… o relacionamento com outras pessoas. Pode expandir a sua consciência, seu eu… Pode ter uma vida melhor, principalmente na nossa idade, assim, na minha idade, não na tua. Na minha né? Em que… Como eu te falei, há uma… há um meio descaso com idoso, né, também. Muitos... Muita gente abandonada nos asilos, né? Então* ***se você tiver informação, você não precisa chegar a um asilo****, de repente. Se não tiver... se não tiver... aquele… A coisa que é o Alzheimer, né? Se você tiver boa memória, se tiver lúcido, você pode ir levando a tua vida até um bom tempo, né? [...] Então eu acho que é* ***um pouco de poder também*** *[...]"* (APÊNDICE I, E3, grifo nosso).

"*[...] quando a gente começa abrir,* ***o conhecimento nos deixa livre*** *também e muito, porque tu entendes muita coisa por conhecimento, por falta de conhecimento. Então isso deixa as pessoas muito presas. Ficam fechadas dentro de si mesmo.* ***Ouve um pastor ou um padre ou isso ou aquilo que diz que isso é assim****, assim e assim:* ***não questiona nada****, continua aquilo, mas dentro aquilo sufoca. Não, nós temos que ver as coisas. Nós temos que ter a nossa opinião também. E se nós não estudarmos, se a gente não quiser, a gente não vai saber. A gente não vai adquirir o conhecimento e adquirindo conhecimento: "conheça a verdade e ela vos libertará" é uma palavra muito boa e ela* ***liberta mesmo****, porque a mentira prende demais as pessoas. Já fiquei envolto de mentiras, de... de taxação, de como deveria ser: Que prisão que é, como a gente fica infeliz [...]eu era muito dentro da caixinha e depois eu comecei abrir. Saí, porque não dava... Era tudo dentro dos padrões, aquilo era muito cansativo para mim. Para começar, só para ti ter uma ideia aquela palavra: "Descanse em paz eternamente." Isso para mim era um peso: "Eternamente descansado", não vai acabar nunca? Aquilo pesava demais para minha vida. Eu sei que trabalho para poder respirar, soltar esse corpo, partir, fazer o que tem que prestar tuas contas. Abra os olhos e vai trabalhar. Ah, que coisa linda. Que não precisa descansar eternamente. Não. Não. Eternamente descansar, não. É muito tempo, muito cansativo. Tudo vai ser igual, era muito ruim [...]*" (APÊNDICE I, E12, grifo nosso).

A partir dos relatos sobre o empoderamento pessoal, é possível verificar, nas falas dos idosos, a percepção de uma força ou poder para mudar a realidade social de exclusão e de vulnerabilidade, ou, nas palavras de Tewell (2015), de identificar e agir sobre as estruturas opressivas de poder. Revela-se, também nas falas, a liberdade, a postura proativa – que pode manifestar-se no tratamento de saúde - e o pensamento crítico que se exterioriza no ato de questionar o que está posto e de não aceitar as informações como verdades absolutas.

O pensamento crítico é, na atualidade, uma das principais dimensões que a competência em informação arroga. É um dos focos do *Framework* da competência em informação da ACRL (2016) e um dos aspectos citados no documento da CILIP (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018). Envolve a percepção do conhecimento como algo construído e mediado de acordo com categorias socialmente organizadas, e a capacidade de "agir discursivamente sobre uma sociedade configurada e mediada pelo discurso" (ANDERSEN, 2006, p. 215, tradução nossa). Envolve, ainda, uma posição crítica com relação às proposições pré-estabelecidas da sociedade e também às suas próprias preconcepções arraigadas. Assim, o pensamento crítico compreende o reconhecimento de preconceitos, de desinformação e *Fake News* (THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2018, p. 4). Isso inclui a compreensão, por parte do sujeito, dessas estruturas que direcionam os fluxos de informação para sentidos específicos (DETMERING, 2010):

> "*[...] E a pessoa incauta que tem que ter um pouco de receio, ela acredita. Porque é que certas religiões, certas religiões, assim, pegam muitos... adeptos? É porque eles pegam a pessoa que está frágil. Começar a observar que ela está frágil, então eles oferecem: "Ah, se você começar a fazer isso aqui, você vai ganhar, vai conseguir um emprego, mas você tem que dar tanto para Igreja, para conseguir, para comprar, para comprar o céu, né. E, claro porque daí... Paralelo a isso, a pessoa começa a se conscientizar: "não, se eu pagar eu vou ganhar", entende. [...]. Então, é por isso que, podes ver, às vezes, tem uma frase que diz assim: "Quanto maior o tamanho da Igreja, maior é a ignorância do povo"... Sabe? Então, é verdade. Porque, supor assim,* ***alguém está se aproveitando da ignorância do povo em proveito próprio****, tu entendes? Então, é por isso que eu acho que o conhecimento é fundamental [...]"* (APÊNDICE I, E12, grifo nosso).

Dessa forma, é possível observar, ainda, características do pensamento crítico que incluem observar para além da superfície desse discurso.

Esses elementos até agora apresentados nesta subseção apontam para a direção do **reconhecimento da consciência política presente no idoso investigado**. Consciência política advém da palavra consciência no sentido geral: essa descrita no Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa como o "conjunto de ideias, crenças e atitudes de um grupo de pessoas em relação ao mundo circundante ou a tudo aquilo que apresentam em comum; conhecimento, convicção, compreensão" (CONSCIÊNCIA, 2019, p. 1). Especificamente em perspectiva filosófica, consciência designa a "percepção ou faculdade pela qual o homem conhece e adquire lucidez quanto a si mesmo, com uma visão interior e exterior, construindo uma representação mental clara de sua existência ou do mundo exterior" (CONSCIÊNCIA, 2019, p. 1). Ou, ainda,

"compreensão ou lucidez quanto a determinado tema ou assunto, em especial aqueles afeitos a questões sociais e políticas" (CONSCIÊNCIA, 2019, p. 1).

Assim, na perspectiva política, a consciência diz respeito à compreensão do idoso com relação aos aspectos inerentes à vida em sociedade. Isso pode incluir: compreensão acerca dos desequilíbrios nas estruturas de poder, dos elementos de dominação e de opressão, da exclusão social, do direcionamento dos fluxos de informação para sentidos específicos e do papel do poder público no desenvolvimento social de grupos vulneráveis.

Anteriormente, mencionamos acerca da compreensão do idoso da sua situação de exclusão, o que denota consciência política. Nas narrativas, é possível observar a consciência do idoso acerca da sua perda de papel social perante o sistema capitalista: "*[se] ele é um velho, ele já é inútil, ele não... ele não vai contribuir com mais nada, ele só vai incomodar [...]*" (APÊNDICE I, E10). A percepção acerca da exclusão social também se estende, em algumas narrativas, para outros grupos:

> "*[...] acho que os... [...]* ***os cadeirantes são excluídos****... principalmente* ***pessoas com problemas mentais são excluídas****, muito excluídas.* ***Quem tem depressão*** *já é visto de uma outra forma: doente mental, coisas assim. Isso é triste, isso é profundo [...]* ***são os diferentes****. Talvez porque são diferentes, né? E... Quando na verdade deveria ser tudo ao contrário, né? Deveriam.... Eles deveriam é se aproximar mais, né? Porque ali que a pessoa está precisando, está precisando que olhe para ela, né? As pessoas que se suicidam...* ***Os autistas também são deixados bastante de lado****...* ***Síndrome de Down*** *até que não muito, mas os autistas sim [...]*" (APÊNDICE I, E3, grifo nosso).

> *"[...] são muitos segmentos, né.* ***A pobreza****, aqueles de... Com uma faixa... que ganham uma faixa lá baixa, né, de salário mínimo,* ***eles são excluídos****. Eles não têm condições de estar aqui, numa aula aqui. Primeiro, que eles têm um celular que não vai ao encontro com as ferramentas para as aulas. Segundo que nem todos podem comprar, para vir aqui tem que ter passagem, né. Então,* ***eu acho que a classe média para a baixa, ela é excluída*** *[...] de um modo bem geral, porque eles...* ***Desde quando eles vão conseguir... esse cabide de informação que a gente tem? Não, né. Infelizmente.*** *A esperança são as escolas que dão um pouquinho de aula de... de computação. Então, eles vão até ali, não mais do que isso [...]*" (APÊNDICE I, E7, grifo nosso).

> "*[...] eu não sinto na pele, mas eu sei que tem amigas que... sentem. Uma senhora, até esposa do prefeito de uma cidade, ela sentia-se muito mal por ser separada. Então tem, por ser desquitada, né, por ser separada... por ir numa festa sem o marido, tem isso... Eles ainda falam: Ela é casada, ela é separada,*

> *ela é não sei o quê. Uhum, nós temos muita mania de julgar, né... E que Deus pede tanto para gente, né... Convive simplesmente, não precisa... Estar medindo, né, e tu vai ser medido com a mesma moeda, né? [...] O poder também né, quem tem o poder, quem manda, acha que é dono... De quê? Não é dono de nada, tu não vai levar nada [...]*" (APÊNDICE I, E5).

Também é possível identificar, nas narrativas, a compreensão de outras manifestações dos desequilíbrios de poder: emerge, então, a consciência política acerca de machismo, racismo, preconceito e discriminação:

> "*[...] é porque eu fui sempre assim. Tive muita dificuldade com meu pai, quando eu era criança. Tive muita dificuldade. A gente nunca se relacionou muito bem. O meu pai... Não que hoje... Que eu tivesse um dia ficado com raiva, braba, nada disso. Porque eu questionava [...]. Naquela época eu dizia para minha mãe: "**mãe, o pai não manda na senhora. Ele é meu pai, mas seu ele não é. A senhora não pode baixar cabeça para ele**. A senhora não pode... de ele dizer para a senhora que a senhora tem que fazer assim e a senhora fazer". E ele quando ele escutava, ele ficava brabo, às vezes me batia. Batia. [...]*" (APÊNDICE I, E9, grifo nosso)

> "*[...] eu trabalho o perdão, porque eu me ponho no lugar do meu pai. Meu pai que era muito de castigar, né, a mãe não. Então eu me ponho no lugar dele para sentir de repente o que ele estava sentindo com relação à falta de emprego, à... falta de coisas dentro de casa — porque era na vida pobre, né — meu pai era professor, ganhava muito pouco. Naquela época, já imagina só, ganhava muito pouco, né? Então ele era muito revoltado, ele era muito inteligente, era um... aquariano muito para frente do tempo, né, mas era muito explosivo, era muito militar. Então criou em nós uma... Assim, ele criava a gente de uma forma muito autoritária. Que chocava, né? [...]* ***Eles [os homens] tinham e eram muito... Eles achavam que eles podiam tudo, né? Que eles eram os donos da casa e que eles podiam fazer o que eles quisessem fazer*** *[...]* ***É, hoje em dia graças a Deus está caindo isso, né? Não tem mais essa história****: já não pode mais castigar o filho. O meu filho cria os filhos dele de uma maneira, assim, ele chega a ler livros para poder educar bem [...]*" (APÊNDICE I, E3, grifo nosso).

> "*[...] uma vez uma mulher... A mulher do tempo da minha mãe — que eu já sou velha — da minha mãe, elas eram 'tudo' submissas ao marido, né? Era como eles queriam: quem mandava eram eles, não eram elas, elas tinham que obedecer. E hoje em dia a mulher não obedece... não. Tanto é que a mulher trabalha fora, a mulher chega a hora que quer, né? [...] Ai, eu gosto mais. Está bom, tem que ser assim,* ***porque os homens... Senão eles querem ser mandão, né? Eu era uma que... O meu marido era bom, me tratava bem, mas obedecia***

> ***a ele. Se ele dizia não**... E agora não, né? Não é assim... […]*" (APÊNDICE I, E2, grifo nosso).
>
> "*[…] no meu tempo que eu era menina era muito preconceito, uma bobice, falta de instrução, as pessoas [eram] muito ignorantes. Daí ficavam assim. Até porque **se a pessoa fosse de cor, nossa, não podia nem ir num baile**. Muito branco ia, moreno não. Ah, de primeiro era, no meu tempo era. Hoje em dia, não: melhorou bastante, porque agora é crime, vai ganhar até processo se fizer, né? Nessa parte aí melhorou bastante […]*" (APÊNDICE I, E2, grifo nosso)
>
> "*[…] um dia desses eu... eu, assim, me relaciono graças a Deus muito bem todas as pessoas e eu... eu beijo do... do faxineiro ao diretor, né. Sou Maria beijoqueira. E um dia porque passou um menino... É um negro que é funcionário aqui. É um negro com uma aparência não muito bonita dentro do... dos modelos, né… dos parâmetros de beleza. Eu não tinha visto ele, aí ele chegou [e disse]: "ô, minha princesa". Eu disse: "oi, meu querido" e beijei ele. Ele me beijou também. Aí uma idosa... Aquilo me marcou muito... Eu não vou chamá-la de idosa, eu vou chamá-la de velha. Uma velha olhou para mim [e disse]: "Cruzes, beijar um negro". Aquilo me machucou tanto que eu disse para ela: "Pior se eu tivesse que beijar uma... uma branca nojenta". Depois eu me arrependi de ter falado assim [risos], mas na hora saiu, sabe. Então olha... olha o conceito que tu tens de respeito. E é um idoso. Olha o conceito que tu tem de respeito, de humanidade. Porque é isso que é humanidade: é tu seres... humilde, primeiro tu tem que ser humilde, né? Tu tem que ser humilde para... para aceitar o outro da maneira que ele é. Se ele me [palavra inaudível], porque é que eu não ia abraçar? […] ai, eu fiquei tão machucada, eu fiquei tão triste que a minha vontade era bater [nela]. Minha vontade era bater nela de tão chateada que eu fiquei. […]*" (APÊNDICE I, E10).

Das narrativas apontadas acima, é possível observar manifestações dos idosos acerca de temas como racismo, machismo, preconceito e relações de gênero. Também é possível identificar que o idoso compreende uma evolução acerca dessas questões, na sociedade atual: *hoje em dia graças a Deus está caindo isso, né? Não tem mais essa história*" (APÊNDICE I, E3). Compreende, ainda, que essas evoluções possuem relação com o poder público: "*hoje em dia, não: melhorou bastante, porque **agora é crime**, vai ganhar até processo se fizer, né? Nessa parte aí melhorou bastante […]*" (APÊNDICE I, E2, grifo nosso). A consciência sobre o papel do poder público e sobre políticas públicas para o combate exclusão social e para a redução de vulnerabilidades sociais também emergiu, em algumas narrativas:

"*[...] a gente vê os idosos, eles vêm aqui, eles vão lá... [...]* ***existem muitos que sofrem, que poderiam ter mais uma assistência, assim, para... para fazer com que ele tivesse aquela liberdade de falar, de se comunicar, de sair.*** *[...]* ***apesar de que já faz um tempinho que começaram a falar sobre o idoso e até pesquisar e fazer alguma coisa pelo idoso, mas eu acho que ainda falta muita coisa****. Por exemplo, o idoso [palavra inaudível], estar doente, precisando de uma medicação e não ter, né. O idoso estar precisando de... de fraldas e não ter [...] eu não vivo nesse meio, mas a gente sabe que existe muito, né. Então eu acho que falta assim, mais assim... Por exemplo, às vezes tem o final... o mês de outubro, né... que daí faz o mês do idoso. Então que sempre seja voltado mais para esse idoso, né, porque o idoso da capital, ele está bem encaminhado, então ele já sabe o que quer para ele: ele vai, não está gostando daqui, vai para outro [lugar]. Ele já sabe, mas* ***eu acho que tem cidade do interior que elas precisam muito mais****. Não só do nosso Estado, como eu acho que do país inteiro, né, já que a tua pesquisa vai abranger um... um todo, né, é um país que ela vai abranger. Então eu acho que [...] quando tiver um foco uma...* ***na semana mesmo idoso, [que seja mais] voltado, assim, para o interior: cidades menores, sabe, porque tem muitos idosos que precisam****. Às vezes eles precisam de tão pouco: de abraço, de conversa, de carinho e eles não têm. E... geralmente na capital: não, porque uma vem, uma traz, a outra leva, então, sabe. E tem mais acolhimento, né, então eu acho que precisa ser voltado, assim, mais para os idosos, assim, mais carente ainda, porque tem idoso carente que ainda ele ainda tem, né, se vira [palavra inaudível], mas tem muitos idosos que eles não têm nem com quem conversar, né. Tem muito idoso que não tem nem com quem conversar [...]*" (APÊNDICE I, E9, grifo nosso).

"*[...] olha,* ***o poder público até está****... Aqui em C. [nome da cidade suprimido]* ***eu vejo assim que até está dando... chance para o idoso****, porque eles têm ônibus que levam lá em cima [no local de encontros de idosos], têm os idosos que têm aula de dança, têm aula acho que de informática.* ***Eu acho que isso até tem muito espaço para isso, eles investem na cultura do idoso e no lazer do idoso****. [...]Têm os clubes de mães, né, que também é... uma outra oportunidade pra eles, porque pelo menos eles vão, eles ali se socializam, eles fazem um lanchinho, então é muito bom [...]*" (APÊNDICE I, E7, grifo nosso).

"*[...] olha, a expectativa,* ***eu acho que levemente está melhorando, mas podia ser bem melhor*** *[...] Teria que melhorar, o governo, melhorar muito para os idosos, os obstáculos nas ruas, né. E também, assim, é... Tipo, dar mais palestras, ajuda, para o que você pode ter dentro de casa. Até um menino fez uma brincadeira conosco. Achei interessante: o que não é bom ter dentro de casa na terceira idade, né. Então, isso tudo ajuda. É tudo um aprendizado que a gente tem. Mas, eu acho que... Olha, hoje em dia não vive... Não, quer dizer, não vive bem [...] tirando a financeiramente [...] quem não quer. Porque você tem mil e uma opções de procurar grupos, ajuda, né, assim. Só que no outro lado de*

> *obstáculo, como eu digo... E assim, ainda falta bastante... para o idoso poder sair à vontade na rua, né... Eu mesma, já cai tantas vezes nessas nossas calçadas, né. Então, isso teria que ser cuidado mais. E com deficiente, com... sabe [...]*" (APÊNDICE I, E15, grifo nosso).

> "*[...]* ***anos atrás você não ouvia falar nada de políticas públicas****, aliás, você não ouvia falar de políticas públicas, muito menos para idoso. Só que a gente já estava envelhecendo desde que nasceu, lá para trás, tá? E nunca ninguém se preocupou com isso. Por quê? Porque a gente morria com 60 anos. E não tinha problema de aposentadoria, não tinha problema de sentar na frente do ônibus sem pagar [...] [pois] já tinha morrido.* ***Então nunca houve uma política pública para idoso, porque o idoso nunca ficou idoso****. Ele nunca teve essa necessidade, né? Pobreza era pobreza, miséria era miséria, o idoso que tinha o dinheirinho dele, o soltinho dele lá se fosse maltratado pelo filho, se fosse roubado pelo filho, era uma outra história, né? Não tinha estatística para isso, tá?* ***Então o quê que nós temos que estar voltados para o idoso? Há 20 anos****. De 20 anos para cá é que as pessoas começaram a se preocupar com o idoso. Só que quando eles abriram o olho o troço estava velho demais. Já estava... o pessoal já estava muito, muito além da velhice. E daí? E agora, o quê que vai fazer? [...] Ninguém pensa nessa política para idoso. Então a palavra que eu conheci há pouco tempo, que eu... que eu tomei conhecimento a pouco tempo, eu conhecia ela, é velha, mas eu nunca me importei com ela, que é prevenção, tá? A base hoje das coisas seria a prevenção. [...] "Ah, tem pressão alta". Quando que você ouviu falar que tem que cortar o sal? Há quanto tempo você sabe disso, que tem que cortar o sal por conta da pressão alta? Agora, tem pouco tempo, mas eles sabem disso há muito tempo. O... Uruguai tem uma lei no restaurante que você entra no restaurante e não tem sal na comida e você tem que pedir para o garçom o sal, porque eles não servem na comida e não põem na mesa. Eles têm um saleiro pendurado em alguns restaurantes. Eu sou contra o Mujica, mas o Mujica fez uma coisa interessante, porque baixou sensivelmente o problema de pressão alta do povo. E de infarto, e de derrame, de qualquer coisa lá diminuiu, porque houve a prevenção, entende? Cigarro! A gente já tem um histórico mais antigo um pouquinho, mas morreu muita gente. E se tivesse feito antes essa prevenção de que o cigarro... a gente teria menos... menos óbito, né? [...]*" (APÊNDICE I, E11, grifo nosso).

As narrativas sobre o papel do Estado aqui apresentadas denotam a postura crítica do idoso com relação às políticas públicas e às ações que podem ser realizadas pelo poder público para o desenvolvimento desses sujeitos e dos demais sujeitos em situação de vulnerabilidade social. Essa compreensão, ainda, é parte de uma consciência política, na medida em que o idoso possui a 'visão interior' e 'visão exterior' (CONSCIÊNCIA, 2019, P. 1) e reconhece as responsabilidades de cada um na missão de desenvolver-se a partir da perspectiva política.

Nesta subseção, propusemos apresentar manifestações da dimensão política do idoso, que também designam elementos da competência em informação. Pudemos compreender que há, no idoso, a compreensão da sua própria situação de exclusão social, bem como outras situações vivenciadas por diferentes grupos de pessoas que indicam exclusão social e vulnerabilidade social. Emergiu, nas falas, a vivência no coletivo como um meio de relacionar-se com os recursos e fontes de informação no dia a dia, e os GTI enquanto ambientes em que é possível desenvolver as habilidades de busca, uso e comunicação da informação. As noções de autonomia, de empoderamento pessoal e de liberdade também foram apontadas pelos sujeitos: na esfera da competência em informação, essas compreendem o uso independente da informação para 'tomar as rédeas' da vida privada e política. Ainda, a consciência política aflorada foi identificada nas falas: a partir dessa consciência, o idoso reconhece as estruturas de poder e os desequilíbrios como machismo, racismo, preconceito e discriminação. Ainda, a consciência política também inclui a compreensão acerca das responsabilidades dos sujeitos e do papel do Estado na missão de favorecer e promover o desenvolvimento social.

A partir dessa construção empírica, pudemos, então, compreender aspectos da dimensão política da competência em informação dos idosos, a partir das narrativas dos próprios sujeitos, em associação às falas dos mediadores dos GTI do Sesc, que fazem parte do *lebenswelt* dos idosos. As relações entre os idosos, bem como com os mediadores, são *we-relations* puras, marcadas por experiências não são somente coordenadas entre si, mas são também reciprocamente determinadas e relacionadas umas com as outras (SCHUTZ; LUCKMANN, 2000). Surgem, no *lebenswelt*, experiências da dimensão política da competência em informação, que incluem desde a busca pela força social capaz de modificar a situação de exclusão e vulnerabilidade, até a procura, a partir dos demais atores do seu mundo social, de segurança para o uso das fontes e dos recursos de informação. A Ilustração 5 busca apresentar, de forma sintética, as manifestações da competência em informação, bem como a dimensão política desta, dos idosos pertencentes aos GTI do Sesc.

(continua na próxima página)

Ilustração 5: Manifestações da dimensão política da competência em informação do idoso



Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

Na próxima seção, reuniremos as descrições levantadas durante essa construção empírica para apontarmos princípios da dimensão política da competência em informação expressos pelo idoso investigado na pesquisa.

8 PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA

Nosso objetivo geral da pesquisa consiste em estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) sob o foco da dimensão política (relações sociais). Esse é, também, o objetivo desta seção: esses princípios aqui caracterizam-se como um conjunto de proposições fundamentais, ou elementos básicos para a compreensão desse fenômeno, nesse sujeito. Assim como na construção teórica, partimos, nesta seção, do pressuposto de que nossas experiências informacionais não sejam neutras, mas sim relacionais e transacionais: elas partem de relações estabelecidas entre nossas experiências prévias, nossos sistemas de valores e nossa bagagem de conhecimento já estabelecida (ANDERSON; JOHNSTON, 2016). A competência em informação, na medida em que se desenvolve nas nossas experiências relacionadas à informação, também possui essa característica.

Dessa forma, nossos princípios não são padrões, tampouco modelos. Os princípios buscam, no entanto, apresentar elementos que respeitam a subjetividade inerente ao ser. São oportunos de serem delineados para servir de subsídio para estratégias para o desenvolvimento da competência em informação de idosos de características semelhantes, e partem, tanto da revisão de literatura apresentada, quanto das manifestações observadas. Emergem, dessa forma, das unidades teórica e empírica dessa investigação, o que oferece mais solidez àquilo que é delineado.

Nossa construção teórica dessa investigação possibilitou-nos compreender que a competência em informação dos idosos relaciona-se de modo particularmente próximo aos movimentos *health information literacy*, *health literacy* e *e-health literacy*, que designam habilidades e comportamentos informacionais especificamente para a saúde e a manutenção dos hábitos saudáveis. Na unidade empírica, pudemos compreender que as necessidades de informação desses sujeitos são intimamente relacionadas à saúde, por conta desse segmento ser presente na vida social dos idosos - essa é uma característica intrínseca das necessidades de informação, a indissociabilidade ao contexto, à situação originária. Consideramos que desenvolver a competência em informação dos idosos na questão da saúde é essencial: contribui para esta competência como um todo, uma vez que esta é uma manifestação experienciada com recorrência, na realidade observada. Benefícios que podem ser experienciados pelos idosos incluem, além de qualidade de vida e saúde, também autonomia e empoderamento pessoal, na medida em que esses sujeitos se sentem empoderados da informação para tomar suas decisões

com relação à própria saúde. No entanto, *health information literacy* e seus movimentos adjuntos não servem como 'substitutos' da competência em informação, pois não englobam todas as capacidades relacionadas à competência em informação.

A construção teórica acerca da competência em informação do idoso também possibilitou-nos compreender que o bibliotecário está envolvido de forma ativa nesse processo, com esse grupo de pessoas. Inclusive, a literatura nesse aspecto nos mostrou aproximação da competência em informação com a educação de usuários, na ocasião em que muitas das iniciativas levantadas na literatura são desenvolvidas como programas educacionais de bibliotecas. Consideramos que as bibliotecas são ambientes propícios ao desenvolvimento da competência em informação, e os bibliotecários são os profissionais são os protagonistas da competência em informação (CAMPELLO, 2003), capacitados para exercer a função de mediadores da informação, inclusive para o público idoso. Acreditamos que as bibliotecas devem incluir, nos seus programas de educação de usuários, atividades adequadas ao público dos idosos, que estimulem o desenvolvimento da competência em informação. Inclusive, a formação de *information grounds* é benéfica para a integração social dos idosos e pode ser desenvolvida em unidades de informação, sob a liderança e mediação de bibliotecários.

Com relação à dimensão política da competência em informação, nossa construção teórica possibilitou-nos compreender que esta relaciona-se à cidadania, ao regime democrático, à busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, ao aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, às habilidades sociopolíticas, à responsabilidade social e ao pensamento crítico. Nossa construção empírica, por sua vez, identificou que a dimensão política da competência em informação, no idoso, está voltada:

1) à busca pela redução de desigualdades, na medida em que os idosos reconhecem que há, na estrutura da sociedade, elementos que denotam situação de vulnerabilidade desse grupo social e buscam, no coletivo, força social necessária para 'romper as amarras' do capitalismo informacional;

2) à busca da afetividade e da formação de vínculos, na medida em que os idosos reconhecem a situação de solidão como inadequada para seu bem viver, e inclusive, para sua competência em informação, e buscam, em um GTI, vencer a solidão e o isolamento social a partir da formação de laços próximos aos familiares que são úteis também para sanar suas necessidades informacionais;

3) ao uso da informação para integrar-se na sociedade desenvolver participação política, na medida em que o idoso reconhece que a falta de informação conduz ao isolamento social e à marginalização, à perda da voz e da vez no espaço social. Assim, utiliza a informação para

exercer a dimensão política no seu mais elementar aspecto, que é comunicar-se e estar inserido nas discussões dos círculos sociais, bem como apodera-se de informação para participar da vida em sociedade;

4) ao desenvolvimento do empoderamento pessoal por meio da informação, que é um instrumento capaz de combater a situação de vulnerabilidade social, a exclusão social e a subserviência. Para tanto, esse sujeito compreende que é preciso estar integrado às tecnologias digitais, sendo esses dispositivos importantes mecanismos para a obtenção de informação para o dia a dia para o atendimento às necessidades de informação.

5) ao pensamento crítico, uma vez que o idoso reconhece que o ambiente informacional do contexto atual possui características intrínsecas, como a desinformação, que faz emergir o cenário de *Fake News*. Assim, compreende que o ambiente digital é um ambiente em que deve imperar a dúvida e o questionamento.

6) à consciência política aflorada, na ocasião em que o idoso reconhece as estruturas e os desequilíbrios de poder que descortinam o machismo, o racismo, a discriminação e o preconceito, e reconhece a responsabilidade e o papel do estado perante essa condição.

As manifestações de desenvolvimento da competência em informação e da dimensão política desta reveladas na construção empírica, a partir da experiência dos sujeitos, incluem os processos constituintes desse processo, a saber: necessidades de informação, busca da informação – realizada a partir das fontes de informação - e uso da informação.

As necessidades de informação, nos idosos, são relacionadas às atividades desenvolvidas no dia a dia: podem estar relacionadas à saúde, cidadania, ou ao desejo de estar em comunicação com seus próximos. O atendimento a essas necessidades de informação também pode dar-se no coletivo, por meio de encontros periódicos, pois "[...] *no conversar surgem dúvidas de um, que pode ser a tua, que não precisas dizer e tu vai acabar resolvendo teu problema pela resposta de outro. E como são tudo pessoas muito já experientes pelo passado, pelo tanto de idade, um vai ajudando a resolver o outro [...]*" (APÊNDICE I, E12). Nas bibliotecas, podem ser promovidos encontros de idosos e também encontros intergeracionais, para propiciar o compartilhamento de experiências entre as diferentes gerações. Isso pode estimular, inclusive, na busca de soluções de situações que podem não ser familiares aos idosos, como as situações informacionais relacionadas à tecnologia, que podem ser mais familiares à geração dos nativos digitais (adolescentes e jovens adultos).

A busca da informação revelada pelos idosos envolve a utilização, além dos dispositivos digitais de comunicação e informação, de pessoas enquanto fontes de informação, seja os profissionais – médicos, bancários – ou as pessoas próximas da família. Emerge uma postura

proativa no processo de busca da informação: uma postura de questionamento e de curiosidade, na medida em que esse sujeito utiliza-se de diferentes fontes de informação para obter a informação que necessita.

Com relação aos recursos e fontes de informação para a busca e uso da informação, o idoso também reconhece, no ambiente da internet, a veiculação de informações falsas e tendenciosas. Revela-se, nas narrativas, a insegurança com relação ao uso das fontes de informação na internet em virtude do cenário de *Fake News*. Isso pode ocorrer por conta de tentativas de *Phishing*[28], que são comuns de serem realizadas por meio de informações falsas. A insegurança também se revela na postura passiva no processo de verificação da validade da informação, na medida em que o idoso espera que os próximos realizem o processo de validação das notícias. Esse sujeito pode desenvolver segurança na ocasião em que obtém familiaridade com os instrumentos para identificar *Fake News*, bem como os recursos de validação da informação. A conscientização pode ser eficaz se desenvolvida por um processo de mediação da informação, estabelecida com um "indivíduo mais experiente", segundo Varela (2007, p. 23), e pode ser capaz de promover, nos idosos, zonas mais amplas de desenvolvimento crítico e criativo, que, a partir de processos complexos de raciocínio, promovem a autonomia do pensamento. Sabemos que entre os idosos também é possível promover 'bolsões', ou *information grounds*, para o desenvolvimento da competência em informação: no entanto, nesse cenário, a mediação é oportuna para modificar, alterar e transformar os estímulos do mediado, "proporcionando-lhe uma postura ativa, crítica, reflexiva e independente frente à pesquisa de informações para a satisfação de necessidades informacionais" (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 68).

A postura ética com relação à informação também é característica do idoso que participa de GTI, que busca não comunicar a informação suspeita. É no coletivo que a ética se fortalece, na medida em que esse sujeito pondera sobre as possíveis consequências de suas ações no âmbito da coletividade (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Essa vivência de afetividade, como uma família, designa o aspecto mais comum da competência em informação: "além de conhecer como um projeto de lei se torna uma lei, quando citar uma fonte, ou como identificar vieses políticos [em informações], o aprendizado profundo ocorre quando podemos caminhar nos sapatos dos outros" (ABILOCK, 2006, p. 9, tradução nossa). É, pois, no coletivo, que a competência em informação se torna uma experiência bem-sucedida revestida de significado

[28] *Phishing* é um crime cibernético que consiste em obter, de forma indevida, dados pessoais e outras informações sigilosas do usuário que é afetado, como senhas de banco, dados de cartão de crédito, ou outras informações pessoais. Uma forma comum de sofrer *phishing* é por meio de mensagens falsas na internet.

num mundo em que só legitimamos a nossa existência a partir do contato com o outro (MAFFESOLI, 2008).

Nesse sentido, iniciativas de integração social, de contato e de desenvolvimento de afetividades são oportunas para desenvolvermos aquilo que é mais fundante à competência em informação: sua dimensão ética, revelada na vida em sociedade (VITORINO; PIANTOLA, 2011). Essas iniciativas, ainda, podem ser desenvolvidas em bibliotecas e por bibliotecários, e podem fazer parte de programas de educação de usuários.

Na Ilustração 6, desenvolvemos a 'constelação' que ilustra os princípios para desenvolvimento da dimensão política da competência em informação dos idosos aqui delineados. Eles emergem tanto dos conceitos quanto das falas, e estão fundados nas teorias que embasam nossa visão de mundo. O layout da figura foi concebido para fornecer-nos a compreensão de que não há uma hierarquia entre os elementos: esses elementos, na verdade, estão em sintonia, de modo que se integram para formar os princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso.

Este conjunto de princípios aqui apresentado contribui para uma teorização acerca da dimensão política da competência em informação do idoso que participa de GTI, e pode servir de subsídios para estratégias e iniciativas práticas – promovidas, inclusive, por bibliotecários - contemplando esse grupo. A próxima seção é dedicada a apresentar as considerações finais dessa investigação.

Ilustração 6: Constelação dos princípios para o desenvolvimento da Dimensão política da competência em informação dos idosos participantes de GTI



Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos contribuir para o ‘alargamento das fronteiras’ da Ciência da Informação, bem como para o ‘amolecimento’ do núcleo duro das investigações desenvolvidas nesse campo do saber ao contemplarmos uma população reconhecida pela UNESCO como um grupo em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de uma decisão política, pautada numa compreensão também política acerca das questões ‘mal-resolvidas’ da Ciência da Informação, levantadas na seção de introdução desta investigação.

Nossa investigação buscou, ainda, contribuir para a missão social da CI, que consiste em voltar-se para o ser que procura a informação (LE COADIC, 1996), buscando assegurar que essas pessoas que necessitem “de conhecimento para seus trabalhos - sejam eles de origem técnica, científica simplesmente ocupacionais - possam recebê-lo” (WERSIG; NEVELLING, 1975, p. 27, tradução nossa).

Buscamos, nesta investigação, responder às seguintes indagações: como se manifesta a dimensão política da competência em informação dos idosos? Como essas manifestações nos auxiliam a elaborar princípios para o desenvolvimento da dimensão política da competência em informação desses sujeitos? E, observando essas indagações, nossa proposta constitui-se em estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de GTI sob o foco da dimensão política (relações sociais).

Para tanto, nos propomos a: a) apresentar, com base na literatura, o movimento da competência em informação; b) revelar, a partir da literatura, as características sociais do idoso que participa de formações de redes de apoio social, ou, para os idosos, Grupos da Terceira Idade (GTI); c) descrever, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI); d) descrever, a partir das falas de mediadores de GTI, elementos da competência em informação, bem como a dimensão política desta, de idosos; e) delinear, a partir da literatura, das narrativas de idosos e das falas de mediadores de GTI, princípios da dimensão política competência em informação do idoso.

A busca pelo cumprimento dos objetivos propostos deu origem a dois elementos de investigação: unidade teórica e unidade empírica. Na unidade teórica, construída para atender aos objetivos a) e b) e servir de subsídio para o cumprimento dos demais objetivos, apresentamos o movimento da competência em informação, bem como sua trajetória no Brasil

e no mundo. Identificamos e caracterizamos a dimensão política da competência em informação, e o processo de mediação nessa perspectiva, sob o foco do profissional da informação. Também, apresentamos a figura do idoso na sociedade contemporânea, e o papel das redes sociais na construção desse sujeito enquanto um ser político. Ainda na construção teórica, buscamos, na literatura e por meio de uma revisão sistemática, tecer elementos sobre a competência em informação do idoso e sobre a dimensão política da competência em informação, que servem de subsídios para a compreensão do nosso objeto de investigação.

A construção teórica dessa investigação nos possibilitou identificar que não há, na literatura científica, estudos sobre a dimensão política da competência em informação de idosos, em específico. Isso reforça o caráter inédito desta investigação. Assim, nossa construção baseou-se em estudos sobre a dimensão política da competência em informação, e estudos sobre o desenvolvimento da competência em informação de idosos.

Quanto aos estudos sobre o desenvolvimento da competência em informação de idosos, em nível mundial podemos observar a expressiva aproximação da competência em informação com relação à saúde, indicada a partir de uma vertente de pesquisas sobre *health information literacy* e *e-health literacy*, que são abordagens voltadas para o desenvolvimento de habilidades informacionais para a manutenção da boa saúde. Na literatura internacional, então, podemos considerar que a competência em informação é explorada com expressividade a partir do viés da saúde e da qualidade de vida. Em âmbito local, percebemos a inexistência de estudos sobre competência em informação dos idosos. No entanto, há uma linha de investigação, desenvolvida na área da saúde, sobre literacia e alfabetização em saúde do idoso (correspondem ao *health information literacy*, identificado em nível global), que contribui para a investigação em questão. Identificamos uma vertente de pesquisas nesse âmbito, o que indica que, também em nível local, a competência em informação do idoso vincula-se à saúde e qualidade de vida.

A busca na literatura sobre a dimensão política da competência em informação possibilitou-nos reconhecer a existência de uma ampla gama de investigações que tratam de aspectos políticos do movimento da competência em informação. Apesar de não mencionarem a ‘dimensão’ política, tais investigações contribuem, expressivamente, para a construção da abordagem desta tese. Em âmbito internacional, nossa busca recuperou mais resultados, porém, em âmbito local também foi possível identificar estudos que contribuíram para a nossa construção teórica. O estado da arte dessa temática indica que, tanto em âmbito internacional quanto em âmbito local, emergem, enquanto elementos da dimensão política da competência em informação a cidadania, o regime democrático, a busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, o aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, as habilidades

sociopolíticas, a responsabilidade social – tanto dos profissionais quanto dos cidadãos – e o pensamento crítico. Tais elementos oferecem, dessa forma, subsídios para a exploração da dimensão política da competência em informação do idoso.

A unidade empírica, que buscou atender aos objetivos específicos c) e d), e servir de subsídio para a consecução do objetivo e), possibilitou compreendermos, por meio do *lebenswelt*, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI), a partir das narrativas desses sujeitos e também dos mediadores desses grupos.

A revelação dessas manifestações pelos idosos possibilitou-nos compreender que a vivência no coletivo é basilar ao desenvolvimento da competência em informação: é no coletivo que esse sujeito busca agregar força social para combater a situação de vulnerabilidade, de exclusão e de isolamento social e é, inclusive, a vivência no coletivo, como um núcleo familiar, que podemos compreender a expressão da dimensão fundante a competência em informação: a dimensão ética, que só é revelada no coletivo.

Para o idoso, a informação é um elemento que pode lhe empoderar para combater o isolamento social, a marginalização, a exclusão social e a subserviência. Para tanto, esse sujeito compreende que é preciso estar integrado não só ao coletivo, mas também às tecnologias digitais, sendo esses dispositivos importantes mecanismos para a obtenção de informação para o dia a dia para o atendimento às necessidades de informação.

Com relação às necessidades de informação, estas são relacionadas às atividades desenvolvidas por esse sujeito no dia a dia: podem estar relacionadas à saúde, cidadania ou ao desejo de estar em comunicação com seus próximos. E, no tocante à busca da informação, esse sujeito utiliza, além dos dispositivos digitais de comunicação e informação, as pessoas enquanto fontes de informação, seja os profissionais – médicos, bancários – ou as pessoas próximas da família.

Esse idoso também reconhece que o ambiente informacional atual possui características intrínsecas, como a desinformação, que faz emergir o cenário de *Fake News.* Assim, compreende que o ambiente digital é um ambiente em que deve imperar a dúvida e o questionamento.

Há, ainda, uma postura passiva no ato de avaliar a informação, especialmente no cenário de *Fake News*. Os mecanismos de validação das informações incluem a consulta a ‘comunicadores’, que podem ser pessoas da rede próxima de convívio, como familiares, ou pessoas que inspiram confiança, como líderes ou pessoas de referência. Também podem ser outros usuários de tais recursos de informação, inclusive desconhecidos.

Arroga, no idoso, uma postura ética com relação à comunicação da informação. Emergiu, nas falas, que é característica do idoso buscar não comunicar aquela informação que desperta dúvida, o que representa um ato de responsabilidade social com relação ao uso da informação.

Há, ainda, a identificação de uma consciência política do idoso: esse sujeito reconhece as estruturas e os desequilíbrios de poder que descortinam o machismo, o racismo, a discriminação e o preconceito, e reconhece a responsabilidade e o papel do estado perante essa condição.

A partir desses elementos – que emergem tanto da construção teórica, quanto da construção empírica, pudemos, então, delinear princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso. Nos princípios, elencamos o bibliotecário enquanto o profissional protagonista para desenvolver a competência em informação dos idosos, e as bibliotecas enquanto ambientes propícios para a consecução dessa missão, estabelecendo algumas ações que podem ser desenvolvidas nesse âmbito.

Consideramos as bibliotecas enquanto ambientes favoráveis ao desenvolvimento da competência em informação dos idosos, e os bibliotecários enquanto profissionais responsáveis para a promoção desse conjunto de capacidades. A partir da construção teórica, identificamos que há iniciativas desse caráter nesses ambientes, e a construção empírica também nos possibilitou observar uma aproximação – embora tímida – dos GTI ao ambiente da biblioteca. No entanto, nossos princípios são úteis para que esses atores possam sair da posição de coadjuvantes e assumir, efetivamente, a posição de protagonistas: o desenvolvimento da competência em informação do idoso, bem como sua dimensão política, precisa passar pelas bibliotecas e precisa envolver a figura dos bibliotecários.

Desenvolver a competência em informação dos idosos, bem como sua dimensão política, é crucial para alcançarmos o ideal de uma sociedade orgânica e próspera, em que todos os sujeitos possam desfrutar de qualidade de vida, de liberdade e de bem-estar. A dimensão política da competência em informação dos idosos, a ser estimulada por meio dos princípios aqui delineados, pode contribuir, por exemplo, para os objetivos do desenvolvimento sustentável da ONU, no que tange principalmente a "assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar de todos, em todas as idades", a "reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles", e "proporcionar o acesso à justiça para todos" (ONU, 2019, p. 1). Desenvolver os princípios é, então, parte da responsabilidade social dos bibliotecários e das bibliotecas.

Ressaltamos que a realidade social investigada nesta pesquisa é uma realidade particular e propícia para o desenvolvimento da competência em informação: os idosos investigados estão

inseridos em grupos de apoio social, constroem laços sociais e desfrutam da vivência no coletivo para conceber suas experiências informacionais. A mediação, oferecida por meio dos profissionais do Sesc, também contribui para o desenvolvimento de habilidades tecnológicas e cognitivas no trato com a informação, especialmente no cenário de *Fake News*. Para a nossa investigação, esse foi o contexto ideal para explorarmos a dimensão política. No entanto, trata-se de limitações de pesquisa.

Pesquisas futuras conduzidas por pesquisadores da área podem dar conta de explorar a competência em informação, bem como sua dimensão política, de idosos inseridos em outros contextos sociais: asilos, casas de repouso, centros de convivência para idosos. Idosos que também não estão inseridos em nenhum desses 'círculos sociais' também precisam ser contemplados, bem como aqueles que sofrem os efeitos da exclusão social, da vulnerabilidade e da opressão. É a partir da condução de pesquisas nesse viés que podemos contribuir para a consecução da responsabilidade social da competência em informação, que trata da "construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas" (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 108).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABBILOCK, D. So close and so small: six promising approaches to Civic Education, Equity and Social Justice. **Knowledge Quest**, v. 34, n. 5, p. 9-16, 2006. Disponível em: <http://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1032&context=slcecivicengg>. Acesso em: 20 maio 2019.

ADGER, W. N. Vulnerability. **Global Environmental Change**, v. 16, n.3, p. 268–281, Aug. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.gloenvcha.2006.02.006>. Acesso em: 20 maio 2019.

AGUSTINI, F. C. **Introdução ao direito do idoso**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003. 200 p.

ALEXANDER, R. C. Political Literacy as Information Literacy [invited editorial]. **Communications in Information Literacy**, v. 3, n. 1, p. 9-12, 2009. Disponível em: <http://www.comminfolit.org/index.php?journal=cil&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=Vol3-2009ED4 >. Acesso em: 20 maio 2019.

ALMEIDA, V. L.; GONÇALVES, M. P.; LIMA, T. **Direitos Humanos e Pessoa Idosa**: publicação de apoio ao Curso de Capacitação para a Cidadania: Atenção e Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. In.: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 9., 2008, São Paulo. Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Anais...** São Paulo, ANCIB, 2008, p. 1-14. Disponível em: < http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3037/2163>. Acesso em: 20 maio 2019.

ALVES, A. M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007. p. 125-139.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy**: final report. Washington, 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 20 maio 2019.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Information Literacy Competency Standards for Higher Education**. Association of College and Research Libraries: 1999. Disponível em: <https://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/105645/1/standards.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ANDERSEN, J. The public sphere and discursive activities: information literacy as sociopolitical skills. **Journal of Documentation**, v. 62, n. 2, p. 213-228, 2006. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220410610653307>. Acesso em: 20 maio 2019.

ANDERSON, A.; JOHNSTON, B. **From information literacy to social epistemology**: insights from psychology. New York: Elsevier, 2016.

ANDRETTA, S. Phenomenography: a conceptual framework for information literacy education. **Aslib Proceedings**, v. 59, n. 2, p. 152-168, 2007. Disponível em: <www.emeraldinsight.com/0001-253X.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.

ANTONESA, M. Can information literacy motivate students to become global citizens? **SCONUL Focus**, v. 42, n. 2, p. 28-30, 2007. Disponível em: <http://eprintsprod.nuim.ie/973/1/mary_antonesa_sconul.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ARAÚJO, C. A. A. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

ARAÚJO, C. A. A. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na ciência da informação. **Biblos**: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 27, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/viewFile/3364/2750>. Acesso em: 20 maio 2019.

ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A. L. Aspectos socio-históricos e psicológicos da velhice. **MNEME**: Revista de humanidades, v. 6, n. 13, p. 228-236, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/278/254/>. Acesso em: 20 maio 2019.

ARISTÓTELES. **Política**: texto integral. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra-prima de cada autor).

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information Literacy Competency Standards for Higher Education**. 2000. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/informationliteracycompetency>. Acesso em: 20 maio 2019.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Characteristics of programs of information literacy that illustrate best practices**: a guideline. 2003. Disponível em: <http://crln.acrl.org/index.php/crlnews/article/download/8781/9349>. Acesso em: 20 maio 2019.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Characteristics of programs of information literacy that illustrate best practices**: a guideline. Documento revisado e atualizado. 2019. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/characteristics>. Acesso em: 20 maio 2019.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework_ILHE.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ASPINALL, E. E.; BESCHNETT, A.; ELLWOOD, A. F. Health Literacy for Older Adults: Using Evidence to Build a Model Educational Program. **Medical Reference Services Quartely**, v. 31, n. 3, p. 302-314, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22853303>. Acesso em: 20 maio 2019.

AUN, M. P.; CÂMARA, M**. From lack until sustainability**: informatics inclusion as an option for freedom. 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228891962_From_lacking_until_sustainability_informatics_inclusion_as_an_option_for_freedom>. Acesso em: 20 maio 2019.

BALL, S. Aprendizagem ao longo da vida, subjetividade e a sociedade totalmente pedagogizada. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 144-155, maio/ago. 2013. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12886 >. Acesso em: 20 maio 2019.

BAPTISTA, N. J. A. **Virtudes e desvantagens do envelhecimento à luz do texto proverbial português**: cruzamentos da psicologia popular com a psicologia científica. 131 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicopatologia e Psicologia clínica). Instituto Superior em Psicologia Aplicada, Lisboa, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/339>. Acesso em: 20 maio 2019.

BARRETO, A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BARRETO, A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010>. Acesso em: 20 maio 2019.

BAUMAN, Z. **Em busca da Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAYLÃO, R. S. Um conceito operacional de minorias. **Revista da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios**, v. 17, n. 1, p. 209-233, jan./jun. 2001. Disponível em < http://www.escolamp.org.br/arquivos/17_09.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BAWDEN, D. Information and digital literacies: a review of concepts. **Journal of Documentation**, v. 57, n. 2, p. 218-259, 2001. Disponível em: <http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/105803/1/bawden.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Hucitec. 1994.

BELKIN, N. Anomalous States of Knowledge as a basis for Information Retrieval. **Canadian Journal of Information and Library Science**, v. 5, n. 1, p. 133-143, 1980. Disponível em: <http://tefkos.comminfo.rutgers.edu/Courses/612/Articles/BelkinAnomolous.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995/pdf_21>. Acesso em: 20 maio 2019.

BELLUZZO, R. C. B. Formação contínua de professores do ensino fundamental sob a ótica do desenvolvimento da information literacy, competência indispensável ao acesso à informação e geração do conhecimento. **Transinformação**, v.16, n.1, p. 17-32, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862004000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 maio 2019.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; BRISOLA, A. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação e Sociedade**: Estudos, v. 27, n. 1, p. 7-16, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/31114/17408>. Acesso em: 20 maio 2019.

BEZERRA, A. C. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In.: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 16, 2015. **Anais...** Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, João Pessoa: Laboratório de Tecnologias Intelectuais, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2716 >. Acesso em: 20 maio 2019.

BIESTA, G. Have lifelong learning and emancipation still something to say to each other? **Studies in the Education of Adults**, Leicester, v. 44, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02660830.2012.11661620>. Acesso em: 20 maio 2019.

BHARDWAJ, R. K. Information Literacy Literature in the social sciences and humanities: a bibliometric study. **Information and learning science**, v. 118, n. 1-2, p. 67-89, 2017. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/ILS-09-2016-0068>. Acesso em: 20 maio 2019.

BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 15-22.

BOON, S.; JOHNSTON, B.; WEBBER, S. A phenomenographic study of English Faculty's conceptions of information literacy**. Journal of Documentation**, v. 63, n. 2, p. 204-228, 2007. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220410710737187>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. 3 out. 2003. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 1., 04 out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. **Lei No 8.842 de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de janeiro 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção e defesa dos direitos humanos. **Dados sobre envelhecimento no Brasil**. 2012a. Disponível em: < http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012**. 2012b. Disponível em: < http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BROMBACHER, A. Vulnerability. **Quality and Reliability Engineering International**, v. 27, n.1, p. 1, fev. 2011. Disponível em: <http://onlinelibrary-wiley-com.ez46.periodicos.capes.gov.br /doi/10.1002/qre.1186/epdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRUCE, C. S. **Seven Faces of Information Literacy**. Adelaide: AUSLIB Press, 1977.

BRUCE, C. S. Workplace experiences of information literacy. **International Journal of Information Management**, v.19, n.1, p.33-47, 1999. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=2282753>. Acesso em: 20 maio 2019.

BUCKLAND, M. Information as Thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

BUNIC, S. Project 65 plus of Zagreb city libraries active involvement of senior citizens in cultural and social events. **Vjesnik Bibliotekara Hrvatske**, v. 53, n. 2, p. 15-25, 2010. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/index.php?show=clanak&id_clanak_jezik=120433>. Acesso em: 20 maio 2019.

CALDERANO, M. A. Notas sobre a fenomenologia social de Schutz. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 4, p. 7-25, jan./jun. 1998. Disponivel em: <http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/314/271>. Acesso em: 20 maio 2019.

CAMPELLO, B. S. A escolarização da Competência Informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006. Disponível em: < https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/18>. Acesso em: 20 maio 2019.

CAMPELLO, B. S. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. Tradução de Ana Maria Rezende Cabral, Eduardo Wense Dias, Isis Paim, Ligia Maria Moreira Dumont, Marta Pinheiro Aun e Mônica Erichsen Nassif Borges. In.: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, UFMG, nov. 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.

CARDOSO, A. M. P. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/13062>. Acesso em: 20 maio 2019.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede**. Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11663/>. Acesso em: 20 maio 2019.

CARTA DE MARÍLIA. Marília: UNESP; UnB; IBICT, 2014. Disponível em: <http://www.valentim.pro.br/GICIO/Textos/Carta_de_Marilia_Espanhol_Final.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CENEVIVA, W. Estatuto do idoso e Constituição Civil: a terceira idade nas alternativas da lei. **Revista A Terceira Idade**. São Paulo, v. 15, n. 30, p. 7-23, maio 2004.

CERBONE, D. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARCHAT-FISHMAN, H.; CARAMELLI, P.; SAMECHIMA, K.; NITRINI, R. Declínio da capacidade cognitiva durante o envelhecimento. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, n. 12, p. 79-82, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000100017>. Acesso em: 20 maio 2019.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.

CHAUI, M. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: Martins Fontes, 2013. 152 p. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar, v. 22)

COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CONSCIÊNCIA. In: Dicionário Michaelis online da Língua Portuguesa. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/principio/>. Acesso em: 20 maio 2019.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CRUZ, R.; LEITE, G. A terceira idade e a cidadania com dignidade: reflexões sobre o estatuto do idoso. **Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 8-24, 2005. Disponível em: <http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=260>. Acesso em: 20 maio 2019.

CUEVAS-CERVERÓ, A.; MARQUES, M.; PAIXÃO, P. B. S. Alfabetização que necessitamos: informação e comunicação para a cidadania. **Informação e Sociedade**: estudos, v. 24, n. 2, p. 35-48, 2014. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16619>. Acesso em: 20 maio 2019.

CUNHA, T.; GARRAFA, V. Vulnerability: a key principle for global bioethics? **Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics**, v. 25, n. 2, p.197-208, 2016. Disponível em: <http://journals-cambridge-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=10225159&fileId=S096318011500050X>. Acesso em: 20 maio 2019.

DALLA VECCHIA, R.; RUIZ, T.; BOCCHI, S. C. M.; CORRENTE, J. E. Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 246-252, jul./set., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2005000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 maio 2019.

DANTAS, M. **Trabalho com informação**: valor, acumulação, apropriação nas redes do capital. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, 2012. 248 p. Disponível em: <http://marcosdantas.com.br/conteudos/wp-content/uploads/2013/03/livro_trabalho_com_informacao_marcos_dantas.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** 32. ed., São Paulo: Moraes, 2013.

DE LUCCA, D. M. **A dimensão política da Competência Informacional**: um estudo a partir das necessidades informacionais de idosos da Grande Florianópolis. 2015. 251 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ sobre a Competência em Informação. Maceió, 2011. Disponível em: <http://www.alfared.org/sites/www.alfared.org/files/DECLARA%C3%

87%C3%83O%20DE%20MACEI%C3%93%20SOBRE%20AS%20COMPET%C3%8ANCIAS%20EM%20INFORMA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DECLARACIÓN DE LA HABANA: 15 acciones de ALFIN... 2012. Disponível em: <http://www.alfared.org/sites/www.alfared.org/files/Declaraci%C3%B3n%20de%20La%20Habana.%20ALFIN%20desde%20Iberoam%C3%A9rica%20%282012%29.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DECLARACIÓN DE LIMA: Taller de Alfabetización Informacional: formando a los formadores. Lima, 2009. Disponível em: <http://taller.pucp.edu.pe/alfabetizacion/#declaracion>. Acesso em: 20 maio 2019.

DECLARACIÓN DE MOSCÚ sobre alfabetización Mediática e Informacional. Moscou: UNESCO:IFLA, 2012. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/In_Focus/moscow_declaration_mil_es.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DECLARACIÓN DE MÚRCIA sobre la acción social y educativa de las bibliotecas públicas em tiempo de crisis. Murcia, 2010. Disponível em: <http://www.alfared.org/blog/informaci-n-general/766>. Acesso em: 20 maio 2019.

DECLARACIÓN DE TOLEDO sobre la alfabetización informacional (ALFIN): bibliotecas por elaprendizaje permanente. Toledo, 2006. Disponível em: <http://www.webcitation.org/5NrAiGhSS>. Acesso em: 20 maio 2019.

DEMETRIUS, L. **Dicionário de Filosofia Lisandro Demetrius**. s/l: Clube dos autores, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Dicion%C3%81rio_De_Filosofia_Lisandro_Demetr.html?id=DhXFCQAAQBAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 20 maio 2019.

DEMO, P. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados, 1995.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n.2, p.37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v29n2/a05v29n2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DETMERING, R. Exploring the Political Dimensions of Information Literacy through Popular Film. **Libraries and the Academy**, v. 10, n.3, p. 265-282, 2010. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ896121>. Acesso em: 20 maio 2019.

DOHERTY, J. J. No Shhing: Giving voice to the silenced: an essay in support of Critical Information Literacy. **Library Philosophy and Practice**, v. 133, n. 1, p. 1-8, 2007. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=1133&context=libphilprac>. Acesso em: 20 maio 2019.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas da velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007. p. 109-123.

DOYLE, A.; BEZERRA, A.C. (In)Formação e cultura nas escolas ocupadas no Rio de Janeiro. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 194-203, 2016. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/pbcib/article/view/31893/16907>. Acesso em: 20 maio 2019.

DOYLE, C. **Outcome measures for Information Literacy within the National Education goals of 1990**: Final report to National Forum of Information Literacy. 1992. Disponível em: < https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED351033.pdf >. Acesso em: 20 maio 2019.

DREHER, J. Fenomenologia: Alfred Schutz y Thomas Luckmann. In: **Tratado de metodología de las ciencias sociales**: perspectivas actuales. Cidade do Méximo: Universidad Autónoma Metropolitana; Fondo de Cultura Económica, 2012. p. 71-113. Disponível em: <http://sgpwe.izt.uam.mx/pages/egt/Cursos/MetodologiaMaestria/Drecher.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DUDZIAK; E. A.; GABRIEL, M. A.; VILELLA, M. C. O. A educação de usuários em bibliotecas universitárias frente à sociedade do conhecimento e sua inserção nos novos paradigmas educacionais. In.: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, XI, Florianópolis, 2000. **Anais...** Florianópolis, FEBAB, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/41105708_A_educacao_de_usuarios_de_bibliotecas_universitarias_frente_a_Sociedade_do_Conhecimento_e_sua_insersao_nos_novos_paradigmas_educacionais/download>. Acesso em: 20 maio 2019.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001. Disponível em: < http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1KR7VCSQX-236FRSG-5T42/DUDZIAK>. Acesso em: 20 maio 2019.

DUDZIAK, E. A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DUDZIAK, E. A. Os faróis da sociedade da informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação e Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>. Acesso em: 20 maio 2019.

DUNNE, E. **The learning society**: international perspectives on core skills in higher education. Londres: Nova York: Routledge, 2013. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=Ep6OAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR2&dq=learning+society&ots=vk2c57erLG&sig=hAW202Sd1PyX0jkCPBjrVZDk3iuUts#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 maio 2019.

EGLER, T. T. C. Exclusão e inclusão na sociedade do conhecimento. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, v. 16, n. 1, s/p, jan./jul. 2002. Disponível em : <http://www.espaco.ippur.ufrj.br/textos/Exclusao_%20e_%20inclusao_%20socied_do_conhecimento.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ELMBORG, J. Critical information literacy: Definitions and challenges. In.: WILKINSON, C. W.; BRUCH, C. (Orgs.). **Transforming information literacy programs**: Intersecting frontiers of self, library culture, and campus community (pp. 75–95). Chicago, IL: Association of College & Research Libraries. Disponível em: <https://ir.uiowa.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1013&context=slis_pubs>. Acesso em: 20 maio 2019.

ERIKSSON-BACKA, K. Elderly people, health information, and libraries: A small-scale study on seniors in a language minority. **Libri**, v. 60, n. 2, p. 181-194, 2010. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/libr.2010.60.issue-2/libr.2010.016/libr.2010.016.xml>. Acesso em: 20 maio 2019.

ERIKSSON-BACKA, K.; EK, S.; NIEMELÃ, R.; HUOTARI, M. L. Health information literacy in everyday life: a study of finns aged 65-79 years. **Health Informatics Journal**, v. 18, n. 2, p. 83-94, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22733677>. Acesso em: 20 maio 2019.

FALEIROS, V. P. Cidadania e direitos da pessoa idosa. **Ser social**, Brasília, v. 1, n. 20, p. 35-61, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8353/1/ARTIGO_CidadaniaDireitosPessoaIdosa.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

FARIAS, C. M.; VITORINO, E. V. Competência Informacional e dimensões da competência no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 2-16, maio/ago. 2009. Disponível em: < http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/699>. Acesso em: 20 maio 2019.

FAWCETT, B. Vulnerability: questioning the certainties in social work and health. **International social work**, v. 52, n. 4, p. 473-484, jul. 2009. Disponível em: <http://isw.sagepub.com/content/52/4/473.full.pdf+html>. Acesso em: 20 maio 2019.

FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p.106-132, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/196>. Acesso em: 20 maio 2019.

FERNANDES, M. G. M.; SANTOS, S. R. Políticas públicas e direitos do idoso: desafios da agenda social do Brasil contemporâneo. **Achegas.net**: revista de Ciência Política, Rio de Janeiro, v. 1, n. 34, p. 49-60, mar./abr. 2007. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/34/idoso_34.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

FEZ DECLARATION on media and Information Literacy. Fez, 2011. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/Fez%20Declaration.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

FIGUEIREDO, M. F. Ferramentas no julgamento avaliativo em ambiente web para buscas com vistas ao desenvolvimento de competência crítica em informação. **Conhecimento em ação**, v. 1, n. 2, p. 99-110, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/99>. Acesso em: 20 maio 2019.

FORSTER, M. Phenomenography: a methodology for information literacy research. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 48, n. 4, p. 353-362, 2015. Disponível em: < http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0961000614566481>. Acesso em: 20 maio 2019.

FREIRE, G. H. A. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/442>. Acesso em: 20 maio 2019.

FREIRE, I. M. A consciência possível para uma ética da informação na sociedade em rede. In: FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. **Ética da informação**: conceitos, abordagens, aplicações. João Pessoa: Ideia, 2010.

GALLACHER, R. Vulnerability. **Nursing Standard**. v. 27, n. 45, p. 49, 2013. Disponível em: < http://search-ebscohost-com.ez46.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=c8h&AN=104191448&lang=pt-br&site=ehost-live&authtype=ip,cookie,uid>. Acesso em: 20 maio 2019.

GANDRA, T. K.; DUARTE, A. B. S. Estudos de usuários na perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Informação e Sociedade**: Estudos, v. 22, n. 3, p. 13-23, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10861/8573>. Acesso em: 20 maio 2019.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200008 >. Acesso em: 20 maio 2019.

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Editora FCI/UnB, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf >. Acesso em: 20 maio 2019.

GIARDELLI, G. **Você é o que você compartilha**: e-agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede. São Paulo: Editora Gente, 2012.

GIDDENS, A. Algumas escolas da teoria social e filosofia. In.: GUIDDENS, A. **Novas regras do método sociológico**: uma crítica positiva às sociologias interpretativas. Lisboa: Gradiva, 1996.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In.: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERIERE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 386-409.

GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramaZero**: revista de ciência da informação, v. 9, n. 1, artigo 1, fev.

2008. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/3041>. Acesso em: 20 maio 2019.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 01, p. 27-40, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975>. Acesso em: 20 maio 2019.

GONZALEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 1, n. 6, Artigo 3, 2000. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

GRAÇAS, E. M. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: documentos que norteiam sua trajetória. **REME**: Revista Mineira de Enfermagem, v. 4, n. 1-2, p. 28-33, jan./dez. 2000. Disponível em: < http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-26583>. Acesso em: 20 maio 2019.

GREGORY, L.; HIGGINS, S. Information literacy and social justice: radical professional praxis. Sacramento: **Library Juice Press**, 2013. Disponível em: < http://libraryjuicepress.com/ILSJ-front.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

GUST, K. J. Teaching with Tiffany's: A go-lightly approach to information literacy instruction for adult and senior learners. **Reference Services Review**, v. 34, n. 4, p. 557-569, 2006. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00907320610716440>. Acesso em: 20 maio 2019.

HALLOWS, K. M. Health information literacy and the elderly: has the internet had an impact? **Serials Librarian**, v. 65, n. 1, p. 39-55, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0361526X.2013.781978>. Acesso em: 20 maio 2019.

HAMELINK, C. An alternative to news. **Journal of Communication**, v. 26, n. 4, p. 120-123, 1976. Disponível em: < https://academic.oup.com/joc/article-abstract/26/4/120/4553855?redirectedFrom=fulltext > Acesso em: 20 maio 2019.

HATSCHBACH, M. H. L.; OLINTO, G. Competência em Informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.4, n.1, p. 20-34, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64>. Acesso em: 20 maio 2019.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HIGH-LEVEL Colloquium on Information Literacy and Lifelong Learning Final Report. Alexandria: UNESCO/NFIL/IFLA, 2006. Disponível em: <http://www.ifla.org/III/wsis/High-Level-Colloquium.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Univerisitária, 2012.

HUSSERL, E. **Meditaciones Cartesianas**. Tradução de José Gaos Miguel Garcia. México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. **Estudos e Pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica**, n. 35, 2015. Disponível em: < http://ndonline.com.br/files/images/2015/12/04-12-2015-02-58-43-pesquisa-ibge.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica//populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm >. Acesso em: 20 maio 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Guia IBGE Cidades: Brasil em Síntese. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/panorama>. Acesso em: 15 abr. 2019a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mesorregiões do Estado de Santa Catarina. Centro de Referência em Nomes Geográficos: Referência e Identidade. Disponível em: <http://www.ngb.ibge.gov.br/?pagina=meso>. Acesso em: 20 maio 2019b.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Santa Catarina – Índice de Desenvolvimento humano. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 20 maio 2019c.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por amostra de domicílios contínua: Educação 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

INGWERSEN, P. Conceptions of Information Science. In.: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of Library and Information Science**: historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992. p. 299-312.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARIES ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida**. In: National Fórum on Information Literacy, 2005. Disponível em: <www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

JENKINS, H.; CLINTON, K.; PURUSHOTMA, R.; ROBISON, A.; WEIGEL, M. **Confronting the challenges of Participatory Culture**: Media Education for the 21st Century. Chicago: MacArthur, 2006. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED536086.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

JOHNSTON, N.; PARTRIDGE, H.; HUGHES, H. Understanding the information literacy experiences of EFL (English as a foreign language) students. **Reference Services Review**, v.

42, n. 4, p. 552-568, 2014. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/RSR-05-2014-0015>. Acesso em: 20 maio 2019.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

JUZNIC, P.; BLAZIC, M.; MERCUN, T.; PLESTENJAK, B.; MAJCENOVIC, D. Who says that old dogs cannot learn new tricks?: A survey of internet/web usage among seniors. **New Library World,** v. 107, n. 7-8, p. 332-345, 2006. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/03074800610677308>. Acesso em: 20 maio 2019.

KAPITZKE, C. (In)formation literacy: a positivist epistemology and a politics of (out)formation. **Educational Theory**, v. 53, n. 1, p. 37-53, 2003. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/5876/1/5876.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

KUHLTHAU, C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 361-371, set./out. 1991. Disponível em: <http://ptarpp2.uitm.edu.my/silibus/insidesearch2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

KUTNER, L.; ARMSTRONG, A. Rethinking Information Literacy in a Globalized World. **Communications in Information Literacy**, v. 6, n. 1, p. 24-33, 2012. Disponível em: <http://www.comminfolit.org/index.php?journal=cil&page=article&op=view&path%5B%5D=v6i1p24&path%5B%5D=142>. Acesso em: 20 maio 2019.

LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. Chaves para o terceiro milênio na era do conhecimento. In.: _____. **Informação e Globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Disponível em: < http://www.liinc.ufrj.br/pt/attachments/055_saritalivro.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE COADIC, Yves F. **Le besoin d'information**. Paris: ADBS Editions, 1998. 191 p.

LENKER, M. Motivated Reasoning, Political Information, and Information Literacy Education. **Portal Libraries and the Academy**, v. 16, n. 3, p. 511-528, 2016. Disponível em: <https://preprint.press.jhu.edu/portal/sites/ajm/files/16.3lenker.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

LENOX, M. F.; WALKER, M. L. Information Literacy: a challenge for the future. **NASSP Bulletin**, v. 78, n. 562, 1994. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019263659407856211>. Acesso em: 20 maio 2019.

LEVY, P. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001. 189 p.

LIMA, C.; BROWN, S. W. Global citizenship and new literacies providing new ways for social inclusion. **Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a02.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface**, V. 12, n.27, p.795-807, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000400010>. Acesso em: 20 maio 2019.

LIMA, M. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UnATI/UERJ. In: VERAS, R. P. (Org.). Velhice numa perspectiva de futuro saudável. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001. p. 33-99.

LLOYD, A. **Information Literacy**: the meta-competency of the knowledge economy? An exploratory paper. Journal of Librarianship and Information Science, s./l., v. 35, n. 2, 2003. Disponível em:<http://lis.sagepub.com/cgi/content/abstract>. Acesso em: 20 maio 2019.

LLOYD, A. **Information literacy landscapes**: information literacy in education, workplace and everyday contexts. Oxford: Chandos Publishing, 2010.

LOCKE, J. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, M. E. P. S. A velhice no século XXI: a vida feliz e ainda ativa na melhor idade. **ActaScientiarum**, Maringá, v. 34, n. 1, p. 27-30, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/16197/pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

LOUREIRO, A.; BARBAS, M. Active ageing: enhancing digital literacies in elderly citizens. **Lecture notes in Computer Science**, v. 8524, v. 2, p. 450-459, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-07485-6_44>. Acesso em: 20 maio 2019.

MAAR, W. L. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MACEDO, S. M. Análise fenomenológica de depoimentos escritos: apresentando e discutindo uma possibilidade. **Revista de estudos de psicologia**, v. 16, n. 1, p. 35-44, jan./abr. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v16n1/04.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MACHADO, A. L.; LIMA, F. E. T.; CAVALCANTE, T. F.; ARAÚJO, T. L. VIEIRA, N. F. C. Instrumentos de letramento em saúde utilizados nas pesquisas em enfermagem com idosos hipertensos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 35, n. 4, p. 101-107, 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/45139>. Acesso em: 20 maio 2019.

MACKLIN, R. Bioética, vulnerabilidade e proteção. In: GARRAFA V, PESSINI L, (orgs.). **Bioética**: poder e injustiça. São Paulo: Loyola, 2004. p. 59-70.

MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. **A genealogia do virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginários. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MAGNANI, M. C. B.; PINHEIRO, M. M. K. "Regime" e "Informação": a aproximação de dois conceitos e suas aplicações na ciência da informação. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: < http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3278/2899>. Acesso em: 20 maio 2019.

MANIFESTACIÓN DI PARAMILLO. San Cristóbal, noviembre de 2010. Disponível em: < https://pt.scribd.com/document/312406339/Declaracion-de-Paramillo>. Acesso em: 20 maio 2019.

MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS. Competência em Informação e as populações vulneráveis: de quem é a responsabilidade? FEBAB: IBICT: UnB: UNESP, Florianópolis, 2013. Documento elaborado durante o XXV CBBD – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Disponível em: < http://competencia-informacional.blogspot.com.br/2013/11/manifesto-de-florianopolis-sobre.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

MARCIANO, J. L. P. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: fenomenologia e hermenêutica. **Transinformação**, v. 18, n. 3, p. 181-190, set./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/666/646>. Acesso em: 20 maio 2019.

MARTELETTO, Regina. Conhecimento e Sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, M. A. **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p.101-115.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ; C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr. 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/136144/0>. Acesso em: 20 maio 2019.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, R. M. L. A relevância do apoio social na velhice. **Educação, ciência e tecnologia**, Viseu, p. 128-134, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/429/1/A%20relev%C3%A 2ncia%20do%20apoio.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos)

MASETTO, M. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In.: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. Curitiba: Atlas. 1996.

MATTELART, Armand. **História da sociedade do conhecimento.** São Paulo: Loyola, 2006.

MERRIAM, S. B. What is qualitative research? In.: **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco: Jossey-Bass, 1998, p. 3-25.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MIRANDA, S. V. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n.3, p. 99-114, set/dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MOVIMENTO. In: Dicionário Michaelis online da Língua Portuguesa. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/movimento/>. Acesso em: 20 maio 2019.

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JÚNIOR, V.; GALLO, P. R.; ROLIM NETO, M. L.; REIS, A. O. A. Entrevistas Narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 193-199, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

NERI, A. L. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007. p. 33-46.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). **E por falarem boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

NERI, A. L. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Editora Alínea, 2011. p. 13-61. (Coleção Velhice e sociedade)

NEUBERT, P.; DE LUCCA, D. M. **Estudo da produção científica mundial em Competência em Informação**: análise dos documentos indexados na Web Of Science – 1957-2017. Pré-print. 2019.

NORMAN, C. D; SKINNER, H. A. eHealth literacy: essential skills for consumer health in a networked world. **Journal of Medical Internet Research**, v. 8, n. 2, abr./jun. 2006. Disponível em: <http://www.jmir.org/2006/2/e9/>. Acesso em: 20 maio 2019.

OLIVEIRA, A. P.; VITORINO, E. V. A dimensão técnica da Competência Informacional: visão dos bibliotecários de referência das bibliotecas universitárias da grande Florianópolis, SC. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação, XV, 2014. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, ECI/UFMG, 2014. p. 2703-2722. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt6>. Acesso em: 20 maio 2019.

OLIVEIRA, A. P.; VITORINO, E. V. Os sentidos da dimensão técnica: abordagem sobre a competência em informação no âmbito da filosofia e da ciência da informação. **Logeion**: Filosofia da informação, v. 2, n. 2, p. 40-65, 2016. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1766/1970>. Acesso em: 20 maio 2019.

OLSEN, W. **Coleta de dados**: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: Penso, 2015.

ONU – Organização das Nações Unidas. Objetivos de desenvolvimento sustentável: 17 objetivos para transformar o nosso mundo. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 20 maio 2019.

ORELO; E. R. M.; VITORINO, E.V. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n4/04.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global health and aging**. National Institute of Aging, U.S. Department of Health and Human Services, 2010. Disponível em: <http://www.who.int/ageing/publications/global_health.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

OVIEDO, R. A. M.; CZERESNIA, D. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. **Interface**, Botucatu, n. 53, p. 237-250, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2015nahead/1807-5762-icse-1807-576220140436.pdf> Acesso em: 20 maio 2019.

PASKULIN, L. M. G.; BIERHALS, C. C. B. K.; VALER, D. B.; AIRES, M. GUIMARÃES, N. V.; BROCKER, A. R.; LANZIOTTI, L. H.; MORAIS, E. P. Alfabetização em saúde de pessoas idosas na atenção básica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 1, p. 129-135, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/85446>. Acesso em: 20 maio 2019.

PASQUALOTTI, A.; BARONE, D. A. C.; DOLL, J. Communication, Technology and Ageing: elderly, senior citizen groups and interaction process in the information age. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 435-445, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n2/a16v21n2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In.: BARROS, Myriam Moraes de Lins. **Velhice ou terceira idade**? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 69-85.

PELLEGRINI, E. **A dimensão ética da competência em informação**: a experiência narrada dos bibliotecários do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). 2016. 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PERRENOUD, P; THURLER, M. G. MACEDO, L; MACHADO, N. J.; ALESSANDRINI, C. D. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

PETTIGREW, K. Waiting for chiropody: contextual results from an ethnographic study of the information behaviour among attendees at community clinics. **Information Processing and Management**, s/l, v. 35, n. 3, p. 801-817, nov./dez. 1999. Disponível em: <https://ibec.ischool.uw.edu/pubs/foot.clinic.1999.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

PINHEIRO, L. V. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. **Investigación Bibliotecologica**, Cidade del Mexico, s/n, s/p., 1998. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/3884>. Acesso em: 20 maio 2019.

PINHEIRO, L. V. Informação: esse objeto obscuro da ciência da informação. **Morpheus**: estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4108/3759>. Acesso em: 20 maio 2019.

PINTO, M.; CORDÓN, J. A.; DÍAZ, R. G. Thirty years of information literacy (1977-2007): a terminological, conceptual and statistical analysis. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 42, n. 1, p. 3-19, mar. 2010. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0961000609345091>. Acesso em: 20 maio 2019.

PINTO, M.; ESCALONA-FERNÁNDEZ, M. I.; PULGARÍN, A. Information Literacy in social sciences and health sciences: a bibliometric study. **Scientometrics**, v. 95, n. 3, p. 1071-1094, jun 2013. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/EL-08-2015-0160?fullSc=1&journalCode=el>. Acesso em: 20 maio 2019.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In.: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERIERE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 154-211.

PORTELLA, M. R. **Grupos de terceira idade**: a construção da utopia do envelhecer saudável. Passo Fundo: UPF, 2004. 176 p.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. 2001. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

PRINCÍPIO. In: Dicionário Michaelis online da Língua Portuguesa. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/principio/>. Acesso em: 20 maio 2019.

RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 17-46, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1829>. Acesso em: 20 maio 2019.

RAFFIN, F. **Pequena introdução à filosofia**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2009.

RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In. BEUREN, I.M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006. Cap. 3, p.76-97.

RESENDE, M. C.; BONES, V. M.; SOUZA, I. S.; GUIMARÃES, N. K. Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. **Revista Psicologia para América Latina**, Cidade do México, v. 1, n. 5, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100015>. Acesso em: 20 maio 2019.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência de melhor qualidade. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RIZZOLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n2/a07v13n2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROCHA, F. I. F. Iluminismo. **Revista Jurídica do UNIARAXÁ**, Araxá, v. 17, n. 3, p. 139-160, 2006.

RODRIGUES, R. A. P.; KUSUMOTA, L.; MARQUES, S.; FABRÍCIO, S. C. C.; ROSSET-CRUZ, I.; LANGE, C. Política Nacional de atenção ao idoso e a contribuição da Enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 536-545, jul./set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n3/a21v16n3.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROUSSEAU, J. **Do Contrato Social ou Princípios do direito político**. São Paulo: PenguinClassics : Companhia das Letras, 2011. (Coleção Clássicos)

SÁNCHEZ VANDERKAST, E. J. Information Literacy, a Cornerstone of Democratic Society: A Component of an Information Policy. **Communications in Computer and Information Science**, v. 397, n. 1, p. 79-85, 2013. Disponível em:

<https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-03919-0_9>. Acesso em: 20 maio 2019.

SANTOS, E. M.; DUARTE, E. A.; PRATA, N. V. Cidadania e trabalho na sociedade da informação: uma abordagem baseada na competência informacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 3, p. 208-222, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n3/a14v13n3.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

SANTOS, M. I.; PORTELLA, M. R.; SCORTEGAGNA, H. M.; SANTOS, P. C. S. Letramento informacional em saúde na perspectiva da enfermagem Gerontológica: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, V. 18, N. 3, P. 651-664, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232015000300651&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 maio 2019.

SANTOS, M. I.; PORTELLA, M. R. Condições do letramento funcional em saúde de um grupo de idosos diabéticos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 1, p. 156-164, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000100156>. Acesso em: 20 maio 2019.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Revista RENE**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 77-94, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5837>. Acesso em: 20 maio 2019.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 20 maio 2019.

SCHRODER, U. O conceito sócio-filosófico de Alfredo Schutz e suas implicações epistemológicas para o campo da comunicação. **Significação**, v. 33, n. 26, p. 9-24, 2006. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/65631/68246>. Acesso em: 20 maio 2019.

SCHUTZ, A.; LUCKMANN; T. **The Structures of The-Life World**. Evanston: Northwestern University Press, 2000. v. 1.

SERRÃO, C.; VEIGA, S.; VIEIRA, I. Literacia em saúde: resultados obtidos a partir de uma amostra de pessoas idosas portuguesas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. esp. 2, p. 33-58, fev. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602015000100006>. Acesso em: 20 maio 2019.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc - Institucional. Disponível em: <https://sesc-sc.com.br/site/institucional/o-sesc>. Acesso em: 20 maio 2019a.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc - Histórico. Disponível em: <https://sesc-sc.com.br/site/institucional/historico>. Acesso em: 20 maio 2019b.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc - Unidades do SESC em Santa Catarina. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/site/portal/unidades-do-sesc-em-santa-catarina>. Acesso em: 20 maio 2019c.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc - Sobre o Sesc. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/>. Acesso em: 20 maio 2019d.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc – Trabalho Social com Idosos: Histórico. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/Assistencia/Trabalho+Social+com+Idosos/Historia>. Acesso em: 20 maio 2019e.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc – Trabalho Social com Idosos: Sobre o TSI. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/Assistencia/Trabalho+Social+com+Idosos/>. Acesso em: 20 maio 2019f.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc – Serviços oferecidos. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/site/portal/servicos>. Acesso em: 20 maio 2019g.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Sesc – Assistência. Trabalho social com grupos mobilizou 7.924 pessoas em Santa Catarina. 27 dez. 2017. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/site/assistencia/trabalho-social-com-grupos-mobilizou-7924-pessoas-em-santa-catarina>. Acesso em: 20 maio 2019h.

SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. Ciência da Informação, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 20 maio 2019.

SIANI, S. R.; CORREA, D. A.; LAS CASAS, A. L. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrinhada na experiência de vida. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 14, n. 1, p. 193-219, 2016. Disponível em: < http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/1002/670>. Acesso em: 20 maio 2019.

SMITH, L.N. School libraries, political literacy and information literacy provision: findings from a Scottish study. **Journal of Information Literacy**, v. 10, n. 2, p. 3-25, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11645/10.2.2097>. Acesso em: 20 maio 2019.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, F. C.; SILVA, A. C.; PIZARRO, D. C.; GARCEZ, E. F.; MENEZES, P. L. A busca do discurso do profissional da informação com o emprego da entrevista. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014, p. 2684-2702. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt6>. Acesso em: 20 maio 2019.

STRONG, M. L.; GUILLOT, L.; BADEAU, J. Senior CHAT: A model for health literacy instruction. **New Library World**, v. 113, n. 5-6, p. 249-261, 2012. Disponível em:

<https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/03074801211226337>. Acesso em: 20 maio 2019.

SURI, V. R.; CHANG, Y. K.; MAJID, S.; FOO, S. Health information literacy of senior citizens: a review. **Communications in Computer and Information Science**, v. 422, n. 1, p. 128-137, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-14136-7_14>. Acesso em: 20 maio 2019.

SVEINSDÓTTIR, H.; REHNSFELDT, A. Vulnerability. **Scandinavian journal of caring sciences**, v.19, n. 2, p. 85, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org.ez46.periodicos.capes.gov.br /10.1111/j.1471-6712.2005.00329.x>. Acesso em: 20 maio 2019.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods**: a guidebook and resource. 3. ed. Nova Iorque: John Willey, 1997.

TEIXEIRA, S. M**. Envelhecimento e trabalho no tempo de capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TEWELL, E. A decade of Critical Information Literacy: a review of the literature. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015. Disponível em <http://eprints.rclis.org/28163/2/a-decade-of-critical-information-literacy.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

THE LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION – CILIP. CILIP Definition of Information Literacy 2018. Information Literacy Group, 2018. Disponível em: <https://infolit.org.uk/ILdefinitionCILIP2018.pdf >. Acesso em: 20 maio 2019.

THE WORLD BANK. Life expectancy at birth, total (years). 2017. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/SP.DYN.LE00.IN>. Acesso em: 20 maio 2019.

THOMAS, S.; JOSEPH, C.; LACCETTI, J.; MASON, B.; MILLS, S.; PERRIL, S.; PULLINGER, K. Transliteracy: crossing divides. **First Monday**: Peer-Reviewed Journal on the Internet, v. 12, n. 12, 2007. Disponível em: <http://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/2060/1908>. Acesso em: 20 maio 2019.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 12, n. 3, p. 852-866, set./dez. 2012. Disponível em: < http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/issue/view/607>. Acesso em: 20 maio 2019.

TSENG, K. C.; HSU, C. L.; CHUANG, Y. H. Designing an intelligent health monitoring system and exploring user acceptance for the elderly. **Journal of Medical Systems**, v. 37, n. 6, p. 9967, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24037138>. Acesso em: 20 maio 2019.

UNESCO. **Educação e aprendizagem para todos**: olhares dos cinco continentes. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/INSTITUTES/UIL/confintea/pdf/Preparat

ory_Conferences/Conference_Documents/Latin_America_-_Caribbean/confinteavi_olhares_5_continentes.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

UNESCO. Relatório de Monitoramento Global de EPT - **Educação para todos 2000-2015**: progressos e desafios – relatório conciso Brasília: UNESCO, 2015. Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: < http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

VARELA, A. V. A explosão informacional e a mediação na construção do conhecimento. In: MIRANDA, A.; SIMEÃO, E. **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2006. Cap. 1, p. 15-32. (Comunicação da informação, v. 4)

VARELA, A. V. **Informação e autonomia**: a mediação segundo Feuerstein. 1. ed. São Paulo: SENAC, 2007.

VENTURI, G.; BOKANY, V. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007. p. 22-31.

VERAS, R. P. **País jovem de cabelos brancos**: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20396.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

VIANNA, W. B.; ENSSLIN, L. GIFFHORN, E. A integração sistêmica entre pós-graduação e educação básica no Brasil: contribuição teórica para um "estado da arte". **Revista Ensaio**: Avaliação e políticas públicas em educação, v. 19, n. 71, p. 327-344, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n71/a06v19n71.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

VIEIRA, A. J. Intersubjetividade e solipsismo nas Meditações Cartesianas de Husserl. **PERI**, v. 6, n. 1, p. 126-148, 2014. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/911>. Acesso em: 20 maio 2019.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA; D. Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**; Brasília, v. 38, n.3, p. 130-141, set/dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D.; Dimensões da Competência Informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40 n. 1, p.99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a08v40n1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

VITORINO, E. V. Análise dimensional da competência em informação: bases teóricas e conceituais para reflexão. **RICI**: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação, Brasília, v. 9, n. 2, p. 421-440, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/16051>. Acesso em: 20 maio 2019.

WAGNER, H. R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WATKINS, I.; XIE, B. eHealth literacy interventions for older adults: A systematic review of the literature. **Gerontechnology**, v. 13, n. 2, p. 304, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4260003/>. Acesso em: 20 maio 2019.

WEFFORT, F. **Os clássicos da Política**. São Paulo: Ática, 1995.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v. 9, n. 4, 1975. Disponível em: <http://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da informação**, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

WILLIAMSON, K.; ASLA, T. Information behavior of people in the fourth age: Implications for the conceptualization of information literacy. **Library and Information Science Research**, s/l, v. 31, n. 2, p. 76-83, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/248545135_Information_behavior_of_people_in_the_fourth_age_Implications_for_the_conceptualization_of_information_literacy>. Acesso em: 20 maio 2019.

WOLTON, D. **Internet, e depois**? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Definition of an older or elderly person. 2013. Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>. Acesso em: 20 maio 2019.

ZEFERINO, M. T.; CARRARO, T. E. Alfred Schütz: do referencial teórico-filosófico aos princípios metodológicos de pesquisa fenomenológica. **Texto contexto - Enfermagem**, v. 22, n. 3, p.826-834, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000300032>. Acesso em: 20 maio 2019.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da abordagem Gestáltica**, v. 13, n. 2, p. 216-221, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ZURKOWSKI, P. **Information services environment**: relationships and priorities. Washington: National Commission on Libraries, 1974. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED100391>. Acesso em: 20 maio 2019.

APÊNDICE A – O PROCESSO DE REVISÃO DE LITERATURA PARA A IDENTIFICAÇÃO DO ESTADO DA ARTE DAS TEMÁTICAS ENVOLVIDAS NA PESQUISA

A revisão de literatura para a identificação do estado da arte das temáticas "competência em informação do idoso" e "dimensão política da competência em informação" envolveu um processo idealizado por Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011). Trata-se de um *design* de pesquisa composto por um processo estruturado, que favorece a identificação do *status* dos conhecimentos já produzido.

O processo estruturado inicia no delineamento da estratégia de busca, que inclui a seleção das bases de dados, a escolha das palavras-chave para a busca, e, ainda, permite outras seleções, como os critérios de exclusão e a seleção das áreas do conhecimento. Esses processos são conduzidos pelos pesquisadores, os quais possuem total domínio dos procedimentos mencionados. Os pesquisadores também possuem papel fundamental na etapa que inclui a seleção das publicações que, de fato, irão representar o *corpus* da pesquisa. Essa amostra é recuperada a partir da análise do conteúdo do texto (título e/ou resumo), que é realizada a partir de critérios de alinhamento e aderência dos artigos à proposta da investigação.

A estratégia de busca incluiu a base de dados *Scopus*, a *Web of Science* (WoS) e *Library and Information Science Abstracts* (LISA) para representar o status das pesquisas em nível internacional – e a SciELO – que é uma biblioteca eletrônica para a publicação cooperativa de periódicos científicos na internet – para revelar o status do desenvolvimento da temática na Ibero-América. Ambas as fontes são multidisciplinares, e fornecem-nos também algumas compreensões acerca das áreas do conhecimento que compõem o estado da arte da temática, tanto em nível internacional quanto em nível local.

A estratégia de busca utilizada para a revisão de literatura está exposta no quadro 1. Foram considerados úteis para a pesquisa os artigos científicos revisados pelos pares, publicados em periódicos acadêmicos entre 2006 e 2016 e que apresentam as palavras-chave da estratégia de busca no resumo da publicação. Por conta da busca das áreas do conhecimento envolvidas nas pesquisas da temática, a busca não utilizou seleção de áreas específicas do conhecimento.

Os achados na literatura trouxeram algumas percepções. Em primeiro lugar, devemos considerar que o sistema não recuperou resultados que combinem a dimensão política da competência em informação e idoso. Por outro lado, é possível encontrar resultados úteis – pelo menos em nível internacional – que contemplam as temáticas de modo isolado. Ainda, é

possível identificar um número expressivo de pesquisas que correspondem às estratégias de busca que envolvem a dimensão política. A busca na *Scopus*, por exemplo, recuperou 89 resultados que correspondem aos elementos da estratégia de busca. Ressaltamos que, nesta investigação, a dimensão política da competência em informação é explorada a partir do viés da Filosofia Política, a qual compreende a cidadania, a liberdade e as relações sociais. Entendemos, também, que a palavra política, de um modo geral, é utilizada sob muitos aspectos, por estar relacionada às atividades dos seres humanos interagindo na sociedade.

Quadro 1: resultados da busca nas bases de dados

Base de dados	**Estratégia de Busca**	**No. de Resultados**
LISA	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (elderly OR elder*) AND ("political dimension" OR politic*)	0
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (elderly OR elder*)	9
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (elderly OR elder*) NOT health	5
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (“political dimension” OR politic*)	72
WoS	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (elderly OR elder*) AND ("political dimension" OR politic*)	0
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND elder*	12
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND elder* NOT health	5
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (“political dimension” OR politic*)	57
SCOPUS	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (elderly OR elder*) AND ("political dimension" OR politic*)	0
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (elderly OR elder*)	15
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND elder* NOT health	3
	("information literacy" OR "information skills" OR "information competence") AND (“political dimension” OR politic*)	89
SciELO	(“competência em informação” OR “competência informacional” OR “alfabetização informacional”) AND (idoso* OR velhice OR “terceira idade”) AND (“dimensão política” OR “política*”)	0
	(“competência em informação” OR “competência informacional”) AND (idoso* OR velhice OR “terceira idade”)	0
	(“alfabetização informacional” OR “habilidade* informacional*”) AND (idoso* OR velhice OR “terceira idade”)	0
	“literacia da informação” AND (idoso* OR velhice OR “terceira idade”)	0
	(“alfabetización em información” OR “habilidades informativas” OR “competências informacionales”) AND (ancianos OR “persona* mayor*”)	0
	(“competência em informação” OR “competência informacional” OR “alfabetização informacional” OR “literacia informacional” “habilidade* informaciona*”) AND (“dimensão política” OR “política*”)	14

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

Assim, a maioria dos resultados recuperados a partir dessas estratégias pouco se relacionam com os aspectos da dimensão política aqui apresentados, os quais originam-se a partir da Filosofia Política. No entanto, verificamos que existem alguns que trazem contribuições para a pesquisa, e, dessa forma, não optamos por retroalimentar o sistema de busca a partir de novas estratégias.

Também foi possível constatar – dessa vez com relação às estratégias de busca envolvendo o idoso – que, dentre os resultados, incluem-se artigos que utilizam outra conotação para o termo termo *seniors*: encontramos, dentre os resultados encontrados, artigos abordando sobre *senior colleges, senior level students, senior nurses,* etc. Outra percepção diz respeito a ausência de literatura contemplando a competência em informação do idoso em âmbito local (Ibero-América). Essas percepções levaram a execução de duas ações: 1) a seleção de documentos para descartar aquelas pesquisas que utilizam o termo *seniors* de forma polissêmica e 2) retroalimentação do sistema para a ampliação do escopo da busca envolvendo a competência em informação do idoso em âmbito local. A expansão dessa abrangência é útil para identificar movimentos similares à competência em informação, que podem colaborar para a identificação do estado da arte dessa temática. É importante salientar que essas ações são previstas pelo processo estruturado elaborado por Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011).

A retroalimentação do sistema foi executada na base de dados SciELO e as estratégias de busca utilizadas para essa segunda "investida na literatura" estão disponíveis no Quadro 2.

Quadro 2: Retroalimentação do sistema: estratégia de busca booleana e artigos recuperados na base de dados SciELO

Estratégia de busca – segunda busca – SciELO	Núm. de docs. Recuperados
Informac* AND idos*	673
Informac* AND velhice	21
Informac* AND "terceira idade"	47
Informacion* AND personas mayores	297
Informacion* AND ancian*	315

Fonte: Da autora. Dados obtidos na pesquisa.

Essa segunda busca possibilitou-nos identificar uma linha de investigação desenvolvida na Ibero-América de pesquisas sobre "literacia em saúde", ou "alfabetização em saúde, que possuem relação com a competência em informação. A segunda busca também incluiu o processo de seleção, já previsto no processo estruturado de Vianna, Ensslin e Giffhorn (2011).

A condução do processo deu forma a um corpo de 29 artigos, que representa o estado da arte das temáticas envolvidas no projeto. Desse total:

- 17 (dezessete) documentos correspondem à temática “competência em informação de idosos”, sendo doze representando a temática em âmbito internacional e cinco representando a temática em âmbito local;
- 14 (catorze) artigos correspondem à temática “dimensão política da competência em informação”, sendo nove representando a temática em âmbito internacional e cinco representando a temática em âmbito local;

Os documentos são apresentados e contextualizados com a proposta de pesquisa ao longo da seção 3.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Djuli Machado De Lucca, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estou realizando a pesquisa de tese intitulada PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA, sob a orientação da Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino, Professora desde programa. Minha pesquisa tem o objetivo de estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de GTI sob o foco da dimensão política (relações sociais). Esse instrumento será criado a partir das narrativas de idosos sobre as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação, em conjunto com as falas de dirigentes/mediadores de GTI sobre elementos da competência em informação de idosos. Para tanto, realizo uma entrevista, face a face, que será utilizada, em conjunto com a literatura, para interpretar os resultados. Você poderá fazer perguntas, esclarecer dúvidas e poderá inclusive, desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Asseguro-lhe, desde já, que as informações que me forem confiadas terão sigilo e sua identidade será preservada. O conteúdo de sua entrevista será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os participantes. Uma via do termo, contendo as assinaturas, será disponibilizada para sua consulta.

_____
Pesquisadora:
Djuli Machado De Lucca

Eu, _____,
RG/CPF no. _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA e concordo que o conteúdo de minha entrevista seja utilizado na realização deste estudo. Data:___/___/_____

_____
Assinatura

APÊNDICE C – TÓPICO INICIAL DA ENTREVISTA NARRATIVA COM IDOSOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Pesquisa de tese: Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política

Doutoranda: Djuli Machado de Lucca
Orientadora: Elizete Vieira Vitorino

TÓPICO INICIAL DA NARRATIVA COM IDOSOS

Os dados advindos das narrativas suscitadas por via deste tópico inicial buscam atingir o objetivo específico alínea c): revelar, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI);

Me conte sobre as experiências com informação e conhecimento na sua vida: sobre suas experiências pessoais, profissionais e sobre sua trajetória aqui no Sesc.

Elementos de direcionamento das narrativas:

- Aspectos da competência em informação de um modo geral: necessidades de informação; busca; uso; avaliação e comunicação da informação;
- Aspectos da dimensão política da competência em informação: cidadania; relações sociais; habilidades sociopolíticas; responsabilidade social; pensamento crítico; liberdade.
- Aspectos da vivência em conjunto: identificação do papel das redes de apoio social na promoção da competência em informação de idosos.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MEDIADORES GTI



Pesquisa de tese: Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política
Doutoranda: Djuli Machado de Lucca
Orientadora: Elizete Vieira Vitorino

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MEDIADORES DE GTI

Os dados advindos das falas suscitadas por via deste roteiro buscam atingir o objetivo específico alínea c): identificar, a partir das falas de mediadores de GTI, elementos da competência em informação de idosos.

Me conte um pouco sobre as atividades desenvolvidas pelos idosos nesta unidade.

Como você acha que as atividades aqui desenvolvidas influenciam nos processos de necessidades, busca e uso da informação?

Me conte um pouco sobre a vivência no coletivo desses idosos. Como ocorrem as trocas informacionais neste ambiente, entre os sujeitos?

APÊNDICE E – FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Este formulário faz parte da pesquisa de tese intitulada PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA, desenvolvida por Djuli Machado de Lucca sob a orientação da Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa tem o objetivo de estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de GTI sob o foco da dimensão política (relações sociais). Esse instrumento será criado a partir das narrativas de idosos sobre as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação, em conjunto com as falas de dirigentes/mediadores de GTI sobre elementos da competência em informação de idosos. Este formulário é útil para a identificação dos sujeitos da pesquisa, bem como suas características pessoais, sociais e hábitos de vida. Asseguro-lhe, desde já, que as informações que me forem confiadas terão sigilo e sua identidade será preservada. O conteúdo das informações aqui oferecidas será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os participantes.

Bloco 1 – Dados Gerais

Idade:_____ Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino

Escolaridade:_____

Profissão: _____

É aposentado(a)? ( )Sim ( )Não/Possui algum rendimento? ( ) Sim ( ) Não

Mora: ( ) Sozinho(a) ( ) Com companheiro(a)/cônjuge ( ) Com Filho(s) ( ) Outros

Possui Filhos? ( )Sim. Quantos?_____ ( ) Não

Bloco 2 – Informações sobre relações sociais

Há quanto tempo participa do grupo de idosos:

_____

Participa de quais projetos dentro do Sesc?

_____

Participa de outras iniciativas de formação de redes de apoio social? Quais?

_____

APÊNDICE F - OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

Florianópolis, março de 2018.

À Sra.
Gisele Mara Schena
Gerente Assistência do SESC Santa Catarina

Ref.
Solicitação de autorização para desenvolvimento de pesquisa com os idosos que participam do Trabalho Social com Grupos.

Eu, Djuli Machado De Lucca, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina, estou desenvolvendo a pesquisa de tese intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", sob orientação da Dra. Elizete Vieira Vitorino, professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade. A pesquisa tem o objetivo de estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de GTI sob o foco da dimensão política (relações sociais). Para tal, peço autorização para realizar entrevistas com os idosos que participam das atividades do Trabalho Social com Grupos, bem como com os mediadores envolvidos em tais atividades. Ressalto que a entrevista será realizada de forma voluntária, mediante o consentimento dos sujeitos. A coleta de dados acontecerá entre o terceiro trimestre de 2018 e o primeiro trimestre de 2019. A qualquer momento vossa senhoria poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa que está sendo realizado. Também solicito autorização para consultar os documentos referentes às atividades.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados no texto da tese e possíveis publicações científicas. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição, como o nome e outras informações pessoais.

Uma cópia do roteiro de entrevista está em anexo. Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

_____
Djuli Machado De Lucca

____

_____
Elizete Vieira Vitorino
Pesquisadora Orientadora

APÊNDICE G – AUTORIZAÇÕES DAS UNIDADES DO SESC PARA A PESQUISA

Sesc

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Serviço Social do Comércio (Sesc) da Unidade **Brusque** tomei conhecimento da pesquisa intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", desenvolvida por Djuli Machado de Lucca, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução nos seguintes termos propostos: a seleção dos pesquisados será composta por dois a três idosos e um técnico da área Trabalho Social com Grupos desta unidade do Sesc/SC, os idosos serão selecionados de acordo com os critérios do Técnico da área Trabalho Social com Grupos do Sesc com o consentimento dos Idosos, estes precisarão estar inscritos em pelo menos um Grupo Social na área Trabalho Social com Grupos, a realização de entrevista deve perdurar até 60 minutos cada, podendo acontecer , preferencialmente, fora dos horários das atividades relacionadas aos projetos do Trabalho Social com Idosos - TSI desenvolvidas em cada unidade selecionada. A doutoranda deverá seguir os roteiros e entrevistas que **estão em anexo**, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a Doutoranda deverá entregar uma cópia da dissertação a área técnica Trabalho Social com Grupos do Sesc/SC, a qual replicará para as unidades operacionais participantes, além de preparar um documento explicativo para devolutiva aos Idosos selecionados para esta pesquisa. Os prazos das entrevistas estão previstas para o 1° trimestre de 2019.

Brusque, 15 de agosto 2018.

Edemar Luiz Aléssio
Gerente do Centro de Atividades de Brusque

NOME: Edemar Luiz Aléssio

CARGO: Gerente

Edemar Luiz Aléssio
Gerente do Centro de Atividades de Brusque

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL:

Departamento Regional SESC/SC

Rua Felipe Schmidt, 785, Centro, 88010-002 | Florianópolis/SC
www.sesc-sc.com.br | sesc-sc@sesc-sc.com.br
Fone/Fax: (48) 3251 4800

Sesc

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Serviço Social do Comércio(Sesc) da Unidade **Chapecó**, tomei conhecimento da pesquisa intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", desenvolvida por Djuli Machado de Lucca, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução nos seguintes termos propostos: a seleção dos pesquisados será composta por dois a três idosos e um técnico da área Trabalho Social com Grupos desta unidade do Sesc/SC, os idosos serão selecionados de acordo com os critérios do Técnico da área Trabalho Social com Grupos do Sesc com o consentimento dos Idosos, estes precisarão estar inscritos em pelo menos um Grupo Social na área Trabalho Social com Grupos, a realização de entrevista deve perdurar até 60 minutos cada, podendo acontecer , preferencialmente, fora dos horários das atividades relacionadas aos projetos do Trabalho Social com Idosos - TSI desenvolvidas em cada unidade selecionada. A doutoranda deverá seguir os roteiros e entrevistas que **estão em anexo**, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a Doutoranda deverá entregar uma cópia da dissertação a área técnica Trabalho Social com Grupos do Sesc/SC, a qual replicará para as unidades operacionais participantes, além de preparar um documento explicativo para devolutiva aos Idosos selecionados para esta pesquisa. Os prazos das entrevistas estão previstas para o 1º trimestre de 2019.

Chapecó, 15 de agosto 2018.

NOME : Vanderléa Souza da Silva

CARGO: Gerente

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL:

VANDERLÉA LUIZA DA SILVA
Gerente SESC Chapecó

Departamento Regional SESC/SC

Rua Felipe Schmidt, 785, Centro, 88010-002 | Florianópolis/SC
www.sesc-sc.com.br | sesc-sc@sesc-sc.com.br
Fone/Fax: (48) 3251 4800

Sesc

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Serviço Social do Comércio (Sesc) da Unidade **Criciúma** tomei conhecimento da pesquisa intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", desenvolvida por Djuli Machado de Lucca, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução nos seguintes termos propostos: a seleção dos pesquisados será composta por dois a três idosos e um técnico da área Trabalho Social com Grupos desta unidade do Sesc/SC, os idosos serão selecionados de acordo com os critérios do Técnico da área Trabalho Social com Grupos do Sesc com o consentimento dos Idosos, estes precisarão estar inscritos em pelo menos um Grupo Social na área Trabalho Social com Grupos, a realização de entrevista deve perdurar até 60 minutos cada, podendo acontecer , preferencialmente, fora dos horários das atividades relacionadas aos projetos do Trabalho Social com Idosos - TSI desenvolvidas em cada unidade selecionada. A doutoranda deverá seguir os roteiros e entrevistas que **estão em anexo**, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a Doutoranda deverá entregar uma cópia da dissertação a área técnica Trabalho Social com Grupos do Sesc/SC, a qual replicará para as unidades operacionais participantes, além de preparar um documento explicativo para devolutiva aos Idosos selecionados para esta pesquisa. Os prazos das entrevistas estão previstas para o 1º trimestre de 2019.

Criciúma, 15 de agosto 2018.

NOME : Ema Lucia Mezari

CARGO: Gerente Sesc Criciúma

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL:

Ema Lucia Mezari
Gerente SESC CRICIÚMA

Departamento Regional SESC/SC

Rua Felipe Schmidt, 785, Centro, 88010-002 | Florianópolis/SC
www.sesc-sc.com.br | sesc-sc@sesc-sc.com.br
Fone/Fax: (48) 3251 4800

Sesc

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Serviço Social do Comércio (Sesc) da Unidade **Florianópolis**, tomei conhecimento da pesquisa intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", desenvolvida por Djuli Machado de Lucca, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução nos seguintes termos propostos: a seleção dos pesquisados será composta por dois a três idosos e um técnico da área Trabalho Social com Grupos desta unidade do Sesc/SC, os idosos serão selecionados de acordo com os critérios do Técnico da área Trabalho Social com Grupos do Sesc com o consentimento dos Idosos, estes precisarão estar inscritos em pelo menos um Grupo Social na área Trabalho Social com Grupos, a realização de entrevista deve perdurar até 60 minutos cada, podendo acontecer, preferencialmente, fora dos horários das atividades relacionadas aos projetos do Trabalho Social com Idosos - TSI desenvolvidas em cada unidade selecionada. A doutoranda deverá seguir os roteiros e entrevistas que **estão em anexo**, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a Doutoranda deverá entregar uma cópia da dissertação a área técnica Trabalho Social com Grupos do Sesc/SC, a qual replicará para as unidades operacionais participantes, além de preparar um documento explicativo para devolutiva aos Idosos selecionados para esta pesquisa. Os prazos das entrevistas estão previstas para o 1º trimestre de 2019.

Florianópolis, 10 de setembro 2018.

Selma Junkes
ente - SESC - Florianópolis

NOME: Selma Junkes

CARGO: Gerente

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL:

Departamento Regional SESC/SC

Rua Felipe Schmidt, 785, Centro, 88010-002 | Florianópolis/SC
www.sesc-sc.com.br | sesc-sc@sesc-sc.com.br
Fone/Fax: (48) 3251 4800

Sesc

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Serviço Social do Comércio (Sesc) da Unidade **Joinville,** tomei conhecimento da pesquisa intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", desenvolvida por Djuli Machado de Lucca, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares.Essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução nos seguintes termos propostos: a seleção dos pesquisados será composta por dois a três idosos e um técnico da área Trabalho Social com Grupos desta unidade do Sesc/SC, os idosos serão selecionados de acordo com os critérios do Técnico da área Trabalho Social com Grupos do Sesc com o consentimento dos Idosos, estes precisarão estar inscritos em pelo menos um Grupo Social na área Trabalho Social com Grupos, a realização de entrevista deve perdurar até 60 minutos cada, podendo acontecer , preferencialmente, fora dos horários das atividades relacionadas aos projetos do Trabalho Social com Idosos - TSI desenvolvidas em cada unidade selecionada. A doutoranda deverá seguir os roteiros e entrevistas que **estão em anexo**, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a Doutoranda deverá entregar uma cópia da dissertação a área técnica Trabalho Social com Grupos do Sesc/SC, a qual replicará para as unidades operacionais participantes, além de preparar um documento explicativo para devolutiva aos Idosos selecionados para esta pesquisa. Os prazos das entrevistas estão previstas para o 1º trimestre de 2019.

Joinville, 15 de agosto 2018.

NOME : JOSUE RUBENS KLEINHEMPL

CARGO: GERENTE SESC JOINVILLE

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL:

Departamento Regional SESC/SC

Rua Felipe Schmidt, 785, Centro, 88010-002 | Florianópolis/SC
www.sesc-sc.com.br | sesc-sc@sesc-sc.com.br
Fone/Fax: (48) 3251 4800

Sesc

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Serviço Social do Comércio (Sesc) da Unidade **Lages** tomei conhecimento da pesquisa intitulada "PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA", desenvolvida por Djuli Machado de Lucca, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução nos seguintes termos propostos: a seleção dos pesquisados será composta por dois a três idosos e um técnico da área Trabalho Social com Grupos desta unidade do Sesc/SC, os idosos serão selecionados de acordo com os critérios do Técnico da área Trabalho Social com Grupos do Sesc com o consentimento dos Idosos, estes precisarão estar inscritos em pelo menos um Grupo Social na área Trabalho Social com Grupos, a realização de entrevista deve perdurar até 60 minutos cada, podendo acontecer , preferencialmente, fora dos horários das atividades relacionadas aos projetos do Trabalho Social com Idosos - TSI desenvolvidas em cada unidade selecionada. A doutoranda deverá seguir os roteiros e entrevistas que **estão em anexo**, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a Doutoranda deverá entregar uma cópia da dissertação a área técnica Trabalho Social com Grupos do Sesc/SC, a qual replicará para as unidades operacionais participantes, além de preparar um documento explicativo para devolutiva aos Idosos selecionados para esta pesquisa. Os prazos das entrevistas estão previstas para o 1º trimestre de 2019.

Lages, 05 de setembro 2018.

Claudio Renato de Souza

NOME: CLAUDIO RENATO de SOUZA.

CARGO: GERENTE.

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL: Claudio Renato de Souza
Gerente SESC Lages

Departamento Regional SESC/SC

Rua Felipe Schmidt, 785, Centro, 88010-002 | Florianópolis/SC
www.sesc-sc.com.br | sesc-sc@sesc-sc.com.br
Fone/Fax: (48) 3251 4800

APÊNDICE H – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO IDOSO SOB O FOCO DA DIMENSÃO POLÍTICA

Pesquisador: ELIZETE VIEIRA VITORINO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03606318.6.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.065.780

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de tese de doutoramento em Ciências da Informação, de Djuli Machado de Lucca, orientado pela profª drª Elizete Vieira Vitorino. A pesquisa aborda a dimensão política da competência em informação do idoso, partindo-se do princípio que este sujeito encontrar-se em situação de vulnerabilidade social, e, dessa forma, o desenvolvimento desta competência pode representar uma estratégia para minimizar tal condição. Com o fim de desenvolver um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de Grupo da Terceira Idade (GTI), a pesquisadora propõe um pesquisa qualitativa, tendo como método a realização de entrevistas narrativas com idosos, além de entrevistas semi-estruturadas com gestores e aplicação de questionário.

As entrevistas serão realizadas em 06 unidades do SESC (Lages, Joinville, Florianópolis, Criciúma, Chapecó e Brusque), com 04 idosos de cada unidade [n=24] e que frequentam o GTI, além de entrevistas com um gestor de cada SESC [n=6], totalizando 30 entrevista. Espera-se como resultado a criação dos princípios para o desenvolvimento da competência em informação, que podem ser úteis para a criação de programas ou projetos de competência em informação em diferentes ambientes e instituições de apoio e atenção ao

idoso, inclusive de apoio para a formação de políticas públicas para a competência em informação do idoso.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br



Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Essa pesquisa tem como objetivo geral criar um conjunto de princípios para o desenvolvimento da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI) sob o foco da dimensão política (relações sociais).

Objetivos específicos:

a) Apresentar, com base na literatura, o movimento da competência em informação;

b) Revelar, a partir da literatura, as características sociais do idoso que participa de Grupos da Terceira Idade (GTI);

c) Descrever, a partir das narrativas de idosos, as manifestações referentes à dimensão política da competência em informação de idosos participantes de Grupos da Terceira Idade (GTI);

d) Descrever, a partir das falas de dirigentes de GTI, elementos da competência em informação de idosos;

e) Delinear, a partir da literatura e das falas de idosos e de dirigentes de GTI, princípios da dimensão política competência em informação do idoso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo à pesquisadora, inclui-se como riscos e benefícios:

Riscos: apontamos que os riscos da pesquisa serão mínimos. Porém, os riscos possíveis poderão implicar em possível exposição de recordações/vivências desagradáveis que podem levar a algum desconforto emocional.

Benefícios: A descrição das essências dessas experiências, pelos próprios sujeitos, pode ter efeito catártico. Ainda, salientamos que os benefícios que a pesquisa deve proporcionar para os idosos envolvem a criação de programas para o desenvolvimento da competência em informação direcionados para esse grupo, que podem estimular o

desenvolvimento da autonomia, da independência, do empoderamento pessoal e do desenvolvimento social. Esses benefícios são inerentes ao desenvolvimento da competência em informação, e estão socializados na literatura científica.

Ressalto que os riscos e benefícios indicados no TCLE apresentam-se adequados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa envolve população identificada pelas pesquisadoras como vulnerável que será submetida à entrevista narrativa, cuja proposta se baseia nas histórias de vida, implicando em vir à tona memórias, situação que por vezes pode acarretar em riscos mais profundos aos participantes.

Por esta razão e sendo a pesquisa designada como Ciências Sociais Aplicadas, entendo que há a necessidade de adequação à legislação pertinente, qual seja, a Resolução nº 510/2016, especialmente no tocante aos riscos, benefícios e TCLEs.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: Assinada pela pesquisadora responsável e coordenador da PGCIN.

AUTORIZAÇÕES: Apresenta 6 autorizações, para cada unidade institucional, especificando os termos de comprometimento da pesquisadora, inclusive na forma de acesso aos resultados da pesquisa, quantidade de participantes, seleção dos participantes, tempo de entrevista e local.

PESQUISADOR ASSISTENTE/EQUIPE: adicionado.

CRONOGRAMA: Nas autorizações do SESC e no cronograma da PB foi informado que a abordagem aos participantes ocorrerá no 1o. trimestre de 2019.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS: anexado.

QUESTIONÁRIO: anexado apenas no projeto.

TCLE: Adequado e atende essencialmente todas as exigências da res. 466/12.

Recomendações:

Corrigir no TCLE a informação do nome da pesquisadora (indicado no penúltimo parágrafo como "Guilherme Goulart Righetto").

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

Continuação do Parecer: 3.065.780

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1223210.pdf	28/11/2018 02:06:37		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo.docx	28/11/2018 02:06:17	ELIZETE VIEIRA VITORINO	Aceito
Outros	roteiro_entrevista_mediadores.pdf	02/10/2018 11:20:17	ELIZETE VIEIRA VITORINO	Aceito
Outros	topico_narrativa.pdf	02/10/2018 11:18:22	ELIZETE VIEIRA VITORINO	Aceito
Outros	autorizacoes.pdf	02/10/2018 10:05:39	ELIZETE VIEIRA VITORINO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_tese_Djuli_banca.pdf	02/10/2018 10:03:34	ELIZETE VIEIRA VITORINO	Aceito
Folha de Rosto	plataforma_Br.pdf	26/09/2018 11:52:59	ELIZETE VIEIRA VITORINO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

FLORIANOPOLIS, 07 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

IDOSOS

NARRADORA 1

P1: Não precisa nem pensar muito sobre o conhecimento, eu queria que a senhora me dissesse um pouco sobre isso, sobre o conhecimento na vida da senhora, as suas experiências com o conhecimento. **E1:** Ah, minhas experiências são ótimas, são muito boas. Porque, assim, aqui no SESC eu participo de segunda a quinta, eu jogo vôlei, Vôlei Câmbio. Aí na terça-feira eu estou aqui a tarde de novo para o grupo da terceira idade, na quinta-feira eu estou no outro SESC — que fica lá no centro, lá daí eu faço aula de canto coral e, na sexta-feira, estou lá novamente fazendo exercício com dança. Então, são muitas participações, eu participo de várias atividades. **P1:** POIS É… **E1:** É de segunda...é de segunda a sexta sem parar, todos os dias [risos]. **P1:** Deixa eu até anotar aqui, então a senhora participa além do Ativa+ no SESC e de mais alguns? **E1:** Sim. **P1:** São o quê? Quatro? Três? **E1:** São, deixa eu ver...são um, dois, três, quatro, cinco...são seis atividades. **P1:** NOSSA, é o Ativa+, o volêi... **E1:** O volêi, a dança, o canto coral, é... o exercício no Angeloni, duas vezes por semana também, antes de vir aqui jogar, já vou lá fazer exercício no Angeloni. **P1:** HUM… **E1:** AHAM, é na segunda e na quarta. Depois eu venho jogar, daí a gente faz mais exercício que faz um treinamento, né. **P1:** Aquecimento eu acho, né? **E1:** Um aquecimento antes do jogo. **P1:** No início, né? **E1:** Uhum, é tudo isso e tem o Vida e Saúde que é uma vez por mês. Toda quinta-feira. Na última quinta-feira do mês a gente participa da Vida e Saúde. **P1:** No SESC também? **E1:** No restaurante do SESC. **P1:** HUM…o quê que a senhora procura nesses grupos de convívio? Não só aqui no SESC, porque a senhora também falou que fazia dança. O quê que a senhora procura nesses locais? **E1:** Olha, é que na verdade eu me sinto bem participando dessas atividades, que aqui a gente faz novas amizades, né, conhece novos amigos e tudo de bom é o exercício que a gente faz aqui jogando. **P1:** Uhum **E1:** Isso aí é muito bom. Aí no sábado e no domingo, que eu não jogo na segunda-feira, eu já parece que eu chego assim... tudo... sabe? Aí quando eu tô jogando, nossa eu tô elétrica. No dia que, é, no sábado e na segunda já.. no sábado e no domingo já não tô... assim sabe com aquele pique todo **P1:** Uhum. **E1:** Porque é muito bom. **P1:** E, me conta, assim..é...a senhora faz além do Ativa+, outras atividades que não são de...assim... de jogar, de vôlei, né? E o quê que a senhora procura nesses lugares assim? Quando não é pra jogar vôlei… **E1:** No canto coral? **P1:** Uhum. **E1:** No coral? **P1:** Essas coisas. **E1:** Ah, porque eu adoro cantar. A música e a dança estão no meu sangue desde que eu nasci. **P1:** Ah, que bonito. **E1:** Nossa, eu adoro. **P1:** Qual era a profissão da senhora? O quê que a senhora fazia antes de se aposentar? **E1:** Eu? Eu trabalhava como diarista, eu gostava muito, eu adorava isso aí. **P1:** E gostava de cantar? **E1:** Eu gostava de tudo que fazia, mas eu não largava as minhas atividades. Eu trabalhava, mas eu tirava tempo para fazer essas atividades aí. Sempre fazia. **P1:** Que legal, na vida da senhora, assim...é…no dia a dia da senhora, existem algumas coisas que a senhora, algumas atividades, que a senhora vai fazer, que a senhora não consegue ou alguns conhecimentos que a senhora quer ter que a senhora não tem e gostaria de ter? Assim... ou porque falta informação ou porque falta conhecimento mesmo, existem algumas partes da vida da senhora assim que a senhora chega: "Puxa vida eu não tenho conhecimento sobre isso."? **E1:** Não. **P1:** Não?! **E1:** Não. **P1:** A senhora usa aparelho telefônico, essas coisas? **E1:** Uso, tudo, eu já fiz curso de informática aqui no SESC também. **P1:** Hum... Me conta melhor. **E1:** Eu já fiz curso de informática, eu sei mexer no celular, no notebook, tudo. Eu sei fazer tudo, tudo o que é pesquisa. Tudo, tudo que você quiser do notebook, eu sei fazer. **P1:** E quando a

senhora veio nesse curso do SESC de computador, o que que a senhora procurava...assim... porque que a senhora chegou...assim...nesse… **E1:** É porque eu já tinha tido umas aulas, mas eu não tinha ainda chegado no ponto que eu queria. **P1:** Qual era o ponto que a senhora queria? **E1:** Eu queria mexer sozinha, porque eu sempre, eu tinha um professor que ia em casa, mas daí ele sempre estava me ajudando. Então, eu gosto de ficar mexendo sozinha, porque daí é sinal que eu aprendi que eu sei né, procurar aquilo que eu quero. Então, daí eu vim para fazer aula aqui, para isso aí. A professora era ótima, era muito boa. Eu aprendi a gravar música e eu aprendi, NOSSA, eu aprendi um monte de coisa. **P1:** E a senhora então, veio para aprender usar o computador, porque a senhora queria fazer alguma coisa no computador? **E1:** Sim. **P1:** O quê que a senhora queria fazer no computador? O quê que a senhora, assim, sentia a necessidade de fazer no computador que precisava de… **E1:** Eu queria procurar por que eu posso pedir de artesanato. Então, eu queria procurar no *YouTube*, eu queria procurar é... como é que se faz isso, aquilo...é...vidro decorado... é... pintar tela, porque eu pinto também e daí eu queria procurar mais paisagens ali no computador e também gravar música que era o meu sonho e eu aprendi. **P1:** Que legal. **E1:** Uhum, eu aprendi a gravar música. **P1:** E o quê mais que a senhora queria fazer no computador? **E1:** Era...O meu desejo era esse. **P1:** Não era questão tipo assim, de saúde, por exemplo. A senhora não tem necessidade de informação de saúde assim que a senhora precisa buscar na *internet*? **E1:** Ah, mas eu busco. Qualquer coisinha que eu sinto, eu corro lá na *internet* para ver o porquê, qual é o motivo, o porquê, é... o quê que se deve fazer para obter a cura. Tudo eu corro na *internet*. **P1:** Interessantíssimo o que a senhora tá me dizendo (+). A senhora se sente uma pessoa livre? **E1:** Muito. **P1:** Por quê? **E1:** Sou livre, porque eu saio a hora que eu quero, eu volto a hora que eu quero, eu participo das coisas que eu quero, das coisas que eu gosto. Ninguém me impede né, de ir. Então, eu acho isso muito legal. **P1:** Então a senhora...a senhora é uma pessoa solta? **E1:** Solta [risos]. **P1:** Não fica muito em casa? **E1:** Não. Meus filhos que dizem que o dia leva e a noite traz [risos]. **P1:** Que bonito, romântico [risos]. **E1:** Para ir lá em casa, as pessoas têm... é que nem médico tem que marcar consulta, porque senão não me acha. **P1:** Mas tem que ser assim mesmo. **E1:** É, eu vou muito na igreja também. Eu canto no coral da igreja, eu participo de missa, eu participo de liturgia, eu faço comentários, comentários de missa, eu faço leitura. Ontem ainda mesmo eu fiz uma leitura na missa das 10h, ontem. **P1:** Hum… **E1:** A minha vida é uma vida, assim, bem interativa com tudo. Não paro, não paro. **P1:** Que máximo. **E1:** Não paro. **P1:** Que bom ouvir isso da senhora. A senhora já ouviu falar de *Fake News*? **E1:** Já, BASTANTE. **P1:** Me conta melhor o quê que a senhora já ouviu falar de *Fake News*. **E1:** Olha, tem tantos aí. Ainda ontem eu tava lendo ali no *WhatsApp* uma notícia de uma pessoa que colocou ali, dizendo que tinha vários cachorrinhos de raça para doação, não sei o quê, aí embaixo já vem outra pessoa e escreveu: "*Fake News*". Eu digo: "Opa!". [risos] **P1:** Não tinha cachorro nenhum? [risos] **E1:** Não [risos]. **P1:** Sacanagem que não tinha cachorro. **E1:** Sacanagem, sacanagem [risos]. **P1:** A senhora queria um cachorro? **E1:** Lindos, os cachorrinhos de raça, bons e... *Fake News*. **P1:** Não existia cachorro? **E1:** Não [risos]. **P1**: É… E aí o quê que a senhora, como é que a senhora faz para...a senhora tem algum *feeling*, de tipo assim: "hum, eu acho que essa notícia é mentira". **E1:** Para, como é que é? **P1:** A senhora tem algum *feeling*, assim, algum gatilho, tipo assim que a senhora lê a notícia e diz : "hum, estou achando que isso aqui pode ser que não seja verdade". Já passou por alguma vez isso? **E1:** Não. **P1:** De a senhora olhar a notícia e tipo assim: "Isso aqui não é verdade". Umas coisas meio mirabolantes? **E1:** Ah, tem umas coisas assim que... Principalmente esse negócio de oração. **P1:** De oração? **E1:** É, oração que mandam ali. Ainda manda dizendo assim: "Se você não passar para doze pessoas, é... se você não lê e ignorar vai te acontecer isso, vai te acontecer aquilo". Claro que isso aí não existe. **P1:** Eu também acho que não existe. **E1:** Não, não existe. Imagina. **P1:** Deus não faria isso conosco. **E1:** Não, jamais. **P1:** Não é?! **E1:** Não. **P1:** E quando a senhora vê uma notícia, assim, como é que a senhora faz para saber que não é mentira? Ou senhora nem busca saber se é verdade ou se é mentira? **E1:**

Não, eu nem busco muita informação assim. Eu gosto muito é de assistir todos os jornais da TV. **P1:** Porque no jornal querendo ou não a informação já é meio filtrada, né? Não existem coisas muito mirabolantes assim. **E1:** É. **P1:** É tudo mais ou menos verdade, né? **E1:** Uhum. **P1:** Quer dizer, é tudo verdade. Às vezes eles dão uma distorcida. **E1:** Às vezes também tem distorcida, né? **P1:** Como assim? Me conta. **E1:** Principalmente na Globo, né, que hoje o pessoal já não está muito acreditando na Globo e hoje eu não assisto muito a Globo. Assisto mais o SBT, a Band. **P1:** Me conta melhor sobre isso. **E1:** Porque a Globo, ela é interligada com esse pessoal aí da... quase que eu disse da máfia [risos]. **P1:** A senhora pode dizer. **E1:** Não, mas não é da máfia [risos]. **P1:** Entendi, um pessoal meio... **E1:** Os parlamentares, né? Os parlamentares que gostam de esconder as coisas. Daí pagam a Globo, para a Globo não divulgar o quê que aconteceu lá, essas coisas. **P1:** Entendi. **E1:** É, uhum. **P1:** A senhora acha que a informação lá já não é também muito... **E1:** Não, não é só eu que acho, a maioria das pessoas. **P1:** Mas então, daí a senhora prefere outros meios que não seja a Globo? **E1:** Prefiro. **P1:** Foi na *internet* essas coisas que a senhora, assim, ficou sabendo? Porque a Globo não vai dizer coisas ruins sobre a Globo né?! **E1:** Não, no boca a boca, no dia a dia. No boca a boca das pessoas [risos]. **P1:** Que a senhora fica sabendo? **E1:** Sim. **P1:** Que às vezes a informação é meio distorcida? **E1:** Sim, sim. **P1:** Entendi, então a senhora tem acompanhado um pouco do cenário político aí, né? **E1:** Ah, tudo. **P1:** Porque o cenário político é meio controverso com essas coisas de *Fake News.***E1:** SIM. **P1:** É de um lado, é de outro. E aí você fica meio assim: "Meu Deus do céu, o quê que eu faço?" né? **E1:** Uhum. Não, eu acompanho bastante. **P1:** E o quê que a senhora acha do cenário político atual, dessas coisas de *Fake News*, de um lado pro outro: é um que ataca o outro, o outro que ataca o um. Ou seja, não sabe mais quem é que está falando a verdade. Não é mesmo?! **E1:** Pois é, é justamente isso aí que eu te falei. **P1:** E como é que... Assim, então a senhora prefere acreditar em alguém. Já que está todo mundo falando a verdade, né? O que leva a senhora a acreditar, por exemplo, no fulano e não no ciclano, no caso do cenário político? **E1:** Olha, eu acredito bastante no nosso presidente. **P1:** Uhum. **E1:** Acredito. **P1:** Então a senhora… **E1:** Porque eu acho, assim, que ele é uma pessoa bem sincera. Ele não é como aqueles outros lá, que né, faziam todas aquelas falcatruas lá, aquelas coisas. Eu acho que não é desse tipo de pessoa. **P1:** Entendi. Por quê? É uma coisa, assim sentimental de a senhora acreditar, assim de uma questão de sentimento mesmo, assim de a senhora sentir no seu interior? **E1:** Eu sinto no meu interior. **P1:** Hum, entendi. **E1:** Só espero que ele nunca me decepcione, porque acredito bastante nele [risos]. **P1:** Nem me fale, na questão da política a gente se decepciona tanto. **E1:** Pois é. **P1:** A gente se decepciona tanto que... **E1:** Uhum. **P1:** ...uma hora outra a gente vai acabar… **E1:** Ah, não. **P1:** Eu quero agora que a senhora me responda uma coisa muito mais profunda que é: "Qual é a sua... o quê que a senhora acha que é a sua missão aqui na terra?" Profundo né? **E1:** Olha, eu acho que todos nós temos uma missão a cumprir. **P1:** Principalmente a gente que acredita em Deus né, tem muito essa conexão... **E1:** SIM! A gente não vem aqui por acaso, né? A gente vem para cumprir uma missão. **P1:** E qual que a senhora acha que é a da senhora? **E1:** Uma missão que eu venho me esquivando de fazer. **P1:** Ai meu Deus, me conta. Pode me contar? **E1:** É que eu sempre dei palestras, sabe. Eu tinha um grupo de oração e estou há catorze anos nesse grupo e até hoje as pessoas: "Ah, mas porque você não vai lá?" e tal assim, mas eu não tenho mais essa vontade assim de sair e dar palestra. **P1:** É tipo como se fosse... é... Testemunho? Não? **E1:** Não, que tipo a gente lia um trecho da Bíblia, né. Daí escolhia um capítulo, um versículo e sobre aquele tema que a gente leu, a gente tirava uma mensagem né, para as pessoas. **P1:** É algo bem profundo né? **E1:** Uhum. **P1:** É algo bem profundo **E1:** Bem profundo. **P1:** É algo que tem que saber conversar e tem que saber interpretar aquilo. **E1:** SIM. **P1:** Então é quase que um dom. Não, na verdade não é quase, é um dom. **E1:** É um dom. **P1:** Que a senhora está se esquivando. **E1:** E eu gosto, sabe. Eu gosto de conversar, eu gosto de estar no meio de pessoas. Eu me sinto muito bem assim no meio das pessoas. De conversar, dialogar, eu gosto disso. Eu gosto de expor aquilo que eu tenho

conhecimento, né. Falar sobre as coisas que eu conheço, divulgar para os outros, passar para os outros. Eu acho bem legal isso aí. **P1:** E essa a senhora acha então que é a sua missão? **E1:** Hum? **P1:** Então essa a senhora acha então que é a sua missão aqui? **E1:** É a minha missão. **P1:** Que bonito. **E1:** É a minha missão. A minha missão é estar fazendo leitura na igreja, é estar passando conhecimento para os outros. É essa a minha missão. **P1:** Que bonito... Bom, eu acho que a senhora já meio que respondeu a próxima pergunta, que é: Como que a senhora participa da sua comunidade? **E1:** Ah, então eu já respondi junto [risos]. **P1:** Conte um pouco melhor sobre as coisas que a senhora faz na comunidade para participar ou ajudar ou contribuir com alguma coisa, colaborar. **E1:** Ah, eu sempre estou disposta para tudo. Se tem um almoço eu vou para a cozinha, eu vou lavar louça, eu vou ajudar. Em tudo que for necessário, eu ajudo. Se tem um chá, se tem um café, lá vou eu ajudar. **P1:** Uhum, quem participa da igreja, geralmente contribui muito com a comunidade. **E1:** Sim. **P1:** Está sempre envolvido. Seja vendendo rifa, que acontece muito né?! **E1:** ISSO! Isso também a gente faz, é bem gratificante. **P1:** Verdade... É como que parte uma das nossas missões. **E1:** Uhum, também uma missão também. **P1:** Porque sozinho o quê que a gente vai fazer, né? Sozinho a gente não... **E1:** Não, sozinho a gente não caminha né. Sozinho não dá. **P1:** Não faz sentido nenhum, né? **E1:** Não faz sentido. **P1:** A senhora acha que existem alguns segmentos da sociedade, algumas parcelas da sociedade que são excluídos? **E1:** Ah, existe. **P1:** Me conte: quem por exemplo a senhora acha? **E1:** Excluído? Tem bastante. **P1:** Me conta melhor. **E1:** As pessoas negras são excluídas, as pessoas pobres são excluídas, porque geralmente na sociedade vale aquele que tem dinheiro. **P1:** Triste, né? **E1:** É triste, bem triste, mas é verdade. Aquele que tem menos, ele está sempre meio de lado, meio que esquecido. **P1:** Isso é bem triste. **E1:** Uhum. **P1:** A senhora já fez alguma coisa que a senhora acha que ajudou a mudar isso? Seja para a questão de racismo, né. **E1:** Sim, é debatido isso, mas infelizmente não mudou muita coisa. **P1:** A senhora acha que já fez alguma coisa que a senhora acha que contribuiu para minimizar isso tudo? Assim, alguma pequena coisa que a senhora acha que isso pôde ajudar? Talvez no racismo.... **E1:** Sim, a gente já teve reuniões para falar sobre o racismo, tudo, mas... **P1:** Na igreja? **E1:** É... Não, num clube, numa sociedade da… de pessoas negras, mas fica tudo ali entre quatro paredes e...faz o debate, mas não sai dali. Fica ali. **P1:** Como se fosse estagnado, né? **E1:** É, estagnado. **P1:** A senhora acha que hoje em dia ter informação é ter poder? **E1:** Eu acho que não. **P1:** Não? **E1:** Não. **P1:** Por exemplo, a pessoa que sabe mais, ela consegue algumas coisas a mais do que a pessoa que não tem tanta informação sobre alguma coisa? **E1:** Ah, nesse sentido sim. Nesse sentido sim. **P1:** Me conta, como que a senhora acha? **E1:** Claro, a pessoa que sabe mais ela tem mais oportunidades do que aquela que sabe menos. **P1:** (+) Concordo com a senhora. **E1:** É, para ela poder crescer na vida, para ela ter um bom emprego, ela tem que ter, né, mais: saber mais, ter mais experiência, né, tem que ter capacidade para isso. Agora, aquele que sabe menos não tem como: ele não vai para frente, daí ele não desenvolve, porque o conhecimento é muito pouco daí. **P1:** Também concordo com a senhora. A senhora se acha uma pessoa criativa? **E1:** Eu? Mais ou menos [risos]. **P1:** O pessoal do artesanato geralmente tem bastante criatividade, né? **E1:** Ah, eu sou doente, eu sou... eu amo essas coisas, eu amo essas coisas. **P1:** Me conta mais. **E1:** Eu faço artesanato, eu pinto tela, eu faço tudo. **P1:** Faz muito tempo que a senhora faz isso? **E1:** Faz, faz tempo. **P1:** Desde quando a senhora não era idosa? **E1:** É, já...Não, bem antes. **P1:** Ah é? **E1:** Bem antes. Não é de agora não, já é de MUITO tempo. **P1:** E o quê que a senhora faz para ter lazer? **E1:** Para ter lazer? **P1:** Uhum, nas horas vagas. Se bem que a senhora quase não tem horas vagas, né?! **E1:** Não tenho [risos], por isso que eu fiquei pensando [risos], eu não tenho. **P1:** A senhora gosta de ler? **E1:** Eu gosto de ler, mas eu gosto nas horas vagas...quer dizer, nas horas vagas eu não tenho, mas enquanto… **P1:** [risos] Tem que marcar horário para visitar a senhora? **E1:** É! Enquanto eu sento ali para assistir um jornal ou assistir a novela, eu gosto de fazer um tricô, eu gosto de estar fazendo alguma coisa: um crochê, um tricô. Eu tenho que estar mexendo, porque eu sou elétrica, eu não posso parar quieta. Então, eu tenho que estar mexendo

com as mãos, eu tenho que estar fazendo alguma coisa. **P1:** Uhum, e aqui no SESC, qual é a relação da senhora com as outras pessoas que participam aqui do SESC? **E1:** Ah, como assim? **P1:** A senhora tem amigos aqui? **E1:** MUITOS. **P1:** Nos grupos de terceira idade? **E1:** MUITOS. **P1:** Pois é, eu vi que a senhora já ligou para outra, que já conversou com uma que ligou para senhora. NOSSA, mas pessoas aqui gostam de se comunicar, né? Me conta melhor. **E1:** Tem muita amizade aqui. Agora nesse período de férias, nossa. Saía no centro assim, você encontrava alguma e já vinha assim: "Ah, que coisa boa te encontrar!", "Ah, quando é que vamos voltar?", "Ah, que coisa boa", "Ah, já estou com saudade!". É tudo assim no jogo também: eu já chego, porque... é... minha maneira de chegar para cumprimentar é abraçando e beijando as amigas [risos]. **P1:** É bonito essa… **E1:** Uhum.**P1:** Que bom que não se perde isso, né? **E1:** Não. **P1:** Porque isso está meio que...em algumas ocasiões, assim, a gente sente que isso está meio que perdido, né? Assim, na questão de afeto, cara a cara. **E1:** Afeto, é. **P1:** Né?! Me conta sobre como vocês...como vocês se comunicam? A senhora e suas amigas aqui do SESC? **E1:** Ah, quando a gente não está reunida é pelo *WhatsApp* [risos]. **P1:** Vocês conversam pelo *WhatsApp*? **E1:** É, nós trocamos figurinhas como diz o ditado [risos]. **P1:** Entendi. **E1:** É, de manhã cedo já começa: "Bom dia fulano", "Bom dia ciclano" e ali vai, sabe? E vai. Eu, tem dia que eu não tenho muito tempo de responder, porque eu não paro em casa. **P1:** Uhum. **E1:** Não paro em casa, então é de manhã, assim que eu acordo já vou olhar. Bom, eu já acordo com as mensagens chegando, né? [risos]. Com o barulho das mensagens. **P1:** Uhum. **E1:** Daí eu levanto, já dou bom dia para todos, mando uma mensagem para cada um e depois só mexo à noite. E durante o dia não tem como eu mexer ali. **P1:** Não dá tempo? **E1:** Não dá tempo. **P1:** Qual é o papel aqui do SESC na vida da senhora? O quê a senhora procurava que encontrou aqui? **E1:** Eu procurava...DIVERSÃO. **P1:** Diversão? **E1:** Diversão. E encontrei. **P1:** Me conta melhor sobre diversão. **E1:** Me divertir com os amigos no grupo da terceira idade, me divertir jogando — que é o que eu gosto muito de fazer — dançando, jogando, cantando. **P1:** Que coisa bonita. **E1:** VIAJANDO também, porque a gente viaja também. Também sai para fazer excursão também. **P1:** Me conta melhor sobre as viagens que vocês fazem. **E1:** Ah, as viagens aqui do SESC são ótimas, são ÓTIMAS. Eu já fui para Antônio Prado, eu já fui para diversos lugares — lugares lindos — hotel fazenda. NOSSA, muitos lugares lindos. Uhum (+) Viagens assim que são inesquecíveis: a gente não esquece nunca mais. **P1:** Que bonito. É com os grupos da terceira idade? **E1:** É com o grupo da terceira idade sim e também tem as viagens aqui do SESC, né, que a gente escolhe para qual lugar que a gente quer ir. É muito bom, lugares maravilhosos. A maioria das amigas todas também já fizeram isso. **P1:** Vocês vão passear? **E1:** Aham. **P1:** Ah, que delícia! **P1:** Tão bom fazer uns passeios, olha que coisa bonita. **E1:** Aham. **P1:** Dona S. eu achei que já perguntei para a senhora tudo que eu queria perguntar. **E1:** É? **P1:** Adorei conversar com a senhora. **E1:** Ah que bom. Será que eu pude ajudar? **P1:** Mas é claro que pôde! **E1:** Ah que bom.

NARRADORA 2

P1: O meu doutorado é na área de informação. Então, eu exploro… é… a relação das pessoas com a informação, com o conhecimento né, com as fontes de informação, recursos de televisão, jornal e internet. Tudo isso. E eu queria saber da senhora qual é a importância da informação na vida da senhora. **E2:** Ah, mas é importante. Eu tenho que saber, né, o que tá se passando no Brasil, no mundo, na cidade, né. Olha, por exemplo, em São Paulo está com aquela enchente lá, já morreu cento e poucas pessoas, né. Eu procuro me informar: cedo a primeira coisa, primeiro agradecer a Deus por estar viva, depois já ficar informada como é que tá. Eu cinco horas da manhã eu tô com o rádio ligado bem baixinho para não acordar minha filha, né, que ela vai cedo trabalhar também. **P1:** A senhora liga o rádio cinco horas da manhã? **E2:** Cinco

horas da manhã e também daí eu olho na internet, eu quero saber o que está se passando né. Estou sempre… estou sempre por dentro. Tem que ser, né? Eu acho assim muito triste pessoa… tem uma prima minha não é que eu queira ser fofoqueira, hoje ela está fazendo 60 anos. **P1:** Está entrando na terceira idade hoje? **E2:** Está entrando na terceira idade, mas a mulher é parada, sabe? Não sei o quê que vai ser dela daí: parada, parada, parada. Daí ela disse assim: "Ai, você ganhou um bolo ontem na festa traga para mim comer aqui hoje estou de aniversário". Digo: "Mas você é bem mais novo do que eu, se tu quer bolo: tu venha comer aqui em casa." Estou certa, não estou? **P1:** Claro. **E2:** Ora, eu com 60 anos, meu Deus. **P1:** 69 a senhora tem, né? **E2:** Tenho 66. **P1:** A senhora já passou das duas... Porque existem diferentes concepções do que é terceira idade, porque lá nos países desenvolvidos como Estados Unidos, na Europa aí... só chega à terceira idade depois do 65, né? E aqui no Brasil é… para algumas coisas também é só depois dos 65, né? Ônibus eu acho também. **E2:** ÔNIBUS, É. É, o ano passado eu fui lá minha carteirinha no dia em que que eu estava fazendo aniversário, daí eu disse assim: "Agora já... já sou da 65". **P1:** "Agora eu quero andar de graça!" **E2:** "Eu quero andar de graça!" mas eu ando mais a pé do que de ônibus. Prefiro mais ir a pé, não tenho paciência para esperar ônibus. Daí eu moro aqui, é perto: é só subir no centro. **P1:** Tudo a pé? **E2:** Tudo a pé. **P1:** Só alegria então? **E2:** Só alegria. **P1:** Eu queria perguntar para a senhora se na vida da senhora, assim, é... Existem algumas situações, assim, que a senhora sente que falta conhecimento para senhora ou fazer alguma coisa ou para senhora... A senhora sente falta de conhecimento em alguns aspectos assim da vida? **E2:** Que eu lembre não. Eu só me arrependo de não ter... não ter feito a faculdade de História que eu tanto queria fazer, porque eu podia ter feito eu moro atrás da UNIPLAC podia ter feito, mas foi comodismo, né, que eu queria História [risos]. **P1:** É uma ótima faculdade. **E2:** Hã? **P1:** É uma ótima faculdade. **E2:** Sim, mas eu não queria para trabalhar, só para saber porque eu gosto muito. Eu gosto de ler, eu gosto de saber das coisas, sabe? Eu sou muito curiosa. O meu mal que é a curiosidade e eu tenho a mente muito de me lembrar: eu lembro de tudo. A minha mente é muito fértil, sabe? A minha mente é mais fértil do que da minha filha que... que tem pós-graduação, tem mestrado, né, ela mesmo diz: "a memória da mãe…" **P1:** Mas me conta: como assim fértil? **E2:** Fértil que eu digo é... é que eu lembro: o que eu estou te dizendo para você hoje semana que vem é tu me perguntar e eu te digo. Eu gravo, eu não sei por que que eu gravo tanto. Acho que é porque eu leio, né? Acho que é. **P1:** Aham, a senhora gosta de ler? **E2:** GOSTO, gosto de ler. **P1:** O quê? **E2:** O romance. Eu gosto de ler romance [risos]. **P1:** Gosta de vir aqui então? **E2:** Aqui…faz tempo... esse ano eu não vim nenhuma vez, mas antes eu vinha, eu sempre levava livro. O W. cuidava daqui e dizia assim: "Ah tem o do Viriato Correia que você gosta tanto." História infantil eu gostava de ler também. **P1:** Eu adoro história em quadrinhos! **E2:** Eu também. Uhum. **P1:** Quer ver em quadrinhos. Turma da Mônica: Nossa, eu sou apaixonada, não existe coisa melhor. **E2:** É, faz tempo que eu tenho que vir aqui, pois eu tenho carteirinha e tudo. Pegar um livro para mim. Gosto de ler. **P1:** Tem coisas da área de História também que a senhora gosta tanto, né? **E2:** É, eu gosto de História. Até os livros de Matemática da minha filha eu fico folheando. Ela já sabe, ela já deixa ali. Ela já sabe que eu gosto de mexer. **P1:** Eu queria saber como é que a senhora faz para buscar informação. Onde é que a senhora vai? **E2:** Na *internet.* **P1:** Primeiro lugar na *internet*? **E2:** Depois no rádio. Também eu vou no.... NO JORNAL, eu pegava muito jornal. Até deixei de pegar o Diário Catarinense, faz acho que uns quinze dias. Hoje o cara ainda me telefonou para eu voltar a pegar. Eu não quero, eu não tenho tempo para ler, porque daí eu já... Quando eu vou ler ali já a notícia, eu já sei porque eu já escutei no jornal, na televisão e já olhei na *internet*: já vi. **P1:** A senhora usa a *internet* então? **E2:** Uso, uso a *internet.* **P1:** A senhora aprendeu aqui no SESC? **E2:** Não. Sempre me matriculava e não vinha [risos]. Eu aprendi lá nos bombeiros, os bombeiros que me ensinaram. Eles diziam: "Não vá tia B., não vá. Deixa que eu te ensino." "Mas eu não eu tenho celular, não tenho nada." "Não, mas então pega o meu aqui." Aham, eles que me ensinaram. Eu sei tudo. Depois eu comprei um para mim. **P1:** Depois

a senhora comprou? **E2:** Uhum, porque minha filha não queria me ensinar. Ela dizia: "Vai para o SESC aprender, se quer." **P1:** Que situação. Não tinha muita paciência, sua filha? **E2:** Não. Eles me ensinaram e eu gravava ligeiro, porque eu sou de gravar as coisas ligeiro. **P1:** Mas me conta uma coisa: antes da senhora ter celular, a senhora sentia necessidade de alguma coisa, assim, que o celular ofertava que a senhora não conseguia, porque a senhora não tinha celular? **E2:** Sentia curiosidade que eu queria ver a minha filha ligando e eu pedia para ela me ensinar e o meu era daqueles pequenininho, daí ela: "Vá para o SESC, vá para o SESC aprender que daí dá para comprar um, senão, não." **P1:** Mas a senhora tinha curiosidade, sentia necessidade de celular, assim, para saber o quê? **E2:** Eu queria ter, eu queria. **P1:** Sentia falta? **E2:** Sentia falta. Daí quando eu ia lá no bombeiro eu falava: "Agora que eu queria ir lá para o SESC não tem mais vaga, agora tem que esperar o ano que vem." "Não, não, pode deixar eu te… eu ensino você." Daí o tenente disse: "Não, a hora que a senhora quiser aprender nós estamos aqui à disposição." *[frase inaudível]* **P1:** E assim, quando a senhora... a senhora falou que queria assim, né, o seu celular. **E2:** QUERIA. **P1:** Mas por quê? O quê que tinha no celular que a senhora não conseguia acessar, assim, porque não sabia usar o celular? **E2:** Mas eu nem pegava, porque ela não deixava encostar a mão no… ela dizia... o dela é... tem que passar o digital dela para poder abrir, né? Daí eu tentava e não conseguia, né. **P1:** Mas o quê que a senhora que a senhora queria ver, assim, nos celulares que tinha nesses celulares, mas não tinha, assim, no jornal, essas coisas? **E2:** Eu queria... receita de comida. Daí eu pedia para ela: "Ah, abra lá o *site* lá da Ana Maria Braga, assim, sabe? Daí ela abria para mim, daí eu dizia: "Copia." Daí ela, ela passava na impressora e me dava as folhas. Daí eu dizia: "Mas eu ainda vou… pode deixar." Porque eu nunca gostei de ficar incomodando os outros, sabe? Aí eu disse: "Pode deixar que eu vou aprender, eu mesma vou procurar minhas receitas." E agora eu nem procuro [risos]. Quase eu nem procuro minhas receitas. É, agora eu quase nem procuro. Aí quando eu pego a *internet* eu gosto de olhar... Daí eu vou no… ali na Globo, né, que daí eu sei todas as notícias do Brasil e do mundo. Fico olhando ali. Primeiro eu *[palavra inaudível]* para eu saber o que está passando, daí depois eu vou para Globo saber e sou curiosa, né. Eu também olho para os outros países, né. Eu tenho amiga minha que tá morando em Toronto, daí a curiosidade para saber se está nevando lá. **P1:** Ai neva bastante em Toronto mesmo [risos]. **E2:** Nossa Senhora, se neva, mas tem lugar pior. *[palavra inaudível]* terra e do meu marido, Polônia, onde tem os parentes dele, lá é pior. **P1:** A senhora é…? **E2:** Não, eu sou brasileira. **P1:** A… e o marido da senhora era…? **E2:** Polonês. **P1:** Faleceu? **E2:** Faleceu. **P1:** Depois a senhora não quis mais saber de marido? **E2:** Nunca mais casei **P1:** Não? **E2:** Não. 23 anos vai fazer 24, é porque eu tinha uma filha pequena. Agora que eu estou sentindo necessidade de ter um companheiro, mas acho que não. Eu não… acho que não vou me adaptar. **P1:** E a gente se acostuma a ficar sozinha, né? **E2:** Eu me acostumei a sozinha: só eu e minha filha ou mesmo sozinha. Não, não. Pegar um homem... Está chovendo! **P1:** Pois é! Acho que isso tudo é chuva mesmo. **E2:** É e eu não trouxe sombrinha. **P1**: Eita, eu acho que eu trouxe. **E2:** Daí, ah não. Acho que ter um homem... Já… ela tem namorado, daí eu já vejo assim: é muito difícil. Para vocês que nunca casaram é uma coisa, mas para mim que já casei, já tive marido, depois fiquei sozinha é outra coisa. Não, acho que eu não quero. **P1:** Se acostuma com a pessoa, né? **E2:** Uhum. **P1:** Querendo ou não a senhora… deve ter vivido bastante tempo, né, com o marido, né? **E2:** Não foi muito tempo, foram só uns 15 anos. **P1:** Bastante [risos]. **E2:** Mas foi bastante, né? Porque hoje em dia os casamentos não duram mais que um ano e pouco. **P1:** Sim. Nossa, se dura 15 anos é porque… **E2:** É, mas naquele tempo a gente… passasse o que passasse… eu não passei trabalho com o meu graças a Deus, mas eu conheço muita gente que passa, né, passou. E hoje em dia ninguém mais passa trabalho. Como eles dizem: "A fila anda." Viu, como eu estou me modernizando? [risos] **P1:** Como assim ninguém mais passa trabalho? Me conta. **E2:** Não passa trabalho, porque... Uma vez uma mulher... A mulher do tempo da minha mãe — que eu já sou velha — da minha mãe, elas eram tudo submissas ao marido, né? Era como eles queriam: quem mandava

eram eles, não eram elas, elas tinham que obedecer. E hoje em dia a mulher não obedece… não. Tanto é que a mulher trabalha fora, a mulher chega a hora que quer, né? **P1:** E o quê que a senhora acha sobre esses novos ares para as mulheres? **E2:** Ai, eu gosto mais. Tá bom tem que ser assim, porque os homens... Senão eles querem ser mandão, né? Eu era uma que... O meu marido era bom, me tratava bem, mas obedecia a ele. Se ele dizia não... E agora não, né? Não é assim... **P1:** As mulheres têm muito mais... é... empoderamento *[palavra inaudível].* **E2:** Sim, claro. Elas são... elas vêem sempre além. Os homens já são mais para trás. **P1:** Eu acho que é o trabalho também que possibilita um pouco isso, porque daí elas ganham sua própria renda e querendo ou não... muitas mulheres não se separavam do marido porque não tinha como se sustentar. **E2:** Mas essa minha prima — agora viuvou faz seis meses — mas o marido dela aprontava que nossa. Uma vez eu disse para ela: "Ai, não você aguentar, eu não aguentaria." Daí ela disse assim: "Se eu não aguentar, eu vou morrer de fome." meu Deus, uma mulher depender de um homem para sobreviver. **P1:** É complicado. **E2:** Ah, mas é. Porque eu perdi o meu, eu... eu fui à luta. Não fiquei sentada esperando cair do céu. **P1:** É verdade. Me conta sobre... basicamente, assim, as necessidades de informação na vida da senhora: são sobre saúde, direitos e deveres? A senhora contou um pouco de culinária também, né? **E2:** Gosto de fazer comida. **P1:** Mas me conta, assim, o quê que a senhora mais sente vontade, assim, que a senhora sente vontade de buscar, assim, às vezes na internet, às vezes em um livro, às vezes no rádio, às vezes na TV. Tem algum tipo de informação, assim, tipo saúde, tipo banco, alguma coisa assim? **E2:** Ah, eu quando eu recebo meus exames, daí eu vou na *internet*. Daí eu fico curiosa, eu quero saber o significado. Por exemplo... né, porque tem exame que a gente não entende, né? Eu vou direto... A receita, um nome de um remédio. Daí eu tenho os componentes, eu quero saber os componentes: eu vou tudo na *internet*. Eu quero saber para o quê que é. Apesar que a *internet*, muitas vezes... ela faz um bicho maior do que é . **P1:** Então a senhora procura sempre saber, assim, que a senhora tá tomando de remédio? **E2:** Procuro saber. Aham. Procuro... Mas eu acho, assim, que a *internet* às vezes mente. **P1:** Mente? **E2:** Mente, claro que mente. E COMO MENTE! **P1:** Também acho. **E2:** E COMO MENTE! **P1:** Concordo com a senhora. **E2:** Concorda, né? **P1:** Mas é claro! E a senhora busca informação é na *internet*, no rádio que a senhora falou, né? **E2:** E na televisão, né? No jornal. **P1:** A senhora assiste jornal também? **E2:** O jornal sim. Chega meio-dia lá em casa a televisão está ligada. **P1:** O quê a senhora acha da informação que jornal passa? **E2:** Também passa uma coisa que não é e aumenta, mente. Porque a Globo estava mentindo esses dias atrás. Não me lembro mais o quê que era, mas é... Naquelas… quer ver naquela época de politicagem, né? Ah, de política eu não gosto. **P1:** Não gosta de falar sobre política? **E2:** Não. **P1:** De ouvir sobre política? É muita mentira né?! **E2:** É muita mentira e como é mentira. E o povo se danando, né? **P1:** Triste, né? **E2:** Triste. Não viu aquela usina lá com aquelas pessoas? Meu Deus. **P1:** Morreu um monte. **E2:** Um monte, mas mais triste que eu achei, que eu chorei, eu não consegui me controlar é... mas eu chorei na frente da televisão. Já tinha chorado… porque eu já tinha visto na *internet* e depois vi na televisão. A… aqueles piazinhos que morreram lá do time de futebol. Tudo com os sonhos, né? **P1:** Tudo novinho. **E2:** Novinho, uns adolecentes tudo com sonhos na cabeça: um que queria comprar uma casa para a mãe, outro queria ajudar a mãe. Ah... É muito triste. **P1:** É verdade (+). A senhora se sente livre? **E2:** Ai, eu me sinto. Tão bom. Vou onde eu quero, ninguém diz: "Não vá, não faça." Se eu tivesse marido, eu não podia estar todo dia aqui no SESC: "Por que tanto vai lá para o bombeiro?" Né? Ah, gosto tanto da minha liberdade, eu prezo muito. **P1:** Entendi. A senhora já ouviu falar de *Fake News*? **E2:** Acho que não. *Fake News...* **P1:** As informações falsas na internet. **E2:** Sim, sim. Já ouvi falar e porque ela é tem muita coisa falsa. Ai, eu não sei te explicar, mas eu acho que tem… Por exemplo, até essas de nome de remédio tá certo, mas por exemplo, assim, um exame, assim, que é tal… Ali eles põe muita coisa... que não é. **P1:** A senhora tem *WhatsApp*? **E2:** Tenho. **P1:** No *WhatsApp*, de vez em quando passa umas notícias falsas, né? **E2:** Passa, eu já nem abro. Só no olhar ali, eu já vejo. **P1:** Só no olhar

a senhora vê que já é mentira? **E2:** Já é mentira. Como por exemplo: "Ah, se você clicar aqui, tu vai ganhar um… um perfume, Um... lá do… do Boticário." Ai, eu nem abro, não perco tempo. Aquelas... Aquelas correntes também, eu nem abro ou abro e já apago. Não, não passo para frente, eu não acredito [risos]. **P1:** E quando a senhora vê uma notícia, assim, que a senhora está desconfiada que é mentira. A senhora faz alguma coisa para ir atrás? **E2:** Vou, vou olhar na *internet*. **P1:** Se é verdade? **E2:** Se é verdade. Vou, vou olhar. Porque na *internet*, como eu te disse: ela mente, mas ela também dá coisas verdadeiras. Então, eu vou procurar. **P1:** E onde é que a senhora procura, assim, para ser uma informação segura? **E2:** É na internet, no *Google*,né. **P1:** No *Google*? **E2:** No *Google*. Uhum. **P1:** A senhora acha lá, assim, é um pouco mais seguro então? **E2:** Uhum, eu acho que lá é um pouco mais seguro. **P1:** Entendi (+). Agora vou fazer uma pergunta um pouco mais profunda para senhora. **E2:** Então faça [risos]. **P1:** Eu queria que a senhora me dissesse qual é a sua missão aqui, que a senhora acha que é a sua missão aqui na terra. **E2:** A minha missão aqui na terra é... é servir e ajudar as pessoas. **P1:** Servir e ajudar as pessoas? **E2:** É, o que eu puder fazer, eu nasci foi para servir. **E2:** Que bonito! **P1:** É, é verdade. **P1:** E como que a senhora pode fazer isso, assim, como que a senhora ver que a senhora está cumprindo a missão? Ou a senhora acha que não está cumprindo? Fica um pouco triste, talvez? **E2:** Por exemplo, semana passada... uma pessoa que… que mais me prejudicou na minha vida — minha cunhada — que mais me prejudicou na minha vida, ela ia fazer uma cirurgia muito melindrosa e eu que fiquei no lado dela. **P1:** A senhora acompanhou ela na cirurgia? **E2:** Sim. E acompanhei até depois: falei com médico, tudo. E FIZ DE CORAÇÃO, não foi para eu aparecer. Foi de coração, porque eu sou assim: eu gosto, se eu puder te ajudar, eu te ajudo, eu não vou te atrapalhar, mas eu vou te ajudar. Deus o livre, o dia que eu souber que... que eu... que eu prejudiquei uma pessoa, eu acho que... **P1:** A senhora viu que ela precisava de ajuda... **E2:** É, meu irmão também precisava de ajuda, então eu fui. Ninguém pediu para mim. Eu cheguei eram onze horas lá e saí de lá eram nove horas da noite. **P1:** Deu tudo certo? **E2:** Deu tudo certo, graças a Deus. Agora ela está se recuperando, mas aquela parte da cirurgia deu tudo certo. Conversei com o médico, quando o médico veio falar não tinha ninguém da família ali, eu que... respondi... Depois quando ele veio trazer a notícia boa, daí ele disse: "É para você que eu quero falar, não é para ele." Eu digo: "Não, mas fale porque ele é o marido, eu não." "Não, é você." Deu tudo certo. Foi muito bonito (+) e eles não me devem nada. O que eu fiz, está feito. Eu não... Mas a vida é assim a gente têm que procurar servir os outros na hora que precisa, né? **P1:** Verdade. **E2:** Meu lema é esse. **P1:** Servir? **E2:** Servir. **P1:** Que bonito. Como que a senhora participa da comunidade? Assim, que a senhora... qualquer comunidade: seja aqui do SESC, seja a comunidade da família da senhora. Como que a senhora ajuda… **E2:** Com os meus vizinhos. Eu sou uma pessoa alegre, trato todo mundo bem. Como eu te disse: se eu não puder ajudar, estorvar que eu não vou, né? **P1:** Eu vi que a senhora também.. falou que ajuda na igreja, né? **E2:** Ajudo, ajudo. Na igreja eu ajudo, assim... quando a gente faz a festa eu estou ajudando, eu... eu cobro centésimo para ajudar com a comunidade, para investir na igreja, para arrumar sabe? Eu estou sempre ajudando. **P1:** Geralmente igreja envolve um monte de rifa, né? **E2:** É, mas eu não vendo, eu compro. **P1:** Ah, a senhora compra? Acho que é melhor comprar do que vender, né? **E2:** É melhor comprar do que vender. **P1:** Eu também não sou boa de vender rifa. **E2:** Eu não sei vender. **P1:** Eu também não sou muito boa de vender rifa. Eu queria perguntar uma outra coisa para a senhora: a senhora acha que existem alguns segmentos da sociedade, algumas parcelas da sociedade que são excluídos? **E2:** E COMO TEM. Exclusão é o que mais tem, né? Por exemplo, uma pessoa que... Porque pobre todos nós somos, né? Mas eu digo, assim, que é menos do que a gente: as pessoas já excluem. Desde uma criança: o meu vizinho que mora lá... em uma favelinha, as pessoas já não olham direito. Isso aí eu acho errado, eu não excluo. Uma pessoa viciada, a pessoa exclui, né? **P1:** Por que será? **E2:** Não sei. Quem sabe é medo de pegar a pobreza daquela pessoa ou mesmo de pegar o vício. Não sei... Não sei te dizer, mas você pode notar. **P1:** Verdade,

né. Os viciados são totalmente… **E2:** É tão excluído desde uma loja: tu vai em uma loja, se tu for bem arrumada, tu é atendida MUITO bem. E vai uma coitada lá bem simplesinha: "Eu queria ver tal coisa." "É tanto." Não vai nem mostrar. Eu já vi, já aconteceu comigo mesmo. (+) Tem, né? **P1:** Tem. **E2:** Não adianta que... Uma vez era mais, hoje em dia já não é mais tanto. No meu tempo que eu era menina era muito preconceito, uma bobice, falta de instrução, as pessoas muito ignorantes. Daí ficavam assim. Até porque se a pessoa fosse de cor, nossa, não podia nem ir num baile. Muito branco ia, moreno não. Ah, de primeiro era, no meu tempo era. Hoje em dia, não: melhorou bastante, porque agora é crime, vai ganhar até processo se fizer, né? Nessa parte aí melhorou bastante. Minha testa não inchou, né? Não, né? **P1:** Não. **E2:** Eu lavei, mas ainda tem terra [risos]. **P1:** Não, está ótimo. **E2:** Está ótimo. **P1:** A senhora acha que informação é poder? **E2:** Não, informação não é poder, informação é saber. Saber é uma coisa, poder é outra. **P1:** Entendi. Saber é uma coisa, poder é outra. **E2:** É. E o poder para mim, poder quem tem poder é só Deus e mais ninguém. **P1:** Concordo com a senhora. **E2:** E tem gente que pensa que tem o poder, mas não tem. **P1:** Quem, por exemplo? **E2:** Os políticos, né? Eles acham que... Não vai longe aquele dos Estados Unidos. Ele acha que tem o poder, né. Aquele... como é? O Donald... **P1:** Trump? **E2:** É. Trump lá, sei lá. Eu digo: "Aquela p. lá." [risos]. **P1:** Eu queria que a senhora me respondesse outra coisa: Qual é o papel do SESC na vida da senhora? **E2:** O SESC sempre foi para me informar… Ai, tanta coisa boa que o SESC já foi: eu já viajei muitas vezes com o SESC, viagem... viajei e viajo, né? Ah tem tanta coisa boa que o SESC já fez para mim. Já... para mim... Quem sabe é por isso que eu não tenho depressão, não sinto solidão: por causa do SESC. Porque eu não tenho solidão — baile eu não gosto, baile eu não vou, não vou em baile, não gosto dessas coisas — eu só vou nos bailinhos quando nós vamos viajar, que é no hotel lá e daí eu gosto de brincar lá com as mulheres, sabe? Mas, assim, baile, essas coisas, eu não gosto, mas o SESC foi muita coisa: eu não tenho depressão, eu tenho saúde. Acho que eu peguei do SESC a saúde. **P1:** NOSSA. **E2:** Acho que foi, porque daí não entro em depressão, eu tenho saúde, né? Ginástica, eu sempre fiz ginástica... aqui — agora que eu não estou fazendo, porque o que o jogo do câmbio é quatro vezes — mas antes quando era duas vezes eu fazia e ginástica nos outros dias. Conheço todos eles. **P1:** Que legal. **E2:** Ah não, é tudo... É verdade... A gente acostuma, né? Acostuma a vir. **P1:** Verdade. **E2:** Daí quando saem as gurias que são amigas da gente, porque tem determinado tempo elas saem, né? Mas aí já vem outras e a gente faz amizade, mas a gente lembra daquelas que passaram. **P1:** A senhora tem amigas aqui, então? Amigos? **E2:** Tenho, tenho. Nossa, eu tenho um grande amigo de muitos anos. Ele tem muita consideração comigo e eu também com ele. Você conhece. **P1:** Ah, é? **E2:** O C. **P1:** Será que eu conheço? **E2:** Acho que conhece. É do esporte, né. **P1:** Hum... É professor? **E2:** Ele é professor, mas acho que agora ele é meio diretor, meio chefe. O C. Até semana passada ele ficou pai: nasceu o nenenzinho dele. *[palavra inaudível].* Quando ele veio, ele morava no interior, no sítio e ele veio... É verdade, né? É, quando ele veio estudar aqui em Lages, na faculdade, ele pegou uma casa alugada no lado da minha, mas isso há muitos anos: minha filha era pequena. Minha está com 31 anos. E… e daí nos domingos, ele... de tarde ele ficava lá na frente, encostado no... na cerca e eu também eu ficava lá, com a minha [filha] brincando. E daí eu sou muito falante, um dia perguntei para: "Oh moço, de onde que você é, né, que mora...?" Daí ele conversou comigo. Daí ele saiu da casa dele e foi lá no portão. Eu disse: "Não, pode entrar." Daí ele entrou, tudo. Daí eu disse: "Nós vamos buscar uma cadeira." Nós estávamos lá fora. Ele sentou, daí eu levantei, assim: "Vou fazer uma pipoca para nós." Ficamos amigos daquele dia em diante... E eu aprendi muita coisa com ele e... nós ficamos amigos. Quando eu tinha aniversário — porque eu sempre tive muito conhecimento — eu convidava ele para ir junto. ELE IA, ELE IA! Nossa. Uhum e minha filha era pequena, daí eu sempre dizia que eu queria que a minha filha fizesse faculdade. Depois ele fez um mestrado ali, daí ele foi... Ele começar a trabalhar no... — Eu sei a vida dele, que nossa — no SESI. Depois do SESI, daí eu fiquei muitos anos sem ver ele, porque daí ele foi.

Ele já tinha já tinha feito pós-graduação, ele já tinha ido. Foi, daí faz eu... Faz uns três, quatro anos... a D. ali... a nossa... que dá aula para nós de ginástica. Daí ela disse que era professora lá no SENAI... no SESI! Daí eu disse: "Ah, um grande amigo meu era professor no SESI, não sei se ainda é: o C." Daí ela disse: "Ih, ele é ainda." Passados uns dias, ele vem para cá: eu vou entrando para ir na terceira idade, lá em cima, passei e ele me viu. Daqui a pouco ele bateu na porta e disse para o A.: "Dá licença, eu quero dar um abraço em uma pessoinha que passou e não me viu, mas eu vi." Que era eu. Ah, agora a gente se vê. **P1:** Vocês são amigos então? **E2:** Somos. Desde… de tempo atrás. Amizade boa. **P1:** A senhora tem outros amigos aqui no SESC? Da terceira idade, dos grupos? **E2:** Tem as gurias, né, minhas amigas todas. Eu me dou com todo mundo, com o J. Com todo mundo, graças a Deus. **P1:** E a senhora… Qual é o papel dessas amiga do SESC na vida da senhora? O quê que vocês fazem juntas? O quê que vocês desenvolvem juntas? **E2:** Nós conversamos, conversamos. A gente tem bastante coisa. Nossa, como eu tenho amiga boa, meu Deus. Já de muitos anos. Tem a M. J. que… acho que eu já conheço ela há uns dez anos, daqui do SESC. Até a primeira vez que ela... Tinha uma viagem para Cacupé, ela queria ir — mas tu sabe os japoneses — eles são tudo reservado, né? Daí eu disse: "Ah não M., vamos daí você fica no quarto comigo, não tem problema. Vamos?" Daí ela foi, foi daquilo que nós *[palavra inaudível]* sempre. **P1:** A senhora então que incentivou ela a viajar? **E2:** Incentivei ela. Ela e a T. Agora ela leva até o marido dela, o seu N. Quer ver, pergunte para o A. **P1:** Que máximo. **E2:** As amizades, nossa. **P1:** Era isso que eu queria perguntar para a senhora. **E2:** Era? **P1:** A senhora gostaria de falar mais alguma coisa? **E2:** Não, já falei bastante. Lembrar do passado, né? Da época da M., M. era envergonhada. **P1:** Alguns já foram então? **E2:** Sim, já tem muitos que já se foram, né. É, muito... principalmente da turma do nosso jogo que era o que dava aula para nós, o nosso professor. Que também foi uma morte muito estúpida que deu nele, né, uma doença que matou o P. que era o professor. Rapaz novo, cheio de sonho também. Aquilo lá me magoou me.... Nossa. Nós ficamos muito triste. E tem o J. ali do câmbio que é uma pessoa maravilhosa, não tenho o que falar. Tem o A. também... muito gente boa. **P1:** Então é isso. **E2:** É.

NARRADORA 3

P1: Eu gostaria que a senhora me dissesse se a acha que o conhecimento é importante na vida de uma pessoa e por quê. **E3:** Conhecimento é MUITO importante e a gente começa quando nasce e depois de... Com o passar do tempo cada vez mais... fica mais… é... fica… Se torna mais importante, né? Porque dependendo do conhecimento que você tem, daí você vai continuar sua vida você vai levar…. Como é que eu vou... Tu pode... ter uma vida, assim, mais significativa... ter mais... Ter um relacionamento melhor com os teus... Olha, tu está com lágrimas nos olhos? [risos]. **P1:** Eu estou resfriada. **E3:** Eu vi [risos]. **P1:** Mas muito interessante o que a senhora está me dizendo. **E3:** Sim e inclusive faço terapia também para... me autoconhecer melhor, né? Ver minhas falhas... minhas atitudes… me interiorizar: entrar dentro de mim, porque hoje em dia é muito difícil a pessoa se desligar e se interiorizar, né? Então eu faço… E estou lendo sempre, lendo bastante, procurando saber mais, cada dia mais né? Aprendendo contigo hoje [risos], com você, né. É uma troca, né? **P1:** Eu estou muito feliz de estar aqui. **E3:** Eu também. **P1:** De estar em todos os lugares do SESC. As pessoas me contam coisas muito interessantes. **E3:** Que bom. **P1:** Ninguém tinha me contado sobre essa questão de se autoconhecer… **E3:** Uhum. As pessoas estão muito ligadas, muito conectadas. Tem que desconectar e olhar para dentro. **P1:** A gente acaba tendo informação sobre tanta coisa externa, né? **E3:** Muita informação e não usa essa informação quase para nada, né? Corre, corre, corre, corre: bruuuuuuu. **P1:** Acabou o dia, né? **E3:** É. **P1:** E não usou para nada. Realmente. **E3:** Claro, porque tem que ter tempo também. Eu tenho tempo. Se eu não lesse, se eu não

procurasse me... melhorar a mim mesma e a minha relação com os outros, o que seria, né? Eu estaria... paradona, esperando a morte chegar que nem diz o… Como é que é o nome? O… **P1:** Raul Seixas. **E3:** Raul Seixas, né. **P1:** É o Raul Seixas que diz isso, né? **E3:** Sim. Mas tem que ir atrás, né, tem que ir buscar. **P1:** É verdade. Lembrei agora da música do Raul Seixas. Gente, fazia tempo que eu não ouvia. (+) A senhora sente que tem necessidade, assim, de informação, de conhecimento? Tem algum momento, assim, nas atividades da vida da senhora, do dia a dia, que a senhora pensa: "Nossa, se eu tivesse mais informação sobre isso, mais conhecimento, acho que eu…" Tem algum... Tem alguma parte da sua vida, em algum aspecto que a senhora sente? **E3:** Bem, eu estou buscando, né? Mas... eu queria… Opa, me deu um branco agora [risos]. Peraí. **P1:** Fica à vontade. **E3:** Como eu te falei: eu leio, né, bastante e… gostaria de ter os relacionamentos melhores. Não relacionamentos melhores... Uma forma de me relacionar melhor: com o meu filho, que faltou, assim, bastante… bastante... Como é que eu vou te dizer...A gente passou por uma fase muito ruim quando o pai dele faleceu, né, tudo. Então eu não pude… tem coisas que eu falhei com ele. Ninguém é perfeito, né? **P1:** Claro. **E3:** E hoje também, hoje em dia eu gostaria de, assim, ter mais amigos. Então nessa parte de relacionamentos que eu acho que eu queria buscar mais. ESTOU BUSCANDO, mas eu queria um resultado melhor, né? **P1:** A senhora falou de um aspecto bem... profundo, né? **E3:** Muito profundo. **P1:** De… De relacionamentos. **E3:** Eu sou profunda mesmo. Sou mesmo. **P1:** A senhora deveria fazer filosofia. O pessoal que gosta de discutir aspectos de existência... **E3:** Quem sabe eu faço filosofia ainda! [risos]. **P1:** É ótimo! **E3:** Eu gosto de… de falar sobre, sobre... a… Como é que vou dizer… a existência de Deus porque isso, o por quê daquilo, como é isso ali... *[pausa na transcrição de 3min15seg de áudio]* **P1:** Mas no não aspecto operacional mesmo que eu digo, assim, bem básico: coisa de saúde, coisa de lazer, coisa de entretenimento… Existe alguma... desses… assim, nesse aspecto mais, assim, digamos assim… **E3:** Corriqueiro! **P1:** É! Mais corriqueiro, isso mesmo. Obrigada pela palavra. **E3:** Imagina. Deixa eu ver… o quê que seria… Acho que na parte do lazer. **P1:** Consegue dar outro exemplo? **E3:** Estou meio bitolada. Eu quase não saio, né, eu sou uma pessoa que eu fico em casa… eu... tenho... eu tenho... atividades aqui, leio bastante e não sou, assim, muito de sair eu queria ter mais... com lá fora, sabe? Mais contato com… **P1:** Entendi. **E3:** Entendeu? Ou eu não soube me expressar? **P1:** Soube, é claro que soube! Então a senhora sente que não... não tem… não... **E3:** LAZER. Me divertir (+) **P1:** Entendi. **E3:** Não sei se... Com certeza isso é um pouco da idade, né, que a gente se sente meio sem energia e um pouco é... falta de amigos. Eu queria ter relacionamentos, assim, mais profundos… com relação a amizade, né. **P1:** E aqui no SESC a senhora não tem amigos? **E3:** A gente... a gente é amigo ali na hora que a gente canta, na hora que a gente dança, mas depois cada um vai para sua casa, cada um fica no seu... Eu não fico muito no computador, eu procuro ler, procuro... dá uma caminhada, né, mas, assim, as pessoas estão muito no fundo tão egoístas também acho eu acho, né? Interiorizadas, NÃO SE INTERIORIZAM COM RELAÇÃO À DENTRO DE SI, mas ali no… **P1:** Eu e eu, você e você? **E3:** Isso. É… Não tem empatia, não tem... Como é que eu vou falar… **P1:** Individualistas. **E3:** Isso! Me fugiu a… o termo ali: individualismo. As pessoas estão assim com a *internet* e pior que os jovens também e aonde isso vai chegar, eu não sei. O jovem está muito... — não todos — não dá para a gente generalizar, né? Mas a maioria não te diz um "Obrigado", não te diz "Com licença", "Bom dia", "Boa tarde". Isso é…TRISTE até, né? **P1:** A empatia é a base de uma sociedade de amor, né? De... **E3:** Com certeza. Com certeza. **P1:** Que as pessoas fazem bem para as outras. É isso que... **E3:** É… **"**Como você tá?", "Posso te ajudar?", "Ai, tô precisando conversar", "Então vamos conversar". Eu sei que até… Eu estou falando de mim também. Eu estou sempre pronta, com certeza, mas tem alguma coisa que bitola que não… Isso eu estou trabalhando na terapia também, né, eu tenho... Eu acho que eu formo uma imagem de mim e essa imagem se reflete, né? Tipo: "Ah, eu não mereço", "Ai, eu... não sou boa o suficiente", "Eu sou isso, eu sou aquilo". Então, agora eu estou tentando tirar essa imagem de

mim. **P1:** E como que a senhora construiu essa imagem da senhora? **E3:** Eu acho que foi a... Foi com o... passado da… da... infância. Uma infância muito difícil, né? Os castigos bravos, tudo, né? Que criaram em mim uma... Certas... Como é que eu vou dizer… Certas... Fugiu também. **P1:** Traumas. **E3:** São traumas, é. Traumas de infância que me... Que fizeram com que eu criasse uma imagem diferente de mim, sabe? Que na verdade não são, mas isso porque aconteceu lá no passado, né, e agora ela se reflete na vida… na vida adulta, né? **P1:** Dizem que até os seis anos… Tudo… **E3:** Ih, depois não é só os seis anos. Tem... **P1:** Mas aquilo que acontece até os seis anos, assim, traumas ou qualquer outro tipo de influência, eles fazem você carregar aquilo para o resto da sua vida, né? **E3:** Sim, mas não é só até os seis anos, é depois também. Eu tive aos oito anos e foi brabo. Até hoje eu trabalho ainda. **P1:** Mas que bom que a senhora tem os recursos para trabalhar esses traumas, né? **E3:** Sim, é o perdão. Eu trabalho o perdão, porque eu me ponho no lugar do meu pai. Meu pai que era muito de castigar, né, a mãe não. Então eu me ponho no lugar dele para sentir de repente o que ele tava sentindo com relação à falta de emprego, à... falta de coisas dentro de casa — porque era na vida pobre, né — meu pai era professor, ganhava muito pouco. Naquela época, já imagina só, ganhava muito pouco, né? Então ele era muito revoltado, ele era muito inteligente, era um... aquariano muito para frente do tempo, né, mas era muito explosivo, era muito militar. Então criou em nós uma... Assim, ele criava a gente de uma forma muito autoritária. Que chocava, né? **P1:** E antigamente os homens… Eles tinham uma responsabilidade, né? **E3:** MUITO. Eles tinham e eram muito... Eles achavam que eles podiam tudo, né? Que eles eram os donos da casa e que eles podiam fazer o que eles quisessem fazer. **P1:** É... Tem toda... Tem essas duas partes: ao mesmo tempo em que o homem ele era superestimado, antigamente, a mulher não era nada. O homem era tudo, mas ao mesmo tempo ele... Por ele ser a única pessoa responsável por trazer dinheiro, chefe da casa, tudo, eles tinham peso maior de responsabilidade: "Não, eu tenho que trazer comida para dentro de casa.", "Eu tenho que educar bem meus filhos.", "Eu tenho que…" **E3:** "Eu tenho que aquilo, eu tenho que isso." **P1:** Tinha o poder todo de um homem, mas junto com o poder tem todas as responsabilidades, né? Talvez seja algum tipo de... quem sabe hoje em dia a senhora entender, né, essa questão. **E3:** Sim, sim. Com certeza. É, hoje em dia graças a Deus está caindo isso, né? Não tem mais essa história: já não pode mais castigar o filho. O meu filho cria os filhos dele de uma maneira, assim, ele chega a ler livros para poder educar bem. Eu fico encantada com ele, porque ele me…: "Mãe eu estou lendo livro de como educar meninos." Ele já tinha lido de como educar menina, né, agora ele está lendo de como educar meninos. Acho isso muito lindo, né. Então a educação hoje em dia está diferente, não tem mais… Tem mais diálogo, eu acho, né? Eu acho que está faltando diálogo ainda, mas está desenvolvendo, já está indo. **P1:** Eu acho que eles dão mais empoderamento para as crianças e com isso elas se sentem mais empoderadas e mais corajosas e também mais responsáveis, porque, né, ela se sentem: "Poxa, então eu tenho voz", "Eu, né, eu sou importante". **E3:** Sim. Isso é importante, porque a criança vai ser mais feliz e outra coisa muito… Um ponto muito importante: encontrar Deus o quanto antes dentro de si. Isso também é... é primordial, é maravilhoso. Não ficar questionando a vida inteira, tipo eu fiquei questionando a vida inteira a... existência de Deus e porquê isso e porquê aquilo. HOJE eu estou encontrando Deus, depois de tanto tempo. E ele vem de uma forma, assim, que eu não pensava, né. Ele tá... ele é muito sutil. Tipo assim... Você está... Como é que vou te contar, vou te contar o que aconteceu comigo fazem quinze dias. Eu passo muito sozinha nos finais de semana, né, e estou trabalhando... a... essa questão no psicólogo também. Para eu lidar melhor com a solidão nos finais de semana, né? Então, foi... Eu estava assim um domingo muito chateada pensando: "Bah, eu podia estar com meus netinhos lá". Triste, chateada, chorei. De repente, alguma coisa me disse assim: "Não fique assim." — Nossa, eu me arrepiei agora — "Não fica assim, eu estou contigo. Eu estou aqui contigo sempre, você não está sozinha, eu te amo." Sabe? Me deu um bem estar, assim, meu Deus, uma ALEGRIA. Só aquela sensação de ele ter se apresentado para mim, de ter dito

que ele está comigo sempre. Meu Deus, eu passei um dia, assim, ESPLÊNDIDO, MARAVILHOSO. **P1:** Eu já passei muitas experiências assim na minha vida. **E3:** Sim! Maravilhoso, maravilhoso. **P1:** Muitas experiências muito profundas. **E3:** E se eu te contar, tem muita coisa. **P1:** É… é muito bonito quando isso acontece, já aconteceu algumas vezes comigo. **E3:** Sim! Que bom, que lindo, né? Lindo. **P1:** É… isso faz a gente ter força, né? **E3:** Ter força. **P1:** Encoraja, motiva. **E3:** Meu Deus. Maravilhoso. **P1:** Vamos voltar aqui para o nosso operacional. A gente… a gente estava no profundo, no existencial [risos]. Está muito interessante a entrevista com a senhora, está indo para um outro lado assim que… [risos]. E hoje eu estou conversadeira, geralmente eu não… eu não estou...Geralmente eu deixo mais as pessoas falarem, hoje eu estou conversadeira. **E3:** Que bom. **P1:** Enfim, é… **E3:** Quando estiver indo muito para o lado profundo, assim, você me puxa… **P1:** Não, nossa, está ótimo. Não, a senhora... É o que a senhora está... vivendo, é o que a senhora está sentindo. Então é isso mesmo. Não, não tem que puxar para o lado operacional não. **E3:** Está certo. **P1:** Cada entrevista tem uma característica diferente. É isso que eu acho mais... Eu queria saber se a senhora se sente livre? **E3:** Livre? Livre…Sim. Me sinto livre, graças a Deus. **P1:** Me conta por quê. **E3:** Por quê? Porque eu posso ir e vir, porque eu posso me expressar, colocar meu ponto de vista, porque eu posso dentro da minha casa fazer o que eu quero: se eu quiser deitar e dormir, eu deito; se eu quiser ver um filme, eu vejo. O quê mais... Se eu quiser sair para rua, eu saio. De repente você quer que eu fale de uma liberdade fora disso. **P1:** Não, é essa liberdade mesmo. **E3:** Não, né? Pode me puxar, pode me… **P1:** Não, é essa mesmo. **E3:** Aham, é isso aí mesmo: me sinto livre. Eu venho no SESC, faço o que eu quero da minha vida… Me sinto livre. **P1:** Deixa eu perguntar uma outra coisa bem profunda, aproveitando que a senhora está numa *vibe* profunda, né? [risos]. Eu gostaria de saber... Qual é... O que a senhora acha que é a sua missão aqui na terra? **E3:** A minha missão? Trazer a generosidade e o amor. **P1:** Que bonito. **E3:** Eu sou muito ligada na natureza. Eu gosto... AMO, amo árvores, plantação, amo bichos. Eu tenho bichinho em casa, procuro saber sobre os bichinhos: como eles agem, o que fazer para que eles se sintam melhores, sabe? Cuidar bem, não deixar ir para rua, então eu sinto... Como é que foi a pergunta mesmo? **P1:** Qual é a sua missão aqui? **E3:** É levar esse cuidado, é levar esse amor à natureza, aos bichinhos e às plantas. **P1:** Que bonito. A senhora falou sobre generosidade. **E3:** Generosidade. Eu sou muito generosa também. A generosidade, tipo... quando você pode ajudar uma pessoa, você ajuda... Solidariedade também é um pouco generosidade, né? Então se alguém te pede alguma coisa... Você quer falar comigo? Quer desabafar? Pode desabafar comigo. Se eu estiver ao alcance de te ajudar também, eu te ajudo... na medida do possível. Digo não também quando eu não posso. O não é muito importante, né? Não ficar sempre dizendo: sim, sim, sim, né? **P1:** Ele é mais importante que o sim, porque o sim é fácil de dizer, né? **E3:** Sim. O sim é fácil de dizer, então... **P1:** Então a senhora se sente uma pessoa muito ligada às outras? **E3:** Uhum. **P1:** Todas as outras pessoas? **E3:** Sim, mesmo que eu não tenho muito contato, assim, mas eu me sinto ligada. Muito ligada. Contato físico digo, né? **P1:** Uhum. Agora… Pode falar. **E3:** Acho que era isso. Estou falando bastante, né? [risos] **P1:** Não, eu separei uma hora, a gente está no 25 minutos ainda. Está bem... Está tudo certo. Outra coisa... **E3:** Já? 25 minutos? Credo [risos]. **P1:** Na verdade o 25... **E3:** Que rápido! **P1:** É. Na verdade, o 25 porque eu… Eu estou… Eu parei umas partes que eu fui falar de mim [risos]. **E3:** Ah tá. Aham. **P1:** E aqui, na verdade, o importante é saber da senhora, não é saber de mim. Daí eu parei umas partes. **E3:** Sim, mas foi bom a gente trocar ideias, né? **P1:** É, né? **E3:** Foi tão bom te conhecer. **P1:** Ah, foi ótimo. **E3:** Está sendo tão bom. Você tem uma energia de LUZ. **P1:** Ah, obrigada. **E3:** Uma energia... positiva, de pureza. **P1:** Sabe que... não é a primeira vez que eu ouço isso? E para mim é o melhor elogio que existe, porque não tem nada melhor do que você ouvir de uma pessoa que você passa uma energia boa. **E3:** Sim, uma energia boa.**P1:** Acho que não existe nada, assim, que a gente possa ouvir de uma pessoa que seja melhor que isso, né? "Você é bonita", "Você é magra", "Você é inteligente", né? Isso... **E3:** Além de ser bonita, claro! Mas

eu vejo… Eu procuro ver o interior, sabe? Porque o interior… ele reflete o exterior da pessoa. **P1:** É, eu não faço muito sentido de ouvir: "Você é bonita", "Você é magra", porque hoje eu sou bonita, amanhã eu posso sofrer um acidente, eu posso não ser mais. Hoje eu sou magra, amanhã não, né? Amanhã eu não posso ser magra, né? Hoje eu posso ser inteligente, amanhã… **E3:** Continua inteligente! **P1:** É! Agora, passar uma energia boa, né? Uma coisa tão mais profunda. Agora uma coisa bem operacional mesmo: onde a senhora costuma buscar informação? A senhora me contou que usa o celular, o *Facebook*... **E3:** Eu uso… eu uso o computador. Na *internet*, qualquer coisa que… No *Google*, né? Qualquer coisa que… Qualquer dúvida ali, eu consulto ele ali me dá na hora, né? E lá nos livros também, eu leio bastante né? **P1:** O quê que a senhora lê? **E3:** Eu estou lendo atualmente... Augusto Cury, por isso que eu estou, assim, bem interiorizada. **P1:** Ele é ótimo. **E3:** Ótimo, né? **P1:** Nossa, eu já li alguns livros dele, assim… **E3:** Uma maneira melhor de gerenciar pensamentos... emoções, sentimentos e não é fácil, nada fácil. **P1:** Não é. Você consegue gerenciar muita coisa, agora emoção e sentimento… **E3:** A emoção vem e te toma, né? Então a gente… **P1:** A senhora medita? **E3:** Eu te diria que... Eu não sei se é meditação, mas eu tenho um momento do dia, assim, que eu desligo tudo, fico no meu sofá ali e... começo me interiorizar e procurar não pensar. Dá um branco. **P1:** É meditação! **E3:** Dá um branco. É minha meditação essa. **P1:** É uma técnica, a senhora sabia que... **E3:** Sim, sei. **P1:** Essa técnica de tentar não pensar em nada, chama *mindfulness.* **E3:** Uhum, isso mesmo. **P1:** É uma das técnicas... **E3:** Só não sabia o nome. **P1:** É isso mesmo, *mindfulness* o nome. **E3:** É que eu fui terapeuta holística, né, então eu tenho uma bagagem meio grande de informação, de… Reiki. Eu fui reikiana. **P1:** Olha que legal, nossa. **E3:** Trabalhava com pessoas, OUVIA muitas pessoas. Depois eu deixei, porque meu filho é evangélico e se não está na Bíblia, ele não quer que faça. Para eu não criar atrito entre nós, eu preferi deixar. E tava me desgastando muito também, né? Porque eu ouvi. Ele [filho]: "Tu tem que saber filtrar." Né? E eu sou muito esponja. Tem que filtrar, por que você ou vai levar para casa… **P1:** Ficar pensando muito naquilo… As pessoas que absorvem muito fácil energia, elas… **E3:** Eu sou, uhum. Muito. **P1:** Elas são muito mais sensíveis a essas coisas. **E3:** Aham, hoje eu já estou, assim, bem mais… **P1:** Seletiva? **E3:** Seletiva. Não estou mais trabalhando com isso, né, mas estou procurando ter uma vida melhor, uma vida mais feliz, né. E… Assim. **P1:** Que bonito. Agora volte a me contar sobre... A senhora falou que usa a *internet.* **E3:** Uhum. **P1:** A senhora aprendeu a usar *internet* faz muito tempo? **E3:** Fazem... deixa eu ver… uns dez anos, eu acho. **P1:** Olha, já faz bastante tempo! **E3:** Faz [risos]. **P1:** E por que que a senhora, assim, sentiu necessidade de mexer no computador? O quê que a senhora precisava que tinha no computador e que a senhora precisava aprender a mexer? **E3:** Olha, no começo era amizades, né, conversar com as pessoas, né. E depois era procurar um companheiro, um relacionamento. **P1:** Olha, que legal! **E3:** Eu até encontrei uma pessoa. Tive dois companheiros depois que eu fiquei viúva, mas não… Não foram coisas boas assim, sabe? Aí pela *internet* eu encontrei uma pessoas, mas não… Bateu espiritualmente, nos damos muito bem, mas a parte do… do relacionamento íntimo não bateu, né. Então ele preferiu... Eu... queria continuar, porque para mim era muito importante a parte de companheirismo de… de parceria, né? Mas ele achou que se aquela parte não tava dando certo, né… **P1:** Nenhuma outra daria. **E3:** Nenhuma outra daria [risos]. Aí ficou assim, né? Faz o quê… dez anos que eu não tenho mais ninguém, então o que eu procurei na verdade foi amizade e relacionamento amoroso. E hoje... hoje não, hoje eu procuro mais informações, assim, de mais conhecimento de várias coisas, né, de... Tipo uma palavra que eu não sei o que significa: eu vou lá, eu vejo "Ah, é isso, isso e isso", "Ah que dúvida?", "O quê que é isso?" "O que significa?" [imitando o som do teclado computador]. **P1:** E mais o quê? Alguma outra coisa. **E3:** Informação, conhecimento, relacionamento, amizade. **P1:** A senhora falou sobre buscar alguma palavra que não sabe no português… **E3:** Dicionário, né? **P1:** Uhum. Tem alguma… **E3:** Amizade, relacionamento amoroso, informações no *Google*, informações… **P1:** Mas que tipo de informação além dessa

de palavras no dicionário? Existe uma outra, por exemplo? **E3:** Tipo, deixa eu ver… **P1:** O quê a senhora costuma procurar no *Google*? **E3:** É, na verdade o que eu procuro é conversar com as pessoas, trocar ideias, mensagens boas... **P1:** Aí a senhora usa o *Facebook*? **E3:** *Facebook*... **P1:** Se bem que ultimamente… **E3:** Está uma p. **P1:** *Facebook* não está muito bom não? **E3:** Ah, eu não tenho nem entrado quase. Só... É que eu me comunico com a minha nora, ela me ajuda em tudo que eu preciso, sabe? Ela é muito querida, é uma filha. **P1:** O quê que a senhora precisa que ela ajuda? Me conte. **E3:** Tipo... Não, eu vou te contar uma história bem rapidinha, para não pegar muito tempo. **P1:** Não, eu tenho até às 11 horas, agora são 10h24min. **E3:** Tá. Eu... depois que eu perdi meu marido, eu vim para Chapecó e sofri uma depressão muito forte. Aí tive que ter... foi... foi com 35 anos, aí tive que... ainda bem que eu tive meu pai, minha mãe e meu irmão que me ajudaram, né, a cuidar do meu filho, porque eu não conseguia nem cuidar dele, né. Então... eu fiquei, assim, com essa vida desregrada uns 20 anos e aconteceram muitas coisas ali, né. Qual é a pergunta mesmo? **P1:** O quê que a nora da senhora… **E3:** Ah sim. **P1:** ...ela ajuda na senhora? **E3:** Então, eu tive que ser internada numa clínica para desintoxicação. Fiquei três meses lá e devido a esse... esse uso desregrado calmante, né, que me dava um pouco de força de energia, né, eu não… o médico acha que eu não posso lidar com dinheiro, com valores meio altos, né, então minha nora me ajuda na parte financeira. Ela cuida do meu dinheiro, me ajuda — eu e ela cuidamos, né — então... seria isso... E eu me sinto... Ás vezes me sinto mal por não poder cuidar, sabe? **P1:** Do dinheiro? **E3:** Também trabalho isso na terapia. **P1:** Mas isso é tão maravilhoso ter alguém para cuidar do nosso dinheiro, dizer: "Agora você pode gastar, agora você não pode mais." É ótimo! Eu queria alguém assim. Será que não tem uma nora para mim dessa aí? **E3:** Você vai ter. Com certeza. Você merece, você merece. Sabe que agora eu estou vendo de uma outra forma, né? Eu estou agradecendo por ela, muito, muito. À Deus também por ela. **P1:** Que bom que ela é uma pessoa de confiança. **E3:** SIM. **P1:** Porque para cuidar de dinheiro. **E3:** Ela cuida muito bem do meu dinheiro: não tem dívidas, não tem nada. Eu vivia endividada, né, então agora eu estou achando um espetáculo, assim, sabe? Ela cuidar do meu dinheiro, mesmo que às vezes eu me sinta assim meio: "Bah, não tenho dinheiro para isso." Eu gastava muito, sabe? Eu gastava com roupa, com calçado, com tudo: perfumes, é... tratamentos estéticos. Agora não, agora a coisa ficou pior, né, porque… eu… comecei ganhando uma pensão bem grande, bem boa. Meu marido era engenheiro da rede ferroviária, né? Aí… eu ganhava bem, ganhava dez salários mínimos no começo, agora eu estou com três, quatro… deixa eu ver… quatro, eu acho… quatro, cinco. Mas tem remédio, tem aluguel, eu tive perdas financeiras por causa do companheiro que eu tive: que me levou a perder… a parte financeira… a parte… casa, assim, de imóveis, né? **P1:** Não acredito que a senhora levou golpe. **E3:** Também. Emprestaram dinheiro em meu nome e mandei embora, né? Porque eu queria era... *[palavra inaudível]*, né? (+) Por isso o relacionamento acabou. **P1:** Entendi. **E3:** Bem complicado, né? **P1:** Então a senhora usa mais a *internet* para conversar com a sua nora. **E3:** Para a gente se comunicar, assim, o que eu estou precisando... Às vezes ela é a minha psicóloga, porque que eu converso com ela. Se precisar, eu desabafo com ela. Meu filho já não tem essa proximidade comigo, ela tem. Talvez por ser mulher, né? **P1:** Claro. Não, tem tudo isso mesmo. A senhora já ouviu falar de *Fake News*? **E3:** Sim, bastante, né? Está cheio, né? E gente compartilha, mas eu procuro compartilhar coisas boas que eu sei que são verdade, sabe? **P1:** A senhora recebe muita *Fake News*? **E3:** Não, eu não dou bola para isso. Quando vejo que não vale nada e que pode ser *Fake News*: descarto, nem dou bola mais. **P1:** Mas senhora costuma, receber, assim, de vez em quando? **E3:** Sim, pelo *Face*, né? **P1:** Umas coisas que a senhora ver, assim: "Ah eu acho que não é verdade."? **E3:** Aham, pelo *Face*. **P1:** E aí a senhora não compartilha? **E3:** Não... Ou dou minha opinião ali… Às vezes dou opinião, às vezes eu não digo nada… Já vou para frente, né, deixo passar. **P1:** A senhora nunca procura saber, assim: "Ah, será que isso é verdade?", "Peraí, deixa eu pesquisar." Não? **E3:** É, às vezes eu fico na dúvida: "Mas será?", "Será que é isso?" **P1:** A senhora não vai pesquisar, assim, para

ver se é verdade ou não? **E3:** Olha… Não, não. Não tenho interesse. **P1:** Mas também não compartilha? **E3:** Não, não compartilho [risos]. **P1:** Porque tem gente que não sabe... se é verdade, vai lá e: compartilhar, compartilhar... Né? Eu gostaria de saber como a senhora participa da comunidade, assim, como a senhora ajuda a comunidade, como a senhora se relaciona com as outras pessoas na comunidade. **E3:** Sabe que eu estou... fora. Eu não sou católica, eu sou evangélica agora, né. Já fui espírita, já fui... umbanda, fui várias coisas, mas agora eu sou evangélica. É o que eu mais… Onde eu estou mais concentrada, o que mais me deu uma abertura, assim, na parte espiritual foi… ser evangélica, né. E... mas não sou bitolada, assim, a Bíblia, eu tenho… eu procuro expandir, né. Tem pessoas que são bitoladas na Bíblia só e... Então... Eu tenho um casal de idosos que participam da igreja ali que sempre vão na oração e tudo, conversam, são meus amigos queridos, mas eu não participo. Tem almoço lá nas terças, mas eu tenho... tenho atividades aqui, né? Então procuro... Lá não sei, acho que é porque é católica, né? Não sou... Você não interessa também saber se você... O quê que você é, né? **P1:** Eu sou católica. **E3:** Ah, é? Eu também fui, mas eu respeito. Respeito qualquer religião, QUALQUER TIPO de religião, né. Cada um tem seu livre arbítrio, né? **P1:** É onde a senhora se sente melhor. É só isso que importa. **E3:** É isso aí. **P1:** Né? **E3:** Então eu não participo da comunidade. Talvez futuramente eu participe. **P1:** E, por exemplo, a comunidade, por exemplo, aqui do SESC, a senhora participa de alguma forma? Assim... **E3:** Não sei se tem isso ali. **P1:** Vocês costumam sair, assim, o pessoal do SESC, para algum lugar? **E3:** Ah, sim. Viajar. **P1:** Vocês viajam juntos? **E3:** Uhum, a gente viaja. **P1:** Para onde a senhora já foi? **E3:** Olha, eu não sou de viajar muito para, assim, pra longe, porque eu tenho bichinhos, né, então tem que dar atenção para eles. Eu acho que a gente tem que ter… Se a gente tem um bichinho, você tem que dar amor para ele, você tem que dar os cuidados, tem que... cuidar, né? Quem ama cuida, né? Então eu vou procuro ir, assim, não muito longe, tipo Ametista... Aonde ainda... Salto não sei do quê que tinha esses dias, que era uma cachoeira bonita lá no Rio Grande do Sul, mas eu não fui. Eu...eu ia ir, mas era um lugar, assim, difícil de... chegar, é muito... Sabe? O caminho. Mas tenho buscado sair com o SESC. Devagarinho eu vou me soltando. **P1:** Uhum. Então a senhora vai junto com as outras pessoas? **E3:** Uhum. **P1:** Interessante. (+) Essa também é profunda. **E3:** [risos] Me pegou. **P1:** É boa para a senhora, né? A senhora acha que existem alguns segmentos da sociedade, de um modo geral, que são excluídos? **E3:** São excluídos? Segmentos? **P1:** É. Grupos de pessoas (+) que são, assim, deixados de lado hoje em dia? **E3:** Ah, bastante, né? Acho que os... Pessoas… Os cadeirantes são excluídos... PRINCIPALMENTE PESSOAS COM PROBLEMAS MENTAIS são excluídas, MUITO excluídas. Quem tem depressão já é visto de uma outra forma: doente mental, coisas assim. Isso é triste, isso é profundo. **P1:** E por que, será? **E3:** Por que? Não sei. Não entendo, não entendo. **P1:** São os diferentes, né? **E3:** São os diferentes. Talvez porque são diferentes, né? E… Quando na verdade deveria ser tudo ao contrário, né? Deveriam…. Eles deveriam é se APROXIMAR mais, né? Porque ali que a pessoa está precisando, está precisando que olhe para ela, né? As pessoas que se suicidam... Os autistas também são deixados bastante de lado… Síndrome de *Down* até que não muito, mas os autistas sim… OS IDOSOS TAMBÉM, os idosos também. **P1:** A senhora se sente excluída em alguns aspectos? **E3:** Olha, eu não recebo muita visita do meu... do meu filho, da minha nora e as crianças. Estou trabalhando na terapia isso também, procurando aproximar eles um pouquinho mais, né, porque eles vêm na sexta-feira de tarde — de noitezinha — ficam 15 minutos e olha: tchu. **P1:** Entendi. **E3:** Então nós também somos excluídos. (+) Infelizmente. **P1:** Mas por quê? **E3:** Ah e eu vou saber o por quê? Cada um tem a sua vida. Muito envolvidos com a vida deles ou porque eles não vêem muito interesse numa pessoa que está mais velha. As pessoas não respeitam... não cumprimentam, se você estiver no ônibus não te dão o lugar. **P1:** Talvez por conta daquele individualismo que a senhora falou. **E3:** Individualismo, é. Talvez também. "Ah, porque é velho", "Ah, deixa ele se virar". Eles não lembram que eles vão ser velhos também. **P1:** E vai ser uma virtude envelhecer. **E3:** É. **P1:** São

poucos os privilegiados que vão ter essa virtude, né? **E3:** Poucos, é. O meu… o meu querido se foi, com 31 anos. Um homem maravilhoso. **P1:** Às vezes a gente não… consegue entender algumas coisas, né? Eu não conseguiria entender. **E3:** Eu também não. Ainda… Por mais que eu estude, por mais que eu procure ler… **P1:** A senhora acha que informação é poder? Conhecimento é poder? **E3:** Também! **P1:** Me conta. (+) A senhora acha que quem tem informação e conhecimento, seria mais…Talvez quem for mais informado consegue lidar melhor com… **E3.:** Consegue lidar melhor com a sua vida, com as suas coisas, com… o relacionamento com outras pessoas. Pode expandir a sua consciência, seu eu… Pode ter uma vida melhor, principalmente na nossa idade, assim, na minha idade, não na tua. Na minha né? Em que… Como eu te falei, há uma… há um meio descaso com idoso, né, também. Muitos... Muita gente abandonada nos asilos, né? Então se você tiver informação, você não precisa chegar à um asilo, de repente. Se não tiver... se não tiver... aquele… A coisa que é o *Alzheimer*, né? Se você tiver boa memória, se tiver lúcido, você pode ir levando a tua vida até um bom tempo, né? Fugindo dessa p. que é essa *[palavra inaudível]*. Então eu acho que é um pouco de poder também. **P1:** O quê que a senhora busca aqui no SESC? **E3:** No SESC eu busco saúde, ter mais saúde com atividades, né... Na saúde seria: melhor memória... Que a gente trabalha aqui a memorização, a coordenação. Coordenação, memória… **P1:** A senhora faz parte do grupo da memória? **E3:** Eu fiz o ano passado. Concentração... Essas danças circulares que a gente faz: elas levam a gente a se concentrar, a ter coordenação, a ter uma memória melhor. E a cantoria, porque eu gosto de cantar, sempre gostei. Eu venho de família de músicos, né, de cantoria. Cantava quando era pequena, depois quando era adolescente também. Depois parti para conquistar outras... outras formas, né, de ter uma vida melhor, estudar, né… **P1:** Então a senhora busca... **E3:** Eu busco saúde, lazer, amizades, relacionamentos, né. **P1:** E a senhora tem amizades aqui no SESC? **E3:** Eu tenho para todos, com todos eles. Me dou bem com todo mundo. **P1:** E vocês saem, assim, fora do SESC? **E3:** Olha, é isso que eu estou procurando fazer, né, assim, ter uma… Porque... sabe que quando eu fiquei…. Eu tenho... Eu tinha bastante amizades quando eu... quando eu trabalhava com a parte holística, com Reiki, né. Então era tudo pessoas ligadas à astrologia, terapia isso, terapia aquilo, né. Então tinha bastante amizades, mas chegou um ponto em que eu me... me fechei tanto com os calmantes, que eu tomava para fugir da dor, né — que eu tive que ser internada, como eu te falei, né — então os amigos sumiram, sabe? Amigos antigos sumiram, ninguém mais nem procurou saber de mim. As pessoas somem, né? Então agora eu preciso fazer... Procurar fazer amizades... no agora, na idade em que eu estou, né... Bons amigos, que a gente possa sair, possa se divertir, né. É isso que eu estou procurando… criar. **P1:** Aqui no SESC? **E3:** Aqui no SESC e… Mas está difícil, sabe? Porque como as pessoas — como nós falamos antes — estão, assim, individualistas, né? Cada um para si. **P1:** Vem aqui, faz as coisas, vai embora, tem outras tarefas. A senhora diz isso, assim? **E3:** Faz demais. Tem uma amiga que faz demais coisas, assim, meu Deus. Eu gosto... Eu acho que as pessoas... tem que fazer mesmo atividades, né, mas não se perder as atividades, né? Tem que curtir a casa também, né? Eu gosto de curtir minha casa, meus bichinhos, meus livros. **P1:** Quais são os bichos que a senhora tem? **E3:** Tenho uma gatinha, Leona, castradinha já, com oito anos. O Neném que faz três esse mês — não sei qual é o dia, porque eu achei ele perdido na rua, né, pequenininho — castradinho também. **P1:** Um gatinho também? **E3:** Uhum, ela… a Leona, né, a gatinha: ciumenta, uma personalidade... Parece eu [risos]. **P1:** Personalidade forte da gata? **E3:** Deus o livre. E… **P1:** Sente ciúme do gatinho? **E3:** Não, ela sentia. Tem outro gatinho pequenininho que vem lá em casa, às vezes.... Ele foge de lá, não sei por que, mas o gatinho é, assim — mas ele é muito sapeca, ele tem uns três meses, eu acho — siamês. E aí, ele foge lá em casa e brinca com meu Neném, meu gatinho. E a Leona ciumenta, domingo ela sumiu, só porque o gato veio lá em casa. Ela sumiu, se escondeu, não comeu: não comeu domingo de manhã, não comeu meio dia e não comeu de noite. Só no outro dia quando a vizinha veio buscar o gatinho. **P1:** Ficou chateada? **E3:** Ficou! Ciumenta,

possessiva. Parece eu, eu era assim, possessiva. Canceriana e escorpião, imagina só, né? [risos] **P1:** A senhora é de câncer? **E3:** Câncer e escorpião. Escorpião é o ascendente, né. E… Então… E tem mais o outro da vizinha que vem lá em casa que quer ficar lá em casa, um branquinho. **P1:** Então na verdade são dois, mas é igual coração de mãe? **E3:** São… É, eu tenho três na verdade, né? **P1:** Três e meio? **E3:** Três e meio. **P1:** Entendi. **E3:** O outro vai lá em casa, brinca, COME, me arranha toda, esculhamba com a casa toda, depois ele vai para casa [risos] **P1:** Que bonito. **E3:** Muito lindo. **P1:** Era só isso que eu tinha que perguntar para a senhora, sabia? **E3:** É? Só? **P1:** Mas eu adorei a nossa conversa. **E3:** Mas eu também gostei de falar com você. Muito, muito legal.

NARRADORA 4

E4: Eu comecei com a informática quando eu fiz a UMIC. UMIC, não sei se você já ouviu falar, é a Universidade da Melhor Idade. **P1:** Ah, a senhora já fez. **E4:** Já fiz, já fiz especialização, já fiz sim. **P1:** Como foi? **E4:** Foi aqui... A prefeitura que… Pela... UNOESC, pela faculdade UNOESC e a…. e a prefeitura, é uma parceria. Então é uma faculdade. Três anos. Não, não é três anos, ela é dois anos e mais um ano de especialização, COM DIREITO A FORMATURA E TUDO. E ali a gente começa com a informática, e ali que a gente… Porque até ali eu não ligava computador, era uma muito nova para nós. É, mesmo quando eu tinha o comércio, minha filha trabalhava também, era a gerente, então ela quem lidava com a parte da informática, eu não queria nem ver. E ali a gente se obrigou, nós tínhamos a aula de informática: a gente criou conta, criou o seu *e-mail*. Tudo na faculdade. Quando eu vim para o SESC, eu já tinha tudo isso: já tinha os conhecimentos básicos, já tinha a minha conta, já tinha meu *e-mail*, né. E daí… continuei aqui, mas eu já fiz a UMIC. **P1:** O que mais que tinha lá na… UMIC? **E4:** UMIC. Tinha aula de português, espanhol, tinha aula de artes, tinha aula... de... geografia. Tinha tudo um pouco, mas é tudo para você relembrar, para você... Professores maravilhosos, muito bem preparados, sabe? CONTINUA TENDO, tu deveria até conhecer ali na UNOESC. Sempre funciona ali, tem dois dias por semana. São duas aulas, duas... duas tardes por semana, a gente ia… ficava das 13h30min às 15h, parece, assim, das 16h… não é um horário fechado, são duas horinhas por semana, né, duas, três horinhas por semana, mas era muito bom. **P1:** Que legal isso, nem sabia que tinha. **E4:** Tem UMIC, tem agora... tem agora... tem outros lugares que tem outro nome. UMIC… UMIC é aqui, porque é Universidade da Melhor Idade de Chapecó, né? **P1:** É, existe... existe na Universidade Aberta do Brasil... É um programa de universidade da terceira idade **E4:** É, baseado talvez nisso aí, né? Que eles criaram, né? **P1:** É. Então, em primeiro lugar, eu gostaria de perguntar para a senhora... se existem alguns… algumas partes do dia ou algumas partes da rotina da senhora, que a senhora senhora sente que falta conhecimento, assim, que a senhora pensa: "Puxa vida, eu não tenho informação para isso, eu não informação para aquilo."? Pode ser para uma questão de banco, para uma questão de saúde, qualquer coisa, assim, existe alguma hora, assim, que a senhora… alguma rotina...? **E4:** Às vezes a gente se aperta um pouco no banco... Eu quero fazer um depósito, né — tudo bem que eu já faço muita coisa no banco — mas... por exemplo... transferir dinheiro de uma conta para uma outra: a gente sempre tem que estar pedindo ajuda, a gente não tem SEGURANÇA. Talvez eu até consiga, mas falta aquela confiança, sabe? Fazer pagamentos... de boletos via celular, eu não faço isso ainda. Eu não... não me desafiei a fazer isso ainda, sabe? Fazer os pagamentos direto... Eu vou lá na lotérica ainda pagar. Então isso é um desafio para mim ainda, que eu ainda não me encorajei. **P1:** A senhora me contou que aqui no SESC fez o grupo da informática, né? **E4:** Uhum, mas aí não tinha ainda esse… Faz muitos anos já que eu fiz, então eu ainda não *[palavra inaudível]*. Nem estavam ainda, nem criaram... Não tinham criado, estava muito recente. A gente mais aprendia a fazer *e-mail*, a fazer... escrever alguma coisa. A

gente aprendeu mais essas técnicas, né. E agora, depois disso, já teve curso para celular, eu ainda não fiz, para aprender a fazer isso, né? **P1:** Existe... esse negócio de aprender a mexer no celular... no computador que a senhora falou que aprendeu, né? Ele partiu de alguma necessidade que a senhora teve, por exemplo, assim: "Puxa vida, se eu tivesse um computador, se eu conseguisse mexer no computador eu conseguiria fazer isso, isso, isso e aquilo." Partiu dessa necessidade da senhora de querer fazer alguma coisa, por exemplo? **E4:** Sim, a gente se interessou justamente por isso, porque TUDO é informatizado. Então, tu vai no banco, tu tem que fazer tuas coisas, tu vai... né, tudo. A gente… Nós éramos analfabetos em informática. Quando eu comecei a universidade, eu era analfabeta, eu não queria nem mexer nisso aqui. Sabe quando você não conhece, você diz: "Não, isso não para mim."? A gente via os outros já mexendo: "Mas bah, isso é muito complicado. Eu nunca vou aprender." A gente… Aquele bloqueio que a gente tem: "Eu não vou saber.", "Isso não é para mim.", sabe? Então foi um desafio, foi uma necessidade, foi uma obrigação. Lá era assim, o quê que eu… Fui lá e comprei um *note*, comecei a mexer, né. E daí foi, eu não tenho mais problema. Hoje em dia o *notebook* nem… Está até guardado, a gente nem usa mais, agora está só no celular. **P1:** É, a maioria das coisas a gente consegue fazer no celular, né? **E4:** Não faz mais nada no *notebook*. **P1:** Mas, o que mais que a senhora tinha necessidade, assim, que a senhora não conseguia por conta de não saber mexer no computador, antes da senhora começar a mexer? Existe alguma outra coisa, assim, que a senhora não conseguia, porque não sabia mexer no computador? Existe alguma outra coisa? **E4:** Ir no caixa eletrônico por exemplo, porque isso tudo ajuda, né? Você saber lidar. Aqui você está mais tempo, você também tem facilidade no caixa eletrônico: você vai lá, tira seu talão de cheque, você faz seus pagamentos. Você faz tudo ali no caixa eletrônico. Às vezes alguma coisa a gente se aperta, né, mas tem uns que ajudam também, que auxiliam, né? Mas assim, o quê... Quando eu comecei, eu não parei mais. Tem coisas que eu ainda preciso aprender, que eu não sei se eu quero aprender ou não, né, mas o desafio é QUERER. "P., será que eu quero pagar as contas ali ainda?", eu digo: "Ah, eu tenho tempo de ir na lotérica." Eu não sei até quando que eu vou fazer isso. Uma hora dessa eu…: "Me ensina a fazer isso aqui que eu já vou fazer meus pagamentos por…" Meus sobrinhos fazem, né, não faz por... Os boletos... Pagamento pelo celular. Eu ainda não faço isso, né, mas não me desafiei ainda, porque eu acho que não eu tive necessidade ainda, então... Eu moro... Tudo é muito prático: pega o boleto, vai lá, paga... na lotérica. Tem lotérica de dois lados próximos, tudo próximo, né. Então... **P1:** Não sente a necessidade? **E4:** Não senti necessidade, mas... daqui a pouco, sei lá. **P1:** A hora que despertar, né? **E4:** Uhum. **P1:** O que mais que a senhora costuma fazer pelo celular? **E4:** Ah, os grupos, né — de amigas — a pesquisa, uma dúvida que a gente, é… no *Google*. O *Google* é a nossa enciclopédia ambulante, né. **P1:** Sim. O quê que a senhora costuma procurar no *Google*? **E4:** Ah, alguma coisa…. até receita, sabe? Até… até às vezes vou na receitinha nova... Quero fazer uma coisa, em vez de procurar nos livros de receita, eu vou no *Google*, né. Ponho lá a receita que eu quero ou vejo a diferença entre a minha e aquela que tem hoje, faço a comparação. O remédio, às vezes: "Bah, para quê que serve isso? Eu ouvi vou falar...". Vou lá, eu sei que vou achar a resposta, né? Essas coisas assim. **P1:** Entendi. O que mais? Além de remédio, receita... **E4:** Ah, mapa! Às vezes: "Ah, onde fica tal coisa?" Eu viajo muito, então: "Ah, tenho que... Não... consigo me localizar." Vou lá, procuro. Essas coisas assim. Cidades que eu quero... ouço falar, aí eu procuro aqui no *Google*. **P1:** Interessante. Mais alguma coisa? **E4:** Tu está querendo chegar num ponto, assim, que eu tenho que achar? **P1:** Não. **E4:** Não? Não? Mas nem eu não me lembrava que eu procurava todas essas coisas. Deixa eu pensar. **P1:** Não, não, é só para senhora dizer todas as coisas que a senhora costuma fazer que... **E4:** Mas seria isso, né? Os meus netos procuram... Meu celular é… compartilhado. **P1:** Ah é? **E4:** Sim, eles têm o *Instagram* no meu, né, porque… **P1:** Ah, eles têm várias coisas? **E4:** Sim, funciona tudo aqui: joguinhos... Quando eu vou viajar tem que limpar ele, porque senão fica travado, né? Então eu tenho… O mais velho já tem o celular dele, mas o segundo ainda

não, por causa de questão de idade, eles [pais] não querem dar, né. Porque ele é vidrado em... informática, em coisas… em joguinho… Eles têm… eles têm os joguinhos... em casa também… os eletrônicos deles lá, mas é tudo limite, sabe? Então... ele só tem 11 anos, não tem idade. Está certo, correto isso, né? Ele gosta demais, então ele... quando eu vou lá, daí lá na hora ele pode mexer no meu, né. [risos] **P1:** Então ele aluga? **E4:** Ele aluga. Ele… ele também é dono, o *Instagram* dele está no meu. **P1:** Entendi. Um celular coletivo, gostei. **E4:** Um celular coletivo. *O Instagram* é dele. Eu nem… os joguinhos: eles instalam, eles jogam. Desde os sete anos, desde os cinco anos de idade, eles fazem isso. Desde pequeninos. Dá GOSTO de ver eles mexerem, só que eles são muito, eles gostam demais, então eles têm que ter limite, né? **P1:** Até a gente, às vezes fica mais do que deveria, né? **E4:** Mais, a gente fica mais do que precisa, sabe? E tu quer saber, tu escuta… tem que saber, vai lá no… Meu sobrinho é contra o *Face*, eles diz que *Face* é uma p. Eu tenho uns sobrinhos que não querem, que não tem *Facebook*, né. **P1:** É que... é que ultimamente tem ficado muito pesado. **E4:** Está. E depois isso aqui, sabe, nem está fazendo muito bem para gente, a gente acaba ficando agitada com isso. Eu tento de noite nem colocar o celular no quarto, né… desligado, tudo. Porque a gente quer ver, porque tem muita coisa, né? Eu que gosto muito de política, então eu gosto muito de ler, de ouvir de coisa de política, eu sou... Prefiro isso que o filme, não gosto de filme, eu gosto de política. Assim, estar por dentro de coisas, né, saber o que está acontecendo. **P1:** E no *Facebook* ultimamente tem bastante coisa de política, né? **E4:** Tem muita, muita política. Então é isso que me pega no *Facebook*: a política. **P1:** A senhora mexe bastante então no *Facebook*, *WhatsApp*, essas coisas? **E4:** Sim, mas eu tento me controlar, né, mas... tem muitos grupos de amigas, então... Aquelas coisas, sabe? **P1:** Dá para ficar a tarde lá tricotando? **E4:** Não precisava nem para trabalhar, sabe. Tem que cuidar, porque… **P1:** Entendi, é verdade. **E4:** Não dá mais tempo — hoje em dia — de trabalhar. [risos] **P1:** É verdade. **E4:** Não é assim? Não tem mais tempo para trabalhar. Se tu vê isso, tu pode passar o dia inteiro ligado. **P1:** Rapidinho. **E4:** Mas rapidinho. **P1:** Quando a gente vê, passou uma hora, a senhora imagina. **E4:** Passou uma hora. **P1:** Se a senhora… Se a gente ficar na frente o dia todo, tem coisa para fazer o dia todo no celular. **E4:** O dia todo coisa para ler, para ver, assunto para debater. **P1:** Então a senhora também usa o celular, o computador para se manter informada, né? **E4:** SEMPRE. Isso sim, isso é o primeiro, né, eu tenho sempre minhas informações, tenho os grupos que informam, né. Repasso, debato, dou palpite, né. SOU BEM CRÍTICA assim… Gosto de dar minha opinião também. **P1:** A senhora já se deparou com… não sei se a senhora já viu falar de *Fake News*. **E4:** Sim, a gente vê isso muito. **P1:** A senhora já se deparou com muitas *Fake News* ali no celular? **E4:** Eu cuido muito o seguinte: quando... A gente tem esses grupos, então questão de política, por exemplo, eu — em um grupo — eu não ponho... No *WhatsApp*, tem grupo ali, eu tenho dez grupos, mas eu ponho só em particular — das pessoas que eu sei que também são na minha opinião — então essa parte eu já cuido. Porque às vezes, mesmo assim a gente passa alguma: "Não, mas não é bem assim, né." Mas é SÓ para particulares. Isso é uma coisa que a gente tem que cuidar, por exemplo, tem grupos… eu tenho grupos com 15 pessoas: tem vários... Por exemplo, eu sou de um lado e outra é do outro lado, então... eu não quero me expor com ninguém por causa de política. Eu acho que a gente tem que se cuidar, porque isso gera uma... dá uma coisa na gente, sabe? **P1:** Um mal-estar, né? **E4:** Dá um mal-estar ruim... sabe? Famílias até tiveram problemas já por causa disso. Tem opiniões dentro das famílias, como é que tu vai expor isso? Então política é só para fulana, beltrana, ciclana, que eu sei que pensa como eu, né. Então esse cuidado eu tenho, não passo. **P1:** E a questão das notícias falsas, então, a senhora se deparou com muitas notícias falsas? No celular ou no computador... **E4:** A gente se depara e depois já fica sabendo logo que não é assim. A gente logo recebe a informação que não é bem assim, né. Isso acontece sim, a gente vê muita coisa. **P1:** E a senhora... assim, às vezes vê uma notícia e vai atrás para saber, assim... **E4:** Eu procuro outras informações sim, de outros grupos de pessoas que eu sei que tem mais conhecimento ou passo... Pergunto: "É assim mesmo?", "Não

é?", mas não fico, assim, também dizendo se é um assunto, assim, eu sei... Porque hoje em dia também está tudo tão bem esclarecido: dá uma *Fake News* aqui, mas já tem outro que debate, que já está de prontidão, que já vai dar a opinião dele, né? Então a gente… essa parte sim, eu cuido um pouco para me manter informada nisso sim. **P1:** Entendi. (+) Vamos ver o que mais que eu tenho que perguntar para a senhora. Uma pergunta um pouco mais profunda, um pouco mais existencial, digamos assim, né: qual é a missão da senhora aqui na terra? Profundo, né? A senhora acha que tem? Não sei se a senhora é religiosa. **E4:** Eu sou religiosa. **P1:** Ah, é, Outubro Rosa. Eu estava vendo a camiseta, porque às vezes é de alguma... **E4:** Eu sou católica, apostólica. Estudei em colégio de freira, sou muito… sou muito da direita, sou muita da.... Não aceito essas loucuragens hoje em dia. Eu sou crítica nesse ponto, eu acho que — como eu te disse — poste mijar no cachorro, não. Eu acho que tudo tem o seu... Não concordo com essas loucuras que tem hoje em dia, não. Talvez seja pela minha idade, pelo meu... pela minha preparação e... eu não… não consigo... Isso é uma coisa que me deixa, assim, mas bem preocupada. E a família, a gente também tem toda nessa linha, sabe? Meus... meus netos estudam no Colégio Marista, tenho... Eles são religiosos, tudo desde pequeno. Não gostam muito de ir, por exemplo, mas *[palavra inaudível].* Seguindo, né? Família tanto do marido da minha filha, como... Ela… São tudo nessa linha, né. E… eu acho que eu passei por várias e muitas e poucas e boas nessa vida, né. E criei minha filha praticamente sozinha, porque eu me separei quando ela tinha cinco aninhos... cinco aninhos... um aninho. Porque eu tinha um relacionamento muito difícil, então eu cedinho me separei. Quando começou… quando eu vi que… que eu não… que meu parceiro não ia mudar, eu peguei… Ela me deu uma força e eu saí para luta: eu saí sem nada de casa, fui procurar meu espaço e trabalhei. Eu trabalhei, eu construí casa, eu criei minha filha e depois acho que foi mais, assim, nesse sentido: a família. Daí a minha mãe ficou morando comigo, então a gente criou uma família assim. Tinha a mãe morando comigo que cuidava da minha filha e eu trabalhava. Eu ia trabalhar, mas eu sabia que estava bem cuidada em casa. Então eu me separei, assim, eu tinha 27 anos e lutei até criar minha filha, né. Criar com o salário de professora, eu sempre digo, porque sem o salário de professora... ele quando… eu construí casa, eu comprei apartamento, né, e dava aquelas aulas, 40 horas e mais colégio particular se precisasse, né, para complementar o orçamento. Então… E ali foi, eu não me arrependo de nada disso. Eu acho tudo isso válido. Minha filha hoje é uma batalhadora também, né. **P1:** Então isso é parte da sua missão aqui na terra? **E4:** É, essa foi minha missão: criar ela e ter essa família bonita que ela tem hoje, né. Ela tem… Eu vejo hoje… Ela... Depois eu casei de novo, mais tarde. Depois que ela estava criada, daí eu casei. Eu encontrei um companheiro, assim, que precisava fazer esse… né, uma pessoa bacana, diferente daquela que eu tive. Mas eu fiquei 25 anos sozinha, não quis… Enquanto minha filha estava em casa. É que a gente vê isso também, muito hoje em dia, né? Isso a gente já tinha… Já sei menina… Colocar um homem estranho dentro de casa… Isso acontece, hoje em dia você sabe… Você está vendo, né? O que se escuta hoje, então tudo isso a gente já sabia, já tinha essa preocupação na época. Então minha preocupação foi criar ela bem e criei bem. **P1:** E hoje a Senhora é casada? **E4:** Não, eu não... Eu fui casada e casei depois. E quando ela estava criada já, quase casando, disse: "Mãe vai cuidar de você agora, né, pensa eu estou… Minha vida está andando." Ela foi à São Paulo, ela estudou em São Paulo, trabalhou em São Paulo e ela não se habituou em São Paulo. Não gostou de ficar, então ela voltou e graças a Deus ela está morando perto, sabe? E... **P1:** Mas a senhora também não está mais casada também? **E4:** Não, eu não estou casada, porque ele faleceu. Meu segundo marido faleceu e o primeiro faleceu... mas eu já estava separada dele, né, ele já tinha outra família, minha filha tem outros irmãos. Está tudo em harmonia hoje, está tudo uma maravilha: se dar com os irmãos, né. E aquele pai deles também faleceu, faz muitos anos: 18 anos. Depois que ele faleceu eu casei de novo, porque minha formação religiosa não permite. Na época, o divórcio não permitia você fazer o casamento religioso e eu sou casei no momento em que eu pude fazer um casamento religioso. E ele

também era viúvo, vivemos muito bem e depois ele ficou doente, daí ele faleceu. Cuidei minha mãe quando ficou doente, com 98 anos ela faleceu. **P1:** Nossa, então não faz muito tempo, né? 98 anos... **E4:** Ela faleceu faz... em 2010, então eu tive, assim, um período bem trabalhoso. Eu tinha cuidadora durante o dia, eu trabalhava fora, de noite eu atendia ela e depois eu tive... Depois meu marido ficou doente, então eu cuidei dele também. Então, assim, sempre digo: melhor poder… Você poder ajudar do que você…. **P1:** Precisar de ajuda.**E4:** E hoje em dia eu estou... Sofri muito, me acostumar a ficar sozinha. Quando eu me vi sozinha eu entrei… em parafuso, fui procurar ajuda.**P1:** Por isso que a senhora tá aqui no SESC então? **E4:** Não, eu fui para o psicólogo, psiquiatra, daí sim *[frase inaudível]*. Eu entrei em parafuso quando eu fiquei sozinha, me vi sozinha dentro de casa, né. Primeiro dia: "Ah não, vai passar, vai passar, vai passar." e não passava. Daí alguém me disse: "Procura um psiquiatra." Tomei até medicamento um tempo. Daí ele me disse... Entendo que... que por um tempo era bom, então tomei e hoje em dia eu assumi, digo: "Não, agora não quero, minha vida está MUITO boa assim." Então tu acha o teu ponto de equilíbrio, porque eu era muito cercada de muita coisa, assim, para fazer e família, mãe, filha, muita coisa. Então eu fazia muita... Trabalho aí tu não tem mais o trabalho, já estava aposentada, já tinha parado de trabalhar, tinha vendido o meu comércio, então era só eu. A família... A filha já estava casada, já estava com filhos, então eu não posso ficar interferindo na vida dela, né? Então vai te ocupar: aí eu fiz a UMIC, depois da UMIC que eu vim para cá. Fiz a UMIC na época também, depois comecei aqui devagarinho a fazer pilates. Então fui achando, sabe, o caminho e hoje minha vida está assim: bem, bem completa, que eu dou graças a Deus que eu não tenho, assim, mais horas para ficar em casa e quando eu estou em casa eu bordo, faço tricô, eu gosto dessas coisas também. **P1:** Entendi. A senhora falou que é Católica. A senhora participa de alguma forma da comunidade? Seja lá, seja aqui: a senhora está em constante contato, assim, seja a comunidade aqui do SESC, seja do seu bairro, da sua família? **E4:** Sim. Lá da minha… da minha igreja, assim, eu não sou, assim, eu não sou ministra... Eu não sou *[palavra inaudível]*... Mas eu… As quermesses eu ajudo, participo, né, preparação... Durante a festa a gente vai, ajudar a trabalhar, fazer venda de coisas. Eu gosto de ajudar também. **P1:** Eu gostaria que a senhora me dissesse... Eu acredito que a senhora já respondeu, né, mas eu gostaria que a senhora me dissesse o quê que a senhora procura aqui no SESC. **E4:** Eu gosto muito de estar entre amigos, eu gosto de fazer grupos, de… de lidar com grupos… de estar no meio de pessoas. Eu aqui no SESC, eu encontro isso: amizade, novas amizades, amizades, né, REENCONTRO amigas aqui, né, reencontro pessoas aqui. Eu gosto muito de participar de grupos, então eu estou aqui porque eu gosto de GENTE, né, eu gosto de estar no meio de pessoas. Eu não gosto de ficar… Eu não gosto de estar assim: "Bah, não tenho nada fazer." Os piores dias que eu levanto: "Bah, eu não tenho nada para fazer hoje." Não, não posso, né, tem que ter… Gosto de participar de grupos, por isso que eu estou no SESC. Gosto de gente. **P1:** Não importa muito o que for fazer, mas sim estando junto. **E4:** Não, tem que estar, porque tem várias opções, né, tem vários… A gente tem… Eu tenho grupos de um jeito, grupos de outro jeito, grupo disso, grupo daquilo, então... **P1:** Então a senhora faz amigos aqui de verdade? **E4:** Sim, amigos, sempre amigos. **P1:** Vocês se encontram fora do SESC, por exemplo? **E4:** Esse grupo aqui não. Esses grupos aqui do SESC não. Eu tenho os grupos que viajam juntos, do SESC, mas daí é um pouco de um, um pouco de outro, um pouco de outro, né. Eu faço viagens com o SESC, então são... pessoas que participam de várias coisas do SESC e viajam. Faz uma viagem, daí sim. Nós fizemos viagens ano passado... retrasado, do grupo de dança, então a gente foi se apresentar em Camboriú, mas daí foram mais outras pessoas juntos, né, mas nós apresentamos em Camboriú… **P1:** Que interessante isso... Dona T., eu acho que era isso que eu gostaria de perguntar para a senhora. **E4:** Então tá bom.

NARRADORA 5

P1: Em primeiro lugar, eu gostaria de saber qual a importância do conhecimento na vida da senhora. **E5:** Necessário, né? Necessário. A gente precisa. Eu até sou meia malandra, né, poderia na informática, por exemplo, né, me viro assim, mas eu gostaria de pesquisar e tirar tudo o que quero e... ampliar e… Eu quero fazer uma foto, eu quero fazer um *banner*, eu quero fazer uma coisa... Eu tenho que pedir socorro, né, eu não faço tudo sozinha, então…, Mas eu amo. **P1:** Uma foto? Um *banner*? **E5:** Claro! Agora eu fiz um *banner,* eu dei para a turma de Ponto Cerrado um *banner* para eles, das coisas que nós fizemos lá e que eu fiz lá com eles. Ofereci no ofertório da missa, um *banner* para minha equipe de lá. Sim, com as fotos deles, minhas lá junto. Isso é... Eu fui numa semana antes lá fazer a missa. A gente tinha fotos atuais, fotos antigas: botei tudo em um *banner*. Eu dei para eles. **P1:** Na missa sertaneja? **E5:** Sim, aqui no meu aniversário que eles vieram no dia 25 do... do ano passado. **P1:** Olha, que legal. Eles vieram no aniversário da senhora depois com o pessoal do SESC também? O pessoal gosta de vir então para a missa sertaneja? **E5:** Sim, o pessoal do SESC… Nós temos fotos lindas — se ela tivesse me falado, eu teria até trazido, mas eu acho que eu não.... — elas me deram de presente, foi um presente da turma do SESC, toda a gravação da minha festa: a missa às 11h da manhã com almoço, tudo. Tudo de manhã, tudo na quarta-feira no dia do meu grupo, tudo para facilitar. Tudo para não encarecer também, né, porque no dia do grupo daí eu não paguei salão nada, eu não paguei nada, só paguei um almoço para todo mundo. **P1:** Olha, que máximo. **E5:** Né? É possível. **P1:** Que coisa interessante. A senhora então… costuma procurar informação onde? A senhora usa o computador? Usa mais livros? **E5:** Uso computador, meus livros... telejornal, assisto, escuto, mando recado... **P1:** Assiste jornal? **E5:** Assisto, tudo. **P1:** Rádio a senhora não assiste? **E5:** Rádio eu escuto um pouco no carro e gosto do local, da parte esportiva mais, né: acompanhar a Chape, acompanhar as coisas do meu time — o Palmeiras — saber como é que eles estão, as outras modalidades, os nossos meninos agora de… de Caçador que ganharam de novo, né, a faixa, os nossos meninos aqui, está saindo basquete, sabe? Eu gosto de estar por dentro das coisas do esporte. (+) Não tanto das doenças, dessas coisas eu não gosto muito [risos]. Deixa de lado. **P1:** Deixa para a saúde, né?. Nada de doença, né? **E5:** Deixa. Aham, só as coisas boas. **P1:** A senhora então uso o computador? **E5:** Uso. **P1:** Faz muito tempo que aprendeu? **E5:** Faz. Ali pelo ano 2000… 2006. A minha filha estava fora, eu tive que aprender na marra, né, ela estava em outro país. Daí para a gente se comunicar, essas coisas, daí eu… para eu me virar, assim, né. **P1:** Entendi. Para a senhora ver ela então. **E5:** Aham. **P1:** Chamada de vídeo? **E5:** Aham. A gente... **P1:** E antes da senhora, assim, saber usar o computador, né, existiam algumas coisas, assim, que a senhora sentia a necessidade de saber usar: "Puxa, eu não consigo fazer isso porque eu não tenho computador", "Puxa, eu não consigo fazer aquilo porque eu não tenho computador, se eu tivesse eu conseguiria." ? **E5:** Não, porque se a gente não tem, por exemplo agora: eu quero uma coisa, eu sei onde buscar, né, eu vou atrás e consigo igual. Então eu não sinto falta. **P1:** Mas buscar onde? Assim... **E5:** Tem as casas especializadas, né, que fazem todo o atendimento, o que tu quiser: se quiser mandar um *e-mail*, se quiser resgatar uma matéria, tudo tu consegue... tirar, né? **P1:** Entendi. Que interessante. **E5:** Sim, hoje tem isso. Se não tenho, né... Por exemplo, eu não posso tirar, eu não tenho copiadora em casa, né, mas eu vou onde tem e a gente consegue. **P1:** Ah, é. Entendi... Além de conversar com sua filha, o quê que a senhora usa no computador? Falou que no início conversava com a sua filha, né? **E5:** Uhum. **P1:** E depois, assim, começou a fazer o quê? **E5:** Ah, mais para… mais me comunicar mesmo. Mais para... Não sou muito de ficar pesquisando, isso não... Mais é se comunicar, só. **P1:** É mais então… conversar com as pessoas? **E5:** Aham. Alguma coisa que eu… que eu busco na Canção Nova, né, no livro, alguma pregação que eu quero, alguma coisa assim, né, daí a gente... busca lá. **P1:** No *Facebook*? Não? **E5:** No *Facebook* olho, mas eu não sou muito não. Eu… eu entro direto na página e… e peço, né, para eles lá. **P1:** Entendi. (+) Então a senhora não busca muito a informação na *internet*? A senhora... **E5:** Não, não, não

fico ali. Tem amiga que pesquisa, quer saber de tudo da política, ver o quê o... Tenho a vida bem preenchida assim, né, não tenho tempo, sei lá ou não gosto ou não quero, não sei. Não me faz falta. **P1:** A senhora também assiste televisão, né? Então eu acho que a informação ali… **E5:** Então… É, eu não sei se é isso. Eu assisto Canção Nova mesmo, né, essas coisas e o jornal, né, mais da RBS. **P1:** O jornal e a Canção Nova então? **E5:** Aham. **P1:** Entendi. Sabe o quê que eu queria saber? Se a senhora já ouviu falar de *Fake News.***E5:** Já ouvi falar [risos]. **P1:** Me conta: o quê que a senhora já ouviu falar de *Fake News*? **E5:** É... como é que eu vou te dizer… Não é muito legal, né, é uma coisa que não é muito legal. **P1:** Já caiu em alguma? Eu já caí em uma [risos]. **E5:** É? **P1:** Já compartilhei coisa… coisa que era mentira. **E5:** Eu caí AO VIVO E A CORES, minha filha. **P1:** Ai, meu Deus. Me conta melhor. **E5:** Não, eu não [palavra inaudível]. Uma coisa que não... **P1:** Melhor deixar? **E5:** Não, não...Minha filha, meu Deus. Minha filha é bancária, né. **P1:** Bancária? **E5:** É e ela disse: "Mãe aquele dinheiro saiu lá da conta." Então vai lá, tira e dá para a pessoa, assim, sem... Sabe? Uma coisa assim bem louca. **P1:** Entendi. **E5:** Mas Deus tem tanto para dá que... **P1:** Tem mais Deus para dá do que diabo para tirar. **E5:** Com certeza. Então... **P1:** Melhor nem… **E5:** Não, sem comentários mesmo. Acho que só... **P1:** É, o que o diabo tira, Deus dá em dobro. A senhora tem acompanhado o cenário político? **E5:** Tenho, não assim… tanto. **P1:** Porque ele é cheio de Fake News: de um lado, de outro, para cima, para baixo, né? Esquerda, direita… **E5:** É, mas, assim, eu acho que a turma não quer que dê certo as coisas. Querem... reclamar e pausear uma coisinha que estão fazendo para… sabe? Vamos fazer juntos, vamos ser melhores. Todo mundo só critica as coisas. Faça você melhor: cuida da sua casa melhor, trata melhor seus filhos, seus vizinhos. É que isso... vai Coisa boa vai crescendo, né? Eu acho muito triste, assim, a gozação que fizeram em cima do… do Bolsonaro no dia em que ele se elegeu, que ele foi abençoado ali pela *[palavra inaudível]*. Pensa, a coisa mais linda foi aquela… a hora, o momento em que ele foi eleito, meu Deus. Até repórter, nossa, tirando sarro. Gente, vão tirar sarro do capeta, não do Senhor, da… vida, né? Isso é bem… **P1:** Uhum. Não lembro dessa... **E5:** Sim, estou vendo a cara da repórter da Globo lá, falando… (+) Bem triste. **P1:** A senhora… A senhora então não usa muito... celular, computador para se informar, por exemplo? **E5:** Não. O que me mandam é o que eu vejo. Não que eu vá buscar, porque tem gente que quer saber tudo, que quer… né. Eu não, sou bem tranquila, assim. **P1:** E mandam muita *Fake News* para a senhora? **E5:** Mandam, mandam. Eu deleto sem olhar. **P1:** Nem olha? **E5:** Nem olho, porque tudo que é demais, é veneno. **P1:** E como que a senhora fica sabendo, assim, que é mentira? **E5:** Não sei. Nem sei se é também, né? Mas eu já deleto, entendeu? Eu só tenho o barulhinho ali da minha filha, para os outros é tudo mudo. E eu dou uma olhada: se interessa, eu olho, senão não olho. **P1:** E aí, como que a senhora desperta, assim, o *feeling* de, assim: "Eu acho que é mentira."? Qual seria essa… Esse *feeling*, assim, de tipo: "Hum, eu acho que é mentira."? Ou a senhora não tem muito esse *feeling* de… **E5:** Não, não fico muito, mas tem umas… Mas já aconteceu, né, de a gente olhar e não… Que não pode ser verdade, né, mas… nem tenho assim muita curiosidade. **P1:** Nem vai buscar saber se é verdade ou não, é isso? **E5:** Ah, a gente já escuta, né, na TV, isso, né, que… Daí tu já não faz, né. **P1:** Uhum, acontece muito isso mesmo. Eu queria saber… Bom, a senhora já me contou muito sobre isso, mas o... gravador não estava ligado [risos], mas eu queria saber como que a senhora participa da sua comunidade. Seja ela comunidade religiosa, comunidade do SESC, comunidade da família: como que a senhora participa? **E5:** Então, como eu te disse, eu vim para cá, né, faz um tempo, mas na minha comunidade lá onde eu estou agora, eu cheguei lá na Quaresma. *[palavra inaudível]* que está fazendo dois anos agora, porque é Quaresma. No primeira dia, na sexta-feira antes da semana santa… que eu fui na Via Sacra.. a coordenadora lá deu uns avisos no final do encontro e eu: "Eu também tenho um aviso para dar.", no mesmo dia que eu fui no grupo, daí: "Eu me chamo N. B., sou professora aposentada, sou vizinha de vocês, estou morando ali *[frase inaudível]* e eu quero ir para o céu, vocês também estão aqui para ir para o céu? É isso que eu quero, podemos ir juntos?" Foi isso que eu falei para todo

mundo. **P1:** Olha, que bonito. Se colocou à disposição. **E5:** É, à disposição. Eu estou na liturgia da igreja, no grupo de canto, no grupo carismático. Acabamos de criar o Mães que Rezam pelos Filhos, o grupo… temos um salão comunitário também ali. Eu participo da Terceira Idade toda quarta-feira. Amanhã é o dia do nosso almoço, uma vez por mês tem almoço grátis para os sócios e toda quarta-feira à tarde, a gente vai lá partilhar, é escolhida a rainha do grupo, daí vai representar nosso grupo nas festas, nas coisas, né. **P1:** E o quê que vocês fazem na quarta-feira à tarde? **E5:** Na quarta-feira mais a gente conversa, joga carta, toma chimarrão, reza, faz um lanche, joga um torneinho quando dá… Mas é isso. Eu como eu gosto de jogar, eu já vou cedo, já arrumo as mesas, né. Levei dominó, agora tem umas já jogando dominó, que não tinha... *[palavra inaudível]* jogar caneco *[palavra inaudível]* aprender jogos novos. Na hora das folgas eu levo um cantinho novo, faço uma brincadeira. No último almoço foi MUITO legal: levei 13 músicas, só um pedacinho. Eu cantava um pedaço e pedia para eles continuarem, daí eles... Foi feito assim um... Meu, foi bem legal. E é assim, para amanhã eu já vou levar, eu vou levar sete palavras. Como rainha representante da turma, levo sempre alguma coisinha nova para a gente... Porque senão eles ficam... E os que não jogam... Tem uns noninhos, são vizinhos ali, eles vêm ali para te dar um beijo, às vezes. Eles vêm... Eles vêm para te dar um beijo, para te dar um oi. Nós somos um grupinho pequeno, mas eu sinto, assim, carinho, porque a outra quebrou... Nós jogamos até cinco horas da tarde outro dia e no dia seguinte eu soube que ela chegou em casa, foi tomar banho e quebrou o braço. Então já fui lá, a gente já vai, dá carinho, né. Os dois vinham… Um carrinho bem velhinho, tudo ali, mas estão ali, são presentes. Então a gente tem esse nucleozinho bem bom. Outro senhor que é bem vizinho também da comunidade... Nós cantamos numa quarta feira até... Em alemão e tudo, sabe? Lá. "Não, mas senta aqui... vamos cantar mais essa e mais essa". No sábado ele foi visitar a mãe dele em Novo Hamburgo, sofreu um acidente ficou seis meses em coma. Ele agora está indo pro grupo. Semana passada fizeram a primeira vez lá em casa, *[palavra inaudível].* Já está jogando cartas, está conversando, já está cantando de novo, disse que vai aprender a tocar violão, assim. Então a gente, olha, são frentes e frentes de trabalho e da Terceira Idade tem bastante coisa para fazer. **P1:** E a senhora enquanto uma liderança desses grupos, a senhora acha que as pessoas procuram o quê, no grupo da Terceira Idade? **E5:** Conviver, né. Ter alguém para escutar, para falar, porque quem fica dentro de casa... Tem aquelas que não podem mais vir, né. Tem uma que eles são lá, ela tem um apelido… Ver se alguém traga, ela está bem ruinzinha, mas ela gosta de jogar, nem a mente dela não ajuda mais. Então a gente joga com ela, porque, né. Domingo passado eu joguei aqui nesse bairro... Seis mulheres, uma eu não conheço muito, daqui um pouco ela disse assim: "N... a minha mãe, acho que é tua vizinha e ela é cadeirante, tu pode ir lá?" Essa está programada para quinta-feira a gente visitar ela. Ela tem 62 anos e é cadeirante. **P1:** Quantos anos? **E5:** São 62. **P1:** Não é muito, né? **E5:** Não, não é muito e é assim, são situações, né. Daí tu arruma emprego para outra, daí tu reza para outra, daí tu... Sabe, assim? **P1:** Como se fosse uma irmandade, né? **E5:** É, por aí. Tem que ser, né? Eu acho... É ruim, assim, por exemplo: uma que prega lá na igreja e se lá na rua ela não te conhece, não conhece ninguém, onde é que está o evangelho, né? Fica um evangelho... Um evangelho tem que ser vivo, né? Pregar e agir, né? O que eu posso fazer, eu faço. Não dá... Por exemplo, as meninas ouviram a menina falando domingo ao vivo, na Canção Nova, que eles foram esses dias pra... Lá na divisa para entrar no Uruguai, né, onde está aquela... Que está tendo aquele tumulto todo do governo do... Não é do Uruguai... Da Venezuela, da Venezuela. Então, eles foram com um grupo lá de São Paulo — Aliança da Misericórdia — foram para entrar, foram com o ônibus para entrar lá e foram barrados, né. Daí ela disse que é IMPRESSIONANTE, *[frase inaudível]*: o que tu viu ali, o que tu... Na hora que uma criança veio ao encontro deles, diz que o pai desabou no choro. Depois ela foi lá conversar com o pai, diz que ele, assim, o desespero dos pais não poderem atender os filhos, os filhos morrem de fome. E daí essa criança eles atenderam e levaram... Está hoje vivendo em São Paulo já com eles, assim, porque foi uma criança que saiu daquele meio ali, né

e devem estar dando atenção, mas ela disse: "Nós não tínhamos como levar todo mundo, né? Não tem... Nós tínhamos uma comidinha lá para nós, mas não tinha como resolver o problema de todos." E assim é a gente aqui na comunidade, não pode fazer algumas coisas. Não pode levar todo mundo para dentro da tua casa. **P1:** É verdade. Ajuda como pode né? **E5:** Ajuda como pode. **P1:** Então, a senhora acha que as pessoas que procuram o grupo da Terceira Idade, é mais para conviver do que efetivamente para... Ou jogar, ou né... **E5:** É para ocupar seu tempo, né, para todas as coisas: uns vão lá *[palavra inaudível]* só para ir almoçar, outros vão porque sabem que é bom se exercitar, outros vão porque é bem... É um leque, é bem aberto, é bem aberto. Eu hoje, hoje eu saí para a Cancha, senão eu fico jogando e fazendo... Não gosto muito de ficar conversando, escutando... muitas doenças, muitas coisas sempre, né, mas eu sei que a gente precisa ir lá no meio e abraçar... né... Hoje falamos de cabelo e não sei o quê: "Que o teu cabelo..." Eu disse: "O meu é natural, eu não pinto, eu sou loira natural, eu não sou falsa como vocês." Eu brinco com elas, né, porque elas pintam, daí fica aquele cabelo, aquelas mechas ali, né, aparecendo [risos]. Então é assim, levar a vida mais leve, né? **P1:** Eu gostaria de perguntar uma outra coisa para a senhora: a senhora acha que existem alguns segmentos da sociedade, grupos de pessoas da sociedade que são excluídos? **E5:** São. **P1:** Quais são os segmentos que a senhora acha que são excluídos? **E5:** Eu ainda acho... Eu não sinto na pele, mas eu sei que tem amigas que... sentem. Uma senhora, até esposa do prefeito de uma cidade, ela sentia-se muito mal por ser separada. Então tem, por ser desquitada, né, por ser separada... por ir numa festa sem o marido, tem isso... Eles ainda falam: Ela é casada, ela é separada, ela é não sei o quê. Uhum, nós temos muita mania de julgar, né... E que Deus pede tanto para gente, né... Convive simplesmente, não precisa... Estar medindo, né, e tu vai ser medido com a mesma moeda, né? Mas infelizmente tem. **P1:** É, todo mundo tem erros. **E5:** Uhum. **P1:** Então a gente... Às vezes a gente aponta para os outros... **E5:** O poder também né, quem tem o poder, quem manda, acha que é dono... De quê? Não é dono de nada, tu não vai levar nada. **P1:** A gente não leva nada, né? **E5:** Nada, nada. Só que o tu fez de bom. **P1:** É, isso fica, né? **E5:** Tudo está em tuas mãos, ó pai, quero depender de ti...*[Cantando]*. Tudo...Depender dele... Meu tio morrendo lá em Maringá, um dos primeiros PhD do Brasil, ele era Doutorado em português, foi para os Estados Unidos, nossa, estudava em uma universidade em Maringá... Na cama... ele mandou pelo meu pai para: "N. deixar de ser Madre Teresa de Calcutá.", porque eu fui casada com um médico e: "Ele tenho bens e a N. não tem." E ele foi embora, meu tio já está no céu, que Deus o tenha. Ele não sabe que ele tem de imóveis, mas os filhos dele, um casal, não sabia aproveitar nada, eles não têm nada. O tio foi, infelizmente... Um homem tão estudado. **P1:** E o quê ele quis dizer com esse negócio de Madre Teresa? **E5:** Sim, para mim... exigir do meu marido... Bens, coisarada, essas coisas... E eu nunca... nunca peguei nada... Sou uma profissional, né, sempre vivi do meu salário, não dependo de ninguém. **P1:** A senhora se separou então? **E5:** Aham. **P1:** Não é viúva? **E5:** Não, sou viúva de marido vivo [risos]. **P1:** Viúva de marido vivo [risos], essa eu não tinha ouvido ainda. **E5:** Eu sou viúva de marido vivo. **P1:** Ele ainda está vivo? **E5:** Está vivo, é nosso amigo, é paizão. Sempre foi um bom pai, não é uma pessoa ruim, ele é uma pessoa boa, só que sempre foi muito namorador, né, daí não dava certo... E médico, né... Aí então... Ah, ele tem a mulher que ele queria, né? **P1:** Ah, é? **E5:** É. **P1:** Trocou então de mulher? Eita. **E5:** Muitas ele trocou. **P1:** Mais de uma vez? **E5:** Muitas. **P1:** Ai meu Deus, como é que pode, né? Tem homem que não tem jeito, às vezes não é nem... Às vezes... **E5:** Não é nem vontade, assim, né, de... Eu também acho... Ligo para ele, ele vem lá em casa com ela agora, tudo. **P1:** Isso que é... Isso que é maturidade hein? Receber o ex-marido com a mulher atual. Eu, eu não sei se eu teria esse... **E5:** Minha filha e ele se dão bem, né. E tem a neta, tem tudo, né. A gente tem que estar... Conviver bem, né. E ele é uma pessoa boa de lidar, mas... **P1:** Gosta de namorar. Faz parte... Eu queria fazer uma última pergunta: o quê que a senhora procura aqui no SESC? **E5:** Quê que eu procuro aqui? Cantar, viver a vida, né. Não, para cantar eu... A gente aqui gostaria que... até que tivesse alguém que... fizesse algo mais, né. Nós... Nós estamos

com um grupo, a gente podia crescer, né. Eu queria fazer uma... Cantar, fazer um teatro junto. Eu disse: "Eu quero incorporar a Bibi Ferreira." que ela morreu agora, né, quero incorporar ela. **P1:** Atuar, cantar... **E5:** Atuar, cantar nós fomos... Nós temos fotos aí, a gente se apresentou na festa da melhor idade em Balneário Camboriú, ano passado. E nós fomos as três mulheres daqui desse nosso grupo, a gente cantou e se classificou, tudo. Era classificatório. E a gente tem umas vozes e gente que canta bem e fazer... Agora a A. e está provocando a gente para ir para o encontro. Quero ir esse ano, ano passado eu fui no Encontro do professor que é anual, né. E esse ano eu vou trocar, é na mesma época, em outubro. **P1:** Ah, o Encontro do Idoso? **E5:** É. **P1:** O anual? **E5:** É. **P1:** Do SESC? **E5:** Uhum. **P1:** Então, eu vou dar... Eu vou conversar com os idosos nesse encontro. **E5:** Nesse encontro tu vai estar lá? **P1:** É, em outubro. **E5:** Aham. Nós queremos ir lá se apresentar. **P1:** Olha, vou assistir vocês então. **E5:** Sim, se Deus quiser. Estamos escolhendo a... Tinha uma peça linda que eu queria fazer com um cara, mas eu não estou afim. Estou com muita agenda, assim, bem cheia, bem... Precisa de muito ensaio, né, bem *[palavra inaudível],* mas bem gostosa e se não, eu canto com mais vozes, né. Fazer... ao menos umas três vozes, assim, diferente, né. O nosso maestro está meio doente, meio depressivo, o seu P., daí... Mas vamos ver o quê que vai... Tem bastante gente que quer, mas elas não... Tem umas que não têm também, né, condições, assim, de... de cantar, de fazer um número. Eu queria fazer um número já mais... **P1:** Elaborado? **E5:** É. Daí a gente fica com dó, né, de um lado do... né. Mas aqui pra todo dia, tudo bem, né, agora chega uma hora tu tem que... deixar gente adiante, né, quem pode, né. Não sei se a gente está certa ali, mas um... é um lado, né? Hoje no almoço lá, eu conversei com o cara, eu sei que ele é bom: ele toca, compõe, tudo e tem gravado já. Eu disse: "Cadê você? Você... Não vi mais nada teu aí, quando cheguei aqui há três anos atrás, tu era..." Ele disse: "Eu me cansei dele, de querer que as pessoas melhorem e elas não melhoram." Bem nesse sentido que eu estou te falando do grupo aqui, ele me falou hoje de meio dia lá. Dá para entender? Porque nós somos idosos, mas nós... Meu Deus. Nós fomos em uma reunião em Xanxerê com a região aqui, né. Veio a coordenadora Estadual da CP. **P1:** CP? **E5:** É... Associação dos professores e ela disse: "Não deixem c. na cabeça de vocês, nós só estamos aposentados. Nós só estamos numa outra fase, mas nós somos tão capazes quanto." E é uma verdade, né. Eu não gosto quando eles fazem um evento e tratam esse negócio das rainhas. Pensa, são 70 grupos em Chapecó, daí a coordenação reúne as rainhas para fazer o quê? B. nenhuma. "Dá licença meninas, ei, vamos isso aqui agora?" Eu vou lá e... "Vida, vamos lá", "Ah, nanananan" No final, dão uma cruzinha... Não, eu passei esse tempo... Não sou saco vazio. A abertura dos jogos da melhor idade em Xaxim... Todos os idosos ali sentados esperando a abertura: "Não, não vamos fazer abertura, porque o som estragou.", "E vocês não tem boca, microfone também está estragado?" O coordenador... o professor de Educação Física: "Vai lá canta um hino, dá um bom dia pra esse povo, faz alguma coisa." Foi *[palavra inaudível]*, foi. Oh, nós não viemos aqui: "Vamos embora, porque o som não abriu para cantar uma música." Nós não somos capazes de cantar? Ah não, eu... **P1:** A senhora não tem muita paciência com esse pessoal? **E5:** Mas olha tu não pode ser tratada assim... Tu não é... Nós somos gente, temos que ser bem tratados. **P1:** A única coisa... É o que ela falou mesmo: a única diferença é que são aposentados, mas não muda nada, né? **E5:** Não. Se Deus vai julgar a alma, não tem cor, não tem idade, não tem nada, minha filha. Sempre igual. **P1:** Me diz uma coisa: Qual é a situação do idoso hoje, que a senhora analisa, avalia? Que seja hoje no Brasil, no mundo... **E5:** *[frase inaudível]* Assim, por exemplo, consulta, né: faz a consulta vai para um médico, vai para outro médico, vai para outro médico, vai para outro médico. Quem que tem a responsabilidade? Ninguém. Uma amiga minha... Bem isso. De dois médicos, vai em um, vai no outro: um atesta uma coisa, o outro atesta outra coisa. Eu fiz, assim, uma pequena experiência... Uma dor. Fui no médico e a receita... Ele me passou uma receita. Deu uns três, quatro dias, depois eu fui de novo. Pegar outro, né, médico. Quando é... Médico do UPA, assim, né... Me passou outro remédio: "E tu vai comprar qual?" "Nenhum. Vocês estão aqui... Que médico que..." Eles

entendem. Olha, é bem sério, bem sério. Bem sério, é uma parte da saúde... Da seriedade, do trabalho desses grupos de terceira idade. Eu gosto mais, mais assim de trabalho... Da medicina alternativa, né: Como que os índios viviam, a Pastoral da Saúde, os remedinhos, os chazinhos. Claro que nem tudo pode, né, mas se o idoso se cuidar um pouquinho melhor, né, se alimentar melhor e fazer as coisas que gosta... A gente... A idade está se prolongando nesse sentido... Depender de coisa do governo, nós estamos fritos (+) Eu acho. **P1:** Dona N., N. B. **E5:** N. B. **P1:** Era isso que eu queria falar com a senhora. **E5:** Eu sou normal, mas eu voo alto, viu? **P1:** Ah, é? **E5:** N. quer dizer... **P1:** N. quer dizer normal? **E5:** N. quer dizer uma norma de vida, né. Ter uma norma, regras, né. **P1:** Mas vem da onde N.? **E5:** Pra mim, que eu sei, assim, é regra. Uma lei. Eu tenho normas de vida, né, mas eu voo alto. Eu tenho assim umas ideias... Eu... sou meia *[palavra inaudível]* **P1:** Não tem nada de normal no N.? **E5:** De... de normal, normal, não tem. **P1:** Como a senhora me disse no início: "Eu não sou desse mundo, estou aqui só de passagem." **E5:** Não. Eu sonho assim, olha, que cada bairro... Aos invés de ter esses grupos ali, que vai ali na quarta-feira só jogar, que tenha a casa que o idoso possa dormir, possa ficar lá: quem precisa fica, quem não precisa, vai pra casa. Passa o dia, a família vem buscar. Assim, mas não a grande: cada bairro tem o seu. O seu carinho com seus idosos, entende? Porque diz que na Europa, na Europa é... asilos enormes, né? **P1:** Eu não sei, mas na Europa tem muitos idosos, né? **E5:** Muitos idosos, pois é. Mas daí eles botam lá mil idosos, sabe? Daí... Aquilo é tratado tudo como... umas vacas leiteiras *[palavra inaudível]*. Eu conversava com uma menina de Itapema que cuidava dos idosos. Ela disse que ela vivia lá dentro e ela cuidava de três idosos. Ali dentro, naquele recinto, porque os filhos lá não bola para pais, essas coisas, né. Então, nós não podemos aqui... Eu falo como uma advogada do Mato Grosso a respeito disso. Ela é de Santa Catarina e a mãe dela está idosa, tudo. Precisa ter mais... Vários, assim, fazendo. Como tem esses grupinhos, salão ali que a gente vai só na quarta-feira: Não tem nada durante o dia. Já podia ter ali dois, três idosos morando, fazendo a parte. Sei lá, eu sonho... Para dar mais aconchego para o pessoal. Não vem ninguém lá em casa. Tem uma que não vem mais, ela está no meu *zap*. Ela está muito seca, ela está com uma doença assim... Ela não vem ali, ela tem... sabe, tem que buscar. Ela tem que trazer ela para o grupo, porque ficar em casa sozinho, ninguém merece. Deus não fez a gente para ficar isolado. **P1:** É verdade. **E5:** Né? Nós temos que viver em comunidade. Né garota? Um bom... Uma boa... Um bom trabalho para ti. **P1:** Que bonito isso que a senhora falou: "Deus não fez a gente para viver sozinho." **E5:** Não, de jeito nenhum. Ele fez Adão e Eva e eles se esconderam de Jesus, por quê? Porque pecaram, então quando a gente faz algo errado, a gente tem que *[palavra inaudível]*. Não, vamos viver, Deus deu tanta liberdade para a gente viver, né, não nos afastarmos dele. Tem que estar sempre junto.

NARRADORA 6

P1: Então, considerando, né, que o meu... Que a minha pesquisa tem a ver com informação e conhecimento, eu queria começar perguntando para a senhora: qual a importância do conhecimento na vida da senhora? Se a senhora acha que é importante, que não é e por quê. **E6:** Não, eu acho muito importante tanto que eu falo com meus irmãos também, porque amanhã ou depois vai ser tudo digitação. Como eu quando, né, entrou o computador... Também não me interessava, né? Você vai ao banco: "Olha, computador, não sei o quê lá." Não, eu sou do século passado, eu não entendo isso, não é a minha época, né? Não é da minha época, então... E agora não... Amanhã ou depois vai ser tudo aqui e se você não se interessa hoje... que você tem chance e amanhã? Como eu tenho uma irmã que não se interessa: "Ah, eu tenho meu filho, não sei o quê lá" , mas o filho não está à disposição de uma mãe... né... casa, né, tem filhos, vai... né... e o tempo não sobra para atender a mãe, né? **P1:** Mas com relação ao conhecimento de um modo

geral, assim, com o conhecimento das coisas, com o conhecimento da vida: qual a importância do conhecimento na vida da senhora? **E6:** É muito importante, estar... ter conhecimento do... de tudo. É muito importante. **P1:** Uhum entendi. Me conta um pouco, sobre a história de vida da senhora: a senhora... esteve sempre, assim, em contato com outras pessoas na vida da senhora? **E6:** Sempre, porque antes foi enfermagem, depois eu tive contato com a vida religiosa muito intensa no Hospital de Santa Catarina que é administrado pelas irmãs de Santa Catarina. Aí depois que eu saí. Aí... quando eu trabalhei com uma empresa aqui que pediu para eu... pesquisar material lá em São Paulo e tudo, né, então essa pesquisa te dá contato com tudo e com todos, né. Aí depois... É, é foi isso (+) Então sempre foi um... Não foi dentro de casa, como sozinha eu tive um convívio muito grande com o conhecimento de... Ah, trabalhei com material... de.... Como é? Com lojas. Material de construção eu não sei, trabalhava com a Recel, trabalhava com... com várias empresas aí no comércio em São Paulo: fui vendedora da Britânica, da Enciclopédia Barsa. Aquela época que você entrava, que todo mundo te recebia. Hoje trabalhar na rua não dá, porque você pode ser toda bonitinha, toda arrumadinha, mas não sei se eu vou te receber, eu não sei quem está por trás de você, né? Infelizmente hoje tu não entra fácil... numa casa desconhecida e na época tu entrava, te ofereciam o almoço, café, te ofereciam tudo. Olha a diferença. Eu sempre falo: antigamente tu tinha medo de um sapo, de uma cobra. Hoje tu tem medo do ser humano. Veja o que aconteceu em Susano, quem diria. **P1:** Morreu um monte, né? **E6:** Quem diria. E depois lá no exterior também, uma igreja lá fora diz né: tu tem que ter equilíbrio, nem a esquerda, nem... Nem totalmente a esquerda, nem totalmente a direita, o equilíbrio. **P1:** Uhum. A senhora se sente uma pessoa informada? **E6:** Informada? Hoje através do... Daqui sim, pelo *Youtube*, por tudo eu me sinto. Antes, não. **P1:** Não? **E6:** Não, porque o convívio era familiar, tudo, assim, era tudo tudo dentro daquilo. Agora hoje não, o *YouTube* te traz tudo, até o *impeachment* do Dias Toffoli já apareceu aí. Isso é informação, não é? **P1:** Claro, com certeza. Agora a senhora se sente informada, então? **E6:** Sim. **P1:** Antigamente não usava muitos jornais, a senhora então, assim, impresso... **E6:** Não, eu nunca me interessei. Claro, eu lia assim, mas não com interesse assim, porque a vida é muito agitada de rua, de venda, de pesquisa de mercado... Era tudo isso, quer dizer, você não tem tempo. Você como professora, você está sentada. Na hora vaga você pode ler um jornal ou coisa assim e a vida fora não é assim, então você não se interessa em ler, né. E aqui a gente se interessa mais, porque eu por exemplo, eu não gosto de assistir na televisão, eu gosto de assistir o jornal ao vivo, ao vivo. Outras coisas assim não interessam. **P1:** A senhora assiste TV então, o jornal? Só o jornal? **E6:** Ah, sim, assisto e faço questão. Me sinto... E faço questão de assistir. **P1:** O jornal da noite aqui? **E6:** Da noite, de manhã... **P1:** Ah, todos? **E6:** A televisão fica ligada o dia todo. É apartamento, né, então tem... A Ana Maria é ao vivo, então... Não é sempre ao vivo eu acho, eu acho que sim, né? **P1:** Eu acho que sim. **E6:** Será? Parece que sim. **P1:** Aham, todo dia. **E6:** Então, você ver se te interessa. Se não te interessa passa para a *Record*, passa para o SBT, o que te interessa mais na hora assim, né? **P1:** Entendi. E o quê que a senhora usa, depois que a senhora aprendeu a mexer no celular? O quê que a senhora tem usado assim? **E6:** O *WhatsApp*, o *Youtube*... É mais isso daí. **P1:** O *WhatsApp* e o *Youtube*? **E6:** É. **P1:** Assim, durante o dia, quando a senhora sente uma necessidade de informação, sente que falta informação para completar alguma coisa. A senhora vai na televisão, no rádio ou vai no celular? Assim, por exemplo: "Ah, eu preciso..." **E6:** Em casa é televisão, mas eu acho que o rádio... Eu não tenho rádio, mas eu acho que o rádio te dá muito mais... O interesse é em informações, então mais, porque o rádio acho que dá mais informações ao vivo, o que está se passando, né. Mais informação... **P1:** No celular, então a senhora... **E6:** No celular é quando... qualquer coisa não me interessa ou... entro no *Youtube* para ver o que está acontecendo: as brigas, os políticos [risos]. Ah, meu Deus do céu, é uma briga só, mas lá é como eles... Não mexendo com a gente, está muito bom, né? **P1:** Sim, mas de vez em quando eles mexem com a gente, né. Isso que é o chato, né? **E6:** Pois é, mas agora eu vi anteontem até a noite, sexta... Sábado para domingo, é...

A turma colocando o Dias Toffoli... Não sei se a gente pode falar política assim, né? **P1:** Sem problemas. **E6:** Mas é público, né? E tinham quatro pessoas... Tem um lá, tem um rapazinho novo que entrou agora no Senado, é Kim, parece que ele tem descendência de japonês. Aquele rapaz fala e é autêntico e mais duas moças, acho que uma era advogada, a outra não sei o que era e mais um senhor tava junto, né. Aí, eles estavam preparando tudo lá para entrar já com o *impeachment,* porque ele proibiu os jornalistas... Não, falarem... Nós falarmos mais que os políticos, mal dos políticos. Isso é ditadura. Tu não viu isso? É, no dia que foi para... a segunda instância de ser... de ser condenado. Não, tudo. E o Dias Toffoli depois do final... Que vai proibir falar mal dos... São magistrados, né? São magistrados lá em cima, né? Falar mal, o quê que é isso? Eu acho que por isso eles estão entrando com isso... Que depois então... Foram seis contra cinco. Seis contra cinco, quer dizer, passando... para eleitoral... a condenação e não pela justiça, pro STF. Quer dizer que muitos presos agora, eles podem ser soltos, mas parece que o Mouro tomou uma atitude e a... **P1:** Raquel Dodge? **E6:** Raquel. Parece que eles estão entrando seriamente, o negócio é sério aí. Eu acho muito sério, porque já pensou: já tem 18, não sei quantos lá, processos do Lula e está sempre mexendo a mesma coisa, sempre. P. cometeu, cometeu. Foi... Já teve várias audiências e foi processado, foi processado e para quê mexer mais 50 vezes? Só existe ele? Não. **P1:** Tem mais tantos, né? **E6:** Pois é, para você ver em que situação que nós estávamos: a falência, a verdadeira falência. **P1:** Eu fiquei curiosa para saber quais são os canais do *YouTube* que a senhora participa, que a senhora assiste. Tem algum canal específico do *YouTube*? **E6:** Tem... Simples, simples. Verdade. [*pausa na transcrição de 7min41seg de áudio*] **E6:** Aqui em Santo... Em Santa Catarina. Não, mas era na Linha Torre, acho que você não conhece Linha Torre, né? Pertencia na ocasião... Você é daqui? **P1:** Sou. **E6:** Pertencia à Urussanga e Cocal. **P1:** Para aqui para atrás, aqui na serra? **E6:** É. Não, mas é indo para o Morro da Fumaça. **P1:** Entendi. Para lá, né? **E6:** É mais indo para o Morro da Fumaça. Geograficamente eu sou uma negação, se tu fala... Se tu mora aí e tu pergunta para mim, eu falo assim: "Ah, não, não é lá que ela mora." Então geograficamente eu não sei. Para mim, Linha torre é aqui, Cocal é aqui. **P1:** É isso mesmo, Cocal e Urussanga é para cá e o Morro da Fumaça já é mais para cá, né? **E6:** Eu acho que é para cá. **P1:** Para cá? **E6:** Eu acho, é. Eu acho, é, porque vai para Linha Torre, vai para Linha Batista também, não sei se... Quem passa, quem vai para Morro da Fumaça, passa por Linha Batista, né? **P1:** Sim. **E6:** Então, para mim, não sei por que, é para cá. **P1:** É isso mesmo. **E6:** É. **P1:** Mas, me conte: ele era rico? **E6:** Ah, meu avô era rico... Ele quem comandava toda a... linha lá, era muito respeitado. Aí depois veio a idade, veio doença: teve que vender, vendeu. Morou... Veio para Cocal para morar perto da igreja e morreu pobre ajudado pelos filhos, porque não tinha o INSS. Por isso, eu acho muito importante você pagar a aposentadoria, o INSS, desde agora. Já é tarde se tu não começou ainda, porque não é nada nada, mas se tu recebe no mínimo um salário mínimo, fome você não passa. E muito... Eu tenho um irmão, assim... nunca se interessou, eu que fui lá, paguei e depois ele não fez nem a média e ele recebe um pouco mais de um salário mínimo. Mas... E falo para os filhos hoje: "Bem ou mal, mas paguem o INSS, porque meus avós não tiveram e morreram pobres e enquanto tinham saúde eram riquíssimos e morreram todos." O meu avô materno ainda conseguiu o INSS, mas o meu avô paterno não conseguiu. Nem minha avó, claro, né e morreram os dois ajudados pelos filhos e tu sabe que filho não cuida de pai e mãe. **P1:** Então a senhora acha que hoje a situação é melhor por causa do INSS? **E6:** Financeiramente BEM MELHOR. Psicologicamente eu não sei não, porque acho que tem muita liberdade, né, ao menos foi uma fase de muita liberdade para os filhos. Tu o que fizeram em Susano, semana passada? E no entanto, um deles, a mãe era viciada. Esse tinha o tiro... Diz que acertava em tudo, fez curso de tiro e fez curso de tudo. O outro tinha família, o tio veio... Não sei se eles mataram um tio... O G. matou um tio, não sei se era irmão daquele, mas eles soluçavam: "Meu irmão, minha cunhada está aqui dentro, a gente não sabe o que fazer." Um rapaz de 26 anos, fazer o que fez. Agora outra coisa: a tua família não viu que existia alguma coisa de diferente neles? Mas às vezes, tu

não sabe, tu não quer condenar teu filho e tu fala e ninguém te respeita. Agora a gente vê umas mães que roubou... Como é que fala... Acusam o filho e vai na Polícia e né. Eu acho que tem que levar firme isso daí para... para amanhã ter um dia melhor. Como eu te falei antes, que antigamente você tinha medo de um sapo, de uma cobra quando andava à noite. Hoje você tu tem medo do ser humano, onde se viu? E tem mesmo. Quantas pessoas que não saem à noite com medo? Principalmente Rio, São Paulo... São Paulo acho que não é tanto assim não... mas tem, né. **P1:** Acontece muito, né? **E6:** É, então tem que formar bem os filhos hoje. Eu acho que tem... Tu consegue dominar até dez, 12 anos, tudo bem. Depois tem a fase da rebeldia, mas se tu mentalizou o bem aqui, eles podem fazer tudo, a consciência deles acusa. Se tu não preparou teu filho desde novo... com amor, carinho e firmeza, quando chegar os 20, 30 anos, eles são donos da cabeça e fazem... o que fizeram esses rapazes, né. **P1:** Entendi, era isso que eu queria conversar com a senhora.

NARRADORA 7

P1: Em primeiro lugar, eu gostaria de saber da senhora qual é a importância da informação na vida da senhora. **E7:** A informação na minha vida é tudo, né, porque sem informação gente não é nada. A gente já acorda... Despertando o celular, né... No celular. Aí a primeira coisa que a gente faz já vai olhar lá no *WhatsApp*, né, se tem alguma notícia ou tu vai olhar lá no *Google* a informação, se tem alguma informação nova. Então o conhecimento é todo dia. Então a pessoa não... Eu tenho informação como... um alimento. Todo dia tu tem... Tu sobrevive hoje através do alimento e teus netos já, já também... Eu tenho um neto de dois anos que faz tudo no... Procura os jogos dele, joga tudo. Faz tudo no... E ele vive com aquele *iPad* embaixo do braço, só a hora que vai para a escolinha que não. E ele faz tudo, ele me ensina. As coisinhas... É. **P1:** Não, as crianças gostam, assim... **E7:** Gente, é coisa que tu precisa ver e ele pede para o pai dele botar em inglês, porque ele quer estudar um pouco de inglês e ele sabe, tá? Ele sabe algumas coisas em inglês, ele tem dois anos. Então assim, pra gente acompanhar o mundo hoje, essa nova geração, tu tem que estudar: tem que estudar coisas de informática, tem que aprender todas as TICs, porque...não tem como, senão tu fica fora, tu fica isolado. Claro que eu não vejo isso como um ponto positivo, tá, porque eu vejo meus netos hoje que não tiveram a infância que eu tive. Que era brincando, né... nos rios, nos matos, subindo em árvore. Eu vejo o ponto positivo que se faz necessário, mas eu vejo o ponto negativo que os pais hoje não dosam, né, não fazem horários, não tem limite. Por exemplo, eu tenho meus netos, almoçam: celular do lado. O de dez, o de 12 e se eu quero falar com eles, eu tenho que fazer assim: "Olha, desliga isso aí que eu preciso falar contigo." Entendeu? E o pequeno de dois anos, ele já está com o *iPad* dele aqui assistindo enquanto vai comendo. Então assim, olha, eu vejo que as TICs são boas, só se a gente souber usá-las, né. E tem o lado negativo que essa nova geração que está vindo, que está deixando de viver as coisas boas. Eu acho que por isso tanta matança como está tendo, eu... eu encaro isso como a responsável, a mídia, né. A mídia, porque o quê que acontece: os pais trabalham e os filhos ficam em casa. Onde que eles ficam? O que é cômodo para a empregada? "Deixa ele lá na *internet* que não me incomoda." Por mais que tu diga para... para as babás: "Não, mas tu tem que sair, tem que levar lá embaixo." "Não, mas ele não quer." É prático para elas. Então, o erro deles estarem assim, é nosso, é nosso. É importante? É. Devia ser assim: o horário na escola e o horário, no máximo duas horas, em casa, mas a gente sabe que não acontece, porque os pais são viciados. Eu sou viciada. Eu... Se tiver que escolher entre levar a calcinha e o celular, eu compro a calcinha que eu for, mas eu não perco... Não deixo de levar meu celular. Eu sem celular, Deus me livre. Eu estou lá em Laguna ainda, só vim hoje pra aula. Estou lá na praia ainda, Deus o livre se não tivesse lá o *Netflix*, né, o celular, Deus o livre. E essa aula assim, olha, quantos anos tiver, eu venho fazer, por quê? Todo dia é um

conhecimento novo. Hoje já aprendi duas coisas novas, então é uma coisa que não dá para a gente deixar. E tem a parte da socialização né. Importante no SESC também, além do conhecimento, da informação, né... Do momento... Tem a parte da interação que a gente conhece amigos, né... Conversa, conversa toda semana e está sempre tendo socialização. **P1:** Vocês tem amigos, assim, aqui do SESC? **E7:** Sim, a gente conheceu amigos novos, né, alguns não vieram esse ano, mas continuam lá no *WhatsApp* com a gente, a gente está sempre conversando, então... Amigos de outros países que a gente tem... Eu fui uma pessoa que fiz assim, olha, fui morar em Tubarão, eu disse: "Pai, a partir de hoje eu fico com a mãe à tarde e tu vai no horário que não é meu para o SESC." Meu pai tinha 80 anos, hoje ele está com 86. Ele não vive mais sem o *Netflix*, ele não vive mais sem o... *WhatsApp* dele. Ele está o dia inteiro conectado. E foi bom, porque assim, olha: ele teve que tirar a prótese, porque ele pegou bactéria e ele tem que ficar na cama. E aí, se não tivesse isso, ele... Ia ser uma tristeza. **P1:** Só na televisão? **E7:** Só na televisão e assim não, assim ele assiste filmezinhos do *Netflix* e o resto ele está interagindo com os netos, com os filhos, com os amigos que ele fez no SESC. Então a gente não sobrevive mais sem a... E vai ficar cada vez mais. Daqui a pouco tu não precisa... Por exemplo, o banco já inovou. **P1:** Faz tudo pelo celular. **E7:** Tudo pelo celular. Daqui a pouco, eu acho que as novas gerações nem, nem vão ao banco. Nem vão mais em banco e existe aí um ponto negativo, né, que as pessoas não se aproximam mais. **P1:** Me conta um pouco sobre isso, dessa sua percepção. **E7:** Minha percepção assim, olha, antigamente quando os meus filhos começaram, né, mais novos, que não tinha essa... Toda essa informação, né... Eles brincavam com os amiguinhos lá da casa, eles brincavam... A gente saía, fazia piquenique. Eu saía, ia lá no zoológico em Porto Alegre, levar eles. Eu reunia os amiguinhos: "Olha, hoje nós vamos fazer piquenique em tal lugar." Hoje, tu já não vê mais as crianças na rua, tu não encontra mais essas crianças na rua. Eu tenho pena da infância dos meus netos que é muito diferente da minha e muito diferente da... de hoje. Então assim, olha, os pais que não tiram pelo menos as crianças no final de semana em casa. Essas crianças vão ficar viciadas, egoístas, né. Elas não consegue nem mais... Chega a visita na casa, dá um bom dia, um boa tarde, tá. Os meus netos... eu já chego lá e eu digo: "Bom dia, estou chegando." Então eles já sabem, mas se é outra visita, eles não ligam. O pai e a mãe trabalham o dia todo, né, é só com a babá que fica ali mesmo, né. E aí eles ficam assim também, olha, se a gente não puxar por eles... Aí eles vêm pra praia comigo, querem ficar direto no celular, eu disse "Não": levantavam pra praia. Três horas vamos para o SESC que está aqui ou vamos pra pracinha, eu faço assim com eles. Meu neto nem jogar futebol ele sabia. Aí eu disse: "Não... na praia, nesse verão tu vai entrar na escolinha de futebol." Botei ele na escolinha, ele adorou. Então, tem essas coisas que a gente tem que ver, tem que saber como trabalhar e é difícil. Por que que é difícil a gente...? Porque a gente também é viciado. Aí o quê que acontece: se eu disse para ele que não pode, então eu também não posso ir lá e... fica uma angústia, porque está: pipipi, toda hora [risos]. Então não é fácil. Então tem os dois lados. **P1:** Doido para ir lá, né? **E7:** É, tem os dois lados. **P1:** É complicado, né? **E7:** É complicado. **P1:** Ensinar filhos hoje, porque a gente também está conectado, né? **E7:** Está conectado. E eles ficam umas crianças que não falam, estão sempre lá no cantinho, como se não tivessem em casa. Agora minha filha está fazendo assim, olha: eles não podem ir no celular. Quando ela chega em casa... Eles vão para a aula de manhã. Agora eles sempre estão ao contrário, eles vão pra aula de manhã. Eles podem duas horas da tarde no celular. Quando chegam em casa eles vão conversar com os pais e vão ver tudo o que tem pro outro dia, se já fizeram e se tem prova, estudar. Depois ela dá meia hora e antes deles dormirem, eles desligam o celular. Eu comecei a conversar com minha filha, eu disse: "Não dá." Aí no final de semana ela libera pra eles. Está sendo assim. E aí até eles estão, assim, mais... Depois que a gente começou a cobrar um pouco deles eles estão, assim... Mais chegando e nós, assim, porque só a gente chegava neles. Ele telefona: "Vó..." Tudo lá na câmera, lá no *WhatsApp*, né, "Vó, estou com saudades de ti, vem me ver vó." Assim, entendesse? Agora que a gente começou a cobrar mais, mas olha não sei

até que ponto eles vão poder cobrar, porque daqui a pouco ele já vão começar a adolescência. Aí acabou né. **P1:** Eita, a adolescência é tensa, né? [risos] **E7:** Tu deveria entrevistar uma psicóloga. **P1:** Uma psicóloga de idosos? **E7:** Não, uma psicóloga e perguntar qual é a opinião dela sobre hoje as crianças na *internet*, para tu saber. Para até depois tu colocar na tua... monografia, é monografia, né? **P1:** É tese. **E7:** É tese, é tese, desculpe... Eu... É porque no meu tempo era monografia. **P1:** Não, não se preocupe. **E7:** É e tu deveria... Seria acho que muito importante pra tua... **P1:** Pesquisa. **E7:** Da tua pesquisa. **P1:** Está sendo bem interessante entrevistar os idosos. Muito, porque eles têm noção, assim, porque eles tinham antes. Idosos têm o antes, eles viveram num mundo que não tinha *internet.* **E7:** E tu sabe o quê que os meus pais dizem? Meus pais dizem, assim, olha... Eu tenho meu pai de 86 anos e minha mãe de 81. Ela disse assim: "Às vezes a gente até chora, dá uma tristeza, porque a gente criou esses netos com tanto carinho. Hoje, eles não vêm nem nos visitar muito e quando vêm eles não têm tempo, porque estão conversando com a gente, estão no celular. Eles estão no almoço e estão no celular. Então... Como... O nosso sentimento... é que nós já perdemos eles." Mas é verdade, se tu parar... parar e observar, é verdade. E eles... Paparico bastante eles, mas é assim um minutinho, entendesse? O resto eles não têm tempo, eles têm que estar na *internet* e os bisnetos estão na mesma linha. **P1:** Nossa, que difícil. **E7:** É. **P1:** Porque eles têm a noção do antes, né? **E7:** Do antes. **P1:** Do bem antes. Não tinha nem telefone. **E7:** Nossa, minha infância foi um espaço, numas canoas, atravessando, indo nas ilhas. Meu pai levava tudo quanto é lugar. Enfim, subia em árvores que rasgava roupa, era nossa.... Aí hoje olho eles, assim, tão paradinhos, né, muito paradinho, Nossa Senhora. **P1:** É muito fácil distrair eles hoje. Antigamente não era assim. **E7:** E a mãe tem a preocupação, minha filha é uma, de todo dia — ela tem o rastreador no celular da filha, né — ver o que ela está fazendo. E aí, teve um dia que ela estava fazendo uma coisa que não era muito legal, assim, dizendo... Escrevendo uns palavrões na *internet*, aí pra ela não saber, ela pegou o celular: "Deixa eu ver.", "Não mãe, tu vai...", "Vou ver." Aí, ela trabalhou isso aí com ela, disse: "Eu não quero mais tu... Esses palavrões no *WhatsApp*, teus amigos e tu", "Ah, mas eles são assim", "Não, mas tu não precisa ser assim." É porque hoje o pai tem que ter, tem que ter esse controle. **P1:** Me diz uma coisa, você usa muito o celular, né, quando você sente necessidade de informação durante o dia, seja informação de notícias ou seja uma receita, seja... Onde é que você procura primeiro? **E7:** Na *Google*. **P1:** No *Google*? **E7:** No celular, é. **P1:** Você não usa mais a TV? **E7:** Eu até ligo a TV, até ligo, mas está passando lá, eu estou vendo, mas estou aqui também. Estou com os dois ao mesmo tempo. Eu não consigo hoje ver uma TV, ver uma novela, sem estar no celular junto. Eu não consigo. **P1:** Rádio você não... **E7:** Rádio, quando eu estou, assim, na cozinha eu... eu ligo o rádio. Ligo no celular, no celular. Tudo no celular. Tudo. Eu faço tudo no celular. Não uso mais rádio, assim, em casa. Tudo no celular ou se eu perdi uma novela, que eu não sou muito de novela, mas se eu perdi uma novela e eu quero saber, eu também vejo o capítulo anterior no celular. Não adianta, eu sou viciada, o celular é minha vida. Não adianta. **P1:** Tá e me diz uma coisa: quais são as necessidades de informação que você tem — seja ela de qualquer natureza — que você procura no celular? **E7:** Primeiro assim, olha, primeiro eu gosto de ler jornal todos os dias. Primeira coisa que eu vejo é o jornal quando eu leio jornal no celular todos os dias. Todos os dias eu leio jornal. **P1:** E mais alguma coisa, assim... **E7:** Quando chega a passar na TV ao meio dia, eu já soube ou se aconteceu às 9 h, já dá no meu celular ali, então eu já sei. **P1:** Aham e o que mais necessidade de informação que você tem, que você procura no celular? **E7:** Comida... Fazer bolo, fazer... **P1:** Receitas? **E7:** Receitas, músicas — eu escuto direto no celular — informação, telefonar para os netos pelo *WhatsApp*, para ver, porque hoje... para mim não tem mais graça telefonar só do telefone, eu não consigo mais. A não ser que seja um dentista, uma coisa assim, mas para a família ou para os amigos, eu telefono vendo... Até hoje a gente aprendeu a telefonar para três pessoas ao mesmo tempo, achei muito legal. **P1:** No *WhatsApp*? **E7:** Sim, porque aí se tu quer... O *Whoscall*, um novo aplicativo e... o *Whoscall* se tu quer falar um assunto, por exemplo, com

meu filho e com a minha filha, quero dizer assim, olha: "Domingo o pai vai fazer aniversário, vamos vir aqui sair?" Eu, eu ligo para meus filhos até pode... fazer os três juntos. Aí tu... não precisa ligar para um e para outro. Achei maravilhoso esse novo aplicativo. **P1:** Que interessante isso aí. **E7:** É. *Whoscall* . Bem bom. **P1:** Vou até anotar. É *call* com dois Ls? Deve ser, né? **E7:** Não, é *WhatsApp*. Ele não fica assim, é pronunciado que é assim. Depois eu tenho folhinha lá, deixa eu ver... não tem nada aqui de folhinha. **P1:** Não, não se preocupa. Depois eu pergunto pra F., o nome, ou para a estagiária. **E7:** A outra coisa que a gente aprendeu hoje — tu ver a importância do celular — a bloquear aqueles números de delegacia que ligam pra gente. A bloquear para nunca mais, né e o cuidado que a gente tem que ter. Quando que a gente ia em casa pesquisar isso? Nunca. Então, uma dessas aulas, pra mim... enquanto tiver, eu sou aluna. **P1:** Uhum e me diz uma coisa: então você usa para comunicação, né? **E7:** Tudo. Pra comunicação, pra ver filme, pra comunicação, pra entretenimento, né. Pra tudo. Para fazer ginástica, às vezes eu boto lá um programa de ginástica, fazer ginástica em casa. Pra tudo. Pra Mim é para TUDO. **P1:** Interessante isso. Muito interessante a sua... **E7:** Aí às vezes a minha filha me diz em segredo, assim: "Que moral que tu tens, né mãe, pra dar pra eles? Que tu é um trabalho." [risos] Se eu puder salvar um, eu salvo. **P1:** Aham. É, né, mas assim, acho que tem mais benefícios do que malefícios se bem utilizado. **E7:** Não, com certeza, mas eu quero dizer que tem a parte do benefício, claro. Vamos enumerar dois, dois malefícios e o resto de benefício, né. A gente pode nomear... que eles passam horas e faz mal à saúde e o segundo, o isolamento. São os dois que eu considero malefícios da comunicação. **P1:** E você acha que você não experimentaria esse isolamento? **E7:** Não. **P1:** Do... Por meio do... Por meio da *internet*? **E7:** Não, não, mas eu sou adulta, né. Eu não experimentaria, eu ainda saio bastante de casa, eu viajo bastante. **P1:** Você viaja com o SESC? **E7:** Viajo com o SESC e fora dele eu viajo com meu filho para os outros países. Aí.. eu faço uma viagem no ano para outro país. **P1:** Ai que legal, que máximo. Você... Você usa o *WhatsApp*, né, você já se deparou alguma vez com *Fake News?* **E7:** Ah sim, claro. Tem um monte, né. E como tem. **P1:** E o quê que você faz? **E7:** Eu não repasso. **P1:** E você... E como é que você, assim, qual é aquele *feeling* assim de: "Hum, acho que é mentira."? Você... **E7:** Eu... Às vezes eu... repasso porque eu não me tomei conta de que era, mas se eu começo assim: "Ah, isso não pode ser." Aí eu não repasso, mas às vezes já aconteceu de eu já ter repassado. **P1:** E me diz uma coisa você não vai, assim, pesquisar pra ver se é verdade? Não tem nenhuma ferramenta assim... **E7:** Não, até que eu não vou pesquisar. Depois alguém me manda. Com certeza alguém manda dizer para mim que aquilo ali era *Fake News*. Eu até espero, porque eu sei que eles me mandam [risos]. **P1:** Entendi, espera para ver se é verdade? **E7:** É. **P1:** Me diz uma coisa: Aqui no SESC, você procurou o SESC por quê? Por que você procurou essa iniciativa? Você falou que você tinha curiosidade de saber desses negócios de comunicação. **E7:** Na verdade, a primeira pessoa que eu mandei pro SESC foi meu marido. Por que? Porque ele é muito... É assim: dentro de casa, ele é um papagaio, fala o dia inteiro e fora disso, ele é quieto, ele se retrai. Então, eu vi como uma possibilidade de socialização para ele. E aí, ele começou a frequentar e ele adorou e depois eu já vim em seguida com ele e estou adorando. **P1:** Entendi. Então, você na verdade... Que interessante isso, porque foi também como uma estratégia de viver em coletivo, né? Estar junto, né? **E7:** É. É, porque como ele é muito quieto, muito coisa... Aí ele veio, entrou na dança ele entrou na memória, ele entrou na ginástica, ele entrou no *smartphone*, que eu tive que dar um chega pra lá e disse: "Escuta, tudo isso não dá. Esse ano tu está, mas ano que vem tu vai pegar só dois, porque senão tu não faz as coisas necessárias que a gente tem que fazer. **P1:** Uhum. Em casa, né? **E7:** É. **P1:** Tá e me diz uma coisa: Você não participa de outros grupos de terceira idade? **E7:** Eu vou te dizer por quê que eu não participo. Eu gostaria de participar, é que eu estou com meus dois pais doentes e aí, na verdade, eu estou lá em Laguna com meu pai que ele tirou uma prótese e está com a perna solta. Então, eu estou lá e meu pai está doente desde do novembro do ano passado. Então... E a minha mãe teve nove, não, oito mini AVC e ela não pode ficar sozinha, então por

isso que eu estou... Então, eu paro mais lá enquanto eles... Estou levando no médico e tudo. Aí eu paro mais lá do que aqui. **P1:** Você se sente livre? **E7:** Eu me sinto livre? Às vezes não, porque eu tenho meus pais que eu tenho que... Eu gostaria de fazer bem mais coisas, mas... eu sei que eu tenho obrigação de filha, mas ao mesmo tempo eu me sinto presa com a situação deles.**P1:** Uhum, entendi. E me diz uma coisa... Mudando da água para o vinho, né: Você... **E7:** Onde você está gravando? No celular? **P1:** Aham. No celular e no computador. **E7:** Ah, tá. **P1:** Nos dois lugares, porque a gente nunca sabe, né? A gente nunca sabe se algo vai dar... vai dar erro, né? Você acha que existem alguns segmentos da sociedade que são excluídos? **E7:** Sim, né. São muitos segmentos, né. A pobreza, aqueles de... Com uma faixa... que ganham uma faixa lá baixa, né, de salário mínimo, eles são excluídos. Eles não têm condições de estar aqui, numa aula aqui. Primeiro, que eles têm um celular que não vai ao encontro com as ferramentas para as aulas. Segundo, que nem todos podem comprar, para vir aqui tem que ter passagem, né. Então, eu acho que a classe média pra baixa, ela é excluída. **P1:** De um modo bem geral, né? **E7:** De um modo bem geral, porque eles... Desde quando eles vão conseguir... esse cabide de informação que a gente tem? Não, né. Infelizmente. A esperança são as escolas que dão um pouquinho de aula de... de computação. Então, eles vão até ali, não mais do que isso. **P1:** Uhum. E o idoso? Qual é a situação do idoso? **E7:** O idoso... A situação do idoso... Aquele idoso que os filhos, né... gostam deles e pensam na felicidade deles, eles levam. Eles abrem caminho para ir lá fazer aquilo, né, pra vir fazer informática, vir fazer os cursos. Agora, aqueles filhos que são centrados só neles, eles não tem. Eu acho que não... O idoso não chega a 50 por cento de ter uma vida feliz como a nossa, de estar aqui. Eu acho que não chega a 50 por cento (+)... Pra mim, são 30 por cento que têm essa felicidade de estar aqui. **P1:** O que você acha, assim, da situação hoje do idoso perante, assim... Poder público? Você acha que o idoso está esquecido? **E7:** Olha, o poder público até está... Aqui em Criciúma eu vejo assim que até está dando... chance para o idoso, porque eles têm ônibus que levam lá em cima, têm os idosos que têm aula de dança, têm aula acho que de informática. Eu acho que isso até tem muito espaço para isso, eles investem na cultura do idoso e no lazer do idoso. **P1:** Que interessante isso, eu não sabia. **E7:** É. É lá em cima. **P1:** Aonde que é? **E7:** Lá na Vila Olímpica, lá em cima. É lá, né. Eu acho que eles até... Têm os clubes de mães, né, que também é... uma outra oportunidade pra eles, porque pelo menos eles vão, eles ali se socializam, eles fazem um lanchinho, então é muito bom. Olha, eu assim, olha, na segunda-feira eu venho pra essa aula, assim, feliz e quando eu não posso vim — eu acho que na outra segunda eu não vou poder vir — meu Deus pra mim é um martírio de eu perder minha aulinha, de aprender mais coisas [risos]. Aí eu digo: "Marido, para tu anota tudo pra mim." **P1:** Ele não perde? **E7:** Não. Não, porque daí eu fico lá e ele vem. **P1:** Uhum. Era isso que eu queria perguntar para a senhora.

NARRADOR 8

P1: Me conte uma coisa, senhor: O quê que o senhor... O quê que o senhor estava sentindo de necessidade, assim, que o senhor veio procurar o SESC? **E8:** Ah, aprender. Aprender a... Negócio de informática, né, me comunicar com as pessoas, porque eu via meus filhos comunicando em casa e falando aqui e falando dali. E eu não entendia nada, não sabe? Eu tenho um filho que trabalha hoje debaixo do porão e eu chamo de v. pra ele: "Tu não sai nem para trabalhar, rapaz." **P1:** Ah, ele trabalha em casa? **E8:** Ele trabalha em casa. Ele trabalha em casa, ele tem umas gurias, lá em Curitiba, que trabalham pra ele. Umas quatro gurias, eu acho, né. Trabalham em casa também e depois mandam serviço pra ele. Então... ele fica só em casa, só em casa e tomando cervejinha e não sei o quê. **P1:** Ô coisa boa. **E8:** É. E eu digo: "Tu não trabalha, eu não vejo tu trabalhando". Ele só ri, ele só ri [risos]. **P1:** Daí o senhor veio para o SESC, porque queria... **E8:** É. Eu queria entender, né, por que que eles... por que que eles ficam

assim tão... tão numa boa. Porque eu... eu quando viajava 20 quilômetros para ir trabalhar numa... Lá de Indaial até Capivari. Viajava com chuva e trovoada, *[palavra inaudível]*. Chegava, trabalhava... Às vezes um dia todo até a noite, todo molhado, todo molhado e eles hoje não: Eles hoje estão debaixo do porão, tranquilo, tomando cafezinho e... **P1:** No sequinho. **E8:** No sequinho, batendo papo. Eu quis saber por que que eles faziam aquilo ali, né? [risos] **P1:** Entendi. Aí o senhor veio para o SESC? **E8:** Eu vim para o SESC. Eu aprendi... **P1:** Faz um ano, né? **E8:** Faz um ano, mas... não sei muita coisa não, porque eu não sabia nada mesmo, né? Eu tinha até medo de meter o dedo no... celular. Tinha e ainda tenho ainda. Tenho medo. **P1:** Aí o senhor arrumou um celular e veio para cá? **E8:** Comprei um celular e vim para cá [risos]. **P1:** E aí, o quê que o senhor já aprendeu? **E8:** Aprendi a mandar... a mandar mensagem, aprendi... **P1:** No *WhatsApp*? **E8:** No *WhatsApp*, é. Mando mensagem no *WhatsApp*. Aprendi ligar, porque eu não sabia ligar ele também. Algumas coisinhas, muito pouco ainda, né, mas vai ser alguma coisa, né. Vai ser alguma coisa. **P1:** Já consegue conversar os filhos, então? **E8:** Já consigo conversar os filhos. **P1:** Bom. **E8:** Bom, né? **P1:** Imagina se não. O quê mais que o senhor faz no celular? **E8:** É... basicamente é só isso aí, quase. É mais só no *WhatsApp*, só. **P1:** Não mexe no *Youtube*? **E8:** Alguma vez eu mexo, mas... eu tenho medo, não entendo nada, então por isso que eu não... me arrisco muito, né... Sei lá, eu tenho... eu... Aí eu vejo a minha conta no banco, eu vejo também. **P1:** Ah, então o senhor já... já está *expert* nesse negócio. **E8:** Não, isso aí eu já vejo. *[frase inaudível]*. Já escuto música *[palavra inaudível]*... Eu trago as músicas... dos cantores, direto lá, porque antigamente eu só tinha que comprar disco, CD. Agora não... Agora já... Ali já boto ele na caixinha, né, aquele negócio de *bluetooth*, não tem? Eu boto os dois, eu caso os dois ali. **P1:** Olha, o senhor está muito tecnológico. **E8:** Não, eu aprendi só isso aí, depois que eu vim aqui já, porque eu não sabia nada, né. Não sabia nada. **P1:** Entendi. *[pausa na transcrição de 3min3seg de áudio]* **P1:** O senhor usa muito, assim, o senhor... Assim, informação do dia a dia, o quê que o senhor acessa, assim, para ter as notícias, as coisas do dia a dia? **E8:** Ah não... não tenho tempo, não acesso quase nada, nada. **P1:** Mas na televisão o senhor vai? **E8:** Na televisão eu vejo, eu vejo muitos jogos. Jogos, jornais às vezes, né, negócio de Lava Jato. Isso aí... eu estou sempre vendo, né, essas coisas aí. **P1:** No... no jornal? **E8:** No... no jornal. Às vezes durante o dia também, eu boto lá... Sempre boto na Globo, né, que a Globo sempre passa essas coisas, né. **P1:** E rádio o senhor não ouve? **E8:** Rádio eu não ouço. Não ouço não. **P1:** Interessante. Então o celular quase não é, assim, para ver notícia... **E8:** Não, quase eu não sou de ver notícia. No meu carro, nesses locais assim, quase... Eu nem sei nada, porque eu só estou no jogo, só vejo jogo [risos]. **P1:** Entendi. **E8:** Porque tem jogo... Tem campeonato dia... Quase todo dia, né, à tarde, entende? Então eu vejo o jogo à tarde e não... não me interesso em outras coisas. **P1:** Uhum. Então na televisão o senhor vê as notícias, o esporte... **E8:** É. **P1:** E no celular aí é a música... **E8:** A música e... negócio de... mensagem. **P1:** *WhatsApp*? **E8:** *WhatsApp.* **P1:** Para conversar? **E8:** Para conversar. **P1:** ÓTIMO. E me diz uma coisa: Como é que o senhor participa da comunidade? O senhor tem algum papel, assim, na... Participa da igreja? Não? **E8:** Não, da igreja não participo. Eu... não fui criado perto de igreja, meu pai nunca ensinou nós ir em igreja. Nós... nós orávamos em casa. Eu rezo dois terços por dia, mas em casa. Rezo à noite e de madrugada, quando me acordo, para chamar o espírito. **P1:** Hum, entendi. Qual é a religião do senhor? **E8:** Católico. **P1:** Hum, então o senhor reza o terço? **E8:** Rezo o terço. **P1:** Ai, que bom. Mas o senhor, assim, não tem nenhum grupo de... **E8:** Não, eu não tenho, porque eu... Eu sempre... Eu sempre... Eu... Eu morava em sítio, nós... tínhamos uma fazenda em Tubarão e a gente só trabalhava, né. Eu comecei a trabalhar, desde os cinco anos. Eu trabalha, eu tocava, tocava baile, *[palavra inaudível].*Tocava, assim, negócio de pandeiro, chocalho, essas coisas assim, não tem? E.. bateria, eu tocava, mas eu comecei a tocar com cinco anos, bem pequeno já e eu chorava para não ir tocar, porque tinha... que passar a noite, né, mas meu pai forçava eu ir. E o meu irmão mais velho tocava gaita, então eu saía com ele a tocar em *[palavra inaudível]*, lá na... minha região, quando era novo. Então eu desde

novo eu já vivo só... trabalhar, tocando, essas coisas assim... Nós trabalhávamos sempre em roça, né e depois eu saí e fui para Eletrosul. Naquela época era Sotelca, não era Eletrosul, era Sotelca. **P1:** Como é que era o nome? **E8:** Sotelca. **P1:** Sotelca? **E8:** É, depois que a... Depois que o governo... Solteca era do estado, era... era do estado e do governo... Era dos dois, né, a Sotelca. Pertencia ao... Era... era negócio de carvão, de carvão... Usina de carvão de Capivari. Eu quando cheguei em Capivari, só tinha... ferro no chão, só tinha... só tinha cano no chão que vinha da... Alemanha, da Itália. Aí eu... comecei ali, trabalhando ali com eles e eu... Minha vida foi só trabalhar, só trabalhar. Trabalhei com cinco alemães... Montar... montar... caldeira, montar... Colocar tijolo em redor das caldeiras, né, para ela poder induzir energia naquela época, então a gente ia. Aquelas caldeiras ali, cheias de serpentina ali com água quente e por fora tijolo. Tinha bastante tijolo que nós colocávamos para... esquentar a água dentro, né. E o carvão, o carvão ia daqui em... barra grande assim, mas chegava lá ele era moído, tudo em pó e jogado lá no fogo, lá dentro, para pegar fogo, para esquentar a água para tocar a turbina. **P1:** Entendi. **E8:** Era.. era esse que era meu serviço. E às vezes trabalhava semanas inteiras, porque às vezes... às vezes eles botavam muito... muita pressão na usina, arrebentava o tijolo, tudo. Caía, às vezes caíam seis caminhões de tijolo, tudo para baixo, nós tínhamos que levantar tudo de novo [risos]. Naquela época era assim. **P1:** Nossa. E me diz uma coisa: É... Como é que são as aulas aqui do SESC, que o senhor participa? **E8:** Ah, muito boa, eu gosto bastante. Muito boas, as professoras são bacanas, elas ensinam bastante a gente, né. Elas ensinam até demais, tem dias que... eu fico... eu fico meio coisa com elas, eu digo: "Ô guria, tu vai deixar nossa cabeça baratinada, tu vai deixar nós loucos." [risos] Elas começam a rirem. **P1:** [risos] "Deixar nós loucos." Faz.. faz parte, né? **E8:** É, faz parte, é. **P1:** Primeiro a gente desbaratina para depois baratinar de novo, né? **E8:** Baratinar de novo, é... Então por isso que eu digo, que eu pensei que a professora estava arrumando alguma coisa para nós hoje, nessa pesquisa. "Tu vai deixar nós..."... Eu quis falar para ela: "Tu vai deixar nós mais loucos ainda." [risos]. **P1:** Não, capaz. Mas me conta: É... O senhor faz muitos amigos aqui no SESC? **E8:** Faço, tenho bastante amigos aqui... Eu... Eu acho que eu faço bastante amigo, assim, eu não sou muito de... Eu gosto de brincar, né, eu gosto de brincadeira. **P1:** O senhor fez então, uns amigos aqui pelo SESC? **E8:** Fiz, fiz. **P1:** Vocês saem? Assim, fora do SESC? **E8:** Não, não saí. Eu não saí devido ao meu problema, né, de doença, que eu tenho, né. Mas eu tinha vontade de sair, assim, de ônibus, assim, com eles, mas eu não consigo viajar muito longe por causa da minha coluna. **P1:** Hum. Coluna? **E8:** É, coluna. Minha coluna, meus ossos estão tudo... Então é por isso que eu não saio com eles. Eu tinha vontade, né, mas não saio por causa disso. **P1:** E... E vocês conversam pelo *WhatsApp*, assim, o senhor e os idosos? **E8:** A gente conversa, conversa. **P1:** Faz muitos amigos então? **E8:** Sim. **P1:** Me diz uma coisa: É... (+) Qual é... Qual é o papel do SESC hoje na vida do senhor? **E8:** Qual é o papel na minha vida? **P1:** Do SESC. (+) O quê que o SESC proporciona para o senhor, na vida do senhor? **E8:** Ah, para mim trouxe alegria, né, porque eu aprendi as coisas que eu não sabia, né. Então para mim foi muito bom. **P1:** Aprender umas coisas que não sabia? **E8:** É. Que eu não sabia, eu sabia nada, né. Eu não sabia nem ligar o... *[palavra inaudível].* Eu não sabia. **P1:** Vocês usam só celular ou computador também? **E8:** Só celular, mas ela... ela dá aula de computador. Não sei se eles vão fazer uma turma ou se ela já está dando. Eu não sei, mas eles estão... estão... tentando fazer uma sala de computador, parece. F., aquela que veio aqui agora. E agora não sei se... se vão fazer, não sei. Porque tem muita gente que aprender computador, né? Eu, por enquanto não quero, porque eu também não sei nada de celular e já vou para o computador? Não dá, né? Primeiro vou estudar bem isso aqui, para depois eu partir para lá. **P1:** E o quê que o senhor tem vontade, assim, para... tipo... de fazer com o celular que o senhor ainda não consegue? **E8:** Ah, ali tem muita coisa ali, né. Esse negócio de *YouTube*... de *YouTube* eu não entendo nada. Esse negócio de passar de... de botar gente, de botar pessoa ali no... no *WhatsApp*, eu não sei como é que se coloca ali. Tudo isso aí tem muita coisa que eu não sei ainda, que eu estou em dúvida. **P1:** Ah e o senhor sente falta? **E8:** Eu sinto falta. **P1:** Existe

alguma coisa, assim, que o senhor... que o senhor: "Puxa vida, se eu soubesse mexer, eu ia conseguir fazer isso."? Assim, alguma hora na... no dia do senhor, que o senhor sente vontade de fazer alguma coisa e diz: "Putz, se eu soubesse, com o celular eu fazia."Tem alguma coisa? **E8:** Tem, ali no *WhatsApp* mesmo de... de não saber colocar ali as coisas, ali eu já me... **P1:** Não saber conversar? **E8:** É. **P1:** Mas o senhor... Assim, o senhor manda mensagem? **E8:** Mando mensagem. Mando. É que tem muita coisinha ali que eles fazem, até o pessoal que nunca estudou aqui, faz, que eu não sei fazer. A minha... a minha neta mesmo, faz um bocado de coisa que eu não sei. **P1:** Quantos anos ela tem? **E8:** Ela está com 12 anos. **P1:** Ih, eles são bem mais... *[palavra inaudível]* **E8:** São, são muito espertos, mas *[palavra inaudível]* que ela vai ensinar a gente, ela fica com aquele dedinho para lá e para cá e eu não... eu não consigo nem... **P1:** Não acompanha? **E8:** Não. Até a professora aqui também, ela fica às vezes, *[palavra inaudível]* vem aqui no meu celular: bate, bate, bate. Eu digo: "Professora, vai devagar professora. Como é que eu vou saber?", "Como é que eu vou saber o que você está fazendo aí?" [risos]. **P1:** Entendi. Saquei, seu V.. Seu V., era isso que eu queria perguntar para o senhor. **E8:** Era isso? **P1:** Era. **E8:** O senhor quer falar mais alguma coisa? **P1:** Não, não. Eu só quero é agradecer, né, por ter trazido eu aqui, ter conversado com você. Foi bom.

NARRADORA 9

P1: Em primeiro lugar, a minha pesquisa ela fala sobre o conhecimento, sobre a informação, sobre o conhecimento, então em primeiro lugar eu gostaria de perguntar para a senhora: Qual a importância do conhecimento na vida da senhora? Se a senhora nas experiências que a senhora já teve — que eu sei que são muitas — pelo o que eu tenho observado aqui eu sei que são muitas, principalmente a senhora enquanto professora, né. Eu queria que a senhora me contasse um pouco sobre isso. **E9:** Eu não sei se eu vou... Mas eu acho que conhecimento, eu acho que é primordial na vida de qualquer ser humano, principalmente na vida de um idoso, porque senão ele vai ficar sempre *[palavra inaudível]* conversando. Se ele não tem um pouco de conhecimento que possa participar e falar daquele assunto, ele vai ficando de lado. Vai sempre ficando, né, vai deixando, principalmente na família: se tu não participa, não está atenta à tudo que está acontecendo ou dar a tua opinião, né. Aí vai ficando, então gente não pode deixar de continuar lendo, vendo alguns programas — que não são muitos — para cada vez se abrir mais a memória, a cabeça, né, saber como dialogar, como debater alguma coisa. Eu acho que conhecimento é primordial na vida de qualquer ser humano e principalmente na vida do idoso, porque senão o idoso fica: "Ah não, coitado. Ah, deixa...", né? E a gente tem que saber se impor no lugar da gente, né. Se estão conversando, a gente também se mete, dá opinião, fala. Eu sou assim, eu não sou de pegar e aceitar, assim, sabe: eu questiono as coisas. Se bem que eu tenho uma família bem legal assim, sabe, a minha família é legal. Mas eu também cobro, assim, né, às vezes se tem alguma coisa que: "Ah, conversaram alguma coisa e tal.", "Sim e por que que eu não?", "Ah não, mas porque a gente queria primeiro resolver como é que era." Sabe? Então eu cobro, por exemplo, Natal em família, tudo isso, a primeira... a última palavra é sempre a minha: alguém pode organizar, mas eu vou achar se aquilo está legal ou não, entendeu? Eu faço valer *[palavra inaudível]* meu direito, assim, porque eu acho que é um direito que a gente tem. **P1:** A senhora sente que na sua família, então, às vezes eles querem resolver as coisas para depois comunicar a senhora, como se senhora não participasse de alguma decisão? É nesse aspecto que a senhora que a senhora está me falando? **E9:** Não, não chega a ser nesse sentido que eles não querem. Eles querem às vezes me poupar de alguma coisa, tá, achando... Porque às vezes a minha filha diz assim: "Mãe, a senhora é muito metida. Deixa mãe, não se... não se preocupa mais com essas coisas." Entendeu? Se eu vejo uma coisa errada, eu não sei ficar calada: eu vou e falo, eu questiono, eu... Então, por exemplo, agora temos... dois bisnetos. Daí,

muita coisa eu não concordo, então a minha filha diz: "Mãe, fica calada. Deixa, não fala." Eu digo: "Não, eu falo sim. Eu falo, porque eu tive tão bom resultado, que eu acho que nada vai mudar se eles continuarem a mesma coisa." Então, às vezes eu falo. Às vezes a... a minha neta: "Ai, vó, não pode repreender." Por exemplo, se ele diz uma palavra errada, o menino está com três anos e fala uma palavra que não fala correto. Eu falo para... Eu repito a palavra para ele, eu digo: "Repete para a vó, *[palavra inaudível]* mesa." Sabe? Ela acha que não, que vai melindrar, vai não sei o quê. Eu digo para ela: "É tudo frescura." Entendeu? Então a gente tem... essas coisas, assim, que hoje em dia os jovens eles já... Eles têm outra ideologia que eu, a gente que é idoso não concorda muito, né? **P1:** Uhum, mas se a senhora criou filhos e deu certo, né, dá para continuar, né, com os netos, bisnetos, né. **E9:** Dá para continuar. Então dá para continuar. **P1:** A senhora me falou que a senhora é um pouco crítica, né, nessa questão questionadora na família. Me conta um pouco de alguma experiência, alguma coisa, algum caso. Como, assim, não... não consegui entender essa parte. **E9:** O quê que eu vou te colocar... (+) Por exemplo, eu em relação... Eu e o meu marido, entendeu? Nós vamos fazer agora 49 anos de casados... 49? Não, 59 anos. Nós casamos em 1960. **P1:** 59 anos.**E9:** 59 anos. Nós fizemos de dois de julho. Então, por exemplo, assim, eu com meu marido... Eu, às vezes eu fico pensando assim: "Ai, eu sempre fui assim, né..." Eu... eu mando sabe, assim, não é que eu mande, mas eu... se eu acho que está certo, vamos seguir essa forma que está certa, né. Meu marido é acomodado, então ele... Aí, por exemplo, assim, ele não... Se eu tomar uma atitude, ele não vai contra, ele vai junto, mas eu às vezes eu gostaria que ele tivesse a vontade dele. Aí... tudo que eu decidir, está tudo bom. Está tudo bom. Aí às vezes eu fico pensando: eu acho que eu errei lá no começo, porque no começo eu sempre fui tomando conta de tudo. Entendeu? Então hoje em dia eu não sei se eu faria tudo novamente assim. Se bem que está tudo certo, para mim ele é feliz, ele diz que me ama, a gente... Então deu certo, né, mas é assim, eu que decido, assim, as... Sabe? Não tem nada que... Ele vem, agora com história de celular que ele não gosta. Eu já vim aqui no SESC, fiz a inscrição dele para ele entrar numa... Para ele aprender o que tem que aprender. Se não aprender, eu vou vender o celular, eu digo para ele. Vou dar um desses bem baratinho. **P1:** Ele veio? **E9:** Veio. Amanhã... Segunda aula amanhã. **P1**: Ah, está vindo então? **E9:** Está vindo. **P1:** A senhora botou ele na linha então? **E9:** Está vindo e eu disse para ele que se ele não aprender, eu vou vender o celular. **P1:** Entendi, então a senhora é meio que líder, assim, da casa? **E9:** Sou. **P1:** Entendi. **E9:** É, sou bem assim. E às vezes eu tenho que me... cuidar, assim, eu tenho dificuldade de quando eu estou nos grupos, assim, sabe, que daí eu já não posso... Eu tenho que me controlar, eu tenho que respeitar as pessoas, né. Então eu procuro... Isso aí, às vezes me chateia um pouco, assim, porque tu que as coisas não estão legais, não deveria ser daquela maneira, mas todo mundo se acomoda. Entendeu? No grupo, assim... Aí eu tenho que me controlar. **P1:** Entendi. Então a senhora sente, além de dentro de casa, seu senso de liderança então? **E9:** Tenho. **P1:** De guiar as coisas naturalmente assim. Professor é muito assim, geralmente professores são assim: tomar conta de uma sala e que tiveram que guiar a sala a vida toda, né, então... Uma turma inteira. **E9:** Eu tive sucesso, assim, no meu trabalho como professora. Graças a Deus tive bastante sucesso, com as crianças, porque criança eu acho que é muito mais difícil do que o adulto, né. Se bem que a criança te responde, te respeita muito mais e... do que o adulto. O adulto já tem críticas, já... Às vezes não... Né. E a criança não, a criança... Tu tem que estar bem preparada, sabendo o que tu vai passar para a criança. Então eu fui feliz, assim, na minha época em que eu trabalhei. Eu dei aula lá no Menino Jesus, então eu fui bem... Se bem que eu dava aula desde os meus 10 anos para a filharada dos vizinhos, assim. Naquela época criança rodava, os pais não queriam que rodasse e como eu tinha fama de ser muito durona, aí os pais mandavam os filhos para irem estudar comigo. **P1:** Olha, a senhora é professora desde os 10 anos então? **E9:** Aham, ensinava. Naquela época a gente nem cobrava, era coisa de amizade, né, então eu dava aula para aquela gurizada toda, eles tinham respeito. No final do ano os pais vinham agradecer, vinham presentear porque o filho passou. O filho

não queria mais estudar e voltou a estudar... E eu me sentia bem feliz com isso. **P1**: Eu também sou professora e eu adoro ser professora. **E9:** É, né? **P1:** Só que eu sou de adultos, né, mas também... **E9:** Mas também de adulto é legal também, porque quando tu vê um adulto, assim, que ele estava bem, assim, para baixo e de repente ele descobriu através do professor que ele era CAPAZ de enfrentar, não existe coisa melhor, né? **P1:** Verdade. Deixa eu perguntar uma coisa pra senhora: no dia a dia da senhora, a senhora sente muitas necessidades de informação? Sejam elas, assim, desde para ir no banco ou simplesmente para fazer uma receita ou informações mais sofisticadas como questão de direitos e deveres, saúde... A senhora sente muitas necessidades de informação durante o dia? **E9:** Eu... Quando eu preciso eu vou logo ao encontro de alguém. Eu tenho um genro que ele... ele é uma pessoa muito culta, né, então eu... quando eu tenho alguma dúvida eu vou tirar ou eu vou na *internet* e vou pesquisar, mas eu não fico com dúvida não, sabe? Às vezes eu até esqueço de anotar o quê que eu tenho dúvida e fico...: "Meu Deus, o quê que eu queria saber?" Porque a gente vai esquecendo: "Por que que eu queria saber? Tem uma coisa que eu queria saber." Aí lá uma hora eu lembro, eu vou lá correndo e anoto no caderninho que eu tenho, que é de nota, de... comprar as coisas. Aí eu vou atrás e vou e busco, assim, né, a gente que buscar. Agora uma coisa que a gente também aprende muito é com as pessoas, sabe. A gente aprende demais com as pessoas, assim. Até mesmo a maneira de se comportar, a maneira de respeitar o outro, sabe. Tu aprende com as próprias pessoas que estão contigo, ali tu aprende muito com as pessoas. Eu... eu sinto isso e eu aprendo, sabe, às vezes eu tenho uma atitude que de repente eu vejo outra pessoa ter uma atitude diferente, "P., que legal, né. Por que eu não posso... me trabalhar também para chegar?" No que ela chegou, né, que é a pessoa que tomou aquela atitude. Então a gente aprende muito com o outro também. Às vezes não precisa nem buscar livros, nem... sabe? Outros conhecimentos, porque no teu dia a dia ali, tu aprende muito com as pessoas, porque eu acho que isso é que hoje em dia precisa. São as pessoas saberem respeitar o outro, respeitar as diferenças e saber como trabalhar com aquela pessoa. Se às vezes ela... está um pouco afastada, como trazê-la. *[palavra inaudível]* hoje em dia a gente aprende muito com o outro. Eu aprendo bastante, não sei se é porque eu tenho muitas pessoas: é ginástica, o grupo, dança em outro grupo, sabe. Então *[frase inaudível]*. Às vezes eu fico: "Nossa..." E... como eu sou muito perfeccionista, assim, eu gosto das coisas tudo certa, né. Às vezes, eu estou... Eu tenho uma amiga que ela... às vezes ela tem uma coisa que está... ela está descontente. Aí eu falo para ela: "Por que que tu não fala?", "Ai, não, imagina que eu vou falar... Não, a gente não fala *[palavra inaudível]*", "Sabias que isso aí é errado?" Mas também eu não sei se eu estou certa, né, mas eu digo para ela: "Se tu achas que não é legal, por que que tu aceita? Dá a tua opinião, questiona.", "Ai, não." E às vezes eu... Às vezes até comigo, eu falo alguma coisa e ela diz para mim: "Ah, não fala, fica calada. Deixa." Eu falo: "Não, mas eu estou... eu não estou me sentindo bem ficar calada com isso que eu sei que está errado." Sabe, então... Às vezes a minha filha diz: "Ah mãe, a senhora é metida mãe. Não se mete." Ela diz para mim, mas eu sou assim. Esse ano teve um exemplo no SESC que o professor de dança do ano passado ia precisar se ausentar. Esse ano não viria mais e ele era uma pessoa muito boa. Era um jovem maravilhoso para lidar com idoso. Daí ele comunicou no final do ano que ele não viria mais e tal. Aí ele anunciou que era um outro professor *[palavra inaudível]*. Aí todo mundo começou: "Ah, eu nem vou fazer mais minha inscrição, porque eu não venho mais.", a outra: "Porque eu não venho mais", a outra: "Porque eu não venho mais"... Aí eu fiquei pensando, eu disse: "Coitado, eu que fui professora, eu sei que isso é muito complicado quando a gente vai substituir alguém, né. É muito... muito difícil tu substituir alguém. Ah, eu não sei se eu estou me prolongando, assim, né? **P1:** Não, mas está muito interessante. *[palavra inaudível]* continua. **E9:** Aí eu disse... Aí eu fiquei pensando, fiquei calada, eu digo: "O quê? Não está legal." Fui lá fazer minha inscrição. Ninguém fez, eu fiz a minha inscrição. A primeira aula eu não pude comparecer. A segunda também não, por questão de família, eu fiquei com o bisneto e tal. Na terceira aula, que eu vim, nossa, achei o professor,

assim, maravilhoso: tanto profissional, como ser humano. Na segunda aula: a mesma coisa. Aí eu fui passando... Cheguei lá no meu grupo de ginástica, já passei: "Estás perdendo uma aula maravilhosa.", "Por que? Tu fosse?", "Fui. Ótima. Como profissional, melhor do que o outro que eu amava." Eu disse para ela. "Era como se fosse um neto pra mim. Vocês sabem disso, que eu fui... Ele entrou no SESC e eu entrei na sala dele, então existia muita amizade entre a gente. Profissionalmente, esse que começou é bem melhor. Agora como pessoa, como um ser humano cada um é um, mas todos os dois são ótimos. Vocês estão perdendo.", "Ai, eu vou, eu vou, então amanhã eu vou." A outra: "Ah, eu também vou.", A outra: "Ah, eu também vou." Num instantinho, quatro já se *[palavra inaudível]* de vir para assistir a aula e eu fiquei... Eu tinha consciência de que eu acho que eu estava falando a verdade, né. Elas vieram, gostaram... desceram e fizeram a matrícula: estão adorando a aula, né. Então eu acho que nessa hora assim, às vezes a gente tem que falar mesmo, não pode deixar, não tem que ficar calada, não pode ficar calada, dizer assim... Gente, cada um é um, mas tem que primeiro experimentar, né. Meu menino então está feliz da vida, porque ele disse: "Nossa, *[frase inaudível]*, mas a senhora gostando?". Eu disse: "Olha, adorando. Já falei com a C., eu disse:"Olha, C., nota dez para o menino que está nos dando aula." Eu sou muito de, assim, sabe. Eu.. eu cumprimento todo mundo, desde a hora que eu entro lá, a moça que varre, elas me abraçam. Quando chega o final do ano, eu vou na sala da C. e vou dizer pra ela que ela tem que agradecer todos os funcionários, que eles recebem bem, eles são maravilhosos, são não sei o quê, porque quando a gente não gosta a gente não fala? **P1:** É verdade. **E9:** Quando gosta, tem que também elogiar, né, então a gente aprende muito com as próprias pessoas. Hoje em dia principalmente, porque o mundo está, assim, muito diferente, né. As pessoas estão muito... muito... Falta de respeito, né, um não quer respeitar o outro. Se quer chegar lá, não importa se vai se jogar por cima de alguém, mas vai chegar. O importante é que quer chegar lá. Não quer avaliar de que maneira vai chegar, né, não atropelar ninguém. Então... hoje em dia... E a gente que é idoso, a gente consegue até ajudar muito... muito, sabe, porque até no jovem. Eu vejo que a gente... Até na família mesmo. A gente consegue ajudar, porque eu... por exemplo, eu exijo respeito na minha casa. Os meus netos vão dormir: "Boa noite", eles mandam no *WhatsApp*, aquele: "Boa noite vó", "Boa noite vó". Vão acordando de manhã: "Bom dia", "Bom dia". Entendeu? Porque se eles não derem, eu também... Agora já não preciso mais cobrar, porque já faz parte, né. Porque se eles eram pequenininho, eu ia lá: "Boa noite.", beijinho e tal, por que não continuar? A família vai também sentir aquilo ali, né, ele vai criar uma família também assim amorosa. Então, é isso, eu acho que nós, assim, temos uma força muito embora não saiba, mas o idoso tem uma força muito grande ainda em relação às relações humanas, assim, sabe, ao conhecimento, de uma passar para a outra. O idoso ainda tem bastante *[palavra inaudível]*. Só que às vezes, tem pessoas que são tão... tão humildes que às vezes elas não se... elas não se valorizam. Não se acham, assim, que elas são capazes de mostrar... Se bem que aqui no SESC, o SESC valoriza muito isso. Então o SESC, tu vê às vezes uma senhoria que era bem humildezinha, bem... e agora passou... No passar dos anos, acha que elas estão outras pessoas, no grupo a gente sente isso, tudo. A A. também participa, colabora muito com isso, sabe, assim, da... da maneira como as pessoas no grupo se comportam. Então...Nossa aqui, os anos que estou, tem pessoas que eu fico, assim — pessoas que tadinhas elas não sabiam nem falar — hoje em dia elas já estão usando o celular. Quer dizer, né, tudo isso o quê que foi? Foi o ambiente que foi trazendo... Que elas vieram e o ambiente foi proporcionando a elas conhecimento, né. Foi proporcionado, vai atrás e mostra: "Olha, tem aula disso, tem aula daquilo." E vai trazendo e elas vão participando. A A. tem uma participação muito importante aqui no SESC em relação à terceira idade. Ela... Ela MOTIVA, sabe? Ela motiva muito. **P1:** Me conta um pouco sobre isso. **E9:** (+) Da motivação? **P1**: Da forma com que eles motivam vocês aqui. **E9:** Que eles motivam? Por exemplo, eles... Se a gente está num grupo, aí vai lá e leva aqui: "Olha, tem tal coisa disso" e valoriza quando faz uma apresentação. O valor que dão àquilo. Por exemplo, tem um grupo de cantoria, o grupo vai lá

se apresenta e canta. A gente percebe o valor que é dado àquilo que elas estão fazendo e isso aí traz... faz com que outras venham também, né. A A. quando ela... Porque a A. é muito ocupada, né, então tem as meninas que vão no grupo e tal, mas a gente percebe que quando ela chega no grupo, ela já dá aquela, sabe? Ela dá uma mexida tão grande que parece que chocalhou todo mundo ali por dentro. Então quando ela sai, a gente percebe que a presença dela faz diferença. A... Eu nunca tive a oportunidade de falar, assim, muito essas coisas, assim, para a A., né, porque a gente... vai passando, assim, mas ela não imagina a força que ela tem. Eu falo para a C. que ela é muito importante. Ela parece uma jovem já idosa porque ela entende, ela sabe. Tem pessoas, assim, que... Elas não sabiam nem quase conversar. Aí agora elas já vêm, elas já participam, elas vão no grupo de cantoria, elas... Quando tem brincadeira, elas participam, elas sorriem diferente. Então isso a gente percebe bastante assim. Porque às vezes tem coisas que a gente não gosta e não vai fazer, né. Não é que não goste, ela ver que não tem... Por exemplo, canto. Eu acho lindo. Eu venho quando elas vão se apresentar, eu venho assistir. Eu acho lindo, mas eu não tenho o dom, assim, para cantar, né. Então a gente sabe, a gente se sente que... né. Às vezes eu canto com meus netos. Eu cantava muito com as crianças no colégio, eu cantava... Barbaridade. E... Lá depois também a gente vai esquecendo que cantar, né, as musiquinhas. Algumas coisinhas eu lembro e eu também fiz doação de todo o material que eu tinha, que hoje eu até me arrependo: por que eu não continuei com aquele material? Que eu tinha... Eu criei histórias, sabe? E desenhava as historinhas, fazia aqueles cartazes... e depois eu doei para uma pessoa que também trabalhava. Não sei se teve aproveitamento ou não, mas a minha intenção valeu. Então eu gostava de cantar com as crianças. Os meus bisnetos... Eu canto o tempo todo com eles, né. Tem um que... que gosta de canto, gosta de instrumento musical. O outro, não tanto, mas um que gosta. Aí eu: "Aprendeu sua musiquinha nova?", "Aprendi bisa.", eu digo: "Ensina para a bisa." Aí ele canta pra me ensinar. Aí começa a repetir, sabe, começa a repetir a musiquinha, digo: "Ai, que musiquinha linda essa, mas tem que me ensinar mais vezes, porque ainda não consegui aprender." Então eu acho que tudo isso aí é importante para a gente... agir dessa maneira, né. Agora quando é para agir, assim, mesmo de cobrar, de ser braba, daí eu também sou, entendeu? *[frase inaudível]* **P1:** Entendi. Interessante, o discurso da senhora. Me diga uma coisa (+) Depois a gente volta lá para a questão do SESC que eu achei muito interessante o que a senhora falou, mas para seguir aqui, primeiro eu queria saber: quando a senhora precisa de informação — que a senhora falou das necessidades de informação da senhora, lá atrás — onde é que a senhora buscar? **E9:** Eu, geralmente eu vou no *Google*. Às vezes eu tenho algumas coisas anotadas, eu vou nas minhas anotações. Muitas vezes eu vou lá na casa da minha... No apartamento da filha, eu vou lá perguntar para o meu genro, daí eu pergunto para ele — ele também já tem idade — e... para minha neta, porque essa minha neta faz Medicina e nós somos vizinhas, então eu pego muita informação dela. Até ontem ela... Essa semana eu fui lá, eu falei para ela: "Nossa, eu senti uma... o meu ouvido está com uma *[palavra inaudível]*. Estou voltando a sentir uma coisa que eu já sentia um tempo atrás." Aí ela: "Senta aqui vovó." Aí eu sentei. Aí ela já foi lá, já pegou aqueles materiais tudo, já... encaixou, arrumou tudo ali na minha cabeça, já botou aparelhinho no meu ouvido. Ela assim: "Ah, vovó, teu ouvido está com um tampão de cera." Isso... Assim, a cada tempo eu tenho que ir no médico mesmo para fazer essa limpeza. Eu falei: "Ai, por isso que está me dando tanta ferroada." Ainda bem que não tem a panela de pressão, porque tem época que fica como se fosse uma panela de pressão que tivesse ligada na minha cabeça. Aí eu tenho que ir rápido no médico, porque daí quando ele liga e tira a cena aí: ai, melhora tudo. Ela examinou, olhou: "Oh vó, tens que ir marcar consulta no médico, porque tem um tampão de cera e está bem tampado. Tais sentindo tontura?" Eu falo: "Não, assim, quando eu vou fazer... Não, até que não está muito assim. De vez em quando eu a gente dá um jeito de baixar a cabeça, levantar, mas não ...", "Então cuida, vai logo porque tem que tirar a cera. Está um tampão muito grande." Aí eu já pergunto mais alguma coisa, entendeu? Assim ou às vezes eu quero saber alguma coisa: "Oh S., como é que a

gente faz assim? Como é que é isso? Como é que..." É no celular, né, as dificuldades no celular, eu vou lá: "Como é que eu faço isso?", "Dá aqui.", eu digo: "Não, tens que me ensinar. Dizer como é que é. Fazer, não." **P1:** [risos] Entendi. Fazer, daí depois a gente não consegue seguir, né? **E9:** Não. **P1:** Não consegue fazer igual. **E9:** É. Eu digo: "Não, mostra para a vovó como é que é." Aí então ela faz... Essas coisas de banco, agora eu já sei, no meu celular eu já tenho o aplicativo: eu baixo, eu vejo a conta, eu sei o que eu tenho, o que eu não tenho. Eu vejo. Do meu marido a mesma coisa. Nós temos conta conjunta, mas ele não usa cartão, ele não faz nada. É tudo eu: o cartão dele é comigo, é tudo eu. Então essas coisa tudo assim... Quando eu também não sei, eu vou perguntar. Daí eu vou... Às vezes vou lá na UNICRED, vou lá perguntar alguma coisa que eu quero saber... Na... Na Caixa Econômica, eu já fui algumas vezes lá na Caixa Econômica para eles me... para eles me explicarem: "Ah, eu tenho o aplicativo. Tenho sim, mas quando acontece assim, assim e assim, por quê? O quê que eu tenho que fazer?" E eles são bem atenciosos. **P1:** A senhora vai direto lá: "Vem cá." [risos] **E9:** Ah, eu eu já vou direto, já peço: "Eu quero ir lá na poupança." Porque daí eu já sei que lá é mais fácil das pessoas atenderem isso. Aí... eu vou lá, eles atendem... Eles que baixaram o aplicativo para mim, eles que fizeram tudo para mim lá na Caixa... Eu vou atrás, porque eu me lembrei: se for da família, pode ter alguma coisa que eles não saibam de baixar aplicativo da Caixa. Então eu já vou direto lá e eles fizeram direitinho para mim. Atenderam sem pressa, com atenção, tudo. Eu acho que a gente tem que também ter humildade e a busca, né? Eu faço assim. **P1:** Uhum. E no celular, o quê que a senhora costuma procurar, assim, de informação no dia a dia, de uma forma bem geral? **E9:** No celular, o que eu procuro saber do dia a dia, eu.. Às vezes palavras, né, às vezes palavras, às vezes o que está acontecendo coisas na política, tá. Não sou muito de ficar, assim, pegando informação de política, porque me deixa muito irritada. A política me deixa irritada, né. Quando eu vejo que as pessoas não tiram lição de nada na vida delas para elas mudarem, para crescer, para... né, mas eu vou atrás, assim, quando eu quero saber o quê que estão fazendo: se estão... se estão votando, se estão fazendo, por quê que não votou, por quê que não fez isso, por quê que não fez aquilo. Aí eu vou atrás. Adoro futebol, aí futebol é o que eu pesquiso mais [risos]. Ai, futebol é o que eu pesquiso mais: eu quero saber quem é que está na frente, quem é que está na tabela, quem é que joga hoje, quem é que joga amanhã. **P1:** A senhora é avaiana, figueirense? **E9:** Eu sou avaiana. O meu marido é figueirense. **P1:** Ai meu Deus. **E9:** Domingo passou... **P1:** Foi domingo, né? **E9:** Foi, teve um clássico. Então, ele não botou no clássico para assistir e nem eu, por quê? Porque eu vou lá, eu digo: "Tais assistindo? É o jogo do Avaí?", "Não, não estou assistindo, nem quero ver, não sei o quê" E eu também. Aí eu... O quê que eu faço? Eu ponho o celular, abro lá na página do jogo e olho como é que está o jogo. Olhei... **P1:** Acho que foi zero a zero, né? **E9:** Foi zero a zero. Aí eu olhei, apaguei e tal. O celular fica ali, eu fico vendo... assistindo a televisão. Daqui a pouco eu vou lá saber outro aviso, o quê que está acontecendo. É muito engraçado, nós dois assim, sabe? Agora, quando é só o Avaí que está jogando, eu digo para ele: "Não assiste, porque tu não és avaiano.", "É, eu não vou assistir mesmo, não sei o quê." Aí as vezes ele vai: "Está assistindo o jogo do Figueirense?" Eu digo: "Eu não." [risos] *[palavra inaudível]*, mas eu adoro futebol, vôlei mais ainda. Eu já... Eu chego a botar o... o relógio despertar, o... o celular fica perto de mim para despertar, para eu assistir jogo quando é três horas da manhã, uma hora, duas horas, depende. Quando ele... Campeonato que é lá para fora, às vezes o horário é diferente do nosso, né, aí eu ponho para despertar para assistir o vôlei. Cinco horas da manhã, pode ser a hora que for. Adoro futebol, adoro esporte. Não gosto de basquete, né, mas o vôlei eu adoro, o futebol... **P1:** Tudo isso a senhora pesquisar na *internet*? **E9:** Pesquiso. Estou sempre sabendo quem é que está jogando, quem que vai jogar no Rio hoje, quem que vai jogar em São Paulo. Só tenho uma coisa na vida — que eu já conquistei várias — e tenho uma que eu ainda vou... Tenho que realizar, não realizei, mas eu vou ter que realizar. Esse ano. Acho que esse ano *[palavra inaudível]*. **P1:** Olha, me conta o quê que é. **E9:** É assistir o jogo no estádio do Avaí. **P1:** Na Ressacada? **E9:** Na ressacada. **P1:**

Mas está fácil. **E9:** Pois é. **P1:** Está fácil de... **E9:** Mas eu tenho que arrumar alguém que vá comigo. *[palavra inaudível]* **P1:** Entendi. **E9:** Eu não vou sozinha. Para essas coisas, assim, eu sou meia... Não tenho, assim, coragem de me arrumar e vou para o jogo do Avaí, chamar um carro e levar lá... Não, eu acho que tudo tem limite, né, a gente... Então eu gostaria de ir acompanhada, assim, com alguém bem animado para ir, mas o marido não vai, família toda é Figueirense. Ninguém vai para o estádio do... Avaí. **P1:** Quem a senhora não encontra uma acompanhante aqui no SESC para ir com a senhora? **E9:** Então... Aí tem o pai da minha minha nora, ele é avaiano, então eu falei para ele... Eu disse: "Puxa, bem que tu podias me levar, né, um dia no estádio." Aí ele ficou meio assim, eu disse: "É, não vai achar que o A. vai achar ruim, que vai dizer... Não tem nada disso. Eu quero e eu posso ir, então não tenho que dar satisfação para marido, se eu devo ou não devo ir. Eu penso assim, né, eu fui sempre assim." Aí ele riu. Então este ano eu espero que ele me convide para ir. **P1:** A senhora já deu a cantada, né? **E9:** Já dei a cantada. **P1:** [risos] Agora é só esperar. **E9:** É. É porque eu fui sempre assim. Tive muita dificuldade com meu pai, quando eu era criança. Tive muita dificuldade. A gente nunca se relacionou muito bem. O meu pai... Não que hoje... Que eu tivesse um dia ficado com raiva, braba, nada disso. Porque eu questionava, eu... eu, *[palavra inaudível].* Naquela época eu dizia para minha mãe: "Mãe o pai não manda na senhora. Ele é meu pai, mas seu ele não é. A senhora não pode baixar cabeça para ele. A senhora não pode... Dele dizer para a senhora que a senhora tem que fazer assim e a senhora fazer." E meu... E ele quando ele escutava, ele ficava brabo, às vezes me batia. Batia. **P1:** A senhora ficava botando coisa na cabeça da mãe da senhora? [risos] **E9:** Imagina, naquela época, né. **P1:** Ele devia ficar um pouco... **E9:** É, era meio... Naquela época eu era meia doidinha assim. Se eles falavam de política, eu me metia. Meu pai fazia... Porque naquela época os pais só olhavam, né. E eu não obedecia o olhar, eu dizia: "Mas como? Se eu tenho boca, eu quero falar. Eu sei de quem vocês estão falando. Eu sei... Eu conheço esses partidos, eu sei quem são os candidatos." Imagina, desafiar o pai naquela época assim: eu apanhava, mas eu não... não criava vergonha, né, como naquela época diziam. **P1:** Sempre soube se posicionar, a senhora? **E9:** Sempre, sempre, sempre. Quando eu namorei com meu marido, ele tinha... essa coisa assim também, né, porque... da época, mas ele nunca conseguiu. **P1:** Nunca conseguiu dominar a senhora? **E9:** Não. Se ele dizia que estava com muito batom, aí que eu botava batom. Eu fui sempre assim. **P1:** Afrontosa? [risos] Entendi. Que interessante. Me diga uma coisa: a senhora se sente uma pessoa livre? **E9:** Sinto. Talvez não livre de... de preconceito da gente mesmo. Entendeu? Assim, pela educação, pela criação. Talvez assim, mas eu me sinto livre, porque se eu quiser... Por exemplo, eu levanto de manhã, eu digo para o meu marido: "Ah, hoje... Agora eu vou lá no centro, vou fazer isso. Hoje à tarde eu vou no cinema." Entendeu? Eu resolvo o que eu quero fazer para mim. Agora do preconceito, por exemplo, eu não me vejo, assim, fazer certas coisas, porque como eu sou casada, eu tenho meu marido. Então se tem um baile e umas amigas vão no baile e elas me convidam: eu não vou. Aí... tenho uma amiga que diz: "Ah, mas que o A. deixa, não liga." Eu falei: "Não, ele pode deixar. Eu sei que ele não vai ligar, mas eu mesma não vou me sentir bem." P. eu tenho marido legal que ele só quer passear comigo, só quer estar comigo e eu vou para o baile com as amigas? Isso aí é para quem não tem a felicidade em casa, não tem... né. Eu disse: "Eu não vou." Então eu sou muito... Aí eu fico pensando: "Será que eu ainda tenho essa barreira de preconceito?" Mas depois eu digo: "Não, mas é a minha cabeça. Eu me sinto feliz assim em não ir né. Outro até uma amiga foi lá e convidou... Aí o meu marido: "Ah, queres ir, vai." Eu falei: "Não, eu não quero ir. Eu não quero ir." Entendeu? Então essa... Tem coisas assim que eu não faço, porque eu acho que não... não é legal, né, não é legal a gente fazer determinadas coisas. Mesmo a gente tendo idade, a gente tem que também saber se comportar, saber se por nos lugares, né, como conversar, como agir. Agora, me sinto uma pessoa bem livre, bem liberta, porque se eu chegar de manhã e falar para o meu marido: "Ah, vamos fazer isso, tal coisa?" Pronto, vou fazer. Ele pode até não querer, mas ele vai. Ele não diz que não quer, mas às vezes eu digo assim para ele:

"Vamos no *shopping* comigo, eu quero ir no *shopping*." Eu sei que ele não gosta, mas ele vai. Entendeu? **P1:** A senhora é persuasiva então? Convence ele fácil? **E9:** É, porque se eu disser assim para ele: "Vamos no shopping." Ele pode dizer que não vai, não é? Mas ele diz que vai, então vai... Embora eu sabendo que ele vai, mas ele não gosta, mas ele vai. Eu digo: "Ah, eu quero ir no cinema. Vamos no cinema?" Ele vai, às vezes eu *[frase inaudível]*: ele dorme lá no cinema, mas ele vai. Então eu me sinto uma pessoa com liberdade. Eu tenho liberdade com responsabilidade, né, a gente tem que ter... em qualquer... Eu acho que isso aí em qualquer idade. Todo ser humano ele tem a sua liberdade, mas ele tem que saber como usar. Ter responsabilidade para usar essa liberdade. Até uma criança. Até criança, ela é liberta, a criança... Mas a gente tem que ensinar para ela que ela tem responsabilidade. Ela pode fazer até um determinado ponto e depois ela não pode mais fazer, né, isso faz parte da gente até ensinar para a criança. **P1:** Claro. A senhora já fala ouviu do cenário informacional atual que envolve essas *Fake News*? Já ouviu falar? **E9:** Eu vejo falar, mas eu não tenho nem muita informação, sabe? Eu... porque eu tenho um certo receio em mexer em algumas coisas... no celular: abrir algumas mensagens, sabe, eu não vou muito assim, porque eu sei que tem muita coisa que às vezes tu toca e tu podes ter levado para uma outra... uma bola de neve, não é verdade? Então eu tenho muita precaução no que eu abro, no que eu curto, no que eu leio para compartilhar. Isso aí, eu acho que a gente tem que ter muito pé no chão, assim, para saber... Isso aí a minha neta me alertou muito, sabe. A uns quatro anos atrás eu lembro que ela... ela tinha acho que uns 15 anos, 14... Ela dizia: "Vovó, o celular é bom, mas só tens que ter cuidado, tá vovó? Não é tudo que tu vai curtir, não é tudo que tu vais compartilhar... Primeiro tu ler bem, tu vê se tu podes compartilhar aquilo, porque às vezes tem nada a ver." E ela me chamou atenção, assim, algumas vezes: "Vovó, não faz assim. Vovó assim..." Então isso aí foi me... dando uma base, né e que é verdade. Agora esse negócio de... Dessas coisas que agora estão usando agora, que eles fazem essas *Fake News*, né... Isso aí eu não estou muito informada, porque eu fico meio... **P1:** A senhora recebe essas *Fake News,* por aí? **E9:** Não. **P1:** Não? **E9:** Não. **P1:** A senhora não tem *Facebook*? No *Facebook* GERALMENTE, assim, as pessoas andam compartilhando algumas coisas. **E9:** Não, eu tenho *Facebook*, mas eu vou no *Facebook* e vou passando, passando só para ver aquilo, só para ver alguma coisa, se tem alguma coisa que me interessa. Se não tem, também eu já passo e boto lá. Às vezes alguém pergunta para mim: "Ah, tu visse lá no *Facebook* a minha foto, não sei o quê?" Eu falo: "Ah, tu sabes que faz umas duas semanas que eu não pego para abrir." Eu abri, eu vi, mas eu não achei legal, então eu passei direto e... né. Não fica legal, elegante tu dizer para a pessoa: "Ah, eu vi, mas eu não gostei." Então tu diz que...né. Usa de bom senso, mas eu tenho muito cuidado com isso. Até sou alertada mesmo, né, eles... Desde quando eu comecei a usar celular, eles... eles dizem pra mim. Agora, eu gosto muito no celular é de... é o... quando é o futebol, né, que eu fico lá acompanhando quando está na televisão. Eu estou na televisão assistindo um, mas estou acompanhando outro lá para ver como é que está o resultado, essas coisas assim e vôlei também. Tem dia que vou até mais de meia noite assistindo vôlei, porque o vôlei geralmente é mais tarde, né e eu... Então essas coisas assim, eu tenho... eu tenho um pouco de cuidado, assim, para olhar, para compartilhar. Compartilhar mesmo, essas coisas às vezes eles põem para compartilhar que fulano está assim, que fulano está assado: eu passo direto, eu não compartilho, tenho muito medo. Foto também, de expor, né. Foto, assim, a minha família é meia cautelosa nesse sentido. Eles são bem cautelosos, assim, para botar foto. **P1:** A gente nunca sabe para quê as coisas vão ser utilizadas, né? Pode copiar e... *[palavra inaudível]* **E9:** Não é? Essa minha neta... Eu... sempre... Ainda bem que elas são bem cautelosas, porque ela também, ela não é de usar, assim, não bota nada. Ela é um amor, essa minha neta. Nossa, eu sou apaixonada por ela. **P1:** Dá para ver. **E9:** Eu sou por todos, sabe, mas ela diz assim para mim: "Vovó, tu ama todos, né, mas eu sou especial, né vovó?" *[frase inaudível].* **P1:** Sempre tem um que a gente é mais apegado, mas isso não tem nada a ver com amor, porque amor é outra coisa. **E9:** Não, não. Isso aí é... Como é que a gente... **P1:** Afinidade.

E9: Afinidade, né? **P1:** Uhum. Sempre tem um que a gente se apega mais. **E9:** Amor é tudo igual. Agora, né, tu ama todos os teus filhos, mas sempre tem um que ele te... Sabe? Te leva ali naquela coisa e conversa. Ela é um amor, ela desde os 13 anos de idade, ela dizia para mim: "Vovó, quer fazer massagem nas tuas mãos e nos pés? Se tu quiseres com o teu creme, eu cobro 50 centavos cada um. Agora se for com o meu é um real." Aí ela tinha o cofrinho, ela botava as moedinhas no cofrinho. Três aninhos ela *[frase inaudível]*. Ela ficava tirando as moedinhas para ela depositar, para fazer poupança para a faculdade. **P1:** Meu Deus e ela teve a poupança da faculdade? **E9:** Isso. E ela sabia que ela não precisava, porque os pais dela podiam bancar ela na faculdade. **P1:** Que máximo. **E9:** É. **P1:** Me deu até vontade de conhecer ela. Deixa eu perguntar uma coisa para senhora: qual é o papel do SESC na vida da senhora? **E9:** Ah, o SESC na minha vida é tudo. Eu não passo um dia que eu não possa vir... que eu não venha é no SESC. O SESC me traz o quê? Olha, o SESC me traz alegria, traz harmonia... Tu entra aqui, tu sente... Aonde tu vai, tu sente, assim, sabe... o aconchego das pessoas. Se tu vai na clínica ali de... de massagem, de... odontológica ali, nossa, ali tem uma... sabe, tem um calor humano tão grande. Eu morro de medo de dentista. Eu não gosto de dentista. *[frase inaudível]*. Ai, eu precisei agora ali no dentista, aí... aí eu disse: "Ai, meu Deus, como é que eu vou..." Aí eu tive sorte, porque aí uma menina falou para mim: "Ah,vem no Dr. Marcos, porque ele é muito querido. A senhora vai gostar." Realmente, sabe, eu fazia no outro limpeza e tal e nesse Dr. Marcos eu não sinto tanta coisa: ele cantava, ele botava música... Eu acho que ele já sabia do meu trauma... Então aqui no SESC, se tu entra no restaurante também, sabe, os funcionários estão sempre assim: eles sorriem para ti, eles te dão bom dia, eles te dão boa tarde, "como é que vai?". Se tu encontra a moça varrendo, é a mesma coisa. Então o SESC para mim, aqui, ele parece que dá... dá vida, parece que a gente, sabe, se sente valorizada. Eu AMO entrar aqui dentro do SESC, todos os dias. Eu já me sinto... Às vezes eu fico pensando: "Meu Deus, eu estou até chata." Porque todo ano eu vou lá na C.: "C., meu Deus do céu, o SESC está maravilhoso, os teus funcionários são maravilhosos." Porque claro, ela pode ser essa pessoa aqui, mas ela tem que saber muito bem controlar para ter uma EQUIPE que envolva tudo aquilo como ela é, né e a C., eu conheço desde pequenininha. Éramos vizinhas e de repente nos reencontramos aqui no SESC, *[palavra inaudível]* éramos vizinhas. Eu fui um ano... A uns três anos já fui no SESC de Blumenau. Então quando eu cheguei lá no SESC de Blumenau — ficamos lá acho que uns três ou quatro dias — meu Deus, aquelas pessoas, sabe, no restaurante assim, tudo: "Bom dia", porque eu entro, eu vejo: "Bom dia, tudo bom? Bom dia." Eu entro aqui no SESC do... Não sei quantos bom dia que eu dou. Bom dia, boa tarde. Aí, eu peguei, passei: "Bom dia moça" e ela... "Meu Deus tem alguma coisa nesse SESC?" Aí eu perguntei para ele, fui lá e perguntei para o moço: "Oh, moço aonde é que é a pessoa responsável aqui pelo SESC? Eu esqueci do nome que é..." Que a gente está, que a C. é aqui, né. Ele pegou e disse assim para mim: "Não, a senhora desce lá na entrada. A senhora fala com a moça lá, que ela vai lhe dizer horário e indicar." Aí eu fui, me apresentaram ele *[palavra inaudível]*: "O quê que a senhora deseja?" Eu falei: "Eu gostaria que o senhor me explicasse, porque eu frequento o SESC de Florianópolis e lá é uma coisa MARAVILHOSA: os funcionários têm prazer em nos cumprimentar, têm prazer em nos servir e o quê que acontece com os funcionários aqui? Eles são proibidos de sorrir e de cumprimentar?" Ele olhou muito sério... Olha, a amiga, quase que... ela disse: "M., tu merece apanhar M." Porque ela disse que eu não deveria fazer aquilo, né. Eu convidei algumas até para ir comigo, porque todas estavam reclamando e o quê que adianta eu ficar falando para ti, para o outro, para o outro e não fazer nada. Aí eu disse para ele, eu disse: "Olha, eu estou acostumada a entrar no restaurante do SESC, cumprimentar e as pessoas dão bom dia, boa tarde, sorriem. Aqui moço, eles... eu acho que eles são proibidos, porque a gente sente que eles querem fazer, mas eles não fazem." Ele ficou tão sem graça, eu disse: "Eu sei que o senhor pode, assim, orientar para eles não darem muita confiança, porque tem horas que pode incomodar e daí então não dá muita liberdade e tal, mas não é por aí. Não é. Eu estou me sentindo muito mal aqui

dentro. (+) O senhor já foi no SESC de Florianópolis?" Ele olhou bem sério para mim, acho que naquela altura ele já queria me apertar o pescoço [risos]. "O senhor já foi lá? O senhor entra lá, as pessoas estão felizes e aqui não." Ele disse: "Ah, não senhora... eu lhe agradeço, eu vou procurar saber. A senhora pode deixar que a gente vai... tentar mudar." Eu disse: "Muda, deixa eles cantarem, deixa eles serem felizes." Bom, no outro dia de manhã — passou aquele dia — à noite, quando eu entrei no restaurante já olhei: "Boa noite", a moça. Sabe aquela pessoa que não tem nem *[palavra inaudível]*, dá um sorriso assim para ti, mas parece que... que ainda tem aquele receio assim. É, *[palavra inaudível]*, eu tenho certeza. Quando nós saímos dali, todo mundo... Aí todo mundo já... já... Uma já foi contando, a outra disse que *[palavra inaudível]* não queria que eu fosse. Eu disse: "É, todo mundo começou a notar a diferença." Ela assim: "Ah, foi a M." **P1:** Eu tenho uma última pergunta para fazer para a senhora: Qual é... O quê que a senhora acha que é a situação do idoso no Brasil? A situação do idoso. **E9:** Ah, eu acho que ainda é muito precária. Por quê? Porque eu vivo no meio, né, no meu meio eu não... não tem isso, né, não tem. A gente vê os idosos, eles vêm aqui, eles vão lá... então, não tem, mas existem muitos que sofrem, que poderiam ter mais uma assistência, assim, para... para fazer com que ele tivesse aquela liberdade de falar, de se comunicar, de sair. Então eu acho que ainda está muito pequenininho assim. Apesar que já faz um tempinho que começaram a falar sobre o idoso e até pesquisar e fazer alguma coisa pelo idoso, mas eu acho que ainda falta muita coisa. Por exemplo, o idoso *[palavra inaudível]*, está doente, precisando de uma medicação e não ter, né. O idoso está precisando de... de fraldas e não ter. Porque tem, isso aí *[palavra inaudível]*. Eu não vivo nesse meio, mas a gente sabe que existe muito, né. Então eu acho que falta assim, mais assim... Por exemplo, às vezes tem o final... o mês de outubro, né... que daí faz o mês do idoso. Então que sempre seja voltado mais para esse idoso, né, porque o idoso da capital, ele está bem encaminhado, então ele já sabe o que QUER para ele: ele vai, não está gostando daqui, vai para outro. Ele já sabe, mas eu acho que tem cidade do interior que elas precisam muito mais. Não só do nosso Estado, como eu acho que do país inteiro, né, já que a tua pesquisa vai abranger um... um todo, né, é um país que ela vai abranger. Então eu acho que um idoso, ele... quando tiver um foco uma... na semana mesmo idoso, mas voltado, assim, para... para o interior: cidades menores, sabe, porque tem muitos idosos que precisam. Às vezes eles precisam de tão pouco: de abraço, de conversa, de carinho e eles não têm. E... geralmente na capital: não, porque uma vem, uma traz, a outra leva, então, sabe. E tem mais acolhimento, né, então eu acho que precisa ser voltado, assim, mais para os idosos, assim, mais carente ainda, porque tem idoso carente que ainda ele... ainda tem, né, se vira *[palavra inaudível]*, mas tem muitos idosos que eles não têm nem com quem conversar, né. Tem muito idoso que não tem nem com quem conversar (+) que eu acho que falta. **P1:** Eu entendi. A senhora gostaria de falar mais alguma coisa? Qualquer coisa. **E9:** Não, eu acho que eu já falei. Eu só desejo agora sucesso na tua pesquisa.

NARRADORA 10

P1: A minha pesquisa é sobre informação: informação, conhecimento de um modo geral... E eu queria que a senhora começasse me contando sobre a importância do conhecimento na vida da senhora, suas experiências com o conhecimento. Se a senhora lembra, o quê que a senhora recorda quando pensa em conhecimento e informação. **E10:** Eu acho que cada dia, cada encontro, né, você está aprendendo e o conhecimento é isso, essa aprendizagem diária, né, essa aprendizado diário. Porque por exemplo, hoje professora dando aula de canto, apresentou uma música do Roberto, né... Que é uma música que a gente já conhece, mas a gente cantou de uma outra maneira já viu a música de uma outra maneira. Porque quando você canta por cantar, você não aprende, né, você só ouve. Mas quando você canta ou vai ouvindo mesmo com o coração,

vamos dizer assim, aí você está aprendendo porque aí você consegue entender mais a letra. Qual é a mensagem que o compositor passou...está passando para gente, né. Então eu vejo... Eu às vezes fico triste quando eu vejo algum idoso... A gente tem... Eu tenho uma comunidade, é uma comunidade não muito grande, onde eu tenho, assim, um acesso, porque como professora... Quem era moleque hoje já é pai, né e já é até avô alguns. Então eu fico triste quando eu vejo eles, assim, jogando dominó, no bar bebendo, porque ele poderia estar aprendendo mais, né, poderia estar com o neto, jogando uma bola com o neto. Poderia até estar com o neto jogando dominó, ensinando, porque a importância da concentração ia ajudar no desenvolvimento, no conhecimento daquela criança. Eu fico triste quando eu vejo isso, né e conhecimento é todo dia, né. Todo dia é conhecimento. Todo dia você está aprendendo coisas novas e agora com a tecnologia é muito importante o conhecimento, né. Porque eu tenho um filho que mora fora de Santa Catarina, então no começo era difícil eu falar com ele. Agora através do computador, através do *smartphone* você fala tranquilo. Quer dizer, porque eu também me predispus a conhecer. Se eu não tivesse interesse eu não teria aprendido, né? Agora inclusive estou fazendo o *smartphone* fotografia. Eu me surpreendi com as coisas que tem no celular, que eu olhava *[palavra inaudível]*: meu Deus para quê que serve isso? Entende? Então estou aprendendo. Mesmo com 69 anos, cada vez que eu saio de casa eu aprendo alguma coisa. Então vejo que é muito importante isso, né, e para... o idoso, porque quando... Hoje a tecnologia é o... é o auge, né, amanhã já pode ser outra coisa. E às vezes eu fico, né, assim, um idoso que fica abandonado, aí...Não fica nem na televisão, fica ali abandonado. Se ele tivesse interesse ou se a família... Eu vejo muito que a família pode às vezes.... O... o idoso: "Ah, tu está velho" Porque... família — não são todas, né — porque eu tenho uma família incrível, maravilhosa, eles... Né, mas tu está velho, tu não serve pra mais nada e é triste essa realidade, sabe? E tu vai encontrar isso em qualquer lugar. É triste essa realidade. Filho que resolve colocar o pai em casa de repouso, em asilos — que agora a gente não fala mais asilo, né — porque não tem mais aquele interesse de ficar com o pai. Não tira durante — do seu dia — meia hora, 15 minutos para conversar com o pai. Quantas histórias o meu pai me contou. Infelizmente eu perdi ele muito cedo, tinha só 63 anos, porque eu teria muito mais ainda o que aprender com ele. Quantas histórias eu aprendi com ele. Tanto que hoje eu sou contadora de histórias, mas porque eu aprendi com ele. Fui levando esse conhecimento, fui aumentando, fui me especializando, fui fazendo oficina, fui fazendo cursos, entende? Se eu também não tivesse meu interesse, também poderia tá em casa assistindo televisão. Não fumando, porque eu não fumo nem bebendo, porque eu não bebo. Mas estaria ali: inerte. O mundo passando e eu aqui. E eu cobro isso muito dos meus idosos. Eu disse: "Gente, vocês não podem ficar dentro de casa, só parado na frente da televisão. Tem... tem alguns que têm dificuldade para caminhar: não precisa sair de casa vai num cantinho do quintal ao outro. Faça isso todo dia. Tenta ler alguma coisa. Tem alguns que são meio analfabetos, né, mas olhem as figuras. Imagina aquela figura, aponta para ti mesmo o quê que tu estás vendo ali naquela figura, conta uma história para ti mesmo daquela figura. Porque aí também se você não fizer isso, o teu cérebro também vai parar. " Eu digo para eles: "Nosso cérebro é um monte de caixinha, um monte de gaveta, onde a gente tem uma máquina de... de costura: A gente usa, usa, usa... Se nós... não colocarmos um oleosinho, ela não vai uma hora pifar? Então assim é o nosso cérebro, a gente tem que abrir de vez em quando aquelas gavetinhas que estão lá meio esquecida. A gente tem que abrir." Aí eles ficam meio atentos, né. Então isso eu passo também... A gente conversa muito aqui com o pessoal, né. Eu vejo que o grande problema do idoso. É ele se achar inútil... **P1:** Me conta melhor sobre isso. **E10:** Porque... 70 por cento — não vamos citar o *[palavra inaudível]*, acha que está velho, que envelheceu, que aposentou não serve para mais nada. E a família. Muita família também pensa desse jeito: "É um velho... Vai lá, vai lá jogar dominó com os teus amigos. (+) Ele podia até dizer: "Olha pai, vai jogar um dominó. Não está querendo ver os teus amigos? Vai lá." Mas não: "Vai lá, vai lá, vai... vai jogar dominó com teus amigos." A maneira que eu falo, a maneira

de que eu me dirijo ao idoso. Eu, um dia desses eu... eu, assim, me relaciono graças a Deus muito bem todas as pessoas e eu... eu beijo do... do faxineiro ao diretor, né. Sou Maria beijoqueira. E um dia porque passou um menino... É um negro que é funcionário aqui. É um negro com uma aparência não muito bonita dentro do... dos modelos, né... **P1:** Uhum, dos parâmetros, né. **E10:** Dos parâmetros de beleza. Eu não tinha visto ele, aí ele chegou: "Ô minha princesa." Eu disse: "Oi meu querido" e beijei ele. Ele me beijou também. Aí uma idosa... Aquilo me marcou muito... Eu não vou chamá-la de idosa, eu vou chamá-la de velha. Uma velha olhou para mim: "Cruzes, beijar um negro." Aquilo me machucou tanto que eu disse para ela: "Pior se eu tivesse que beijar uma... uma branca nojenta." Depois eu me arrependi de ter falado assim (risos), mas na hora saiu, sabe. Então olha... olha o conceito que tu tens de respeito. E é um idoso. Olha o conceito que tu tem de respeito de humanidade. Porque é isso que é humanidade: é tu seres... humilde, primeiro tu tem que ser humilde, né? Tu tem que ser humilde para... para aceitar o outro da maneira que ele é. Se ele me *[palavra inaudível]*, porque é que eu não ia abraçar? E eu não gosto de abraçar... Não, eu não gosto de abraçar como eu digo: "Gente, abraça coração sentindo coração." Né. Ai, eu fiquei tão machucada, eu fiquei tão triste que a minha vontade era bater *[frase inaudível]*. Minha vontade era bater nela de tão chateada que eu fiquei. E é uma idosa. Então o quê que ela passa? Ou o quê que ela recebeu de respeito... Hein? de tanto... Às vezes a gente até se questiona, porque tem idoso que é muito difícil. A minha mãe — eu perdi a minha mãe, há cinco anos, com 93 anos — era uma sábia. Uma mulher que não teve o segundo primário, mas era uma sábia. Ela e o meu pai são meus exemplos de honestidade, de caráter, de carinho, de amor... E a minha mãe ela nunca disse para a gente que nos amava, mas a gente sabia, porque sempre que ela ia deitar, nossa, ela se passava no... em cada quarto. Aí ela arrumava a coberta e dizia assim: "Que o teu anjo da guarda te proteja." E te beijava, mas ela nunca disse para a gente que amava a gente. Aí passou e às vezes eu me questionava, eu dizia: "Poxa, eu sei..." Porque eu sou assim, eu... eu pegava ela no colo — porque ela era pequenininha — eu pegava no colo, abraçava, beijava. Aí eu assim: "Que engraçado né, a mãe nunca disse pra gente que nos ama, mas eu sei que ela me ama, sabe? Que... eu via isso, né, que ela fazia. Tinha aquela preocupação com a roupa, com... com as comidas, com as coisas. Aí um dia... depois de muito tempo, aí eu comecei a entender — porque a minha avó era a pessoa Hitler, era assim, sabe, uma pessoa muito má — e eu comecei a entender aquele comportamento dela. Aí eu já não me questionava mais, porque eu estava entendendo o comportamento dela. Aí um dia ela estava hospitalizada, aí eu fui lá — fui eu e as minhas duas filhas — a gente estava lá rindo conversando e tal, daqui um pouco ela parou, olhou bem sério pra mim: "Filha, eu já te disse que te amo?" Olha a sabedoria. Eu assim: "Tu nunca me dissesse sua malcriada, mas eu já te disse que eu te amo um monte, mas eu sei que tu me amas." E hoje as pessoas têm medo, sei lá, de dizer que amam, que gostam, que tu é importante pra ele... Sabe, as pessoas têm medo e o idoso... e o idoso parece que se fecha num casulo. Tem muitos que nem aceita um abraço teu, ou um bom dia, né, não aceitam, porque eles... se fecham no casulo.... Eu questiono, eu sou muito questionadora, né, já deu para perceber, então às vezes eu fico analisando, assim: quem sabe ele não soube... Não... não deram carinho para ele, não deram afeto e quando a gente visita essas casas de repouso, a gente fica muito triste, porque tem idoso ali que foi abandonado literalmente por filho. Por que que ele abandonou? "Porque ele é um velho, ele já é inútil, ele não... ele não vai contribuir com mais nada, ele só vai incomodar, atrapalhar minha vida." E quando... Numa das visitas que a gente fez ao Asilo Irmão Joaquim, uma senhorinha chegou para mim e disse assim: "Tu visse a minha filha?" Eu disse: "Eu não sei quem é a sua filha.", "Ah, porque ela me trouxe, deixou aqui, disse que ia comprar uma boneca para mim e não... e não veio ainda. Já faz muito tempo". Então isso é TRISTE. Olha o que a gente está fazendo com o idoso. Olha o que a gente está fazendo com o idoso. Então isso é muito triste, quando um filho faz isso com o pai. Eu particularmente, eu não posso reclamar nada, porque meus filhos são assim... Primeiro que eu transmito... Até hoje

fiz o possível para transmitir muito amor, mostrar para eles que eles são importantes para mim. Até para dizer para eles que eu quero o amor que eu estou dando para eles, que eu quero também um pouquinho, né. Então assim, eles se preocupam. Eu não vou sozinha ao médico, porque... um vai ter que me levar. Eu não peço, *[palavra inaudível]*: "Não filho, nem te...", "Não mãe, eu vou contigo." Então isso... hoje 90 por cento, 70 por cento das famílias não têm essa preocupação. A gente vê idoso andando na rua, pessoas até meio esclerosadas, sem... sem ninguém para acompanhar, sobe nos ônibus, sabe, assim, perdidas, aéreas e não têm... não sabem e onde está a família? Porque eles se preocupam mais consigo e é muito comum... Tu até... Até tu acompanhando o teu pai. Tu está lá com teu pai no consultório médico. Teu pai tá falando contigo: [faz gesto de quem está mexendo no celular]. Ele desiste de fazer pergunta, entende?... O conhecimento é bom, é necessário, mas tu tens que saber empregá-lo... Tu tens que saber empregá-lo, tu tens que saber usar esse teu conhecimento. É a mesma coisa um professor: o professor estudou tantos anos, adquiriu tantos conhecimentos, quando chega na sala de aula ele não sabe passar. Valeu aquele conhecimento que ele adquiriu? Não, porque ele só adquiriu aquele conhecimento, ele não se esforçou... para ser maior esse conhecimento, para ele ter uma visão de mundo, maior, porque tu tem que saber tudo o que está acontecendo. Eu leio jornal, eu assisto jornal, eu assisto... eu... ouço rádio. Faço questão de quando tem algum... algum evento eu participar. Mesmo que depois daquilo eu vá demorar aplicar aqueles conhecimentos, mas eu faço questão, porque lá de repente surge: "Olha, aquilo lá eu sei... ouvi isso já." Gosto de ouvir, eu ouvi todas as... os debates políticos. Primeiro, para ver o quê que estava sendo dito e segundo, para ver o quê que eu... daquilo tudo ali que eu ouvi, o quê que me faria bem, o quê que eu poderia cobrar. No final diziam sempre a mesma coisa com outras palavras. Sempre tem um menos ruim, né? Sempre tem um menos ruim. Então isso é conhecimento, porque se tu está numa roda de... Porque na... durante as eleições tinham sempre discussõezinhas, né. Como é que tu vai falar se tu não tem conhecimento? E o mundo é isso aí né, a vida é isso: é conhecimento hoje, amanhã, depois, depois, depois, porque senão também tu fica parado no mundo, na... fica inerte, né, você fica inerte. As pessoas vão passando do teu lado, você não tá ali. **P1:** Entendi, que bonito. **E10:** Espero que tenha entendido. **P1:** Mas é claro que eu entendi. E me diga uma coisa: Quais são as necessidades de informação, de conhecimento que a senhora costuma ter no dia a dia? Assim, seja para ir num banco, de saúde ou de... esporte ou... Quais são, assim, o que a senhora identifica que tem mais necessidade de informação e de conhecimento? **E10:** Olha, nesse momento, assim... Com essa limitação eu fazia caminhada, né, caminhava oito quilômetros. Agora eu já não posso fazer isso. Isso me... eu fico meio frustrada, né, mas ao mesmo tempo, eu disse: "Não, se eu não posso caminhar oito, eu posso caminhar 300 metros." (+) E vou começar agora no próximo mês, eu vou começar a fazer a hidro, entende? Então vai compensar aqueles oito que eu caminhava, né. E às vezes — porque eu agora estou fazendo uma... um *check-up* geral e tal — e eu sou muito... eu não me... eu já digo para o médico *[palavra inaudível]*: "Olha doutor, o senhor por favor me detalhe aí em miúdos, porque essas palavras científicas eu não conheço." Então, eu sou muito de... e às vezes me assusto assim, as respostas, né, porque quando fala por exemplo em *Alzeihmer,* aí tu fica... tu assusta, porque as pessoas que assustam. As informações que são te passadas, elas não são bem concretas, não são bem corretas: "Ah, *Alzeihmer*, tu vai ficar... tu vai te tornar.... uma pessoa sem vida." Mas não é isso. Tu podes... tu podes trabalhar esses esquecimentos fazendo... fazendo... uma terapia, fazendo um *smartphone* com jogos digitais, fazendo um curso de fotografia, fazendo um canto. Eu li uma... eu assisti uma entrevista — eu não lembro se eu li ou se assistir — não, eu assisti uma entrevista que um hospital — acho que foi em São Paulo. — eles começaram a fazer um trabalho com a música, com pessoas com *Alzheimer* e houve uma melhora de 70 por cento, parece. Eu não sei se você leu sobre isso ou ouviu. **P1:** O SESC Chapecó trabalha... trabalha música para idosos com *Alzheimer*. É cientificamente comprovado. **E10:** É, mas eu olhei... Quer dizer então... Mas também o quê que tem para família também

tem que se envolver... Então, tu... tem que ter o conhecimento das... das doenças típicas do idoso e... Mas tu tens que ter não só o nome, tu tem que ter o conhecimento profundo, né, explicação correta, porque a gente se assusta. "Ah, é *Alzheimer*, *Parkinson*." Tu te assusta quando... A primeira vez que eu ouvi isso foi no NETI. *[frase inaudível]*: "*Parkinson*?." Aí eu fui para a i*nternet*. Na hora eu fiquei meio assustada, mas depois eu disse: "Não." Aí comecei a questionar mais, né, ler mais. Eu disse: "Não... tu podes melhorar isso." Então eu vejo... a necessidade e desse conhecimento também nessas áreas. Entendeu? Isso quando o médico me disse: "A senhora está com um tumor e uma osteonecrose no joelho esquerdo." Quando fala em tumor, você se apavora. **P1:** Sim, já pensa várias coisas. **E10:** Só pensa alguma coisa. Aí eu disse: "Doutor, um tumor e uma... Doutor, o quê que é esta osteonecrose?" Aí ele tentou... Eu disse: "Não doutor, assim, olha, o senhor seja bem franco, o senhor fala... Tira a capa." Eu disse para ele: "Tira a capa e me fala." Aí ele me explicou o quê que era: Como tinha o tumor, o líquido que tem no joelho — que protege — ele... não teve mais e inflamou, aí deu uma osteonecrose. Aí em termos estava tendo uma... como se fosse um outro tumor purulento. Aí eu: "Sim doutor e o quê eu faço com isso?" Ele disse: "Não, vamos fazer fisioterapia, vamos tomar medicação", "Cirurgia doutor?", "Vai ser a última alternativa." Já gostei do médico... A última alternativa, quer dizer, você vai fazer tudo isso aqui direitinho como eu pedi, seguindo direitinho... A cirurgia vai ser a última alternativa. Eu fiz oito meses de fisioterapia. Eu ia de segunda a sexta das 9:00 ao 12:00. 8 meses. Recuperei. Lógico não consigo me ajoelhar porque aí tu... né, ficou com um... Mas andava tranquilo... O que estourou/a bengala foi por causa desse [apontou para o outro joelho]. Aí ele disse para mim: "Olha, tu merece nota mil." Eu disse: "Por que doutor?", "Tu fez tudo bem direitinho como eu te mandei... Não, como eu te mandei não, como eu recomendei", ele disse pra mim. Porque se não... se não desse resultado, aí sim a gente ia fazer a cirurgia" O quê que era a cirurgia? Amputar e colocar uma prótese, porque aí estava tudo necrosado, estava tudo podre, estava..."Tu estás de parabéns, tu recebes nota mil." Mas se eu não perguntasse, não questionasse, não me preocupasse em fazer, eu ia ficar: "Meu Deus, tenho um tumor. Ai, meu Deus do céu, será que isso vai me matar, eu vou morrer disso?" Então por isso que é importante as informações, né, o conhecimento. **P1:** Então as coisas que a senhora tem de necessidade informação durante o dia, por exemplo, é a questão de saúde, por exemplo? **E10:** De saúde. No momento é saúde, né e... É, mais é saúde, assim, como eu estou num processo bem... Como eu tive uma suspeita de um AVC em dezembro, então estou fazendo uma série de exames e fiquei muito preocupada, porque o AVC pode deixar várias sequelas, né. Graças a Deus nem era também. Então nesse momento qualquer exame que eu vou fazer: eu quero saber para quê que é, por que que é, qual que é a medicação: para que é, por que que é. Então nesse momento as informações que mais me... que eu mais questiono são em relação a saúde, que é o que mais... né. No momento é o que está... Ainda está muito... muito fresco em mim, né, porque foi em dezembro, né, então é o que está mais... Fora isso... **P1:** Entendi. E quando a senhora precisa de informação sobre alguma coisa, onde que a senhora procura? **E10:** Primeiro questiono — se for na área da saúde — eu questiono para o médico. Aí ele dá a informação dele, mas aí depois eu vou lá para a *internet* para saber se ele me falou direitinho, se... e se tem alguma coisa que... ou que de repente ele até disse, mas eu não entendi, aí na próxima: "Oh, doutor eu li na *internet* sobre isso. Isso aqui o senhor não falou." Eu questiono... eu questiono muito, eu sou de muito questionar, né, de... Então nesse momento eu pergunto tudo. **P1:** Uhum. A senhora usa muito a *internet*? **E10:** Não muito. Eu uso muito *smartphone* e... não todos os dias, eu fico meia hora no computador, porque aí eu gosto de jogar o Racha Cuca. **P1:** Racha Cuca? **E10:** É. É um jogo. É bem legal. **P1:** De memória? **E10:** De memória. Então aí... eu vou lá ver meus *e-mails*. Às vezes eu olho, tem milhões lá de *e-mail*, mas aí eu vou pro Racha a Cuca, aí eu jogo... Dominó, Paciência e outro... Caça palavras. Eu gosto muito de fazer palavra cruzada, mas aí está muito interessante no Racha a Cuca, a palavra cruzada. É bem legal. Bem legal. **P1:** Interessante. E a senhora então me contou que ouve rádio, assistir

TV também. **E10:** Aham. **P1:** O quê que a senhora procura de informação no rádio e na TV? **E10:** Mais música e TV: novela, novela, jornal e novela. Não fico, assim, com a... parada assistindo um filme, não tenho paciência de assistir filme, tá, não tenho mesmo. Então fico no jornal, né, assisto o jornal e as novelinhas que eu gosto. Também se precisar sair, eu não vou deixar de sair por causa da novela, porque tem idoso que não sai por causa da novela. Tem gente que não sai por causa da novela. Eu não deixo de sair, entende? Eu saio, mas... Ouço música e... na televisão: jornal e novela e às vezes música também, né, que o meu neto me ensinou a botar música na... televisão... **P1:** E me diz uma coisa: o quê que a senhora costuma buscar, na *internet*, de informação? De um modo geral, assim... **E10:** Eu gosto muito de receitas. Entende? Música, né, gosto muito de receita. Às vezes eu leio uma palavra que eu não conheço ainda e eu vou ver o significado e às vezes eu ligo para... ligo a... a *internet* para ver, assim, meio aleatório, sabe? Mas aí eu vou... Coisas assim que normalmente eu faço: ver uma palavra que eu não conheço... Às vezes a bula, eu vou ler a bula e tem uma palavra ali que eu não... não conhecia, que normalmente, né... Aí eu vou ver lá na *internet* o quê que é, por que é aquela palavra. E música, né e receita, porque eu adoro receita. Adoro cozinhar, adoro. **P1:** Ai, que delícia. Deve fazer comida para família toda? **E10:** Eles gostam. **P1:** Imagina. Comida de gente experiente. Eu também adoro uma comida de uma pessoa experiente. Me diz uma coisa... Eu queria... Bom, a senhora já contou um pouco, mas eu queria que a senhora explanasse um pouco mais: como que a senhora participa da sua comunidade? A senhora me contou do grupo *[frase inaudível]*. **E10:** É, eu sou... eu participo do grupo de idosas, né e a gente como professora... A maioria dos meus alunos eram da minha comunidade, são da minha comunidade, poucos que saíram dali. Então a gente tem de vez em quando o contato, eu participo da igreja. Já fui catequista, já fui coordenadora de catequese, já fui coordenadora do CPC. **P1:** CPC? **E10:** CPC é... da Igreja. Da igreja, né, é o Conselho de Pastoral da Comunidade, né. E... o quê mais? E a gente sempre... sempre que pode, a gente faz o trabalho com algum idoso que está precisando, a gente faz visita ao idoso, né e assim a gente faz na comunidade... Eu queria ter mais tempo, então o dia deveria ser 48 horas [risos]. **P1:** Ah, nem me fala. Eu iria entrevistar o dobro de idosos, seria ótimo. Deixa eu perguntar uma coisa pra senhora. Queria que a senhora me contasse um pouco mais desse grupo que a senhora é voluntária, que eu gostei muito de saber dele. **E10:** É, são 53. A gente teve uma época que a gente já estava com quase 70... pessoas, né... 60 idosos e as voluntárias, mas aí a gente perdeu alguns né. Então é um grupo ativo, bem ativo. Bem... que agora já... Cada ano que passa, né, eles ficam mais idosos, já com mais dificuldade. A gente faz muito passeio... Por exemplo, semana que vem aniversário do grupo, então a gente vai... A gente... vai almoçar fora, passar uns dois dias fora. Aí a maioria... 27 só, que iam do grupo. Aí o quê que nós decidimos? Fazer almoço lá, porque aí todo mundo participa. Então a gente faz o almoço das Mães, dos Pais, da Páscoa, de Natal. A gente sempre faz, né e cada voluntária tem seus afilhados que são... têm seus... afilhados. Então... eu, esse ano, eu estou com cinco, né, mas acho que vai aumentar porque algumas idosas saíram, algumas voluntárias saíram, aí ficou idoso, né... sem madrinha. Então isso é muito gostoso, eles vêm: "Oi madrinha, bom dia.", "Benção, madrinha." Os idosos de 80 e poucos anos sabe, é muito legal assim, né. E... é uma... é uma integração muito legal. Eles cantam, eles gostam de cantar. A gente... A gente fazia terno de reis, mas esse ano a gente não fez, porque o coordenador do terno está bem doentinho, já não tem condições de estar... Porque a gente amanhecia na rua *[palavra inaudível].* Se encontrava às 20 h, por exemplo, amanhecia. Saía de lá, umas, duas horas da manhã, porque já tinham aquelas casas que ficavam esperando a gente, né. Então terno de reis, a gente não fez esse ano passado e são essas as atividades, né, que a gente faz. Faz... Como eu te disse, né, a gente leva sempre algum conhecimento para eles, dividem com eles. Às vezes um: "Ô R., Ô R. G., para quê que serve a manga?" Sabe? Então eles também começam a se interessar e quando eles vêem, por exemplo... uma fruta que eles não... não conhecem ou que não... Gostam, mas não sabem para... por quê que eles gostam, aí eles perguntam também. É

bem legal. **P1:** Que interessante isso. Me diz uma coisa... O quê que a senhora procura, aqui no SESC? **E10:** (+) Prazer. Prazer, convivência. Prazer como um todo, sabe? Assim, prazer de estar bem. Às vezes a gente sai de casa chateada e tu chega aqui vem um... encontra uma amiga: "Oh, que bom te ver." Vem e te abraça: os hábitos já mudaram, aquela chateação que tu tava, já mudou. E conhecimento, né, eu acho que o mais importante, além dos amigos que a gente faz e dos laços que a gente cria que é muito forte, tanto que tem uma... idosa aqui, que a gente se chama de mana. Que as pessoas começava assim, do nosso grupo, a dizer assim: "A tua irmã não veio hoje? Não vem hoje?" *[palavra inaudível]* assim: "A minha irmã?", "É. A tua irmã não vêm?" Eu disse: "Não sei." Porque eu nem sabia de quem que ele estava falando. "Olha, a tua irmã chegou, a tua irmã chegou." E a gente acabou assumindo que a gente é irmã. É mana. A gente se trata de mana, mana para cá, mana para lá. Então eu encontrei uma irmã no SESC, sabe? E ela é até gaúcha, uma pessoa incrível e a gente... nós fizemos, apresentamos uma peça agora no dia 13, aí hoje uma...uma amiga da gente veio... veio conversar, ela assistiu, ela disse: "Olha, eu nem pude cumprimentar vocês e tal. Mas estava muito bonito." E ela assim: "Uma coisa que eu gosto de ver, é que vocês têm uma sintonia que só no olhar uma já sabe o quê que a outra vai ter que falar." É uma coisa muito forte assim, eu encontrei aqui, né e uma pessoa que mora... é do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. *[palavra inaudível]* Então, aqui eu aprendi, né, eu tive... eu tenho uma irmã. Então o quê que eu procuro no SESC? Esse prazer de estar com as pessoas que eu gosto, cada dia a gente tem mais... arruma mais um amigo, de um abraço de um que me chama de princesa, vem me abraça. Isso é bom, isso é legal. Isso eu encontro no SESC e o conhecimento que cada dia, cada encontro que a gente tem na sala: é um aprendizado, é um conhecimento novo, né. **P1:** Uhum. Vocês aprendem muito aqui então? Fazem amigos também, né? **E10:** É, amigos. Meu Deus. **P1:** Entendi. Eu acho que eu já perguntei para a senhora muitas das coisas que eu queria saber (+) Mas eu queria saber uma coisa da senhora, se a senhora já ouviu falar de *Fake news*? **E10:** Já. Já. Eu, no começo não sabia o quê que era, né. Eu disse: "*Fake News*?" As pessoas falavam *Fake News.* Aí... aí meu filho... Eu assim: "Oh M., o quê que é esse tal de Fake news?" Ele assim: "Mãe, é notícia falsa." É isso, né? Aí eu assim: "Ah, é." Eu disse: "Meu Deus que boba que eu sou." [risos] Mas é uma palavra nova, é... num contexto novo. **P1:** E não é nem brasileira, a palavra. **E10:** E nem é brasileira, né? Eu assim: "Mania que esse povo tem de pegar tudo dos Estados Unidos." [risos] Entende? Então é... E é uma palavra nova, é dentro desse novo contexto da... da *internet*, da informática, né? **P1:** Uhum. A senhora recebe muito *Fake News*? **E10:** Não, por enquanto, não. **P1:** Não? No *WhatsApp*... A senhora têm *WattsApp*? **E10:** Tenho. Tenho *WattsApp*, tenho *e-mail*, tenho *zap*, tenho tudo. Tenho *Facebook*. **P1:** No *Facebook* tem um monte, né? **E10:** Mas eu nem leio. Ainda bem que no meu não aparece muita coisa não, mas eu nem... Quando eu... Inclusive, assim, eu recebo muita mensagem, muitas mensagens lindas, mas quando eu olho, eu vejo que eu olhei e não gostei, eu já... já tiro, nem leio. Só olhando assim já *[palavra inaudível]*: "Ih, isso aqui não vale a pena nem eu perder meu tempo. Já deu." **P1:** Uhum. Mas em nenhum momento, assim, a senhora leu uma notícia inteira e chegou no final e pensou: "Talvez não seja verdade."? **E10:** Não. Como eu te disse, assim, se eu começa a ver assim... Aí vejo que... Aí eu já... não gosto. **P1:** Vê que pode ser mentira? **E10:** É. Aí eu já... já... já te bloqueio, eu já tiro, eu já excluo. Entendesse? **P1:** Uhum. E tem algum, assim, algum *feeling* que a senhora sente, que a senhora pensa: "Hum, talvez não seja verdade." Tem algum *feeling*, assim, algum momento da notícia que senhora identifica que pode ser mentira? **E10:** Ah, de vez em quando aparece nessas coisas, né, que... Até pouco tempo apareceu uma aí que agora eu não lembro... Que aí eu nem li tudo. É como eu te disse: que eu olho assim, eu vejo que... "Isso aqui é bobagem, meu Deus quem vai falar uma coisa dessa? Aonde se viu uma coisa dessa?" Eu não vou até o final, eu já tiro, entende? Eu já tiro. Eu nem... nem sei o conteúdo, só em olhar assim: "Isso aqui não pode. Isso aqui... isso aqui tem alguma coisa errada nisso." **P1:** Eu queria fazer uma última pergunta pra senhora. **E10:** Se eu puder responder. **P1:** Eu queria que a senhora me

dissesse qual é a situação que a senhora acha do idoso hoje, no Brasil, no mundo... **E10:** É triste. Principalmente na área da saúde: idoso que vai nos postos de saúde: não tem remédio, remédios que são jogados fora, porque passou da validade; idoso que precisa usar um remédio especial que custa milhões, vamos dizer e ele não encontra; idoso que morre na porta de um hospital, porque não foi lhe dada a atenção devida; idoso que é abandonado pelo Estado, pela família, pela sociedade... Hospitais precários, que não têm condições: agente vê nos corredores de hospitais aquele monte de idoso, pessoas e muitos idosos abandonados em cima de uma maca. Primeiro que não tem profissional suficiente para atender. Segundo que o hospital... a estrutura do hospital, já está... caindo aos pedaços e idoso sem casa. Então eu... Aí dizem que é a melhor idade, que melhor idade é essa? Melhor idade para morrer mais cedo, a melhor idade do sofrimento, não é melhor idade. Então é muito triste... A gente vê a situação do idoso no Brasil, porque a gente sabe que tem países que o idoso é respeitado. Até porque pela sua experiência de vida pelo seu conhecimento, pelo conhecimento que ele tem, que pode passar para os mais jovens. São respeitados e no Brasil isso não acontece. O idoso é TOTALMENTE abandonado e é triste. Eu não vivo em hospitais, mas as poucas vezes que eu fui... É triste. **P1:** Qual é a sua experiência sendo uma pessoa idosa? **E10:** Olha, eu... eu posso te dizer que é a melhor possível. Apesar das limitações... Eu tenho... Eu tenho condições de discutir, de colocar minha posição, sou respeitada pela minha família, pelos meus filhos, meus netos, meus irmãos... Que a gente também já está tudo idoso, nós todos, né, então dentro da minha comunidade eu também sou respeitada. Uma coisa que me deixa triste é quando chega um idoso no ônibus, os jovens não estão nem aí. Eu, por exemplo, peço. Um dia uma mãe estava com um bebê e ia se levantar para me dar o lugar. Eu assim: "Não, ali tem uma criança sentada, ela pode ir no colo da mãe." A mãe não gostou muito, mas é inadmissível uma mãe com um bebê se levantar para me dar o lugar, enquanto mamãe do lado com uma sentada: pegasse a criança, botasse no colo. Tem dessa... A falta de respeito com o idoso é muito grande. Às vezes o idoso pede uma informação, a pessoa para quem ele está pedindo, não dá correta, faz de conta que não ouve. É muito triste. No Brasil, é muito dolorido ser idoso. Se tu não tens uma estrutura, se tu não tem uma boa estrutura familiar, é muito triste ser idoso no Brasil. Eu queria saber quem disse que é a melhor idade. Não é a melhor idade. Não é. Tu ainda tens condições de comprar os teus remédio que são caros, mas aquele que tem o seu salário mínimo, gasta em média de 400, 500 ou 600 reais, aonde que isso é a melhor idade? Me responda. Eu te deixo a pergunta: o porquê a melhor idade? Sabe? **P1:** Quem sabe em consiga responder na minha tese. **E10:** Quem sabe. **P1:** Por que que as pessoas dizem que é a melhor idade, né? **E10:** Não, é uma... é um questionamento para tu colocares na tese. **P1:** Uhum. **E10:** Entendeu? **P1:** Eu adorei conversar com a senhora. **E10:** Que bom. **P1:** A senhora queria falar mais alguma coisa? **E10:** Não, eu gostei de participar. **P1:** Ah, que bom. Fico bem feliz.

NARRADORA 11

P1: Então em primeiro lugar... eu gostaria de saber a importância do conhecimento na vida da senhora? Qual é o papel do conhecimento na vida da senhora, né? **E11:** Veja bem uma coisa. Eu tenho um projeto — é particular — que chama Infinito Saber, tá. Quê que é isso? A gente juntou coral, né, as meninas do coral e a gente se reúne em qualquer lugar, tá? Até nessas férias foi o dia inteiro. Nós fizemos quatro encontros e eu já tinha feito quatro tardes de encontro numa... num centro *[palavra inaudível]*, que é de uma amiga minha. A gente se reúne ali para falar, para... Sabe aquela conversinha que você tem no portão de 10 minutinhos que você está dando tchau e está falando, está dando tchau e está falando? A gente faz isso durante o tempo todo, SEM assistência de ninguém. Não tem psicólogo, não tem orientadora, não tem assistente

social, não. É juntar aquelas pessoas desse grupo. Quem quiser entrar mais, pode entrar para gente conversar, para gente trocar ideia... Nos primeiros encontros assim eu fiquei... abismada de ver, porque... a informação que foi trocada entre elas é coisa absurda, tá? Porque elas falaram desde como que faz o café em cada... sua cidade, aparelho de ouvido, como que faz pra conseguir... uma pessoa de idade conseguir o aparelho de ouvido. Tem uma senhora aqui do coral que ela tem 89 anos, ela... fazem cinco ou seis anos que ela foi correr atrás, porque ela estava ficando surda e ela correu atrás sozinha, em São José, pra comprar o tal do aparelho... para GANHAR o aparelho, porque ela não tinha condições financeiras de... de... pagar consulta, comprar o aparelho e tal. Ela foi, foi para cá, foi para lá, voltaram, vem, vai, volta e ela conseguiu. Então ela explicou o passo a passo, o que ela fez. Nisso mais outras pessoas foram correr atrás do tal do aparelho, tá? ... Falamos de política, pessoas com mais de 70 anos conversando sobre política cada uma tendo o seu candidato, Lula e Bolsonaro, Lula e quem fosse, tá, num nível que eu nunca vi, tá? Porque elas se respeitaram do começo ao fim. E nós ficamos uma tarde conversando, num café conversando, um falando disso, outro falando daquilo, falando aquele outro. Hoje já tem assim um pouquinho mais de... eles são mais radicais, mas aquela conversa foi respeitosa. Então acho que isso responde o que eu penso de comunicação. É um... Não sei se seria esse sentido que você queria saber. **P1:** Infinito Saber? **E11:** Infinito Saber. **P1:** E vocês continuam se reunindo? **E11:** Continuamos. Continuamos. **P1:** Que coisa mais interessante, hein? **E11:** É. E eu não consegui colocar no papel ainda, né, de olhar o que eu quero. Por isso que eu disse para... eu sou tímida. Não é que eu sou tímida, eu sou bem atrapalhada, porque determinadas coisas você só tem a visão da coisa quando você ta do lado de fora, quando já aconteceu. Não quando você está no meio da conversa, não quando você está no... no quente ali, tá? Então eu comecei ... Meu Deus... olha quanto saber que tem aqui, quanta cultura que tem aqui, isso que é um Infinito Saber, tá? E eu ainda não consegui colocar isso no papel para mim deixar público, registrar, não com conotação NENHUMA, entende? Mas é só para que as pessoas saibam, que existe o... e essa é a ideia, né? De você trocar ideias sem... por que dentro do SESC a gente tem uma... No próprio coral, não pode falar, tem só que cantar, prestar atenção no que o maestro tá falando. Então eles querem contar da vizinha, do isso, daquilo, daquele outro e não pode, porque ali é o horário de cantar. Elas vão fazer qualquer atividade aqui e não pode conversar, porque tem que prestar atenção no... que ele está fazendo. Se vai fazer um artesanato, se vai fazer um crochê, um tricô tem que prestar atenção no que ele está fazendo pra não... não errar. E isso não. *[palavra inaudível]* Jogar conversa, é jogar para fora. Não faço nunca nesses encontros nossos, quer dizer: "Sente ali e converse com aquela pessoa. Sente ali..." Não, elas vão procurando QUEM elas querem conversar, tá? E ISSO está fazendo com que elas se conheçam. Tem pessoas ali que são marrentas, mas marrentas mesmo, pense numa pessoa marrenta e a gente está quebrando ela, tá?. A gente está fazendo com que ela já não ache: “Aquela ali, aquela ali é horrível, aquela...”. Não, ela já está pensando: “Aquela lá tem um problema, né?” e eu digo “Tem, tem problema. Que nem você. Aquela lá tem problema. Então hoje você vai ficar pertinho do maestro, né? O maestro está ruim de ouvido, está... anda perdidinho, então você fica perto dele”. Porque o maestro não gosta muito dela, entende? E ela gosta do maestro e ela se sentiu extremamente importante de ela ter que ficar cuidando do maestro... Daí você tem que ter acessibilidade pra você fazer. Ela não percebeu que ela foi... foi dada uma tarefa para ela e também não foi com a intenção de dar uma tarefa. Foi com uma intenção por trás de juntar para ver. Tanto é que o próximo encontro vai ser na casa dela. **P1:** Olha, que legal. **E11:** Entende? Então é muita... muita coisa que rola e por isso que eu te digo: eu não essa visão de como que eu vou fazer isso. Vou programar para fazer? Não, deixa correr, deixa... A gente só tem um objetivo: nós temos que almoçar, a gente tem que fazer um lanche de manhã e um lanche a tarde, porque tem gente que tem diabetes. Então a gente combina tudo, vamos levar comida, não vamos levar comida, vamos comprar no restaurante, vamos enfim... ver o quê que nós vamos fazer. E daí a gente

joga ela [conversa?] fora. É isso. **P1:** Deixa falar. **E1:** Deixa falar. Fala o que quiser. Nós fomos no SESC agora — faz uns 15 dias mais ou menos — três entraram dentro da piscina, tá e o resto ficou deitado na sombra, estava muito calor, estava... Elas saíram murchas, sabe o quê que é uma pessoa murcha? Murchinha, murchinha, murchinha, porque elas ficaram mais de 4 horas, acho, conversando dentro da água, sabe? Se descobriram ali porque... nunca tinham conversado com aquela pessoa. Nunca tinham visto que aquela pessoa tem problema, que aquela pessoa é isso, que aquela pessoa... então isso que é o objetivo. Eu tenho uma bronca danada aqui com o projeto Idoso em Foco, não estou falando mal, absolutamente, sei que não vai sair daqui. **P1:** Claro. **E11:** Mas assim, desde o primeiro dia que eu comecei com... com... que a gente foi convidado para participar do Idoso em Foco, eu ainda estava na rodoviária e foi... a gente foi convidado para fazer uma apresentação e um foi convidado para participar representando o grupo para participar das reuniões para ver o quê que seria feito naquela programação do SESC daquele ano. Aí começaram a surgir dúvidas, não sei o quê e eu disse: "Gente, pera aí um pouquinho. Já perguntaram para o idoso o que ele quer?", "Não... não, porque nós vamos fazer a lei para isso, nós vamos fazer lei para aquilo, que nós vamos fazer encontro de não sei o quê, encontro de não sei o quê.", "Espera aí. Mas vocês perguntaram para o idoso se ele quer isso?", "Não, mas como que nós vamos perguntar? A prefeitura tem quatro mil e poucos idosos." E eu digo: "Mas desses quatro mil e poucos idosos tem tantas coordenadoras. Cada... Vocês passam o questionário para as coordenadoras e a coordenadora vai perguntar para os seus idosos e vai te dar um *feedback*." Nunca foi feito. Nunca foi feito e daí eles se reúnem na OAB, na... em qualquer lugar que eles vão. "Não vai, o idoso não vai. Olha que velho desgraçado que não vai." Não vai e não vai mesmo. E o meu grupo não vai. Não vai porque vocês ficam falando toda vida a mesma coisa. Vocês chegam lá, vocês colocam um telão, tá, um *PowerPoint*, que tá escrito lá que tem a pirâmide que tá invertida, tá, que o idoso tem que fazer xixi, tem que fazer cocô, tem que tomar água, tem que dançar, tem que não sei o quê, não sei o quê. Tudo isso ela já sabe, ele tá careca de saber. Ele tá velho de saber. Ele quer novidade. Ele não quer saber de... dessas mesmas coisas. E alguém já perguntou pra ele o que ele quer? Eu faço parte da Pastoral da Pessoa Idosa. **P1:** Ai, que legal. **E11:** É. Eu visito três idosos por mês, um diferente do outro. **P1:** São sempre os mesmos por mês? **E11:** Sempre os mesmos. A gente é vinculada à famílias, né? Fomos nós que fomo ... é em dupla, né? Então a gente vai na casa da pessoa, pergunta as perguntas básicas que eu fico doida, né? Eu não sei por que eu não gosto... sabe? A mesma coisa, mas eu tenho que fazer. "O senhor tá usando fralda? O senhor fez vacina do pulmão? Já fez vacina da gripe? O senhor toma bastante água? O senhor...". Sabe? Toda vez o homem "Não, não, não, sim, não." Sabe? E ele já responde porque sabe que todo mês vai ser perguntado a mesma coisa, né. Então eu falei para minha parceira, eu digo: "Eu não pergunto mais, tá?" Não, não, não vou perguntar mais, *[palavra inaudível]* é sempre a mesma resposta, então eu acho ridículo ter que fazer essa pergunta. Quando eu faço meu relatório, a gente faz um relatório, entrego: sim, não, sim, não e pronto. E deu. **P1:** Ele já está careca de saber. **E11:** Ele já está careca, não mudou. Ah, a pessoa caiu. Tudo bem, ela me contou: "Sabe que eu caí? Sabe que eu fui pro hospital?" Daí eu anoto no meu relatório: foi para o hospital, caiu, está... Ah, está com um problema de incontinência urinária, porque a pessoa vem e comenta com você, mas se você perguntar ela fica morrendo de vergonha de você perguntar. E você tem que deixar a conversa fluir, você não pode ficar pressionando, fazendo a... pressão na... para a pessoa. **P1:** Deixa eu colocar aqui do trabalho da pastoral da pessoa idosa, eu acho um trabalho TÃO FANTÁSTICO da igreja. **E11:** É, é bom, mas tem seus defeitos [risos]. **P1**Ah, é? **E11:** Eu sou muito crítica, eu sou muito chata, sabe. Eu sou muito... nossa, eu sou uma crica. Eu falei para... "Olha, você está pegando a pessoa errada para fazer entrevista, porque você sabe que eu sou marrenta..." Ela insistiu, então. EU SOU MUITO CRITERIOSA PRA CERTAS COISAS, tá? Por exemplo, nós temos aqui dessa... dessa capacitação que eu fui fazer. A gente tem o Estatuto do Idoso, ele tem não sei se 10 ou 12 anos... **P1:** 2003. **E11:** 15 anos então? **P1:** 15 anos. *[frase*

inaudível]. **E11:** É, 15 anos. 15 anos atrás você não ouvia falar nada de políticas públicas, aliás, você NÃO OUVIA falar de políticas públicas. MUITO menos para idoso. Só que a gente já estava envelhecendo desde que nasceu, lá pra trás, tá? E nunca ninguém se preocupou com isso. Por que? Porque a gente morria com 60 anos. E não tinha problema de aposentadoria, não tinha problema de sentar na frente do ônibus sem pagar. **P1:** Já tinha morrido mesmo. **E11** Já tinha morrido. Então nunca houve uma política pública para idoso, porque o idoso nunca ficou idoso. Ele nunca teve essa necessidade, né? Pobreza era pobreza, miséria era miséria, o idoso que tinha o dinheirinho dele, o soltinho dele lá se fosse maltratado pelo filho, se fosse roubado pelo filho, era uma outra história, né? Não tinha estatística para isso, tá? Então o quê que nós temos que estar voltados para o idoso? Há 20 anos. De 20 anos para cá é que as pessoas começaram a se preocupar com o idoso. Só que quando eles abriram o olho o troço estava velho demais. *[palavra inaudível]* Já estava... o pessoal já estava muito, muito além da velhice. E daí? E agora, o quê que vai fazer? Uma das primeiras... é... palestras que eu fui ver, foi de uma enfermeira. O nome dela, eu não esqueço o nome dela, J. Eu até gostaria de encontrar essa pessoa. E ela disse assim — eu tinha 50 anos... eu estou com 65, então eu estava com 55, por aí — "Vocês já pensaram, se o governo vai conseguir pagar o ônibus para todo mundo?" Ela assim: "Política pública que todo mundo reivindica, que quer, que não sei o quê." Que é a partir de 60, né? Estavam pedindo a partir de 60. "Eles não vão conseguir pagar nem com 70. Vai dar um caos, vai dar um problema sério. Qual empresa que vai oferecer um serviço bom? Nunca tivemos um serviço bom, é... de graça. Quem vai pagar?" Foi naquela época que eu comecei a ver que a pirâmide estava começando a inverter, né? E agora ela tá praticamente invertida, né? Ela não tem mais sustentação. Então eu fiquei pensando: "Meu Deus, realmente né? Não, não tem." E hoje que eu não pago mais ônibus, eu completei 65 esse ano, aí que eu estou vendo: "Meus Deus do céu. Olha, o ônibus está entopedado de gente que não paga ônibus, como é que vai ser isso?" Ninguém pensou nisso. Ninguém pensa nessa política para idoso. Então a palavra que eu conheci a pouco tempo, que eu... que eu tomei conhecimento a pouco tempo, eu conhecia ela, é velha, mas eu nunca me importei com ela, que é prevenção, tá? A base hoje das coisas seria a prevenção. Eu estou falando isso, porque eu tive um câncer e por falta de prevenção, é que eu peguei o miserento, entende? Hoje já estou quase curada, né, não tenho mais, fiz a cirurgia e tal. Mas essa palavra pesou tanto, tanto, tanto, porque cada médico que eu fui *[palavra inaudível]*: "Ah, a senhora não fez prevenção, a senhora não se previniu, né?". Aí, levando para o meu dia a dia, porque o problema do câncer já estava resolvido, não era meu, já tinha operado, tava tranquila, eu comecei a pensar: "Mas a prevenção é para o idoso também que também não faz nada" Entende?. "Ah, tem pressão alta." QUANDO que você ouviu falar que tem que cortar o sal? Há quanto tempo você sabe disso, que tem que cortar o sal por conta da pressão alta? Agora, tem pouco tempo, mas eles sabem disso há muito tempo. O... Uruguai tem uma lei no restaurante que você entra no restaurante e não tem sal na comida e você tem que pedir para o garçom o sal, porque eles não servem na comida e não põem na mesa. Eles tem um saleiro pendurado em alguns restaurantes. Eu sou contra o Mujica, mas o Mujica fez uma coisa interessante, porque BAIXOU sensivelmente o problema de pressão alta do povo. E não... e de infarto, e de derrame, de qualquer coisa lá diminuiu, porque houve a prevenção, entende? Cigarro! A gente já tem um histórico mais antigo um pouquinho, mas morreu muita gente. E se tivesse feito antes essa prevenção de que o cigarro... a gente teria menos... menos óbito, né? **P1:** É. **E11:** Então é isso, eu acho que parte desse princípio. Eu não sei se respondi a tua pergunta aí. **P1:** Mas é claro que respondeu. **E11:** Esse é o meu... meu ponto de vista. **P1:** Uhum. Tá, voltando para nossa questão da informação. É... Depois eu quero voltar para essa questão de novo. Deixa eu seguir aqui o... [risos] senão eu me perco. **E11:** Desculpa eu te atrapalhar [risos]. **P1:** Não. Não. Não. Não. Jamais, jamais me atrapalhará. Deixa eu perguntar uma coisa: É... Quais são as necessidades de informação suas e que você percebe dos idosos também do dia a dia. Necessidade de informação: Pegar o ônibus, saúde, banco, assim, da mais simples até a

mais sofisticada, quais são as necessidades de informação que você sente? **E11:** De informação? A gente não tem informação. Vou ser radical. A gente não tem informação nenhuma, muito pouco, o que tem é quase zero, tá? Pondo em prática. Ônibus, tá? Eu tinha uma senhora... Tem uma senhora do grupo que ela está ficando... ela está com 80 e... não, 80 anos, ela fez agora, então ela está com dificuldade nas pernas, ficando meio dura, tal, anda de bengala e ela sempre reclamava, ela dizia: "Você vai naquelas p. lá, você fala para eles arrumarem aqueles sensores de baixar ou que eles encostes perto da guia, tá? "Por que?", "Porque eu não consigo subir... O degrau fica muito alto, então às vezes tem gente que vem e tem que me ajudar a subir dentro... no ônibus. E quando eles me veem, já nem param mais porque ..." Aí eu digo: "P., que saco, né?" Eu digo: "Mas é uma coisa tão..." Aí eu fui participar de uma... um negócio que teve na OAB, é sobre... foi com o T., foi sobre mobilidade. E daí eu falei: "Seu T., por que que vocês não fazem mais ônibus com..." Lá no Japão tem, vêm até o chão, né? "Por que que vocês não fazem esse ônibus aqui? Essa articulação para... para pessoa de idade?", "Não, a senhora sabe quanto que custa um ônibus desse? 300 mil reais pra fazer essa adaptação." Aí eu digo: "Tá, não precisa ser todos, né, mas então a gente faria um esquema de... melhor né? *[palavra inaudível]*" Aí voltei com a resposta para ela e disse: "Olha, é muito caro. O cara lá não quer fazer." "Tudo bem." E eu tenho as perninhas curtas, né, e hoje eu estou sentindo que a minha mobilidade já não está a mesma. Então já tenho dificuldade de ter que descer no asfalto para depois subir no... primeiro degrau. Então mobilidade (+) se eu não tiver... acesso a mobilidade: ei, não vou poder sair de casa nunca, tá. Aí eu vou ficar... isso já me tira um pouco do meu empoderamento, tá. Então já começa por aí. Eu não posso falar... questão de saúde, eu não posso falar nada, porque como eu estou em clínica particular, eu tenho o plano, então eu não... é difícil né, porque daí o tratamento é diferente... Mas uma vez eu precisei de ir no pronto socorro e morri de vergonha, mas eu tinha que ir, porque não teve jeito. Eu fui pescar e enfiei um anzol no dedo, mas o miserento enfiou tudo, né, ele fez até a voltinha e daí eu não conseguia tirar. Fui na farmácia a farmácia não fazia: "A senhora vai ter que ir no hospital". Eu digo: "Não acredito que eu vou ter que ir no hospital por causa disso aqui." "A senhora vai ter que ir porque eu não vou fazer. Ou a senhora puxa *[frase inaudível]*" Fui para o hospital. Eu fiquei quatro horas lá para eu tirar aquele anzol do dedo. Eu estava morrendo de vergonha, porque imagina: "Ah, a velha aí pescar e se pescar." Pior coisa. **P1** Se pescou [risos]. **E11:** Se pesquei. Cheguei lá, ainda pego um estudante, né? Ele anestesiou, tal, a médica chefe disse: "Ah, você vai ter que cortar aqui do lado, porque você não conseguir fazer a volta, porque senão você vai rasgar mais. *[palavra inaudível]* rasgar por rasgar, então rasga do lado que você tira ele e não... não machuca mais, né?". Ai, o cara acho que estava com um bisturi cego, né, porque não era possível. Eu já tava olhando, né, mas sabe sentindo aquele negocinho? Daí eu fiquei... fiquei doida da vida... Quatro horas num hospital para eu tirar um anzol, entende? Eu já disse: "Eu não vou pagar!" Meu marido disse: "Por que... eu avisei que a tua vara tava quebrada!" Então foi castigo. Eu tive que ficar ali, aí que eu senti o drama de... ter que precisar de um hospital público, né, aí que eu senti. Fiquei vendo por quatro horas, fiquei vendo a situação ali dentro, né, do quanto era ruim aquilo ali. Então eu acho que o público ainda está... está complicado. Eu não posso reclamar porque eu tenho... A equipe do meu médico é boa, meu médico é bom, aonde eu vou fazer os exames é *[palavra inaudível]*. **P1:** A senhora reconhece que é um atendimento diferenciado? **E11:** Diferenciado. Não tenho... não tenho nem dúvida. **P1:** Uhum. E agora eu quero perguntar da senhora: Quais são as suas necessidades de informação e de conhecimento de um modo geral durante um dia? Dois dias? Três dias? **E11:** Bom, eu me viro com o *face*, né, com o telefone. Eu... **P1** Usa o *Smartphone*? **E11:** O Smartphone. Então eu não tenho... É bem capciosa essa sua pergunta [risos], mas... não, eu não tenho... *[frase inaudível]* **P1:** A senhora vai direto no celular quando tem alguma necessidade de informação? **E11:** Vou. Vou. De informação. **P1:** O quê que a senhora costuma pesquisar no celular? **E11:** Tudo. Desde uma doença até uma letra de música. Às vezes... Ontem a gente estava no ensaio e queria saber um

autor, queria saber uma música. Enfim, qualquer coisa é *Google*, né? Então eu tenho aqui. Por isso que eu ainda tenho essa... mobilidade, né? Para mim não me faz falta. **P1** Uhum. O quê mais que a senhora procura no *Google*? **E11:** Questão de saúde, né? Às vezes você tem... Você faz um exame, vem uma palavrinha miserável lá, você vai para o "doutor", né? Tá, você vai saber o quê que é. E já me tirou de situação bem complicada. Meu marido é, ele não é hipocondríaco, ele é medroso — eu ia falar um palavrão aqui mas fica chato — ele é medroso e ele foi fazer um exame e veio uma palavrinha que ele não... no nervoso do exame, ele não entendeu aquela... Eu não me lembro qual que é a palavra que estava escrita, mas a palavra que ele entendeu era necrose, tá. E ele chateado. Chegou em casa, sabe quando *[frase inaudível]*: "O quê que houve, J.?", "resultado de exame, olha aqui: necrose." Eu olhei: "J., não está escrito necrose aqui". Era outra palavra, eu não consigo me lembrar. Aí eu digo: "Meu Deus, mas será que sou eu *que estou [enxergando mal]?"* Aí eu li e vi: "Não tem necrose aqui." Minha filha chegou: "Oh P., procura necrose aqui", "Mãe, não tem. Não está escrito necrose aqui", "Mas então dá onde é que o teu pai tirou isso aqui? Então vamos ver o nome da doença aqui." *[fez sinal pegando no celular]*: "Mãe, está aqui, olha. A doença que o meu pai tem é essa daqui." **P1:** O que que é? **E1:** Gases. **P1:** [risos]. **E11:** Aí eu digo: "Não... Pesquise direito." E isso porque ele estava arrasado no sofá, jogado, né, encomendando o caixão, já né. **P1:** Fazendo o plano funerário? [risos] **E11:** Sim. Daí eu falei: "Ô queridão, o negócio é o seguinte: você... sabe o quê que é que você tem?" — Com aquela cara de desgraciado dele — "Sabe? Aqui olha. Não J., o que você tem é gases.", "Ah, vá", "Está aqui J. Olha, a palavrinha aqui não tem nada de necrose, tá? O que tem aqui é que você tem gases.", "Mas como que você sabe isso?", "Peguei o *Google*, botei aqui e o doutor está falando.", "Ah, você vai tudo nessa história, porque não sei o quê.", "Então está bom, então você marca consulta amanhã e eu vou junto com você". Fui no médico com ele: "O senhor sabe o que senhor tem?" Aliás, não... foi no dia seguinte. Aonde ele trabalha tem uma enfermeira e ele falou... levou o papel para enfermeira ver: "Você vê aqui. O Necrose aqui?", "Que necrose? Não é necrose, seu J. O senhor está com gases.", "É?" Ela: "É.", Então tá, vou no médico, né? Vou ver". Chegou lá adivinha qual foi o remédio que o médico deu pra ele? **P1:** Simeticona? **E11:** Não. Luftal. **P1:** Luftal é Simeticona [risos]. Gotinhas ou em comprimidos? [risos] **E11:** Gotinhas, porque é mais barato, né? [risos] Rende mais. Não precisa colocar 40 gotas, eu coloco trinta que já me resolve o problema, né? **P1:** Entendi [risos]. Entendi. **E11:** Entendeu? Então... hoje, a minha... o que eu preciso... eu realmente sempre me virei pesquisando, me informando, eu não fico parada no tempo. Então eu não... Minha dificuldade eu resolvo rapidinho, rapidinho. *[pausa na transcrição de 40seg de áudio]* **P1:** Entendi e me diz uma coisa: faz muito tempo que a senhora está usando o *smartphone*? **E11:** Desde que eu comprei ele. Faz... Eu fui uma das primeiras a comprar. O celular, né? Daí quando já consegui... sempre atualizo... Faz tempo já que eu... que eu... **P1:** Tipo cinco anos? **E11:** Tranquilo. Tranquilo. **P1:** Entendi... Então não era enquanto estava idosa que comprou, né, o *smartphone*. Já é tecnológica antes...? **E11:** Não, Não. Já é... É. Não, sempre... sempre a gente foi bem inserido no contexto aí, no mundo digital. Meio analfabeta digital, né? Porque hoje em dia você não alcança mais. O que um celular tem hoje você não alcança. **P1:** Mas nem o jovem também. Não é nem o idoso que não alcança, o jovem também não. Me diz uma coisa, você tem ouvido falar do contexto das *Fake News*? Das notícias falsas? **E11:** Sim. Bastante. **P1:** Me conta um pouco das coisas que você tem ouvido falar. **E11:** Política, né? Política. Eu acompanho muito política. Interessante que antes eu sempre fui apolítica, sabe. Nunca me interessei, governo, nunca fui partido A, partido B, nunca fui. Quando eu estava fazendo meu tratamento, estava bem no auge da questão da... da Dilma, do *impeachment* dela. E eu acompanhei todo o processo, porque daí eu não podia sair de casa e eu comecei a acompanhar mais profundamente ali a... questão da política, né e sabia tudo e ficou por hábito. Eu acordo de madrugada, às vezes perco o sono, vou ver o *Face*, né, para ver. Questão de acreditar ou não é, antes você compartilhava, né. Agora não, agora não compartilho

mais. Não compartilhava questão de política, mas muitas vezes aconteceu: "Tal pessoa... está sumida, ajudem essa pessoa, não sei o quê." E eu já replicava o negócio, né? Daqui a pouco vinha: É mentira. Então eu: "Pera, vou segurar aqui, vou ler... espero alguém colocar mais sobre o assunto". Se eu acho que é necessário eu replicar, eu replico, senão não, sabe? [frase inaudível]: "Criança doente, gente que precisa de dinheiro, se você... não... não replicar, você vai... tua vida vai andar 10 anos para trás." Esse troço aí eu não faço mais, tá, eu não caio. E as *fakes* realmente é questão de política, eu tenho visto muita coisa, né e não... não replico mais, não...não caio mais nessa. **P1:** Uhum. E me diz uma coisa: A senhora faz alguma coisa para ver se é verdade, tem algum mecanismo? **E11:** Não, eu só guardo. Porque assim, se é verdade, logo vai realmente... outras pessoas... Eu tenho pessoas de referência, com quem eu... a gente é dos grupos, né. É aquela história, se a pessoa me falar... e eu sou do seu grupo, então muito bem, eu vou acreditar no que você fala. Por exemplo, não sei se a doutora M. H. falou com você... acho que não, né? **P1:** Não. **E11:** É, mas a doutora M. H. que é do Idoso em Foco, então se ela publica uma nota, eu sei que é verdade, tá. Então eu posso tranquilamente passar para frente, porque ela não vai... colocar besteira. Então ESSE é o meu parâmetro: "Não, espera aí, mas se é falou então ela está certa". Então eu posso passar para frente a notícia, se não, não passo... nem com dúvida, porque eu já passei um troço uma vez que colocaram um negócio do feijão, que o feijão tinha bicho e o bicho do feijão dava... p., dava uma doença para acabar com humanidade... IA acabar com a humanidade: "Ah *[frase inaudível]* meu Deus do céu, não vamos mais comer feijão!" "M., tira que é besteira. Não existe isso". *[Frase inaudível]* Não me lembro o quê que tinha que fazer com o tal do feijão lá que era... *Fake*: "Não passe para frente que você está passando vergonha!". Entende? Então... esse é meu *[palavra inaudível]* ali né. Se a pessoa... e eu não vejo necessidade de ficar passando a não ser que seja uma coisa MUITO, muito, muito... interessante para passar para frente, se não, não passo não. **P1** Entendi. *Deixa eu ver se ta tudo certo aqui...* A senhora está com pressa? **E11:** Não. **P1**: Ah, tá. É que eu estou aproveitando as coisas que a senhora está falando. Deixa eu falar mais algumas coisas aqui (+) Eu ia perguntar como que a senhora participa da comunidade, mas eu já tenho visto que tem a Pastoral da Pessoa Idosa, o Coral, a rodoviária: me conta mais sobre essas coisas... o Conselho do Idoso.. **E11:** O conselho do Idoso eu não sou mais conselheira. Acabou o meu período, eu fiquei quatro anos aqui no do estado, daí eu passei para São José e fiquei quatro anos de assistência social e quatro anos do idoso, daí eu saí que daí não posso mais né. Teria que abrir uma outra entidade para que me convidasse para ir, mas eu estou achando melhor eu ficar um pouquinho fora. Hoje eu estou voltando mais para o meu projeto que é o Infinito Saber, e tem essa minha amiga que ela tem uma... um centro dia ali no estreito (+) e é particular. Ela é uma pessoa muito bacana, eu gosto demais dela, quando... voltado mesmo para o idoso, ela é de São Paulo e ele veio com uma bagagem fantástica de la né. E é isso que a gente tem que ver, tem que ver o novo. O que está lá para trás a gente já viu, já reviu né, tem que ir aprimorando. Então ela está fazendo um trabalho muito bacana e eu procuro dar apoio pra ela. O meu apoio nunca é o trabalhar, o colocar a mão na massa, cuidar do idoso, não. Eu sou uma pessoa que penso (+) devo parar, ficar pensando, daqui a pouco eu tenho uma ideia: "Ô A., faz isso, experimento fazer isso, tá, vê se vai dar certo" "Ah, boa ideia, vou fazer". *[palavra inaudível]* esse dias hoje a gente estava conversando... Eu estou com uma dificuldade grande, porque eu estou com uma sogra e minha irmã que estão com *Alzheimer* (+) lá em Curitiba — eu não sou daqui, né — Então esses dias a minha sobrinha pensou... me ligou: "Tia, você que entende mais de..., está mais voltada com o idoso, me ajude. Minha mãe está com *Alzheimer* e eu não sei fazer nada". Eu digo: "Nem eu". Não tem... O *Alzheimer* é uma coisa que... é uma doença praticamente nova e ninguém sabe para onde que vem, para onde que vai, né, só sabe que vai morrer, mas (+) para aliviar, né, o andar da pessoa, né, como é que fica. Aí fiquei pensando "A., abre uns cursos, umas palestras, para os familiares de quem tem *Alzheimer*, não para quem tem *Alzheimer*" Porque ela... Impressionante que as pessoas que estão ali.. Ela tem quinze pessoas: praticamente

todas com *Alzheimer*, SEM ela abrir para isso, entende? Foi puxando, foi vindo, foi vindo e com essas quinze que estão ali ou já estão bem adiantados ou está no comecinho. “Boa ideia”. Então ela pegou uma psicóloga — não me lembro o nome — uma gerontóloga se não... não me lembro e... Não é Alzheimer, tá? Eu porque eu não gravo mesmo. **P1:** [risos] Não, fique tranquila [risos]. **E11:** É e daí ela começou a fazer. Minha filha tem uma amiga, MUITO amiga dela, que a mãe dela está com *Alzheimer*, tá e ela disse assim, reclamando que um dia ela foi lá na minha casa, reclamando assim: “Ah, eu não sei como lidar com a minha mãe, porque... eu que lido com toda parte financeira dela: comprar roupa, comprar remédio, comprar coisa. Quem administra é minha irmã, e minha irmã só pega o dinheirinho dela e hoje que eu estou com toda a carga maior, a minha mãe não me conhece mais, né e eu não estou conseguindo trabalhar isso na minha cabeça”. Eu disse então: “Vamos lá”. Aí ela foi para essas palestras, né. É a noite (+) e foi bom. Já teve três e agora eu falei pra ela, vamos intensificar isso daí, porque isso é muito importante. Como tem o pessoal do *Parkinson*, né, eu acho que é importantíssimo fazer uma fundação, um grupo ou sei lá eu o quê, para que essas pessoas troquem ideia: para uma ajudar a outra. A familiar, não é o doente. Entende? Então tem coisas assim que saem realmente... Só que daí eu vou em cima, né, fico enchendo o saco: “E daí? Como é que está? Vamos lá, vamos continuar! Vamos fazer”. Então eu estou deixando meio de lado coisas que eu não consigo resolver. Não adianta eu ir no conselho... Eu levo 30 dias para mim dar... Eu falo: “Oi.” Eu levo 30 dias para receber o “oi” de volta. Sabe? Então o conselho é muito moroso, muito... muito lerdo. **P1:** Tudo que é vinculado ao poder público, né? **E11:** É lerdo. Não tem agilidade, não tem nada. **P1:** Entendi. (+) Uma outra pergunta que eu geralmente faço é: O quê você procura no SESC? Na sua... No seu caso, o SESC foi um lugar onde, na verdade, você achou um espaço onde você pudesse exercer as suas coisas. Eu queria que você — para o contexto em que você está inserida — que você me contasse o quê você procura no SESC. **E11:** Bom, como ele é voltado para pessoa de idade, né, eu gostaria que o SESC... tivesse um olhar diferente para o idoso, tá? Porque o que ele tem é muito superficial. Por isso que te digo que essa conversa que tenho com as... com o pessoal do coral, que a gente faz, você vai na essência da pessoa. Uma coisa que grupo de idoso NETI, DESC, Prefeitura, todos esses grupos eles não vão na essência. **P1** O quê que seria a essência? **E11:** É de você saber realmente. Você sentar do lado de uma pessoa, olhar para ela e: “E daí J., conte o que você tem. Qual que é o teu problema? Qual que é a tua dificuldade?”. O que você está fazendo comigo: Você está perguntando qual que é a minha dificuldade dentro do SESC. Entende? Então não tem uma pessoa que pare para fazer isso. “O quê que você quer do SESC? ” (+) “O quê que você quer?”... Você pode ver que é uma coisa que a gente volta sempre na mesma pergunta: “O quê que o idoso quer?" O quê que eu, uma pessoa idosa quero que façam para mim? E eu acho que o que o SESC e as outras entidades fazem é o superficial, não é o pegar na base. Eu sempre digo que os grupos de idosos, eles fazem — não é o caso do SESC — o “BBB”, tá: Bingo, Baile e Bolacha. **P1** [risos] Ah, entendi! Bingo, Baile e Bolacha. **E11:** Bingo, Baile e Bolacha! É o BBB, tá, por quê? Eles fazem um bingo... Voltamos aqui a 15 anos atrás, 20 anos atrás quando começaram os grupos de idosos. Então, foi uma febre, né: “Ah eu estou no grupo de idoso da igreja, da paróquia, do *[palavra inaudível]"* Tudo quanto é lugar, né. "Muito bem. O que você faz la?" “Bingo”. (+) "Tá. Muito bem. E daí? O que mais?" “Ah, tem... bolacha... bolacha, né, o lanche, bolachinha. E de vez em quando tem baile!”. Aí eu participei da Terceira Conferência Estadual do Idoso lá em Camboriú e tinha uma amiga minha, uma das nossas lá que é M. M. também — duas pimenta que eu vou te contar uma coisa — assim: “Eu não posso fazer uma moção, mas você pode, tá, você é da mesa então você vai fazer. Faça uma moção aí que... para acabar com o bingo dentro do...” *[palavra inaudível].* "Mas não é só o bingo, tem que acabar com o bingo, bolacha e o baile." Daí ela disse assim: "Então faça."... Ela pegou e escreveu a moção que ela queria, né, para acabar com os bingos, os bailes e a questão do lanche ela vinha um pouquinho mais para cá, tá? Mas... a gente foi vaiado por 600 pessoas quando nós levantamos a nossa moção, tá,

porque eles não queriam isso. Eles queriam que continuasse o bingo e o baile. E isso eu até estou roubando da M. M., né, que ela me explicou: “M., o bingo ele não sociabiliza ninguém. Você pense... você já foi em bingo de igreja?" "Já." “O quê que você faz? Você senta ali com as tuas cartelinhas na frente, né, põe os milhos aqui e você fica escutando a pessoa falando. Se a pessoa do teu lado te chamar ou conversar qualquer coisa: Putz, perdeu a pedra e você ia ganhar um pote de nada” *[palavra inaudível]*: “B., porque você tem que falar bem na hora e eu perdi minha pedra aqui." Tá? **P1:** [risos] perdi o pote. **E11:** Perdi o pote de nada aqui, tá. Tudo bem. Aí a pessoa tem o filho que vai lá e dá 15 reais para mãe comprar banana, maçã, tal, tal, tal, tal, né, comprar luma verdurinha. “15 reais?" AQUI que eu vou comprar banana. Eu vou lá no bingo! Eu vou comprar as três cartelinhas, daí eu tenho mais chance de concorrer, tá e já não vou sentar perto daquela, porque aquela lá só fala. Eu vou sentar perto dessa aqui”. E “essa aqui” fala a mesma coisa, porque o que eles querem é conversar, mas na hora do bingo não pode falar. Então não tem sociabilização nenhuma. O baile? “Não, mas o baile é bom, né? ” “*[palavra inaudível]* é ótimo o baile.” Não é. Tem 30 mulheres para um homem, tá, por isso que elas dançam todas juntas, mas se tem UM varão no baile, está feita a encrenca, por quê? Todas elas querem dançar com aquele varão e daí o quê que acontece? Elas brigam, porque: “Ele queria dançar comigo e não com você e você foi lá toda besta, toda metida e você foi dançar com ele”. Não sociabiliza, tá. A tal da bolacha, que não é bolacha: "Vamos no baile de volta. Vamos no bingo." “O quê que tem hoje para o lanche?” “Hoje nós temos cachorro quente, nós temos bolacha, nós temos suco de pacotinho, né, nós temos café com leite”. Bom, cachorro quente não é comida para idoso. Bolacha não é comida para idoso. Ki-Suco não é bebida para idoso. Café com leite: Quanto idoso que tem intolerância. O açúcar do café. O leite. Entende? Então se você... "Ah, mas..." P. então por isso que a gente foi vaiada, né. "Vão acabar com tudo. O que nós vamos fazer?” Nós vamos dar trabalho para esse pessoal. Vamos pegar as coordenadoras — que é muito fácil — elas vão vender tudo isso daqui por 15 reais, embolsa uma parte, né, compra um monte de pote de um e cinquenta, um e noventa e nove lá, e faz o sorteio de toda aquela porcalhada lá toda, né e ganha um dinheirinho por trás. Tinha gente que emprestava... “M. M...” tem gente que empresta dinheiro a JUROS do dinheiro que lucra do bingo, mas elas não querem ver isso.... Olha, na época deu processo, tá... Uma processando a outra lá... ainda bem que não me processaram, porque eu não continuei na coisa, mas a M. M. ela era assistente social e se pegou com uma outra assistente social que era... olha... foi um rolo do cão. Tá? Deu briga mesmo, deu briga feia. Entende? E daí você passa a pensar... passa a ver por esse lado, tá. Quando eu vim aqui para o SESC, a primeira coisa que eu digo: ″Vocês não tem bingo lá, né?" “Não.” "Nem baile, né?" “Não, também não.” “Ah, então tá bom, então eu vou levar o grupo.*”* Porque o meu grupo é para cantar. Elas querem CANTAR. Nós fomos fazer um piquenique no Lagoa do Peri, você conhece aqui, né? Na Lagoa do Peri. Aí a gente estava... estava eu sentada lá e vi longe um cara com uma flauta. Daí eu disse assim: “Quem que é a mais cara de pau aqui que vai pedir para aquele cara vir tocar flauta pra nós aqui?" **P1:** Foi você que foi? **E11:** Não. Eu queria ver quem que ia né, aí levantou uma lá e foi. Pediu para o moço: “Ô, você não quer ir tocar flauta para nós lá?" O moço veio. Ele era argentino, aí ele tocou *[palavra inaudível]* né, da flauta. Muito bonito. E aí o maestro *[palavra inaudível]*: "*[frase inaudível]* o coral vai cantar pra vocês." Acho que nós estávamos em umas treze mais ou menos. Então elas cantaram para o rapaz, foi uma confraternização muito gostosa. Ali ficamos um tempinho ali um cantando para o outro, né. Então foi uma coisa muito interessante. Canto. Canto desafinado, canto de qualquer jeito: ali naquela hora tava valendo tudo, né. Então é a integração das pessoas. Tinha nosso lanche, tinha Porcaritos, tranquilo né, mas a gente já tem uma ideia dos nossos encontros que é menos porcaria... mais coisa... sérinha para comer né, senão... Senão você já imaginou, eu saio com um grupo desse e uma pessoa tem uma crise de diabetes e alguma coisa, e DAÍ? Como é que eu vou ficar? Eu não sou a responsável eu estou convidando: "Vamos junto?" Né, "Quer ir junto, vamos. Tal dia a gente vai se encontrar."

[pausa na transcrição de 1min8s de áudio] **P1:** Deixa eu perguntar... uma coisa para senhora: O que leva a senhora a continuar ou o que levou a senhora a desenvolver esse negócio de coral com idosos? **E11:** Eu gosto de música, esse já é um ponto. Esse coral, esse grupo, começou de uma brincadeira, tá. Ele começou em 2012, final de 2012. Uma senhora que ela que é mentora do coral e ela disse assim: "Vamos fazer o seguinte: vamos fazer um grupo (+) na rodoviária para recepcionar o pessoal. Vamos fazer um *flash mob*, tá?" Aí eu digo: "Boa ideia, vamos lá, vamos *[palavra inaudível]* as pessoas tem." E eu tinha o maestro, tinha pessoal tudo e foi... começou a fazer. E nós fizemos, foi filmado até pela *Record* se não me engano, tem filmagem tudo... a gente foi naquela parte do embarque ali, aí uma senhora com microfone ela começou a cantar o hino do Amor à Ilha. Rancho do Amor à Ilha. Começou a cantar, ela tem uma voz muito boa... e depois foi juntando o pessoal ali e foi. Ficou bacana. Nós fizemos acho que outra apresentação ali, né, mas a filmada foi uma só. E essa senhora é uma artista, né, ela... pessoa muito volúvel, muito (+) assim e ela de vez em quando largava o grupo e eu tinha que continuar. Aí ela assim: "Olha, é o seguinte, eu peguei um negócio para você, você vai até Camboriú..." Eu: "Ops, pera aí um pouquinho, tenho marido, tenho família, tenho... eu não tenho dinheiro, como é que eu vou pra Camboriú para ver o negócio?" "Ah se você não quiser vir então tá, estou fora. Vou sair fora disso aqui..." *[palavra inaudível]* "Então tá bom então. Sai fora." E agora eu fiquei com o grupo. E a gente já estava com apresentação marcada. Aí eu digo: "Olha, ela vai vim aqui, daqui a pouco ela vem continuar né". Não. Não apareceu mais. Não apareceu, daí depois ela diz que eu roubei o grupo dela. Eu digo: "Tudo bem, então foi um bom roubo que eu fiz, né." Lutei bastante com essa palavra "roubo", roubo, roubo, roubo. *[palavra inaudível]* Se eu roubei *[palavra inaudível]* que eu roubei, roubei bem, tá, porque hoje o grupo continua com o mesmo nome, mas ele não... ela ficou oito meses mais ou menos, e o grupo já tem desde 2012, ele tem, vai fazer sete anos. (+) E vendo essas senhoras de idade cantar na rodoviária é que me estimulou, porque elas cantavam com o coração. Elas cantavam com a alma. A gente que é idoso, a gente tem um pouquinho às vezes até de preconceito de não se expor muito ao ridículo, né. De você... Eu pelo menos, como eu sou tímida, né... Então, se pudesse andar com guarda chuva na cabeça, andava né. *[palavra inaudível]* "Meu Deus, olha esse pessoal aí, que coisa mais linda, pessoas de idade, ninguém está escutando nada, porque acústica é horrível né, mas eles estão ali encantando com carinho e convidando pessoal." Sabe? Aquilo foi cada vez me envolvendo mais, não só com o canto, né, que eu já gostava, mas com as pessoas. E daí a gente foi, foi ficando, foi ficando, foi ficando, aí nós fomos num casamento ali, de duas pessoas que se conheceram ali. Os dois já morreram, tá. Se apaixonaram se casaram... ela sempre dizia: "Os anos mais felizes da minha vida foi agora, tá, porque ele faz tudo, ele pinta minha unha, ele pinta meu cabelo, ele faz meu pé, ele lava a roupa, ele faz tudo." E ele dizia que... a velhice dele... ele tinha encontrado uma pessoa para ser companheira dele. Então eles viveram três anos juntos mais ou menos, daí... ela morreu primeiro, depois ele. Morreu ano passado. Então... isso só... só fez crescer e depois você cria um vínculo de amizade que você não... Eu tenho amizade com todas que saíram do grupo, né; por um motivo ou por outro, a gente tem amizade ainda, né. Pessoas que estão com mais de 90 anos, não participam mais, mas a gente continua com o mesmo contato e outros por "n's" motivos que não estão no grupo, né. Então... o primeiro... o fundamental é música, porque eu adoro música e depois é a convivência com as pessoas, né. Não sei se seria essa até uma ordem certa de se colocar, né. *[palavra inaudível]* Você prefere a música do que gente, né. Eu prefiro os dois [risos], os dois juntos, então... **P1:** Não vamos colocar uma ordem de preferência. **E11:** Não, não vamos colocar uma ordem... **P1:** Cada um no seu... **E11:** Cada um no seu espaço, no seu quadrado. **P1:** Exatamente, cada um no seu quadrado. E uma última pergunta que eu queria fazer pra senhora: Qual é a sua experiência sendo uma pessoa idosa? **E11:** (+) É muito boa essa tua pergunta, pelo seguinte: porque eu, eu tinha uma visão... todo mundo da... todo mundo era velho, menos eu né. Quando eu tive o câncer aí eu tive que parar para fazer uma baita de uma reflexão na vida,

além de eu estar com câncer, eu estava ficando velha. Estava envelhecendo e quanto tempo me resta, né, para eu falar. Daí que eu comecei a fazer... Bom, desde que eu... eu não queria, desde que eu estou nessa encrenca, então essa encrenca seja da boa. Eu não posso... quando eu tive o câncer eu não... "Não me pertence, não é meu. Eu não vou ficar cultivando ele para mim: "Olha, moça eu estou com câncer"". Eu tinha um câncer, já foi embora. Se ele voltar é porque ele é teimoso, mas não porque eu estou... estou fazendo tudo que tem que ser feito. Eu estou idosa. Eu estou, porque é o ciclo da vida, então eu tenho que aceitar. Dentro das minhas limitações, dentro do meu conhecimento, dentro de tudo, eu tenho que tocar desse jeito. Então eu tenho que aceitar muito bem a velhice, porque se eu não aceitar o azar vai ser só meu. Não tem... Não posso te culpar, porque eu estou ficando velha. Eu não posso culpar meu marido, minha filha. Entende? Então eu acho que a gente tem que ter uma visão da... da velhice, né... positiva, porque se você tiver negativa, lascou-se. O maestro ele é uma pessoa que ele é muito... Ele está com 85 anos e ele é muito pessimista, ele é aquele: "Oh, dia. Oh, hora. Oh, dia. Oh, hora." O tempo todo, sabe? E ele olha para você: "Está difícil hoje. Está muito difícil." Eu digo: "Seu V. não está difícil, não tem nada difícil na vida." "Mas está ruim, né? Essa política..." Eu digo: "Seu V., o senhor é político? "Não." "Deixe para ele. O senhor vai resolver o problema do mundo?" "Não". Então não adianta! Tá, a gente tem que realmente, a questão de política. Votei em quem eu achava que... ACHO que tem que resolver a situação do Brasil, mas se eu não ajudar, se eu não... não fizer a minha parte, não adianta eu ficar jogando pedra. Não adianta eu ficar jogando, dizendo "Oh que p., oh que droga, oh que isso, que aquilo". Vou fazer A minha parte. Primeira coisa D. que a gente tem que ver é a compreensão: "Por que que ele está fazendo essas modificações?" Questão de reforma política, reforma salarial, reforma... você tem que entender o porquê. Como eu digo, a reforma da aposentadoria, isso já deveria ter sido feito a muito tempo atrás e esses covardes não fizeram. Estourou a bomba na mão desse cara. O que ele vai fazer é horrível, mas tem que ser feito, porque se não para você vai ser pior. Eu não estou vendo mais por mim, eu estou vendo para o meu neto, para os teus filhos, entende? Então é essa a visão que você tem que ter de tudo na vida. Não é só aquele negócio de ficar jogando pedra nos outros, tá? Você tem que ter o conhecimento e entra na tua primeira pergunta, você tem que ter o conhecimento e você tem que buscar esse conhecimento. Você não pode ser: "Ah, não tudo bem. Oh, ficar sentado aqui, já sou velha, eu resolvo meu problema". Não! Você tem que sair na rua para brigar. Eu saio, eu vou e vou mesmo, porque esses dias, uma das últimas saídas minhas, o J. estava com dor nas costas, ele parou na metade do caminho e ficou tomando sorvete e eu fui até o final e depois eu voltei e ele: "Como você demorou." "Quantos sorvetes você tomou?" Entende? Porque ele disse: "Cansei, não vou." Eu vou brigar pelo que eu acho que é correto. Não vou brigar pelo que eu não... **P1:** Você se sente feliz sendo uma pessoa idosa? **E11:** (+) Não [risos]. Não, porque *[palavra inaudível]*... eu não sei... eu não sei... Eu até li esses dias na *internet* uma resposta muito interessante: "Quantos anos você tem?". Eu devo de ter cinco, seis, porque é o que me resta de vida. Porque esses que eu vivi, eu já vivi, já ficou para trás. O quanto eu tenho, ainda. Isso não é meu, eu não me lembro quem que falou isso, mas eu achei muito interessante e é uma visão que você tem que ter. Eu queria ter 30 a mais, mas eu não sei quanto tempo. Entende? Então... **P1:** Isso deixa você apreensiva? **E11:** Não, não deixa, porque... a partir do momento do câncer eu... eu vou morrer, entende? **P1:** E está tudo bem? **E1:** E está tudo bem. Eu não vou ficar para semente, eu não vou ficar aqui. *[palavra inaudível]* Incrível, quando eu tive... Eu tenho uma amiga em Curitiba, a gente é quase que nem irmã. Sabe aquela que você está conversando com ela aqui, aí você... cada uma vai para um lado e daqui cinco anos a gente volta a falar e volta no mesmo assunto que estava? E eu... e eu fiquei um tempão sem conversar com ela, daí ela disse assim... eu liguei porque ela tinha ganho um neto, né: "Ah, parabéns, tal não sei o quê." Daí ela assim: "E aí, tudo bem aí?" Eu disse "Tudo, eu estou na terceira quimioterapia". "Meu Deus do céu, você está com câncer?" Eu digo: "Estou". Eu não estou mais. Eu já tirei, já não tenho mais nada, está tudo bem. Passou acho uns três

meses mais ou menos ela me liga: “Ô sua c., essa b. pega por telefone?” Eu digo: “Por que?” “Vou começar a minha quimioterapia semana que vem." Então ela também estava com câncer e ela está tratando ainda, né. Ela tem na mama, então o tratamento de câncer de mama é mais pesado do que eu tive que é do endométrio, né, então... **P1:** Endométrio? **E11:** Endométrio... **P1:** É um dos mais difíceis de descobrir. **E11:** É. Então... Mas foi tirado tudo, então não me pertence mais de jeito nenhum, né? E foi logo no começo. Então é isso, é a tristeza de que daqui a pouco eu vou ter que ir embora e eu gosto daqui. Eu queria ficar mais. **P1:** Você gosta de viver? **E11:** Eu gosto de viver. Gosto de viver mesmo e fico com pena quando as pessoas não sabem viver, não sabem aproveitar e que ficam só se lamuriando: "Oh dia, oh hora." Esse é um desenho animado que eu acho que você nunca... viu. **P1:** Eu acho que eu lembro! **E11:** É da hiena. **P1:** "Oh céus, oh *[palavra inaudível]*." **E11:** "Oh céus, oh dia." É esse. Então... **P1:** É isso. **E11:** É isso. **P1:** Muito obrigada dona M., foi muito proveitoso.

NARRADORA 12

P1: Qual é a importância do conhecimento na sua vida? **E12:** A importância do conhecimento é tudo, porque se tu não adquire um conhecimento a cada dia, tu vais ficar parada e nós não estamos aqui a passeio, né, para ficar estagnados. Então gente tem que estar progredindo diuturnamente, né. Então essa é a importância do aprendizado e até mesmo porque da nossa idade, minha filha, aprende hoje e amanhã já não sabe. Tem que reaprender e é uma verdade. Se não tiver continuidade, nós estamos com um grupo de memória que tu te acaba de rir se tu fores lá, porque... Não, são tudo professores, gente que estava na ativa: saiu um pouquinho, já começa parar no tempo. Então estão todas voltando visto que perceberam que estão ficando meio por fora das coisas que não era o que tinha, né. E se a gente não está envolvida... Não é ficar assistindo televisão, coisas sangrentas e isso e aquilo e aquilo outro, notícias extraordinárias... O Temer foi preso, sabias? **P1:** Oi? **E12:** O Temer foi preso. **P1:** Fiquei sabendo no almoço. **E12:** Eu também, porque eu fui lá para frente, senão eu também não sabia. Alguém veio dizer: "C.!", né, então... Mas não é isso que interessa para gente, né. Foi, porque ele tem que pagar as dívidas dele, né? Isso não é... Isso..., né, não é fazer sensacionalismo das coisas que... que acontecem, assim, né. Não, mas estar informado das mudanças, das coisas que aparecem, isso sim. **P1:** Uhum, entendi. Então esse negócio de televisão, a senhora acha que... **E12:** Não, não, não. A televisão já foi muita, ela não está sendo educativa e nem... Agora... tem alguns programas, mas muito pouco. Que são programas de vamos dizer assim... Ai, como é que diz assim... **P1:** Ricos em conhecimento, né. **E12:** Sim, que traz conhecimento. Eu agora me faltou a palavra. Não é... São séries e coisa que mostram, por exemplo, geograficamente vai te mostrando muitos lugares e coisas que vai... vai te ampliando o conhecimento, então isso é muito bom. Tem um nome agora... Idoso é isso minha filha... né. É bem isso daí, pode confirmar que isso é bem assim, mas também hoje né... reportagem nas coisas que te... que têm sustância, como dizia o antigo: que tem, que te traz coisa boa. Não aquele... aquele... né, aquele blá, blá, blá, o fofocal. Não, não, não, não, conhecimento tem que ter e tudo que tu aprende nessa encarnação mesmo. Por mais idosa que tu esteja, tu já estás sabendo um pouco melhor para outra. Não vai padecer tanto, porque... Eu digo assim: Porque tudo que não é pela primeira vez — isso é para criança, é tudo, né, o que te apresenta pela primeira vez é estranho, a segunda já vai ficando conhecida. Aí tu não te assusta, tu não te... né? Mas não é assim mesmo? É isso daí. **P1:** Uhum. Eu concordo plenamente com a senhora. E a senhora me diga uma coisa, assim, necessidade de informação, de conhecimento no dia a dia, assim, eu digo desde para pegar um ônibus — a senhora não pega, né — mas assim, coisa de saúde... **E12:** Até mesmo porque o ônibus é grande para eu pegar, como é que eu vou segurar? **P1:** Pois é, né. Tem que entrar no ônibus, não dá para pegar ele não, né? [risos] **E12:** [risos] Brincadeira, eu estava brincando.

P1: Sabe que eu nunca pensei por esse lado? **E12:** *[frase inaudível]*. Essa é uma das coisas que eu posso esquecer, mas essa coisa de raciocínio rápido, eu não perco. **P1:** Mas que bom [risos]. **E12:** Principalmente para fazer uma sátira, alguma coisa e tal. Eu estava brincando com o pessoal na prefeitura agora, por causa disso aí. **P1:** De quê? Me conte. **E12:** Assim, nós éramos, né, que o cara... Não sei o quê que o cara disse, eu estava brincando com ele justo nisso, né, porque... **P1:** Uhum. Pois é, a senhora está com o raciocínio muito rápido, a senhora. Nunca imaginei que pegar... É, realmente, não se pega o ônibus. **E12:** Se eu pegar hein, Deus me livre, ele vai me arrastar. Já veio todas essas imagens doidas [risos]. **P1:** [risos] Não, melhor entrar no ônibus, né? **E12:** Vamos, vamos entrar. **P1:** Melhor entrar. Então, com relação à essas necessidades de informação e de conhecimento, sei lá, pode ser para pegar um ônibus, talvez para banco, para saúde... A senhora tem durante o dia, assim? **E12:** Tenho. **P1:** E a senhora podia me dar um exemplo. Exemplos. Por exemplo, assim, que já surgiu com a senhora, assim… **E12:** Por exemplo, assim, de não estar a par, né... Hoje eu tenho que tirar... uma negativa de antecedentes criminais, mas é para estrangeiro. Não sai... Eu estou perguntando para todo mundo e ninguém sabe me informar direito. Isso me deixa irritada, me deixa agoniada. Eu sei que não pode pela internet e eles também não sabem, então a gente já vai... já vai explicando para os outros, por quê? Porque eles não têm RG, eles só têm seu R... Registro de Estrangeiro, então tu não pode chegar lá, digitar e tirar a certidão, né. Então saindo daqui, eu vou ver na... Delegacia Estadual se eles tiram para mim ou se tem que ir na Federal. Vou à [palavra inaudível] se tem que ir na Federal, eu espero que não, né. Mas assim... Então são coisas, assim, que a gente... eu também não... não sei qual o local e a gente pergunta pela cidade toda: ninguém sabe dizer. É bem... Então é uma coisa muito ruim não saber onde tem as coisas e como tem. Eu digo: "Não saber é muito ruim. Há uma necessidade muito..", "Ah, mas eu não preciso." Será? Então tem muitas coisas que é... facilitam muito a vida da gente, sabendo, né. **P1:** A senhora tem outro exemplo? De... do dia a dia, assim... **E12:** Por exemplo... **P1:** Esse de hoje está bem fresquinho mesmo, né? **E12:** Sim. Nós... trabalhamos... Nós fomos... Vamos ter que pagar é isso e aquilo, temos dificuldade [frase inaudível]. O aplicativo: se tu sabes como trabalhar ele, como agora eu quero ir lá, eu disse: "Você... Dá para fazer aqui, para pagar?" Se eu entrei, eu já tenho a... de mobilidade eu tenho uma certa dificuldade, por causa do joelho. Se eu posso entrar lá na instituição e já ver o coisa e já passar pelo aplicativo, pagar: eu vou ECONOMIZAR tempo, local e também [palavra inaudível] e prevenção de risco, porque se eu vou atravessar para cá e para lá para ir deslocar. Então são coisas que o idoso... Um aplicativo seguro, não para todas as coisas, mas para pequenas coisas eu acho muito interessante ter esse conhecimento. **P1:** Entendi. E a senhora tem algum outro exemplo? **E12:** O que tu querias mais de exemplo, meu Deus? **P1:** Não, assim... Não sei. **E12:** Não, de saber, porque a gente... Sei lá, porque tudo que... Se tu sabes como... a gente aprendeu ao longo da vida. A gente vai passando e vai vendo, já vai conversando com as pessoas e vai tudo que tu conhece, tu acaba ficando enturmada, tu fica... empoderada das coisas. Senão tu fica deslocada e tu começa a te isolar e é onde pode vir a depressão, porque as pessoas conversam e aquela linguagem não... Hoje até vi que ela não era... não era resistente, mas ela era remitente, parece. Então duas palavras que era... que eram... parecem, assim, iguais, mas resistente não quer de jeito nenhum, a outra remetente já era estar em dúvida. Que para uma defesa de alguém que precisa fazer, se colocar a segunda palavra não te complica. Então qualquer coisa, assim, pode ser pequenininha, que tu conhece que aprende... Enriquece. **P1:** E quando a senhora precisa de informação, onde que a senhora procura? **E12:** Em todos os lugares que tu... que tu podes... que pode se achar informação, mas depois vou filtrar. O filtro é importante, NADA de entrar em qualquer *site* e ficar procurando informações. Como a gente já tem uma base, tu vai ter ideia se aquilo é certo ou não, né... Geralmente: "Oba, amigos." e coisas que tu vai... vai consultando: "Oh, saiu... Eu preciso disso." É assim, vou perguntar, vou pedir para os outros, *[palavra inaudível]*. Eu não sei, eu quero que me digam: "Vamos lá, vamos lá D., o quê que você sabe, passa para mim. Tem algo

que eu possa lhe fazer? Vamos fazer uma troca." Isso é muito importante. Muito, muito, muito. **P1:** Então a senhora procura na *internet*, que a senhora contou. **E12:** De tudo. Na *internet* procura-se... mas também tem o perigo de tu não encontrar as coisas, né? **P1:** Ou às vezes encontrar e não é bem aquilo. **E12:** Pois é, por isso mesmo, né, porque não são confiáveis as... orientações. Então aí tu tens que ter o bom senso de filtrar, de.... ver em outros locais para ver se isso está correto, né? **P1:** Uhum. A senhora já ouviu falar então das *Fake News*? **E12:** Demais. Demais. Demais, *[palavra inaudível] Fake*. **P1:** E o quê que a senhora tem para me contar? **E12:** De *Fake*? Às vezes são tão... Dá a impressão de ser tão verdade, tu acaba sofrendo junto desnecessariamente. Eu acho o tal... o *Fake* são pessoas que não têm responsabilidade nem com... com a notícia... com aqueles que eles estão informando, nem com os que vão receber, porque eles podem distribuir tragédias emocionais, né e tragédia moral ao mesmo tempo, né, em que estão fazendo um *Fake News*. Perdendo a oportunidade maravilhosa de estar informando bem as pessoas e ganhar — eles e os outros — conhecimento e crescimento. **P1:** Concordo com a senhora. A senhora recebe muita *Fake News*? **E12:** Ah, devo... A gente deve receber diariamente e essa coisa... Outra coisa é essa: "Passe por isso. Passe, porque Deus está vendo." Nada, nada disso. **P1:** As correntes? **E12:** As correntes, minha filha. Eu sou sempre... Eu era, eu acho, mais fraco. A gente vai demorando para se policiar, porque às vezes são tão boas as coisas que... Mensagens boas, mas por trás é alguém que está espalhando coisa que não... né. **P1:** Entendi. Então a senhora recebe bastante... Aonde que a senhora recebe? **E12:** No... Geralmente no celular, né. **P1:** No *WhatsApp?* A senhora usa o *WhatsApp [frase inaudível]*? **E12:** É, uso bastante. Uso o *Messenger* um pouco, o *WhatsApp*, o... o *Face*, né? No *Instagram* eu sou meio atrapalhada, no *Instagram* ainda. *[frase inaudível]*: "Ah, não sei o quê, não sei o quê. Um monte de gente lá." Eu digo: "Ainda não estou bem interessada, parece uma coisa de mais jovens." Porque é muito botar, de pôr... **P1:** É. É de fotos mais, né? **E12:** É de fotos, é isso e aquilo, né? *[palavra inaudível]* Não tenho muito interesse de estar divulgando a imagem, né. **P1:** Entendi, mas *Facebook* a senhora costuma acessar? **E12:** Sim, o *Face*. Também o *Messenger*, né, tem algumas pessoas do Messenger, né e o *WhatsApp*, porque é o meu instrumento de... de enviar mensagens todos os dias. **P1:** Me conta sobre isso. Sobre essas mensagens que a senhora envia. **E12:** Eu enviava... eu comecei a enviar, porque alguém disse assim: "C., ai a tua voz dá para... né. Grava." E aí dias se passaram, as coisas foram indo e eu comecei a gravar mensagens... dessa natureza aqui e família unida, está toda unida. **P1:** Está grande a família unida? **E12:** É. [mostrando áudio no celular]. **P1:** Olha que interessante. **E12:** É um livrinho, tem uma infinidade de orações. Então cada dia até a eternidade... Eu reiniciei o ano mandando mil orações dessa por dia. **P1:** Que interessante isso. Então a senhora compartilha isso com várias pessoas durante o dia? **E12:** Sim. Sim. Com vários grupos, né e.... Dá mais de 500 pessoas. Eu tenho um grupo de 240 e poucos, outro de 256, depois tem duas... dois... Não é grupo, são listas, né? Depois tem vários grupos de 50 e poucos... **P1:** Geralmente um minuto e meio como esse? **E12:** Geralmente um minuto e meio. Todos terminam assim: *[frase inaudível]* "Vamos semear sementes de felicidades para serem regadas com gotas de amor de Joanna de Ângelis." **P1:** Ai, que LINDO. Ah, eu adoro essas coisas. Eu também de vez em quando recebo... **E12:** Me pediram para gravar *[palavra inaudível]* agora é de oito minutos, deu. Era para... É daquele de um menino que conta uma história... Um padre que conta uma história de quando menino, das coisas do saber: dar e receber. Que é muito DIFÍCIL receber, né. Então... Uma mãe... Uma mulher estava indignada com Deus, porque a filha dela... Porque a mãe dela estava na cama há muito tempo, quando a vida toda ela trabalhou, trabalhou e deu tudo para os outros. Eu disse: "Mas ela nunca aprendeu a receber." **P1:** Olha, que LINDO. **E12:** Ela ficou como um bebê para aprender a receber. Que era IMPORTANTÍSSIMO para a evolução dela. Que ela fez maravilhas, mas não sabia receber e isso estava fazendo falta na vida dela. Muito, né? **P1:** Que LINDO, mas voltando para nossa questão da *Fake News*... **E12:** Voltamos, porque já divagamos demais. **P1:** Não, está tudo certo. Como é que a senhora faz

para avaliar? Como é que a senhora avalia essas *Fake News?* A senhora vai pesquisar para ver se é verdade ou senhora nem... Ah...? **E12:** Não. Tu olha, tu vê: Segura, não passa para ninguém, tu não faz... não seja... Como é que se diz... Não seja um veículo de espalhar. Aí logo tu fica sabendo. **P1:** Logo a gente fica sabendo se já é... **E12:** Fica sabendo se é. Muitas vezes tu já procura, tem alguém que... ou consulta. Tem uma maneira de consultar, mas nem consulto mais, né: Para ver da fonte isso e aquilo. Se é verdadeiro ou não. Eu resolvi não passar para ninguém e pronto. Espera que logo, logo (+) sabe. **P1:** Entendi. Porque se passar o negócio vira uma bola de neve e a gente nunca sabe, né? **E12:** É. Nós vamos ajudar. **P1:** Vamos ajudar a piorar o negócio, né? **E12:** Sim. **P1:** Me diga uma coisa. **E12:** Duas. **P1:** Olha, duas é melhor, hein. Como é que a senhora participa da comunidade? Que a senhora... Pode ser qualquer comunidade aqui do SESC, comunidade lá no espírita... Como que a senhora...? **E12:** Assim como eu estou contigo: O tempo todo incomodando os outros [risos]. **P1:** Ah, é? [risos] Ai, meu Deus. Isso é ótimo. **E12:** [risos] Toda vida assim. Hoje de manhã eu passei pela Vigilância — porque eu trabalhei na Vigilância Sanitária há muitos anos, né, fui Diretora da Vigilância, isso há muito tempo — então eu passei lá: um abraçava e chorava o outro" *[palavra inaudível]* Ai, que saudade. Ai, que coisa." E quer dizer, assim, que bom o nosso tempo. Ainda bem que nós vivemos aquele tempo, entende? Né? Porque tinha um tempo que eu era mãe de todos, fura bolo e mata piolho, porque tinham alguns que vinham trabalhar de manhã, outros de tarde. Chegava ali, eu já... pegava as coisas, fazia almoço para todo mundo... Hoje em dia a gente já não tem mais... Adoro, assim, FAZER, SERVIR, né, então... MANDAR, receber também é bom, a gente tem que aprender. [risos] Tem que aprender. **P1:** Tem que aprender de vez em quando, né? Mas me conte: O quê que a senhora costuma fazer atividades na comunidade? A senhora falou lá do grupo espírita... **E12:** Sim. **P1:** Né? **E12:** A parte do *[palavra inaudível]*, a parte dessas... dessas de distribuições de roupas e coisa e agora, eu e a minha cunhada, a gente já trabalha para o final de ano. Sempre a gente faz o... Sempre, não. Começamos o ano passado que cada uma fazia em um lugar diferente, né, o Natal para as crianças carentes, né. Então o ano passado a gente preparou para pedir... Disseram que tinham 14. A gente preparou para 17, veio 26. **P1:** Crianças? Nossa, de onde eram? Aqui de Brusque? **E12:** Não... Essa é outra parte de lá. Aqui... aqui na casa espírita a gente tem as famílias temporariamente necessitadas do qual a gente tem, todo final de mês, faz.... uma entrega de alimentos e coisa, mas não só da parte material, espiritual também para ajudá-los, né e depois.... Então ali sempre se vê, né, o que precisa assim. Então eu estou sempre engajada assim. Preciso: "Está aí, olha." Assim como ela diz, né: "Ai...", "Estou dentro, vamos embora. " Desde a hora que a minha... meus joelhos me permitem andar, a gente vai. **P1:** A senhora então é bem participativa na comunidade, né? **E12:** A gente tem... não dá para ficar só em casa, assim, né. **P1:** E aqui no SESC? Me conte: A senhora faz o quê? Três atividades aqui no SESC? **E12:** Duas. Duas. **P1:** Duas. **E12:** É. **P1:** E já fez mais de duas? **E12:** Já, já fiz. Já fiz várias coisas assim, né. **P1:** E me conte: O quê que a senhora procura aqui no SESC? **E12:** Eu? Procuro incomodar [risos]. **P1:** Procura incomodar? [risos]. Isso é bom, isso é ótimo. **E12:** O importante... O importante é o... Porque eu não tenho — assim, na nossa idade tem poucos os que têm — como a minha sobrinha tem, como o meu... minha cunhada tem o grupo de escola, o grupo de aula, o grupo de... Porque eu fiz a faculdade, mas era um grupo avulso, assim, nunca teve união, assim, vamos dizer para coisa.... Mas eles têm grupo que vêem, se reúnem periodicamente e nós principalmente não temos esse grupo e a maioria não tem. Tu tem que formar, ter grupo que tu forma elos. Então a gente junta agora da terceira idade. Vai formando pessoas conhecidas e coisa, mas que não assim, né. Aí a gente vai tendo... E isso dentro do SESC é muito bom, porque tu tens que ter um grupo aonde tu te encontra periodicamente. Isso faz parte da vida, porque se não tiver aquele... coisa, assim, né: "Ah, não. Eu vou coisa... Não, mas tal dia eu estou lá." Aquele grupo vai estar lá. É aquela... né, é a necessidade do ser humano. **P1:** De estar junto. **E12:** De estar junto, é. Saber que tem o nosso grupo. Que a gente estava conversando ali, que a gente vai mais para o trabalho, para as

orações da casa, né, na casa espírita e *[palavra inaudível].* Mas a gente estava dizendo: nós teríamos que ter um fora um grupo daqueles... aquele pessoal como eles diziam: unha e carne, porque as pessoas que a gente se dá muito bem, se encontrar periodicamente para conversar, conversar sem... sem... sem rodeios e sem medo disso ou daquilo, né, aquele... **P1:** Conversar. **E12:** Que é muito bom, porque no conversar surgem dúvidas de um, que pode ser a tua, que não precisas dizer e tu vai acabar resolvendo teu problema pela resposta de outro. E como são tudo pessoas muito já experientes pelo passado, pelo tanto de idade, um vai ajudando a resolver o outro. No fundo... é uma terapia... esse encontro periódico. *[frase inaudível].* Todo mundo jogando Escravos de Jó, eu digo: "Ô Santo Antônio, está todo mundo maluco... Solta a franga e ninguém dá bola." Volta. **P1:** [risos] Escravos de Jó? **E12:** É. **P1:** Ainda jogam? Gente, faz muito tempo.... **E12:** Mas tem que ser. Tem que voltar lá de criança para reanimar, para acordar a criança que está dentro de cada um de nós que está meio adormecido, né e alguns bem adormecidos. Eu acho que eu nunca deixei de ser criança [risos]. **P1:** Eu também espero nunca deixar. **E12:** Só a casca... só a casca que vai envelhecendo, né e tudo. **P1:** Uhum. Eu também espero nunca deixar de ser criança. **E12:** Eu olho para certidão e digo: "É mentira, eu não vou fazer 73." Mas está lá e eu sinto o peso. Só isso que eu sei que é dessa idade, mas senão... **P1:** Mas que coisa boa chegar aos 73, hein? *[palavra inaudível]* Eu espero chegar até aos 85, por aí. **E12:** Ah, eu acho que eu estou... estou tão nova ainda. Eu tenho que me cuidar para não me portar muito nova, me portar muito feito... né, para os outros... Ah, e outros que se danem também. Eu não me importo muito com os outro, mas, assim, a gente tem que ter... coisa do ridículo também, né? **P1:** [risos] Aham. Não, mas isso não é... **E12:** Não, mas tem. Tem coisa que passa... **P1:** Durante o dia, como é que a senhora costuma se informar? É pela televisão, é pelo rádio, é pela *internet*, pelas pessoas... Como é que é? **E12:** De manhã cedo a gente... eu acordo, aí eu faço... pego... faço a minha oração, pego as mensagens, faço Reiki, porque eu reikiana. Aí eu faço Reiki à distância, né. Então para minha caixa da minha escrivaninha, da minha caixa de amor e... geralmente já te mando tudo quanto é coisa, pelo... [risos] Aí tu vê o que é... O que é bom tu ler, o que não coisa... Já vai informando, já vai saber e não fico um noticiário com... Como é que é... SENSACIONALISTA. **P1:** Uhum. Entendi. Então a senhora costuma, assim, ter uma vida cheia de... É um pouco do... do *WhatsApp*, um pouco do *Face*, um pouco do... Que interessante. Existem duas coisas que eu ainda gostaria de perguntar para a senhora. (+) Na verdade três [risos], mas vamos... **E12:** Vai pela primeira já. **P1:** Primeiro eu queria perguntar para a senhora: Qual é a sua experiência sendo idosa? **E12:** Minha experiência? Eu ainda não envelheci, eu não sei [risos]. **P1:** Ah, é? A senhora ainda não... [risos] **E12:** [risos] Eu ainda não sou idosa. **P1:** Ainda não... não tem experiência sendo idosa [risos]. Entendi. Isso é bom. **E12:** Não, mas... a verdade é que tu tens que aprender a receber, tu tens que aprender o limite. Tu sabes, né, como... como o meu joelho não está muito feliz, né. Então eu tenho que saber que aonde eu piso, eu sei que eu tenho que ter mais cuidado, porque se eu cair ou qualquer coisa assim, TUDO é mais complicado e mais... né. Então eu não vou andar feito uma doida para poder... Uma fratura ou uma coisa, assim. Não, eu vou ter que ter certos cuidados. Eu aprendo que eu tenho que... Eu aprendi sendo idosa que a gente tem que ter mais... ser mais coerentes, né, vamos dizer... E PACIENTE: "D., me dá aquela toalha." "Só um minutinho." Não, tu vai... Um tempo tu ia lá, já passava lá a mão e pegava, agora não: Aguarda. Aguarda, porque aquele local... está meio distante para ti, então aguarda, mas aguarda feliz. Né, porque se a gente ficar... Isso não quer dizer que eu não fico brava, que eu não brigo com os outros... Não, não quer dizer nada disso, né? **P1:** Uhum. Entendi. **E12:** É, mas a gente está treinando [risos]. *[palavra inaudível]* importante. Diz: "Ai, eu não consegui." Não, se a gente tivesse conseguido TUDO o que a gente almeja já estaria... Aí já seríamos anjos. **P1:** Já. Verdade. **E12:** E nós estamos muito distantes disso, então temos que ter CONSCIÊNCIA dos nossos limites e *[palavra inaudível]* também. **P1:** Concordo com a senhora. Uma última pergunta, que eu queria fazer para a senhora... Não, antes disso: A senhora sendo idosa, se

sente uma pessoa livre? **E12:** Sinto-me. Interiormente livre. Muito livre, porque agora às vezes... Porque D., eu dirijo, eu vou para cá, eu vou para lá, né, então a gente está ali. Tem muitas pessoas que — eu acho triste — tem filhos, né, que limitam tudo, que acha que já passou, que ficam achando às vezes até por cuidado, do exagero e deixa a pessoa infeliz e presa. Não é o meu caso. Eu me sinto livre. Tem hora assim que a gente fica meio assim: "Mas será isso ou aquilo?" Né? Mas não, porque se eu posso... Tu pensa comigo: Eu moro lá no *[palavra inaudível]*, eu estou indo, eu estou lá: "Ah, vai..." "Tá" Né? "Só me avise quando vai voltar. Vem para cá. Vai, vai para lá." "Ah, eu estou indo." A... Quando a gente tem uma liberdade financeira também... Isso é importante as pessoas conseguiram e não quer dizer que isso que não tem, que as pessoas que você no SEU: Não sejam livres. Porque a gente não precisa de muita para... Liberdade é uma coisa muito diferente. SER FELIZ... Eu... Eu digo que é um estado de espírito. Eu posso ser feliz com quase nada do que... E SER MUITO INFELIZ tendo tudo. Então é de dentro para fora. É de dentro para fora, trabalhar para isso e a gente não conquista num dia só... Não se adquire num dia só. São conquistas ao longo do tempo. Meu, com 20 anos eu era tão velha, tão velha, tão velha. Eu era velha. Era um quadradinho assim, olha, que todo mundo era tudo muito... muito tudo assim. Tudo assim e depois quando a gente começa abrir, o conhecimento nos deixa livre também e muito, porque tu entendes muita coisa por conhecimento, por falta de conhecimento. Então isso deixa as pessoas muito presas. Ficam fechadas dentro de si mesmo. Ouve um pastor ou um padre ou isso ou aquilo que diz que isso é assim, assim e assim: Não questiona nada, continua aquilo, mas dentro aquilo sufoca. Não, nós temos que ver as coisas. Nós temos que ter a nossa opinião também. E se nós não estudarmos, se a gente não quiser, a gente não vai saber. A gente não vai adquirir o conhecimento e adquirindo conhecimento: "Conheça a verdade e ela vos libertará" é uma palavra muito boa e ela LIBERTA MESMO, porque a mentira prende demais as pessoas. Já fiquei envolto de mentiras, de... de taxação, de como deveria ser: Que prisão que é, como a gente fica infeliz, né, então a gente fica… **P1:** Então... a senhora se sentiu uma pessoa fora daquelas caixas nos 20 anos? **E12:** Não, eu era muito... Não, EU ERA MUITO DENTRO DA CAIXINHA e depois eu comecei abrir. Saí, porque não dava... Era tudo dentro dos padrões, aquilo era muito cansativo para mim. Para começar, só para ti ter uma ideia aquela palavra: "Descanse em paz eternamente." Isso para mim ERA UM PESO: "Eternamente descansado, não vai acabar nunca?" Aquilo pesava demais para minha lida. Eu sei que trabalho para poder respirar, soltar esse corpo, partir, fazer o que tem que prestar tuas contas. Abra os olhos e vai trabalhar. Ah, que coisa linda. Que não precisa descansar eternamente. Não. Não. Eternamente descansar, não. É muito tempo, muito cansativo. Tudo vai ser igual, era muito ruim. **P1:** [risos] Descansar eternamente é muito cansativo, né? **E12:** Muito cansativo mesmo. É uma redundância, *[palavra inaudível]*. **P1:** [risos] Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora: Qual... O que a senhora acha que é a situação do idoso hoje? **E12:** Olha, tem muito mais oportunidades, mas para te dizer principalmente as mulheres que eram muito presas. Começaram a adquirir a liberdade, não aproveitaram e partiram para a libertinagem: "Não engravido mesmo, então dá para sair com outros homens, fazer novas experiências..." e esqueceram a moral. O que é o amor. Não é aquele amor que tu tem que ter e guardar por aquele marido. Não, o amor à si próprio. Se perderam muito, porque eu trabalhei na Vigilância *[frase inaudível]*. Muita, muita DST por conta de... **P1:** A senhora deveria ter... experienciado, né? **E12:** Muita. Experienciei muita coisa dessa natureza. **P1:** Eu imagino. **E12:** Então. As oportunidades... Que era muito fechado, muito preso, tudo. Tu podia desde que os outros não soubessem. A gente descobria uma coisa, porque eu estava dizendo *[palavra inaudível]*: a gente era muito inocente. Que depois de anos... É aquela história: tantos segredo que a gente... A gente descobre coisas dos outros que a gente não podia imaginar NUNCA, porque não tinha capacidade para malícia, *[palavra inaudível]*. **P1:** Uhum. Pois eu que tenho 27 já presencio umas dessas, assim, que eu não... não acreditava [risos]. **E12:** Também deve ser tansa como eu,

assim, em certas coisas. **P1:** [risos] Sou. **E12:** Então a gente não tem, assim, a gente não quer que aquela... que aquela pessoa seja daquele jeito ruim, mesmo que esteja fazendo. Se alguém dizer: "Ah, fulano de tal está fazendo." "Ah, gente. Será? Será que não é ao contrário que acabaram não vendo o certo?" Né? Porque principalmente se a gente tem conhecimento e sabe que aquilo está tão errado e a gente não gostaria que fosse. Principalmente uma pessoa que a gente gosta e a gente gosta de muita gente. **P1:** É, verdade. **E12:** Gosta, né? **P1:** Eu gosto de muita gente também. **E12:** Muito. Muito. Muito. Muito. Muito. **P1:** A senhora faz amigos aqui? **E12:** Hãn? **P1:** A senhora faz amigos aqui no SESC? **E12:** Muito. **P1:** Está sempre junto então? **E12:** Sempre junto. **P1:** Vocês saem daqui, assim, tipo: "Ah, vamos fazer alguma coisa fora."? **E12:** Não. Isso não. Não, porque não dá. É muito solto, assim, muito... Cada um... né, não tem, assim, como... né. Para fazer isso nós fomos só no... na minha... lá na... no sítio, foi um café. O grupo, né, que ficaram, assim, encantadíssimos com o local e o... e os préstimos da minha cunhada na culinária, né. Então é... Ela fez torta alemã, essas coisas, né. Não, torta de tabasco, né, que é assim poucos que fazem... tão bem, né. Então são muitas coisas assim, mas é como eu te digo: A gente não tem aquele... Eu... Eu sempre me considerei, geralmente, quase uma loba solitária: Tens muita gente, mas tu não tem um grupo fechado. E tu vai indo pela vida, tu tens aquelas amizades tudo. Aonde tu vai, tu coisa, mas tu não tem aquele grupo fechado e por mais que tu tenta fazer... Então eu vejo que eu não me enquadro muito nesses grupos fechados. Ah e eu também... sou voluntária dos Anjos do Peito. Eu sou da diretoria, então a gente trabalha até dentro da prefeitura. De vez em quando consegue fazer um... um convênio para ceder gente para lá, então tem esse trabalho também da amamentação dos Anjos do Peito. **P1:** Como é que funciona? **E12:** São... É uma entidade sem fins lucrativos, né, então são de voluntárias que elas trabalham no atendimento das mães no pré-natal e também... Assim, no pré-natal só para orientação sobre a amamentação e pós-parto. E a gente tem voluntárias que vão nas casas e coletamos os leites, né, para enviar para pasteurizar para as crianças que são prematuras. É. **P1:** Nossa, que coisa bonita. **E12:** São os outros, mas eu estou junto. **P1:** Que coisa bonita! Deixa eu perguntar uma última pergunta para a senhora. **E12:** À vontade. **P1:** Qual é a sua missão aqui? **E12:** Qual é a minha missão? Não parar. Para mim, eu acho que eu sou sempre ponte entre as coisas. Tipo... costureira de colcha de retalho. Por isso que eu... Agora... Agora voltou, por isso que eu acho que eu sou meia loba solitária: Pego esse grupo para fazer ponte com esse, para fazer ponte com aquele. Sempre fazendo ponte. Agora acabou, minha tia ficou levando na frente, 25 anos, um café e uma tarde de trabalho *[frase inaudível]*. Ela faleceu, ninguém mais continuou. Eu digo isso para minhas primas: "Vamos ver isso aí, porque a gente tem que mexer e botar esse pessoal para se encontrar, mas mudar um pouco, né? Não é só para tomar café, vamos ter uma..." Aí eu já... Aí eu já começo pensar, pegar coisa daqui, ver o quê que pode ser levado de grupo de memória, fazer... Assim, *[frase inaudível]*. **P1:** Uma costureira de colcha de retalho? **E12:** Eu acho que sim. **P1:** Que bonito. **E12:** Juntando as rodelinhas para fazer... Porque como eu te falei — aqui no falar é que eu me lembrei disso — por isso que eu acho que eu não formo um grupo, porque eu tenho... Eu faço parte desse grupo aqui, daquele grupo lá, daquele grupo lá, mas eu tenho que.... **P1:** Que reflexão bonita. **E12:** É. É uma missão de... Sou costureira, tomara que não falte a linha e a agulha. **P1:** Não. Nós providenciaremos, fique tranquila. Se faltar, a gente providencia. A senhora não vai ficar sem... sem agulha. Era isso que eu queria perguntar para a senhora. A senhora queria falar mais alguma coisa? **E12:** Eu? Eu já falei DEMAIS. Eu estou quase... estou quase... [risos]. **P1:** Mas que nada. Olha isso *[palavra inaudível]* 35 minutos. **E12:** Só? **P1:** [risos] A senhora deseja falar mais alguma coisa *[palavra inaudível]*? **E12:** Eu desejo que o teu trabalho seja... Preste atenção nas pessoas que não... não podem, às vezes as pessoas querem muito. Elas precisam muito de alguém que lhe diga, não só uma palavra. *[palavra inaudível]*: Afaga um pouco. A gente tem que ser um pouco mãe dessas pessoas, porque tem muitas pessoas que têm dificuldade MUITO GRANDE para ser abrir. E outras para tirar essa tristeza que deve vir dessa vida muito remota ou de outras vidas já.

Trazendo consigo, que não consegue descobrir o que... a sua missão e ali fica... Porque diz que é MUITO melhor a gente progredir com o suor, né, do que com o choro. Para trabalhar, né, para... **P1:** Verdade, que bonito. Adorei conversar com a senhora.

NARRADORA 13

P1: A senhora sabe que... A senhora falando, né... Eu lembrei muito da minha pesquisa porque a minha pesquisa é sobre o conhecimento, assim... e eu vejo que aqui vocês tem bastante conhecimento, né... Eu queria perguntar para a senhora: qual é a importância do conhecimento na vida da senhora? **E13:** Assim é porque eu me sinto realizada, atualizada, sendo assim, né... de saber, conhecer, e sobretudo, o que eu mais gosto do conhecimento, é de poder, por exemplo, às vezes conversar com uma pessoa, sabe... Citando um exemplo: eu estava assim na... naquele dia que o marido fez a cirurgia, enquanto eu fui lá fazer cirurgia, ia demorar. Ai, o rapaz disse: "não, pode fazer essas coisas". Eu tinha umas... Eu fui olhar e tinha umas contas para pagar na Vivo, que estavam vencidas, que por causa do carnaval então, não vieram. Aí, eu fui lá, peguei, fui na fila... fila longa... na casa lotérica; e fui na fila do idoso... Eu fui na fila do idoso e daí, tinha uma senhora atrás de mim e uma senhora na minha frente. E a de trás estava conversando que ela estava com diabetes e não sei o que... e a da frente, então, ela estava, assim, com medo porque ela disse: "o nosso governo que está agora é do Exército e isso é muito ruim", a mulher disse pra mim. Pode ser, mas por que a senhora acha que é ruim... Eu disse: "olha, eu fui professora na época do Exército. Foi um tempo muito bom, porque...eu acho assim, que o tempo foi maravilhoso porque o professor era respeitado". Sabe? Não tinha roubo, não tinha tanta morte, não tinha esses assaltos, não tinha essa liberdade, sabe? Você era responsável pelos seus filhos, né... Você educava seus filhos. Depois disso, ainda... Agora inventaram o tal do Conselho Tutelar, que na minha opinião, veio mais para estragar do que para ajudar, sabe? Porque se você observar mesmo, assim... os direitos humanos, aí... eles estão protegendo é o bandido, não a vítima. Na verdade, porque... Por exemplo, se tem... se um bandido for preso, quantos advogados já tem em cima dele? e a lei da vítima? Não tem ninguém. A pessoa que é estuprada ou a família assaltada, perde um ente da família. Ninguém está lá para defender; e esquecem dele, mas o bandido não. A mídia, sabe, a mídia faz muito... Acho que a mídia faz muito alarde em cima do erro, porque, por exemplo, porque que eu, por exemplo, não gosto mais de assistir... Eu não gosto muito de assistir jornal. Ainda se assiste um pouco de jornal é na TV Aparecida, a Band News, assim, ainda, um pouco... porque acho que a Record também um pouco mas nem tanto, porque acho que eles não fazem muito "auê" em cima do mal. Então nada pra eles como assaltar, como roubar, como matar, como conseguir roubar um carro. Pois assim, né... Eu, por exemplo, a TV Aparecida ou a TV Cultura, eles apresentam um jornal assim, mais atual... Mais atual não, como eu digo, mais como se eu... quem interessa realmente, sabe... com interessa realmente para nós. Nós não precisamos saber. E a... tem certas coisas que eu acho que a mídia nem devia propagar. Por que ela se atém tanto, por exemplo, quando matam alguém, como... mas eles só se atém quando matam, quando roubam, quando estupram, né... e as coisas boas, que as vezes... brasileiros estão fazendo isso? E eu sei a... o Exército está fazendo uma rodovia muito grande lá em, eu acho que é Rondônia, né... Eu estou... escutasse falar alguma coisa na mídia? Ninguém fala, o que é uma coisa boa, sabe... não dá ibope. Então é... então eu acho que isso... então eu gosto de estar... de ter o conhecimento, mas das coisas boas. Aí, eu tive, explicando pra essa senhora, que não é bem assim. Tu acha que o Exército num lado protege, porque vai marcar as coisas certas, porque até agora... Quando eu fui professora, cantava-se hino nacional, minha filha. Nós sabemos o Hino Nacional de cor, a gente sabe até

hoje, né... o Hino Nacional é coisa maravilhosa, assim né... é do Brasil, é da Pátria, é da coisa, né... Hoje em dia... Alguma coisa daqui a pouco... Hoje em dia, por exemplo, as crianças não sabem a letra do Hino Nacional. Não sabe, é... eu achei tão maravilhoso agora, por exemplo, que estão exigindo para cantar o hino nacional, ninguém dá valor a uma bandeira. Então, por exemplo, os nossos... alunos, ou mesmo quando éramos criança, nós *[palavra inaudível]* cantava o hino nacional é amor no coração. Para nós, para quando fosse desfilar no dia 7 de setembro. Aquilo... a gente ficava difícil se chovesse, né... Quando a gente começava a aprender a marchar, que coisa boa sabe assim, né... Então tudo isso eu estava falando assim para aquela senhora, daí ela disse assim para mim, ela olhou assim, admirada assim: "mas por que que eles não explicam essas coisas pra gente?" A mulher estava assustada, né. Eu, daí, outra vez também, eu fui na... estava na cabeleireira, também tinha uma senhorinha lá muito assim, assustada, porque eu disse: "mas o governo agora... o governo vai tirar o nosso salário e não sei o que". Eu disse: "mas por que tirar o seu salário? A, porque disseram que ele vai tirar um salário, ainda". Então são certas coisas que, mentes.. Assim, é.... Mentes... Só vai, quero dizer... estragadas, não sei, né. Então, eu tentei incutir no incauto, sabes... Uma pessoa incauta. E a pessoa incauta que tem que ter um pouco de receio, ela acredita. Porque é que certas religiões, certas religiões, assim, pegam muitos... adeptos? É porque eles pegam a pessoa que está frágil. Começar a observar que ela está frágil, então eles oferecem: "A, se você começar a fazer isso aqui, você vai ganhar, vai conseguir um emprego, mas você tem que dar tanto para Igreja, para conseguir, para comprar, para comprar o céu, né. E, claro porque daí... Paralelo a isso, a pessoa começa a se conscientizar: "não, se eu pagar eu vou ganhar", entende. Então, "e se eu não beber mais e não gastar mais com futilidades, se... economizar mais, eu tenho mais dinheiro". E assim, as vezes, psicologicamente a coisa vai entrar e consegue um emprego, sabe...É tudo uma... É tudo uma... bola, sabe. Então, é por isso que, pode ver, às vezes, tem uma frase que diz assim: "Quanto maior o tamanho da Igreja, maior é a ignorância do povo"... Então, é verdade. Porque, vamos supor assim, alguém está se aproveitando da ignorância do povo em proveito próprio, tu entendes. Então, por isso que eu acho que o conhecimento é fundamental. E eu fico muito feliz, por exemplo, quando, passar bem.. ou alguém. Eu sempre penso assim, que... que... por onde a gente passa ou quem passar pela vida da gente que sempre leva um pouco da gente, né. E deixe um pouco de si, sabe. É assim que eu penso. **P1:** Que lindo... Que lindo. Me conta um pouco sobre a oficina do empreendedor, grupo idoso empreendedor. **E13:** O Idoso Empreendedor é que... é que nós começamos que a... Na oficina Idoso Empreendedor a gente aprende a lidar no computador, sabe. Desde novas, *[palavra inaudível]* coisa, né. Eu sabia um pouco ainda do meu computador porque eu fiz... Quando nós compramos o computador, porque, nós dois éramos avesso à internet. Não, nós nem computador tínhamos porque parecia, sabe, falta de conhecimento, entende, falta de conhecimento, porque se a... parece que a internet é um vilão. Na verdade ela não é só vilão. Ela tem um lado fantástico, né. Então daí, eu entrei aqui no Idoso Empreendedor, uma por causa do... grupo, né, para, não... Me manter ocupada, né... Também é porque deixa... A gente tem que participar de um grupo. Se, porque se a gente se isola, eu vejo, eu tenho... irmãs... UMA irmã minha inclusive ela é professora aposentada mas ela se ela se isolou muito. Então para ela o mundo dela se resume: ficar com o neto e sair da casa. Ela mora em Timbó, sair da casa e ir até no... aos sábado, no irmão dela de... O cunhado dela, ali um pouco mais para cima e às vezes lá na casa da N. porque a casa da N. é a casa onde a minha mãe morava. E quando nós vendemos a casa lá na outra... na Serra, nós compramos a casa da N.. O meu marido e o meu irmão compraram, reformaram ela, então é um lugar bom para a família se encontrar. Então, ela sai da casa dela de Timbó, vai até lá e com isso... final de semana, ou então, agora... Esse ano ela começou a fazer academia, esse ano não, ano passado... Começou a fazer academia, então está abrindo um pouco mais a mente. Ela até melhorou a postura dela e tudo isso. É por isso que se a gente não participa de nada, a gente se isola. Daqui a pouco você está marginalizada, entende. Que a... você não tem assunto para falar, a não ser

falar da vida dos outros, ENTENDE. E se... Então, daí a gente tem um pouco mais de conhecimento. Aí, o Idoso Empreendedor ajudou... ajuda muito nisso. Ele ajuda muito porque... nós começamos a fazer pesquisas, fazer pesquisas, fazer trabalhos, né. E também, daí nós todo ano, a gente tinha um trabalho para apresentar, né. Para apresentar, *[frase inaudível]*. Fazer visitas. Nós visitamos o Cagere, que é um...Uma casa de... Não é de idosos. O Cagere é uma casa de pessoas deficientes... Deficientes mentais, deficientes... físicas nem entanto, mais um pouco mais mental. Daí, nós visitamos o... Dilony, casa de idoso, né. E a gente visitou... a Charlotte. Que a Charlotte é uma casa tipo a APAE, assim, né. Só que trabalha muito mais com as crianças porque a... a Charlotte é filha da... da dona da Charlotte que nasceu com Síndrome de Down, entende. Então a... E... eu... Fizemos... Fazemos visitas lá na chácara... na chácara Elisa, que é uma chácara muito bonita, né, que... a pra visitas assim, né. Então isso tudo são conhecimentos, sabes. A casa do... Aldo Krieger, que tem coisas bonitas lá. Que o Aldo Krieger foi o que compôs o hino... de Brusque, o hino de Blumenau também, sabe, essas coisas assim né. Então lá, a gente soma conhecimento das coisas antigas, aprende assim, né. Eu acho o grupo Idoso Empreendedor fantástico. Agora ele é um mundo digital, porque agora, na verdade a gente sai um pouco desse negócio ali, sem, né... sair um pouco disso aí que agora estamos mais no mundo digital, que é... mais no celular, para aprender as... tudo que o celular oferece e essas coisas, que também tem que se atualizar. Tem que se atualizar, porque a coisa está muito ligeira. Eu tenho, eu tenho um celular aí que... Eu gosto muito dele, mas ele... é de última geração. *[risos]*... Eu SEI que daqui a pouco tem que comprar outro. Porque daqui a pouco é só com o dedo, né. Só assim, não tem mais botão. **P1:** O meu ainda tem um. **E13:** O meu ainda TEM botão. Mas é na... mas é assim [palavra inaudível]. O Idoso Empreendedor, nós aprendemos muita coisa. Fiz a... fazemos muitas pesquisas, fizemos pesquisas pela internet, né. E eu penso que hoje ainda a gente vai voltar para o computador. Esse ano nós não fomos ainda, né. Eu estou cansada de me... aprender a digitar, digitar textos no computador, como ir, como voltar, como arrumar essas coisinhas. Isso é muito bom. **P1:** A senhora me contou que a senhora comprou um computador há algum tempo atrás, né, senhora M., né. Por que? **E13:** Para atualizar... você pode. **P1:** Por que a senhora devia se pensava assim: poxa, se eu tivesse um computador eu ia conseguir fazer isso, isso, isso, isso. O quê, exatamente? **E13:** A... Principalmente o marido, por exemplo, que eu... A gente sempre... A gente participa também de grupos: de bolão, de canastra, sabe assim, né. E bolão de casais, eu participei de bolão só de mulher também, né. Aí, participando de grupos, então no caso, marido é secretário ou eu sou oradora; ou ele era tesoureiro, então tinha que... fazer planilhas, coisa assim, né, TODAS ESSAS COISAS. Então, e aí nós temos impressora até. Mas também, impressora também *[palavra inaudível]*. Ainda sim, nós já atualizamos, compramos outra. Computador também, esse já é o segundo. Agora é um desse... *[palavra inaudível]*, não sei. **P1:** Notebook. **E13:** Notebook, sim, notebook. **P1:** Então a senhora veio para o empreendedor porque precisava aprender mais algumas coisinhas? **E13:** Justamente, por isso. **P1:** O que que a senhora precisava aprender que a senhora veio para o Idoso Empreendedor, exatamente o que? **E13:** Exatamente o que eu queria aprender era... a digitação. A digitação no Idoso Empreendedor, porque... Eu sei, sabe, sei, poxa, sei digitar. Tudo bem. Muita coisa assim, né. Mas às vezes, quando... erra uma palavra, como apagar tudo, como voltar, como... ou quando... Porque às vezes o texto desaparece, né, sabes. Onde buscar...né. Então, isso tudo... isso tudo são coisas que nós aprendemos no Idoso Empreendedor, sabe, é. **P1:** Entendi. O que mais vocês fazem? **E13:** Por exemplo, aí nós aprendemos a fazer cartões da amizade, sabes. Então, a gente tem que buscar imagem, coisas como trabalhar com Paint. Aquele outro lá, como é que eu tenho... Meu Deus... "Mov", como é que é..."movie moot", não... **P1:** *Movie Maker*. **E13:** Movie Maker também. Claro, com o Movie Maker. Aí, fazemos filmes... *[frase inaudível]* nosso Idoso Empreendedor... Nós na verdade, o nosso grupo é o mais adiantado. *[frase inaudível]*. É o que está mais tempo lá. Que todo ano a gente se forma, mas todo ano volta. **P1:** Entendi, todo ano

vocês voltam. **E13:** Todo ano nós voltamos, tá. Final do ano a gente sempre se forma e acho que já fizemos, depois que começaram as formaturas, acho que fizemos umas três, já... três ou quatro... quatro. **P1:** Por que? **E13:** Porque vale a pena. Porque vale a pena, porque SEMPRE a gente tem coisas para aprender. Sempre. Nunca é... Eu sempre pensei assim: NINGUÉM é tão pobre que não tenha nada para dar e ninguém é tão rico que não tenha nada para saber. Assim como, ninguém sabe tanto que não tem nada para aprender. Ninguém sabe nada que não precisa aprender sempre, sabe, que possa aprender sempre. Então a gente sempre tem para aprender...né. E as pesquisas que a gente faz, por exemplo, como buscar as imagens lá no Google, né, como buscar suas imagens...né; e tem coisas maravilhosas, né. A até gente se admira de tanta coisa que tem... né, na... No Google, né, na internet, né. **P1:** O que a senhora costuma fazer no celular? **E13:** Olha, celular eu não sou muito fã de celular não, sabe. Não, sabe o que que eu faço mais no celular? No celular, eu faço... Eu gosto muito do *Face*, mais assim, para passar. *[frase inaudível]*. E... *WhatsApp*... só por causa dos nossos grupos, né, da *[frase inaudível]*. É mais isso que eu faço mesmo lá. Eu fazia... palavras conectadas... no celular, também, né. Fazia, mas depois eu achei, assim, que a gente ficava muito fissurado, né, não... TINHA... O *Messenger* também eu tinha e eu tirei, porque, É MUITO trabalho para limpar, sabes, limpar aquilo tudo, né, porque o *Messenger* tem, tens que limpar uma por uma. O resto não, o resto pode limpar tudo assim, né. *[palavra inaudível]*... aí, eu fico sobrecarregada. E no... E gosto tam... gosto de fazer pesquisas no celular. Por exemplo, eu tinha uma... sobre flores, eu tinha uma muda de rosas do deserto muito bonita. Então, ela dava botão, mas abortava. *[frase inaudível]*. Muito bonita, dava botão, crescia, tanto assim, o botãozinho à botão. Aí, fui pesquisar porque que é. Aí, fui pesquisar, coisa então, as pesquisas assim são muito boas, né. **P1:** E o que que era? **E13:** Sabe o que que é? Não sei se era isso, porque depois o vaso começou a ficar muito pesado. Aí, eu pesei o... aí, eu podei, podei ele. Diz que faltavam nutrientes... Aí, faltava... Aí, os nutrientes era o pó café e canela. Canela em pó e pó café. Podia regar com aquilo ali, né; e polvilhasse. Aí também, estava precisando de uma poda. Aí, eu deixei na casa ela florescer, mais uma vez da botão, também abordou, daí eu podei. Aí, eu podei ela... e ela tinha... três galhos só, assim, né... Arrumei uma muda, aí podei três e quando... Aí, eu aprendi como PODAR... E quando poda, *[frase inaudível]* colocar canela em pó, né. Ainda... Depois não demorou muito tempo, ela deu broto, ela deu... Aí, ela tinha sete; de três, ela ficou com sete galhos, sabe. Coisa mais bonita. E aí, um dia, eu pensei... Daí eu, um dia, nós chegamos em casa, nós saímos e ficamos muito tempo fora. E eu... Na nossa sacada pega o sol da tarde. A sacada é fechada, aí eu achei ela... Cheguei em casa, ela estava tão triste, pois é. E aí, eu botei no carro, levei la para minha cunhada lá em Timbó, que ela gosta muito de flor. Eu fiquei só com uma OUTRA LÁ, que nós trouxemos, que ai fomos para Rondonópolis com duas camioneta... netas. Aí, nós chegamos lá e... Nós lá em Rondonópolis, você fica encantada. Todo Jardim tem o rosa do deserto, todo, porque lá é quente, né. Todo Jardim tem. Aí, nós passamos lá numa casa e a mulher cultivava a rosa do deserto. Pois então, ela deu para nós. Nós éramos quatro mulheres, mais uma que era dona lá da Fazenda, cinco. Então, ela deu para cada uma de nós uma mudinha. MESMO ASSIM, uma mudinha que ela tinha feito de haste, né. Então, era num pacote, num copinho daqueles ali de café.. de... DESSES COPINHOS PLÁSTICOS. A minha mudinha estava assim... Coisa mais pequenininha, sabe. Aí, eu trouxe, todos nós trouxemos. E a da Maria, da Maria mestre, *[frase inaudível]*, ela colocou na varanda, na varanda dela, porque ela gosta de deserto, gosta de estar num lugar só. Ela colocou na varanda da casa dela, a casa dela, varanda... Casa, né, para a rua assim, né. E um dia... NÃO demorou no tempo, a rosa dela do deserto estava bonita, crescida... com flor. E a minha só está lá ainda, só está com coisa. Aí, eu peguei, levei lá... *[frase inaudível]*, vamos levar lá para a Y., porque, vai que para a Y. ela floresce. Está lá, ainda não floresceu; mas tenho fé que ela floresce. Entendeste? É... E aí, mais coisas da gente pra... Por exemplo, se eu... Eu tinha uns amarilis também, mas os amarilis também. Tirei as batatas também, mas não como aprender mais nada. Eu acho que eu

não fui escolhida... Quando eu morava em casa, eu sempre tinha flores. Aquela violeta, gloxinia, rabo de macaco, essas coisas assim, né. Mas, um apartamento, acho que ali não... TEM UMA FLOR chamada Phalaenopsis, conhece, né. Tem uma orquídea chamada Phalaenopsis. Eu tenho um irmão meu que é orquidófilo. Aí, então, ele disse que a Phalaenopsis escolhe a dona. E eu acredito, sabes por quê? Porque eu tenho uma amiga, que ela mora em apartamento também; e ela fechou a sacada e ela colocou uma porção de Phalaenopsis, porque quando ela morava na casa, ela já tinha. Mas ela tinha as Phalaenopsis dela, ESCONDIDAS, assim, lá trás, sabe; e floresciam. Aí, um dia, ela chegou lá em casa com uma Phalaenopsis branca, bonita, maravilhosa. Mas aí, eu... *[palavra inaudível],* nós saímos para viajar, quando voltamos, as flores estavam todas muchas. É, mas a muda estava bonita, né, cortei os galhos como era para CORTAR... Eu disse assim para ela: "Oi Julita, tu não te importas de se eu te devolver a Phalaenopsis?" Ela disse: "não!" "É que lá em casa não vai florescer, eu não estou escolhida, com certeza não". Daí, eu levei de volta para ela. Você acredita que uma semana, UMA SEMANA, a Phalaenopsis já estava... a hastezinha para botão? Uma semana, uma semana.Então, daí... Realmente, acho que ela escolhe a dona, sei lá. *[frase inaudível]*, mas enfim, é assim. **P1:** Me conte sobre os grupos, assim, que a senhora tem aqui no SESC, de amigos? **E13:** Aqui do SESC, agora, eu tenho um mundo digital que é maravilhoso, né. Nossa... esse nosso grupo agora ali é muito bom. Porque, quando uma tem problemas, que nem por exemplo nós temos a M... L..., que ela tem, acho que setenta... ela deve estar com setenta e oito anos. Ela é fantástica. M. L.... Ela é uma pessoa muito religiosa. E ela, hoje, ela está muito doente, mas ela é aposentada e fabrica terços. Você sabe o que é receber encomen... NOS dias de hoje, receber encomendas de 200 terços, 600 terços... Tantos terços assim para acampamentos, para coisa assim, né. Ela, tem meses que ela faz mais de 2.000 reais só com confecção de terços. E ela é de muita fé, assim, muita coisa. Então, a gente gosta demais dela, mas agora ela está doente. Ela está com um problema sério. Ela sempre teve um problema de coração, mas ela, assim, sempre conseguiu superar. Ela é única viva da família, todos os irmãos delas... dela morreram de... do coração. Todos, mas bem mais abaixo de 70. Só tinha a irmã dela que morreu com 72, que era a única que estava viva ainda e ela está com 70 e pouco. Então, nós... Ela tinha medo que chegasse o tal dia, porque era mais ou menos o mesmo com os irmãos dela. Mas passou também. Mas ela, ela tem um problema agora, agora está com um problema... NÃO SEI SE É TIPO UM TUMOR, que assim, que afeta o pulmão dela. *[frase inaudível]*. Então, nós sempre estamos mandando mensagem para ela, estamos em oração por ela para ela superar e voltar, né. Temos outras, por exemplo, que nem a A. A A. é uma pessoa muito sofrida. Ela perdeu a mãe. A mãe dela ia fazer... cem anos, acho que isso. E a mãe dela, então, morreu não faz muito tempo. Era filha única, só tem uma filha única, agora tem um netinho. Então, ela é uma pessoa que, assim, se dedica muito à família, mas às vezes se machuca muito, então quando ela chega, a gente já sabe, se ela tem alguma coisa, porque daí ela começa a conversar. E se iguala à ela, iguala às outras. Então, quando a pessoa tem um problema chega de conversa, sabe. Então, a mãe já dá para nós, assim, os dez primeiros minutos; é para isso, sabe. Então se alguém tem um problema em casa, você fez uma pesquisa que achou que foi bom, você tem uma erva que acha que é bom para chá, né. Ou se fiz um bolo diferente e traz para a turma, sabe. No outro dia traz uma bolachinha, então... Então, eu acho que o grupo ali é... indispensável para a nossa vida. Então, é por isso que a gente sempre volta; e a gente sempre quer a mesma turma. Agora entraram duas... duas novas, duas integrantes novas: uma que eu conheço muito bem que é a E., que ela também faz parte de adoração, que é muito amiga da M. L., também, né. E ela é uma senhora, assim, muito simples. Nossa, não entende nada de computador, mas então, ela vai ter que ter um tratamento diferenciado, não tem problema vai ter, né. E o que a gente puder ajudar, a gente ajuda. E a outra é a N., que também é... ela está no tudo azul conosco. No coisa está... Nas amigas da Canastra comigo também, né. Pertenço a mais um grupo. E também, é que a gente conhece muito bem, que foram bem aceitas, tá. Só temos o J. de homem.

O J., olha, se há criatura boa é o J.. Olha, a gente se encanta com ele, não tem tamanho. MIÚDO, miúdo, é mais baixo que eu. Magrinho, magrinho, tá. E ele veio de Santos. E ele... olha, é uma criatura fantástica. E tem o senhor L., que o senhor L. é um senhor que está com problemas de saúde. Mas para lado mental já, né. Ele tem oitenta e poucos anos, sabes. O senhor L., então, seria bom se viesse, mas ele não vem. E quando vem, então, a gente já... Não puxou muito por ele, porque ele gosta mais de estar no celular e coisa assim. Mas ESTÁ ALI NO GRUPO. E tínhamos a T. T., que faleceu ano passado, né. Ela tinha 80... 86 anos, ela ia fazer. Muito ativa, muito boa. Ela participava... A tia que fazia academia toda vida, muito preocupada com seus filhos engordassem, muitos netos engordassem, muito... Né, ela; muito boa. Tinha seus defeitos, mas ela era uma criatura maravilhosa. E com a sorte, mas, como eu sempre digo: a vida se encarrega. Com certeza. E ela.... E se ela sobrevivesse àquilo que ela teve, ela não... Seria ser muito ruim para ela, porque ela não podia mais fazer atividades que ela fazia, sabe. Então, ela aproveitou bas... **P1:** Foi melhor assim, né? **E13:** Foi melhor. Foi... Aproveitou bastante, viveu bastante, passeou bastante, como ela queria, não é. Passeou, E ELA realizou o último sonho dela... Que era fazer um acampamento. Ela foi chamada algumas vezes, mas ela nunca, nunca foi. O último que ela foi chamada, ela foi. Realizou, você sabe assim. **P1:** Morreu feliz. **E13**: Morreu feliz, né. Então, a gente sempre se lembra dela também. E assim, somos todos NÓS. A FALAMOS, conversamos. A gente, quase quando chega, se abraça, se beija, gosto muito não. **P1:** Que bom. **E13:** É um grupo bom. E depois, depois eu tenho... a hora da academia. A academia, academia é bom. É muito bom, sabe. Porque a gente morde a língua também. Aí, de vez em quando a F. está conversando: "estou de olho", assim para mim, ó... Porque a gente conversa um pouco, não deveria, mas é tão bom... Eu acho que a conversa faz bem para a alma. Porque a gente... Eu na minha idade, eu não venho, eu venho assim para manter a agilidade. Para poder se manter, manter um pouco, não para ter... É porque às vezes tem meninas novas ali que eu acho que elas exageram. Assim, elas levantam muito peso. Eu fiquei observando uma que eu quero falar com a F., porque, eu acho que ela está ficando até meio corcunda; e é nova. Disse: "Eu quero ter"... Ela disse para mim... "Você, você levanta tanto peso", eu disse. "A, mas eu quero ter um corpo definido", mas não sei. Bom, se ela gosta, o problema é dela. O que que eu tenha a ver com isso. Mas eu acho que, com nós mulheres, acho que não deveria ser tão... Muito peso demais, sabe. **P1:** Me diga uma coisa: a senhora já ouviu falar daquelas notícias falsas, as Fake News? **E13:** An... Eu não, não acredito nisso. A BEM na verdade, eu acredito um pouco dessas notícias aí. Eu sempre fico com um pezinho atrás. Por exemplo, alguém filmando machucando uma criança. Quem está filmando é conivente, tu não achas. Alguém, alguém filmando mau, maus tratos. Estes dias, até nó... até nós falamos na... assim, um pouco. Eu não acredito. E eu penso, assim, muita vantagem, sabe. Eu acredito naquilo que eu realmente vejo, sabe. Eu também não propago, eu não compartilho, coisas assim, eu não gosto, assim, né. Se é uma foto que eu fiz ou que eu recebi de alguém que... Por exemplo, um foto que eu acho que é bonito, quero compartilhar, eu compartilho. É uma coisa boa, eu até compartilho, mas não essas coisas assim que... Como é que é... Não melhora em nada. Nem minha personalidade e nem meu caráter, entende. Então, não me faz bem. **P1:** É verdade. Concordo com a senhora. Gostaria que a senhora respondesse uma última pergunta para mim. Qual é a situação do idoso hoje, que a senhora acha? **E13:** O idoso? **P1:** No Brasil, no mundo. **E13:** O que eu... O que eu sinto assim, que eu fico, assim, bem decepcionada é a falta... A falta de respeito com o idoso. Se bem que tem idoso que se prevalece, sabe. Tem idoso que se prevalece da situação, tem idoso que não se dá ao respeito, sabe sim, né. Mas o que eu penso... Sinto que falta, assim, com o idoso é um pouco mais de consideração pela parte mais jovem. Assim, sabe. Não todos, que, por exemplo, eu percebo aqui na academia, na academia, por exemplo, eu chego... Eu chego, cumprimento tudo, como é. Mas os jovens puxam muito por mim também, sabe. Assim, né, eu noto assim, assim né. E então... Eu a... O que eu noto que os jovens que frequentam o SESC são diferentes, são diferentes. Porque eles respeitam mais, eles são, assim, mais abertos, assim,

sabe, assim, mais alegres, mais, assim, compreensivos, né. Tem meninas ali que são novas e tudo e assim, no começo quando, quando a gente chega, quando eu chegava, assim no começo, eles pareciam que ficavam meio arredio, não sei o que. Mas se o idoso puxar um pouco mais por eles, entende, eles aceitam também. Eles aceitam. Acho que nós não podemos nos prevalecer demais da nossa idade e os jovens não podem esquecer que ele vai chegar na nossa idade, se Deus quiser. As vezes, tem alguns fazendo exercícios diferentes: "a, quando eu crescer, eu vou fazer igual a você". **P1:** A senhora falou isso? **E13:** Isso, "ó, quando eu crescer, vou fazer igual a você"... *[frase inaudível]*... Meu Deus do céu, se eu conseguir fazer isso aí é uma proeza... Então, só que eu acho que a pessoa, não é pelo fato de eu... de eu ser idosa que eu tenho que me isolar, entende. Eu noto isso, eu, por exemplo. O meu marido não gosta muito. Agora ele está se acostumando mais. *[frase inaudível]*: "você fala demais, mas eu gosto". Acho que as pessoas, às vezes, por exemplo, só vou citar *[frase inaudível]*. Assim, por exemplo, tinha, um dia nos... Nos caixas, eu gosto muito... mercados, conversar com as pessoas, sabe assim, né. ELA FICA ALI, está servindo a gente, né... A obrigação dela e me servir, não deixa duvida, mas ela está trabalhando, é o serviço dela, né, ela está ganhando para isso. Mas nem por isso até pode ser maltratada. Aí, um dia, *[frase inaudível]*... Eu conheço, conheci muito bem ela, assim, né. E eu notei que ela estava muito triste, assim, né. Aí, daí perguntei bastante: "tudo bem?" Ela disse: "é". Aí, depois aí eu acabei, ela me atendeu tudo. Daí, eu *[frase inaudível]* "o senhor me dá licença? Eu quero dar um abraço...Essa moça ai está precisando de um abraço". Aí, fui lá e abracei ela e ela começou a chorar. Começou a chorar, assim, né *[frase inaudível]*. Ai abracei ela e coisa, daí, ela começou a chorar. Daí, o senhor me agradeceu também. Eu sai, depois. Mas eu pensei assim: não custa né. Tem coisas que custa. Então, às vezes, a gente se isola. Daí, eu... Eu gosto de conversar. Eu acho assim que... E aí... na verdureira, também. Na verdureira tem uma... Eu gosto muito de cabelos cacheados, eu gosto. E tem uma menina lá e ela é de Rondônia. Aí, eu estava conversando com ela, assim, né, aí eu: "ai que coisa linda os seus cachinhos. Cuida bem". Agora, eu apelidei ela de cachinhos. Aí, quando eu chego, assim: "oi cachinhos, bom dia", né; e coisas assim, né. Então, acho que são coisas... Isso, acho que... São coisas que a gente passa, deve deixar, sabe né... Deixar um pouco da vida da gente aonde gente passa. Porque não custa, né. Não custa. Não custa, assim, sabe. Eu gostaria que fosse possível... Eu... O idoso, acho que o idoso tem que se atualizar também, não, porque é claro, os netos o condicionaram, o quadrado, isso e aquilo, né. Nós aceitamos. A gente também tem que se... achegar um pouco à eles, né. A gente vê cada neto carinhoso, assim, né. Eu tenho um sobrinho... Eu tenho um sobrinho que quando chego nele assim, a, ele chega e se joga. Um dia, ele disse assim, ele disse assim para mim: "porque que você me amassa tanto?" Ele falou: "porque que você me amassa tanto?" "A, é porque eu gosto de te amassar. Eu gosto muito de te... Gosto de te amassar, né". Então, daí é assim, sabe. Então, eu não tenho filhos, eu não tenho netos, mas tantas na minha vida que Meu Deus do céu, sabe. **P1:** Entendi. **E13:** Entendeste? **P1:** Era isso que eu queria conversar com a senhora. **E13:** Era isso que querias conversar comigo. Então, tá. **P1:** A senhora gostaria de falar mais alguma coisa? **E13:** NÃO, acho que eu já falei demais, né.

NARRADORA 14

P1: Minha pesquisa é sobre o conhecimento. Basicamente isso. Basicamente sobre o conhecimento na vida dos idosos e eu queria que a senhora contasse um pouco sobre a importância do conhecimento na vida da senhora. **E14:** Olha, eu acho que o conhecimento é tudo na vida da gente, né. Não é só do idoso, acho que em todas as idades, né, é... Então assim, eu gosto de ler, né, eu sou espírita então eu gosto de ler mais a parte, né, da espiritualidade, mas

trazendo pela... para vida atual, né e por isso que eu estou no grupo da memória também, né, para mim não... não perder essa coisa de gravar, de... né, assistir um filme e não saber o que foi depois, né. Então para mim isso é muito importante não perder isso, na minha cabeça é... a gente nunca tem o conhecimento suficiente. A gente nunca sabe tudo, né, então, acho que se eu... se eu morrer com 100, 200 anos, você ainda não aprendeu tudo. Então para mim conhecimento é tudo e aqui no SESC na aula da memória, a gente relembra e aí só que... enquanto você está relembrando o que você já aprendeu, você está tendo maior conhecimento, porque você enxerga de outro ângulo. Como a gente não enxergava quando era mais jovem, na infância, porque relembra desde a infância, né, as atividades traz tudo né, e... só que agora a gente consegue enxergar isso de outra forma e deixa a gente mais feliz, sabia? É muito bom [risos]. Traz emoção, né, traz é... às vezes coisas que estavam guardadas que a gente não sabia, vêm à tona e aí cabe à gente a trabalhar com isso, né. Então para mim conhecimento é tudo e é para a vida toda e eu penso dessa... dessa forma. **P1:** Que bonito. Você faz o grupo da memória... **E14:** Eu faço o grupo... Hoje... Agora eu faço o grupo da memória, cantoria... Faço cantoria e faço academia três vezes por semana. **P1:** Me conta sobre o grupo da cantoria. **E14:** Então, o grupo da cantoria eu comecei esse ano, estou ADORANDO, porque o grupo da cantoria... aquela hora que a gente passa ali cantando, esquece de tudo. Meu, é uma delícia, parece que a gente volta na juventude da gente, né, então não importa se você canta afinado ou desafinado, o importante é você cantar. Então assim... E a gente se sente tão à vontade, porque está todo mundo ali igual. Ninguém... ninguém é profissional... Então assim, está todo mundo, desafina, ninguém se importa com isso, o importante é cantar. Isso traz uma alegria dentro da gente, uma paz assim que você sai daqui assim, feliz da vida. Não precisa mais nada, só aquela uma hora cantando, rindo, dançando, porque aí tem música que a gente dança uma com a outra, né e canta e dança junto, então assim, é muito alegre, né e essa alegria é um... um combustível para vida da gente. Para mim, aqui é um combustível para minha vida, né. **P1:** Você faz amigos aqui? **E14:** Bastante, fiz bastante. Conheci bastante gente, eu tenho facilidade de fazer amigos, eu falo demais [risos]. **P1:** Entendi. **E14:** Então tenho muita facilidade de... de conversar com as pessoas, de interagir com as pessoas e... Mas aqui, assim, a gente é bem recebido, sabe? Chega uma pessoa nova, todo mundo vai lá, abraça e recebe bem, é bem acolhido, então isso é muito importante e aí gente se sente vivo, se sente... Então agora eu não sinto mais aquela tristeza de chegar em casa e não ter ninguém, não ter com quem conversar. Aí quando eu quero contar alguma coisa assim, porque eu preciso contar, né, para alguém assim, né: "Ai, foi bom aqui no SESC, aconteceu tal coisa assim e assim." Aí eu ligo para o meu filho: "Ah, aconteceu isso, isso." Às vezes, ele não pode falar comigo no telefone: Eu gravo um áudio para ele [risos]. **P1:** Entendi. Você usa o celular então? **E14:** Uso. Uso. Uso a *internet*, eu tenho *Face*, tenho *Instagram*, tenho *WhatsApp*, faço pesquisa na *internet,* quando eu vejo alguma coisa que eu não sei o quê que é, eu vou no... no *Google* e eu pesquiso tudo. **P1:** Era isso que eu ia pergunta para senhora, a próxima coisa que eu ia perguntar. A senhora sente necessidade de conhecimento no dia a dia, que precisa ir buscar? **E14:** Às vezes... Eu sinto, claro que eu sinto, porque ninguém sabe tudo, aquilo que eu te falei, né, então até mesmo uma palavra diferente, eu não sei o quê que significa porque... o vocabulário hoje mudou, né, não é mais o vocabulário da minha época, né e é muita palavra em inglês, né. Eu acho que o português está ficando meio que de lado [risos], do meu ponto de vista, sabe. Eu... até nem concordo muito com isso não, eu acho que a gente tem que usar a língua da gente. Se você vai para os Estados Unidos, saber a língua deles tudo bem, mas aqui eu não concordo muito que esse... Americaniza tudo, sabe? Então isso... Às vezes eu sinto dificuldade assim, eu não sei o quê que é e às vezes eu pergunto para meus filhos tanto para a minha filha, quanto para um dos dois... mas na maioria das vezes eu vou lá no *Google* e pesquiso. Aí, às vezes a gente... é... Comentam aqui de doença, essas coisas, né. Graças a Deus eu estou com uma saúde perfeita, então eu não entendo muito de doença [risos]. É, só o que meu pai teve, aí eu entendo, né, fora disso não. Então, aí eu vou lá pesquisar o quê

que é isso, como é que funciona, essas coisas só para mim saber o quê que é, né, mas...Então para mim é muito importante sim, eu uso bastante a *internet*... **P1:** Então você pesquisa mais na *internet*? **E14:** É, pesquiso mais na *internet*. **P1:** Que interessante. E você tem *WhatsApp*? **E14:** Tenho. **P1:** Conversa muito com o pessoal no *WhatsApp*? **E14:** Nossa, só de grupo eu tenho oito no *Wattsapp* [risos]. Tem dia... **P1:** Tem aqui do SESC? **E14:** Tenho. Aqui do SESC tem da cantoria, tem aqui da administração né *[frase inaudível]*, tem da memória e tem das amigas, tem quatro só aqui do SESC [risos], tenho 4 grupos. É bem legal e assim, né, é... Eu sou voluntária no Ser Viver, né e aí tem o grupo do Ser Viver também, aí tenho as reuniões do Ser Viver, porque eu não venho só no SESC, aí eu... eu tenho as minhas atividade no... no Ser Viver também, né, porque eu penso assim, não é só você estudar e conhecer, a gente tem que ter cultura, mas a gente tem que ajudar as pessoas com aquilo que a gente sabe, porque… Então, porque eu penso da seguinte forma: Tudo o que eu sei, o que eu aprendo, o que eu vou descobrindo, se fica comigo apodrece. Eu tenho que passar pra frente para frutificar, né, eu penso... Em qualquer sentido: material, espiritual, cultural. Então o que eu sei, eu tenho que passar para frente, eu tenho que conversar com as outras pessoas, né, se pessoa dá a chance, claro né, é acessível ao tipo da conversa. Eu não deixo nada para trás eu converso do assunto, porque é assim que a gente aprende, né, é assim que a gente descobre as coisas, né. Então... E eu acho assim, até egoísta da parte da pessoa que só estuda, estuda, estuda, estuda e não faz nada para passar para frente o que aprendeu de bom. Meu modo de vida, meu modo de ver a vida é assim, então tudo o que eu aprendo, tudo o que eu descubro de novo, eu comento com meus filhos, eu comento com as minhas amigas — não é novidade na maioria das vezes — mas aí a gente já troca ideia, né: "O quê que você acha?" Igual agora: Eu estou muito feliz, feliz mesmo, porque eu vou ser avó pela primeira vez. **P1:** Olha, quatro filhos e agora que a senhora vai ser avó? **E14:** Três filhos e agora... É. O casal e mais um, né, são dois rapazes e uma menina. Aí eu vou ser avó, né, só que na minha época... **P1:** É que a senhora é nova mesmo, mas deve ter mais, né, mais para frente, né. **E14:** Ah, sim. Aí... Aí... na minha época era tudo diferente, né e a minha nora — porque é a minha nora que está grávida — e a minha nora ela quer parto humanizado, que eu acho EXCELENTE. Então estou eu pesquisando, assistindo vídeo no... na... na Netflix, assistindo vídeo no *YouTube*, sabe, ela passa vídeo para mim, do quê que é um parto humanizado hoje, como é que funciona e o quê que... né, como é que é as coisas assim. Meu, o meu neto nem nasceu, já está me ensinando muita coisa [risos]. O meu neto nem nasceu, mas eu já estou aprendendo muito com ele, viu, porque mudou tudo, né. Não é mais igual a minha época, tudo é diferente agora, então eu tenho que aprender de novo, e eu vou ajudar a cuidar do neto, porque ela trabalha fora, ele também, então assim, a avó que não tem compromisso assim mesmo, é... sou eu né. A outra avó não dirige, a outra avó mora num sítio, não dirige, tem mais dificuldade de aceitar as... a atualidade, sabe? Aquele mundo que ela aprendeu... ela não consegue aceitar, né, o tempo hoje. Então fica difícil, né, então a minha nora... O apoio que a minha nora precisa de mãe quem está dando sou eu, porque é comigo que ela conversa, né? Ela conta as coisas para a mãe dela, mas... discutir, ou coisa assim é comigo, né, então ela está me obrigando a... a me atualizar. Agora eu vou ficar atualizada [risos]. **P1:** Entendi. Começando pelo parto já? **E14:** Começando... Pois é. **P1:** Mas que coisa bonita. Ah, e aí... Falando nessas palavras americanizadas, a senhora já ouviu falar das *Fake News*? **E14:** Sim. **P1:** E me conte: O quê que a senhora ouviu falar das *Fake News*? **E14:** Pois é, *Fake*... é tudo que não é verdade, né, então eu fico assim, para passar uma coisa para os outros, nossa. Eu às vezes eu pesquiso, às vezes eu pergunto para os meus filhos se é verdade, se não é, porque aí você passa — se você confiar só na pessoa que te mandou, não pode — porque já aconteceu comigo, de confiar numa pessoa que é minha amiga, como é uma pessoa muito séria, estudada, tudo e aí de repente ela passou uma coisa e depois falaram que era vírus: Eu fiquei super preocupada, porque eu passei para os outros. Ainda bem que eu não passei para muita gente, passei para três pessoas. Aí vai eu mandar mensagem para essas três pessoa, né, para não abrir,

porque era vírus. Aí eu me senti mal com isso, sabe? Então assim, eu... eu só passo para frente, é... coisas assim que eu vejo que é oficial mesmo. Não o que eu recebo pelo *What's* de qualquer, repassando assim, eu não passo porque está muito complicado esse negócio de *Fake*, né? Hoje tudo é *Fake*, eu nunca vi *[palavra inaudível]*. É difícil de achar uma coisa que não é *Fake*, né? **P1:** É difícil de achar uma verdade? **E14:** Mas é. Então... Então fica complicado, por isso que eu falo que eu gosto mais de conversar pessoalmente com a pessoa. Não é *Fake*, porque aí a gente troca ideia, se ela não concorda ou se ela falar: "Ah, não. Isso é só boato e não sei o quê." A gente resolve ali naquele momento. Aí pela *internet,* isso atrapalha muito. Eu acho que é uma das coisas que não... não traz benefício na *internet*, porque tem muita coisa que é benefício na *internet*, mas tem muita coisa que atrapalha. Então, essa coisa mesmo de notícia, essas coisas, raramente eu passo, porque eu não confio, por causa desse bendito *Fake*. **P1:** É. Virou moda, né? **E14:** Virou moda. **P1:** Eu queria fazer uma última pergunta para senhora... Duas na verdade. **E14:** Quantas você quiser. **P1:** Não, na verdade uma, por quê? Porque a senhora sabe que no Brasil tem essa questão de... para algumas coisas a senhora não é idosa, por exemplo, pegar ônibus, a senhora não é idosa ainda, né? **E14:** Ah, já brigam comigo, até... **P1:** É. É sessenta e cinco. **E14:** Não. Eu tenho... Eu tenho aquele coisa de vaga de carro, né? **P1:** Ah, sim. Aquilo é sessenta, né? **E14:** Aquilo é sessenta, aqui né, porque São Paulo é sessenta e cinco, né? **P1:** Ah, é? **E14:** É. Meu, o que já brigaram... Um dia um senhor falou que eu era mentirosa, que não sei o quê, eu tive que mostrar a minha identidade, porque ele queria chamar a polícia que eu não era idosa, que aquilo ali... que aquele cartão era falso. "E como é que eu vou conseguir um cartão falso, moço?" Aí brigou comigo, você precisa ver. Então nesse... Eu até nem coloco, só mesmo em último caso que eu coloco. Nesse por fila de banco, essas coisas... eu levo cada esporro [risos] que você não tem noção. **P1:** Eu magino, pois eu não imaginaria que era a senhora que estava me esperando, mas... como... Eu vejo que a senhora ainda não... não se sente uma idosa e segundo alguns parâmetros realmente não é mesmo, né, realmente não é mesmo, segundo alguns parâmetros. No Brasil é acima dos 60 anos, isso é fato. **E14:** Isso é fato, mas idoso para mim, para minha cabeça, não é o número de anos que você viveu. Idoso para mim, é a cabeça da pessoa, então assim, eu posso ter 100 anos, mas posso não ser idosa, é opção minha daí. Eu penso dessa maneira, né e eu entendo dessa maneira. E posso ter 20 anos e ser uma idosa, então eu não me considero idosa — não por vaidade por nada — porque eu não tenho problema nenhum com a idade. Só que assim, eu ainda procuro, eu espero continuar assim até o final, né, me inteirando das coisas, me atualizando, convivendo com as com as pessoas, brincando, sorrindo. Eu quero viver assim até o final, não importa a minha idade, porque para mim idade... Eu ainda vou voar de asa delta, é o meu sonho. Meu filho já foi, minha... Os dois já foram, minha filha já foi, agora só falta eu. **P1**: Ah e a senhora vai então? **E14:** Vou, vou [risos]. **P1:** Eu queria que a senhora então me respondesse uma última pergunta: Qual é o papel do SESC na vida da senhora? **E14:** Olha o papel do SESC na minha vida, como eu falei eu começo, é me sentir vivo e me sentir dentro da... da sociedade. Esse está sendo o papel do SESC na minha vida, porque... para mim é tudo. Eu fico... sabe, assim, porque senão, se eu não venho aqui... O Ser Viver é outra coisa que me faz muito bem, mas o Ser viver é completamente diferente: A gente estuda, a gente tem curso, a gente tem reunião e tudo, mas é uma coisa, uma responsabilidade que eu quis, né, assumir, para o bem do próximo. Na verdade, quem sai ganhando é a gente não é... A gente fala para ajudar os outros, mas não é, é para ajudar a gente mesmo. Só que aqui não, aqui vamos supor, é um lazer. No Ser Viver é a responsabilidade, aqui é o lazer. Então... E eu penso assim, quem não tem lazer não vive... Como é que uma pessoa pode viver feliz, viver bem, se ela não tem lazer? Então para mim o SESC significa isso. **P1:** Entendi. Que bonito. A senhora deseja falar mais alguma coisa? **E14:** Não. O que você quiser saber, eu respondo assim [risos].

NARRADORA 15

P1: Em primeiro lugar eu gostaria que a senhora me dissesse: qual é a importância do conhecimento na vida da senhora? Das experiências que a senhora já teve com o conhecimento. **E15:** Olha, a minha experiência, meu Deus foi muito grande. Quando eu cheguei... Quando eu me aposentei vamos começar, assim, né, porque você... até cair a tua ficha que você está em casa, só em casa. Aí eu era muito... Sou muito agitada, trabalhava em comércio, então tinha muita amizade. No comércio tu vira com esta vendedora, psicóloga, tu vira tudo, né. E daí eu comecei a entrar em depressão. **P1:** Depois de quanto tempo aposentada? **E15:** Dois anos. Aí uma amiga falou: "Ah, vamos para o SESC, vamos para o SESC, tu vai ver como é legal." E eu vim gente e nunca mais saí daqui [risos]. Então me trouxe MUITO CONHECIMENTO, MUITA AJUDA, MUITA AMIZADE. Meu Deus, a gente faz coisas assim que tu não tem noção do que nós aprontamos. O nosso grupo pelo menos é muito agitado, participativo, sabe? Então para mim foi... assim, eu me tornei outra pessoa, sabe. Eu vivia calada, "O quê que eu vou fazer agora?" Sabe? Ah depois minha filha... não parei mais, sabe, tanto que eu coordenei o grupo vários anos. Ainda estou na frente do grupo, fora o menino que nos auxilia aqui do SESC, né, mas muita coisa é só comigo, porque ninguém quer assumir nada, né. Então os passeios, os aniversários... Isso foi desenvolvendo em mim, eu não sei da onde eu tirei isso tudo. Até às vezes eu me pergunto: "Como é que eu consegui tudo isso?" Entende? Porque nosso grupo tínhamos na época 30 pessoas. Coordenar essas 30 pessoas que de idade são cabeças totalmente... Criança já é diferente, imagine idosos, né, totalmente diferente. "Ah, eu já não quero mais, porque eu já tenho 60 anos, não preciso mais disso." Não querem que, assim, a gente participe da vida deles, porque eles já têm 60 anos, então não precisam mais. "Vamos fazer alongamento?" "Ah, não quero." Sabe? Então tu tem que trabalhar em cima disso... Essas experiências para mim, foram assim, *[palavra inaudível]*, demais, sabe. E é isso, a minha experiência foi maravilhosa. **P1:** Entendi. E o quê que o SESC trouxe para senhora de conhecimento? Digamos assim. **E15:** Ah, muita coisa. Nossa, mas tipo assim, tanto a biblioteca, né, que a gente... que eu adoro ler, então leio até bula de remédio se for preciso [risos], como eu não tenho nada. Mas, assim, muita palestra com médicos, geriatras, nutricionistas... Olha, nós tivemos palestra até sobre sexualidade na terceira idade e a gente visitou... visita... assim, vários lugares como fisioterapias... Então isso tudo, de um jeito ou outro, que aflora alguma coisa, tu aprende alguma coisa, te dá alguma coisa, entende? Então muita... Tipo assim, experiências com chás, palestras, né, sobre os chás, sobre... Meu Deus o conhecimento é incrível, sabe? É pouco... É tanto que a gente nem lembra na hora, de tanta coisa boa, sabe, de tanta coisa boa. **P1:** Uhum. Nesses 12 anos a senhora deve ter vivido bastante coisas. **E15:** É. Sim, bastante coisas mesmo. Claro, teve algumas perdas assim que a gente se sentiu muito e amigas do grupo, né, assim, mas 99 por cento é só felicidade. **P1:** Só felicidade. Faz parte da vida [palavra inaudível]. **E15:** Faz parte da vida, né, não somos eternos, né, então... Mas a gente sente, né, porque a gente é uma... a gente torna-se uma família aqui, sabe: Se uma não vem numa terça-feira e ela NÃO AVISA, a gente já fica pensando mil e uma coisas, né. Então a gente é uma família: Sai para tomar café... Muito legal. **P1:** Que bonito. Já faz tempo que estão esse grupo aí que a senhora... **E15:** Ele foi fundado em 2004. Ele era primeiro o chamado Grupo dos Aposentados do Comércio, porque o SESC é comerciário, né, mas depois nós batizamos ele de Grupo de Alegria do Viver. Sim, é um nome mais... mais gostoso, né. **P1:** É. É mais estético digamos assim, né?. **E15:** É, aham. **P1:** Tá, eu entendi que as coisas que o SESC traz *[palavra inaudível]* conhecimento e eu queria que a senhora lembrasse de situações do dia a dia da senhora. Do dia a dia mesmo: desde na hora de fazer uma comida ou na hora de ir no médico ou... Qualquer coisa... Situações do dia a dia da senhora que a senhora sente assim que

falta conhecimento para alguma coisa, entende? Em quais aspectos assim... **E15:** Falta *[palavra inaudível]*. Pode até ser na culinária de tempo, porque eu não muito de... né, assim... e em aspecto de... de médico eu não digo, porque graças a Deus, assim, tipo, eu ainda entendo tudo que o médico fala, sigo corretamente, né, mas não tenho... Moro sozinha, me... me... Consigo trabalhar sozinha, consigo fazer tudo sozinha. Não tenho dificuldade. Por enquanto não, um dia vou chegar lá [risos]. **P1:** E o quê que a senhora... Quais são os meios de informação que a senhora usa no dia a dia, assim, quando a senhora precisa de conhecimento, onde que a senhora busca? **E15:** *Google* [risos]. **P1:** No *Google*? A senhora usa o celular? **E15:** O celular não sai da mão, né e depois, jornal e televisão... **P1:** A senhora assiste televisão? **E15:** É. Eu sou um pouco noveleira, sabe? [risos] Porque chega a noite... vai para a rua, não dá., daí a gente fica na televisão... O quê que... Eu não tenho... Só tem os canais abertos, né, não tem outra coisa. E é isso e muita leitura, né, quando enjoa de uma coisa. Aí faço também... bastante trabalho artesanal. JÁ FIZ MUITO MAIS, mas hoje... Aí parto para uma coisa, para outra, bordo, faço crochê, leio... Aí passa o tempo. **P1:** Entendi. O quê que a senhora costuma pesquisar no celular, no *Google*? **E15:** Ah, receita [risos]. **P1:** Receita de bolo? De... comida? **E15:** Receita de comida, porque eu estou querendo emagrecer, então, eu parto para esse lado, né. E tem me ajudado até... um pouquinho. É que eu sou meio preguiçosa nesse ponto, sabe? **P1:** Para cozinhar? **E15:** Para fazer aquelas dietinhas, sabe, aquelas coisas... Eu sou mais o básico, né *[palavra inaudível]* [risos]. Já fui, né, porque quando a gente tem família, tipo assim, os filhos em casa, marido... Aí você se incentiva mais em fazer uma culinária diferente, mas quando você é sozinha, ou você opta por comer fora ou você opta por fazer qualquer coisinha para ti, então, acabou-se e pronto. Aí já muda totalmente o estilo do... **P1:** É verdade. Eu também moro sozinha, né. **E15:** É, muda totalmente o estilo. **P1:** É, eu sei bem o que a senhora está falando. O quê mais que a senhora procura no celular, além de receita? **E15:** Ah, muitas mensagens assim que às vezes você dá uma caidinha, assim, sabe? Vem uma tristezinha... aí eu vou para as mensagens e aquilo me fortalece, sabe? Não todas, mas algumas me fortalecem, daí: "Puxa, eu estou pensando assim, mas não é assim. Vamos para frente, né." Pronto, daí... E também assim... tipo, às vezes sai uma notícia: eu vou procurar se ela é verdadeira ou não, porque hoje tem muita *Fake News*, né. E também sobre receitas de crochê e TUDO que... [risos]. De tudo um pouco. **P1:** Me conta mais sobre essa da *Fake News* que a senhora... recebe? **E15:** Não, não é que eu recebo. Tipo assim... Eu tenho muitos parentes que moram.... no Paraná, tipo Ponta Grossa, para o lado de lá. Então às vezes sai uma notícia: "Ah, porque isso, porque aquilo." Eu gosto de me inteirar do que está acontecendo com eles lá, mas primeiro eu vou ver se é verdade ou não, sabe? Porque às vezes tu já liga: "Ai..." desesperada: "É verdade? Aconteceu isso com vocês? E não sei o quê..." Na cidade, né e não é nada disso, né... Mas assim hoje em dia, assim, para eu entrar num... em política, essas coisas, eu não entro, porque isso não me interessa, sabe. É mais isso assim que eu... que eu procuro saber se é verdadeiro ou não, né. Quando me envolve ou envolve alguma pessoa que eu conheço, uma amiga, né, aí sim, mas outras coisas assim eu não... eu não sou muito. **P1:** Como é que a senhora faz para ver se é verdade? **E15:** Ah, eu vou lá nas notícias verdadeiras e daí se... Vejo os compartilhamentos, né, para ver o que as pessoas dizem, se elas dizem que não é verdade, eu... **P1:** Lá no *Face*? **E15:** É. Daí eu não *[palavra inaudível]*. Ah, também pesquiso assim, tipo... sobre remédios, né. Você às vezes vê um remédio, aí eu vou lá ver se aquele remédio *[palavra inaudível]*: Quantas pessoas já tomaram, o que fez, se é bom, se não é, porque... às vezes tu te automedica e não sabe o quê você está tomando, né. Então isso também eu procuro saber bastante. **P1:** No *Face* também? **E15:** Hãn? **P1:** No *Face* também? **E15:** No *Face* também daí. O *Google* é pouco, não é tanto, mas eu vou mais para o *Face*, porque ali eu tenho uma base do que... do que acontece. **P1:** A senhora participa dos grupos do Face? Esses *[palavra inaudível]* de remédio... **E15:** Não. Não. Não. Não. Não gosto, porque eles mandam muito mensagens daí [risos]. Aí você tem... Para você participar, você tem que responder e eu não muito de estar respondendo, então eu prefiro não

entrar em outro grupo. **P1:** E do *WhatsApp*? **E15:** Ah, do *WhatsApp* eu tenho inúmeros [risos]. Assim, de amigas, de família, de parente, de tudo... Só que também esse negócio de: "Ah, bom dia. Bom dia. Boa noite..." eu não sou muito fã, sabe. Para mim, *WhatsApp* é você mandar um recado para uma pessoa: "Olha, hoje eu estou em casa, vem amanhã ou isso..." Coisa assim, sabe, eu gosto assim, mas se me mandam muito, às vezes eu nem respondo, porque acho... é uma perda de tempo. **P1:** É, esse negócio de bom dia e boa noite, eu também... **E15:** Ah, às vezes cansa, né? Tanto que... **P1:** Uhum. Então a senhora usa bastante jornal, a *internet* e o *face*. A senhora ouve rádio? **E15:** Ouço de manhã, a manhã inteira praticamente [risos]. Às eu não estou nem antenada no rádio, mas ele está ligado [risos]. É que eu fui assim sempre com muito barulho, eu não gosto de ficar muito silêncio em casa, sabe, porque como eu trabalhei com muitas pessoas, então sempre tinha... uma fala, uma coisa e aí o rádio... (+) o rádio me ajuda a tirar aquele silêncio de ficar só em casa, né, assim. Quanso eu estou fazendo uma limpeza... o rádio me ajuda muito. **P1:** Mas a senhora também busca informação no rádio? Não? **E15:** Ah, sim. Sim. De manhã cedo, o meu café da manhã é escutando um programa que aqui em Joinville que traz todas as notícias [risos]. **P1:** Que interessante. É que rádio, o nome? **E15:** É a... 89 FM. **P1:** Hum. É a FM. Geralmente essas coisas de notícias é na AM, né? **E15:** Não. Esse... Ele faz um programa de manhã e faz às seis horas da tarde, mas aí de manhã tu já fica sabendo de tudo [risos]. **P1:** Entendi. Me diga uma coisa: (+) me conte um pouco sobre as atividades que a senhora desenvolve aqui no SESC e as pessoas que a senhora conhece aqui também, né. **E15:** Ah, sim. As pessoas são maravilhosas. Claro que... nem tudo são rosas, né, às vezes aparece um espinho no meio, né. Nós já tivemos... fatos que aconteceram que foi um bate boca feio entre pessoas assim, mas tudo foi esclarecido, tudo... Sabe, quando você não está legal, a tua amiga lá fala uma coisa, mas aquilo te atinge de uma outra maneira, né... Mas, assim, o grupo é bem... Tu vê que... de 2004 até agora, eu acho que tem 15 pessoas que... não, que não são do meu tempo... de 2004, porque eu sou a mais velha do grupo, vamos supor. A 14 anos todas têm 10 anos, 12 anos, 11 anos, então tu vê que é uma coisa boa, sabe, que a gente se une mesmo, né. E o grupo, assim, ele já tirou muita gente da depressão principalmente isso, sabe. Da depressão é uma coisa assim... Ou uma perda de um familiar ou uma coisa assim. Nossa, a pessoa sai outra daqui, completamente outra. A gente faz alongamento, a gente canta, a gente brinca, a gente sai para passear. Passeio, a gente faz bastante passeios, tanto agora que nós vamos para Pomerode ver a Páscoa e tipo assim, agora nós temos esse menino que começou esse ano. Ele... Até eu gostei da ideia dele de não ficar com o grupo só dentro da sala e fazer trabalhos fora, sabe. Tipo, fazer um esporte lá na quadra ou passear, né, um pouco, SAIR de dentro da sala, não ficar só aqui dentro, né. **P1:** A sala é essa? **E15:** A sala é essa. Então achei muito válido, daí ele também... O que o nosso grupo ADORA fazer é perguntas e respostas. Você pode ficar tarde inteirinha brincando com isso que é uma festa. **P1:** Tipo Show do Milhão? **E15:** Isso, tipo assim. Silvio Santos, né [risos]. E também aí a gente faz um binguinho, assim, mas não... Porque o bingo é proibido, né, bingo, mas aqui entre nós, brincadeirinha assim, a gente faz. E como eu te digo, né: palestras, é... cantorias... Olha uma infinidade de coisas que tu não vê a tarde passar e... Depende tudo também, né, da tarde passar. Depende... da pessoa que o SESC contrata. Nós já tivemos pessoas que o SESC contratou que não deram aquela ênfase, não botaram o grupo para cima, sabe, mas teve pessoas que meu Deus, quando saiu daqui a gente chorou, sabe. Então tem tudo isso também. Tem pessoas que simpatizam com um, mas não simpatizam com o outro, né e às vezes aqui no grupo dizem que está tudo maravilhoso, mas quando chega lá fora, é uma crítica só, sabe. Eu combato muito isso. Tem alguma coisa contra? Vamos falar aqui, vamos ver se... né, botar os... lavar a roupa suja, como a gente diz, para não ficar aquele tititi lá fora. Não gostou? Não gosto de ti? Eu chego para ti: "Olha, muda..." né, assim, mas não chega lá fora e critica a pessoa, sabe. Não gosto disso. E aí... Mas é tudo um... Tudo tu resolve, tudo a gente resolve. **P1:** Entendi. A senhora não chegou a fazer aquele... aquela oficina do *smartphone*? **E15:** Não, ainda não. **P1:** Por que? A senhora já aprendeu sozinha? **E15:** Não...

Eu preciso. Até pensei nesse ano fazer, mas sabe aquela coisa que tu vai adiando, adiando, adiando, né e é o V. que está fazendo. O V. é uma pessoa muito boa para ensinar isso, sabe, o nosso... que era o nosso coordenador antes. Mas como surgiu esse problema de saúde, no final do ano passado, que eu tive que fazer uma cirurgia, daí esse ano o médico não me libera para nada, porque... Aí tu vai prolongando a coisa e no fim não tem mais vaga ou coisa assim, aí tu fica para trás. Aí quando tenho um problema, eu chamo o meu neto [risos]. **P1:** Entendi, isso é bom. Mas a senhora me contou que precisa. Por que a senhora acha que precisa? **E15:** Porque, assim, porque ele engloba tudo né. Vamos dizer... Você bateu uma foto direto, você entra numa página, talvez é errada, você entra sem querer. Ou, tipo assim, tem muitos aplicativos que eu ainda não sei mexer. Eu não sei mexer no aplicativo... do Uber, sabe. Então, coisas assim ainda preciso aprender. Ainda sou um pouco medrosa. Mas, vou deixando, vou deixando. Quem sabe a hora que surgir uma vaga aberta. Talvez junho ou julho, daí eu encaixo. **P1:** O que mais, assim, de coisas que se faz no computador e no celular que a senhora... acha que precisa aprender: como por exemplo o Uber. Existe outras coisas? **E15:** Tem muita coisa, tipo assim, baixar aplicativo; porque eu não tenho carro. Ou então, ônibus, o horário de ônibus. Tem tanta coisa que você pode ter na agenda, sabe, no celular, que eu ainda não... Não é que eu não tirei tempo para isso, ainda, sabe. Não tirei tempo. Eu só vou tirar um tempo... Que tu vasculha, tu acha. Se tu erra, chama o neto para arrumar. Esses tempos, eu entrei numa página de... Na M., não... tinha nem o sol no começo, assim, sabe. Aí, eu disse: "meu Deus". A minha filha liga para mim: "mãe, o que tu fez, mãe?" Aí, eu disse: "o que eu fiz? Não fiz nada de errado". Daí, ela disse: "não mãe, tu está na página de relacionamentos"... LÁ vem meu neto arrumar para mim, porque, naquela época, eu não sabia. Aí, começou as ligações: "ai... está de namorado num encontro". Eu digo: "meu Deus do céu". Isso, eu acho que em dez minutos, assim, espalhou, sabe. Dessas coisas, eu vou fazer o curso, né. *[frase inaudível]* pagar esses micos, né. **P1:** Entendeu... entendi. Seria quase que um namorado do *WhatsApp*. **E15:** Virtual e não sabia. Então são essas coisas que a gente, né, tem que cuidar, que a gente tem que se aperfeiçoar, né. Não dá pra ficar... *[frase inaudível]*... "Não bota para a gente não conhecer", tenho amigos que falaram assim. **P1:** Aí meu Deus do céu, o que mais eu tenho que perguntar para a senhora... aqui. A senhora se sente uma pessoa livre? **E15:** Eu sim. Ó... me lembrei de mais. Às vezes, as filhas puxam meio, né. Mas eu faço o que eu quero, onde eu quero. Deus dá asas para quem não pode voar, porque, senão, eu não parava em casa. Tipo assim, eu viajava e eu acho que... Direto, sabe. Porque eu sou uma Maria Gasolina, adoro viajar. Mas então, tem que... As finanças tem que estar ali, sabe. Tanto que no meu trabalho de comércio, eu viajei esse Brasil inteiro, de ponta a ponta. Eu representava uma indústria aqui de Joinville. Primeiro de...Timbó, depois em Joinville. Onde, a gente ficava dez dias em cada capital fazendo feiras, essas feiras de verão... Então eu conheço o Brasil inteiro, sabe, porque eu adoro viajar. Hoje eu não faria o que eu fiz naquela época. Andasse dois dias inteiros de ônibus para cima e para baixo, sabe. Mas é como fazíamos. **P1:** E a senhora tem feito muito isso? **E15:** Ultimamente... De um ano para cá, não. Mas antes, sim. De um ano para cá, eu... por causa da saúde: que eu tenho problema de coluna, então, eu penso no... Ficar no hotel sentada. Então, já está me complicando. Agora, segunda feira, vou receber o aval de todos os exames que eu fiz, que eu já tenho cirurgia ali. Surgiu mais um problema. Então, tu fica meio assim, trancada, né. Porque tu também não quer estragar um passeio, né. Às vezes, muito longe, coisa então... Mas antes, sim, nossa. Um de nós já fomos e depois, eu tenho que arrumar os passeios para o grupo... grupo nosso, né. Eu já não sei mais aonde levar eles. Nós já... viramos
aqui tudo, sabe. E eu não sou um dia. Eu não posso fazer, tipo assim, eu só posso levar ali em Pomerode, ou Brusque, ou Curitiba. ASSIM levo, fora do SESC. Porque eu não sou guia. Mas a gente faz, porque sai mais barato, né... A gente se vira... Tudo da um jeito. **P1:** É verdade. **E15:** Que bota a cara à tapa, né... **P1:** Concordo com a senhora. A... Eu ia perguntar uma coisa que eu acho que a senhora respondeu um pouco, né. Eu ia perguntar por que que a senhora

procurou o SESC? **E15:** Tá, por causa da depressão que eu não parei de trabalhar, né. Foi a primeira... **P1:** Primeiro gatilho, né? **E15:** Meu... gatilho. E daí que eu vi aqui, nesses longos anos, que muita gente vem aqui por indicação de quem está aqui dentro, né. "Vai lá que tu melhora". Ou por um.. O filho manda. Nós temos pessoas que vêm com cuidador, na idade precária, que já não... Né, não... raciocina. Mas, o filho quer que o pai, é um senhor, até que o pai participe de alguma coisa. Nós temos uma senhora de oitenta e dois anos, que ela vem, ela senta, ela olha para nós. Ela não é de participar, mas, ela quer ver. Ela, decerto, gosta de ver nós rindo... sabe. Então, a gente aprende muito. Até com eles, a gente acaba aprendendo, né. E já saem felizes daqui. Às vezes, a gente não sabe se eles entenderam o que passou aqui. Mas eles vem. Então, isso motiva muito, né. Aí, você não tem mais tempo para depressão. Apesar... que eu tomo remédio, né, mas... **P1:** Mas não está sobrando tempo para a depressão, então? **E15:** Não, não, não... E assim, já ajuda muitas, muitas vezes. **P1:** Entendi. Eu gostaria que a senhora respondesse mais duas coisas. Em primeiro lugar, qual... é a experiência da senhora sendo uma pessoa idosa, de um modo bem geral? **E15:** Olha, experiência, eu não tenho reclamação ainda, entende. Só que claro, experiência, nada é como antigamente, quando você tinha 40, 50 anos. Não é, porque o teu corpo já não reage como reagia antes. Você tem que correr atrás, porque senão, tu... Né, assim. Então... uma dorzinha aqui... Não sei quem inventou a melhor idade, né, porque, acho que é melhor dor... UM DIA DOÍ AQUI, OUTRO DIA DOÍ ALI. Assim as experiências, mas nada me impede, nada... Sou livre, faço o que eu quero, então não aí... Ainda, né... Eu já tenho amigas da minha idade que: "ai meu Deus, solidão"... Eu não sei o que é isso, não sei. Agora, eu tenho uma filha que me ajuda muito, sabe, que é meu porto seguro. Porque se ela ver que eu estou assim, QUERENDO dar uma escorregadinha, ela já me chama a atenção, já me manda mensagem, bota para cima e bate palma, é isso mesmo, sabe. Daí, isso me incentiva bastante também. Ela não para, ela não me deixa parada... Isso é muito bom, tendo alguém da família que te dá um respaldo, te dá um apoio, sabe. Isso é muito bom. Família é tudo, né. **P1:** Outra coisa que eu queria perguntar para a senhora... Qual é a situação do idoso hoje, na perspectiva... Assim... **E15:** De vida. **P1:** É, o que que a senhora acha, assim, que hoje, a situação do idoso no Brasil? **E15:** Olha, a expectativa, eu acho QUE levemente está melhorando, mas podia ser bem melhor, né. Porque, hoje nós temos muita ajuda de nutricionistas, né. Porque, você já não chega a uma certa idade, já tem que cuidar MAIS da alimentação, porque você, talvez, já cuidava. É... Tipo assim, em... obstáculos né. Teria que melhorar, o governo, melhorar muito para os idosos, os obstáculos nas ruas, né. E também, assim, é... Tipo, dar mais palestras, ajuda, para o que você pode ter dentro de casa. Até um menino fez uma brincadeira conosco. Achei interessante: o que não é bom ter dentro de casa na terceira idade, né. Então, isso tudo ajuda. É tudo um aprendizado que a gente tem. Mas, eu acho que... Olha, hoje em dia não vive... Não, quer dizer, não vive bem financeiramente... Tirando a financeiramente, não estabilidade quem não quer. Porque você tem mil e uma opção de procurar grupos, ajuda, né, assim. Só que no outro lado de obstáculo, como eu digo... E assim, ainda falta bastante... para o idoso poder sair a vontade na rua, né... Eu mesma, já cai tantas vezes nessas nossas calçadas, né. Então, isso teria que ser cuidado mais. É com deficiente, com... sabe. Mas de resto, eu acho que se o idoso quiser viver bem, ele vive. **P1:** A senhora queria falar mais alguma coisa? **E15:** Ah... Só posso dizer que eu gostei e que se foi bom para ti, para mim foi maravilhoso. **P1:** Mas que ótimo. Mas é claro que foi bom para mim. Não tenha dúvida disso.

NARRADORA 16

P1: Como eu falei para a senhora, a minha pesquisa é sobre o conhecimento na vida dos idosos, basicamente isso. Então eu queria que a senhora começasse a entrevista falando da importância

do conhecimento na vida da senhora. **E16:** O conhecimento assim, como eu não.. eu não tive... Eu tinha a possibilidade, tanto é que meu pai queria me mandar para o Rio de Janeiro, para aquele colégio de freiras lá, que nós tínhamos um vizinho que tinha quatro filhas e quando chegou... saímos todos do colégio, ele falou pro meu pai: "Vamos mandar..." Eles me chamavam de C.: "Vamos mandar a C. junto com as meninas, para o Rio." Ele de certo via aquela situação nossa ali tudo, então o homem.. o homem.. o homem, ele era fiscal da Receita Federal e ele: "Deixa eu interferir nesse negócio aí." E botou na cabeça do meu pai de me mandar para o Rio de Janeiro também. "Tá, então, o quê que vai precisar? E tal, tal e tal." Foi tudo... tinha que ser tudo lençol bordado, tudo bordado com o nome e tudo e que precisa enxoval e tudo.. tudo.. tudo " E depois de tudo pronto, chegou no dia: "Não, a minha não vai", a minha mãe: "A minha filha não vai, não, ela vai ficar tempo longe..." Quer dizer as quatro foram e eu dancei, não por minha vontade, nem do meu pai, mas pela vontade da minha mãe. Então minha mãe podava tudo. Hoje eu acho que todo pai e toda mãe quer mais é que os filhos tenham conhecimento, cresçam né, para ser alguma coisa. E a minha mãe não, a minha mãe podava tudo. **P1:** E a senhora sentiu falta disso então? De conhecimento na sua vida toda? **E16:** Isso aí.. isso aí, porque eu acho assim... Não gosta de estudar? Claro que eu não gostava, não é preferível ficar em casa dormindo num tempinho desse? Então eu dizia: "Ah, eu não quero estudar de manhã." Porque tinha empregada em casa e a empregada chamava: "Vamos, vamos, vamos, está na hora." E o colégio era a uma quadra de casa, colégio de freiras, caríssimo: "Não, vamos, vamos, vamos.", "Ah não, não, não, não." Quando a empregada falava para minha mãe: "Olha, ela não levanta e não sei o quê." "Ah então eu vou lá no colégio, botar para tarde." Aí ia lá no colégio, falar com as freiras, que aí eu ia de tarde. Só que de tarde eu via que todos os meus amigos ficavam brincando eu queria brincar. Então ela: "Ah ela não gosta de estudar." Claro que eu não gostava, não era preferível brincar? Aí eu gazeava aula, porque não tinha aquele incentivo da mãe e o pai quando ele queria falar, não podia. "Deixa, deixa, deixa, é criança, é criança." Que criança? Aí quando fazia arte, pegava uma escova, dava na cabeça, queria matar. Então por isso que prefere ficar na rua, né? Para que ficar em em casa? Para ver briga de pai e mãe, dando tiro, querendo matar? Então vamos para rua, vamos para rua, na casa dos outros era bom. Tinha uma família lá com seis, sete filhos, pai e mãe. Nossa, dormia tudo assim, tudo um em cima do outro, beliche, aquela criançada toda e eu lá no meio junto. Então sentava junto, tomavam banho junto, todo mundo junto. Era tão bom, então eu acho que, eu falo para minha nora: "Pega no pé." A minha netinha não precisa. Ela vai... está com 11 anos, ela gosta, gosta mesmo. Agora o menino vai fazer 17, aí olha (+). Mas tem que ter pai e mãe gente, então, eu não tive isso. Eu não tive, mas se eu chegasse ali: "Vai, vai." Tudo que eu pedia eu tinha, tudo, "Ah, eu quero uma bicicleta nova." Passava lá uma semana, meu pai chegava em casa: "Pega a pasta do pai lá no carro." Aí quando eu abria a porta, uma bicicleta nova lá. "Ah, porque eu quero isso. Ah, porque eu quero aquilo." Agora estudar música, a minha mãe "Não, não, não." e meu pai: "Põe põe põe." "Não, não, não." Aí o meu pai foi lá fez uma matrícula lá para estudar acordeon. Não era aquilo que eu queria, mas porque ele queria uma coisa, a mãe já nem queria nada. Então para quê, para quê? Foi para São Paulo trouxe uma bruta de uma caixa desse tamanho, com aquele acordeon CARÍSSIMO. Depois a minha mãe pegou e vendeu para uma professora lá... Quer dizer, um trazia e o outro... Então eu fui criada daquele jeito, sabe? Os meus irmãos, ele falam: "É podia ser, podia ter sido tudo bandido." Só que eles não viram a educação a que eu dei para eles também, porque com toda aquela pouca idade e tudo eu já sentia aquilo, né, que eu estava sentindo e então eu não queria para eles também. Por isso que eu digo eles são ingratos comigo, foram ingratos comigo. A minha mãe saia de casa três, quatro meses vinha para Joinville aqui, ficava aqui, não aguentava o [palavra inaudível] lá. Quem que aguentava lá? Para depois fazerem tudo isso que fizeram comigo. Então, a gente também tem... É fácil falar, né? Tem que perdoar, tem que perdoar, né. A gente perdoa, mas não esquece, o que adianta? Então... **P1:** É verdade. Deixa eu perguntar para a senhora: Durante

o dia a dia da senhora, assim, de uma forma bem básica, a senhora sente, assim, em algumas ocasiões que falta conhecimento? "Ah... eu acho que não sei fazer assim porque... falta conhecimento, ou falta uma informação sobre aqui"? **E16:** Eu.. eu leio muito. Desde criança eu fui acostumada a ler bastante: revista, jornal, livro, tudo que pegava, sabe? Muita revista na minha casa. Era assim não tinha o que fazer: "Vai na banca, compra lá cinco, seis revistas, traz para casa." Então eu fui acostumada a sempre aquilo. E depois que eu peguei e vim para cá e comecei eu... eu aprendi MUITA coisa e quando eu não sei eu vou atrás, eu pergunto: "Como é que é isso, como é que é aquilo?" Sabe, assim... eu faço... eu faço crochê, eu faço tricô, eu bordo, eu faço tapeçaria. Então, se eu não sei eu vou atrás de quem sabe. Eu procuro ainda, sabe, eu ainda... Esses dias eu cheguei aqui, eu tinha perdido um *[palavra inaudível]* de crochê e aquilo ficou na minha cabeça. Aquilo fica me martelando: "Mas onde que eu coloquei? Eu ainda não..." Então eu reviro aquilo, procuro tudo, porque eu trabalhei 20 e poucos... quase 30 anos com isso, então eu tenho muita coisa. Só que quando nós viajamos — eu e mais duas daqui — que nós fomos para Pomerode. Eu falei para ela: "Nossa, tantas vezes eu já vim para Pomerode, só que esse trabalho aqui é tão caro — feito nas toalhas — e para mim, eu que faço, então aquilo é muito caro e não compensa para mim comprar se eu sei fazer. " Ela falou assim: "Não está com o celular aí? Bate uma foto!" Aí eu: "Ah, é mesmo!" Só que vai indo, vai indo, aquilo se perdeu e eu fiz... fiz... *[palavra inaudível]* ou aquela amostra, mas eu dou de presente, eu vendo, sabe? Eu me viro ainda, né? Perdi, aí esses dias procurei, procurei e não achei. Aí peguei para uma amiga minha — que agora nós estamos na aula de novo — falei: "Tu lembra daquilo lá de Pomerode, assim, assim, assim. Pois eu não perdi? Ela falou: "Está no celular." Falei: "Não, o meu já apagou. Não tem." "Ah, eu vou procurar em casa." Ela foi procurar. Quer dizer, então a gente está, sabe, uma precisa de uma coisa, a outra *[frase inaudível]*. Aí ela falou: "Achei. Está no meu computador." Eu falei: "Olha, o meu computador está desligado. Passa para o meu celular." Porque eu pego tudo pelo celular, a gente vai deixando, né, o computador lá. Falei: "Passa para o meu celular." Aí ela falou: "Eu já tentei, não consegui." Então vamos falar com o V., o V... Aí quando terminou a aula: "V. chega aqui, chega aqui. Olha, eu preciso passar uma coisa para a C, como é que faz?" Aí ele, na hora, né: "Não, é assim [faz som de quem está utilizando celular]." Pronto, ela pegou já: [faz som de quem está utilizando celular], pronto. Aí eu: "Olha, já chegou aqui." Então... sabe? Aí eu vejo, vejo as pessoas, assim, como tem velha burra, como tem velha burra e velho também, né, não é só velha, né. Podiam procurar.... Eu estou lendo um livro agora — até que uma aqui do SESC me emprestou — é daquele Romeu Tuma Junior. É política. Quando você falou em política, eu pensei: "Pronto, lá vem *[frase inaudível]*. Na política, né? A minha filha falou: "Mãe, tu vai ser presa. Tu vai ser presa." Então, eu estou lendo aquele livro ali, coisas que quando eu tinha criança pequena, que eu não poderia, então eu estou agora voltando e...sabe? Então eu acho assim, até que eu sou ESPERTA. Até que eu sou esperta com essa idade, né, porque eu podia estar lá só no meu... né? *[frase inaudível]*. Esses dias uma amiga minha me falou assim: "Ai, a mãe... Eu preciso levar a mãe lá na tua casa. A mãe está me dando tanto trabalho, tanto trabalho." "Mas que espécie de trabalho?" "Ah, a mãe agora fica procurando doença e a mãe só quer médico, médico." "Ah, então deixa ir para o médico, uai. Eu também vou para médico." "É, mas eu tenho que levar." Eu falei: "Não, não, não, não. Capaz que a minha filha vai me levar no médico. Eu não quero. Eu não quero." Porque eu não sei... o quê que vai... Eu vou para exame sozinha, para o dentista. Minha filha me deixa lá na porta lá, porque eu procuro ir sempre no horário que ela sai de casa para ir para o serviço. Já pego, já marco: "Oh, doutor M., tem que ser 10 horas, 11 horas. Depois das nove." "Ah, tá." Então ele já sabe meu horário. Então eu estou sempre... sabe? A minha cabeça está... Eu leio muito e... Quer ver quando eu *[palavra inaudível]* para tirar na... Uma... uma amostra assim. Aí eu fico assim: "Mas... mas para quê que estou quebrando cabeça?" Eu gosto de palavra cruzada, Sudoku, tudo. Tudo. Tudo. Tudo. Tudo. Tudo. Eu fiz aqui... esse negócio da memória, fiz também aqui. Só que eu não lembro agora

como é que é o negócio. Até já me convidaram, o V. me convidou para vir também. **P1:** Uhum. E me conta uma coisa: Como é que a senhora costuma se informar durante o dia? **E16:** Eu assisto televisão e vou pelo... pelo *Facebook*. Fiz amizade... Engraçado que esse livro que eu estou lendo tem um senhor de Camboriú — eu não conheço só por foto assim e tal — então a gente conversa muito e ele posta muita coisa. Ele também já foi muitas vezes bloqueado, pegam ele... o *Facebook* bloqueia muito, porque ele põe muita besteira, muita coisa, tudo. E eu estou sempre junto ali, né. Aí... Até minha nora também já entrou. Ele tem muitos seguidores e ele fala muito de política também. Aí ele fala assim... Postou lá: "Tem muita gente que puxa um lençol e em cinco minutos está dormindo." *[frase inaudível]* "Eu não consigo." Ele botou embaixo. Aí eu peguei e falei assim: "Quando não conseguir dormir, vá para uma biblioteca e pega o livro... " E botei esse livro que eu estou lendo. É um livro assim, né. **P1:** Como é que é o nome? **E16:** Ai, meu Deus do céu, agora como é que é nome... Até hoje de manhã eu mandei para a menina da cabeleireira, ela: "Ai, eu quero ler esse livro. Eu quero ler esse livro." **P1:** O autor é? **E16:** Romeu Tuma Junior. **P1:** Hum. Entendi. **E16:** Mas é muito bom menina. Olha, explica tudo da política, daquela época do DOPS, tudo como é que era. O LULA, a história do Lula quando entrou no sindicato, naquela coisa toda, quando ele teve preso, aquela coisa toda. É política MESMO. Aí eu peguei e falei para ele. Então peguei... Fui lá peguei o livro, porque é um livro com o nome... muito comprido. Aí peguei e fui. Levei para a sala e comecei. Então leia esse livro *[palavra inaudível]*, mas na hora... Aí eu peguei, já estava na hora de dormir, né, peguei, fechei o celular e aí escutei: "PIN." Mas num... Mas num deu três passos: "PIN." Curiosidade mata, né, peguei fui lá, voltei e falei assim: "É esse o livro." Pois ele tem o livro lá, ele bateu a foto do livro e passou para mim. Ele falou assim: "É muito bom C. O." *[frase inaudível]*.Tem mais de 100 mil... vendidos. Aí eu falei para ele: "Procura na biblioteca." Mas ele já tem o livro. Quer dizer, então ele já leu... Alguém postou alguma coisa assim: "Me admiro muito você como ex-policial." Agora, não sei se estavam brincando com ele ou não sei o quê. É um homem que tem 57 anos, porque quando ele fez aniversário ele postou: "Hoje é dia do meu aniversário." É muito engraçado, ele posta coisa que a turma *[palavra inaudível]*. É, também pudera. Por isso que... que é... bloqueado, né, porque ele põe muita coisa assim, né. Então quando ele desaparece, pronto já... Aí quando ele voltou, ele disse assim: "Voltei." Aí a turma *[palavra inaudível]*: "Te cuida. Te cuida." Aí eu peguei e botei... Aí uma falou: "Cuida com o bloqueio." Aí eu falei assim: "Não. Não. Não. Bloqueio não." Aí essas coisas aí ele responde, sabe. Então eu procuro muita coisa. Claro que tem muita coisa também que eu já estou não respondendo tudo, porque tem muita coisa que... que é mentira também, né. Aí o meu filho fala assim: "Eu não respondo nada, também não falo nada, ninguém precisa saber de nada." Ah, eu não. Eu... quando chego no serviço a minha filha fala assim: "Mãe, pelo amor de Deus mãe. Tu não começa Tu não começa." "Começar o quê?" *[frase inaudível]:* "Não, não, não." Porque ela tem uma amiga dela que é petista. Que trabalha com ela. Até a menina ganhou o bebê, agora vai voltar a trabalhar. Passou os seis meses, aí ela voltar a trabalhar. Então minha filha tem medo, porque a menina é roxa e se fala alguma coisa, ela vem que é um furacão para cima. E o chefe, o dono da agência é contra PT, então ele... Para todo mundo, ele fala o que ele acha e o homem... o velho tem a minha idade. Então ela fala assim: "Ah, o seu A. não sabe nem o que está falando." Eu falei: Vocês é que pensam, porque como é que eu sei o que eu estou falando?" Eu também. Eu vou até onde eu acho que eu posso... E daí tem que respeitar também. **P1:** Então a senhora recebe muita *Fake News*? **E16:** Recebo. Recebo. **P1:** Essas notícias falsas? **E16:** Ah, sim. Sim. Sim. Sim. **P1:** E como é que a senhora lida com as *Fake News*? **E16:** Eu, mais ou menos, eu... Eu na hora que eu pego, né, eu até me entusiasmo, mas depois eu: "Opa, será?" Então pelo sim, pelo não... O V. já ensinou como é que faz para saber se é ou não, mas eu, assim, eu deduzo: "Não, isso aí está muito..." Então pelo sim, pelo não: eu fico quieta, eu... Só depois quando começa vir muita coisa que aí COM CERTEZA... Que nem ontem... prenderam o Temer, né? Eu na hora... E anteontem, por dois, três dias anteriores, eu: "Que

engraçado, né, deixaram o Temer de fora disso tudo. Ninguém fala mais, está tudo tão quieto. Ah, de certo como ex-presidente, ficou por isso mesmo." Menina, no outro dia vem a notícia. Nossa. **P1:** Eu também tinha pensado a umas duas semanas atrás: "Meu Deus, esqueceram do cara, né." **E16:** É, mas como eu pensei: "Foi a saída do presidente lá para os Estados Unidos, essa coisa toda, né, eles deixaram um pouquinho, né, um pouco abandonado." Mas que nada, o Sérgio Moro está a postos aí, né, então... então eu... Agora esse livro aí menina, é fora de série. Nossa, porque o Romeu Tuma velho... ele foi senador, ele foi do DOPS, ele foi... foi muita coisa, o pai dele. O pai dele já é falecido e o pai dele é quem foi botando ele na política, e foi, foi, foi, foi, foi e aí... Ele conta a história do Lula. Oh, nossa. *palavra inaudível]* E eu gosto muito de... de procurar, de saber, sabe? E... tem um senhor que viaja muito...Minha filha trabalha com turismo, né, então, quando tem viagens assim eu aproveito bastante, eu viajo muito, muito, muito, muito, porque eu fiquei muitos anos cuidando de marido: eu era secretária, enfermeira, passadeira, lavadeira, cozinheira e visita, visita, visita. Eu ficava assim: dois meses no São José com ele internado, depois mais dois meses lá no Regional. Eu vivia assim. Ambulância: não tem aqui em Joinville que eu não tenha andado. Então por isso que eu acho que, assim, eu fui obrigada a aprender a me virar, né, eu fui obrigada pelas circunstâncias. Então, é tudo assim, eu... eu estou sempre... Procuro estar por dentro das coisas. Claro que tem um: "Ah, lá na NASA, não sei o quê, não sei o quê." É uma coisa que para mim..., né, se eu sei alguma coisa, muito bem, mas eu não preciso estar estudando aquilo lá, entende? Porque agora eu já estou no final da vida. Então coisa que me interessa, eu... Coisa que não me interessa... Mas eu estou sempre... Procuro estar na frente. **P1:** Entendi. E deixa eu perguntar uma coisa para a senhora: O quê que a senhora busca aqui no SESC? **E16:** Ah, eu acho que eu... eu encontrei aqui, né, aquilo que eu busco. Eu já encontrei, olha: Conhecimento, amizade, carinho, que eu tenho pela L., assim, uma coisa assim até quando ela... ela passou um *zap*, né, ela fala: "Oi amada. Oi, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê." Eu... brinco com ela e falo assim: "Contigo até no inferno." Né, que eu vou com ela até no inferno. E ontem à noite eu não ouvi o recado dela, porque a minha cunhada ligou e nós ficamos duas horas no telefone. Ela ligava e eu estou sem telefone, acabou a pilha do meu telefone... do fixo, né e ela ligou no celular. E aí ficou minha filha: "Sai daqui, sai daqui, sai daqui, vai com a tia para lá, vai com a tia para lá." Aí eu peguei, fui para o quarto e ficamos lá nós duas. Quando eu olhei era meia noite e meia. Aí só voltei para a sala, conversei alguma coisa com a minha filha, eu falei: "Eu vou dormir, amanhã eu tenho que acordar cedo." E... e fui. E não olhei o celular e hoje de manhã mexendo, mexendo, eu falei: "A L. coitadinha. Está querendo saber se... se... né, se eu viria mesmo com esse tempo aí." Não, mas eu quando eu falo sim é sim, né, eu nunca... Compromisso para mim é sagrado. Para mim, não adianta esse negócio de... Por isso que eu digo: eu estou sempre à frente. Se eu tenho compromisso às 9 horas, no dia anterior eu já estou me preparando, eu já estou pensando que roupa que eu vou, que sapato que eu vou, porque se atrasar qualquer coisa eu já estou... Eu estou sempre adiantada. Eu estou sempre adiantada, então eu nunca... nunca chego atrasada. É difícil eu chegar atrasada. Eu estou sempre... E hoje eu que vim aqui, né. Eu queria estar aqui 10h30min para saber mais ou menos o quê que era, mas aí me atrasei na hora de atravessar aqui no meio do mato aqui. **P1:** Ah, meu Deus, não deu certo? **E16:** É, aí me atrasei. É. A minha filha: "Também, tudo o que a L. te chama tu quem que ir." "Tenho. Tenho." Porque às vezes, é coisa que eu estou aprendendo. Não estou aprendendo? **P1:** Uhum. **E16:** Estou aprendendo aqui. Você falou que... o quê que você está fazendo, o quê que é isso, que aquilo... Eu já vou levar meu negócio para casa, eu vou chegar lá... vou ler, vou saber, vou mostrar para alguém: "Olha, participei e tal, tal, tal." Fui há pouco tempo com a L. aqui na rádio, nós demos uma entrevista ali na rádio. Ah, as meninas adoraram. Adoraram. Adoraram: "E aí dona C., o quê que a senhora isso e aquilo?" Então TUDO que L. me convida, eu estou. Nós trabalhamos uma vez por ano na feira, eu participo, aí todo mundo já sabe que a L. já vai... Aí fica todo mundo, né, porque todo mundo quer ir, né? Aí esse ano a minha filha falava assim:

"Oh mãe, eu vim te trazer sete e meia da manhã. São quase nove horas da noite e tu quer ficar mais?" Porque quando eu falei para ela: "Pode vir buscar." Aí eu falei assim: "Se não der, nós ficamos mais tempo aqui." Porque era eu e mais duas, né. Então era o final da feira, então a gente ganha muita coisa. Então eram três. O carro veio, da minha filha, que veio baixo, assim, de tanta coisa. Então a gente vai ganhando as coisas e leva na salinha, vai ganhando as coisas e leva na salinha mais uma sacola com isso, mais uma sacola com aquilo. Então a gente tinha muita coisa. Então eu gosto daquilo, porque a gente fica... Conhece. E aí outras pessoas daqui mesmo, né, se conhecem. Aí a gente também já separa, porque tem umas que são *[frase inaudível]*. Já deixa de lado e continua com a mesma turma, então... Então eu ADORO isso aqui. Eu ADORO isso aqui, meu Deus do céu. **P1:** Que bom, dona C. Era só isso que eu queria perguntar para a senhora. A senhora queria falar mais alguma coisa? **E16:** Não, eu acho que não.

MEDIADORES

MEDIADOR 1

P1: Em primeiro lugar, eu queria saber as atividades desenvolvidas aqui. Eu sei que tem o coral — que eu já fiquei sabendo — o Idoso Empreendedor, que agora é *[frase inaudível]*. **M1:** Que na verdade eu queria te corrigir: Não é coral. **P1:** Ah, não? **M1:** É, calma lá. Tem uma coisa assim: O SESC, ele atua com cinco áreas. Nessas cinco áreas, a gente tem ações para idosos. Eu sou responsável pelas ações DE GRUPOS. Em grupos a gente não tem coral, a gente tem grupo de Cantoria. **P1:** Ah, claro. **M1:** Cantoria. A [nome suprimido] que falou contigo ontem, ela é do grupo de Cantoria, tá. A gente tem o Grupati que é o Grupo de Estudos e Atualização do Idoso. Nós temos os grupos Ativa+ (+) *[frase inaudível]*, nós temos o grupo do Voluntariado, nós temos o grupo de Poetas, que eu acho que esse você não viu nos outros lugares. Nós temos o grupo Idoso em Foco, acho que esse você viu em alguns lugares. **P1:** Esse não. Mas eu não queria que você... O que eu vi é Idoso Empreendedor, Grupati, Ativa+ que geralmente tem Dança Circular, né. Eu falei o Mundo Digital Master? *[frase inaudível]* **M1:** É que o Idoso Empreendedor, ele mudou a nomenclatura, agora é Mundo Digital Master. Nós temos Mundo Digital Master (+), tá e temos os grupos da Memória. **P1:** Também tem bastante no SESC, Grupo da Memória. Então, acho que todos. **M1:** Grupo da Memória...Idoso Empreendedor você já colocou? **P1:** Uhum. Idoso em Foco, Ativa+, Grupati, Cantoria, Voluntários, Poetas. **M1:** Ou se pudesse substituir já para atualizar, né, que é Mundo Digital Master. A nomenclatura Idoso Empreendedor não é mais utilizada. É coisa de agora, recente *[palavra inaudível]*. **P1:** É, eu vou ter que atualizar. **M1:** Veio uma comunicação para gente essa semana. **P1:** Ah, é? **M1:** Isso. **P1:** Desse Mundo digital Master... **M1:** Mundo digital Master. **P1:** É, a [nome suprimido] já usou esse termo. **M1:** E aí também tem Empreendedor 50+. **P1:** Esse eu também não lembro. **M1:** É que o Idoso Empreendedor, ele... ele... ele deu à luz a dois projetos, na verdade: Ao Mundo Digital Master e ao Empreendedor 50+. **P1:** Entendi. Me conta um pouco. **M1:** Então... digamos que eu sou uma das... **P1:** Não tem dança circular? **M1:** Tem dança circular. *[frase inaudível]*. **P1:** Desculpa te interromper. **M1:** Não, sem problemas. Tá, vamos lá. Vou começar nos dias da semana que aí em lembro mais fácil: Segunda-feira eu tenho o Ativa+, Cantoria e Mundo Digital Master. Na terça eu tenho Memória e Memória, eu tenho Memória Digital e Memória Cooperativa, não sei se isso apareceu para ti nos outros lugares. Eu acho que isso é coisa só daqui. Memória Digital e Memória Cooperativa, a gente fez uma diferenciação, por quê? Porque o Memória Cooperativo, eu tenho pessoas que não mexem no computador e aí os exercícios e as atividades são pautadas em jogos físicos do acervo de jogos de todo o mundo. Não sei se você já ouviu falar. Existe um acervo, isso é

mundial, que são os jogos de todo o mundo. Tem uma sala com esses jogos, tal, enfim. As unidades têm esses jogos e aí aquelas pessoas que já passaram pelo Mundo Digital Master, que aprendem a mexer no computador, mas que têm interesse para continuar desenvolvendo habilidades ou enfim aprimorando ou ativando a sua memória, a gente ofereceu o... a Memória Digital, por quê? Porque aí os jogos trabalhados são os jogos digitais: Jogos do *site* Racha Cuca, esses *sites* livres que a gente tem. Então assim, tem toda uma base que é a mesma com alguns dos exercícios, enfim: Debates, exposição de vídeos... palavras cruzadas... Isso continua tendo também, só que daí ele usa o computador para fazer a maioria dos exercícios e os jogos não são os físicos, são os jogos que tem computador, porque ele já mexe no computador, a pessoa já tem um conhecimento de informática **P1:** Entendi e o outro é.... **M1:** É para quem não tem conhecimento de informática. Não quer dizer que quem tenha, também não queira fazer, entende? Mas aí a gente resolveu potencializar essa informação a mais *[palavra inaudível]*, o que ele já tem de conhecimento de informática para vir para o uso do computador e trabalhar a memória, tá. E tu tinha... estava me perguntando antes, o quê que era mesmo que aí eu falei da memória? **P1:** Aí você falou que na terça é a memória, né? **M1:** Isso. Para gente ver se não esqueceu de nada, mas acho que não. Aí na quarta-feira... Voluntariado e Dança Circular. Na quinta-feira eu tenho o Grupati, tenho o Ativa+.... Voltando às segundas, que é mensal, é o Idoso em Foco. Poetas é no sábado. É, acho que não esquecemos nada não. **P1:** Ótimo... Bom, o grupo da Cantoria, ele é um grupo... que não tem muitas atividades, é mais de cantar, né? **M1:** Isso. O cantoria, ele surge no SESC.... Na verdade ele é uma proposta... Santa Catarina... digamos.... trouxe do Paraná. O grupo de Cantoria surge no SESC do Paraná, isso acho que tem uns quatro anos e o quê que acontece? O Cantoria na verdade, foi uma estratégia para fugir de um coral que tem que ter um maestro, tem que ter uma pessoa à frente... E aí como muitas das atividades do SESC para os idosos são gratuitas, se tornou inviável. Então o quê que acontece: O Cantoria vem para a [nome suprimido] desenvolver... A [nome suprimido] é a técnica de grupos e assistente social, não tem formação nenhuma em música, mas o quê que acontece: Ali não é a técnica que está em jogo, ali é a ferramenta cantar: para socialização, para inclusão, para motivação, valorização da autoestima, despertar de novas habilidades, enfim, uma série de questões. E também pensando em incluir aquelas pessoas que sempre *[palavra inaudível]*: "Ai, eu quero cantar, mas não tenho voz para ir para um coral. Não sou soprano, não sou isso, não sou aquilo outro, tal, mas eu gosto de cantar". Então o SESC queria trazer essa pessoa que gosta, mas ela não... A voz não é uma voz apropriada para um coral, para um... ela não vai chegar ao nível de afinação, enfim, mas ela gosta de cantar, ponto. Então é essa preocupação e a proposta essencial do Cantoria: É trazer pessoas que entendem que não têm voz para estar num grupo de canto ou num grupo vocal ou no grupo coral. **P1:** E como que é? Me conta. **M1:** É muito especial, porque o quê que acontece: As pessoas sentem uma satisfação muito grande em fazer parte, porque elas quiseram num outro momento fazer parte e não foi possível. E ali elas conseguem fazer parte, inclusive se apresentando... no cantar uníssono que a gente fala, né e fica bacana, fica bonito. A gente analisou várias apresentações. MAS como na vida tem muitas coisas especiais, eu... eu ganhei de brinde um grupo que é ao lado da [nome suprimido] e ele tem um maestro que é um senhor, que é voluntário. Então ele TEM um pouco desse domínio técnico, mas aí o quê que acontece? *[palavra inaudível]* Se depara hoje já com algumas limitações, porque ele tem 85 anos. Então... a gente faz uma mistura nesse grupo: Ele traz técnicas, mas a gente também trabalha a música por outros vieses, então ele acontece de duas formas. [fragmento de áudio suprimido a pedido da mediadora] A música que embalou tua adolescência, por exemplo, música que os idosos ouviam algum tempo atrás, músicas que marcaram a época: Jovem Guarda, enfim. E aí a gente fez uma pesquisa enorme sobre o Jovem Guarda, fez painéis, estudou *[palavra inaudível]*: Wanderléa, Ronnie Von, esse povo todo. Então muita pesquisa sobre o quê que a música representava, por que que eles gostavam de cantar, que roupas que os cantores usavam na época. Então a gente fez um trabalho lindo... há

dois anos atrás. Então Cantoria É ISSO, essencialmente é isso: É explorar a música, sabe, não necessariamente explorar a voz de quem está... Tá, então ele é muito bacana. **P1:** Uhum. Que coisa bonita. Com relação ao Grupati e o Ativa+ — eu vejo que — e o Idoso, os três eles têm uma característica bem comum, né, que é na... **M1:** Que é a atualização, que é a discussão do direito, da cidadania, do empoderamento do idoso, enfim. **P1:** Como acontece isso aqui no SESC? **M1:** O quê que é o Grupati? Primeiro, o Grupati é o mais velho dos projetos, desses três que nós vamos falar agora. O Grupati, ele surge desmembrando do Ativa+ que na época, o Ativa+ não tinha esse nome, ele tinha o nome de grupo de Convivência. E aí cada grupo tinha o seu nome: Sempre Unidas, Vida, Felicidade, enfim, falando de grupos antigos, porque eu já estou há 20 anos no SESC, tá. Então o quê que acontece: Vinha todo mundo para o grupo de Convivência, todo mundo quer dizer: A dona de casa, a professora aposentada, a médica — não sei se a gente teve bibliotecário, eu acho que não — enfim, pessoas... assistentes sociais... E aí o quê que acontecia: os interesses dessas pessoas eram conviver, era fazer amizades, era estreitar vínculos, era... Talvez respondendo um pouco do que tu vai perguntar depois: Por que que eles vêm? Combater a solidão, encontrar pessoas que tenham características semelhantes, enfim. E aí o quê que acontecia: Tipo... o gosto por palestra, por debates, por atividades mais intelectuais que eu digo. Diferenciava um pouco, por partes, as pessoas que tinham uma escolaridade maior. Então o quê que o SESC percebeu: Que tinha que trazer um grupo de atualização, que só a convivência não daria conta e aí criou-se o Grupati. E aí quem vem para o Grupati teoricamente gosta de se informar, gosta de se atualizar, gosta de debater e tem muito idoso que não gosta disso. Talvez eu entre no que... na minha fala da tua pesquisa que é o quê: Tem uma parcela que acha que não precisa mais aprender: "Já deu, já sei o que tinha que saber, não gosto, não quero." Então ele vem para a Convivência, vem para rir, vem para fazer uma brincadeira, vem para fazer uma dança. **P1:** O BBB que ela falou, o Bingo, Bolacha e Baile? [risos] **M1:** ISSO! Que desde 2008, o SESC não pratica mais bingos, tá? Então foi uma luta para tirar isso. A gente fez um levantamento. Como é que se deu isso, né: a gente fez um levantamento, porque como tu viu ontem elas participam aqui, participam da [nome do local suprimido], participam da [nome do local suprimido], participam.... da prefeitura, enfim. O quê que isso fazia nesses lugares? Eu fiz uma... um levantamento — eu fiz pesquisa, mas não vou dizer pesquisa — eu fiz um levantamento e eu pude identificar que a grande maioria delas participava de praticamente atividades todos os dias da semana e que essencialmente — praticamente todos esses dias — onde elas estavam tinha bingo. E aí eu tinha recém saído da minha pós, [frase suprimida] e eu não me conformava de vir para cá, enquanto coordenadora dos grupos, ver eles jogarem bingo. E aí fiz esse levantamento e apresentei para a gerência na época, dizendo que não que a gente não ia ter mais o bingo, porque *[palavra inaudível]* contemplados em outras ações e para o SESC... O SESC é pioneiro no trabalho com idoso, desde a década de 60, surgiu em São Paulo — não sei se tu viu essa história — e que a gente sempre tem a questão do diferenciar: O SESC tem que fazer diferente, então o SESC tem que estar na frente. Isso é política nossa, assim, sempre trazer o diferente. Não é trazer o que já tem na comunidade, é trazer algo a mais. E surge esse algo a mais, *[palavra inaudível]* mais o bingo, porque aí... Eu já vou chegar no dos empreendedores. E isso é a gênese do Idoso Empreendedor. Porque aí já tinha o Grupati, tá, mas... o Grupati já estudava temas, já fazia... debates, já produzia textos, já visitava museus, já fazia um monte de coisa, mas a gente continuava fazendo bingo ainda lá no Convivência. **P1:** No Ativa+? **M1:** No Ativa+ que chamava Convivência na época. Então... "Não, não tem mais bingo. Agora vai ter também debate, vai ter uma dança, vai ter atividade física, uma parceria com o pessoal da atividade física para vir fazer um alongamento, para fazer o povo se mexer. Mas aí falava-se muito da questão da tecnologia e os idosos estavam vindo, assim: "Puxa, mas agora... todo mundo manda por *e-mail*. Tudo é *e-mail*, tudo tal." Aí o que é o *WhatsApp* hoje, era o e-mail e aí eles ficavam muito perdidos e a gente começou a pensar: "Puxa, não é só vim para o Grupati debater, estudar,

ler e ir para a biblioteca consultar livros. A gente tem que lançar o que os idosos aprendem a mexer no computador." E aí reuniu-se eu e a minha gerente hoje que era na verdade a [nome suprimido], tu já conversou bastante, ela era na função da [nome suprimido] e mais a técnica de atividades do SESC do [nome do bairro suprimido]. Três assistentes sociais. A gente sentou com essas indagações: Tem que ter algo mais. E aí nasceu o Idoso Empreendedor. Então nós fizemos o Idoso Empreendedor pensando em inserir digitalmente os idosos, então assim, inclusão digital que é mexer no computador, vir para aula de... O quê que era basicamente o conteúdo: *Word*, *internet*... *Word* e *internet* e o *e-mail*. Era isso. Aí tinha o *Orkut*: "Não, não vamos trabalhar com o *Orkut*." Por que que não ia trabalhar com Orkut? Por que a gente não queria que os idosos namorassem [risos], sei lá ou alguma coisa assim. Por causa dessa coisa de namorar, que daí a gente ia ficar preocupado, que daí eles iam conhecer as pessoas pela... pela *internet*, daí... aí se acontece alguma coisa... Assim, o não querer que eles namorassem, é força de expressão, tá? Não era isso, mas a gente não... a gente não sabia como que a gente ia ter CONTROLE sobre isso e que isso ia ter uma responsabilidade grande para o SESC. Hoje a gente tem uma outra preocupação, que é o quê? São as compras pela *internet*, tá, mas aí eu já chegou lá depois, enfim. Então, vou falar duas horas para você... O quê que acontece: A gente queria ter, mas a gente não queria um curso de informática, porque o SESC não faz curso de informática. Quem faz curso de informática é o [nome da instituição suprimido]. Então o quê que acontece: Ele teria que ser um projeto social, por isso o projeto Idoso Empreendedor. E aí um projeto não é ensino da informática, tem toda a questão da convivência e da formação de grupo. Então como é que a gente começa? A gente começa com rodas de conversa, onde tem dinâmica de grupo, onde tem vivência, onde tem uma palestra sobre saúde do idoso, sobre o Estatuto do Idoso, sobre o quê que é se relacionar, sobre o quê que é depressão e aí o empreendedor: O quê que é empreendedorismo? Vamos empreender o quê? Então ele VEIO MEGA, um projeto MUITO estruturado e aí a primeira coisa era: "Ah, o SESC tem informática. Tem o curso." Não, a gente não tem o curso de informática. A gente tem um projeto Idoso Empreendedor que são... discussões temáticas sobre cidadania, sobre saúde, sobre uma série de coisas, sobre a questão do empoderamento pelo empreendedorismo, que era o quê: Desenvolver o projeto social no final do... do período e aí tem junto, claro, mas vai ter dia que tu nem vai ligar o computador e eles: "Ah, mas como é que eu vou aprender sem ligar o computador?", "Não, *[palavra inaudível]* vai, mas, assim, o SESC não vai fazer um curso, o SESC vai fazer um projeto. *[palavra inaudível]* participar de um projeto. Então esse é o Idoso Empreendedor. Aí eles iam... A gente falava de empreendedorismo que a ideia era o quê? Vir para cá durante um ano, mas acabou o ano, o quê que ele vai fazer depois: Ele vai se lançar na comunidade para fazer... vai participar de uma ideia social, vai empreender algo para a sua vida ou fazer um voluntariado, vai... enfim. E a gente fez isso por muito tempo, só que o quê que começou a acontecer: Acho que a gente vive hoje uma individualização das pessoas. Aquele idoso que gostava mais de grupo, mais de estar junto, de trazer um bolo para fazer um café, de ir lá para a comunidade, de sentar com o Conselho Comunitário, fazer uma roda de histórias e certos projetos que a gente desenvolvia no final: Ele não está mais muito afim. Ele está afim de aprender, voltar para casa, fazer as coisas dele e deu. Por isso não tem mais essa abordagem social para a comunidade do Idoso Empreendedor e aí também vem um pouco porque que ele se muda de nome, porque quando as pessoas as pessoas vinham, a gente também tinha que explicar tudo isso, sabe? Para COMUNICAR para as pessoas, era muito difícil. Hoje quando tu fala de Mundo Digital Master... tu já sabe que é alguma coisa com informática, certo? Mas quando falava Idoso Empreendedor e fala hoje: "Tá, mas o quê que é isso? Não quero empreender nada." E também a questão do termo idoso, então eles foram *[palavra inaudível]*, daí para o SESC mudar e... e aí eu não sei se as meninas te passaram isso. Como eu estou na capital e eu estou muito perto e por ser mais antiga na função, então eu já vi... as etapas e aí como a C. é nova, então a gente está muito junto, ela solicita muito, o SESC me solicita muito

e como a nossa gerente também já foi técnica na minha função e também foi técnica na função da C, então é uma... é uma conjunção favorável, digamos assim e eu gosto... Eu sempre estou junto: "Me chama, vamos discutir, vamos ver." E também estou muito na prática. Não abro mão de estar lá todo dia e de estar indo no grupo. Eu tenho uma equipe que tem os estagiários, tem duas instrutoras, mas assim: A gente senta, a gente faz reunião, eu vou lá para o grupo, eu vejo, eu percebo, não fico lá atrás da mesa, sabe, porque é o que me dar elementos para poder discutir. E aí por isso tudo que a gente veio vendo e veio mudando e o SESC está... está indo nisso assim, sabe, que eu acho que é legal também. Então, resumindo... é muita história. Eu já tinha medo disso... mas eu eu gosto, eu acho que é uma bela oportunidade tu estar vindo, sabe, sempre penso no registro porque na prática profissional a gente registra pouco, tá. Então o quê que acontece: O Grupati e o Idoso Empreendedor, eles reúnem pessoas que querem mais... maior conhecimento, mais informação. Então para dizer o quê que eles têm em comum: É poder agregar e trazer pessoas que querem se informar, que querem conhecer mais, que querem continuar mesmo ao longo dos anos 60, 80 anos que a gente tem hoje 80 anos: Aprendendo, mas isso não é todo idoso que quer. A pessoa com 50 não quer mais saber de nada, não quer aprender, não quer... não quer viver, está desmotivada, tal. A gente tem um público... O idoso hoje para mim... Com 50 anos não idoso, né, pela legislação... A gente tem um público muito heterogêneo nos seus interesses, nas suas histórias, nas suas caminhadas e talvez por isso que eu tenha tanta proposta aqui que não tenha no interior, nas cidades mais do interior. Embora, tipo Chapecó, são grandes, né, mas enfim, que é diferente. Então tem gente que quer isso e aí o Idoso em Foco: O SESC nessa questão de vanguarda, digamos assim, de agregar e de pensar que está na frente, já realiza há mais de 20 anos... reuniões em parcerias com instituições que têm trabalho com o idoso. Então o SESC também é muito da parceria, muito de trabalhar junto. O SESC hoje, eu diria que ele é... ele é uma potência sim, né, mas... tem muito projeto que ele não faz sozinho e que talvez isso tu não saiba e outros...: Ele traz os seus parceiros. Então assim, a UFSC é uma parceira enorme nossa, através do NETI. Então assim, seminários belíssimos que já realizou: A UFSC estava junto, sabe e outras tantas. *[fragmento de áudio suprimido]*. **M1:** Então, o quê que acontece... Elas também nas nossas discussões... Estava voltando ao Idoso em Foco... Então o quê que acontece: O SESC já chamava [palavra inaudível] para criar uma programação do Mês do Idoso, porque antes o Mês do Idoso era o mês de setembro, porque o dia 27 de setembro era o Dia Nacional do Idoso. Só que isso mudou. Na gestão do governo do Lula foi promulgado o primeiro de outubro como Dia Nacional do Idoso, porque é um dia primeiro de outubro é um dia internacional pela ONU. Então o quê que acontece: Aí como estava nessa mudança, os idosos já sabiam que era setembro e tal. Aí se fazia uma programação, o SESC chamava, organizava uma programação com os parceiros para o mês de setembro. Aí passou a organizar para o mês de setembro e outubro, porque não era mais setembro, mas os idosos sabiam que era setembro, cultural [palavra inaudível]. Resumindo: Isso sempre aconteceu, aí tinha uma programação, o SESC pagava o folder e coordenava, botava na marca, tal, saía o nome de todo mundo lá, enfim. Tipo, a UFSC botava um seminário, a UDESC botava um festival de... de dança, o SESC botava aqui o encontro de talentos e saiu uma programação conjunta, tá, divulgada para todos os idosos. Todos esses faziam parte todas essas edições. Só o quê que aconteceu: Como a gente começou a ficar forte nessa discussão, tinha quase 26 instituições parceiras e pensando que o idoso, ele precisa de ações todos os dias, não só em dois meses do ano, o SESC pegou, sentou e lançou o Idoso em Foco, mas não como uma reunião mais pontual para fazer essa programação e sim como um grupo de trabalho. Então o Idoso em Foco desde 2014, ele é um grupo de trabalho que reúnem sob a coordenação do SESC, sob a minha no caso, profissionais de todas essas instituições que fazem o trabalho para o idoso em Florianópolis. Isso é o Idoso em Foco: São reuniões mensais e que é discutido ali questões de cidadania e de direitos, de uma série de coisas que eu tenho... Não sei se tu já participou de conselhos do idoso. **P1:** Não. **M1:** O conselho é um órgão deliberativo, né, e aí às vezes eu

tenho um trabalho de... Eu tenho um trabalho, eu trabalho mesmo, porque às vezes muitas delas... Essas pessoas também estão nos conselhos e elas pensam que o Idoso em Foco é um conselho, mas o Idoso em Foco não é um conselho, ele é um grupo de trabalho coordenado pelo SESC. Ele é executivo, ele executa. Então o quê que acontece: A gente monta programações para seis meses, a abertura da programação, ela se dá no Dia Internacional de Combate à Violência do Idoso, que é dia 15 de.. junho e segue até final de novembro. E aí são cerca de... Aí ele se dá através de eventos, eventos que a UFSC... Aí o SESC agrega, as pessoas vêm, discutem: "Ah, eu acho que isso vai ficar na programação, isso não vai, isso, isso vai." Aí digamos assim... a UFSC inscreve eventos, a prefeitura inscreve eventos, a UDESC inscreve eventos, o SESC inscreve eventos. Tem um folder que é um caderno enorme já para caber tudo isso: "Cuidado com a fonte, que fonte para o idoso não pode ser a convencional [palavra inaudível] e isso foi uma luta também para conseguir pela nossa assessoria de comunicação, algo que fosse GRANDE, porque não entendem que idoso não lê letra pequena, enfim, muitos até leem lógico, né, eu não quero generalizar as minhas colocações, mas enfim. E aí vem sendo feito o Idoso em Foco, através desses eventos, ao longo de seis meses em Florianópolis com hoje 18 parceiros. E a gente... são reuniões mensais. Não começamos ainda, porque ele está para se reestruturar também. Esses eventos mais pontuais se chegou à conclusão de que a gente precisa fazer eventos maiores, mas não tantos eventos, porque a gente está batendo na questão da comunicação, da informação. A gente está entendendo que não está chegando para o idoso o que a gente precisa chegar. Esse folder enorme, ele ainda não chega. O idoso lá do sul da ilha, lá do bairro mais distante, lá do... Então a gente está tentando ver uma forma agora de como é que a gente comunica e a gente não vai estar fazendo mais... sei lá, 20 eventos ao longo de seis meses. A gente vai fazer dez talvez, mas eventos com duração maior e que se tem um tempo maior para comunicá-los. Então... Enfim de 2014 muita coisa mudou, então em 2019 a gente relança, mas isso tudo, eu estou te passando os bastidores, mas talvez eu já estou falando um pouco da minha atuação enquanto... ser pensante sobre essa ação e que também hoje tem uma tarefa, através das parcerias, de estar na discussão com a própria UFSC, com a UDESC, com a prefeitura, com o próprio Conselho. O Conselho também faz parte e outras tantas instituições, tem... tem o Centro Dia que é parceiro, tem a Associação da Grande Florianópolis dos Aposentados e Pensionistas, [palavra inaudível] PREVI está junto. Tivemos já o INSS, saiu, foi uma perda grande porque a Superintendência entendeu que... que no momento não deveria estar participando de um projeto como esse. É claro que... a questão da discussão da reforma da Previdência e que a gente sabe que não é tudo isso que está sendo dito aí, né. É tudo uma questão política, não tem déficit, rombo, coisa nenhuma, né, que é porque tem desvio, quem tem que contribuir, não contribui, essa coisa toda. Daí era uma assistente social que vinha: bem crítica, uma pessoa BEM especial. O superintendente: "Não, ninguém vai ficar aqui. *[frase inaudível]*." Foi uma perda. Então tem essas questões todas. O Tribunal de Justiça também participava conosco — não sei as razões, tá? — não está mais participando, a gente quer ver se puxa eles de novo porque é uma discussão bastante importante, porque o IDOSO TEM PRIORIDADE, mas tu vai lá na sala do... A OAB também está... Tu vai na sala de um juiz aí, tu vê pilhas de processos: São todos de idosos, então como é que ele tem preferência? Não tem juiz suficiente para... para dar conta de... de ler e despachar os processos. E aí é prioridade, mas assim, É UM MONTE: Tem prioridade, *[palavra inaudível]*..**P1:** Como é que vai dar prioridade em todo mundo igual ao idoso, né? **M1:** É, então... **P1:** É o mais velho será, né? **M1:** Então essas questões todas. Então resumindo: Idoso em Foco, ele é um projeto pensado de forma articulada pelas instituições de Florianópolis que prestam serviços para o idoso e também, digamos assim: "O SESC está fazendo isso." Então não tem por que que a universidade está fazendo isso no mesmo dia, na mesma data, sabe, para ser uma REDE, para que se COMPLEMENTAR. Então o grande ganho, é na verdade essa rede, de se compreender como rede e que o SESC tem um trabalho, a universidade tem outro, a UDESC tem outro e aí eu acho que entra muito a questão

da informação, assim, que eu... que eu passei a conhecer mais o trabalho que um ou que outra instituição faz. E aí eu posso também informar para meus idosos: "Eu não tenho, mas a UFSC tem isso e consequentemente lá eles também." Então, eu sou assim apaixonada... Cada projeto, né? Bom, talvez isso justifique a minha estada aqui por tanto tempo, né, de gostar do que faz, de... de querer crescer, de querer discutir, de chamar e sempre aprimorar essa *[palavra inaudível]*, sabe? Então, o Idoso em Foco ele é muito especial também. Não se agora fica claro Idoso em Foco, Idoso Empreendedor que é Mundo Digital Master... **P1:** Claro! Com certeza. **M1:** Por que que é Grupati... Então o Grupati é mais os idosos que vêm, debatem e querem, enfim. E aí... **P1:** Eu também queria que você me contasse um pouco sobre esse Empreendedor 50+. Como é que ficou esse Empreendedor 50+? **M1:** Então... tudo tem... Lembra quando eu te dizia que lá no... no Convivência tinham pessoas que queriam estudar mais, se informar, são mais críticas? **P1:** Uhum. **M1:** O Mundo Digital Master é para aquela pessoa que vem e quer aprender para ela: "Quero aprender a mexer no *WhatsApp*, quero aprender computador, porque quero fazer minhas pesquisas." O Empreendedor, ele tem a ver com geração de renda que não é... que não era lá... lá na criação do Idosos Empreendedor não tinha isso, mas ele... ele foi para projeto social, ele não foi para a geração de renda. Então através da economia compartilhada que está falando hoje, que está novo ainda, mas que aí entra o *Uber*, *Airbnb*, essas... Então ela vem, ela vem aprender para ganhar um dinheiro com isso, com os aplicativos, digamos assim. Está novo, tá? Não tem uma turma ainda fluindo disso. O SESC também está com... uma assessoria externa — talvez tu já tenha ouvido falar — a *MaturiJobs* de São Paulo. **P1:** Não. **M1:** A *MaturiJobs*, ela é uma plataforma digital criada justamente para ajudar os idosos a se manterem no mercado de trabalho. E aí o SESC foi buscá-los e eles estão fazendo os nossos cadernos para a gente atuar com essa economia compartilhada através desses aplicativos. Então isso está... está no forno. **P1:** Entendi. Me diz uma coisa... Eu queria saber um pouco também... Eu vejo lá pelos outros SESCs que o grupo de Dança Circular é MUITO especial e o de Memória também é muito tradicional, né. Me conta sobre esses dois que foram os dois que faltaram, eu acho. **M1:** Então o grupo de... de Dança Circular, ele é um grupo muito legal. Eu não atuo com ele. Meu foco não é dançar e lá a A. faz, a F. faz, talvez elas... A paixão que elas têm pelo Dança Circular é a que eu tenho pelo Idoso em Foco e pelo Idoso Empreendedor. Então assim, em Florianópolis a gente tem várias rodas de Dança Circular — o que talvez lá não tenha — com focalizadores que fazem parte de um movimento chamado Movimento Jeroky... Ela é muito forte... interna em Florianópolis, mas ela não tem toda essa força dentro do SESC, aqui pelo menos. Por conta de que tem muitas rodas e aí eu também tenho as... as instrutores e as pessoas que fazem a Dança Circular, são pessoas que não estão há tanto tempo no SESC, entende, mas é o quê: É uma atividade que as pessoas procuram... muita gente com problemas de depressão, muita gente que saiu de tratamento oncológico, tá... Ele tem uma pegada muito pelo lado espiritual, não sei se as meninas te falaram isso. **P1:** Sim. Uhum. **M1:** E que muita gente não identifica com isso, que pensa a espiritualidade no sentido da religião... Muitas pessoas — não são só os idosos — muita gente ainda confunde isso. A minha percepção, tá? E aí quando tu fala que tem um centro, que tu tem daí uma conexão com a divindade, com superior, que tu... por que que tu fica em círculo, por que tu tem o ombro aqui. O ombro quer dizer da questão que eu sou igual ao outro, mas ao mesmo tempo também sou muito diferente pela história que eu trago, enfim e tal. Então ele é um grupo sim muito bacana, que vem... quem está gosta muito. Na Dança Circular eu percebo assim que aquela pessoa que: "Não tenho, eu venho mais ou menos." Como às vezes a gente identifica no outro projeto: "Ah, estou... tal." Se ela vem... Quem está ali gosta. Gosta muito. **P1:** Uhum. Ou ame ou odeie. **M1:** Isso. Exatamente. E aí o outro é? **P1:** O do Memória. **M1:** O do Memória. Então, eu acho que Memória eu comecei te falando, né, que a gente trouxe a estratégia do Digital e do Cooperativo. **P1:** Ah, é verdade! **M1:** Que eu acho que não apareceu na fala das meninas para ti isso. **P1:** Não. **M1:** E aí a gente também trouxe isso como estratégia para que as pessoas que estavam no

Idoso Empreendedor, quando finalizasse o tempo delas no Idoso Empreendedor, elas não saíssem do SESC, porque o quê que o SESC quer? O SESC quer que as pessoas permaneçam nos seus projetos, nas suas atividades. O objetivo maior —a gente tem meta, né — é casa cheia, é grupo cheio, é inscrição, enfim. Então ele surge como uma estratégia para trazer as pessoas que já estavam em outras atividades ou até mesmo aquelas que já tinha feito o Cooperativo. Incentivando que ela fosse aprender a mexer no computador para depois ela fazer o digital que tem outras possibilidades de exercícios, enfim e tudo no sentido de ir potencializando a memória, porque o trabalho com a memória deve ser feito não só esse ano, é uma constante. As pessoas têm que estar em constante aprimoramento da sua memória e então nesse sentido de estratégia institucional, mas que eu já percebo que deu muito certo. E até porque a gente conseguiu de certa forma, trazer mais pares, então digamos assim, aquelas pessoas consequentemente já têm um conteúdo maior ou tem mais informação: ela fica no digital. Então a gente consegue avançar mais, porque a turma está de certa forma mais nivelada e no Cooperativo a gente tem mais, digamos assim, mais dificuldades, não tem tantas possibilidades como tem *[palavra inaudível]* computador. **P1:** Entendi. Bom, considerando esse MONTE de atividades, né, eu iria te fazer a pergunta: O quê que o idoso procura no SESC? Você vai me responder muitas coisas, porque são tantas atividades que eu acho que... né, que acaba que cada um com seu interesse acho que eles conseguem se adequar em alguma, mas eu queria que você me contasse mesmo assim: O quê que o idoso costuma procurar no SESC? E a sua percepção sobre isso. **M1:** Eu tenho que pensar um pouquinho. **P1:** Uhum. **M1:** É... Eu acho que, assim, as pessoas vêm primeiro para se juntar com outros idosos. Elas ainda vêm muito pela amizade, pelo conviver, pelo combater essa solidão... Acho que assim, a porta de entrada para muita gente, ainda é isso, tá, mas se soma a tudo isso a questão da preocupação com a saúde que aí entra o grupo da Memória, entra a questão das nossas Danças Master que é na área de cultura — que daí não é de grupo — entra a Dança Circular que é da área de grupos, né. Hoje está muito forte aqui a questão da ginástica, do pilates para idosos. O próprio TMF que é o Treinamento Multifuncional — não sei se já ouviu — que é uma parte daí da área de esportes. Entra muito a questão do Vôlei Câmbio que é o vôlei adaptado. Isso, assim, aqui tem três... duas turmas, eu acho. Eles não conseguem abrir uma outra por questão de espaço de... enfim, mas que eu acredito que se abrisse, teria. Então eu acho que vem a preocupação com a saúde, com envelhecer, com fazer atividade física, movimentar o corpo e vem também a questão do continuar aprendendo — dessa educação continuada que a gente fala —né, de pensar que eu não tenho limites: eu gosto, eu quero, eu vou. Eu estou com 80 anos, mas estou lá tentando aprender como mexer no computador. Isso para mim não tem... não tem primor maior. Então eu acho que, assim, ele vem para a convivência como *[palavra inaudível]* tinha dito, mas ele vem para cuidar da saúde e ele vem para aprender no SESC. VEM para fazer amizades, VEM para estabelecer novos vínculos afetivos, emocionais... Outras pessoas dizem assim: "Ah, se tivesse uma cama, eu ficava no SESC." Você *[palavra inaudível]* todos os dias. Então assim... Esse afeto... Tu viu quando elas chegaram aqui, elas disseram assim: "Ah, aqui no SESC a gente é muito bem tratada." E tu mesmo *[palavra inaudível]*. Então eu acho que... É isso que eu chamo *de* afeto, de acolhida. Ele também vem, porque ele se sente bem. A família talvez não trate tão bem como eu gostaria, né. Não por problemas de relacionamentos familiares, mas acho que assim, as novas relações do mercado de trabalho exigem que as pessoas se afastem até mesmo no seio da família, por quê? Se... se eu moro com a minha filha ou com meu genro, mas ele trabalham, eles têm um filho que tem que levar ele na escola, que... enfim, o tempo para o idoso no seio da sua família, ele que está cada vez mais restrito. E aí ele vem para o SESC, porque aqui ele encontra alguém que está disponível. Vou falar de mim enquanto técnica da minha equipe, da equipe lá do *[palavra inaudível]* esportivo, da equipe da cultura lá nas danças, alguém que está aqui para colher e fazer alguma atividade para ele e que trata bem. A gente tem uma, digamos assim, uma orientação rígida no SESC que é esse tratamento cordial com as

pessoas, que é tratar bem, porque o quê que a gente quer? Que as pessoas se fidelizem aqui dentro, que ELAS FIQUEM. E aí não é só a minha atividade, é a atividade do meu colega que também é para o idoso *[palavra inaudível].* Então eu para resumir isso, eu te diria que ele vem para encontrar pessoas e ele vem para cuidar da saúde, ele vem para se integrar, ele vem para aprender e ele também vem, porque quando ele chega aqui ele percebe que ele é muito bem tratado e às vezes a gente percebe que ele não vem pela atividade, ele vem pelas pessoas que ele encontra aqui. Não estou falando isso também de... de profissionais que trabalham, mas pelas pessoas que estão nesse grupo, que estão dispostas a mesma coisa, a serem acolhidos, a acolher: "Ah, eu me identifiquei, ela veio. Ela também tinha ficado viúva, aí eu fiquei viúva há pouco tempo e eu me SOLIDARIZO com lá no grupo. Por isso que eu estou lá." "Ah, foi aqui que eu encontrei apoio." A gente ouve muito isso: "Foi aqui que eu encontrei apoio. [palavra inaudível], passei a fazer isso, passei a escrever. Ah, eu não fazia nada disso não. Eu achei que eu não ia entrar no Idoso Empreendedor. Computador para mim era coisa de outro mundo, mas eu comecei a perceber, porque a fulana lá do grupo, ela também foi. Ela está tão bem, fez tão bem para ela. Eu também posso, eu vou fazer, eu vou entrar." Então assim... É tanto que quando a gente começou eram pessoas um pouco mais jovens e aí depois as pessoas mais idosas começaram a perceber que elas também podem e elas vêm fazer. Então essa coisa de... de se espelhar no outro, sabe, de ver o outro também, então assim, a coisa de encontrar um par. "Lá no grupo eu brinco, conto minhas histórias. Eu moro sozinho, não tenho para quem contar. A minha filha está sempre ocupada, meu genro chegou nem me olhou." Então eu diria que tem muita coisa nesse porquê que ele vem para o SESC. Então... são aspectos... sociais, afetivos, são aspectos ligados à manutenção, à educação continuada, são a questão da preocupação com a saúde, a questão do empoderamento: "Me sentir vivo, fazer parte de algo. Eu parte do grupo da segunda, faço o grupo da terça, faço também parte da Dança Circular." **P1:** Se sentiu útil, né? **M1:** Se sentiu útil. Saber que é possível. Eu acho que é a questão de... de, assim, de sentir protagonista da sua história, então eu... eu estou INVISÍVEL, digamos, eu venho para o SESC, mas aí eu queria também dizer assim que é não é só para o SESC, é para as instituições que fazem esses trabalhos para o idoso. *[frase inaudível]* trabalho muito lindo, muito rico. E assim, ele sai de invisível dentro de casa, muitas vezes, para ser visível lá na instituição, para ter valor lá na instituição, que talvez na família, ele não encontre mais TANTO por conta dessa mudança que a gente vive, não porque a família não quer. É claro que também tem família que não quer, tá? Sei de muitas histórias. Tem família que, assim, ele está sendo um estorvo: "Mãe, vai para lá e fica a semana toda." Infelizmente tem isso também. **P1:** Entendi... Eu vou perguntar especificamente do Idoso Empreendedor — que é Mundo Digital Master — que é onde eu vejo que eles vêm muitas vezes com uma necessidade de informação, mas aí você pode, né, falar sobre todos os outros que você identifica, né. Você sente que eles vêm para cá com alguma necessidade de informação? Tipo assim, olha: "Ah, eu precisava..." Como você falou: Compras pela *internet* que é uma preocupação que você está tendo ou: "Bah, eu precisava ler uma bula de remédio." Ou "Bah, eu precisava acessar o *site* lá para ver não sei o quê lá para ter de informação." Você sente, assim, que eles vêm com necessidades de informação latentes? Quais são? Assim, operacionalmente falando assim: "Olha, é assim, assim e assim", o quê que vem na sua cabeça... que você identifica? **M1:** Eu penso que... em praticamente todos os projetos, eles vêm com necessidade de informação. eles querem conhecer, eles querem saber mais de determinadas questões... Até mesmo no grupo Convivência, no grupo de Interação, ele quer saber como funciona, ele quer saber se ele vai ficar. Ele precisa de informação para isso. Eu acho que assim pode não estar, assim, como falou, latente ou não está... EXPLÍCITA, mas eu percebo que, assim... o fato de sair e vir para a instituição, ele de certa forma ele está buscando se informar: "Do que tem lá, do que eu vou acessar, o quê que é possível fazer. Está me está me inquietando estar aqui, estou precisando fazer algo." Eu acho que aí está embutido: "Eu me informar, eu conhecer, eu aprender, eu fazer." E... e eu acho que o projeto... o carro chefe disso

provavelmente seja o Idoso Empreendedor, o Digital Master. E aí, claro, eu traria a Memória sim, porque ele sabe que: " Eu preciso cuidar da minha memória, eu tenho que aprender algumas coisas: Tenho que aprender exercícios, tenho que aprender *[palavra inaudível]*. Tenho que me informar para isso. Como é que funciona para eu ativar a minha memória? Eu estou ficando esquecido." Não sei se é a informação nesse sentido que tu coloca, que tu perguntas. **P1:** Uma questão mais... **M1:** De APRENDIZADO. **P1:** É, assim: "Ah, eu preciso..." como você falou, compras pela *internet*, isso era uma necessidade que eles vinham buscar aqui? A questão... **M1:** Isso aparece muito pouco ainda, mas aí a gente se preocupa como eu te disse que a gente se preocupava lá no... com o *Orkut*... Por exemplo, ele vai fazer uma compra e produto não chegou ou digitou algo errado, cancelou cartão, enfim... A gente ensinou aqui na atividade, mas ele vai para casa. Como é que o SESC vai ajudar ele a gerenciar essa informação que me levou lá?... A instrutora não está lá com ele e que aí tem uma senha, tem... sabe? É mais o cuidado no sentido da segurança, sabe? O cuidado com a segurança que esse idoso vai ter depois: Será que esse procedimento é totalmente seguro, ele vai conseguir fazer corretamente ou vai ter um pepino, um problema? E aí a gente não está lá para conseguir resolver. Então eu acho que seria nesse sentido assim, gente está segurando isso de certa forma, tá, mas eu sei que já algumas unidades: "Ah, vamos ensinar. Se errou, errou. O problema que der ele vai fazer *[palavra inaudível]* família... vai tentar resolver. " Eu já sou mais cautelosa. A minha equipe, a minha instrutora que está há um bom tempo comigo — que também é assistente social de formação — que ela está lá no dia a dia planejando os encontros dentro dos encontros: Ela ainda está preocupada de assim... Mas eu te digo que... a compra pela *internet,* não tem assim uma procura tão enorme, porque os idosos também são muito reticentes com essas coisas, eles são muito cautelosos. **P1:** Desconfiados, *[palavra inaudível]*. **M1:** Desconfiados. Desconfiados com essas questões assim ainda de: "Ah, mas será que dá? Mas será não vão... vai *hackear* a minha conta, enfim? E aí eu não vi o produto, aí eu vou comprar e se eu quiser trocar, como é que eu troco?" A gente sabe que tem uma política de trocas de *internet* e tal, mas ele não viu, ele não viu a moça da loja para ele dizer lá para ela: "Olha, eu não gostei disso." Tem muito essas questões ainda. **P1:** E o quê que você sente assim que eles procuram mais na *internet*? Assim, quando eles vão procurar o Mundo Digital Master. **M1:** Eles procuram... por viagens, procuram por *sites* com informações de saúde, procuram por culinária, procuram moda, de tudo. É um universo bastante amplo assim. **P1:** Essa questão de redes sociais é muito forte como eles? **M1:** Bastante forte. Então assim, o *Facebook*... O *Instagram* está... está de leve aqui ainda. O *Facebook* é bastante forte e aí a gente tem... as oficinas só com o *smartphone* e o *WhatsApp*, né. Então eles estão procurando muito a questão de... de fazer parte, porque hoje todo mundo conversa pelo *WhatsApp* e tem também a questão... muitos idosos têm filhos ou netos... que moram longe e até fora do país, então *[palavra inaudível]* comunicação... Pela comunicação, poder me comunicar, poder ver, então assim: "Eu tenho que aprender, eu tenho que me informar, tenho que ver como é que eu posso falar com ela pelo *WhatsApp*." Então isso é bastante forte. A questão de vir para se informar para... fortalecer ou ter novas estratégias de comunicação com a família. Então isso tem... A gente observa muito. Eu acho que é uma das coisas maiores assim. **P1:** Uhum. Deixa eu te perguntar uma coisa... É a última pergunta, já estou indo para a última *[palavra inaudível]*, nem deu muito olha... Quase uma horinha [risos]. Acho que deu bastante sim. Eu que você me contasse: Como que você sente que é a relação entre os idosos dentro de um grupo de terceira idade, dentro desse... dos grupos aqui, né: Como eles se relacionam, como eles... enfim. Como é a relação entre eles? **M1:** Eu penso... que assim, são diferentes relações. Depende muito das pessoas que estão ali... qual é o propósito do trabalho, que atividades são feitas... Atividades na formação grupal, elas têm o objetivo de integrar as pessoas, que elas se conheçam que elas conversem, que elas criem um vínculo de amizade... Eu diria que são relações muito especiais, mas que também tem muita a questão da afinidade. Então assim, tem pessoas que se afinam mais com umas ou outras, todas as idades

eu penso que a gente é um pouco assim, né: " *[palavra inaudível]* eu me afino com a fulana *[palavra inaudível]* não me afino tanto." Tem aquelas relações que são fortes, que elas fazem uma amizade de se encontrarem em suas residências depois, tem aquelas amizades que são dali que elas brincam, elas falam, mas é ali: Ela *[palavra inaudível]*. Ela conhece a pessoa sabe, mas ela não convida para um café na sua casa. E tem muita gente que convida para um café na sua casa, que programam uma viagem juntas, que combina de: "Ah, ela vai fazer parte desse grupo. Ah, eu também quero ir, porque eu tenho uma amizade, eu gosto da fulana. Ela foi, eu também vou." Então acho que assim, é difícil de... descrever em poucas palavras como são essas relações. Tem pessoas que não se dão convivendo em um grupo mesmo que ele sobreviva a proposta por muito tempo... Tem a questão de pessoas que às vezes são muito intolerantes nos grupos, que elas chegam e elas não conseguem ter aquela amizade, aquela... CATIVAR quem está ali, ela fica mais.... Vou falar aqui para você, está registrado: As pessoas mais ranzinzas. Tem pessoas ranzinzas nos grupos e elas não têm uma amizade, uma relação boa com as demais. Elas têm com a gente, porque nós enquanto profissionais estamos aqui, nós atuamos... todas as pessoas sem distinção nenhuma. Não posso fazer distinção, enfim. Preferência, não posso ter preferência por pessoas, mas as pessoas que estão lá, elas têm preferências. E aí entra todo um trabalho nosso de aproximar cada vez mais as pessoas. Tem conflitos, tem egos e muitas vezes a gente observa, assim, nos grupos pessoas que não se dão. Elas convivem ali da política, digamos assim, da boa vizinhança: "Eu faço parte." E tem casos de pessoas — a gente teve inclusive agora no Mundo Digital Master — de duas pessoas que elas... elas fizeram a mesma atividade no ano passado, no mesmo grupo e assim, a gente vinha observando, a instrutora vinha observando tendo atividades, conversas... conversas com ela, mas não... não aconteceu. Elas não conseguiram se integrar e... e aí esse ano, uma delas veio e falou *[palavra inaudível]*: "Não, eu não vou fazer parte, porque eu não quero mais conviver com a fulana." E aí, claro, a gente respeita todas, né, enfim e... e ela saiu da atividade, a outra ficou. Tem dois casos: um senhor e uma senhora. Aí tu pensa: "P., as mulheres são mais suscetíveis a isso." Eles também são, sabe, por posições ideológicas. *[frase inaudível]* Aquela pessoa que não abre mão da... da sua verdade e aí incomoda muitas vezes alguém que... É tanto quem quem deixou de vir foi um incomodado. A pessoa que tem lá a sua posição firme, convicta, ele não abre mão, teimosa: Ela está lá. Então... Mas eu diria que a relação das pessoas é muito especial. São casos. Elas fazem um vínculo bacana, mas também tem muito assim, olha: "Ah, ela é minha amiga, ela está no meu grupo." "Mas como que é o nome dela?" "Não sei. Se eu ver, eu te digo. É aquela, sabe? Aquela que senta na porta do lado direito sempre, que tem uma amizade com aquela baixinha. Anda sempre com a baixinha." **P1:** [risos] "É minha amiga, mas eu não sei o nome." **M1:** É. Tem muito isso também *[palavra inaudível]*, sabe? A memória dos nomes. Não sei se é porque elas passam por muitos espaços, mas se elas se verem, elas vão bater um papo, elas vão falar de família, elas vão falar do grupo, da viagem. *[frase inaudível]* **P1:** [risos] Entendi. Não, tudo bem. Deixa eu te perguntar uma última coisinha: O quê que você acha que o SESC ele ajuda na questão do idoso, de um modo geral, hoje? Desenvolve digamos assim, né. Aprimora, desenvolve, ajuda, né, de um modo geral. **M1:** Eu penso que o SESC tem... um papel muito importante na vida dos idosos... No sentido de mostrar possibilidades, de trabalhar com essa questão da imagem do envelhecimento que ela ainda se perpetua a imagem da pessoa inútil, que não consegue fazer isso, que só pode ficar em casa. Então eu penso que assim, o SESC vem mostrar através das suas atividades para os idosos, que é possível eles serem protagonistas de suas vidas, que é possível eles fazerem atividades maravilhosas mesmo com idade avançada... Que eles têm valor sim na sociedade, que eles são cidadãos de direito, que eles têm papel e que eles devem se encorajar para exercer esse papel, porque muitas vezes eles não... talvez não tenham informação de que eles podem. E aí o SESC traz a informação de que eles podem através de... de "n" atividades que eles vêm fazer aqui. E quando a gente ouve algumas pessoas dizerem assim: "Poxa, eu vim, eu estava num momento muito difícil da minha vida e eu passei

a olhar essa vida com outro olho depois que eu comecei a participar do grupo... Minha vida não é mais a mesma agora que eu tenho *WhatsApp*, *smartphone*." A gente escuta muito isso. Então eu diria que o SESC promove transformações incríveis na vida de muitas pessoas através dos seus serviços... Promovendo a autoestima, promovendo vínculos: "Ah, me sentia tão sozinha, mas agora eu tenho um grupo. Posso ir viajar, posso combinar um café no *shopping*... Eu tenho onde ir, eu tenho pessoas que eu encontro em todos os meus dias." É tanto que a gente faz recesso e férias ali em janeiro, fevereiro e volta na metade de março *[palavra inaudível]*: "Puxa, *[palavra inaudível]* não via mais a hora de voltar, estava com muita saudade." Então é assim... As pessoas acabam... Como muita gente também diz, né, é... é uma segunda família, é um segundo espaço: "Puxa, eu estava sem nada para fazer. Então o SESC é algo... é um lugar onde eu tenho... eu tenho algo para fazer." E o algo para fazer é utilidade para minha vida, né? "Não, não tem mais importância, não tem nada para fazer." Não, no SESC tem algo para fazer e aí isso me dá vida. Então eu acho que é... é fundamental o papel que o SESC exerce na vida das pessoas que fazem parte dele. Ele tem um impacto, ele gera impacto muito grande. Ele torna o idoso protagonista de sua vida, eu diria, para resumir. **P1:** Que bonito. Vocês falam coisas tão bonitas. Deixa eu te perguntar se... se tu queres falar mais alguma coisa. O que você estava pensando: "Ah, eu vou falar isso para a D., eu acho que eu vou falar aquilo." Para deixar registrado para que isso faça parte da tese. Se quiseres falar mais alguma coisa. **M1:** Ah, eu penso que eu já falei bastante, né.

MEDIADOR 2

P1: Em primeiro lugar, eu queria saber quais as atividades que os idosos desenvolvem aqui no Sesc, tem Idoso Empreendedor, o Ativa + (+) [frase inaudível] M2: cada Sesc tem a sua realidade e tem grupos que acontecem e outros não, então por exemplo nós temos o Mundo Digital Master, o avançado, o básico, nós temos/o que é o avançado: pessoas que estavam ano passado, estavam no ano anterior e tem interesse em continuar, tu não vai colocar ele junto com quem é iniciante, se eu for entrar no mérito da questão "o que avançou" o Mundo Digital Master é bem amplo, porque quando quando eles vinham aqui, ninguém tinha celular, ninguém tinha computador, hoje eles têm celular e eles nem querem mais saber de computador, eles só querem saber de computador quando eles sentem uma necessidade, do que: preciso salvar foto, aí você consegue começar a atrair eles, porque no celular eles fazem tudo, é muito mais prático falar pelo 'What's'. "Ah, eu tenho dificuldade quero anexar, mandar uma foto", eles sabem que precisa a foto estar no celular, como era antes quando eles queriam mandar uma mensagem, uma foto, pelo e-mail. Os idosos não falam/pelo menos aqui não falam mais em e-mail, eles encaminham pelo quê, pelo WhatsApp, mas para/a gente sempre deixa claro/para que eles possam encaminhar pelo WhatsApp você tem que ter essa imagem no teu celular, e aí como é que faz? Daí tu consegue resgatar a importância de ainda usar o notebook. Mas a gente percebe que ninguém anda com o notebook no bolso, é muito mais prático um celular. Aí tem o grupo da memória, temos a dança circular, grupo de voluntárias (+) o que mais (+) e o grupo cantoria, que pena que hoje a tarde a chuva não pode te proporcionar, eles estavam ensaiando como é que amanhã eles vão fazer a abertura do evento, se tu tiver disponibilidade de amanhã pelo menos ficar na abertura , você vai ver, né **P1:** fiquei tão chateada, tão chateada, me atrasei toda em casa, enfim.... **M2:** ai, a chuva sempre/eu achei que não ia vir, mas hoje vieram em peso, não sei se é por causa de amanhã né, mas é isso, ó, o Mundo Digital Master, Grupo da Memória, Dança Circular, ah, tá, o Grupati, que é o grupo de atualização da Terceira Idade, esse eu acho que tem em todas as unidades. Como tem unidades que não tem o cantoria... **P1**: é o Ativa + agora, né? o nome é Ativa +/ah, não! O Ativa + é o interativo... **M2:** é outro, é, ele é bem

mais/tem o Empreendedor 50+ também, não aqui, né, mas em outras unidades. Isso vai muito de cada realidade, que eu saiba tem uma unidade que eu sei ela não tem Cantoria, mas tem outros grupos, ou às vezes/ **P1:** é, o de Lages que não tem Cantoria, mas ele falou que eles/ah, ele não tem é Dança Circular, mas ele [frase inaudível] **M2:** se não me engano acho que é São Miguel que não tem Cantoria. Por que: o que que eu vejo assim: a Cantoria RESGATA música da época delas, faz com que elas (+) possam também cantar, mesmo que nunca cantaram, ela tem essa/era bom se hoje a tarde tu estivesse visto elas, meu, ia ser tão legal **P1**: Só mulheres? **M2**: mulheres, e tem dois homens, só que eu vejo que vinga esse grupo porque nós temos um voluntário amado que até ele está no segundo processo de/ele está em depressão novamente/ **P1:** ah, o maestro? **M2:** é o que faz o maestro, é o que vem tocar o violão, porque se não tiver ele, a gente já tentou até fazer no karaokê, ou a gente mesmo tentar cantar, não é a mesma coisa, tem que ter um instrumento, eu sou da área de assistência social, não sei tocar violão, e ele veio, começou como voluntário, ele vem toda terça, e a gente percebe o quanto o grupo está fazendo bem, ele está/bom, até me arrepia, ele tava todo hoje, muito brincalhão, sorridente, olha o quanto o grupo contribuiu/está contribuindo. E aí o grupo se apegou a ele também, tanto que todos queriam ir lá na casa dele fazer o encontro se ele não viesse mais aqui, pra tu ter uma ideia [risos]. Olha as relações que vão se criando né, e é assim, amanhã eles vão fazer a abertura do evento, então para eles, fazer a abertura de um evento é todo assim, ó: vai ser com algumas luzes apagadas, o seu P. vai começar tocando aquela música: "viver..." ele vai começar o trechinho e elas vão sair das cortinas nas laterais e vão vir pro palco, e aquilo vai/meu Deus, que a ideia era o que: cortinas fechadas e elas iriam começar a cantar e a gente iria abrir, e eles vieram com a ideia hoje de que eles aparecessem no palco mas que achando que era só o seu P. que vai cantar, e elas vêm/bom, eu vou te mandar um vídeo de hoje para tu ver a empolgação lá, elas treinaram como se elas estivessem no palco. Depois vem a palestra [frase inaudível] e aí depois vai ser assim: como o nosso grupo de dança circular são poucas, nós somos em sete, a grande maioria/duas estão viajando, e uma ficou doente, então nós tivemos que hoje de manhã mudar algumas coisas. Então elas não vão fazer a apresentação, mas a gente vai colocar vídeos mostrando os momentos com os erros mesmo, eu falando "olha, cuida a postura, cuida isso né, olha, vamos/vamos", dando as dicas, né, de como é que é a dança, e tal, então a gente vai apresentar dois vídeos da dança circular e o vídeo de hoje, da cantoria, aí a gente vai mostrar algumas fotos do Grupati, fotos/que não tem muito o que mostrar do Idoso Empreendedor, fazendo, então a gente vai mostrar fotos até pra não ficar/o que que é o objetivo amanhã: é lançar as atividades, é deixar eles com gostinho de "eu quero voltar no Sesc, opa, eu quero saber o que que é a oficina da memória, o que que é dança circular, quais são esses benefícios", porque a palestra é o que: benefícios de se manter conectado, que a palestrante é uma coach que ela vai vir falar isso, para dar essa empolgação para quem já está, e tem pessoas que vai trazer pessoas novas, esse é o objetivo, trazer novos clientes também, e dar a oportunidade de eles conhecerem, e daqui a pouco pessoas que não viajam, fazer novas amizades, porque quem está aqui são os primeiros a saberem quais são as viagens do Sesc. Então, dentro dessas atividades do Sesc não é simplesmente vir aqui, cantar no senso comum, aprender as coisas básicas de informática, estimular eles a desenvolver um trabalho especial, que é o idoso empreendedor, que hoje é o Mundo Digital Master, ficar atualizado, VAI ALÉM, é, novas amizades, potencializar/dar oportunidade do senso crítico deles, de eles se tornarem mais criativos, continuarem sendo/atuando na sociedade dentro do limite deles, então todos esses projetos eles vem com isso, a dança circular ela é trabalhar mais o interior da pessoa, mas é também tentar tranquilizar, porque hoje as pessoas são todas aceleradas, né, então a gente não tem que só dançar, a gente desafia eles "vamos fazer uma apresentação", teve gente que já me falou, "A., eu nunca peguei um microfone na mão", "A., eu nunca subi num palco", a gente já foi pra evento a nível de Mercosul, seis anos direto em Balneário Camboriú, que já é o vigésimo esse ano/esse ano vai ser o vigésimo primeiro ou segundo encontro, ele acontece há vinte e dois anos, nós fomos seis

anos em seguida, o seu P. ganhou nas apresentações de música [palavra inaudível], o seu C. apresentou a dança do Michael Jackson [risos] se eu encontrar o vídeo - não está no meu celular - eu te passo assim, tudo a partir do quê: de frequentando os grupos do Sesc. A gente recebeu o convite, um dia ele disse: A., tem um vídeo assim assim, começaram em cinco, e eram pessoas que vinham no idoso empreendedor, que não tinha nada a ver, a gente tirava um tempinho para começar a ensaiar, aí ficou o seu C. com duas senhoras, e elas acabaram saindo do Sesc, aí teve uma apresentação, tinha que fazer de dança lá em Balneário Camboriú, para quase duas mil pessoas, que é um evento a nível de Mercosul [fragmento não transcrito] aí na época teve até o sorteio de um carro, uma idosa nossa ganhou o carro **P1:** olha! de [nome da cidade suprimido]? **M2:** de [nome da cidade suprimido], ficamos em primeiro na dança, tinha escolha da rainha, a gente não ganhou, a rainha nós ganhamos em dois mil e quinze, então é um evento que ele/ele não é assim de ficar competindo com o outro, "qual é a tua nota, qual é a tua apresentação", não tem essa coisa de "eu vou competir com outro", valoriza isso muito dele, "como é que eu vou apresentar, o que que eu vou fazer" daí teve trios que foram se apresentar, duplas, a dança senior fez a primeira apresentação em dois mil e dezoito/dezessete e ficou em terceiro lugar, assim ó, elas só/segundo o senhor lá que coordena ele disse, só a questão do/das roupas né, elas foram mais simples, porque lá vai grupos que são grupos especializados em dança que passam o ano todo trabalhando, dançando, e os nossos aqui é pra ter o/é o encontro grupal, não visa apresentações, mas como tem essa coisa de instigar eles a eles se desafiarem, então a gente vai além, o produto final esse ano do Grupati aqui, que é o grupo da quinta, eles estão arrecadando tampinhas, lacres e caixinhas de leite ou suco, coisas que tinha gente aqui no grupo que nem sabia que arrecadar tampinhas serve para questão da castração dos animais, que a caixinha do leite ou do suco serve para as casas, questão do inverno, e os lacres para cadeiras de roda, então assim ó, tá todo mundo, toda quinta alguém vem com um saquinho, um pacotinho, e a gente vai contando e também vai pesando as tampinhas, lá no final do ano a gente vai entregar para as instituições que arrecadam e pedir para essas instituições, ou durante o ano vir falar, porque daí eles se sentem "eu estou contribuindo na comunidade de uma forma", na comunidade e também para o meio ambiente, então desde o ano passado a gente está tentando estimular em cada grupo qual que é o produto final de cada grupo no Sesc? Grupati: o que que vai ser esse ano? questão do meio ambiente e poder contribuir para essas instituições, e eles também terem esse conhecimento, essa troca. Olha só: esses idosos se eles não estivessem no grupo, eles não teriam esses benefícios, poderiam estar lá em casa, com uma depressão, [frase inaudível], pensando o que não deve, isso não só com eles, acontece com todo mundo, então essas são/por isso que às vezes a gente está com tanta coisa, mas a gente vai além do que que é o objetivo do grupo, é estar sempre/eu poderia vir aqui, fazer um encontro de uma hora, "ah, vamos cantar tal música, que músicas vocês querem cantar?" não, a gente vai instigando, seja para fazer apresentações em eventos que acontecem esporádicos [frase inaudível], a gente vai, escolhe um mercado, eles foram se apresentar, começaram a cantar assim no meio de todo mundo, o pessoal ali fazendo compra, aquela coisa normal, daí subiram lá numa escada lá e ficaram cantando o pessoal [palavra inaudível], então são coisas assim que vai além do que, né, é bonito estar ali no papel, mas a gente quer extrapolar né, a gente tenta ser sempre criativo porque pense a coordenadora vir toda quinta, toda quarta, para uma sala, é uma coisa que a gente também tem que tentar ser criativo, porque chega uma hora que eu estou aqui há doze né, doze anos, e assim, eu hoje eu estou mais direto com o Cantoria, que daí está acontecendo o Mundo Digital Master do outro lado, a estagiária ta aí, ela e o monitor, no caso o instrutor, aí eu estou com o Grupati na quinta-feira, mas teve anos que dava choque, então teve algumas mudanças também até para que eu pudesse acompanhar melhor. Eu estou sempre com as minhas estagiárias: "o que vamos fazer na semana que vem?" Informes, não só da área de grupos, "o que que vai acontecer na agenda de eventos? vamos entregar", não é só entregar para o idoso, "o que que tem hoje à noite?" mas se tu não retomar, esquece, eles esquecem também. "Ah, tem Sesc saúde, o que que é o Sesc

saúde?" então na semana que antecede o evento a gente tá divulgando. "Ah, cultura tem uma atividade, o setor de [palavra inaudível] tem uma outra atividade", que é o departamento esportivo, então a gente sempre tenta deixar eles primeiro, o nosso cliente ciente do que temos aqui dentro, imagina um cliente aqui dentro, e chegar e não saber que tem uma biblioteca, que pode fazer um empréstimo. Eu, pelo menos, trabalho dessa forma, eu sou muito preocupada assim é (+) ele tem que sair daqui sabendo o que está acontecendo, puxa vida, o cliente está aqui dentro, e quer um Marketing melhor do que o boca a boca? Pra tu ter uma ideia: esse evento, esse evento fiz, lancei no facebook, tranquilo, mas assim, o que eu percebo nos idosos: hoje o acesso deles é mais pelo WhatsApp, o boca a boca, tem idosas que vem aqui na segunda e quarta e na terça e quinta de manhã, e na segunda e quarta à tarde, elas ficam aqui na salinha de espera para subir para a aula de ginástica master, gente, é cinco minutinhos, tu vai ali, tu entrega: "ó, tem um evento assim e assim, até tal dia eu preciso da confirmação, porque vai ter o coquetel, ta ta ta...", vai ver, vai ter gente da ginástica master que vai vir pro evento, dá muito mais resultado, o Sesc não investe na... questão da mídia né, ele só faz por outras formas **P1:** e pelo visto dá certo [risos] **M2:** só que às vezes as pessoas/tem muita gente do grupo que não conhece, Djuli, tem muita gente que não conhece, a gente acha que a mídia ainda poderia [palavra inaudível] muito mais. Ele faz, mas algumas campanhas pontuais, mas aí tem toda uma orientação, questão do gasto, essa questão de/às vezes você estar competindo muito com quem é do comércio, enfim, a gente cumpre normas e a gente faz dessa forma, só que o meu público idoso, para ele vir ao Sesc, tem que ser coisas que realmente se tu falar "ah, vai ter uma palestra", não é/tu acha que amanhã se eu disser que só vai ter a palestra, tu tem que fazer algo muito bem atrativo, porque você sabe que tem aquele idoso que ainda é da característica do bailinho, de fazer os chás, então o Sesc tinha tudo isso, quando eu entrei tu não sabe o quanto foi difícil principalmente com o Grupati, porque não tinha idoso empreendedor na época, eram poucos os grupos, na época tinha o grupo de artesanato, ainda era outro nome, e aí foi estruturando, e foi tirando alguns e inserindo outros, mas eu lembro que eu trabalhava na prefeitura, eu vinha aqui e tinha uns bailinhos, os bailinhos foram cortados, hoje isso tem na prefeitura, o bailinho, o lanche a gente sabe que não tem mais, que uma vez era repassado alimentos/vamos fazer um almoço, hoje já não tem mais isso na prefeitura, mas no Sesc muita coisa foi cortada, e ainda você tem idosos lá daquela época/ah, pra vir jogar o bingo, sabe, isso hoje já foi/o Sesc vem com essa outra visão de ir/não fazer o que os outros fazem, ir além, sabe, é estimular eles né, a gente tem uma sala de jogos, então por exemplo, começou o grupo da memória semana passada, é toda quarta, nessa quarta que tem o evento, o encontro deles vai ser o evento, onde eles vão participar, daí tem a palestra, enfim, não sei assim, se/eu sei que eu falo demais, mas pra tu entender aqui o que é o nosso aqui, né, mas todos vem com um plano de ação. tem unidades que desenvolvem e tem outras que não tem demanda, por exemplo o xodó, o xodó tem unidades que foi/e aqui a gente tem mais dificuldade, que seria **P1:** é o intergeracional né? **M2:** intergeracional, se não me engano acho que é Jaraguá do Sul que deve ter o intergeracional **P1:** Interessante (+) tá, você falou que/lá na foto você falou "ah, a gente vai mostrar a foto do Grupati, que dá pra ver melhor as ações, e do/não, do Digital Master não, né", o que que é desenvolvido no Grupati? **M2:** o Grupati é um grupo mais aberto, para pessoas a partir de sessenta anos, os outros é todos a partir de cinquenta, tá, o Grupati você traz assunto da atualidade, então cada encontro, ah, esse encontro eu trago um vídeo, debato sobre ele, faço dinâmicas, tem a festa das aniversariantes a cada três meses, se traz palestrantes, primeiro no início do ano se faz um levantamento, qual é a demanda do grupo para esse ano? o que que o grupo quer de ouvir, de [palavra inaudível], mas se tu fala em palestra, a gente fala sempre em roda de conversa, e eles/até teve semana passada umas, uma... ela é terapeuta (+) terapeuta biomolecular, ela veio falar do que que você se alimenta... Opa! "ah, eu me aliment...", não, não é comida, ela veio falar no geral, qual que é o nosso alimento diário? com relação ao lazer, o meu alimento espiritual, o meu alimento de alimento de alimento mesmo, as minhas

relações/como é que eu estou me alimentando? Nossa, deu o maior, sabe! A gente sabe que tem idosas aqui, eu tenho uma idosa mais experiente, nem fala mais velha, ela tem noventa, vai fazer noventa e quatro, ela fala, ela ouve, ela enxerga, bom, amanhã ela deve estar aí, tu não diz que ela tem essa idade, e tem uma outra que está fazendo noventa e cinco mas já é uns dois anos, três que ela não vem mais, ela vem esporadicamente, porque [palavra inaudível] cadeira de rodas e depende de outras pessoas e ela tem medo de cair, então ela/mas o que que a gente faz, a gente vai lá na casa dela comemorar o aniversário, [palavra inaudível] ela acha que é o padre que está indo lá e sempre a gente inventa uma história, pegamos ela de surpresa. E, pra/né, e ela reclama se "ah, e as minhas amigas não disseram que não vem", então a gente faz isso, sempre tem aquelas que são mais amigas que vão em outros momentos para visitar ela. Não é simplesmente um encontro aqui, se cria esse laço fora também né, a dona L. vai fazer noventa e quatro, ela tem (+) [palavra inaudível] quase trinta ou trinta e cinco anos só de grupo dentro do Sesc, pra tu ter uma ideia, porque o Sesc acho que esse ano completa setenta e sete (+) meu Deus, assim ó, eu sou suspeita para falar, eu não entendo porque que eu gosto TANTO de trabalhar com idoso, tem uma troca muito grande, tem/eu digo que eu tenho um monte de pais, de mães, me emociona [frase inaudível] **P1:** até me dá vontade de chorar junto [fragmento não transcrito] **M2:** mas gosto (choro) **P1:** Eu também gosto muito de trabalhar com idoso, não é nem bom falar né? [risos] mas enfim, voltando aqui, é... (+) você contou do Grupati, que vocês desenvolvem todas essas coisas e que você acha que eles estão aqui mais para estar entre eles do que efetivamente, talvez para melhorar a memória, efetivamente, talvez para dançar, efetivamente, talvez para cantar, me conta um pouco mais sobre isso, se você conseguir [risos] **M2:** [risos] é que assim, a grande característica deles é que eles são muito sós, tem muitas idosas viúvas, muitas tá, a característica dos nossos grupos/isso, a gente vê isso também nas outras unidades, e tem idosas que, por exemplo, as que você entrevistou, eu sei que uma é separada, as outras duas já são viúvas, então elas se sentem muito sozinhas, é poucas que moram com filhos, e aí elas acabam procurando se ocupar, mas com coisas que elas gostem e dê prazer, então por isso que elas acabam/por exemplo hoje veio uma senhora, ela não mora aqui, veio passar uma temporada na casa da filha, ela veio conhecer Cantoria, meu Deus, hoje ela veio morrendo de saudade, então elas vêm aqui porque criam novas amizades, em casa elas não vão ter isso, é dessa forma, elas vêm para estabelecer novas relações, é o aprendizado mesmo, agora não aquele aprendizado que tu tem que ficar ali - e nem é o objetivo nosso - fazendo prova, não existe isso, nem no Mundo Digital Master tem isso, a gente brinca com eles: "vamos fazer uma revisão da aula passada, vamos ver quem lembra", tentando assim, bem uma dinâmica para que não/uma que não é curso, se fosse curso, se você faltou não tem recuperar (+) curso tem prova, tem uma apostila que tem que seguir de cabo a rabo, a gente cria/pra tu ter uma ideia, a apostila do idoso empreendedor foi criada junto com eles, porque como eles não conseguem gravar, aí tem a apostila lá: "clicar com o botão direito do mouse para criar uma pasta, clicar com o esquerdo", entende, foi criado com eles, porque na medida que tu vai sentindo necessidade você vai inserindo, o Mundo Digital Master. Nos outros, é aquilo que eu falei antes, o cantoria a gente vai adaptando, "ah, não veio/ah, e daí A., faltou o senhor que toca violão" a gente já improvisou... Hoje existe o karaokê que também é uma forma de/tu pode interagir, é... eu faço dinâmicas que envolvam a música, daqui a pouco: uma música que fale beijinho, divide a turma, se tu for ver cantoria é muito parecido com memória né, que tu acaba/beijinho: ah, já vem a música: "ah, que beijinho doce... que você tem...", que é da época delas, que é uma música muito, muito assim, elas cantam (+) entre outras, não, mas se eu for te falar aqui, elas vêm pra isso, porque elas querem sair de/antes não tinham os grupos sociais, que os grupos sociais com/os grupos foram criados na verdade, o pioneiro é o Sesc, que depois foi espalhando isso para universidades, prefeituras, né, e a gente/por exemplo, o Grupati: "vocês sabiam que tem o conselho do idoso?", as pessoas não sabem, "o que é o conselho do idoso? como eu posso fazer parte? Eu posso assistir a uma reunião?", só pra tu ter uma ideia, dia vinte e um de março agora

vai ter as conferências que aconteceram nos bairros, agora vai ter a conferência municipal dos idosos, dia vinte e um de março aqui em [nome da cidade suprimido], isso aqui acontece também em outras cidades, para que? partiu nas comunidades de cada idoso colocar quais as necessidades que eles têm, levam para uma conferência para que virem políticas públicas que atendam essas necessidades que eles têm. Então a gente não faz aqui no Sesc, mas estimula, "pessoal", porque? porque os que vivem no Sesc eles já têm essa atividade, existe uma mini conferência dentro do Sesc, que esses idosos já participaram nas suas comunidades, eu faço parte do conselho do idoso, então por exemplo, eu incentivo eles, "olha, pessoal, participem na sua comunidade", e [frase inaudível] que participam. Nossa, é na verdade [frase inaudível] essas relações, eles vêm para poder, como diz a E., hoje me chamou atenção, ela disse "A., eu estou trabalhando muito essa questão do viver sozinha, das minhas frustrações, estou trabalhando a minha companhia", olha que interessante, eu disse: "E., você tem que trabalhar/se você está sentindo essa necessidade, trabalha, sabe por que? porque se não você não vai conseguir conviver num grupo", e ela, a E., tem problemas bem sérios né, veio no grupo/eu digo assim que os grupos/não eu digo grupo só do Sesc, mas eu vou te falar o que eu já percebi aqui: de idosas com depressão de chegar e dizer: "A., eu tinha isso e isso, e hoje, participando das atividades do Sesc eu sou outra pessoa", então quer dizer, olha o quanto é importante elas estarem nos grupos **P1:** elas vêem sentido pra vida né? porque chega na aposentadoria, a literatura científica diz isso né, que a aposentadoria no mercado capitalista ela dá ao idoso a perda do papel social dele/o papel social dele era contribuir para a sociedade trabalhando, fazendo alguma coisa, e aí aposentou, ele perde, "não sou mais útil", houve várias vezes/eu trabalho com idosos desde o meu TCC, houve várias vezes assim, "olha, eu gosto de me sentir útil, porque eu não me acho útil", você deve ouvir muito também isso né? **M2:** uhum, e como é que ele/que como está chegando perto [frase inaudível], ela chegou e disse: "A., eu não consigo ainda absorver que eu sou idosa, eu tenho dificuldade para ir lá no grupo porque eu estou frequentando um grupo de idosas" e eu disse: "mas tem outras atividades, se esse grupo te incomoda porque tu tem que assumir que você a partir de agora é uma idosa", então eu tentei mostrar pra ela que ela tinha outras possibilidades, mas que não tinha como escapar, porque isso é... (+) **P1:** é biológico **M2:** é biológico, bem esse termo. E assim, inclusive ela foi a escolhida uma das melhores fantasias que ela mesma fez a nega maluca, ela se pintou TODA de preto, só ficava os dentes branquinhos e o olho né, os brincos enormes, peruca/e ela não me falou nada, a gente foi pro evento e era noite do baile à fantasia, cada um tinha que ir com a sua criatividade, e aí ela aparece (+) ela foi uma das que ficou em primeiro, que foi uma das melhores fantasias, que a gente não exige para esse evento, "você tem que ir de vestido de gala", vestido de gala é mais é quem vai candidatar a rainha, aí sim essa tem que desfilar com vestido de gala, candidato a rei também, teve um que é o nosso rei, NUNCA tinha ido numa viagem, NUNCA tinha desfilado, eu que ensinei ele uns/né, umas coisas, mas quem sou eu, não ficou em segundo lugar? até hoje ele está/ele me encontra, sabe, se desafiou, e pra quem está, para quem acompanhou, é algo assim muito gratificante, por isso que não tem salário que pague, então eles são um exemplo assim, de determinação, de paciência, persistência, tem aquele que reclama, como tem a criança que reclama, como tem o jovem, tem aquele que às vezes é chatinho para uma coisa, como isso é normal para uma criança, né. Mas é essa troca, e eles querem a atenção, eu já teve idosas que não sei como descobriram meu telefone, ela ligava, ela conversava comigo quarenta minutos, e meu esposo dizia [fez sinal com as mãos representando corte, tesoura], e eu não sei cortar, né, eu sou toda, eu vou tentando pelas beiradinhas né, porque são pessoas que tem também, né. É assim ó, tu vai aprendendo no dia a dia, eu entrei aqui e o que eu sei hoje eu aprendi com eles e tu tem que.... **P1:** muitas realmente vêm de uma situação de solidão né, me disseram hoje: "olha, eu me sinto muito sozinha, só recebo visitas sei lá, duas vezes por semana", então você vê, assim, que, né, outras já: "não, eu vou todo dia na casa da minha filha, todo dia eu vejo meus netos" [risos] **M2:** aí depende da localização, tem aqueles

mais... **P1:** da abertura que os filhos dão também **M2:** e a questão assim: antes, os filhos/eu lembro da minha avó, os meus pais casaram, todo mundo morava junto com/ou com a sogra, ou com os...né, que moravam junto com a mãe, ou com a sogra, e hoje não, hoje casou cada um vai para um canto, e às vezes é longe, então se a pessoa não sabe dirigir ou às vezes se sente insegura para lotação, ela acaba ficando mais restrita, e ela sente essa necessidade, aí ela vem para um grupo, aqui ela começa a ver coisas novas, ver a facilitadora do grupo, a que coordena o grupo, que dá atenção, que mostra, que potencializa ela dizendo pra ela, eu lembro muito bem de uma senhorinha que ela chega aqui e ela diz: "ah, e hoje eu estou com essa dor", e eu brinco junto com ela: não, a senhora pode entrar aqui, não vai mais sentir dor, GENTE, ela sai do grupo, eu não vejo mais ela falar de dor, daí eu dou às vezes esses exemplos, eu não passo o nome né, digo "gente, olha quanto benefício se tem participar de um grupo", eu duvido que existe na humanidade uma pessoa que diga assim: "eu não gosto de caminhar, eu não gosto de correr, eu não gosto de nadar, eu não gosto de amizade", alguma coisa você vai gostar, se tu não gosta de nadar, tu gosta de caminhar, se tu não gosta de caminhar, eu gosto de dançar, se eu não gosto de dançar, por exemplo a N., a N. joga bocha, ela vai pra campeonato, ela deve ter te falado... **P1:** [risos], falou. Duas vezes por semana! Para jogar bocha. Você me contou dos grupos, mas eu vi mais relação com a informação no Digital Master, que é onde eles mais procuram informação, né, e no Grupati também. Você enquanto mediadora, o que você sente que é a necessidade de informação mesmo, maior deles assim, o que eles procuram no computador, ou o que que eles procuram em algum lugar de informação mesmo... **M2:** como eu te falei. Falando na época em que se usava mais o computador, era fazer tipo pesquisas assim: "ah, como é que eu pesquiso uma receita", sabe, outro: "ah, eu quero saber se tem uma multa, como é que eu faço", aí quando começou essa história de viagens né, "como é que eu faço para saber uma reserva num hotel", mas assim o que eu via mais era questão receita. Hoje eu vejo que eles vem assim: devido ao WhatsApp, "eu quero saber como é que eu mando uma foto pelo WhatsApp", "como é que eu posso falar com meu neto lá do outro lado do mundo por vídeo, como é que eu mando uma mensagem por aúdio", tu não ouve muito assim, como é/sabe que uma coisa que, que você acabou me dar uma ideia, porque a gente até incentiva, "ó, pessoal, quando for pesquisar, você sabe pesquisar pelo celular?", tem os momentos de celular e notebook. "Vocês lembram do Google, aquela bola colorida?". A gente tenta associar, para que eles também não fiquem com tanta dificuldade. E aí geralmente se eles vão pesquisar, mulheres: flores, receita, tu não vê muito: "ah, vou ver o estatuto do idoso", eu acho que é mais que... (+) ah, outra, tem uma senhora, ela vinha sempre, toda terça, "como é que eu faço para ver as notícias, no geral assim?", tu tem né, os jornais, mas assim, pelo que eu já atendi, pelo que a gente observa, não é muito assim essa coisa, "vou procurar lá", a não ser que seja uma necessidade assim: "ah, fui viajar, não consegui" - nem todo mundo sabe ainda que tem direito a vaga para viajar gratuitamente, você preenche/pelo que eu sei eu acho que no transporte são duas vagas inter..., como é que se diz, interestadual ou intermunicipal, uma coisa assim, interestadual, é... é mais ou menos isso, mas eu não vejo assim, "ah, eu quero pesquisar sobre o estatuto do idoso, eu queria saber mais..." a não ser que esteja acontecendo na família, porque, por exemplo, amanhã vai vir uma pessoa nova aí, né, vai começar, o nosso grupo da quarta de manhã tem cinco idosos, que é uma das dificuldades que eu estou percebendo bastante que a gente não conseguiu fechar os grupos esse ano, mesmo dos iniciantes. Pra tu ver o quanto hoje o idoso, ele sabendo o básico do celular - to falando aqui, tá - ele sabendo falar no WhatsApp, mandar um áudio, ou como abrir um vídeo, ou como falar por vídeo, ou... Como que tira uma foto, para ele é a necessidade dele. Eu, aqui em [nome da cidade suprimido], eu to percebendo que a gente está tentando adaptar, porque se eu seguir certinho o que está ali no plano, o idoso... [sinal de negativo], se tu não partir só do/mais, primeiro priorizar a demanda dele, e depois inserir o que tem de proposta, se tu não fizer isso, eu aqui falo com toda a segurança porque não to aqui **P1:** a fala da experiência! [risos] **M2:** a fala da experiência, porque hoje as

demandas dentro, principalmente do Mundo Digital Master, mudaram muito, como eu falei antes, eles não vem com mais o notebook. "Ah, eu quero aprender aqui no meu celular, to tendo dificuldade para mandar um áudio, como é que eu mando". Aprendeu? Beleza. Agora, o computador é mais quando sente a necessidade de tirar algo do celular para pôr no computador. E eles não estão mais no mercado de trabalho, então eles não sentem mais essa necessidade que nem nós, daqui a pouco... "Ah, preciso fazer um orçamento para comprar material educativo para o idoso". Nós, que estamos no mercado de trabalho, vamos ter que ir lá, procurar no site, né, mas eles é mais/o que que é a necessidade deles: hoje, questão de informática, é o celular, relacionado ao WhatsApp. **P1:** se comunicar, basicamente **M2**: NEM O FACEBOOK! Uma coisa que está me chamando atenção, todo mundo já sabe compartilhar, curtir, colocar só para os amigos ver, a gente tem que às vezes retomar isso, tem gente que diz: "eu não quero saber do facebook", nossa, quando veio o facebook foi uma explosão, e depois... Hoje a gente vê muito forte por que? Porque é uma necessidade do dia deles conversar com alguém e o WhatsApp proporciona isso, não tem gasto a não ser claro a questão da internet, né... Não sei se eu consegui responder, mas... **P1:** Mas é claro, mas é claro, você acha então que pelo/as necessidades de informação deles são de se comunicar com as outras pessoas, basicamente WhatsApp. **M2:** uhum, a questão de se comunicar. **P1:** isso vai muito de encontro/ao encontro, na verdade, daquilo que você falou sobre eles também frequentarem os grupos da terceira idade para estar junto, né **M2:** como tem aquelas idosas que nem tem celular, por exemplo, a dona L., noventa e quatro anos, ela viaja, e se ela tem alguma foto, é quando eu mostro aqui, mas ela não sente a necessidade assim/[frase inaudível] mas se não, muitas vezes ela diz pra mim: "ah, tu imprime pra mim que depois eu te pago", sabe. E já tem aquela outra que tu está aí falando e ela tá [fez sinal de mexer no celular], então às vezes tu tem que dizer: "pessoal, então agora vamos nos conectar com o nosso grupo aqui". Daí tu tem também que ter uma forma legal para falar as coisas. **P1:** Direcionar eles para cá, né? Entendi [áudio interrompido para que ela fosse falar algo para a estagiária]. Você me contou um pouco, mas eu queria dessa vez que você focasse um pouco na relação deles dentro do Sesc, que eu interpreto/enquanto você fala eu vou interpretar como as trocas informacionais que eles têm, né, mas qual é a relação deles, assim, entre eles, como acontece a comunicação deles, entre eles mesmos? **M2:** hum, tá. Você fala isso, quer saber durante o grupo ou o que eu percebo... **P1:** de um modo bem geral, bem geral. **M2:** Entre o grupo, a gente vê assim, como agora é esse auge do WhatsApp, eles se trocam, sim "Ah, tu tem WhatsApp? eu vou, né, me passa" [palavra inaudível] ou festa de aniversário, de convidar, quando eles começam ter essa relação, se visitam, né. Tem idosos que têm aqui uma amizade de anos, acabam se visitando, ou se encontram só aqui mesmo no Sesc, ou quando é algum evento, então essa troca que eles têm entre eles é isso que eu percebo. Quando se faz um evento no Sesc se percebe, assim, que é um momento deles se reencontrarem com pessoas que já frequentaram o grupo, ou já viajaram juntos, fizeram uma amizade, fizeram aquela troca de WhatsApp, porque geralmente as viagens é de uma semana ou quinze dias, os nossos eventos são eventos de três dias, queira ou não queira já cria uma relação de amizade, porque dividem o mesmo quarto, muitas vezes estão sentados na poltrona né, uma ao lado da outra no ônibus, então eles acabam se comunicando dessa forma, não tem mais a questão "vou te mandar uma carta", né, a troca do telefone mesmo, quem não tem WhatsApp, então "me passa teu telefone que eu ligo pra gente tá combinando". Nesse sentido, assim **P1:** então você acha que eles estabelecem laços de amizade, eles criam amizades aqui? **M2:** com certeza, nossa, eu vejo assim que eles/não, eu digo assim, algumas mais outras são menos falantes né, a gente faz muita dinâmica assim, para eles irem se apresentando porque muitas vezes eles conhecem a pessoa só pelo apelido, passa o ano inteiro e não sabem o nome, então às vezes eu vou tentando sempre resgatar, "como é que está o nosso grupo, e aí todo mundo sabe o nome de todo mundo aqui?" a gente faz as dinâmicas, tem uma bem legal que a pessoa se apresenta e ela faz um gesto. A que está do lado tem que apresentar o colega e fazer o gesto dele. Aí ele tem que se apresentar

e fazer o gesto dele. O terceiro tem que apresentar o que que/o nome do primeiro e o gesto do primeiro, o nome do segundo e o gesto do segundo, e aí a pessoa se apresenta, e daí a gente brinca, aqui a gente está trabalhando a atenção, a memorização, a ajuda também, porque o grupo vai começar a dar dicas para tentar/tu imagina quando chegar no final, aqui, se tiver trinta pessoas na sala? né, aí você trabalha com eles: "como é que foi? o que sentiram nessa dinâmica?", "ah, deu a oportunidade de conhecer", "ah, não sabia que a R.[apelido] é dona R.[nome]", né, já teve uma troca de informação, mas claro, foi o facilitador que proporcionou isso, mas assim ó, porque eles estavam num grupo, daqui a pouco conheceu aquela senhora só pelo apelido e nunca mais/[frase inaudível], mas essas são as formas que eles/mas é bem... [áudio interrompido - estagiária chegou para informar algo]. É isso, as que vão se aproximando também mais no grupo, "ah, vou te convidar para o aniversário", convida todas do grupo né, então tem isso também, elas vão por afinidade também né **P1:** elas acabam criando relações fora daqui, né? **M2:** Isso, acabam criando fora/não é só amizade daqui dentro, eu vejo assim, por exemplo, as que estão mais tempo, sempre que tem aniversário, se tu vê uma foto/aquelas que acabam muitas vezes colocando no face [facebook] elas/percebe, essas que já estão mais tempo, né, aqui. Se eu que estou há pouco, elas já me convidam, eu já não vou em todos os aniversários porque não tem como né, mas elas estabelecem sim relações fora do núcleo, porque acabam criando amizades aqui dentro e que se encontram no grupo do baralho, tem duas aqui que elas/ó, elas não/elas só deixam de ir no grupo do baralho por algo muito muito assim, se for uma viagem, tem duas que amanhã não vão vir porque elas têm o grupo do baralho delas na quarta-feira, então assim, pelo menos, né, mas tudo bem né [risos] tem aquelas que tem o grupo da oração, até hoje eu mexi com duas que estavam subindo a escada: "e aí, tudo certo para amanhã?", "nós temos um aniversário justamente amanhã da dona Fulana e não sei o quê, mas nós viríamos", então quer dizer, mesmo que não venham aqui no grupo, mas vai lá, pode ser até no grupo de ginástica, elas queira ou não queira elas acabam criando um vínculo. Porque tu se encontra praticamente/elas se encontram mais com as amigas muitas vezes que eu percebo, do que com os próprios filhos, porque filho mora longe, né, questão de relacionamento pelos grupos que eu atendo, nunca enfrentei aqui alguma mãe dizer assim, uma só, essa senhora até nem é mais viva, o filho tinha problema com alcoolismo, então o filho batia na mãe, ela já era idosa, mas das outras que eu tenho aqui eu nunca fico sabendo se tem problemas com os filhos, de, ah, não vão visitar, porque queira ou não queira essas coisas elas acabam trazendo pro grupo, porque uma comenta, às vezes a outra deixa escapar, né, eu, pelo menos, aconteceu uma vez que/mas essa senhora hoje já não é mais viva, ela faleceu cedo também, né. Essas são as relações delas, né, que estão através do celular e essa questão de telefone mesmo, que nem todas/a minha mãe - tem sessenta e cinco - ela não quer saber do What's'App, ela tem daquele celular de abrir que pra ela... **P1:** Funciona e tá tudo certo... **M2:** ela não sente a necessidade, tanto que quando ela vai nas casas de amigas, ela diz que chega a dar até raiva, porque às vezes tem gente - amigas dela, comadre dela, que tá aprendendo o WhatsApp - e ela achava que toda vez que entrava o barulhinho era uma mensagem que ela tinha que responder. Então olha só.... **P1:** começou a ficar nervosa? **M2:** é, então a mãe dizia/como a minha mãe não entendia daí eu expliquei pra ela, mas assim, hoje, aqui, eles procuram no Sesc justamente para ter [áudio interrompido - estagiária entrou para informar algo] e é isso, eu não sei se consegui assim, te ajudar... **P1:** mas é claro, adoro as pessoas que falam bastante, não preciso nem ficar puxando coisa, você vê, eu perguntei três coisas pra você, o resto era tudo coisa das questões que eu tinha mas você acabou respondendo

---

MEDIADOR 3

P1: Então eu primeiro lugar eu queria saber das atividades desenvolvidas aqui no Sesc [nome da cidade suprimido], pelos idosos. **M3:** a gente tem várias atividades, né, a gente chama

de/uma delas é Ativa +, tem o Grupati, a Cantoria, Dança Circular, e aí entra do Idoso Empreendedor, é smartphone né, básico, intermediário e avançado, até o ano passado tinha só computador também, que era dividido quem é smartphone e computador né, então, tinha uma turma só de computador e uma turma só de smartphone né, e tem o grupo de memória, também. **P1:** Entendi. E me conta um pouco mais... E você/você é mediadora de todos eles, né? **M3:** Isso. **P1:** Alguns com estagiário, outros... **M3:** isso. Alguns tem estagiário, né, é sempre acompanhando né, estando junto na turma, nem sempre dá, porque assim, na verdade a gente coordena/eu coordeno grupos e coordeno desenvolvimento comunitário que são outros projetos e esse ano eu ainda estou com a quadra comunitária lá de [nome da cidade suprimido]. [áudio interrompido por alguns instantes]. Mas a gente está sempre acompanhando esses grupos, né, fazendo atividade, todo o cronograma, todo o planejamento é feito sob a minha supervisão, ou até mesmo em conjunto né, a maioria, a gente faz esse planejamento para eles, então são atividades que é uma vez por semana, o grupo do Ativa + tem idosos que já estão aqui TRINTA, QUARENTA anos, tem idosos de noventa e cinco que vem de bengala ainda, de noventa e seis, noventa e quatro... **P1:** O que que se faz no Ativa+? **M3:** o Ativa+, assim, eu planejo de uma forma, cada unidade tem um objetivo, né, mas eu planejo assim: eu sempre tento dividir em quatro temas para trabalhar com eles, né, para a gente focar e ter algo para não ficar, assim, muito aleatório, então eu trabalho memória, saúde, cultura e um tema livre que eles escolhem, então eu sempre foco assim, cada semana uma atividade diferente, então: ah, na semana da cultura, dependendo de cada perfil do grupo, um gosta de cinema, aí fala sobre filme, vê o filme, faz uma reflexão no final do filme, ou traz livro, traz/a gente sempre conversa alguma coisa assim, ou algo cultural que está acontecendo na cidade no mês tal, aí fala sobre aquilo ali, sabe? E vai trazendo algo também sobre cultura. Saúde a gente traz uma palestra de saúde, traz uma orientação, uma orientação nutricional, faz uma atividade física, a cada quinze dias a gente tem atividade física em todos os grupos do ativa e do Grupati, e do Cantoria também, (+) e memória a gente também traz alguma atividade relacionada à memória, né. Tem o grupo de memória específico, daí é uma hora e meia só de atividades de memória, só que o ativa não, o ativa a gente traz então, uma vez por mês, vamos dizer, de atividade de memória. Às vezes pode ser vinculado à uma atividade física e já trabalhando a memória, né, então a gente sempre/eu sempre divido dessa forma, e o livre elas escolhem, elas que trazem uma atividade diferenciada, às vezes elas trazem uma dinâmica, uma brincadeira que fizeram em outro grupo, e aí elas vão escolhendo, "ah, não, a gente quer repetir cultura, a gente quer ver um filme, quer ver outro filme esse mês", sei lá, daí a gente pode repetir também, então fica bem livre, eu tento trabalhar dessa forma. Claro que cada grupo tem o seu perfil, então a gente tenta, né, não vai trazer uma zumba para o grupo de terça porque tem a dona I. que tem noventa e cinco anos/apesar de que a dona I. ela faz todas as atividades, dança, brinca, enfim, mas tem outras que não conseguem, né, então a gente tem esse/a gente sempre tenta (+) é... como é que eu vou dizer, não diferenciar, a gente tenta sempre harmonizar dentro do grupo, né, que atenda todos, claro que alguma atividade "ah, eu não gosto", a gente não força a fazer. "Eu não gosto, eu estou com problema no joelho, to com problema na perna", e a gente não vai forçar, alguns fazem, outros ficam olhando, mas a gente tenta levar sempre para que tenha a participação de todos, né, já faz já bem específico para aquela/para aquela perfil de cada turma né, então lá nas atividades são assim. Na cantoria não é nenhum grupo de/não é coral, não é vocal, é um grupo de cantoria, aí eu brinco com elas, a gente vai pra cantar, para distrair um pouco, aí o que que acontece, a gente faz um levantamento, tem já algumas músicas que eu levo, outras elas escolhem, e aí no outro/aí escolheu hoje, na outra semana eu levo a música, imprimo, daí eu levo quem foi o autor, quem cantou, de que época que foi, daí a gente faz uma reflexão daquela música, aí muitas lembram da sua época, que tocava, "Ah" - dependendo da música - "eu lembrava quando eu namorava", enfim, "quando era na praça", aquela/né, cada um com a sua história (+) aí sempre traz uma coisa diferente, assim, na cantoria. Também trago músicas modernas, a gente já cantou até uma

da Anitta, que não fosse nada, assim [risos], né, então foi bem interessante, é, para eles também se modernizarem, claro que tem umas que já são mais antigas que ainda tem essa resistência, né, mas é mais uma forma de, de brincar e de conhecer o novo também, não ficar só/né, lá no passado, tem bastante coisas do passado, mas que a gente também gosta de trazer atualidade para elas né. Até mesmo porque tem grupo/ah, o Grupati já diz: é grupo de atualização da pessoa idosa, então a gente também tenta trazer essa atualização pra elas né. Então, algo novo que vem, alguma coisa de internet, a gente sempre tá trazendo algo de diferente pra elas, né, a maioria é mulher, né, lá atrás a gente tem poucos homens, eu digo lá atrás que é o/não é idoso empreendedor né/ é, o idoso empreendedor já tem mais/tem homens também, né. Aí no idoso empreendedor já é uma coisa mais focada, que é módulo básico, de smartphone, é aprender o básico do telefone, como mexer, o que fazer, e aí vai evoluindo depois com internet, com WhatsApp, facebook, é... (+) depois o avançado já é alguns aplicativo, mas avançado, mais tecnológicos e mais modernos né, e aí tem essas três... E é isso, daí, memória, né, que a gente traz jogos, atividades, brincadeiras, leva na sala de jogos... Algo sobre a memória, a gente traz pesquisas, né, traz como forma de vídeo, para passar pra eles, para se atualizarem... **P1:** então são seis, né? o idoso empreendedor, a memória, a dança circular, cantoria, Grupati e Ativa+ **M3:** Isso, só que aí assim, o Ativa + eu tenho um grupo na terça, eu tenho um grupo na quarta, dois grupos diferentes, então um grupo na terça: tem trinta e duas alunas, na quarta: tem quarenta e duas **P1**: O Grupati? **M3:** O Ativa +. Aí na quinta - na terça e quarta - aí na quinta é o Grupati. Aí na sexta Cantoria e Grupati, e junto aí na parte da manhã tem Memória, tem smartphone, então às vezes tem dia, por exemplo, na terça-feira é um dia que de manhã a manhã toda a gente tem duas turmas aqui, que uma é memória/não, uma é avançado e o intermediário, e a tarde é memória e o básico, e ao mesmo tempo está acontecendo lá atrás o Ativa no início da tarde. Então a gente tem esses grupos assim, então são, na verdade são dois, quatro, né, quatro, cinco, e fora os outros que tem aqui do idoso empreendedor, vamos supor né, eu tenho mais seis grupos de idoso empreendedor, e dois de memória [risos] dá dezesseis grupos mais ou menos [risos] acho que é isso, acho que é dezesseis, já nem sei, dezesseis? é, tinha dezesseis, acho que é isso, mais ou menos **P1:** é, é puxado para você mesmo, meu Deus! **M3:** é, daí fora os outros projetos, daí, de desenvolvimento comunitário que acontece, também, ao mesmo tempo, né, é... Eu não sei, tem algumas unidades que só trabalha com grupos, daí é diferente, né **P1:** é, se eu não me engano lá com [nome suprimido] e com [nome suprimido] era/era, eles eram de grupos mesmo, assim, não lembro de terem me falado de outra coisa **M3:** é, acho que [nome suprimido] é saúde junto, é de saúde também, não sei **P1:** é, acho que tem alguma coisa assim. E me diz uma coisa: o que que você sente, assim, que os idosos procuram aqui no sesc? **M3:** então, depende do grupo, né, tem cada grupo seu perfil, como eu falei, né, tem, é... O Ativa e o Grupati é.../o Ativa elas vem para se distrair, querer algo novo, né, se divertir, existe um processo grupal muito forte entre elas, uma amizade que já vem há muito tempo, então é muito forte nesses grupos que estão mais tempo com a gente, né, nesse/trinta, trinta e poucos anos que elas estão aqui participando, então, é... Eu acredito que é onde elas venham para se divertir, para se distrair um pouco, né, a maioria, e porque gostam, gostam dessas atividades diferenciadas que a gente tá sempre trazendo algo diferente pra elas, né... é (+) O Grupati, é, para mim é quase igual, porém são pessoas mais atualizadas, algumas, mais modernizadas, vamos dizer, né, são umas que/porque lá no Ativa são aquelas idosas que tem/que algumas tem noventa e cinco, oitenta, noventa, mas que não estão no mundo tecnológico, vamos supor, já é/então é uma mistura que tem no grupo, no Grupati não, no Grupati já vem essa faixa etária um pouco menor mas que já está mais atualizada, né, que já utiliza WhatsApp, que já, né, então tem grupo lá que tem as trinta, quinze usam o WhatsApp, o restante já não é tão/não usa tanto, já não/vamos supor né, num exemplo, né, eu acredito que é mais nesse sentido, mas elas vêm mais para se conhecerem e conhecerem coisas novas, se divertir, sair um pouco, muitas entram porque estão com depressão em casa, perde o marido, ou ficam doente muito tempo e acabam

não fazendo mais nada e aí querem algo diferente, que já está melhor já consegue sair, tem bastante nesse processo de depressão mesmo, assim, algumas que vêm, às vezes não tem vaga, às vezes "ah, mas eu to/o médico pediu para eu vir porque eu estou com problema de depressão" e tal, aí a gente vai indo, vai tentando encaixar nos grupos né, tem bastante também dessa forma. E tem a dança circular né, eu passei né, é, passei [risos] eu não falei da dança circular. É, a dança circular então é... é um processo grupal, assim, que eu falo que trabalha corpo, alma e mente, eu digo né, trabalha memória e trabalha muito o espiritual, né, que ajuda bastante né, através da dança, são danças mais calmas, não sei se tu já ouviu falar, já viu alguma dança, a gente faz em roda né, a gente usa um centro da roda para ter um norte, né, e ali a gente/é, vamos dizer que a gente trabalha as energias, né, e através da dança a gente trabalha essa energia do nosso corpo, enfim, de todo (+) e muitas vêm e se sentem muito bem, já teve relatos até de quem tinha assim/labirintite e não podia nem fazer a roda que já ficava tonta, e melhorou depois que começou a praticar a dança circular (+) de depressão, muitas também, né, ajudou bastante, e aí também é muito gratificante assim, a gente fazer a dança e ver essa evolução nelas, né, nas idosas, bem legal **P1**: pareceu que você gosta bastante dessa dança circular, então, né **M3:** gosto, gosto bastante também, gosto, a gente teve formação, né, tento buscar, assim, às vezes não dá muito [áudio interrompido - contei de um caso de curso] **P1:** parece interessante, como que isso trabalharia o espiritual? **M3:** o espiritual porque assim ó: toda dança, a gente faz uma roda e eu trabalho algumas coisas assim com/algumas cartas, que a gente trabalha ali, são cartas energizadas que é pra dança mesmo né, que a gente traz, e (+) a gente coloca no centro, a gente faz tudo antes de iniciar, faço uma respiração com elas, uma concentração, né, e vai centrando e mostrando pra elas, assim, esquecer um pouco lá fora.... **P1:** tipo uma meditação? **M3:** tipo uma meditação, bem no início eu faço isso, e aí pensar em tudo, enfim, na vida, dos acontecimentos, tal, e depois cada uma tira uma carta, e ali muitas vezes fecha bem o que está acontecendo com a pessoa, ah, a carta da sabedoria, daí ali tem uma frase, algo falando, daí algumas se soltam e falam "ó, isso aqui fechou comigo, tá acontecendo isso e isso e isso, e tá me ajudando", tal, e aí a gente vai trabalhando esse processo grupal com elas, elas/muitas acabam desabafando, né, outras não, mas que a gente vê a evolução, fala "ah, depois eu falo o que que está acontecendo, o que que não está, o que que está me ajudando na dança, esse espiritual, essa harmonia do grupo". **P1**: Quase uma terapia? **M3:** Quase uma terapia! Quase uma terapia (+) a gente é um pouco de tudo né, aqui dentro do Sesc, né, já trabalhei com a área da saúde também, aí a gente acaba sabendo um pouquinho de cada né, então eu sou formada em serviço social, né, então sou assistente social, às vezes sou psicóloga, às vezes é uma enfermeira [risos] a gente dá um pouquinho de cada coisa né, então é bem gratificante, assim, a gente vê que trabalha bastante esse espiritual delas, que às vezes elas estão muito agitadas em casa, e aí aqui na hora da dança elas se centram mais, pensam mais em si e vem essa positividade da melhora de algo que vai/né, que daí umas relatam o que está acontecendo, e aí uma vai ajudando a outra, incentivando a melhorar, né [áudio interrompido - parei para checar o gravador] mas é, a dança circular tem que sentir, tem que fazer uma vez pra/tenta fazer lá na prainha com [nome suprimido], é muito boa na dança circular também, faz bastante coisa lá também [áudio interrompido - contei sobre minha programação nas próximas unidades do Sesc] **P1:** você me falou que/que eles vêm para buscar alguma distração, né, que eles vêm para (+) no caso do Idoso Empreendedor é um pouquinho diferente, né? **M3:** é um pouquinho diferente, eles vêm mais específico, né, mais para aprender aquilo ali, "ah, eu quero aprender smartphone", "eu quero aprender o computador", "quero modernizar", muitos relatos/eles vêm para cá tipo "ah, eu tenho medo até de colocar a mão, até tirar o pó do computador, porque posso estragar" (+) e celular, que aí tem muitos relatos que, ah, o neto já sabe mexer rapidinho, faz isso, faz aquilo, que a família começa a cobrar "ah, que a mensagem tal, que..." e a pessoa fica perdida, então ela quer se modernizar, quer saber um pouquinho mais né. E aí é bem específico, e que também a própria família não tem tempo e nem essa paciência para ensinar eles, então eles vêm

para cá porque sabem que aqui a gente vai ensinar com mais calma né, que já é específico para a idade, a maioria que vem buscar pra mexer no computador sabe que não é uma aula de informática, eles dizem que lá na aula de informática é tudo muito corrido, e eles não conseguem acompanhar, né, e aqui não, aqui a gente sempre faz porque já/a maioria é acima de sessenta, agora esse ano acima de cinquenta e cinco, mas com mais calma, né, com mais paciência, né, se tiver que repetir a gente vai repetir uma, duas, três vezes para eles, e é diferente lá na casa deles, eles falam que lá, eles "ah, me dá aqui que eu faço", e mostra tudo rápido, e eles ainda acabam não aprendendo rápido, né. O processo de memorização é mais lento e acabam não aprendendo, né, então é mais específico, eles vêm mais para/bem específico mesmo. **P1:** o que que você sente que eles, é... (+) porque eu vejo mais no idoso empreendedor do que nos outros, de que eles vêm aqui com uma necessidade de informação, né, eles chegam aqui/eu vejo isso mais no Idoso Empreendedor, quando [nome suprimido] também me contou, eu falei "nossa, eu vejo mais no Idoso Empreendedor que eles vem com uma necessidade de informação". O que que eles vêm procurar? Assim, que eles não conseguem fazer em casa, o que que eles viriam procurar? **M3**: alguns já vêm para mexer mesmo/para mexer mesmo, tipo assim "ah, acabei de trocar o meu celular, eu não sei mexer nisso daqui, não me adaptei, não consigo de jeito nenhum". Então vem aquele que quer aprender o básico, que "ah não, agora esse de mexer assim, com o dedo, eu não consigo, eu não to me adaptando", daí eles, né, tem esse perfil aí. E tem aqueles que vêm, é (+) para mexer mais em WhatsApp, Facebook e Instagram dentro do celular né, e a gente tem alguns assim, aqui também que quer um pouco mais, quer aprender a pagar conta no internet banking, por exemplo, quer usar um uber, tem gente que tem medo, "ah, não, vou usar/vou usar o uber, tenho medo, isso aí eu não/isso aí eu não vou querer", né tem outros que já querem conhecer para se modernizar, porque já ouviu em algum lugar, ou ouviu um parente, ou na televisão, né, e já querem coisas novas. A gente também trouxe uma proposta para/o ano passado não teve muita demanda, mais alguns acharam interessante também como um processo de (+) porque depois que eles se aposentam, né, acabam sem/ficam meio perdidos, eles "ah, agora o que que eu vou fazer da minha vida, já não...", né, e acabam querendo aprender essas coisas novas assim, a gente trouxe algo para eles, tipo, como uber, mas como se de repente eles pudessem ser o uber, né, para eles continuarem o trabalho deles devido a... "ah, já me aposentei mas eu ainda gosto de trabalhar, quero fazer alguma coisa", como foi também para disponibilizar a casa ou um cômodo da casa para aluguel, né **P1:** do Airbnb? **M3:** é (+) então assim, a gente vai/também trouxe isso para eles mostrando também que existe, alguns se interessaram, outros não, ficaram com medo né, mas que vieram também nessa forma de aprendizado, assim, e a gente tem vários/a [nome suprimido] é uma que está sempre modernizada, né, então às vezes ela sempre/ela que traz, assim "ah, tem isso, vamos fazer isso, vamos aprender, eu soube disso aqui", tipo, sei lá, vamos chutar aqui uber, "tu pode ensinar uber pra nós?", então ela vai ouvindo, ela vai/não sei, ela vai pesquisando, vai pegando e vai trazendo para a gente, né. (+) Igual que a [nome suprimido], que está sempre atenta, sempre na hora do grupo de memória está ali sempre querendo algo mais, uma informação a mais para acrescentar, né, então tem aqueles que se interessam um pouco mais e aqueles que só querem saber o básico para ficar moderno e saber mexer no celular ou no computador, né **P1:** uhum, então você disse que tem gente que vai para Facebook, Instagram e WhatsApp, tem gente que vai para banco, tem gente que vai para uber, você consegue lembrar de mais alguma coisa? Assim, de necessidade de informação que eles vêm procurar no Sesc? **M3:** Que eles vêm procurar? Ah, a maioria é redes sociais e mexer no celular, mexer o básico, porque não sabe às vezes nem ligar, nem atender uma ligação, ou colocar um contato, né, a maioria é nesse sentido assim, e tanto no computador, não sabe ligar, não sabe desligar, querem mexer ou querem pesquisar no Google, não sabem, né, então a maioria vem dessa forma, então. E aí alguns se destacam em querer um pouco mais né, que aí que eu falei, a [nome suprimido], a [nome suprimido], entre outros né, agora eu lembrei das duas (+) mas, mas nesse sentido eu acho **P1:**

uhum, seu [nome suprimido] falou até que escuta música, falou que aprendeu aqui a.... **M3:** Spotify, a gente ensinou eles **P1:** ah, é Spotify? [cara de surpresa] eu até fiquei meio assim, "o senhor sabe o nome?" ele falou: "ah, eu não sei eu só aperto lá e boto o artista" [risos] **M3:** isso, o Spotify a gente ensinou **P1:** achei tão engraçado, ele falou "não, eu só aperto lá", ele aprendeu até o Bluetooth, tem uma caixa de som em casa tudo, achei o máximo **M3:** isso, é, então tem várias coisas que eles estão aprendendo, agora, por exemplo, essa primeira aula eles estão aprendendo a ver, ah, aprenderam também sobre fake news, né, as mensagens que estão recebendo, né, o que que é verdadeiro, o que não é, a gente também/aquelas ligações que são... [frase inaudível], que é golpe, ou que é alguma coisa né, que já teve alguns idosos que caíram, então a gente está ensinando a bloquear alguns números que não/que ficam ligando e não é de parente, não é de ninguém que, né, então a gente vai ensinando isso pra eles também, né para eles aprenderem também **P1:** vocês abordaram então Fake News? Me conta melhor, como é que foi a experiência **M3:** então, assim, como eu não fico sempre em sala a experiência maior é da estagiária que está ali junto com eles, né, (+) eles gostaram pelo relato assim, que gostaram bastante, tiveram pouca dificuldade, mas que ajuda, que alguns realmente verificam se é Fake News ou não né, para não ficar até passando informação errada, ou até mesmo algo que/vírus, e tudo mais né, porque (+) isso ainda é muito forte, a gente tem que trabalhar muito com eles e eu percebo/trabalhar não só quem está aqui com o celular, mas lá no Ativa, lá no Grupati, levar para eles isso também, porque eles mandam muita mensagem, mensagem que recebe e às vezes nem é verdadeira e eles acabam passando, né, então deixar bem eles alertas disso, que às vezes eles nem sabem o que que é, né, o que que é Fake News, meio perdidos, né. Mas foi bem positivo, assim, eles gostaram bastante. **P1:** uhum... O que que você sente, assim, forte, no idoso do Sesc? Assim, você sente que... (+) existe algum ponto que você perceba, assim, que seja forte neles? **M3:** no geral, ou tu está falando do Idoso Empreendedor? **P1**: no geral **M3:** no geral? **P1:** alguma percepção sua? **M3:** olha, eu acho que um ponto forte e que eu tento trabalhar em todos os grupos é o processo grupal. Processo grupal [palavra inaudível] para ter esse/até mais ainda, porque lá no Ativa ou em outros grupos lá de trás a gente já faz, e eu tento trazer para cá para o Idoso Empreendedor, e a memória, para eles não virem para cá naquele robozinho de ter que aprender o celular e deu e foi embora, não, é um pouco mais, né? é ter essa amizade com outras pessoas, é conhecer, é trocar experiências, né, ter essa união do grupo, então eu sempre trago dinâmicas mesmo que às vezes não está, eu sempre cobro das meninas, das estagiárias, que a gente precisa dessas dinâmicas. Tem uns que não gostam, mas a gente precisa desse processo grupal, dessa integração, tanto que muitos, tanto aqui quanto nos grupos que eu trabalhei em [nome da cidade suprimido], a amizade continuou, o projeto né/já (+) vamos dizer, já satisfez a vontade deles, né (+) mas que o grupo continuou, continuou se reunindo na casa de um, de outro, né, já teve experiência lá em [nome da cidade suprimido], que na época quando a gente abriu o projeto o módulo um, aí depois foi para o módulo dois, não existia módulo três. Daí "[nome suprimido], o que que nós vamos fazer, a gente quer continuar, a gente vai rodar então, bola alguma coisa aí para nós", "A gente vai rodar, todo mundo roda, vai continuar no módulo dois". Alguns fizeram isso e eu tentando... (+) e aí teve uma vez assim "ó, tu vai ter que dar um jeito, a gente vai montar barraca aqui na frente do Sesc até/vamos atrás, vamos falar com o gerente, nós vamos ter que..." aí pensei, pensei, bolei um módulo três, conversei, enfim, com o pessoal do departamento regional, com a gerência, e bolamos o módulo três, né, porque existia esse processo tão forte dentro deles, a amizade era tão grande, eles não queriam sair dali. Eles já tinham aprendido o que eles queriam, mas eles não queriam sair dali, eu tinha que trazer algo que eles pudessem aprender, mas que o grupo continuasse. Entendeu? aí é onde a gente bolou o módulo três, na época né, já faz um bom tempo. **P1**: existe ainda o módulo três? **M3:** existe, agora né, tá sempre mudando né, então agora acontece o módulo/não é mais módulo né, não é por módulo, agora é básico, intermediário e o avançado, é dessa forma **P1:** e o avançado é [palavra inaudível] **M3:** é, daí o avançado é o avançado que a gente tá indo, correndo atrás

também para poder/porque como eu falei, tem uns que já sabem muita coisa e eles querem continuar aqui, e a gente tem que buscar algo (+) que vá ajudar, contribuir, né, trazer conhecimento para eles, modernizar, e ao mesmo tempo não ser repetitivo né (+) então eu acho que o que eles buscam além do conhecimento em algo específico é essa integração, essa amizade, essa/né, viver melhor, viver de uma forma diferente, depois de toda a experiência vivida, muitos estão sozinhos que não tem ninguém em casa e vêm para cá, e é uma forma de se distrair, né, ou até mesmo dar uma melhorada na depressão, enfim, então eles buscam o Sesc eu acho, para isso, assim, né **P1:** entendi. Você sente que o idoso do Sesc ele é bem informado? **M3:** eu acredito que a maioria é informado, tu diz aqui dentro do Sesc ou vem de fora? **P1:** é, o idoso que participa aqui do Sesc **M3:** então, alguns são bem informados, [palavra inaudível] alguns são meio distraídos, vamos dizer, às vezes vem mais focado, né, ás vezes a gente fala mas não lembra, algumas coisas que a gente fala, mas a gente tenta trazer o máximo possível assim, (+) dentro dos grupos, trazer a divulgação de uma viagem que tem no Sesc, um (+) uma academia, uma atividade física, a gente tenta sempre divulgar para eles mostrando o que a gente tem de possibilidades para eles estarem participando, né. Tanto que agora na quarta-feira, no lançamento, a gente faz o lançamento e já explana um pouquinho de todas as atividades que tem dentro do Sesc, daí para eles terem uma visão do que que eles podem participar e do que tem aberto né. E além disso, como eu falei, a gente tenta trazer modernidade, tenta trazer através daqueles temas que eu falei, trazer informações, atualizar eles, eu acredito que sim, assim, através do cronograma que a gente tenta montar né, sabendo que alguns se interessam, outros já não, né, depende de cada perfil. **P1:** a última pergunta que eu queria fazer eu acho que tu já respondeu um pouquinho, mas aí tu responde de novo como a resposta inteira, eu queria saber como é a relação entre os idosos, aqui dentro do Sesc, entre eles **M3:** entre eles. Então [risos] **P1:** Você já respondeu um pouco né? **M3:** é, existe aquele idoso, tem a integração, tem aquele grupo que tem um perfil que se integra, mas também tem aquele perfil dos grupos que cada um por si e, né, e alguns grupos existem intrigas também (+) tem grupo que há pessoas dentro daquele grupo que querem se destacar, vamos dizer, quer/ou que conversa um pouco mais, fala um pouco mais, e que de repente vai deparar com outro que também gosta de falar, que gosta de [risos], e acabam confrontando né, como também tem aquele grupo que uma pessoa com uma liderança mais forte, e aí às vezes tem duas com liderança mais forte e acaba tendo essa/esse desencontro né (+) mas eu acredito que na maioria das vezes existe essa integração, esse companheirismo, né, claro que existe as divergências também né, cada um pensa de uma forma, e depois a gente vai contornando ali **P1:** então se constroem laços de amizade, assim, de fora do Sesc inclusive? **M3:** Sim, a maioria sim. Uhum, tem muitos grupos, tanto que tem grupos que combinam em outro momento tomar um café, até mesmo lá de trás, do Grupati, por exemplo. "Ah, quinta é o dia do Grupati, mas terça, ah/vamos tomar um café lá no [nome do estabelecimento comercial suprimido]?", "vamos", aí combina, elas vão lá, tomam um café, então elas gostam disso também, e vai além né (+) elas se conhecem, uma ajuda a outra, às vezes tem um problema, ou outro (+) carona/de dar carona uma para a outra, né (+) tem aquelas idosas ali que são mais velhas e tem dificuldade de caminhar, aquelas mais novas sempre ajudam vir lá de trás, tem que passar todo/pelo ginásio tudo, até chegar aqui na frente, então já ajuda para cuidar, para não cair, enfim, para/e chegar ali certinho com o familiar que está ali, né, existe até mesmo lá dentro a preocupação na hora do café (+) tu colocar elas na mesa para elas conseguirem tomar café, pegar o café para elas, existe esse companheirismo né, essa amizade dentro do grupo. Isso é legal **P1:** e pelo que você está falando, com alguns elementos de até solidariedade, né, porque... pegar o café, enfim... **M3:** sim, uhum... café, lanche, ver se quer água, às vezes quer ir no banheiro, sabe que está meio agoniada, ali e aí perguntar se quer ir no banheiro, entre elas também, entre elas, umas já conhecem, "ah, [nome da mediadora suprimido], de repente a dona [nome da idosa suprimido] quer ir lá no banheiro", né, a gente já vai conhecendo, né, e elas vão ajudando também. **P1:** é tudo aqui nessa sala? **M3**: não, não (+)

P1: aqui é só o Idoso Empreendedor? **M3**: aqui é só o Idoso Empreendedor e memória, daí tem uma outra sala grande lá que tem quarenta e dois lugares, né, uma cadeira, mesa, enfim, que é uma sala maior lá atrás/que eu chamo lá atrás [risos] **P1:** entendi! **M3:** e a gente faz lá, tudo lá, Dança Circular também a gente faz lá, que não tem outro espaço (+) a Cantoria a gente faz lá, Ativa, Grupati, fazemos tudo lá (+) são duas salas diferentes **P1:** entendi.[(+) era isso que eu queria perguntar pra você, tem mais alguma coisa que você queira falar? **M3:** não, quero falar que eu amo trabalhar com idosos **P1:** ah, que lindo! [risos] **M3**: Já tem né/estou há dez anos no Sesc, né, fiquem sete anos em [nome da cidade suprimido] esse é o/vai pro quarto ano aqui em [nome da cidade suprimido], vai para onze anos, e que eu adoro, assim, a gente acaba/quando estão de férias a gente até sente falta, e quando começa esse movimento todo né, a gente já começa a gostar, assim, a voltar ao ritmo, né **P1:** ah, que bonito o que você falou **M3:** não é a primeira pessoa que diz que ama trabalhar com idoso no Sesc **P1:** é, eu acho que tudo a gente tem que/pra trabalhar tu tem que gostar do que tu faz, né, que eu acho que é muito importante, se tu não gosta tu nunca vai fazer um trabalho legal, bem feito, tu nunca vai ter essa/essa visão do outro, né, que a gente tem que muitas vezes se colocar no lugar deles, né, que a gente sabe/a gente não sabe o histórico, às vezes tem um idoso lá que ele é irritado, que ele é bravo, que ele tudo acha ruim, mas tem todo um histórico por trás daquilo ali, a gente também tem que ter esse processo de estar conhecendo ele e estar ajudando ele a melhorar (+) teve idosa minha aqui que ela vinha sempre de mau humor, e reclamava de tudo, sempre reclamando, e aos poucos ela foi melhorando, hoje ela faz brincadeira, ela faz piada, ela/coisa que ela nem olhava direito pra gente, sabe, então é isso, é esse processo que é interessante, aqui. Mesmo depois de um bom tempo, depois de toda a experiência que elas têm, e muitas vezes serem mais persistente na ideia delas, ou na opinião, mas também acrescentar para contribuir com alguma coisa com elas, né. Acho que isso que é legal, então, se a gente faz o que gosta a gente compreende elas e tenta contribuir em algum momento pra elas, também.

MEDIADOR 4

P1: primeiro de tudo eu queria que você me contasse as atividades que tem aqui para os idosos. **M4:** é, nós temos o grupo... nessa sala nós temos a informática, inclusão digital na terceira idade né, que é o que a gente trabalha com smartphone, computador pra eles, enfim, é uma inclusão digital, as redes sociais, aplicativos [palavra inaudível] não é um curso de informática, mas é uma inclusão digital, é um processo grupal, em que a gente se reúne, reúne todos os grupos eu tenho 4 turmas **P1:** envolve telefone, não? **M4:** envolve telefone. **P1:** hum, então é computador e telefone **M4**: computador e telefone, é smartphone e computador. **P1:** e daí eles trazem o smartphone? **M4:** eles trazem o smartphone, que eles mexem com smartphone, baixam aplicativo, mexem nas redes sociais, eles não tem.... **P1:** desde o início? **M4:** é, a maioria que se inscrevem nesse eles tem dificuldade para mexer, eles ganham um celular do filho, do neto, ou eles compram, e eles tem dificuldade de mexer, baixar aplicativo, fazer pagamentos pelo aplicativo, utilizar as redes sociais, o uber, essas coisas assim, sabe? **P1:** tem uber aqui? **M4:** tem **P1:** hum, legal **M4:** dai a gente faz oficina de fotografia com eles, as seguranças no banco, para eles terem aqueles cuidados né, na hora de ir no banco sacar o dinheiro, cuidar para ver se não tem alguém seguindo eles, das fraudes que existem, da violência financeira que tem na própria família, então é um monte de coisa que a gente trabalha com eles **P1:** como é que é o nome desse grupo de segurança, no banco essas coisas... **M4:** é mundo digital... não, a gente assim, através desse projeto que já tem a ideia de trabalhar isso com eles, tudo o que envolve a era digital assim, as tecnologias, tipo desde ir lá no caixa eletrônico e sacar um dinheiro, que às vezes eles tem dificuldade para fazer esse processo **P1:** porque é uma tecnologia, né **M4:** eles pedem para alguém às vezes desconhecida, né, daí a gente vai fazer visita, vai no banco,

conversa com o gerente, faz uma reunião lá com o gerente, a gente conversa com eles, dá umas dicas de segurança, como utilizar o caixa eletrônico, o porte de celular na rua também né, então isso faz parte tudo dentro desse projeto que é Idoso Empreendedor mas agora já está mudando agora é Mundo Digital Master, que é para as pessoas acima de 50 anos, né, tem alguém que ainda está no mercado de trabalho, que precisa dessa ferramenta para empreender ou melhorar ainda mais seus afazeres ali no Smartphone, no computador, quer baixar um aplicativo, quer usar um aplicativo, para melhorar sua empresa, essas coisas assim, a gente tem também uma turma um pouquinho mais avançada, mas a maioria são o básico mesmo né, de usar as redes sociais, as fake news, que eles passam muito, as pessoas de mais idade, às vezes eles não tem um cuidado né, baixa um link que às vezes pode ser um vírus, alguma coisa assim, e eles aprendem a imprimir documento, porque hoje é tudo direcionado por site né, eles compram alguma coisa numa loja, às vezes nos boletos do próprio Sesc eles aprendem a entrar no site do Sesc, imprimir seu boleto, a ser independentes né, porque hoje tudo eles pedem pro neto, pros filhos, e não tem paciencia em casa eles, os netos, os jovens não tem paciencia, "ah já te ensinei, é assim, e coisa", daí eles vem para cá que aqui a gente está à disposição só para fazer isso com eles, então isso é muito bom... **P1:** Interessante, esse é o idoso empreendedor? **M4:** Idoso empreendedor, que agora ele está saindo como idoso empreendedor porque as pessoas acima de cinquenta anos não se inscrevem porque acham que é só para idoso, se sentem constrangidos de chamar eles de idoso, agora mudamos a nomenclatura, agora é Mundo Digital Master, daí, mas ainda a gente está nessa transição de idoso empreendedor para Mundo Digital Master, na hora de fazer a divulgação a gente está falando já Mundo Digital Master, porque para uma pessoa de cinquenta anos, cinquenta e cinco anos, "ó, vai lá fazer a inscrição para o projeto Idoso Empreendedor", "mas eu não sou idoso, não sou velho" [risos] **P1:** [risos] até mesmo os de sessenta anos muitas vezes... **M4:** é, os de sessenta e cinco, e coisa, né... **P1**: eles não se acham muito idosos, assim, né? **M4:** não, e realmente não são, né, mesmo, às vezes tem muita gente que é bem ativa e... **P1:** não se enquadra **M4:** é idoso por causa da lei e coisa né, então... Mas eles são bem ativos, assim **P1:** daí tem esse Idoso Empreendedor que é esse Mundo Digital Master, e mais o quê?[precisou atender o telefone, pediu desculpas e depois retomou] ta, e além desse (+) desse Mundo Digital Master, tem de vôlei que você falou que tem vôlei, é de idoso? não, não é de idoso o vôlei? **M4:** é de idoso, aham, tem o vôlei câmbio, que é um vôlei adaptado para a terceira idade **P1:** pois é, pois quando você falou vôlei pode, as vezes, os ossos... **M4:** é, por que eles assim, eles não precisam se jogar no chão, eles não precisam, eles apenas tem que jogar bola para o outro lado, tem a rede, normal, quadra de vôlei, a rede, e eles tem que jogar a bola pro outro lado e a pessoa segura, e passa para a outra pessoa, entendeu? eles podem segurar a bola, e daí tem a numeração embaixo, e daí eles tem que ir circulando, eles tem que fazer o rodízio, trabalha a coordenação motora, a memória, o raciocínio lógico, é muito bom assim **P1:** e é um exercício físico querendo ou não né? **M4:** físico, exato, e eles participam já de campeonatos, e... então os que participam no vôlei câmbio, quase todos participam das mesmas atividades também, mas o volei cambio é da área de lazer, não é da minha area, mas é uma área/a gente está tudo integrado nas áreas do Sesc né **P1:** não é TSI? **M4:** nao, nao é TSI, mas dentro do TSI tem esse aqui né que é idoso empreendedor, daí tem o Ativa +, que começa amanhã também, que é o grupo da terceira idade para as pessoas acima de cinquenta e cinco anos, esse Ativa + nós trabalhamos praticamente com tudo assim com eles, assim, tudo que envolve a questão da memória, coordenação motora, atividade física, nutrição, alimentação saudável, oficinas, dança, cantoria... **P1:** ah, é bem assim amplo **M4:** aham, bem interativo mesmo assim, eu antes o nome era grupo interativo, agora é Ativa + **P1:** ah, eu lembro, é que eu fiz o levantamento dos grupos da terceira idade... **M4:** na verdade é tudo/eles estão direcionando o Sesc agora o TSI é tudo acima de cinquenta anos, trabalho social com idosos, mas como a gente tem pessoas que às vezes é (+) um idoso tem um conhecido "ah, eu posso trazer uma pessoa de cinquenta e cinco anos que vai ter um evento", "pode", então é Ativa 50+,

então acima de cinquenta anos pode participar desse grupo também, daí amanhã tem a abertura do... do, começa o nosso grupo né, então a gente vai trabalhar com eles é... uma atividade física, uma dinâmica, do primeiro dia, daí a gente vai fazer uma roda de conversa, depois na semana que vem a gente começa uma oficina, tipo com material reciclado, com artesanato, daí depois a gente faz uma dança com eles né, daí esses mesmos que participam do Ativa +, já tem um outro grupo que alguns ficam na sequência que é o grupo de Cantoria, tipo um coral, não é nada profissional mas é cantoria de cantar por cantar mesmo assim, assim sabe, então a gente tem esse grupo de cantoria bem bom... **P1:** Que legal! E mais o quê? **M4:** tá, eu tenho um grupo de voluntários, daí esse de voluntários é aberto, não é só de idosos, pode ser de adolescentes também (+) que quinta-feira a gente vai fazer uma oficina com eles para mostrar que essa semana agora tá começando tudo sabe, que essa semana é um experimento para quem não está inscrito no grupo pode vir outra pessoa para conhecer, uma aula experimental, então na quinta-feira a gente vai fazer um... (+) uma demonstração, vai apresentar o projeto, do que que a gente trabalha nesse grupo de voluntários... **P1:** e o que que se trabalha nesse grupo de voluntários? **M4:** é as campanhas solidarias do Sesc, tipo a campanha do agasalho, eles auxiliam na arrecadação, na divulgação, pontos de coleta, entregas também, triagens, podem nos auxiliar também, customização das peças, às vezes que dá para você customizar e fazer uma doação né, e também tem a/a gente vai incluir também a campanha de doação de alimentos, também né, contra o desperdício, que nós temos o projeto Mesa Brasil né, de todo o Brasil, que a gente faz a parceria **P1:** Lá em Rondônia também tem o projeto Mesa Brasil do Sesc, já até contribuí **M4:** ah sim, o Mesa Brasil é nacional [risos], aham, então dentro das campanhas solidárias a gente envolve o meu grupo, dessa área envolve... (+) eu posso direcionar esse para ajudar o Mesa Brasil também, já que tem esse grupo de voluntários inscritos a gente "ó, vocês querem auxiliar o Mesa Brasil, para arrecadar alimentos, ou distribuir, ajudar, auxiliar" **P1:** bem legal hein? tem mais algum de idosos? **M4:** aham, de idosos tem, tem os mais pontuais daí/esses são os sistematizados que eu falei né, que acontecem semanalmente ou a cada quinze dias, e os pontuais é o idoso em foco, o idoso em foco a gente se reúne com eles para comemorar as datas especiais, tipo o dia internacional do idoso, dia mundial da saúde, então a gente se reúne com o grupo das/a gente faz parceria com a secretaria municipal de saúde e com o conselho municipal do idoso, e a gente faz reunião com os coordenadores desses grupos, e faz uma atividade para eles, comemorar o dia internacional do idoso **P1:** ah, entendi, então são idosos que fazem parte de outras iniciativas de grupos de terceira idade? **M4:** Isso, a gente reúne é/eventos pontuais que a gente faz um teatro deixa aberto para comunidade participar, faz um evento para eles, em comemoração ao dia do idoso, dia mundial da saúde, a gente faz temáticas assim para a saúde deles né, idoso em foco. **P1:** mais algum? **M4:** Tem o (+) é, bom, tem um projeto pontual [frase inaudível] mas é mais ou menos parecido com esse, também, que a gente faz parcerias também com outros grupos da cidade e faz tipo rodas de conversa com eles, faz palestras, então é mais ou menos parecido com o idoso em foco assim, sabe **P1:** Entendi, mais algum outro? **M4:** não, dentro do TSI mais ou menos esses **P1:** entendi, deixa eu ver uma coisa aqui só para eu ter noção (+) vocês não tem por exemplo o xodó, o xodó é intergeracional né. **M4:** intergeracional, nós não temos mais **P1:** tá, entendi **M4:** eu acho que esse foi no estado todo, eu acho que até ano passado tinha **P1:** Grupo da memória? **M4:** grupo da memória aqui nao tem **P1:** Grupati? **M4:** Grupati aqui também não tem **P1:** Ativa + eu acho que você já falou **M4:** Ativa + eu já falei, desculpa, você tem aí as relações? **P1:** tenho, esses são os/acho que são nove né? **M4:** dança circular nós fazemos dentro do Ativa + porque nós não temos mais específico esse grupo aqui, tá, nós fazemos dentro do Ativa + **P1:** ah, entendi, memória, cantoria, idoso em foco, empreendedor e xodó **M4:** é, o idoso em foco eu já falei ali agora, uhum... **P1:** Ah, entendi... ta, e, bom, eu não sei se eu falei para você mas você já deve estar um pouco, assim por dentro da minha pesquisa, minha pesquisa trata sobre a informação de um modo bem geral mesmo, sabe, de um modo bem geral, o meu doutorado é em ciência da informação, e eu trato de um

fenômeno específico dos idosos, quer dizer é um fenômeno geral que chama competência em informação que é a habilidade de você buscar a informação, usar a informação, avaliar a informação, comunicar a informação né, a partir de conversando, e eu estudo essa competência em informação de idosos que estão numa iniciativa de grupo da terceira idade né, que é o Sesc, querendo ou não, né. Então, a minha pergunta (+) [gravação interrompida por ligação recebida da entrevistada] então, o que eu gostaria de, assim, perguntar para os mediadores - que muitas vezes os idosos não se expressam muito bem - quando você pergunta informação, você pergunta conhecimento, muitos tem aquela/eles ficam assim em dúvida, o que seria o conhecimento, o que que não seria, sabe, então eu gosto de conversar com mediadores porque os mediadores geralmente eles tão muito próximos, então eles sentem/vocês sentem o que eles tem dificuldade o que que eles não tem, o que eles gostam, o que eles não gostam, então, você me contou um pouco das atividades desenvolvidas né, eu queria saber, é, quais são as/nesse Idoso Empreendedor eu vi que você falou um pouco melhor da questão de banco, da questão de autonomia, né, que é muito importante para eles, eu queria saber se você vê dificuldades que eles têm, ou facilidades que eles têm nessa questão da informação, né, porque tudo que envolve desde banco até computador, tudo isso envolve de um modo bem geral, então eu gostaria que você me contasse das dificuldades, das facilidades deles, não precisa ser só no Idoso Empreendedor, mas o Idoso Empreendedor eu vi que tem muita relação, mas pode ser em qualquer um outro, me conta um pouco melhor disso **M4:** é, em relação assim é, nesse projeto como eu te falei tem uns que já continuam, já estavam ano passado e continuam, né, no projeto, para aprofundar ainda mais a relação com as tecnologias, mas tem bastante gente que tem bastante dificuldade para mexer no smartphone, para se relacionar nas redes sociais, enfim, então assim a gente faz um nivelamento né, quando eles entram a gente faz um nivelamento com eles durante uma semana para ver aonde/qual turma eles se encaixam melhor **P1:** tem turmas? **M4:** tem, quatro turmas, aham, os que continuam do ano passado pra cá, a gente já tem aquela turma certa que estão num certo nível né, aham, e daí a gente faz um nivelamento com ele, mesmo assim a gente ainda relembra o que a gente trabalhou no ano passado, tem coisas que a tecnologia avançou, né, muita coisa de aplicativo ou outro, smartphones assim [frase inaudível] se é android, se é da apple, ali o celular já muda né, o sistema já é outro, e aí eles acabam trocando essa questão do android pro apple **P1:** muda muito, até a gente que entende melhor a gente se perde [risos] **M4:** aham, daí a gente trabalha com eles, revendo essa questão e tudo, mas a maioria assim tem pouco conhecimento com relação à tecnologia e tem muita dificuldade para mexer no smartphone, entrar nos sites, imprimir boletos, fazer compras nos sites, que às vezes eles.... **P1:** Você sente que eles tem necessidade, tipo, de fazer compra? qual a maior necessidade deles de usar a internet, assim, será que é saúde, questão de banco mesmo, ou... **M4:** eu acho que a maior dificuldade deles é, que assim, hoje né, eles estão confundindo muito assim, se a informação é verdadeira ou é falsa, porque eles repassam muita informação, mas eles agora já estão do ano passado para cá, do começo do ano até o final do ano passado eles, no início do ano, eles, tudo o que eles viam e recebiam eles clicavam ali, abriam e repassavam. Agora eles estão com medo de abrir mas repassam ainda, sabe, então agora esse ano a gente tem que trabalhar com eles que, além de eles não abrir eles não repassem se estão na dúvida né, [risos] [frase inaudível] **P1:** [risos] tipo assim, eu não tenho certeza, mas vamos ver se o próximo tem, né **M4:** [risos] né, ou eles querem ser os primeiros a repassarem a informação, daí acaba sendo informação falsa né, então, dificuldade assim de eles terem medo de entrar no site e clicar porque tudo/a gente fala pra eles tudo não é/tem muita coisa que é verdadeira, então né, e às vezes esse medo deles acaba que eles não conhecendo um pouco das ferramentas, então eles tem medo de mexer, a gente fala que aqui no projeto eles não podem ter medo, não precisa ter medo, se eles excluírem alguma coisa, alguma coisa a gente vai lá e recupera, então o maior medo deles é excluir documento e não achar mais, porque às vezes alguém dos familiares brigam com eles, de eles terem feito alguma coisa errada, entendeu?

então é insegurança, mesmo, a maior dificuldade, aqui que a gente percebe neles, daí eles até sabem mexer um pouco assim, mas com tanta informação eles vão muito pela/eles assistem muita televisão, entendeu, daí as pessoas ficam falando coisas ali eles tem medo de mexer/ah é muita fake news, muita informação falsa (+) **P1:** porque você acha/porque você falou que as vezes eles repassam mas daí eles não avaliam né, por que que você acha assim, que eles/que o comportamento deles é assim, você tem alguma teoria, assim, que você acha, "ah, eu acho que é por causa disso, acho que é por causa daquilo"? **M4:** eu não tenho uma teoria assim, mas assim pela prática que a gente convive com eles assim, é, por essa questão assim ó: "eu tenho medo de abrir, mas eu quero ser a primeira pessoa a repassar essa informação", entendeu? [risos] **P1:** "eu quero estar na crista da onda"! [risos] **M4:** é, [palavra inaudível], então já melhorou bastante né, até na/eu tenho uns grupos com eles assim, nos grupos eu percebo através/então a minha teoria seria pela prática mesmo, eu percebo **P1:** uhum, não/sim eu digo assim, alguma, uma, "ah, eu acho que é por causa disso", né, porque... [mediador precisou atender o telefone para confirmar a entrevista da tarde com uma das idosas] você acha então que ele quer ser o primeiro a repassar, mas ele não tem essa habilidade de avaliar, ele não vai atrás para avaliar, você acha, assim? "ah, vamos ver se é fake news"? **M4:** eles são momentâneos assim, sabe, tipo: ah, antes eles abriam e repassavam, agora eles não abrem, e repassam pra ver se a outra pessoa passa a informação pra eles que é verdadeira, às vezes eles não tem confiança naquilo mas repassam pro outro: "ó, você viu aquilo lá, o que você acha é verdadeiro ou é falso?" [risos], sabe, mas tá/e esse ano a gente está trabalhando bastante isso com eles sabe, então se tem dúvida mesmo não repassa a informação, essas coisas assim **P1:** você mesmo tem instrumentos que você pode ir lá e você verificar se é verdade ou falso, né? **M4:** sim, isso mesmo que a gente está repassando, eles procurar ali no próprio celular ele vai na internet e pesquisa se realmente aconteceu aquilo ou não aconteceu, ou se aquela informação de uma vaga, às vezes de um emprego, de uma oferta especial, assim, um absurdo, que às vezes eles não têm certeza se é aquilo e coisa, eles vão lá, pesquisam né? vê se realmente é isso mesmo que está acontecendo, uma informação da política ou outra coisa que está acontecendo assim, vão lá, pesquisem, vocês pesquisando vocês já vão/além de vocês estarem certificando se é verdadeiro ou falso, vocês estão praticando uma pesquisa na internet, vocês estão indo lá no site, estão abrindo documento... **P1:** você falou no início que eles vêm aqui para usar o computador e às vezes eles têm uma necessidade tipo: "ah, eu quero imprimir o boleto, ah, eu quero...", o que que você identifica que é as coisas que eles mais procuram na internet, assim, que eles mais sentem necessidade mesmo, sabe, "ah, eu estou precisando disso, eu preciso do computador", você tem alguma, assim, alguma, ah, você está com eles né **M4:** aham, eles assim, eles em casa eles tem até as ferramentas, tem computador, tem notebook, tem smartphone, mas é que eles não mexem porque eles tem medo de mexer ou eles estão sempre na dependência dos filhos, dos netos, para pedir, e eles querem não ter mais essa dependência, por isso que eles vêm para cá, eles sentem essa necessidade de eles mexerem, eles manipularem, eles saberem imprimir um boleto, saber pagar coisas no aplicativo, evitar fila no banco, lotérica **P1:** é o que eles mais sentem necessidade tipo: banco... coisa de saúde não? **M4:** também, de saúde, principalmente, tipo, eles querem pesquisar alguma coisa sobre o que o médico falou para eles/deram uma receita, alguma coisa assim, eles querem pesquisar sobre aquele medicamento que o médico receitou, ou alguma coisa assim sobre a saúde natural, mais uma medicina natural assim, sobre essas ervas medicinais, sabe, eles procuram bastante essas coisas na internet, atividade física, alimentação saúdavel, eles pesquisam, alguns pesquisam sobre esporte, outros novela, sabe? **P1:** entretenimento também? coisa de novela também? **M4:** também, é, lazer, nós vamos criar esse ano um roteiro de turismo para eles, então é bem importante dentro do projeto também tem/para eles baixarem um aplicativo alguma coisa assim ou eles saberem usar o Google Maps, ou algum GPS assim para eles pesquisarem lá como é que é aquele hotel, que eles estão pensando em ir, como que é a cidade, aham, então a gente vai montar roteiros de

turismo para eles também, eles vão montar os próprios roteiros deles, e através do grupo eles vão se reunir para fazer uma viagem do roteiro que eles criaram **P1:** tipo, não com guia, porque geralmente o guia tá pronto, e eles "ah, então, eu acho que eu quero ir no Sesc porque o guia tá pronto", eu ouvi isso no pré-teste, "eu gosto do sesc porque tem um guia lá e tá tudo pronto, eles levam a gente bem certinho", né **M4:** é, mas tem uns que já estão... **P1:** que máximo, criar os próprios roteiros, isso é autonomia, é muita autonomia **M4:** é, com certeza, mas tem uns que já estão esgotados do (+) às vezes/sempre o/já rodou o Brasil inteiro, às vezes até pro exterior, mas sempre com guia, [palavra inaudível], a mesma coisa, quase a mesma fala, então alguns já estão cheios disso e eles querem montar o próprio roteiro deles e que a gente acompanhe eles, sabe, às vezes uma pessoa do Sesc, tipo às vezes eu acompanho eles com um grupo/um roteiro que a gente monta aqui por perto às vezes, a gente mesmo vai e descobre as coisas assim, e eles gostam de pesquisar sobre a história, enfim, eles já estão indo para essa direção, sabe **P1:** que máximo, estou descobrindo muitas coisas desse Sesc, bem legal... Então, é... (+) me conta um pouco sobre a vivência no coletivo deles, assim, eles em conjunto. Eu vi que tá maravilhoso, né, uma liga pra outra, que já confirma pra ti [risos] **M4:** [risos] aqui já deu pra você identificar o perfil né, então é mais ou menos assim: aqui funciona bastante a nossa divulgação boca a boca assim, tá, agora tem as redes sociais, WhatsApp, e-mail, site do Sesc, jornal, rádio, mas funciona mais ainda é o boca a boca, é eu ir lá no grupo onde eles estão reunidos e divulgar uma informação que vai ter uma roda de conversa, uma palestra, vai ter uma apresentação artística, uma apresentação cultural, lá, e falar pra eles, fazer um bilhetinho, eles vão falando de um pro outro, vão falando, vão falando.... **P1:** você faz bilhetinho ainda? é um negócio assim, bem interessante né, parece que eles gostam mais dessa coisa, assim.... **M4:** DE CONTATO, é do contato, de você estar lá falando com eles, não só de mandar uma mensagem ali no WhatsApp, eles olham, e tudo, mas se você ir lá e conversar com eles, tirar um momento assim, de, um tempinho né, tipo cinco ou dez minutinhos, falar daquele projeto "ó, vai ser legal", você conta isso de uma forma diferente né, quando você fala com eles, e eles acabam, tipo, certificando de que aquela coisa assim é mais, tipo, que não vai ser "ah, uma palestra chata, alguma coisa", a gente fala, "ó, uma pessoa vai estar lá, a pessoa vai falar sobre isso, sobre aquilo, isso vai ser legal, vai ter uma música, vai ter...", tipo, agora quarta-feira vai ter o lançamento de grupos né, do Sesc, lançamento estadual, todas as unidades vão estar ao mesmo tempo fazendo esse lançamento, daí eu falei para eles "ah, além disso tudo vai ter um café ainda, para receber vocês", querendo ou não é um chamarisco né, a gente não tem no Sesc isso **P1:** [risos] até pra gente que não é um idoso! **M4:** com certeza, [risos] **P1:** mas continua, desculpa te interromper **M4:** não, tá tranquilo, mas eu percebo assim que com eles, eles sentindo assim, que a gente dá atenção pra eles, sabe, que a gente para aquele momento para ouvir eles também, eles valorizam bastante isso **P1:** muitos deles, na família eles não tem muito isso, né, de conversar, do filho, às vezes o filho trabalha o dia inteiro né **M4:** ou eles acabam ficando cuidando dos netos, num período também, às vezes eles não tiram um momento pra eles às vezes também né, e daí final de semana ficam lá fazendo comida né, que quem não quer uma comidinha do vô, da vó, enfim, até o filho ele vem né, daí ele vai na casa da mãe, do pai, quer uma comidinha do pai e da mãe, mas eles acabam sacrificando muito o lazer deles e eles sentem é, prazeroso eles estarem fazendo isso, eles sentem, mas a gente fala pra eles "vocês tem que tirar tempo para vocês também, ó, vem pra cá, a gente conversa aqui, bem/é um encontro bem interativo, processo grupal, que a gente faz rodas de conversa, faz dinâmicas", é uma coisa diferente, né? tem uns que vem pra cá, as vezes nem tanto pra aprender tanto ali, VEM para conversar, as pessoas sentem assim, ai, contar a história de vida deles, muitos/ já há relatos aqui, eles vem pra cá para conversar com alguém, que as vezes não tem em casa com quem conversar **P1:** que coisa mais interessante que você está me contando... **M4:** eles tem muito disso, eles... **P1:** gostam de bater um papo! **M4:** bater um papo, é **P1:** é muito característico do idoso isso né? a minha vó, mesmo, na hora que eu chego na casa dela até a hora que eu dou

tchau/porque tem que/tem que ter uma brecha pra dar tchau, né [risos] **M4:** [risos] aham, tem, tem que cortar alguma coisa! **P1:** [risos] as vezes não dá tempo, às vezes tu fica lá uma hora tu não achou uma brecha para dar o tchau (+) é, elas contam a mesma história né, às vezes a gente ouve três vezes a mesma história [risos] **M4:** aham, a mesma história, e daí aqui no grupo a gente recebe um novo/uma pessoa nova que entra né, a gente faz uma roda de conversa eles contam aquela história que contaram lá no primeiro dia, tudo de novo, mas assim, é uma história contada, a mesma história, mas eles contam um pouquinho diferente, né (+) **P1:** botam umas informações, tiram outras [risos] **M4:** aham, normal **P1:** ai meu Deus [risos] ai ai (+) olha, eu acho que é isso que eu gostaria de/de ouvir de você, muito interessante, gente do céu, eu vou aprender muita coisa [risos] **M4:** é, você vai sim

---

MEDIADOR 5

P1: Em primeiro lugar eu queria que você me contasse das atividades que são desenvolvidas para os idosos, aqui no Sesc. Eu tenho isso anotado em algum lugar... Não, aqui, [nome da cidade suprimido]. **M5:** Isso, aqui de [nome da cidade suprimido], né **P1**: Uhum. **M5**: então, nós temos o/do trabalho social com grupos, tu queres, ou do/em âmbito geral? **P1:** isso, trabalho social com grupos **M5:** tá, nós temos grupos de Cantoria (+) do Idoso Empreendedor, que agora a gente está mudando a nomenclatura para Mundo Digital Master **P1:** Mundo Digital Master... **M5:** Isso! **P1:** que eu achei super mais/porque antes, quando me diziam Idoso Empreendedor, eu ficava "humm?" **M5:** [risos] ficava uma: "que é isso?", um ponto de interrogação né? **P1:** uhum! Agora faz mais sentido **M5**: é, faz mais sentido a linguagem. E... (+) eles também, para eles também, porque eles têm muito preconceito ainda com relação/serem chamados de idosos (+) então assim, até pouco tempo, teve uma senhora que veio procurar, ela queria fazer alguma atividade, e aí quando nós apresentamos (+) né, que no nosso guia ainda está Idoso Empreendedor, e aí nós comentamos do Mundo Digital, e ela "ah, está escrito Idoso Empreendedor, esse nome aqui afasta a gente daqui", [risos] (+) "Mas se tu falar Mundo Digital acho que tu vai ficar" [risos], e realmente, ela acabou ficando mas o nome, ela disse que aquilo lá espanta eles daqui [risos] **P1:** Entendi, eles estão meio avessos **M5**: é. Nós temos a Dança Circular, o Grupo da Memória (+) o Grupo da Memória, o grupo Ativa + (+) **P1:** é antigo, o Ativa+? **M5**: então, nós temos dois grupos, do Ativa +. O Ativa + a gente tem um grupo que ele começou quando ele era um grupos de mães aqui no Sesc. Então tem algumas que já estão trinta anos vindo [risos]. Toda semana, toda quinta-feira elas se reúnem, e aí com o passar do tempo elas foram envelhecendo e a gente enquadrou elas então no grupo que tem essa proposta né, que é o Ativa+, mas elas começaram como um grupo de mães, aqui do Sesc, então temos uma parte bem significativa do grupo já vem há mais de trinta anos frequentando esse grupo, toda quinta-feira, toda semana [risos] **P1:** Nossa, devem ser super amigas. **M5:** são, aham. Daí foram entrando outras, algumas já faleceram, né (+) foi/e daí foi se tornando uma nova proposta, né, porque enquanto eram mães eles tinham uma proposta, daí quando, né/com o passar do tempo foi se adequando às propostas do Sesc, o Sesc também teve uma reformulação nas atividades... (+) então/aí nós temos um outro grupo que é/ele é um grupo que ele gosta de fazer o artesanato, trabalhos manuais. Então a gente trabalha com eles atividades, né, com produção/e aí esse grupo ele se confunde bastante, porque eles pedem para fazer para doação. Alguma coisa/ **P1:** tipo de voluntários? **M5:** isso, daí em alguns momentos elas falam: é o grupo de voluntários, porque elas gostam [risos] mas na verdade é o Ativa+. Aí nesse, que você encontrou hoje de manhã, que ela falou grupo de voluntários, era esse grupo, Ativa+, né, então/ **P1:** não é só aqui em [nome da cidade suprimido] que eles chamam de voluntários, eu achava que era outro **M5**: sim, então, mas é o Ativa+. Aí nós temos o grupo de voluntários, mas não é pra idosos, daí (+) na verdade ele pode/idosos podem frequentar, porém eles/aqui em [nome da

cidade suprimido] ele se caracterizou por um grupo mais jovem, então a gente/vem o pessoal da faculdade, então é um grupo que leva atividades no lar dos idosos, hospitais, então é um grupo bem/com perfil bem jovem, eu acho que nós não temos nenhum idoso nele hoje (+) e aí nós temos, deixa eu ver: Cantoria, Memória, Mundo Digital, Dança Circular... **P1:** Grupati não tem? **M5:** não, Grupati nós não temos **P1:** E, acho que é isso. E o Mundo Digital, (+) ótimo (+) eu queria que você começasse contando do grupo de Dança Circular, que eu vejo que é o que eles mais gostam/na verdade eles gostam de todos, mas quando eles falam do Dança Circular é com um carinho tão grande, que eu queria saber **M5:** então, a Dança Circular também não é um grupo para idosos, ele/a partir de dezoito anos pode frequentar a Dança Circular, porém o nosso público é acima de cinquenta e cinco anos, que vem. Então ele acabou se caracterizando como um grupo também de idosos, né. Então a Dança Circular ela trabalha muito a questão do corpo, da mente, da alma. Então eles chegam aqui porque eles querem dançar como se fosse uma atividade física, e aí ali eles descobrem que vai muito além né, porque a gente dança em roda, então a roda não tem hierarquia, né (+) a gente sempre costuma trazer uma mensagem de otimismo, de motivação, de paz, né, então ela acaba trabalhando os aspectos emocionais e também o aspecto mental, né. Hoje mesmo nós tivemos a dança de manhã, e a gente fez uma roda, né, de conversa com elas, sobre o que que elas esperavam da Dança Circular, por que que elas vinham, e a grande maioria comentou que o que a Dança Circular traz para eles são os amigos, amizade fortalecida, né, e é um ambiente que não é frio. E aí teve uma até, que relatou que (+) ela não gosta de ir na academia porque ela acha um ambiente muito frio, as pessoas chegam, não se comprimentam, muitas vezes nem se conhecem, e na dança não, na dança ela encontrou aconchego, carinho, que muitas vezes é o que falta para eles no dia a dia né, então a Dança Circular traz bastante essa questão, né (+) do movimento, também, né (+) [áudio interrompido: ela precisou se ausentar para dar um recado] **P1:** e o Mundo Digital Master? **M5:** ah, esse é o nosso xodó [risos] **P1:** ah, é? Me conta... **M5:** nossa, ele traz muito/resultados muito positivos, né. Porque desde que ele iniciou, né, a gente vê que ele/eles vêm a procura do ensinamento da informática, do computador, do smartphone agora né, mas o que faz eles permanecerem é porque vai muito além. Computador ou smartphone é só uma ferramenta, mas o que acontece no grupo, né, é o que brilha os olhos deles, né. Então nós temos grupos ali que já vêm há oito anos **P1:** ela falou que já teve três formaturas! [risos] **M5:** tem, tem também, tem [frase inaudível] já passaram por oito! A [nome da idosa suprimido] é uma/a [nome da idosa suprimido] de repente não entrou desde o início, mas no grupo dela mesmo, é oito anos que eles já vem frequentando, né, a atividade (+) e aí a gente sempre traz no Mundo Digital algo de interesse deles, né, e conteúdos que eles vão utilizar para a vida, né, então/e o computador e o celular é só uma ferramenta, né, eles acabam aprendendo, eles acabam expandindo, mas a troca com o grupo, o assunto que é trabalhado, né, que eles vêem que complementa, né, a atividade, então, assim, a gente vê resultados muito positivos de quem frequenta, né, essa atividade. **P1:** me diz uma coisa (+) você disse que às vezes eles vêm com uma necessidade de informação, né, tipo "ah, eu não consigo fazer isso porque eu não sei mexer no computador". Você consegue identificar, assim, padrões de necessidades de informação? "É assim, é assim, é assim". "Ah, eles vêm para/porque eles querem imprimir um boleto no banco, eles vêm porque eles querem, não sei, pesquisar uma doença", tu consegue identificar? **M5:** olha, a grande maioria quando procura é mais a questão: "ah, os meus filhos estão usando, agora se conversam só pelo WhatsApp, né, e eu também quero entrar nesse meio, né, eu também, e eles não têm paciência para me ensinar, então eu preciso procurar um ambiente que esteja/que consiga me atender, né, na idade que eu estou". então tem bastante relatos de idosos que procuraram por essa necessidade mesmo, pela necessidade de estarem incluídos, né, e de estarem interagindo com netos, né, com filhos que moram mais longe, né/antes de a gente ter o smartphone, que era o WhatsApp, que não era tanto utilizado, era o e-mail, né, então era a troca/nós temos uma senhora até que ela relata em tudo o que é ocasião que ela veio para o Sesc

porque o filho dela mora em outra cidade e ele tem problema auditivo, então por telefone ela não consegue falar, ele adquiriu essa/essa perda de audição, né (+) então ela disse: "eu preciso falar com meu filho, como é que eu vou falar com ele?" e aí ela veio lá naquela época ainda que era o e-mail, então eles trocavam e-mail, pelo skype, eles conseguiam se ver, né, então era algo que auxiliou bastante ela, né, nesse sentido. Assim, de procurar por boletos, essas atividades a gente não tem muito relato, né, mais é que questão que eles estar incluídos, e eles querem aprender, né, então eles vêm mais por esses motivos, assim, nada muito específico além desse que eu relatei, né. **P1:** e você me contou um pouco da relação entre eles, né? Pode me contar melhor? Dentro do grupo... **M5:** Então, eles formam um vínculo muito forte, né. Essa relação deles, porque/eu comento que vai muito além porque dentro do grupo forma-se esse vínculo, esse vínculo se fortalece, e aí eles saem daqui do Sesc para fora, né, então assim, é um aniversário, "ah, vamos combinar um jantar, vamos combinar um passeio, vamos combinar uma viagem", né, e aí a troca de informações, né, é muito rica, porque se eles não estivessem inseridos nesse meio em casa eles não estariam recebendo, né, um convite, não estariam recebendo uma informação que foi passada no grupo, um assunto, né, de repente de/da idade deles, então é nesse momento que eles se fortalecem, né, então e aí vai muito além, né. Então nós temos um grupo específico que eles vêm - são onze - faleceu uma no ano passado do grupo, né, mas eles já vêm de uma caminhada longa, assim, há uns oito, nove, do grupo que permanecem há uns oito anos vindo pro Sesc juntos **P1:** do Idoso Empreendedor? **M5:** aham, do Idoso Empreendedor. E aí assim, ó, necessidade de computador, celular, um ou dois anos, meu, já consegue ter autonomia, mas aqui tem o algo a mais, eles estão juntos, né. E aí um comenta uma coisa, outro traz outra informação, e ali é por isso que eles permanecem **P1:** que bonito, que engraçado, né! [áudio interrompido, explanei sobre outro caso de entrevista com mediadora do Sesc] e o Grupo da Memória? **M5**: o Grupo da Memória é uma proposta mais nova, né, a gente teve bastante receio por parte deles de entrar no grupo, então nos dois/nós estamos há três anos com ele/nos dois primeiros anos teve uma demanda baixa e esse ano ele se fortaleceu, né, então esse ano nós estamos com o grupo cheio, com fila de espera, então assim/e eles é uma atividade muito prazerosa (+) né, a gente vê a alegria e a necessidade que eles têm de falar sobre memória, de trabalhar isso, né. E aí nós temos doenças que acometem, né, que estão cada vez mais presentes como Alzheimer, né, então é algo que tem preocupado eles, né, então eles vindo para essa atividade parece que eles estão fazendo algo por eles mesmos (+) e é um grupo/esse ano é um grupo bem misto assim, e de pessoas que já frequentavam o Sesc de outras atividades, com pessoas novas que estão chegando, né, então ele está numa energia muito boa (+) né, então as atividades fluem de uma forma espetacular, assim (+) porque eles estão chegando, né, os novos, e os que já estão estão acolhendo muito bem, né, os que estão chegando, então está algo bem legal assim. **P1:** Me diz uma coisa (+) o Ativa+ tem um que é de mães, né, que já é mais antigo e um de voluntários. Me conta um pouco mais sobre a característica deles? **M5:** então, esse grupo/ [O Ativa+ é] o grupo que está há mais tempo aqui que é o Grupo da Amizade, que elas já deram um nome, era um grupo de amizade [risos] o nome dele é Grupo da Amizade. Então ele começou com um grupo de mães, né, e elas foram envelhecendo e chegou na proposta do Ativa+, né, então elas já vêm/tem uma grande parte do grupo que tem uma caminhada bem longa dentro dele, mas também tem os novos que chegaram e foram aderindo à proposta. É um grupo de integração (+) né, então cada semana é uma atividade diferenciada, nós temos uma semana com palestra, uma semana nós trabalhamos movimento, então alguma dinâmica, atividade que envolve movimento, uma semana nós fazemos oficina, né, fizemos alguns passeios também com eles, né (+) então é um grupo bem diversificado de atividades, assim, né (+) e é um grupo bem unido, também, bem grande, são trinta e duas idosas que frequentam ele [risos] **P1:** não é aquele ali né? [apontei para uma sala separada da nossa por um vidro, onde estavam dezenas de idosas tomando café da tarde] **M5:** é [risos] **P1:** ah, é aquele ali? **M5:** é aquele ali [risos] hoje faltou bastante até, então é um grupo

bem/também bem fortalecido, assim. E elas ainda continuam dizendo clube de mães [risos] da amizade, né (+) **P1:** e o de voluntários, trabalhos manuais? **M5:** No Ativa+ ele é um grupo que ele surgiu porque elas queriam se encontrar/na verdade ele nasceu, esse grupo, no Mundo Digital, no Idoso Empreendedor. Então eles começaram a fazer pesquisas no Mundo Digital/no Idoso Empreendedor sobre artesanatos com materiais reciclados no final do ano, para natal, eles fizeram a pesquisa, trabalho, mas aí eles queriam produzir, também, não queriam ficar só lá na pesquisa, e a gente produziu, é claro, com certeza, com eles, foi muito rico, assim, o processo, né, então porque eles buscaram lá da internet, a pesquisa, e trouxeram para a prática. E aí/mas aí isso não foi só um período/um trabalho, "não, a gente quer pesquisar e quer/vamos fazer mais, vamos montar um grupo para fazer essas atividades?" e aí foi onde surgiu o grupo, né, então a gente/daí começamos a fazer e aí surgiu a necessidade do grupo de fazer: "ah, vamos fazer algo para doação", muitas vezes elas não querem algo que é produzido para elas, "vamos fazer para doar?" então a gente faz/no início do ano a gente produziu estojos para doação para a campanha do material escolar (+) **P1:** ah, que legal, tudo de material reciclável? **M5:** daí, com material reutilizado né, (+) na páscoa elas fazem uma lembrancinha de páscoa e vão levar para um grupo de crianças mais carentes, dai das mães/dia dos pais a gente visita um lar de idosos e leva uma lembrancinha para eles, daí faz uma atividade a mais, né, com eles lá, e aí leva essa lembrancinha, então/e aí ele foi se configurando dessa forma, né, e aí a gente utiliza/continua fazendo alguma pesquisa na internet, né, lá do Mundo Digital, e traz para o grupo para produzir **P1:** que interessante **M5:** e tem algumas que participam da memória e estão nesse grupo, tem algumas que participam do Mundo Digital, e estão nesse grupo, ele meio que ficou um grupo misto [risos] né, (+) ele é menor esse grupo, nós temos quinze inscritos nele, né (+) e aí assim, quando um faz aniversário/nós tivemos um aniversário semana passada de uma integrante, fomos para a casa dela (+) **P1:** tem um laço de amizade, então **M5**: tem um vínculo também, né, como todos os grupos né **P1:** e o da Cantoria, que faltou? Faltou da Cantoria **M5:** o da Cantoria é só alegria, ele vai começar daqui um pouco [risos], quatro e meia ele começa, agora quatro e vinte, né? (+) ele é um grupo que a gente se reúne para cantar, não tem a preocupação com a técnica, né, não é um coral, então assim, o objetivo é vir cantar, ressignificar memórias, né, de músicas, relembrar músicas do passado, nós desenvolvemos algumas atividades também com relação à memória musical né, e a gente acaba/é um grupo bem divertido, atualmente nós temos um idoso que ele vem e ele que puxa o grupo porque ele que toca e canta [risos] **P1:** hum, tem alguém para tocar? **M5:** isso, então é/mas ano passado nós não tínhamos ele/que ele teve que se afastar por conta que ele ainda está no mercado de trabalho, e aí esse ano ele retornou (+) é um grupo bem divertido, e que é um momento que elas se soltam (+) então elas vêm antes, elas estavam sentadas agora há pouco aqui, daí elas ficam conversando, trocando ideias, depois elas vão para o momento da Cantoria **P1:** entendi. Era isso que eu queria te perguntar. Na verdade tinham três perguntas, mas em cada resposta que você deu você/ **M5:** respondi tudo! [risos] **P1**: você respondeu tudo, exatamente, de uma forma bem sucinta/porque geralmente eles falam mais **M5**: é porque hoje eu não estou muito bem... [áudio finalizado].

MEDIADORA 6

P1: Primeiro eu queria perguntar uma coisa: quais são as atividades desenvolvidas aqui com idosos? **M6:** muitas. Hoje a gente tem treze grupos, então tem os grupos que acontecem nessa sala, que é o Ativa + [fragmento de áudio suprimido], Grupati, Dança Circular, tem um projeto chamado Conectividades que acontece no Sesc Comunidade, que é uma quadra comunitária, eu não sei se tu sabe desse projeto do Sesc **P1:** não... **M6:** a gente tem uma quadra comunitária onde é uma parceria com a prefeitura/a prefeitura cede o terreno, o Sesc constrói toda a

estrutura, o Sesc que coordena/tudo é sob a supervisão do Sesc, a gente tem um profissional contratado lá que é o responsável, tem uma (+) uma dos serviços gerais e uma auxiliar administrativo, e todas as atividades que acontecem é em parceria, então a gente busca parceria por exemplo da [nome da universidade suprimido], os acadêmicos de educação física para dar aula de basquete, de vôlei, e tudo o que acontece lá é gratuitamente **P1:** que legal! participam muitos idosos lá no Conectividades? **M6:** no Conectividades começou na sexta-feira passada, hoje é o segundo encontro, sexta-feira passada tínhamos oito **P1:**hum, legal. Tem Cantoria aqui também? **M6:** Cantoria, temos (+) olha, eu tenho tudo aqui, se tu quiser olhar para anotar tem até os dias, os horários **P1:** Idoso Empreendedor também deve ter, que é o Mundo Digital Master né? **M6:** Isso, Mundo Digital Master, o Empreendedor 50+, o Grupo da Memória (+) **P1:** Grupo da Memória... uhum (+) é, acho que é isso né? [fragmento de áudio suprimido] **M6:** Isso, tem no site também, se por um acaso tu perder alguma informação e quiser dar uma olhadinha, no site também tem **P1**: uhum, na verdade acho que isso está na minha tese, mas eu acho que são dados do ano passado **M6:** ah, tá (+) é, esse ano a gente mudou algumas coisas, como, por exemplo, o Idoso Empreendedor vem com uma nova roupagem esse ano que é o Mundo Digital e o Empreendedor 50+ (+) **P1:** entendi. Me conte uma coisa: o Ativa + é um grupo de (+) de atualização, ah, o Grupati de atualização **M6:** isso, o Grupati é de atualização, a gente sempre busca trabalhar a proposta que o Sesc nos apresenta com o interesse do grupo, então por exemplo a gente fez semana passada o planejamento participativo com eles, que é onde a gente escuta, "o que que vocês gostariam para esse ano?" e daí a gente já deixa bem claro que dentro das/das possibilidades de parceria que a gente consegue a gente traz pra eles, porque como eles não pagam nada para participar, então não tem como eles pedirem uma palestra com um geriatra e eu pagar um geriatra para vir falar com eles, então é tudo na parceria (+) então eles pediram que/uns pediram geriatra/geriatra, outros falaram assim "ah não, geriatra a gente não quer, que vai falar de doença de velho, a gente não é velho, a gente tem que saber coisas novas, coisas...", sabe, bem engraçado (+) e aí geralmente eles vem com ideias assim: "ah, eu vi sexta-feira no fantástico/no domingo no fantástico que idoso tem que comer/tomar aquele óleo de coco, comer na comida, é verdade, não é, como que funciona?" e daí a gente vai em busca de uma nutricionista que traga esse tema/às vezes a gente consegue até a nutricionista e alguém depois que faça alguma oficina com aquele alimento que tá em questão, sabe **P1:** então emerge deles essas necessidades, assim? M6: Sim, emerge deles mas a gente sempre vem de encontro, esse Grupati a gente trabalha atualização da pessoa da terceira idade, o tema central é esse, então a gente sempre tenta buscar o que o idoso quer com o que a gente pode oferecer dentro da proposta (+) eles são bem/na verdade todos os grupos que eu tenho hoje são bem ativos, assim, bem pra frente assim, sabe, bem legal. **P1:** e o Ativa+? **M6:** o Ativa + a gente também trabalha essa questão desse planejamento participativo, mas o Ativa + a gente trabalha memória, os cinco sentidos - tato, olfato, paladar - e (+) e é isso também, uma busca de tentar atendê-los com a proposta que a gente tem e na medida do que eles vão pedindo pra gente **P1:** a Dança Circular não é exclusiva do idoso né? **M6:** não, a gente atende a partir de cinquenta anos, mas geralmente são mais de idosos, são mais idosos que vem [fragmento de áudio não transcrito] **P1:** é você que é a instrutora do Dança Circular? **M6**: eu e os estagiários **P1:** me conta como que é esse grupo **M6:** é muito legal, é muito gostoso (+) é, a gente tinha até um tempo atrás a Dança Sênior também, não sei se tu conhece a proposta da Dança Sênior, mas a Dança Sênior é uma coisa um pouco mais amarrada, é uma mulher da (+) Rússia ou Alemanha (+) Alemanha, é uma mulher da Alemanha que desenvolveu essa dança para sogra dela que era acamada e ela movimentar de alguma forma, mas então assim, a Dança Sênior tem a apostila que a gente tem que comprar deles, o CD que tem que comprar deles, então é bem amarrada, a coreografia tem que ser exatamente aquela. A dança circular trabalha mais ou menos os mesmos parâmetros da Dança Sênior que é a atenção, é tu entender e ver o outro como parte daquele círculo, não interessa se tem dez, se tem vinte, se tem sessenta anos, ele é pertencente àquilo,

trabalha muito coordenação motora que é o que eles vão perdendo com o decorrer do tempo, o equilíbrio, enfim... Só que a dança circular é mais solta, assim, se tu pesquisar dança circular no Google, no Youtube, aparece várias coreografias, várias músicas diferentes, já a dança circular [ela, na verdade, quis se referir à Dança Sênior] não, é amarradinho naquilo que tem, naquela coreografia, a gente não pode mexer (+) e então a gente não tem mais Dança Sênior e a gente fica com a dança circular (+) então é isso que a gente trabalha com eles, trabalhamos os quatro elementos que é fogo, água, terra, e ar e (+) eles serem pertencentes, eles se entenderem e entenderem a importância de cada ser nesse círculo que todo mundo é muito importante, eu sou muito importante pra ti, tu é importante pra mim, a gente trabalha bastante essa questão, eles gostam bastante bastante/além da música, da dança, né, que isso faz muito bem para eles (+) **P1:** e da Cantoria? **M6**: Cantoria é um espetáculo **P1**: ah, é? **M6:** Aham... é um grupo que a gente tem há... (+) esse é o terceiro ano, que vem, começou com uma parceria com o setor de cultura, que daí a gente tinha um professor de violão, mas devido à demanda deles também que é muito grande, ficou uma demanda só nossa de grupos, a gente já participou de um evento (+) um encontro de coral que veio corais do Brasil inteiro e nós fomos também para Florianópolis, eram vinte e dois grupos, bem legal, bem legal (+) e (+) a gente não trabalha técnica porque eu não tenho técnica nenhuma de violão, de nada, não sei nem tocar/o meu estagiário ainda sabe tocar violão, e a gente não tem, assim... o objetivo não é formar um coralista, não, nosso objetivo é trazer as músicas que eles sabem, cantar, vivenciar aquilo de novo, trazer emoções, por isso é muito gostoso, é um grupo muito gostoso mesmo. E em contrapartida a gente recebe propostas de se apresentar em alguns lugares, mas, eu não o que tu tem visto/escutado nas outras unidades, eu respeito demais a ideia do grupo, todos eles são muito conscientes, então eu nunca marco nada sem antes conversar com o grupo e o grupo vai me responder se quer ir, tem coisa que eu acho que vai ser muito legal, mas o grupo fala "não, a gente não está preparado", e não adianta eu levar, porque eles vão acabar passando vergonha e daí às vezes não vai nem voltar mais aqui, né, então, ah, tu me ligou e tu me convidou para se apresentar num/num lar que tu cuida lá. Daí eu vou falar: "ai, adorei a ideia, mas eu vou conversar com o grupo, o grupo vem na terça-feira e eu converso com o grupo e eu volto a entrar em contato com vocês, se o grupo topar nós vamos", e daí a discussão com o grupo é: "vamos? quantas músicas vocês querem apresentar? quais vocês se sentem legais para apresentar?" então é toda uma conversa, eu nunca decido nada sozinha. Eu acho que é/seria uma questão de... (+) não atrapalhar, mas eu estar ferindo isso que a gente fala tanto do nosso objetivo que é trabalhar o protagonismo, então eles tem que ser responsáveis pelo que está acontecendo, se vai é porque todo mundo está afim, e vamos embora **P1:** uhum, e onde eles costumam se apresentar? **M6:** em lar de idosos chamam bastante a gente, aqui na educação infantil as crianças amam quando a gente vai, então a [nome da pessoa suprimido] que é a coordenadora da educação infantil vira e mexe chama a gente para fazer algum momento com eles, é BEM LEGAL, e daí geralmente a gente combina: "ah, então as crianças ensaiam uma música e a gente uma música", a gente vai e canta e as crianças cantam uma música pra eles, é muito legal (+) e às vezes a gente é convidado para eventos, ah, abertura de um evento da prefeitura, às vezes eles convidam... Uma moça me convidou recentemente, ela é responsável pela feira do [nome da feira suprimido] que acontece aqui, que é uma feirinha de artesões regionais que acontece na praça da [nome da praça suprimido]. E daí ela/sempre tem antes de começar um evento cultural, e ela nos convidou, daí eu já conversei com o grupo, "agora ainda não, vamos mais pro meio do ano", que daí eles vão ensaiando mais, pegando mais a música e daí nós vamos. E às vezes no [nome do supermercado suprimido], que é o supermercado, eles tem o espaço cultural, então às vezes no domingo eles querem uma apresentação cultural, daí eles convidam a gente (+) e assim (+) **P1:** que interessante (+) e o Mundo Digital Master? **M6:** Mundo Digital Master é uma febre aqui. Eu tenho hoje sete turmas com doze inscritos, as sete com a lotação máxima. E daí desde o ano passado/ **P1:** cem idosos, praticamente? **M6**: aham, só nesse. E da memória eu tenho cinco grupos com vinte idosos/vinte

vagas e vinte idosos inscritos, a memória também é um show. O Empreendedor 50+ que a gente ainda está na luta, porque o Empreendedor 50+ trabalha computador e smartphone, e geralmente o idoso já não quer mais computador, só celular, e é uma realidade que é nossa também né, a gente só pega o computador quando é para trabalhar alguma coisa, agora pro dia a dia é tudo ali no celular (+) e... (+) geralmente esses idosos que nos procuram é: "ah, eu ganhei esse celular do meu filho, mas eu não sei nem ligar" e a gente percebe/não sei se tu teve acesso, se tu chegou ver/a gente tem um vídeo que até está no youtube, se tu quiser depois eu te passo o link, que é falando da história do Idoso Empreendedor no Sesc, que o Sesc é pioneiro nesse trabalho e a gente percebe que quando o idoso chegava aqui há uns anos atrás/há cinco anos atrás/ele chegava para mexer no computador e a gente falava: "liga, qual que é o botão?", "ah, mas eu tenho medo, porque o meu filho falou que se estragar é muito caro para arrumar', é por isso que eu nem mexo lá em casa". E aí a gente: "ah, coloca a setinha lá", daí às vezes estava assim com o mouse: "professora, não está aparecendo, a seta sumiu", daí a gente: "não, é aqui ó, o mouse", era muito engraçado, e hoje em dia eles chegam muito mais ousados. Eles já chegam: "ó, trouxe o meu celular, e aqui é a senha de desbloquear ele", eles não tem mais esse receio de mexer, eles já sabem que pode estragar, mas não é uma fortuna para arrumar, que, sabe, então hoje eles chegam muito mais ousados e geralmente eles chegam com essa demanda: "ah, eu ganhei e não sei usar", ou então "eu ganhei, até agora eu só usava para ligar e/fazer ligações e receber, mas o meu neto foi embora para os Estados Unidos e eu quero falar com ele, eu quero ver ele, daí falaram para mim que dá para ver pelo WhatsApp, então eu quero falar com ele". "Ah, eu ganhei, mas daí o WhatsApp eu só sei falar por voz, e eu quero mandar foto, eu quero...", sabe? então geralmente a demanda que chega é assim, por isso que computador a gente está toda uma caminhada trabalhando/retrabalhando com eles essa questão de que a gente pode usar as duas ferramentas que dá certo, enfim, mas o Mundo Digital e o Grupo da Memória, é uma loucura assim, eles correm muito atrás de vagas (+) eu recebo quase todos os dias da semana pelo menos uma ligação perguntando sobre vaga: "ah, abriu alguma vaga?" tá bem concorrido, Graças a Deus. **P1:** o Mundo Digital Master é só de smartphone? **M6:** smartphone, a gente trabalha as tecnologias, trabalha/e daí envolve uma/uma série de coisas, assim, que é/o uber, tinha muitos idosos que não vinham mais para cá porque: "ah, fica difícil porque meu filho me trazia, mas ele mudou de horário", o almoço ele tem que levar o neto na escola, e hoje em dia não, chama o uber, vem pro sesc, sabe, não depende mais do filho, da nora, e o Empreendedor 50+ além disso a gente trabalha a geração de renda, a renda compartilhada que é o uber, que é o Airbnb, que é aquele DogHero, que agora a gente está falando um pouco mais com eles sobre isso, e aí tem uns aplicativos bem legais que/que tem uns que: "ah, eu não quero me incomodar", "ah, eu não quero...", não sei se tu já ouviu falar daquele aplicativo Tem Açúcar? **P1:** Não. **M6:** Tem um aplicativo chamado Tem Açúcar que você/aqui em [nome da cidade suprimido] ele está engatinhando ainda, mas em Floripa ele já é mais forte/ é... você faz o cadastro no site e tu tem essa sombrinha que tu usa só uma vez por semana, tu usa só na segunda, então os outros dias da semana tu pode emprestar. Daí você coloca quantos quilômetros/quanto/qual é o raio que vai atingir a sua divulgação, "ah, é cem metros", e aí tu coloca: "que eu tenho uma sombrinha, que eu posso disponibilizar de terça a domingo, e é cinco reais por dia", sabe, e aí eu estou precisando da sombrinha, vou lá e acesso, "ah, a Djuli tem, então eu vou lá na casa dela", porque é pertinho, é só/você coloca um raio de cem metros, por isso que o nome é "Tem Açúcar", lembra daquela expressão que as pessoas iam na casa do outro com uma xícara, "ah, tem açúcar para me emprestar?" (+) e daí você empresta ou você aluga, tu fala para mim: "ah, Letícia, cinco reais por dia", ou então, "ah, eu te empresto, estou precisando de uma furadeira, tu tem lá? eu preciso fazer dois furos", "ah, então a gente troca, eu te empresto a sombrinha e tu me empresta a furadeira". Então esse é uma coisa assim, que eles não se incomodam muito, que eles falam assim: "ah, a gente não quer se incomodar, Airbnb tem que receber a pessoa, tem que olhar", "Ah, o chuveiro queimou, tem que ir lá e trocar o

chuveiro", e esse não, não tem incomodação né, é bem legal (+) **P1:** deixa eu voltar para o Mundo Digital Master (+) é você que geralmente está ali junto com eles, ou tem instrutores? **M6:** tem instrutor, um instrutor, desde o ano passado a gente conseguiu em fevereiro um instrutor, era uma demanda já que a gente vinha pedindo há algum tempo, porque até então era estagiário que estava junto na atividade, e estagiário não/infelizmente a gente não consegue ter vínculo, que ele pode ficar até dois anos, mas se ele entra aqui já no último ano de faculdade, em dezembro ele sai, o ano que vem vem outro, e dai esse vínculo não tinha, e aí existe a metodologia de cada pessoa que é uma coisa que a gente nem discute, né, tu ensina de uma forma, tu conduz de uma forma, eu ensino/a gente pode ter aprendido juntas, mas a forma de repassar, cada um tem a sua. Então tem isso também, às vezes eu adoro o teu jeito de ensinar, e a minha colega acha que nada a ver, não to aprendendo, então a gente tinha essa dificuldade, e esse instrutor que a gente tem foi meu estagiário, um ano (+) ele já tinha uma relação muito boa com os idosos, ele é muito bom no que ele faz, e é legal porque ele tem uma relação boa de zero a duzentos anos, assim, sabe, se precisar trabalhar com as crianças, se precisar trabalhar com grupo misto, vai embora... E aí foi isso que foi um sucesso de lotar as nossas turmas, porque até então a gente vinha pedalando, pedalando, e nunca tinha turma lotada, e graças a Deus desde o ano passado a gente tem grupos lotados e é ele que conduz, a gente sempre está junto nos planejamentos, eu to em vários momentos lá com ele, mas a condução é com ele **P1**: e me conta assim.... Especificamente nesse Mundo Digital Master, é/os idosos que chegam lá eles geralmente chegam porque eles não sabem fazer alguma coisa, geralmente é o que, assim? "ah, eu vim porque eu queria fazer isso, eu vim porque eu queria fazer aquilo"... **M6:** hoje é o 'What's' **P1:** WhatsApp? **M6:** WhatsApp. Hoje a nossa maior demanda, a maior fala deles é o 'What's', é alguma coisa do 'What's' que eles querem usar e não está conseguindo (+) **P1:** Entendi... Existem outras coisas, assim? Me conta, assim, geralmente... Ah, imprimir um boleto, negócio de saúde... **M6:** Então, daí eles/tudo começa com o básico do básico e depois a gente entra nessa/nessa parte. Geralmente a gente convite alguém/até o ano passado, retrasado, a gente convidou um gerente da [nome de banco suprimido] para vir falar sobre os mitos e verdades da/dos aplicativos, quando eles tem que ter medo: "ah, apareceu uma tela diferente", então sai, não mexe mais, é algum vírus, desinstala, falar dessa segurança na internet, porque é/hoje em dia eles esbarram muito nisso, "ah, mas eu tenho medo, porque se roubarem meu celular, vai estar cadastrado o meu cartão", mas a gente trabalha bastante essa questão, traz uma pessoa mais influente digamos assim, que pode/possa falar com propriedade para eles, porque uma coisa é eu ter aplicativo, falar para eles que nunca me deu problema, outra coisa é vir um gerente da [nome do banco suprimido] que traz dados mais/mais completos, mais palpáveis (+) e daí então a gente começa a trabalhar essa questão até mesmo da sustentabilidade, ficar imprimindo boleto, pegando boleto, não, já entra ali, pega o código de barras e paga direto. O ano passado a gente teve um idoso de noventa e dois anos que aprendeu e adorou (+) e aí a gente/ele começou pedir para os amigos trazerem os boletos para pagar que ele pagava através do aplicativo, e daí eles traziam o dinheiro junto, e ele pegava o dinheiro, e era muito engraçado (+) assim, os cinco, dez minutos, ele pedia para entrar antes na sala para daí ver, "ah, quem trouxe o boleto? então vem cá que eu já pago o teu boleto" [risos] e daí ele pagava pelo celular, foi muito engraçado **P1:** serviço de lotérica [risos] **M6**: noventa e dois anos! Aham, muito engraçado **P1:** não, ele ele devia ficar faceiro, né? Imagina **M6:** todo faceiro, e daí ele pedia para os amigos trazerem para ele ficar craque no negócio, sabe, que ele queria ficar craque, então, hoje em dia ele falou "nossa, não vou mais no banco", e não sei o quê, e daí uns ainda falaram assim: "ah, mais a gente tem fila preferencial", "tá, mas para quê, daí você vai com papel, daí esse papel vai para a natureza, daí a gente tem que pensar nos nossos netos, que tá aí, que vão ficar, nós vamos morrer daqui a pouco, e os netos, como que vai ficar esse mundo?" **P1**: que persuasivo! [risos] **M6:** MUITO legal, muito legal **P1:** que situação! (+) e o da memória? **M6:** da memória (+) também é super atraente, né, a gente tem todas as turmas lotadas (+) não sei nas outras cidades,

mas aqui em [nome da cidade suprimido] graças a Deus o nosso grupo da memória é super bem visto pelos geriatras, pelos neurologistas, a gente sempre recebe idosos com uma cartinha na mão: "procurar o Sesc, o grupo da memória do Sesc" o geriatra manda, o neuro manda, e (+) então isso eu considero uma parceria (+) espetacular assim, porque um médico confia no nosso trabalho e manda por escrito, uma receita, sabe (+) e daí eles chegam aqui, tem uns que ficam até bravos: "tá, mas como não tem vaga? foi o meu médico que mandou eu vir aqui", daí a gente anota o telefone, entra em contato, a gente procura atender todo mundo, ah, surgiu uma vaga a gente já liga para atender/é difícil surgir mas a gente sempre liga para atender (+) então a gente trabalha também tato, olfato, paladar, e trabalha muito jogos de raciocínio lógico, atenção, concentração, percepção, muitas coisas assim **P1:** que interessante... (+) o que que os idosos costumam procurar no grupo da memória? **M6:** é meio a meio, é indicação médica, mas é também a questão de: "ah, eu comecei a perceber que eu deixei o fogo ligado, eu saí pra atender o telefone, eu senti um cheiro, quando eu vi tava queimando a minha carne, e daí eu percebi que minha memória não está muito boa", "ah, minha filha combinou de ir almoçar lá em casa e eu não lembrei, não fiz nada de comida, então daí eu quis procurar alguma coisa, daí alguém me falou do Sesc", então é bem misto, metade vem com indicação médica e a outra metade vem por esses esquecimentos do dia a dia assim. E a maioria desses que vem com esquecimento fala: "eu comentei com médico, mas daí ele me deu um remédio, mas eu não quero tomar remédio", porque muitos já tomam para pressão, para diabetes, não sei o quê, e daí vai acrescentar mais um remédio... Então a percepção que a gente tem é que a/a visão e a ideia deles também está mudando, porque antigamente o que o médico falou, está falado, se o médico mandou tomar oitenta garrafas dessa de água, ele vai tomar oitenta garrafas, e hoje em dia eles já conseguem ter essa percepção de contestar, "tá, mas em vez de tomar toda essa água, se eu tomar um suco de laranja vai substituir oitenta garrafas de água", então essa percepção é muito interessante, é muito gratificante para a gente saber que as coisas estão mudando, o movimento do mundo está mudando que de alguma forma a gente consegue ajudar nisso. **P1:** que interessante isso! Ele, na verdade, está sendo protagonista né? **M6:** Exatamente, quando ele fala que vai procurar uma outra alternativa, "ah, antes de tomar o remédio eu quero participar esse ano do grupo da memória". **P1:** Puxa, que legal. Eu queria que você me dissesse, de um modo bem geral, assim, eu sei que cada grupo tem uma particularidade/são MUITO específicos, né, cada um tem uma característica, mas eu queria que você me dissesse o que que os idosos, de um modo bem geral, costumam procurar no Sesc **M6:** de modo bem geral? Afeto, atenção, carinho, conversa... (+) hoje, Djuli, todos os idosos que chegam aqui falam para mim: "ah, eu vim porque aqui a gente tem uma família, né porque em casa a gente não consegue conversar, o neto está o tempo todo no celular, o filho trabalha com negócios está o tempo todo no computador, ou envolvido, daí não tem tempo, daí final de semana almoça em casa, já sai correndo para descansar um pouco", então eles vêm para ter atenção, para ter a nossa (+) o nosso ouvido, o nosso colo às vezes, muitas vezes a gente/principalmente aqui, a gente escuta mais relatos dos idosos de que "ah, to passando por uma situação, e daí em casa não dá pra conversar", e daí vem e desabafa (+) porque às vezes pensa que o problema dele é muito grave, daí as outras começam a conversar "não, mas já passei por isso, e é assim, porque o médico também falou que eu tinha que operar, e daí não teve que operar, fé, vai fazer outro exame", às vezes é um problema de saúde, "vai fazer outro exame", tal (+) então eles querem ser ouvidos, em casa infelizmente não tem essa (+) se perdeu muito isso, né (+) a gente observa até nas nossas famílias, mesmo, antes aquele almoço de domingo era de família, na minha família ainda acontece isso, a família da parte da minha mãe. TODOS os domingos, é raro quando a gente não se reúne no domingo para almoçar juntos, para conversar, e daí eu já percebo na família do meu namorado, que se reúnem durante o ano só no aniversário da minha sogra e no natal (+) isso para mim é muito vago, sabe? eu AMO estar com a minha família uma vez por semana e conversar, e abraçar os priminhos, apertar, e infelizmente em muitas famílias já se perdeu isso,

e daí assim, a diferença também é que: almoço na casa da minha tia: a gente já se fala no 'What's' durante a semana, "o que que você vai fazer?" porque é eu, minha tia e duas primas, ah, meus pais já são falecidos então sempre eu estou com essa tia. "Ah, eu vou fazer uma carne", "ah, eu vou fazer uma salada", "ah, eu vou fazer uma macarronada", a gente vai mais cedo para a casa da minha tia, TODO MUNDO cozinha junto, nós quatro cozinhamos juntas, e conversamos, e brincamos, damos risadas. Aí terminou de comer, guarda as panelas, conversa um pouco, daqui a pouco, quem que vai lavar a louça, daí vai duas, três para a pia, então tem isso, agora na minha sogra já não tem. "Ah, o que que cada um vai levar? A gente tem que levar pronto". Ah, chegou com seu pratinho lá, com a farofa e o frango, coloca lá na mesa, todo mundo almoçou, lava a louça e cada um vai para a tua casa. E é o que a gente vê, é o relato que os idosos trazem, então se perdeu essa/esse afeto, esse laço de família, e é o que eles falam: "ó, porque aqui a gente tem um laço de família" (+) é... e é o que a gente sempre fala, e que a gente consegue perceber que aqui acontece, que não é para eles se aterem só ao Sesc, vai tomar café, vai/o grupo de quinta elas terminam aqui, elas/se elas não tomam um café aqui, elas tomam um café na lanchonete, ou no [nome do supermercado suprimido] ou vão direto para o shopping, tomam um café no shopping e vão para a missa juntas (+) e daí depois cada uma vai para a tua casa, então cria essa/esse vínculo mesmo, esse laço. Eu acho que isso é (+) está e não está dentro do nosso objetivo central, mas é uma coisa muito linda e que a gente consegue fazer aqui com eles, sabe, essa criação do laço, do afeto **P1:** que bonito! **M6**: é até engraçado, porque tem um idosa no grupo de quinta-feira, a [nome da idosa suprimido], que é muito querida por TODO MUNDO (+) e ela fala que ela chegou no Sesc tem uns doze anos, mais ou menos, e que ela estava muito depressiva, o marido tinha morrido, enfim (+) e que ela achou essa família aqui, então ela ama todo mundo, se ela pudesse ela estava no Sesc todos os dias. Em outubro do ano passado ela descobriu um câncer, daí ela quis se esconder, não queria ver ninguém, porque ela começou a emagrecer, emagrecer, emagrecer, e aí o médico proibiu visitas porque a imunidade dela estava muito baixa (+) e daí há umas duas semanas atrás ela estava internada na [nome do hospital suprimido] e eu sempre falando com as filhas pelo 'What's', perguntando, enfim - a gente acaba criando vínculo até com os filhos - **P1:** com a família, né **M6:** aham, com a família (+) e aí ela (+) ela estava internada na [nome do hospital suprimido] para receber aquela suplementação via sonda, porque ela estava muito fraquinha. E daí ela ficou dois dias, ficou melhor, a imunidade aumentou, o médico falou: "escolhe duas pessoas para vir te visitar", daí ela escolheu eu e uma idosa do grupo. **P1:** olha, que lindo! **M6:** daí eu fui ali na [nome do hospital suprimido] visitar ela, então pra tu ver o quanto que às vezes eu falo para os meus estagiários, talvez/é uma coisa tão simples, eu chego, eu abraço todo mundo, eu beijo todo mundo, eu trato todo mundo igual, mas como o QUANTO isso faz diferença na vida deles, ela tem a família toda aqui em [nome da cidade suprimido], ela tem todas as amigas, e ela escolheu eu e mais uma amiga (+) então o quanto isso é gratificante, sabe, o quanto isso faz a gente, assim, "ah, que orgulho", sabe (+) **P1:** imagino, me arrepiei toda **M6:** é muito satisfatório **P1:** é uma família mesmo, né? **M6:** aham (+) **P1:** tá, me diz uma coisa (+) é, como é que é a relação deles - falando em troca de informação mesmo, em troca de conhecimento - nesses grupos. Você vê que existe muita interação para essa troca de/de informação? **M6:** demais, demais, ontem ainda o grupo de terça ainda falou: "ah, a gente quer um tempo só para a gente ficar conversando antes de começar a atividade", daí sempre eles pedem, daí a gente combina, faz combinados, "ah, então trinta minutos antes de começar a gente deixa para vocês papearem", daí surge diversos assuntos, assim, é muito legal (+) muito legal mesmo, a gente aprende demais com eles **P1:** em que, assim, você pode me dar um exemplo? Um exemplo prático, assim? **M6:** eles falam sobre TUDO e tudo muito atualizado, desde sexo, drogas, política, carnaval, funk, eles falam sobre tudo, assim, "ah, vocês viram aquela funkeira, aquela bem negra que tem o seio bem grande, para que aquilo, colocar tudo aquilo de silicone? Porque eu vi ela falando que colocou não sei quanto de silicone", "Ih, isso vai dar problema mais tarde, porque todo mundo que bota silicone,

alguma hora vai dar problema", então é muito legal (+) sobre/na terça-feira passada eu/quando eu cheguei, daí/é, cumprimentei todo mundo, "e daí, como foi as férias de vocês, o tempo que a gente passou sem se ver", daí um casal falou/e é um casal que a gente sempre brinca, e eu pego no pé dele, "tem que pedir a [nome da idosa suprimido] em casamento", eles estão juntos há vinte e cinco anos, e ela fala que até hoje ele não pediu ela em casamento [risos] e (+) os dois são segundo casamento, e só estão morando juntos, e ele não pediu ela em casamento ainda, eu falo "olha, o senhor agarra essa nega", ela é bem negra e ela adora que chama ela de nega, eu falo "agarra essa nega, pede ela em casamento", e daí eu falei: "o que que vocês fizeram nas férias?", daí ele falou: "curtimos um monte, fizemos a segunda lua de mel", daí a outra falou: "ah, eu também fiz, é bom né, porque daí a gente faz sexo, daí longe dos filhos, dos netos, eu fui para um hotel não sei onde", e daí começaram relembrar de quando casaram que/e daí eu/eles falando, "ah, porque quando eu casei, porque o meu marido só pegava na minha mão", daí eu falei: "a minha mãe diz que pegou pela primeira vez na mão do meu pai no altar, quando o meu vô/avô entregou ela para ele, foi a primeira/o primeiro contato de pegar na mão do meu pai, então imaginem", a minha mãe se casou em oitenta e três, e eles que se casaram em cinquenta, e aí eles começaram a contar um pouco dessa experiência, daí uma falou assim: "ah, a minha mãe/eu namorei dois anos", daí eu falei: "seu pai deixou bastante, né, porque o meu vô/o prazo do meu vô era em um ano, namorar, noivar e casar, a minha mãe ainda se estendeu um ano e três meses". Daí ela falou: "não, é porque a minha mãe não deixou nenhuma filha sair de casa sem se formar, porque ela falava que se tudo desse errado, o diploma estava na mão e tinha um emprego garantido", e aí a gente começou a falar dessas experiências, sabe, é muito legal, muito (+) **P1:** que interessante, até sexualidade emerge **M6:** sim, eles pedem também, dentro do planejamento participativo eles ainda falaram: "ah, a gente queria de novo uma palestra", que eu trouxe uma sexóloga para falar só para as mulheres da lubrificação, que na terceira idade vai ficando menos lubrificação, mas hoje em dia tem vários gelzinhos, enfim (+) e daí elas falaram: "ah, a gente queria de novo uma palestra com aquela moça da sexualidade, para falar da lubrificação", é muito legal (+) e até... (+) tem uma butique sensual aqui, chama [nome do estabelecimento suprimido], e ela tem várias palestras (+) quase toda semana, é essa sexóloga, ela é bem querida, e (+) ela fala uma linguagem (+) não é (+) como que eu posso/ não é agressiva, ela fala a real, mas não é uma forma/tu não se sente constrangida, entendeu? e (+) daí esses tempos atrás eu fui com uma amiga da... (+) com a [nome da amiga suprimido], uma amiga da educação numa palestra, e daí a gente chega, a loja dela é linda, super sofisticada, assim, e daí quando tu chega é só lingeries, assim, lingeries maravilhosas, e daí tem uma salinha que é onde ficam os vibradores, os gelzinhos, tal (+) e aí a gente olhando, olhando, e daí entramos na salinha, e daí fica a parte de fetiches, de chicotes, não sei o que, quando eu olhei uma das idosas, ela quase enfiou o rosto, assim, numa prateleira, e eu ri tanto, ri tanto [risos] daí fui saindo, fui chamando a [nome da amiga suprimido], né, daí ela falou: "o que que aconteceu?" eu falei: "uma idosa do meu grupo, ela ficou com vergonha, então não vou mais voltar lá, deixa ela lá". Daí chegamos, sentamos, e o tema da palestra era "oficina de siririca", e a gente sentou nas primeiras fileiras, ela passou e foi sentar lá atrás. **P1:** ah, ela estava ali para ir na palestra? **M6**: para ir na palestra (+) ela e mais duas amigas, mas quando ela me viu ela quase enfiou a cabeça numa prateleira assim, daí eu fingi que não tinha visto ela. E aí ela (+) acabou a palestra, nós saímos e tal, e aí eu acho que ela ficou para comprar uma coisa na loja, porque daí a gente saiu já, e eu não vi mais ela. Aí passou uns dois dias, eu passando no corredor, "Psiu, Psiu", quando eu olhei para trás era ela, e daí ela: "tu gostou da palestra [em tom de cochicho]" (risos, gargalhadas) aí eu comecei a dar risada, falei: "que palestra?" [risos] **P1:** Ah, você fingiu que não/ **M6:** aham, daí ela: "lá na [nome do estabelecimento suprimido], eu te vi lá", daí eu falei: "ah, tu estava? Que legal!, Ah, eu gostei! Tu gostou?", ela: "ah, eu gostei, eu descobri aquilo faz pouco tempo, mas agora eu vou sempre com as minhas amigas", eu falei: "vai, sempre tem informação legal lá" [risos], é muito engraçado. Acho que ela ficou com

vergonha de/de me ver lá e falar comigo lá, né, ainda mais que ela estava com duas amigas, daí (+) no corredor ela falou **P1:** mas depois mudou de ideia [frase inaudível] **M6:** então para tu ver como está (+) [entrevista interrompida: idosa chegou para informar algo para a mediadora] **P1:** tu quer dizer mais alguma coisa? **M6**: quero dizer que pra gente é um prazer recebê-la, que as nossas portas estão sempre abertas, inclusive se houver uma oportunidade de você vir para vivenciar um pouquinho do que a gente trabalha, as portas estão abertas **P1:** obrigada! **M6:** imagina. **P1:** quer dizer mais alguma coisa?] **M6:** não, obrigada.

FIM DAS TRANSCRIÇÕES